

Livro II da trilogia "A sombra do corvo"

O Senhor da Torre

ANTHONY RYAN

leYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Copyright © 2011 by Anthony Ryan
Tradução para a Língua Portuguesa © 2016, LeYa Editora Ltda, Gabriel Oliva
Brum

Título original: Tower Lord: a Raven's Shadow Novel

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da
editora. Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

Preparação de texto: Elisa Nogueira

Capa: Leandro Dittz

Ilustrações de capa: Caio Monteiro

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ryan, Anthony
O senhor da torre / Anthony Ryan; Tradução de Gabriel Oliva Brum. – São Paulo
: LeYa, 2016.
(A Sombra do Corvo; 2)

ISBN 9788544102534
Título original: Tower lord: a Raven's Shadow Novel.

1. Literatura fantástica escocesa 2. Ficção I. Título II. Brum, Gabriel Oliva
15-0675 CDD-891.63

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Ficção: Literatura escocesa

LEYA EDITORA LTDA.
Av. Angélica, 2318 – 13º andar
01228-200 – Consolação – São Paulo - SP
www.leya.com.br

**O Senhor
da Torre**

Livro II da trilogia “A sombra do corvo”

ANTHONY RYAN

TRADUÇÃO
GABRIEL OLIVA BRUM



*Para minha mãe, Catherine,
que acreditou muito antes de mim.*

Mais uma vez, obrigado a Susan Allison, minha editora na Ace, pelo apoio e conselhos contínuos. Reitero minha gratidão a Paul Field por toda a revisão. Obrigado a Michael J. Sullivan pelo apoio no início e desde então. Mas, acima de tudo, obrigado a todos que deram uma chance para *A canção do sangue* e gostaram o suficiente do que viram para que eu pudesse escrever mais um livro.







PARTE I

*O corvo voa em asas de fogo
Quando nascem chamas
Em ventos estívais.*

— Poema seordah, autor desconhecido

RELATO DE VERNIERS

Fui criado em meio ao luxo. Não tenho receio de confessar isso; afinal, não se pode influenciar a própria ascendência. Também vejo muito que lastimar em uma infância vivida na opulência, com numerosos criados e tutores excelentes para estimular minha mente sempre curiosa e talentosa. Assim, não há histórias de privações em minha juventude nem épicos de luta contra as desigualdades e injustiças da vida. Nasci em uma família nobre e de riqueza considerável, recebi uma educação excepcional e, dessa forma, tive minha entrada na corte facilitada pelos contatos de meu pai. Embora os leitores fiéis saibam que não faltaram desgostos e pesares em minha vida, jamais vivi um dia de esforço físico nos 36 anos que precederam os eventos detalhados nesta narrativa. Se eu soubesse que a viagem ao Reino Unificado, onde eu comecei a escrever a história completa e imparcial daquela terra terrível e fascinante, resultaria no fim de minha ignorância sobre trabalho, degradação, humilhação e tortura, podem estar certos de que eu teria, de bom grado, saltado da amurada e nadado de volta por incontáveis quilômetros de águas infestadas por tubarões.

Saibam que conheci o que é dor no dia em que escolhi dar início a esta história. Aprendi as lições do açoitoe e do bordão, do gosto metálico do sangue ao jorrar e levar consigo dentes e resistência. Aprendi a ser um escravo. Era assim que me chamavam, pois era isso o que eu era, e, não obstante qualquer absurdo que possam ter ouvido ou lido desde então, em momento algum fui um herói.

O general volariano era mais jovem do que eu esperara, assim como sua esposa, minha nova dona.

— Não parece um estudioso, minha amada — ponderou ele, examinando-me do conforto de seu divã. — Parece jovem demais. — Ele se recostou em mantos de seda vermelha e negra, mostrando um corpo longo e atlético que condizia com um soldado de certo renome, e fiquei surpreso com a ausência de cicatrizes na carne pálida de seus braços e pernas. Até mesmo seu rosto era liso, sem qualquer marca. Aquele altura, eu já tivera numerosos encontros com guerreiros de diversas nações, mas aquele era o primeiro que não possuía uma cicatriz sequer.

— Mas parece ser atento — continuou o general, percebendo meu escrutínio.

Baixei o olhar de imediato, preparando-me para o inevitável murro ou chicotada do capataz. Durante o primeiro dia de minha escravidão, vi um sargento capturado da Guarda do Reino ser esfolado e estripado por olhar na direção de um oficial subalterno da Cavalaria Livre. Foi uma lição rapidamente aprendida.

— *Honorável esposo* — disse a mulher do general, com sua voz estridente e refinada —, *apresento Verniers Alishe Someren, cronista imperial da corte do Imperador Aluran Maxtor Selsus.*

— *Será mesmo ele, minha amada?* — Pela primeira vez desde minha entrada naquela elegante cabine, o general pareceu realmente interessado em mim. O aposento era imenso para um cômodo de navio, ricamente decorado com tapetes, tapeçarias e mesas com frutas e vinho em abundância. Não fosse pelo balanço suave da enorme belonave sob meus pés, poderíamos estar em um palácio. O general levantou-se e aproximou-se de mim, examinando atentamente meu rosto. — *O autor de Os Cantos de Ouro e Pó? O cronista da Grande Guerra da Salvação?* — *Ele chegou ainda mais perto de mim e fungou; as narinas tremeram de asco.* — *Para mim, cheira como qualquer outro cão alpirano. E tem um olhar direto demais.*

Ele recuou e acenou com displicência para o capataz, que administrou o golpe que eu sabia que estava por vir; uma pancada dura nas costas, com o punho de marfim de seu chicote, desferido com hábil moderação. Sufoquei um grito de dor atrás dos dentes. Gritar era considerado o mesmo que falar, e falar sem consentimento era uma ofensa fatal.

— *Esposo, por favor* — disse a mulher do general, com um toque de aborrecimento. — *Ele custou caro.*

— *Ah, estou certo que sim.* — O general estendeu uma das mãos, e um escravo apressou-se para entregar-lhe uma taça de vinho. — *Não se preocupe, honorável esposa. Vou me certificar de que o cérebro e as mãos dele permaneçam intactos. Não será de muita serventia sem eles, não é? Então, escravo escrevinhador, como veio parar em nossa província recém-adquirida, hein?*

Respondi depressa e piscando rápido, para afastar as lágrimas de agonia; hesitações eram sempre punidas.

— *Vim em busca de uma nova história, mestre.*

— *Ah, excelente. Sou um grande admirador de sua obra, não sou, minha amada?*

— *De fato, esposo. Você é mesmo um estudioso.* — *Algo em sua voz mudou quando ela disse a palavra “estudioso”, algo tênue, mas presente. Desprezo, percebi. Ela não respeita esse homem. E, ainda assim, entrega-me de bandeja a ele.*

Houve uma breve pausa antes que o general voltasse a falar, com uma leve aspereza na voz. Ele percebera o insulto, mas optara por tolerá-lo. Quem realmente está no poder aqui?

— *E qual é o tema dessa nova história?* — perguntou o general.

— *O Reino Unificado, mestre.*

— *Ah, então lhe fizemos um favor, não fizemos?* — *Ele gargalhou, deleitado com o próprio humor.* — *Dando-lhe um final.*

Ele riu de novo, bebendo da taça de vinho e erguendo as sobrancelhas em

apreciação.

— Nada mal. Tome nota, Secretário. — Um escravo careca no canto deu um passo à frente, com a pena preparada sobre o pergaminho. — Ordens para os grupos de reconhecimento: os vinhedos devem permanecer intocados e a cota dos escravos nas regiões vinícolas deve ser reduzida à metade. Os mais hábeis devem ser mantidos no feudo de... — Ele fez uma pausa e me lançou um olhar indagador.

— Cumbrael, Mestre.

— Sim, Cumbrael. Não posso dizer que o nome soa muito bem. Pretendo propor ao Conselho que essa província seja completamente renomeada.

— É preciso ser conselheiro para propor ao Conselho, honorável esposo. — Não houve desprezo dessa vez, mas notei que ele escondeu um olhar furioso em sua taça de vinho.

— O que seria de mim sem sua presteza para me lembrar, Fornella? — resmungou ele. — Então, Historiador, onde tivemos a oportunidade de dar-lhe as boas-vindas à nossa família?

— Eu estava viajando com a Guarda do Reino, mestre. O Rei Malcius havia dado permissão para acompanhar seu exército na missão a Cumbrael.

— Então você estava lá? Testemunhou minha vitória?

Lutei contra os sons e as imagens infernais que infestavam meus sonhos desde aquele dia e que vieram à tona imediatamente.

— Sim, mestre.

— Parece que esse presente tem mais valor do que você imaginava, Fornella. — Ele estalou os dedos para o secretário. — Pena, pergaminho e uma cabine para o historiador. Nada muito confortável. Não quero ele cochilando quando deveria estar escrevendo seu eloquente e excitante relato sobre meu primeiro grande triunfo nessa campanha. — Ele se aproximou mais uma vez de mim, sorrindo cordialmente. O sorriso de uma criança com um brinquedo novo. — Espero lê-lo pela manhã. Do contrário, arrancarei um dos seus olhos.

Minhas mãos e costas doíam por ter ficado curvado sobre a mesa de pernas curtas. Havia tinta respingada em meu andrajo de escravo e minha visão estava turva pela exaustão. Nunca antes eu produzira tantas palavras em tão pouco tempo. A cabine estava tomada por pergaminhos repletos das minhas tentativas vacilantes de fabricar a mentira que o general queria. Vitória gloriosa. Não houve glória naquele campo; houve dor e matança em meio ao fedor de morte e merda, mas não houve glória. Sem dúvida, o general sabia disso, ele arquitetara a derrota da Guarda do Reino, afinal de contas, mas eu tinha recebido ordens para produzir uma mentira e, escravo obediente que era, atirei-me à tarefa com todas as energias que pude reunir.

Fui vencido pelo sono em algum momento depois de meia-noite, sendo arrastado para pesadelos reavivados pelas minhas recordações forçadas naquele dia... O rosto do Senhor da Batalha quando percebeu que a derrota era iminente e sua sombria determinação ao desembainhar a espada e cavalgar de encontro à fileira volariana, sendo abatido pelos Kuritai antes que pudesse desferir um único

golpe...

Fui acordado por uma batida seca na porta da cabine e levantei, cambaleante, quando ela foi aberta. Um escravo entrou trazendo uma bandeja com pão e uvas e um pequeno odre com vinho. Colocou-os na mesa e foi embora sem dizer uma palavra.

— Achei que você podia estar com fome.

Meu olhar temeroso se fixou na esposa do general parada à entrada da cabine. Ela usava uma túnica de seda vermelha bordada com fio de ouro, que muito favorecia sua silhueta. Voltei o olhar para o chão.

— Obrigado, senhora.

Ela entrou, fechando a porta às suas costas, e passou os olhos pelas folhas preenchidas com minha escrita febril.

— Terminou, então?

— Sim, senhora.

Ela pegou uma das folhas.

— Isso está em volariano.

— Supus que meu mestre desejaria assim, senhora.

— Sua suposição foi acertada. — Ela franziu o rosto enquanto lia. — E escreve de forma elegante. Meu esposo ficará com inveja. Ele escreve poesias, sabia? Se você for particularmente desafortunado, ele poderá recitá-las para você. É como ouvir um pato com um grasnido incrivelmente irritante. Mas isso...

— Ela ergueu a folha. — Eruditos volarianos de grande reputação ficaram humilhados.

— É muito gentil, senhora.

— Não, sou sincera. É minha arma. — Ela fez uma pausa e começou a ler em voz alta:

— “Tolo, o comandante da Guarda do Reino subestimou seriamente a astúcia de seu inimigo, tentando uma estratégia óbvia e mundana, atacando o centro volariano enquanto sua cavalaria procurava explorar o flanco das tropas inimigas. Ele não levou em consideração a sublime perspicácia tática do general Reklar Tokrey, que antecipou cada uma de suas ações desajeitadas.”

Ela olhou para mim com uma sobranceira erguida.

— Obviamente, você compreende seu público.

— Fico feliz que seja do seu agrado, senhora.

— Do meu agrado? Ah, não muito, mas agrada meu Honorável Esposo, simplório como ele é. Essa farsa estará rumo ao império no navio mais veloz, ao anoitecer, sem dúvida com instruções para que sejam produzidas mil cópias para distribuição imediata. — Ela deixou de lado a folha. — Diga-me, e ordeno-lhe que fale a verdade, como a Guarda do Reino sofreu tamanha derrota nas mãos dele?

Engoli em seco. Ela exigia sinceridade, mas que proteção essa mulher poderia me oferecer se levasse tal verdade para o leito conjugal?

— Senhora, posso ter usado algumas expressões exageradas...

— A verdade, eu disse!

De novo, tons cortantes, cheios de autoridade. A voz de uma mulher que sempre possuiu escravos.

— A Guarda do Reino foi vítima de desvantagem numérica e traição.

Lutaram com afincos, mas eram poucos.

— *Compreendo. Você lutou com eles?*

Lutar? Quando ficou claro que a maré da batalha havia virado, açotei meu cavalo até tirar sangue a fim de escapar para a retaguarda. Mas, não havia mais retaguarda: os volarianos estavam por toda parte, matando a todos. Escondi-me em uma conveniente pilha de corpos, para depois emergir na escuridão e ser imediatamente capturado por caçadores de escravos. Era um bando eficiente, ávido por avaliar quanto poderia valer cada cativo, e meu valor tornou-se evidente depois do meu nome verdadeiro ter sido extraído na primeira surra. Ela me comprara no acampamento, onde estava acorrentado com uma multidão pelos pés. Aparentemente, tinham instruções para levarem quaisquer eruditos até ela. Pela bela bolsa que entregou ao feitor, eu era uma presa de valor considerável.

— *Não sou guerreiro, senhora.*

— *Espero que não seja mesmo. Não o comprei por sua habilidade militar. — Ela ficou parada, observando-me em silêncio por um momento. — Você esconde bem, mas posso ver, Lorde Verniers, que nos odeia. Podemos ter obtido sua obediência pelo chicote, mas o ódio ainda está aí, como palha seca esperando por uma fagulha.*

Meu olhar permaneceu fixo no chão, concentrado nos nós espiralados das tábuas, enquanto o suor frio se acumulava nas palmas de minhas mãos. Ela colocou uma das mãos no meu rosto, erguendo meu queixo. Fechei os olhos, lutando contra uma lamúria temerosa quando ela me beijou com um roçar suave dos lábios.

— *Pela manhã, ele desejará que você testemunhe o ataque final à cidade, agora que as brechas estão prontas. Certifique-se de que seu relato seja sombrio o suficiente, está bem? Os volarianos esperam detalhes vívidos em suas histórias de matanças.*

— *Assim o farei, senhora.*

— *Muito bem. — Ela recuou e abriu a porta. — Com um pouco de sorte, nossos assuntos nessa terra úmida estarão concluídos em breve. Gostaria que você conhecesse minha biblioteca em Volar. Mais de 10 mil volumes, alguns tão antigos que ninguém consegue traduzi-los. Gostaria disso?*

— *Imensamente, senhora.*

Ela soltou um riso baixo antes de deixar a cabine sem mais uma palavra.

Fitei a porta fechada durante muito tempo, ignorando a comida na mesa apesar do vazio barulhento em meu estômago. Por alguma razão, minhas mãos haviam parado de suar. Palha seca esperando uma fagulha.

Como ela previra, o general me levou à proa para assistir aos volarianos finalmente tomarem a cidade de Alltor, sitiada havia mais de dois meses. Era uma cena impressionante; os coruchéus gêmeos da Catedral do Pai do Mundo erguiam-se em meio à massa compacta de casas no interior da grande ilha murada, ligada ao continente por uma única estrada. Por causa das minhas pesquisas, eu sabia que essa cidade jamais havia sido tomada, nem por Janus

durante as Guerras de Unificação nem por qualquer outro pretendente anterior à coroa. Trezentos anos de resistência bem-sucedida prestes a acabar graças a duas brechas abertas nas muralhas pelas imensas balistas nos navios parados a menos de duzentos metros da costa. Elas ainda estavam sendo usadas, arremessando grandes pedras contras as brechas, ainda que, aos meus olhos cívicos, as fendas abertas nas muralhas parecessem concluídas.

— Magníficas, não é mesmo, Historiador? — perguntou o general. Ele usava uma armadura completa, com peitoral vermelho laqueado e finamente adornado, botas de cavalaria que iam até as coxas e uma espada curta presa ao cinto; um comandante volariano por inteiro. Notei que havia outro escravo sentado ali perto, um velho esquelético com olhos singularmente brilhantes, movendo um lápis de carvão por uma tela larga para capturar a imagem de seu mestre. O general apontava para uma das balistas, mantendo a pose, e olhava sobre o ombro para o velho escravo.

— Só haviam sido usadas em terra, mas vi seu potencial para nos trazer a vitória. Uma próspera união entre combate terrestre e marítimo. Anote isso. — Escrevi no maço de pergaminhos que havia recebido.

O velho parou de esboçar e fez uma mesura profunda ao general. Ele relaxou e dirigiu-se a uma mesa de mapa.

— Li seu relato. Foi astuto de sua parte ser tão comedido nos elogios.

Senti um novo espasmo de medo no peito e imaginei, por um momento, se ele me deixaria escolher que olho iria arrancar.

— Um relato lisonjeiro demais levantaria suspeitas entre aqueles em nossa terra que estão ansiosos para ler sobre meus feitos — prosseguiu ele. — Poderiam pensar que exagerei um pouco nas minhas façanhas. Astuto de sua parte perceber isso.

— Obrigado, mestre.

— Não foi um elogio, apenas uma observação. Olhe aqui. — Ele sinalizou para que eu me aproximasse, apontando para a mesa de mapa. Eu sabia que os cartógrafos volarianos eram famosos por sua precisão, mas aquela era uma planta extraordinariamente detalhada de Alltor, em que cada rua havia sido reproduzida com uma clareza e exatidão que tornavam vergonhosos os melhores esforços da Guilda de Agrimensores do Imperador. Perguntei-me há quanto tempo os volarianos estavam planejando essa invasão e quanto auxílio obtiveram nessa empreitada.

— As brechas ficam aqui e aqui. — Ele indicou duas marcas de carvão no mapa, cortes grosseiros nas muralhas belamente desenhadas. — Atacarei ambas ao mesmo tempo. Sem dúvida, os cumbraelinos devem ter preparado todo tipo de inconveniências, mas estarão atentos às brechas e, portanto, não esperarão outro ataque às muralhas. — Ele bateu em um ponto na muralha oeste, marcado com uma pequena cruz. — Um batalhão inteiro de Kuritai escalará a muralha e tomará a brecha mais próxima por trás. O acesso à cidade será assegurado e creio que a teremos em mãos ao anoitecer.

Anotei tudo aquilo, resistindo à tentação de fazê-lo em alpirano. Escrever em minha própria língua poderia levantar suspeitas.

O general afastou-se do mapa, falando com um ar teatral:

— Admito que esses adoradores de deus foram valentes, os melhores arqueiros que já enfrentei no campo de batalha, verdade seja dita. E essa bruxa deles parece inspirá-los a grandes proezas. Sem dúvida já ouviu falar dela, não?

As notícias haviam sido escassas nos cercados de escravos, limitadas a sussurros de fofocas dos Espadas Livres ouvidos às escondidas. A maioria eram histórias sombrias sobre ainda mais derrotas e massacres à medida que os exércitos volarianos abriam seu caminho de devastação pelo Reino, mas, conforme éramos impelidos a chicotadas para o sul até Cumbrael, a história da temida bruxa de Alltor ganhava destaque como o único raio de esperança em uma terra condenada.

— Apenas rumores esparsos, mestre. Deve ser apenas uma lenda.

— Não, ela é bem real. Arranquei a verdade sobre ela da companhia de Espadas Livres que fugiu depois do último ataque às muralhas. Ela estava lá, disseram; uma garota de não mais do que vinte anos enfiada no meio da batalha, matando muitos homens. Mandeí estrangular todos eles, é claro. Covardes imprestáveis. — Ele parou por um momento, perdido em pensamentos. — Anote isso: a covardia é a pior traição à dádiva da liberdade, pois um homem que foge da batalha é escravo de seu medo.

— Muito profundo, Honorável Esposo.

A esposa do general havia se juntado a nós. Vestira-se de modo simples naquela manhã; o deslumbre da túnica de seda substituído por um vestido simples de musselina e um xale de lã vermelha. Ela passou por mim, mais perto do que era apropriado, e foi até o parapeito, observando uma das equipes das balistas manusear a grande catraca que puxava para trás os braços gêmeos para realizar um novo disparo.

— Certifique-se de usar essas palavras em seu relato da carnificina iminente, está bem, Verniers?

— Assim o farei, senhora. — Vi a mão do general se contrair e apertar o punho da espada curta. Ela o aticava a todo o momento. E, mesmo assim, ele controlava sua ira, esse homem que matara milhares. Qual é o verdadeiro papel dela aqui?, pensei.

O olhar de Fornella foi afastado da balista pela aproximação de um pequeno barco que mergulhava os remos na superfície plácida do rio em maré baixa. Havia um homem na proa, irreconhecível àquela distância, mas notei que ela enrijeceu ao avistá-lo.

— Nosso Aliado enviou sua criatura, Honorável Esposo — disse ela.

O general acompanhou o olhar da mulher e algo passou por seu rosto, um estremecimento de raiva, mas também de medo. Senti uma súbita ânsia de não presenciar aquela cena; eu sabia que não desejava conhecer quem estava se aproximando já que era alguém capaz de instilar medo nos corações daquelas pessoas. Mas, é claro, não havia escapatória. Eu era um escravo e não havia sido dispensado. Então, tudo o que pude fazer foi permanecer ali e observar o barco chegar cada vez mais perto e os marinheiros-escravos volarianos agarrarem as cordas que lhes foram jogadas ao convés e amarrarem-nas com a eficiência conseguida apenas com anos de temerosa servidão.

O homem que subiu ao convés era de meia-idade, robusto e barbudo; ele já

ficava calvo e suas feições eram desprovidas de qualquer emoção.

— Bem-vindo — disse o general, em um tom cautelosamente neutro.

Nenhum nome ou saudação, percebi. Quem é esse homem?

— Suponho que tenha mais informações — prosseguiu ele.

O homem ignorou a pergunta.

— O alpirano — disse ele em volariano, com um sotaque que eu havia passado a reconhecer como originário do norte daquele reino arruinado. — Quem é?

— O que quer com ele? — perguntou Fornella em seu tom estridente.

O homem nem olhou para ela. Meu medo descobriu uma nova dimensão quando seu olhar varreu o convés até se fixar em mim. Ele avançou, chegando perto o suficiente para que eu sentisse o fedor do seu corpo. Ele fedia à morte e a um completo desdém por qualquer padrão humano de limpeza; seu hálito foi como uma lufada de veneno enquanto eu me encolhia para longe dele.

— Onde está Vaelin Al Sorna? — exigiu ele.

CAPÍTULO UM

Reva

Que o Pai do Mundo, que tudo vê e a tudo conhece em Seu amor, guie minha lâmina.

Ela observou o homem alto que descia pela prancha até o cais. Ele usava roupas comuns de marinheiro, feitas de tecido liso ou pardo, botas velhas e resistentes e um puído manto de lã jogado sobre os ombros. Não tinha uma espada no cinto ou nas costas, o que a surpreendeu. Contudo, levava um saco de lona amarrado com cordas e pendurado ao ombro, grande o suficiente para guardar uma espada.

Ele se virou quando alguém no navio o chamou, um homem grande e de pele negra, com um lenço vermelho amarrado no pescoço, identificando-o como o capitão da embarcação que transportara tão ilustre passageiro até aquele pequeno porto. O homem alto sacudiu a cabeça, com um sorriso forçado nos lábios, acenou de forma amigável e enfática e deu as costas ao navio. Caminhando depressa, ele puxou o capuz do manto sobre a cabeça. Havia uma quantidade considerável de mercadores, trovadores e prostitutas no cais; a maioria sem prestar a mínima atenção ao homem, embora sua altura atraísse alguns olhares. Um grupo de prostitutas tentou, sem muito esforço, chamar sua atenção; claramente tratava-se de outro lobo do mar com pouco dinheiro para gastar, mas ele apenas soltou uma risada descontraída e estendeu as mãos, como se pedisse desculpas por sua pobreza.

Putas imbecis, ela pensou, agachada no beco úmido que fora sua casa nos últimos três dias. Vendedores de peixes ocupavam ambos os lados do beco, e ela ainda não se acostumara ao fedor. *Ele anseia por sangue, não por carne.*

O homem alto dobrou uma esquina, sem dúvida dirigindo-se ao portão norte. Ela se levantou do esconderijo para segui-lo.

— Hora de pagar, benzinho.

Era o garoto gordo de novo. Ele a incomodava desde que ela chegara ao beco, extorquindo um pagamento em moedas para não alertar os guardas sobre a presença dela ali; as autoridades portuárias estavam pouco tolerantes ultimamente, mas ela sabia que não eram as moedas que realmente o interessavam. Ele devia ter 16 anos, dois a menos que ela, mas era um pouco

mais alto e consideravelmente mais largo. Pelo seu olhar, o garoto gastava boa parte do dinheiro com vinho.

— Chega de *menti* — disse ele. — *Mai* um dia e *cê* ia embora, *cê* disse. E *cê* *inda* tá aqui. Hora de *pagá*.

— Por favor... — Ela recuou; sua voz era aguda e assustada. Se o garoto estivesse sóbrio, teria se perguntado por que ela recuou para a sombra, onde certamente estaria mais vulnerável. — Eu tenho mais, *vê*? — Ela estendeu a mão e uma moeda de cobre brilhou sob a pouca luz.

— Cobre! — O garoto jogou a moeda para longe com um tapa, como ela supôs que ele faria. — Cadela cumbraelina... Vou *pegá* seus cobres e ainda *mai*...

O punho dela o atingiu embaixo do nariz, com os nós dos dedos estendidos, um golpe preciso no ponto onde causaria mais dor e confusão. A cabeça do garoto foi jogada para trás; uma pequena explosão de sangue jorrou do nariz e do lábio superior esmagado. Ela puxou a faca que guardava na bainha oculta que ficava na parte de trás da cintura de sua roupa, mas ele cambaleou para trás e o golpe fatal não foi necessário. O garoto passou a língua pelo lábio arruinado, sem entender o que acontecia, e desabou no chão do beco. Ela então o arrastou pelos tornozelos para as sombras. Nos bolsos do garoto, encontrou o que restava de suas moedas de cobre, um frasco de flor rubra e uma maçã comida pela metade. Ela pegou as moedas, deixou a flor rubra e mordeu a maçã enquanto se afastava. Provavelmente levaria horas até que alguém encontrasse o garoto gordo, e, ainda assim, iriam supor que ele havia sido vítima de uma briga de bêbados.

O homem alto logo surgiu em seu campo de visão, enquanto atravessava o portão e fazia um aceno cortês com a cabeça para os guardas, mas mantendo o capuz no lugar. Ela esperou, terminando de comer a maçã enquanto ele tomava a estrada norte, deixando que se afastasse por quase um quilômetro antes de segui-lo.

Que o Pai do Mundo, que tudo vê e a tudo conhece em Seu amor, guie minha lâmina.

O homem permaneceu na estrada durante o resto do dia, fazendo paradas ocasionais para verificar os arredores e perscrutar as árvores próximas e o horizonte. As ações de um homem cuidadoso e de um guerreiro experiente. Ela se manteve afastada da estrada, entre as árvores que dominavam a região ao norte de Warnslave, próxima apenas o suficiente para não o perder de vista. O homem caminhava em um ritmo constante, a passos largos e regulares que venciam os quilômetros com uma velocidade enganadora. Havia poucos viajantes; na maior parte, carroças que levavam ou traziam mercadorias do porto e alguns cavaleiros solitários, nenhum dos quais parou para falar com o homem alto. Com tantos foras da lei rondando as matas, não era sensato falar com um estranho, embora ele parecesse despreocupado com o prudente desinteresse dos outros.

Ao cair da noite, o homem deixou a estrada e entrou na mata em busca de

um local para acampar. Ela seguiu seu rastro até uma pequena clareira sob os galhos de um imenso teixo, escondendo-se atrás de um arbusto de tojo e observando através do emaranhado de samambaias enquanto o homem preparava o acampamento. Tudo foi feito com uma economia impressionante e com os movimentos quase inconscientes de um mateiro experiente; lenha recolhida, fogueira acesa, solo limpo e saco de dormir preparado no que pareceram poucos instantes.

O homem alto sentou-se, encostado no tronco do teixo, comeu um pouco de carne seca, tomou um gole do cantil e observou a fogueira arder. Tinha uma expressão estranhamente intensa, quase como se estivesse escutando uma conversa importante. Ela ficou tensa, receando ser descoberta, a faca já em mãos. *Ela sente minha presença?*, ponderou. O sacerdote a advertira de que esse homem tinha as Trevas dentro de si e de que provavelmente era o inimigo mais formidável que ela enfrentaria. Ela rira e arremessara a faca contra o alvo na parede do celeiro, onde o sacerdote a treinara por tantos anos. A faca estremeceu no centro do alvo, que se partiu e caiu em duas partes. “O Pai me abençoa, lembra-se?”, dissera ela. O sacerdote a chicoteara pelo orgulho e pelo crime de afirmar conhecer a mente do Pai do Mundo.

Ela observou o homem alto e sua expressão estranhamente intensa por mais uma hora antes que ele piscasse, lançasse um último olhar para a floresta e se aconchegasse em seu manto para dormir. Ela se forçou a esperar mais uma hora, até o céu ficar o mais escuro possível e a floresta estar quase negra como breu; a única luz vinha dos filetes que se erguiam do fogo morto.

Agachada, ela saiu do esconderijo, com a lâmina encostada no braço para ocultar seu brilho, e moveu-se em direção à forma adormecida com toda a discrição que o sacerdote lhe inculcava à força desde os seis anos, quase tão silenciosa quanto qualquer predador. O homem estava deitado de costas, com a cabeça inclinada para um lado e o pescoço exposto. Seria fácil matá-lo, mas a missão dela era clara. *A espada*, o sacerdote lhe dissera vezes sem conta. *A espada é tudo; a morte dele é secundária.*

Ela endireitou a faca e posicionou a lâmina, preparada para atacar. *A maioria dos homens conta tudo o que sabe quando tem uma faca no pescoço*, dissera o sacerdote. *Que o Pai do Mundo, que tudo vê e a tudo conhece em Seu amor, guie a sua lâmina.*

Ela se lançou sobre o homem, movendo a faca na direção da garganta exposta...

O ar foi expelido de seus pulmões com uma velocidade dolorosa quando seu peito se chocou com algo duro. *As botas dele*, compreendeu ela, com um gemido. E, então, ela estava no ar, arremessada pelo chute do homem, caindo de costas a uns bons três metros de distância. Levantou-se depressa, golpeando com a faca onde sabia que ele atacaria... A arma encontrou apenas ar. O homem alto estava parado ao lado do teixo, encarando-a com uma expressão que sempre provocava uma explosão de fúria dentro de seu peito. Divertimento.

Ela rosnou, avançando e ignorando toda a cautela aprendida nos treinos com a vara do sacerdote. Esquivou-se para a esquerda e saltou, desferindo um golpe descendente para perfurar o ombro do homem... A faca encontrou apenas ar.

Ela cambaleou, desequilibrada pelo ímpeto do ataque. Girou sobre os calcanhares e o viu parado perto dela, ainda se divertindo.

Ela investiu contra ele, movendo a faca em uma série complexa de estocadas e golpes acompanhados por uma gama de chutes e socos em velocidade estonteante... Todos encontraram apenas ar.

Ela se forçou a parar, respirando fundo em arfadas irregulares, lutando contra a raiva e o ódio. *Se um ataque falhar, recue.* As palavras do sacerdote ecoavam em sua mente. *Observe a presa entre as sombras em busca de outra oportunidade. O Pai sempre recompensará a paciência.*

Ela deu um último rosnado para o homem e virou-lhe as costas, pronta para correr para a escuridão...

— Você tem os olhos do seu pai.

CORRA!, gritou a voz do sacerdote em sua mente. Porém, ela parou e virou-se devagar. A expressão do homem mudara; o divertimento fora substituído por algo semelhante a tristeza.

— Onde está? — perguntou ela. — Onde está a espada do meu pai, Lâmina Negra?

As sobranceiras dele se ergueram.

— Lâmina Negra. Não escuto esse nome há anos. — Ele voltou ao acampamento, jogando mais galhos na fogueira e batendo uma pederneira.

Ela se virou para a floresta e novamente para o acampamento; a frustração e o ódio de si mesma queimando dentro dela. *Fraca, covarde.*

— Fique, se for ficar — disse Lâmina Negra. — Ou corra, se for correr.

Ela respirou fundo e, com calma, embainhou a faca e sentou-se do outro lado da fogueira, cuja chama aumentava.

— As Trevas o salvaram — acusou ela. — Sua magia profana é uma afronta ao amor do Pai.

O homem alto soltou um grunhido jocoso enquanto ainda alimentava o fogo.

— Você tem a lama de Warnslave nos sapatos. Lama de cidade tem um cheiro diferente. Você deveria ter se escondido a favor do vento.

Ela olhou para os sapatos e xingou-se mentalmente, resistindo ao anseio de limpá-los.

— Eu sei que as Trevas dão conhecimento a você. De que outro modo saberia sobre meu pai?

— Como eu disse, você tem os olhos dele. — O homem sentou-se, pegou uma bolsa de couro e jogou-a para a mulher do outro lado da fogueira. — Tome. Você parece estar com fome.

Na bolsa, havia carne seca e alguns bolos de aveia. Ela ignorou a comida e o ronco de seu estômago.

— Você deve saber — disse ela. — Você o matou.

— Na verdade, não matei. Quanto ao homem que fez isso... — Ele se calou, com uma expressão sombria por um momento. — Bem, ele também está morto.

— Foi por ordens suas, em seu ataque à missão sagrada dele...

— Hentes Mustor era um fanático insano que matou o próprio pai e arrastou

esse Reino para uma guerra desnecessária.

— O Lâmina Fiel levou a justiça do Pai a um traidor e tentou nos libertar de seu Domínio Herético. Todas as suas ações foram a serviço do amor do Pai...

— É mesmo? Ele lhe disse isso?

Ela se calou, abaixando a cabeça para ocultar a fúria. Seu pai não lhe dissera nada; ela nem chegara a conhecê-lo, como aquele herege tocado pelas Trevas obviamente sabia.

— Apenas me diga onde está — disse ela por entre os dentes. — A espada do meu pai. É minha por direito.

— É essa a sua missão? Uma busca sagrada por um metro de aço afiado? — Ele pegou o embrulho de lona encostado no teixo e ofereceu-o a ela. — Fique com esta, se quiser. Provavelmente é melhor do que a espada do seu pai.

— A espada do Lâmina Fiel é uma relíquia sagrada descrita no Décimo Primeiro Livro, abençoada pelo Pai do Mundo para trazer união aos amados e fim ao Domínio Herético.

Ele pareceu divertir-se ainda mais.

— Na verdade, era uma arma simples de padrão renfaelino, do tipo usado por um soldado ou um cavaleiro com pouco dinheiro, sem ouro ou joias para torná-la valiosa.

Apesar do desdém, as palavras do homem eram fascinantes.

— Você estava lá quando a espada foi tirada do corpo martirizado do meu pai. Diga-me onde está ou, juro pelo Pai, você terá de me matar, pois irei atormentá-lo pelo resto dos seus dias, Lâmina Negra.

— Vaelin — disse ele, guardando o embrulho.

— O quê?

— É o meu nome. Acha que pode usá-lo? Ou Lorde Al Sorna, se preferir ser formal.

— Pensei que fosse irmão.

— Não mais.

Ela recuou, parecendo surpresa. *Ela não pertence mais à Ordem?* Era absurdo, sem dúvida algum tipo de truque.

— Como soube onde me encontrar?

— O navio atracou em Torre Sul antes de partir para Warnslave. Um homem tão odiado quanto você deveria esperar ser reconhecido. As notícias voam rápido entre os Amados.

— Então você não está sozinha nessa grande empreitada.

Ela engoliu mais palavras cheias de raiva. *Por que não contar a ele todos os seus segredos, sua vaca imprestável?* Ela se levantou, dando-lhe as costas.

— Isso não termina aqui...

— Eu sei onde encontrá-la.

Ela hesitou e olhou por cima do ombro. O homem tinha uma expressão séria.

— Então me diga.

— Vou dizer, mas tenho algumas condições.

Ela cruzou os braços com força, com o rosto franzido pelo desprezo e pela repugnância.

— Então o grande Vaelin Al Sorna barganha a carne de uma mulher como qualquer outro homem?

— Não é isso. Como você disse, eu não gostaria de ser reconhecido. Preciso de alguma espécie de disfarce.

— Disfarce?

— Sim, você será meu disfarce. Viajaremos juntos, como... — Ele pensou por um momento. — Como irmãos.

Viajarmos juntos? Viajar com ele? A mera ideia era doentia. Mas a espada... *A espada é tudo. Que o Pai me perdoe.*

— Até onde? — perguntou ela.

— Até Varinshold.

— Fica a três semanas daqui.

— Mais do que isso, pois preciso fazer uma parada no caminho.

— E você me dirá onde encontrar a espada quando chegarmos a Varinshold?

— Dou minha palavra.

Ela se sentou de novo, recusando-se a olhar para ele, odiando a facilidade de manipulação daquele homem.

— De acordo.

— Então é melhor dormir um pouco. — Ele se afastou da fogueira para se deitar, enrolando-se no manto. — Ah, como devo chamá-la?

Como devo chamá-la? E não "Qual é o seu nome"? Lâmina Negra esperava que ela mentisse. Ela decidiu desapontá-lo. Queria que ele soubesse o nome da mulher que o matou quando morresse.

— Reva — respondeu ela. *Recebi o nome da minha mãe.*

Ela despertou sobressaltada com o barulho que ele fez ao espalhar os resquícios da fogueira.

— É melhor você comer alguma coisa. — Ele indicou a bolsa de couro com a cabeça. — Muitos quilômetros a percorrer hoje.

Reva comeu dois bolos de aveia e bebeu água. A fome era uma velha amiga; ela não se lembrava de um único dia em que estivesse ausente de sua vida. *Os verdadeiramente amados*, dissera o sacerdote na primeira vez que a deixara no frio durante a noite inteira, *necessitam apenas do amor do Pai como sustento.*

Eles estavam na estrada antes de o sol passar por cima das árvores, e Al Sorna mantinha um ritmo castigador com seus passos longos e regulares.

— Por que não comprou um cavalo em Warnslave? — perguntou ela. — Os nobres não cavalgam para cima e para baixo?

— Eu mal tenho dinheiro para comprar comida, que dirá para um cavalo — respondeu ele. — Além disso, um homem a pé atrai menos atenção.

Por que ele quer tanto se esconder de sua gente?, ponderou ela. *Bastaria que mencionasse seu nome em Warnslave, e eles o cobririam com todo o ouro que pudesse carregar e deixariam que escolhesse o melhor cavalo dos estábulos.*

Contudo, ele se escondia; toda vez que uma carroça passava, ele desviava o olhar e puxava mais o capuz sobre o rosto. *Pelo o que quer que tivesse voltado, certamente não era pela glória*, concluiu ela.

— Você é muito boa com aquela faca — comentou ele durante um breve descanso ao lado de um marco miliário.

— Não boa o bastante — murmurou ela.

— Habilidades assim exigem treinamento.

Ela comeu um bolo de aveia e não respondeu.

— Se eu tivesse sua idade, não teria falhado.

Não era uma provocação, apenas a afirmação de um fato.

— Porque sua Ordem profana treina vocês feito cães desde a infância e os ensina a matar.

Para sua surpresa, ele riu.

— É verdade. Que outras armas você sabe usar?

Reva sacudiu a cabeça, irritada e relutante em dar-lhe mais informações do que o necessário.

— Sem dúvida, você sabe usar o arco — insistiu ele. — Todos os cumbraelinos sabem usar o arco.

— Bem, eu não! — ela exclamou, ríspida. Era verdade. O sacerdote lhe dissera que a faca era tudo de que ela necessitava, afirmando que o uso do arco não era para mulheres. Ele tinha um arco, é claro; todos os homens cumbraelinos tinham arcos, fossem sacerdotes ou não. A dor da surra que ele lhe dera por tentar aprender a usar a arma sozinha e em segredo somou-se à humilhação decorrente da descoberta de que puxar a corda de um arco longo exigia mais força do que ela possuía. Aquilo a irritava consideravelmente.

Al Sorna deixou o assunto morrer e eles seguiram caminho, percorrendo mais de trinta quilômetros até o anoitecer. Ele acampou mais cedo do que na noite anterior, desaparecendo na mata por pelo menos uma hora depois de acender a fogueira e pedir a Reva que mantivesse o fogo aceso.

— Aonde você vai? — perguntara ela, suspeitando que ele pudesse simplesmente ir embora e deixá-la ali.

— Ver que presentes essa floresta tem a nos oferecer.

A escuridão já se adensava quando ele regressou, carregando um longo galho de freixo. Após o jantar, Al Sorna sentou-se junto ao fogo e começou a desbastar o galho com uma pequena faca de marinheiro, desfazendo-se dos gravetos e da casca com habilidade. Ele não deu explicação, e ela não conseguiu resistir à tentação de perguntar.

— O que você está fazendo?

— Um arco.

Reva bufou e sentiu a raiva aumentar.

— Não aceitarei presentes de você, Lâmina Negra.

Al Sorna não tirou os olhos do trabalho.

— É para mim. Logo precisaremos caçar alguma carne.

Ele trabalhou no arco durante as duas noites seguintes, afinando as extremidades e curvando o meio, alisando um dos lados. Como corda, usou um cadoço extra da bota, amarrando-o aos entalhes que fizera nas extremidades.

— Nunca fui um arqueiro muito bom — disse Al Sorna, dedilhando a corda e produzindo uma nota baixa. — Mas meu irmão Dentos... Era como se tivesse nascido com um arco na mão.

Ela conhecia a história do Irmão Dentos, que fazia parte da lenda do Lâmina Negra. O famoso irmão arqueiro que o salvara quando ele incendiara as máquinas de cerco alpiranas e fora morto em uma covarde emboscada no dia seguinte. Segundo a história, Lâmina Negra, em fúria, deixara as areias vermelhas com o sangue daqueles que os emboscaram, espartilhando-os, embora implorassem por misericórdia. Reva tinha sérias dúvidas quanto à veracidade daquela ou de qualquer outra das histórias fantásticas associadas à vida de Vaelin Al Sorna, mas a facilidade com que ele derrotara seu ataque naquela primeira noite fez com que ela se perguntasse se não havia algo verdadeiro escondido em meio a todos aqueles absurdos.

Al Sorna fez flechas com outro galho de freixo, afiando as pontas, visto que eles não tinham metal para produzir cabeças apropriadas.

— Deve servir para caçar pássaros, mas não dá para atacar um javali — disse ele. — É preciso pontas de ferro para atravessar as costelas.

Ele pegou o arco e entrou na floresta. Reva esperou dois minutos, praguejou e seguiu-o. Ela o encontrou agachado atrás da casca de um velho carvalho, com uma flecha preparada no arco. Al Sorna aguardava em absoluta imobilidade, com os olhos fixos em um ponto do capim alto em uma pequena clareira adiante. Reva avançou com cautela até seu lado, mas pisou em um graveto seco cujo estalido alto ecoou pela clareira. Três faisões saíram do capim, batendo as asas barulhentosamente. A corda do arco de Al Sorna estalou, e um dos pássaros caiu no chão, soltando penas. Ele lançou um olhar de leve reprovação para ela e foi buscar a presa.

Nunca foi um arqueiro muito bom, pensou ela. Mentiroso.

Ao acordar, Reva se viu sozinha no acampamento. Sem dúvida, Lâmina Negra estava caçando de novo, embora o arco estivesse encostado em um tronco caído. Havia uma sensação peculiar em seu estômago, um peso estranho, e ela percebeu que era a primeira vez que acordava com a barriga cheia. Al Sorna espetara e assara o faisão, temperando a pele depenada com tomilho-limão. A gordura do animal escorrera pelo queixo dela enquanto engolia sua porção. Reva percebeu que ele sorria enquanto a observava se alimentar, o que a fez franzir o rosto e virar-se para o outro lado. Contudo, não parou de comer.

Seu olhar permaneceu no arco por um momento. Era mais curto do que o arco longo que a frustrara durante anos; a vara era mais fina e, sem dúvida, mais fácil de envergar. Reva olhou em volta e então o pegou, encaixando uma das flechas da aljava improvisada de Al Sorna, feita com capim longo trançado. O arco era leve e confortável em suas mãos. Mirou no tronco estreito de uma bétula prateada, a uns dez metros de distância, que parecia ser o alvo mais fácil. Envergar o arco era mais difícil do que ela esperara, reavivando lembranças das horas de treinos infrutíferos com o arco longo, mas ao menos conseguiu puxar a

corda até os lábios antes de soltá-la. A flecha raspolu a lateral da bétula e desapareceu em meio às samambaias.

— Nada mal — disse Al Sorna, atravessando a vegetação e trazendo no manto cogumelos que acabara de colher.

Reva jogou o arco para ele e sentou-se, sacando a faca.

— Não está balanceado — resmungou. — Atrapalhou minha pontaria. — Ela reuniu o cabelo junto à nuca e começou o ritual de corte, que realizava duas vezes por semana.

— Não faça isso — disse Al Sorna. — Você precisa se passar por minha irmã, e as mulheres asraelinas usam cabelos longos.

— Mulheres asraelinas são vadias fúteis. — Ela cortou um punhado do cabelo de modo enfático e deixou-o cair no chão.

Al Sorna suspirou.

— Acho que podemos dizer que você é mais simplória, que começou a cortar o cabelo quando era criança e que minha velha mãe nunca conseguiu fazer com que você largasse o hábito.

— Você não vai dizer isso! — Ela lhe lançou um olhar furioso. Ele sorriu. Reva rangeu os dentes e guardou a faca na bainha.

Al Sorna deixou o arco e a aljava com flechas ao lado dela.

— Fique com ele. Farei outro para mim.

No dia seguinte, continuaram mais uma vez pela estrada. Al Sorna não diminuiria o ritmo, mas Reva estava achando mais fácil acompanhá-lo, sem dúvida auxiliada pela recente melhora em sua dieta. Estavam andando havia cerca de uma hora quando Al Sorna parou de repente, com a cabeça inclinada para trás e dilatando um pouco as narinas. Passou-se um momento antes que Reva sentisse o cheiro pungente e pútrido na brisa que vinha do oeste. Ela sentira aquele odor antes, tal como ele, sem dúvida em muitas outras ocasiões.

Al Sorna não falou nada, mas saiu da estrada, caminhando em direção à floresta. A vegetação começa a ficar mais esparsa à medida que seguiam para o norte, mas ainda havia trechos de mata fechada para acampar ou caçar. Reva notou uma mudança nos movimentos dele conforme se aproximava das árvores, uma leve curvatura nos ombros, um relaxamento dos braços, dedos esticados como que prestes a agarrar algo. Ela vira o sacerdote se mover de maneira similar, mas jamais com uma graça tão inconsciente e, de repente, percebeu que o Lâmina Negra era superior ao sacerdote, algo que sempre pensou ser impossível. Homem algum poderia superar o sacerdote; afinal, suas habilidades provinham da bênção do Pai. Porém, esse herege, esse inimigo dos Amados, movia-se com tamanha graça predatória que ela soube que qualquer confronto entre os dois terminaria de um único modo. *Fui tola tentando enfrentá-lo daquela forma, concluiu. Quando chegar a hora de matá-lo, preciso ser mais traiçoeira ou estar mais bem treinada.*

Reva o seguiu, mantendo-se perto dele. Ainda carregava o arco e se perguntou se deveria preparar uma flecha no arco, mas achou melhor não; sua

habilidade dificilmente seria uma ameaça ao que quer que os aguardasse entre as árvores. Em vez disso, sacou a faca, buscando continuamente algum movimento, mas encontrou apenas galhos balançando ao vento.

Encontraram os corpos a uns dezoito metros mata adentro; eram três, homem, mulher e criança. O homem havia sido amarrado a uma árvore e amordaçado com uma corda de cânhamo; sangue seco manchava seu peito nu do pescoço à cintura. A mulher estava nua, e sua carne exibia marcas de um tormento prolongado, hematomas e cortes superficiais. Um dos dedos havia sido decepado enquanto ela ainda respirava, a julgar pela quantidade de sangue. O menino não devia ter mais de dez anos e também fora abusado de forma similar.

— Foras da lei — concluiu Reva. Ela examinou o homem amarrado à árvore, notando que a mordaca penetrara na carne das bochechas. — Parece que o fizeram assistir.

O olhar de Al Sorna percorreu a cena com uma intensidade que ela não vira antes, esquadrinhando o solo enquanto andava.

— Isso ocorreu há pelo menos um dia e meio — disse Reva. — Os rastros já sumiram. Eles devem estar na cidade mais próxima, bebendo e indo atrás de prostitutas com o dinheiro que conseguiram aqui.

Al Sorna lhe lançou um olhar feroz.

— O amor do seu Pai do Mundo parece deixá-la insensível.

A raiva dele a fez segurar a faca com mais firmeza.

— Roubos e assassinatos são comuns nesta terra, Lâmina Negra. Já vi outras mortes. Tivemos sorte por não atraírmos foras da lei.

A ferocidade desapareceu do olhar de Al Sorna, que se empertigou.

— Rhansmill é a cidade mais próxima.

— Fica fora do nosso caminho.

— Eu sei. — Ele andou até o corpo do homem e usou a faca de marinheiro para cortar as amarras que o prendiam à árvore. — Recolha lenha — disse a Reva. — Muita lenha.

Eles levaram um dia inteiro para chegar a Rhansmill, um desinteressante amontoado de casas ao redor de um moinho nas margens do Rio Avern. Chegaram à noite e encontraram o lugar em meio a uma celebração; várias tochas haviam sido acesas e a população aglomerava-se em volta de um semicírculo de carroções pintados com cores extravagantes.

— Artistas — disse Reva com desagrado, vendo os desenhos frívolos e por vezes lascivos pintados nas laterais dos veículos. Abriam caminho lentamente em meio à multidão; Al Sorna mantinha o capuz cobrindo o rosto, mas o olhar do público estava concentrado no palco de madeira localizado no centro do semicírculo onde um homem de rosto afilado, vestindo uma camisa de seda vermelha com calças justas amarelas e pretas, cantava e tocava um bandolim enquanto uma mulher em um vestido de chiffon dançava. O menestrel era muito hábil, de voz melodiosa e pura, mas foi a dança que chamou a atenção de Reva; a graça e a precisão dos movimentos da mulher atraíram seu olhar como uma

mariposa arrebatada por uma chama. Os braços nus pareciam brilhar à luz das tochas, os olhos azuis cintilavam por trás de um véu...

Reva desviou o olhar e fechou os olhos, cravando as unhas nas palmas das mãos. *Pai do Mundo, rogo mais uma vez pelo seu perdão...*

— *Tomo a mão de minha amada na minha* — cantou o homem, na última estrofe de “Através do vale”. — *Lágrimas cintilam em sua face, para o Além seu sorriso levarei, onde por seu amor es...* — ele parou, arregalando os olhos ao avistar uma figura na multidão. Reva acompanhou seu olhar até o rosto encapuzado de Al Sorna. — *Esperarei...* — concluiu o homem, forçando a palavra a sair. Os aplausos do público surgiram depressa, apesar do deslize.

— Obrigado, amigos! — O menestrel fez uma longa mesura e ergueu a mão para a dançarina. — A adorável Ellora e eu agradecemos humildemente. Por favor, demonstrem sua aprovação. — Ele apontou para o balde colocado na frente do palco. Baixando a voz e com uma expressão grave, ele continuou: — E, agora, queridos amigos, preparem-se para nossa última performance. Uma história da mais intensa aventura e da mais vil traição, de sangue derramado e tesouros roubados. Preparem-se para “A vingança do pirata!” — Ele abriu os braços, tomou a mão da garota e deixou o palco rapidamente, mancando de forma perceptível. Dois homens entraram no palco, ambos vestidos com uma aproximação extravagante dos trajes de marinheiros meldeneanos.

— Vejo um navio, Capitão! — disse o homem mais baixo quando os aplausos diminuíram, levando uma luneta de madeira ao olho para esquadrihar um horizonte imaginário. — Uma embarcação do Reino, ao que tudo indica. Dará uma boa pilhagem, pelos deuses!

— Uma boa pilhagem, sem dúvida! — concordou o ator mais alto, com uma barba falsa de lã cobrindo-lhe o queixo e um lenço vermelho sobre a cabeça. — E muito sangue para saciar a sede dos nossos deuses.

Al Sorna tocou no braço de Reva quando os dois atores soltaram uma risada maligna. Ele inclinou a cabeça para a esquerda, indicando o caminho, e ela o seguiu enquanto ele avançava em meio à multidão, na direção de um espaço vazio entre a fileira de carroções. Reva não ficou surpresa ao encontrar o menestrel ali, seus olhos brilhando nas sombras, encarando Al Sorna, que jogou o capuz para trás.

— Sargento Norin — disse ele.

— Meu senhor... — murmurou o homem. — Eu ouvi... Houve rumores, mas...

Al Sorna deu um passo à frente e abraçou o homem calorosamente, enquanto Reva notava a expressão de completo assombro do músico.

— É muito bom lhe ver, Janril — disse Al Sorna, recuando. — É muito bom mesmo.

— Há mil histórias sobre sua morte — disse o menestrel a Al Sorna durante o jantar. Eles haviam sido convidados ao carroção que ele dividia com Ellora. A mulher trocara a roupa de dançarina por um vestido cinza simples e preparara

uma refeição de cozido e bolinhos. Reva evitou olhar para ela e concentrou-se na comida. Al Sorna a apresentara como “Reva, minha irmã de mentira pelas próximas semanas”. Janril Norin apenas assentiu e disse que ela era bem-vinda; qualquer curiosidade que ele pudesse ter a respeito da natureza do relacionamento dela com Al Sorna foi cuidadosamente escondida. *Soldados não questionam seus comandantes*, pensou Reva.

— E outras mil sobre sua fuga — prosseguiu Norin. — Dizem que, com a ajuda dos Finados, você fez uma maça com suas correntes e saiu das masmorras do Imperador matando todos que encontrou. Compus uma canção sobre esse feito, que sempre é bem recebida.

— Bom, receio que você será obrigado a compor outra — disse Al Sorna. — Sobre como eles simplesmente me deixaram ir embora.

— Pensei que você havia ido primeiro até as Ilhas Meldeneanas — disse Reva, deixando a descrença transparecer na voz. — E que tinha matado o campeão dos piratas e resgatado uma princesa.

Al Sorna apenas encolheu os ombros.

— Tudo o que fiz nas Ilhas foi participar de uma encenação. Embora eu não seja um bom ator.

— Ator ou não, meu senhor, sabe que é bem-vindo nessa companhia — disse Norin. — Pelo tempo que quiser.

— Estamos a caminho de Varinshold. Se vocês estiverem indo para lá, vamos acompanhá-los de bom grado.

— Vamos para o sul — disse Ellora. — A Feira de Verão em Mealinscove sempre rende muitos lucros. Havia cautela no tom da mulher e um desconforto óbvio com a presença do Lâmina Negra. *É esperta o bastante para saber que ele leva a morte aonde quer que vá*, concluiu Reva.

— Vamos para o norte — corrigiu Norin em um tom seco e sorrindo para Al Sorna. — Tenho certeza de que a feira em Varinshold será igualmente proveitosa.

— Pagaremos por nosso transporte — disse Vaelin a Ellora.

— Nem pensar, meu senhor — assegurou-lhe Norin. — Ter sua espada conosco será pagamento suficiente. Há muitos foras da lei por aí hoje em dia.

— Falando nisso, encontramos uma obra desses foras da lei alguns quilômetros atrás. Uma família assaltada e assassinada. Na verdade, vim para cá para garantir que a justiça seja feita. Notou algum estranho essa noite?

Norin pensou por um momento.

— Havia um grupo de arruaceiros na taverna à tarde. Vestiam roupas simples, mas tinham dinheiro para cerveja. Atraíram minha atenção porque um deles tinha um anel de ouro preso em uma corrente pendurada no pescoço. Pareceu-me pequeno demais para ser um anel masculino. Eles causaram certa confusão quando o taverneiro recusou-se a vender uma de suas filhas. Os guardas mandaram que se acalmassem ou fossem embora. Há um acampamento de vagabundos a cerca de um quilômetro e meio rio abaixo. Se não voltaram para a floresta, acho que nós os encontraremos lá.

O olhar de Ellora enfureceu-se à menção da palavra “nós”.

— Se estavam bêbados, a essa altura estão dormindo — disse Al Sorna. —

Tenho certeza de que ainda estarão lá pela manhã. Se bem que será preciso envolver os guardas, e não desejo atrair qualquer atenção.

— Há outras formas de justiça, meu senhor — observou Norin. — Lembrome de uma época em que lidávamos frequentemente com foras da lei.

Al Sorna olhou para a espada enrolada no saco de lona, guardada no canto do carroção.

— Não, não sou mais Lorde Comandante e não aplico a Palavra do Rei. Parece não haver alternativa. Encontrarei o capitão da guarda pela manhã.

Após o jantar, Norin sentou-se nos degraus do carroção para tocar o bandolim, cantando com Ellora. Outros artistas reuniram-se ao redor para ouvir e pedir que ele cantasse suas canções favoritas. Reva e Al Sorna atraíram alguns olhares curiosos e, pelas expressões de espanto, alguns haviam claramente adivinhado quem ele era. Entretanto, a afirmação de Norin de que Reva e seu velho amigo dos Lobos Corredores eram seus convidados e de que sua privacidade devia ser respeitada pareceu ser suficiente para garantir que nenhuma pergunta fosse feita.

— Ele não parece um soldado — observou Reva a Al Sorna. Eles haviam se instalado não muito longe da companhia e acendido uma fogueira para espantar o frio.

— Ele sempre foi mais um menestrel — disse Al Sorna. — Mas também foi um guerreiro destemido quando precisou. Fico contente por ele ter se aposentado. Parece bastante feliz com o que a vida lhe deu.

Reva lançou um olhar rápido a Ellora e viu o sorriso da mulher encostada no joelho de Norin. *Deveria mesmo estar feliz*, pensou ela.

A companhia recolheu-se aos respectivos carroções conforme a noite avançava, e Norin e Ellora foram dormir. Ele entregara a Vaelin e Reva cobertores grossos e peles macias, e Reva ficou maravilhada com o conforto que aquilo proporcionava. Dormir em chão duro foi tudo o que conhecera durante a maior parte de sua vida. *O conforto é uma armadilha*, dissera o sacerdote. *Uma barreira contra o amor do Pai, pois nos torna fracos, servis ao Domínio Herético*. Depois de dizer isso, ele a espancara pelo crime de esconder um saco de palha no celeiro.

Reva esperou por duas horas. Al Sorna nunca roncava; na verdade, mal fazia qualquer som ou se mexia enquanto dormia. Ela observou o peito dele subir e descer suavemente sob o cobertor durante mais algum tempo até ter certeza de que estava adormecido, desvencilhou-se das próprias cobertas, pegou os sapatos e andou descalça até o rio. Na margem, jogou água no rosto para afastar qualquer resquício de cansaço, calçou os sapatos e seguiu a correnteza rio abaixo.

Não foi difícil encontrar o acampamento dos vagabundos; o cheiro da fumaça de lenha denunciara o local antes mesmo que o aglomerado de cabanas e tendas surgisse em seu campo de visão. Havia apenas uma fogueira acesa no acampamento; gargalhadas roucas ecoavam dos quatro homens que dividiam uma garrafa de bebida. *Devem ter assustado e espantado os outros*, pensou Reva. Esgueirando-se, Reva chegou perto o suficiente para ouvir as vozes com nitidez.

— Você meteu naquela vadia quando ela já estava morta, Kella! —

exclamou um dos homens, rindo. — Foder com um cadáver, seu animal imundo!

— Pelo menos não meti no garoto — retorquiu o outro homem. — É anormal, isso sim.

Reva não viu muitos motivos para mais demora. Isso precisava ser feito depressa, antes que Al Sorna percebesse a ausência dela.

Os quatro homens se calaram quando ela entrou no acampamento, mas a surpresa logo foi substituída pelo desejo embriagado.

— Procurando um lugar para dormir, princesa? — perguntou o maior homem. Ele tinha um emaranhado de cabelos desgrenhados e a aparência acabada de um homem que vive dia após dia sem refeições regulares ou abrigo. Havia também um anel de ouro em uma corrente pendurada em seu pescoço. *Pareceu-me pequeno demais para ser um anel masculino.* Reva lembrou-se da cena da mulher na floresta, com o dedo decepado.

Ela não disse nada e devolveu o olhar.

— Temos bastante espaço — continuou o homem, aproximando-se a passos trêpegos. — Todos os outros deram o fora. Não sei por quê.

Reva o encarou em silêncio. Mesmo bêbado, algum alerta deve ter soado em sua cabeça, pois ele parou a poucos metros dela e apertou os olhos.

— O que você quer aqui, garo...

A faca saiu da bainha em um movimento rápido, enquanto Reva mergulhava para frente e erguia-se com um movimento gracioso. A lâmina cortou o pescoço do homem, e Reva girou para longe enquanto ele caía, jorrando sangue por entre os dedos que havia levado à garganta.

O segundo homem estava chocado demais para reagir quando ela pulou, passou as pernas em volta do peito dele e deu-lhe uma punhalada funda no ombro, uma, duas vezes. Ela saltou e correu em direção ao terceiro homem, que se atrapalhava tentando tirar um porrete do cinto. Ele conseguiu desferir um único golpe, do qual Reva desviou com facilidade, abaixando-se, rolando e golpeando o tendão do joelho dele. O homem caiu, praguejando e gritando. Reva virou-se para o quarto homem. Seu olhar febril absorvia a cena ao redor enquanto ele intercalava o peso do corpo entre um pé e outro, com uma faca longa na mão. Ele deu uma última olhada aterrorizada para Reva, largou a faca e fugiu. Havia quase alcançado a escuridão do outro lado da fogueira quando a faca arremessada o atingiu entre as omoplatas.

Reva foi até o corpo do homem grande, virou-o e pegou o anel preso na corrente. Havia também uma boa faca de caça em seu cinto, que, a julgar pelo brasão regimental no cabo, havia pertencido à Guarda do Reino. Ela pegou a faca, guardou o anel no bolso e caminhou até o homem com o tendão rompido, que choramingava apelos desesperados em meio a ranho e cuspe.

— Não se preocupe, Kella — disse ela. — Prometo que não vou foder com seu cadáver.

Pela manhã, Ellora preparou ovos e cogumelos fritos na manteiga. *Tão boa*

cozinheira quanto dançarina, pensou Reva, empanturrando-se. Quando Ellora e Norin se afastaram para cuidar de seu carroção, Reva tirou o anel do bolso e jogou-o para Al Sorna. Ele olhou para a joia por um longo tempo.

— O sol e a lua — disse ele em voz baixa.

Reva franziu o rosto.

— O quê?

Al Sorna ergueu o anel para que ela o visse; havia uma gravação na parte interna, com dois círculos, um envolto em chamas.

— Eles eram Negadores.

Reva sacudiu os ombros e voltou a comer.

— Os corpos? — perguntou Al Sorna.

— Amarrei com pedras e joguei no rio.

— Muito eficiente de sua parte.

Reva ergueu a cabeça diante da aspereza do tom dele, vendo em seu olhar algo que avivou a raiva que sentia. Desapontamento.

— Não estou aqui porque escolhi estar, Lâmina Negra — disse ela. — Estou aqui pela espada de Lâmina Fiel, para que eu mereça o amor do Pai ao destruir seu Reino profano. Não sou sua amiga, sua irmã ou sua pupila. E não dou a mínima para sua aprovação.

Janril Norin tossiu, quebrando o silêncio pesado que as palavras dela deixaram no ambiente.

— É melhor procurar o capitão da guarda, meu senhor, se quiser fazer isso hoje.

— Não será necessário, Janril. — Al Sorna jogou o anel de volta para Reva. — Fique com ele. Você mereceu.

CAPÍTULO DOIS

Frentis

O homem de cabeça raspada tossiu sangue na areia e morreu, soltando uma lamúria baixa. Frentis largou a espada ao lado do corpo e aguardou imóvel e em silêncio, exceto pelas arfadas pesadas de sua respiração. O combate fora mais difícil do que de costume, com quatro inimigos em vez dos dois ou três usuais. Escravos surgiram correndo das alcovas escuras nas paredes do fosso para limpar a sujeira, arrastando os corpos para longe e recolhendo sua espada. Mantiveram-se afastados de Frentis. Às vezes, a fúria matadora incutida nele pelo capataz demorava a desaparecer.

— Impressionante — disse uma voz vinda do alto. Havia três espectadores naquele dia; juntaram-se ao capataz o mestre e uma mulher que Frentis nunca vira. — Difícil acreditar que ele de fato melhorou, Vastir — prosseguiu o mestre. — Meus cumprimentos.

— Meu único propósito é servi-lo, Conselheiro — disse o capataz com a dose exata de servilismo e bajulação. Ele era um sujeito zeloso e jamais exagerava em seu papel.

— Bem? — perguntou o mestre à mulher ao seu lado. — Ele tem a aprovação de nosso Aliado?

— Não falo pelo Aliado — respondeu a mulher. Frentis notou que não havia no tom dela nada que pudesse ser descrito como servilismo ou mesmo respeito. — Contudo, se quer saber se ele tem *minha* aprovação...

Contido como estava, Frentis não podia expressar surpresa ou qualquer outra emoção que não fosse permitida pelo capataz, mas crispou-se, espantado, quando a mulher saltou para o fosso, aterrissando com habilidade depois de uma queda de três metros. Ela usava o manto formal dos nobres volarianos e seu cabelo escuro estava preso, mostrando um rosto de beleza felina e olhos que brilhavam, interessados, em examinar o corpo nu de Frentis de cima a baixo.

— Mais bonito do que eu esperava — murmurou ela. Então, olhou para o capataz, erguendo a voz: — Por que não há cicatrizes no rosto dele?

— Ele nunca se fere, honorável senhora — respondeu Vastir. — Alguns quase conseguiram ao longo dos anos, mas ele já era muito habilidoso quando

chegou aqui.

— Já era muito habilidoso, *belo?* — perguntou a mulher a Frentis, fazendo uma careta de irritação quando ele não respondeu. — Deixe-o falar — disse a mulher ao capataz.

Na beira do fosso, Vastir olhou para Frentis, que sentiu um leve relaxamento no domínio que o prendia.

— Bem? — perguntou a mulher.

— Sou um irmão da Sexta Ordem.

Ela ergueu uma sobrancelha diante da falta de seu título honorífico.

— Minhas profundas desculpas, honorável senhora — disse Vastir, efusivo. — Apesar dos muitos castigos que aplicamos, ele se recusa a usar a linguagem correta e fomos advertidos de que a única morte reservada a ele seria no fosso.

Ela acenou com a mão, deixando o assunto de lado.

— Espadas! — gritou.

Houve um momento de confusão no alto, uma discussão sussurrada entre o mestre e o capataz, da qual Frentis pôde distinguir as palavras “Apenas faça o que ela mandou, Vastir!”. Depois de um momento, duas espadas curtas foram jogadas no fosso, caindo na areia entre Frentis e a mulher.

— Muito bem — disse ela em um tom brusco, tirando o manto e ficando tão nua quanto ele. O corpo da mulher era esbelto, exibindo os músculos definidos de alguém que passara muitos anos treinando arduamente e que era, de acordo com qualquer padrão, muito bonita. Porém, o que atraíu o interesse de Frentis não foi a curvatura das coxas ou o volume dos seios, mas as cicatrizes espiraladas que a cobriam do pescoço à virilha, um padrão que ele conhecia intimamente. Era uma imagem espelhada de suas próprias cicatrizes, a trama de tecido danificado que Caolho entalhara nele nas galerias sob o quadrante oeste antes que seus irmãos aparecessem para libertá-lo.

— Bonitas, não? — perguntou a mulher, notando como os olhos de Frentis esquadriavam as cicatrizes. Ela se aproximou, estendendo a mão para acariciar o símbolo espiralado gravado no peito dele. — Dádivas preciosas, recebidas com dor. — A mulher tocou em seu peito com a palma da mão, e Frentis sentiu o calor que emanava dela. Ela suspirou, de olhos fechados, apertando os dedos sobre sua pele. — Forte — sussurrou ela. — Não pode ser demasiado forte.

A mulher abriu os olhos, recuou e removeu a mão, fazendo o calor desaparecer no mesmo instante.

— Vamos ver o que sua Ordem lhe ensinou — ela disse, agachando-se para pegar as espadas e jogando uma delas para ele. — Liberte-o! — ordenou a Vastir. — Completamente.

Frentis pôde sentir a hesitação do capataz. Nos cinco anos ou mais em que fora prisioneiro ali, fora libertado por completo apenas uma vez, com resultados muito infelizes.

— Honorável senhora... — começou Vastir. — Perdoe a relutância daquele que apenas procura servir...

— Faça o que eu digo, sua pilha de bosta! — A mulher sorriu pela primeira vez, ainda olhando fixamente para Frentis. Era um sorriso feroz, cheio de

satisfação e expectativa.

Então, o domínio que o prendia foi removido, como as madeiras do tronco de punição de que se lembrava tão bem da infância. A súbita sensação de liberdade foi arrebatadora, mas durou pouco.

A mulher investiu contra ele, estendendo a espada em uma linha perfeitamente reta na direção do seu coração; ela era ágil, precisa e muito rápida. A lâmina de Frentis subiu para conter a dela, desviando a estocada a poucos centímetros do alvo. Ele girou para longe na direção da parede do fosso, pulou, ricocheteou na pedra, arqueando as costas quando a lâmina da mulher passou por baixo dele, aterrissou sobre as mãos no centro do fosso e levantou-se.

A mulher soltou uma gargalhada de puro deleite e atacou de novo, com uma série de estocadas e cortes. Frentis reconheceu os movimentos de um Kuritai que matara alguns meses antes. Era como o ensinavam, com novos truques para aprimorar suas habilidades a níveis cada vez mais altos. Ele aparou cada golpe e revidou com uma série própria, aprendida com um mestre que já considerara severo, mas de quem agora se lembrava com afeto.

Frentis percebeu que ela não conhecia esses movimentos, aparando suas estocadas com menos fluidez do que exibira em seu ataque. Forçou-a a recuar até a parede do fosso, completando a série ao fingir uma estocada rápida contra os olhos dela e erguendo a lâmina em arco para desferir um golpe na coxa da mulher. Suas espadas ressoaram quando ela aparou o golpe.

Frentis afastou-se um pouco, encarando a mulher. Ela ainda sorria. O bloqueio fora rápido demais. Mais rápido do que é possível, na verdade.

— Agora tenho sua atenção — disse a mulher.

Frentis sorriu. Não era algo que ele fazia com regularidade, e os músculos de seu rosto doeram com a novidade.

— Nunca matei uma mulher.

Ela fez beicinho.

— Ah, não fique assim...

Frentis deu-lhe as costas e caminhou até o centro do fosso. Pela primeira vez, lhe deram a oportunidade de escolher e era isso que estava fazendo.

— Isso pode ser um problema — disse a mulher calmamente. Ele percebeu que ela estava pensando em voz alta.

— Honrável senhora? — perguntou Vastir.

— Jogue-me uma corda! — gritou ela. — Termine aqui. — Ela fez um gesto em direção a Frentis. — Pode ficar com ele para os espetáculos.

— Ele será um belo entretenimento nas celebrações de vitória, sem dúvida — disse o mestre. Frentis achou estranho que ele parecesse aliviado.

Vastir concordou, arrastando uma escada de corda até a beira do fosso.

— De fato, honorabilíssimo, eu ficaria desesperado se todos os meus esforços fossem desper...

A espada curta de Frentis atingiu o pescoço do homem, atravessando veias e coluna e saindo por baixo da base do crânio. Vastir cambaleou por um momento, com os olhos arregalados de terror e confusão, o sangue jorrando pela boca e pelo ferimento, e tombou para frente, caindo na areia do fosso com um baque suave.

Frentis se endireitou e encarou a mulher. Agora sua morte era certa; matar um capataz era um crime que não podiam perdoar, qualquer que fosse seu valor. Entretanto, ele ficou surpreso ao vê-la sorrir.

— Sabe, Arklev... — disse ela ao mestre, olhando para Frentis com completa perplexidade. — Acho que mudei de ideia.

O domínio reapareceu quando ela saiu do fosso, pressionando-o com força suficiente para fazê-lo cambalear e cair na areia, sentindo suas cicatrizes arderem em uma agonia até então desconhecida. Frentis ergueu a cabeça e a viu sorrindo e girando os dedos, lembrando-se do calor que emanara de seu toque. *É ela!*, compreendeu. *É ela quem me controla agora.*

Ele a viu gargalhar e sumir, sendo liberado da dor depois de mais alguns segundos de tormento. O mestre demorou-se por um momento; sua face esguia encarava Frentis com uma mistura de raiva e medo contido, mas ainda perceptível para um homem com experiência na leitura do rosto de seus oponentes.

— Seu Reino sofrerá por você ter fracassado em morrer hoje, escravo — disse o mestre. Então, ele se foi, e Frentis experimentou uma certeza súbita de que provavelmente jamais tornaria a vê-lo. Era uma pena, pois esperara ter uma oportunidade para enviá-lo ao encontro de Vastir no Além.

Frentis levantou-se quando as portas da alcova se abriram com estrondo para a entrada dos escravos. Um pelotão de Varitai juntou-se a eles. Os homens circundaram-no com lanças apontadas em sua direção enquanto os escravos faziam seu trabalho e arrastavam para longe o corpo inchado do capataz, removendo o sangue na areia e desaparecendo para onde quer que fossem quando saíam dali. Frentis jamais vira para além das portas da alcova, mas, a julgar pelos sons de dor e trabalho forçado que ecoavam através delas à noite, ele duvidava que houvesse muito que quisesse ver.

Um dos homens Varitai, silencioso como sempre eram, avançou e largou um emburulho no meio do fosso. Feito isso, saíram em fila única, e a porta bateu-se às suas costas.

Frentis se dirigiu para onde o emburulho estava. Sempre lhe deixavam comida após uma luta. Costumava ser uma tigela de um mingau surpreendentemente saboroso e uma porção de carne assada. Deixá-lo com fome não serviria aos propósitos deles. Pelo menos nesse sentido eram exatamente como a Ordem. Nesse dia, foi diferente. Além da comida, Frentis recebeu roupas: a túnica e as calças simples de um volariano livre, tingidas de azul para indicar sua posição de trabalhador com permissão para viajar entre as províncias. Havia também um par de botas resistentes, um cinto de couro e um bom manto de algodão.

Frentis passou as mãos pelas roupas e lembrou-se das cicatrizes queimando. *Onde ela me levará?*, pensou, sentindo o coração gelar de novo. *O que ela me obrigará fazer?*

Pela manhã, a escada de corda foi abaixada até o fosso. Frentis vestira as roupas novas; a sensação do tecido em sua pele era estranha após tantos anos de nudez forçada. Fazia suas cicatrizes coçarem. Ele subiu a escada sem hesitação nem qualquer necessidade de dar uma última olhada para o que fora seu lar durante cinco anos. Não havia nada ali de que quisesse lembrar, mas, mesmo assim, sabia que cada luta e cada morte permaneceriam com ele para sempre.

A mulher estava esperando quando ele saiu do fosso. Não havia guardas; ela não precisava deles. As roupas finas que usara no dia anterior haviam sido substituídas por uma túnica cinza mais modesta, digna de uma mulher livre de posição mediana. O conhecimento de Frentis sobre aquela terra e seus costumes era escasso, limitado ao que aprendera durante a viagem até ali após ter sido capturado em Untesh e aos fragmentos de informações que obtivera ouvindo conversas entre o mestre e o capataz. Sabia que a cor cinza indicava uma pessoa de posses, geralmente escravos, mas também terras e gado. Se um volariano livre adquirisse propriedades suficientes, mil escravos ou bens de valor equivalente, ele recebia permissão para vestir-se de preto. Apenas os volarianos mais ricos, como o mestre, usavam vermelho.

— Espero que tenha dormido um pouco — disse ela. — Temos um longo caminho pela frente.

O domínio ainda estava ali, ainda que mais contido, como um leve formigamento nas cicatrizes, o bastante para impedi-lo de passar o cinto novo ao redor do pescoço dela e estrangulá-la, porém havia liberdade suficiente para permitir uma análise dos arredores. Fossos os cercavam por todos os lados; havia uma centena ou mais, cada um com nove metros de diâmetro e três metros de profundidade, escavados em um planalto de rocha nua trespassado por túneis e moradias. De alguns vinham sons de combate; de outros, gritos de tortura que ecoavam no ar matutino; capatazes supervisionavam os variados tormentos conforme percorriam as bordas dos fossos. Era um lugar de punição e de treinamento.

— Triste por partir? — perguntou a mulher.

Ela o dera liberdade suficiente para falar, mas ele nada disse.

O olhar dela ficou sombrio, e Frentis soube que a mulher estava considerando queimar suas cicatrizes novamente. Encarou-a de volta, ainda se recusando a falar ou chorar.

Para sua surpresa, ela tornou a rir.

— Faz tanto tempo desde que tive algo realmente interessante com o que brincar. Venha, *belo*. — Ela se virou e começou a andar até a beira do planalto que se erguia do deserto de Vakesh como uma ilha em um mar de areia. Frentis sabia que quando o sol do meio-dia chegava ao ponto mais alto, a temperatura na superfície era suficiente para fazer até mesmo os capatazes desistirem de suas tarefas. Rotas de caravanas seguiam do norte e do oeste. Frentis memorizara tudo isso quando o levaram até ali, quando ele ainda alimentava o sonho de planejar uma fuga.

A mulher o conduziu por um conjunto sinuoso de degraus esculpidos na face

ocidental do planalto e levaram quase uma hora para descer até o deserto. Um escravo aguardava por eles, acompanhado por quatro cavalos, dois selados para cavalgada e outros dois carregando fardos. A mulher tomou as rédeas que estavam nas mãos do escravo e o dispensou com um aceno.

— Sou uma viúva proprietária de terras na província de Eskethia — disse a Frentis. — Tenho assuntos a tratar em Mirtesk. Você é minha escolta, contratado para me levar até lá em segurança, sem danos ao meu corpo ou à minha reputação.

Ela deixou os cavalos de carga aos cuidados dele e subiu no cavalo de montaria mais alto, uma égua cinzenta que parecia conhecê-la pelo modo como bufou, satisfeita, quando a mulher lhe acariciou o pescoço. A túnica tinha fendas para permitir que ela montasse de frente na sela, e suas coxas nuas tinham cor de bronze ao sol da manhã. Frentis desviou o olhar para os animais de carga.

Os fardos consistiam principalmente em comida e água suficientes para a viagem até Mirtesk. Os cavalos eram bem cuidados, sem sinais de doenças que poderiam abatê-los no deserto; os cascos haviam recebido ferraduras largas e finas adequadas para atravessar as areias. Frentis lembrou-se de como o deserto alpirano sobrecarregara ao máximo as montarias de sua tropa de batedores até passarem a copiar os truques de ferraria usados pela cavalaria do Imperador. Eram constantes as lembranças da guerra alpirana e, apesar de todo o sangue derramado na tentativa condenada ao fracasso de realizar o desejo do Rei, os meses que passara com os Lobos Corredores, com seus irmãos, com Vaelin, foram os melhores de sua vida.

Ele sentiu uma breve queimação nas cicatrizes quando a mulher moveu-se impaciente na sela. Frentis apertou as correias dos fardos e montou no outro cavalo, um jovem garanhão negro. O animal foi um tanto irascível, empinando e bufando quando ele se sentou na sela, mas Frentis inclinou-se para frente e sussurrou em voz baixa junto à orelha do garanhão. O animal acalmou-se imediatamente, trotando adiante sem hesitar enquanto Frentis o cutucava com os calcanhares, seguido pelos cavalos de carga.

— Impressionante — disse a mulher, colocando sua montaria em movimento. — Vi isso ser feito apenas algumas vezes. Quem o ensinou?

Havia uma ordem no tom dela, e o domínio se estreitou um pouco.

— Um louco — ele respondeu, lembrando-se do sorriso conspirador de Mestre Rensial ao transmitir o segredo do sussurro, algo que Frentis sabia que ele jamais ensinara a nenhum outro irmão noviço. *Parece coisa das Trevas, não parece?*, disse ele com um risinho agudo. *Se eles soubessem. Os tolos.*

Frentis não disse mais nada, e a mulher deixou que o domínio retornasse ao formigamento usual.

— Chegará uma hora em que você me contará todos os segredos do seu coração e o fará de bom grado — ela disse, enquanto cavalgavam para oeste.

As mãos de Frentis apertaram as rédeas, e ele urrou por dentro, abominando sua prisão de cicatrizes, pois agora sabia que eram elas que o prendiam, que era através delas que cada capataz e mestre o faziam curvar-se às suas vontades. O último presente de Caolho, sua vingança derradeira.

Proseguiram até meio-dia, descansando em pequenos abrigos enquanto o sol cozinhou o deserto, e continuaram quando as sombras alongaram-se e o calor diminuiu. Pararam em um pequeno oásis já apinhado de caravanas que acampavam para passar a noite. Frenis deu água aos cavalos e montou o acampamento nos limites da comunidade. As pessoas das caravanas pareciam alegres, cidadãos livres que trocavam notícias com velhos amigos ou se entretinham com canções ou histórias. A maioria usava trajes azuis, mas aqui e ali havia um veterano em trajes cinzentos, barba longa e uma fila ainda mais longa de cavalos. Algumas pessoas se aproximaram com mercadorias para vender ou pedindo notícias das partes mais distantes do império. A mulher recusou com charme e afabilidade as mercadorias e ofereceu notícias sem muita importância sobre as ações do Conselho ou os resultados recentes nas Corridas das Espadas, com os quais parecia haver grande preocupação.

— Os Azuis perderam de novo? — perguntou um velho vestido de roupas cinzentas, sacudindo a cabeça e parecendo surpreso e desapontado. — Tenho acompanhado os Azuis por toda a minha vida. Perdi duas fortunas em apostas.

A mulher riu e levou uma tâmara à boca.

— Devia mudar para os Verdes, avô.

A expressão do homem ficou um pouco carregada.

— Um homem pode trocar de time tanto quanto pode trocar de pele.

Depois de algum tempo, eles foram deixados em paz. Frenis terminou as tarefas restantes e sentou-se junto à fogueira, observando o céu noturno. Mestre Hutil o ensinara a ler as estrelas durante seu primeiro ano na Ordem, e ele sabia que o punho da Espada apontava para nordeste. Se não fosse pelo domínio da mulher, estaria seguindo o punho de volta ao Reino, não importando quantos quilômetros tivesse de percorrer.

— No Império Alpirano, há homens que enriquecem contando mentiras a tolos ingênuos sobre presságios previstos pelas estrelas — disse a mulher, reclinando-se sobre um cobertor, com o cotovelo apoiado em uma almofada de seda. — Creio que a sua Fé não permite tais baboseiras.

— As estrelas são sóis distantes — disse ele. — Pelo menos de acordo com a Terceira Ordem. Um sol tão distante não pode ter qualquer poder aqui.

— Diga-me, por que matou o capataz e não o mestre?

— Ele estava mais perto e era um lance difícil. — Frenis olhou para a mulher. — E eu sabia que você podia desviar a lâmina.

Ela assentiu levemente com a cabeça, deitou-a no travesseiro e fechou os olhos.

— Há um homem acampado perto da água. Ele parece um trabalhador e tem cabelo grisalho e uma argola de prata na orelha. Quando a lua se levantar por completo, vá até lá e mate-o. Há veneno nos fardos, na garrafa verde. Não deixe marcas no corpo. Pegue todas as cartas que encontrar.

Ela não o impedira de falar, mas Frenis não perguntou a razão. Não havia sentido.

Os volarianos, assim como os Fiéis, entregavam seus mortos ao fogo. As pessoas das caravanas enrolaram o corpo do homem grisalho em lona, ensoparam-na com óleo de lamparina e atearam fogo com uma tocha. Nada foi dito e não houve demonstrações de pesar por parte dos espectadores, uma vez que ninguém conhecia o homem que morreria durante o sono, apenas seu nome, obtido em sua tabuleta de cidadão: Verkal, um nome comum, sem nada de especial. Seus pertences estavam sendo leiloados quando Frentis e a mulher seguiram caminho.

— Ele foi enviado para nos espionar — disse a mulher, por fim. — Caso você esteja se perguntando o motivo. Imagino que seja um dos homens de Arklev. Parece que o entusiasmo do conselheiro por nosso projeto diminuiu um pouco. — Frentis sabia que a mulher não dizia aquilo para ele. Às vezes, ela gostava de dar voz aos pensamentos, de conversar consigo mesma. Mais uma coisa que tinha em comum com Mestre Rensial.

Após cinco dias de viagem, avistaram o Mar de Jarven, a maior extensão de água dentro do império, de acordo com a mulher. Seguiram até um pequeno porto de balsas em uma baía rasa, o ponto final da rota das caravanas, repleto de viajantes e animais. O mar era vasto e escuro sob o céu sem nuvens e montanhas altas eram vistas em meio à neblina para além da costa ocidental. A passagem da balsa custava cinco quadrados, mais cinco círculos para os cavalos.

— Você é um ladrão — disse a mulher ao balseiro ao entregar o dinheiro.

— Fique à vontade para ir nadando, cidadã — retorquiu ele, com uma mesura escarnecedora.

Ela riu.

— Meu homem deveria matá-lo, mas estamos com pressa. — Ela tornou a rir e ambos conduziram os cavalos a bordo.

— Na primeira vez que tomei essa balsa, era um quadrado por pessoa e um círculo por cavalo — disse ela enquanto os escravos remavam sob o chicote de capataz e a balsa deslizava pelo mar. — Isso foi há mais de dois séculos.

Frentis franziu o rosto ao ouvir aquilo. *Séculos? Ela não pode ter mais de trinta anos.*

A mulher sorriu diante da confusão dele, mas não disse nada.

A travessia levou a maior parte do dia, e a cidade de Mirtesk surgiu no horizonte no início da noite. Frentis pensara que Untesh seria a maior cidade que jamais veria, mas era apenas uma aldeia se comparada à Mirtesk. A cidade se estendia por um grande vale côncavo que se elevava do litoral; havia inúmeras casas de granito cinzento espalhadas em ambos os lados, torres altas que se erguiam do aglomerado e o murmúrio de milhares de vozes transformado em um rugido conforme se aproximavam das docas. Um escravo aguardava no cais enquanto conduziam os animais para terra firme.

— Senhora — disse ele, cumprimentando a mulher com uma longa mesura.

— Esse é Horvek — disse ela a Frentis. — Feio, não acha?

O nariz de Horvek parecia ter sido quebrado e restaurado diversas vezes, faltava-lhe a maior parte da orelha esquerda e a carne musculosa dos seus

braços era coberta por cicatrizes. Contudo, Frentis notou o porte do homem e a largura de seus ombros. Quando estava no fosso, vira muitos outros como ele. Aquele homem era um Kuritai, um matador, como ele.

— O Mensageiro está aqui? — perguntou a mulher a Horvek.

— Ele chegou há dois dias.

— Ele tem se comportado?

— Não houve relatos de incidentes, senhora.

— Isso não durará caso ele se demore aqui.

Horvek pegou os cavalos de carga e forçou passagem em meio à multidão que enchia as docas, seguido pelos dois, dobrando as esquinas de uma miríade de ruas de pedras indistintas até chegarem a uma praça cercada por fileiras de casas de três andares. No meio da praça, em um pedaço de grama cuidadosamente aparada, erguia-se uma grande estátua de um homem montado em um cavalo. A mulher desmontou e foi até a estátua, erguendo a cabeça para olhar o rosto do cavaleiro. A figura trajava uma armadura que Frentis achou um tanto arcaica, e o bronze da estátua estava generosamente esverdeado. Ele não sabia ler volariano, mas, pela extensa lista que adornava a placa na base da estátua, aquele fora um homem de grandes feitos.

— Há bosta de gaiyota na cabeça dele de novo — observou a mulher.

— Mandarei chicotear os escravos, senhora — assegurou Horvek.

A mulher se virou e caminhou em direção a uma casa de três andares diante da estátua. A porta foi aberta enquanto ela subia os degraus da entrada, e uma escrava de meia-idade fez uma longa mesura. O interior tinha uma decoração reluzente e era revestido em mármore, com quadros altos mostrando cenas de batalhas na maioria das paredes; alguns retratavam uma figura cujas feições lembravam o homem de bronze na rua.

— Gosta do meu lar? — perguntou a mulher a Frentis.

Novamente, o domínio estava frouxo o suficiente para permitir que ele falasse, mas ele se recusou a dizer qualquer coisa. Ele ouviu a escrava abafar uma exclamação de espanto, mas a mulher apenas riu.

— Prepare um banho — disse ela à escrava, virando-se para subir a escadaria ornamentada que se erguia do piso de mármore. Sua vontade puxou Frentis para que a seguisse pelos degraus e entrasse em uma ampla sala, onde um homem encontrava-se sentado a uma longa mesa, um indivíduo vestido de cinza e que já passara um pouco dos 50 anos. Ele comia um prato de carne defumada e bebia vinho em uma taça de cristal, e pareceu reconhecer Frentis.

— Vejo que você ganhou alguns músculos — disse ele, na língua do Reino, antes de tomar um longo gole de vinho.

Frentis examinou o rosto do homem e não encontrou nada familiar, mas havia algo na voz dele. Não no tom, mas na cadência. Além disso, falava a língua do Reino sem nenhum sotaque volariano.

— Nosso jovem amigo passou cinco anos nos fossos — disse a mulher, atendo-se a falar em volariano. Ela se empoleirou na mesa, descalçando as botas de cano longo que usara no deserto e massageando os pés. — Até mesmo os Kuritai só precisam sobreviver durante um ano.

— Eles não têm o benefício de uma vida na Sexta Ordem, não é, Frentis? —

O homem piscou para ele, provocando outra pontada de familiaridade.

A mulher olhou atentamente para o homem.

— Mais velho que seu último. Qual é o nome dele?

— Karel Teklar, um vendedor de vinho de posição mediana, com uma esposa gorda e cinco filhos perfeitamente horríveis. Não fiz muito além de surrar os animaizinhos durante dois dias.

— O dom?

O homem encolheu os ombros.

— Alguma habilidade para ver o futuro, que ele nem sabia que tinha. Sempre se perguntou por que se dava tão bem nos jogos de cartas.

— Nenhuma grande perda, então.

— Não — concordou o homem, levantando-se e aproximando-se de Frentis. O ângulo da cabeça dele enquanto o examinava trouxe mais uma vez à tona uma familiaridade enlouquecedora. — O que exatamente aconteceu em Untesh, irmão? Sempre me perguntei sobre isso.

Frentis ficou em silêncio até uma imposição do domínio da mulher forçar as palavras a saírem.

— O Conselheiro Arklev Entril chegou para discutir com o Príncipe Malcius depois de os alpiranos sitiarem a cidade, trazendo saudações e ofertas comerciais com o Império Volariano. Ele apertou minha mão depois que o revistei à procura de armas. Quando o último ataque alpirano atingiu as muralhas, ele me dominou e me forçou a abandonar o príncipe. Corri para as docas e embarquei em seu navio.

— Isso deve ter doído um pouco — disse o homem. — Perder a chance de um sacrifício glorioso. Outra história para Mestre Grealin contar aos noviços.

A perplexidade de Frentis aumentou. *Como ele podia saber tanto?*

— Não se aflija. — O homem afastou-se, passando os olhos pela sala e notando os cavaletes de armas alinhados nas paredes. — Malcius sobreviveu e retornou para governar o Reino, mas nem de perto tão bem quanto seu ilustre pai.

— Malcius viu você fugir? — perguntou a mulher.

Frentis sacudiu a cabeça.

— Eu estava no comando da seção sul e ele estava no centro. *Fugi e deixeí duzentos homens bons para morrer, pensou. Eles me viram fugir.*

— Então, pelo o que ele sabe, o bravo Irmão Frentis, um ex-ladrão que adquiriu grande renome a serviço da Sexta Ordem, morreu de forma heroica no ataque final à cidade — disse o homem, trocando um olhar com a mulher. — Ainda dará certo.

Ela assentiu.

— A lista?

O homem enfiou a mão dentro da camisa e jogou um pedaço de pergaminho dobrado para ela.

— Mais longa do que eu esperava — disse ela, enquanto lia.

— À altura de suas habilidades, sem dúvida. — Ele pegou a taça e tomou outro grande gole, fazendo uma leve careta, como se achasse o vinho ácido. — Especialmente com o auxílio de nosso moleque de rua aqui.

Moleque de rua. Nortah costumava chamá-lo assim, Barkus também, mas Nortah estava morto, e ele tinha esperança de que Barkus tivesse regressado em segurança para o Reino.

— Mais alguma coisa? — perguntou a mulher.

— Você precisa estar em Torre Sul dentro de cem dias. Alguém irá encontrá-la. Você ficará tentada a matá-lo, mas é importante que você não o faça. Diga-lhe que o Senhor Feudal não bastará. A vadia também terá que morrer. Ele também deverá ter alguma notícia de nosso eterno inimigo e algum estratégia para matá-lo ou pelo menos deixá-lo vulnerável. Os detalhes são um pouco vagos. Fora isso, apenas o usual... — Ele esvaziou a taça, e Frentis notou o suor na testa do homem. — Dor eterna se você falhar e assim por diante. Já ouviu isso antes.

— Ele nunca foi muito original com suas ameaças. — A mulher desceu da mesa e andou até um suporte com espadas de lâminas finas sobre a lareira. — Alguma preferência?

O homem bateu a unha de um dedo contra a taça de vinho, produzindo um som agudo. Ele sorriu para a mulher.

— Lamento desapontá-la. — Ele deixou a taça cair no chão, onde se estilhaçou, e relaxou na cadeira na ponta da mesa, com o rosto encharcado de suor. Seu olhar foi ficando desfocado, mas se iluminou por um momento ao ver Frentis. — Dê meus cumprimentos a todos eles, está bem, irmão? Especialmente a Vaelin.

Vaelin. Frentis sentiu uma queimação quando o domínio se intensificou, mantendo-o imóvel. Ele queria saltar sobre o homem, arrancar a verdade dele, mas só conseguia ficar parado em uma fúria rígida enquanto o outro sorria uma última vez.

— Lembra-se daquela última luta? Daquele bando de foras da lei no inverno antes da guerra? — perguntou o homem, com a voz sumindo em um sussurro. — O sangue reluziu como rubis na neve. Aquele foi um bom dia...

Seus olhos se fecharam e os braços penderam ao lado do corpo, flácidos e sem vida; os movimentos do peito cessaram logo em seguida.

— Agora — disse a mulher, tirando a roupa. — Hora de um banho, não acha?

CAPÍTULO TRÊS

Vaelin

Eu deveria tê-la impedido.

Reva mirou no saco de palha que estavam usando como alvo e disparou uma flecha que atingiu a borda do círculo de carvão desenhado no centro. Vaelin a viu esconder um sorriso de satisfação. Haviam comprado uma aljava e flechas com penas de gaivota e pontas de aço em Rhansmill, que eram mais apropriadas para caçar. Todos os dias, Reva levantava cedo para praticar, a princípio desdenhando os conselhos de Vaelin, mas aceitando suas orientações em um silêncio mal-humorado quando percebeu sua sensatez.

— O braço que segura o arco ainda está rígido demais — disse Vaelin. — Lembre-se: empurre e puxe, não apenas puxe.

Reva franziu a testa, irritada, mas fez o que ele disse, e a flecha cravou-se com firmeza dentro do círculo. Ela lhe fez uma careta presunçosa, o mais próximo que já chegara de sorrir, e foi recolher as flechas. Seu cabelo estava crescendo, e ela havia perdido boa parte da magreza que tinha na ocasião do ataque fracassado nos arredores de Warnslave. A comida de Ellora estava ajudando consideravelmente para o aumento de sua massa muscular.

Não haviam falado sobre os foras da lei desde Rhansmill. Vaelin sabia que pouco adiantaria repreendê-la; a força da ligação dela com seu deus era tamanha que qualquer sugestão de que tivesse agido mal provocaria apenas uma rejeição desdenhosa e outro discurso sobre o amor do Pai. Aqueles homens haviam sido um obstáculo no caminho dela até a espada do Lâmina Fiel, um impedimento da vontade do Pai do Mundo. Assim, ela os eliminou, e o fardo de matá-los parecia não pesar em sua alma. Contudo, Vaelin sabia que, no fundo, ela sentia alguma culpa. A canção do sangue era sempre triste quando seus pensamentos tocavam Reva, com notas dissonantes e sombrias. Ela fora ferida, transformada por alguém nessa assassina resoluta. Vaelin sabia que ela sentiria o peso daquele fardo em algum momento, mas não sabia quantos anos e mortes ainda se passariam.

Então por que você não a deteve? Ele permanecera deitado quando Reva se levantara e saíra às escondidas, lançando a canção do sangue no encaço dela e escutando a melodia oscilar com o ímpeto dissonante das notas agudas que

sempre indicavam assassinatos. Porém não fora atrás dela; a canção o advertira a não ir, explodindo como um alarme quando ele começou a se levantar com a intenção de segui-la, desarmar os homens quando os encontrasse e buscar os guardas. A canção havia negado e Vaelin aprendera a prestar atenção em sua música. As foras da lei eram escória e mereciam a morte, sem dúvida; eram um obstáculo tanto à sua missão quanto aos objetivos de Reva. Ser reconhecido seria um fardo, um que ele sempre detestou, de modo que permanecera deitado, fechando os olhos quando ela retornou, entrou embaixo das cobertas e caiu em um sono tranquilo.

— Pronto para partir, meu senhor? — perguntou Janril Norin. Os outros artistas já haviam guardado suas coisas e seguiam em direção à estrada.

— Andaremos um pouco — respondeu Vaelin, fazendo sinal para o menestrel ir na frente.

Reva colocou o saco de palha na traseira do carroção e o seguiram.

— Falta muito? — A pergunta se tornara uma espécie de ritual diário.

— Mais uma semana, pelo menos.

Ela grunhiu.

— Não sei por que você não pode me dizer onde está a espada. Esse bando oferece todo o disfarce de que você precisa.

— Temos um acordo. Além disso, você ainda não domina o arco.

— Sou boa o bastante. Matei aquele veado na outra noite, não matei?

— Matou, mas há outras armas além do arco.

O olhar dela exibiu a relutância aborrecida que Vaelin sabia que significava um debate interno. *Ela está se perguntando por que a treino mesmo sabendo que ela pretende me matar.* Era uma pergunta que ele também se fazia. Com ou sem sua ajuda, as habilidades de Reva aumentariam, e ela já era formidável. No entanto, a melodia da canção do sangue era enfática sempre que ele a treinava, portanto isso era necessário.

— A espada — disse ela após alguns momentos brigando com sua consciência. — Você vai me ensinar a usar a espada?

— Se você quiser. Começaremos essa noite.

Reva soltou um bufo que pode ter sido de prazer e disparou adiante, saltando para a traseira do carroção e subindo para a cobertura, onde se sentou de pernas cruzadas para observar a região pela qual passavam. *Estranho que ela não tenha noção da própria beleza,* pensou Vaelin, observando seu cabelo ruivo reluzindo ao sol da manhã.

— A primeira coisa a aprender é como segurar a espada — disse Vaelin, tocando sua vara de freixo na dela, movendo-a para o alto e para o lado em um borrão e arrancando-a da mão de Reva, rodopiando no ar. Ele agarrou a vara que caía e jogou-a de volta para a garota.

Reva aprendia depressa, como Vaelin sabia que ela faria, dominando o

modo de segurar e os fundamentos de defesa e estocada na primeira noite. Ao final do terceiro dia, ela já conseguia executar a mais simples das séries de espada de Mestre Sollis de forma quase perfeita e com considerável graça.

— Quando vou usar aquela espada? — perguntou ela ao término do quarto treino, apontando para o embrulho de lona encostado em uma roda do carroção. Ela estava suando um pouco após o combate; era a parte de que mais gostava, pois tinha a oportunidade de causar alguma dor ao Lâmina Negra, ainda que até o momento todas as suas tentativas tivessem sido frustradas, mas não sem dificuldade.

— Nunca. — Reva desviou o olhar, e Vaelin conseguiu compreender a intenção dela sem qualquer ajuda da canção do sangue. — E se você a pegar enquanto eu estiver dormindo, essas lições acabarão. Entendeu?

Ela lhe lançou um olhar furioso.

— Por que carrega a espada se nunca vai usá-la?

Uma pergunta justa, ele sabia, mas não algo que quisesse discutir.

— Ellora está fazendo o jantar — disse ele, retornando ao carroção.

A frieza da dançarina diminuía pouco a pouco à medida que viajavam para o norte, mas Vaelin sabia que sua presença ainda a deixava nervosa. A cada seis dias, ela passava uma hora longe do círculo dos carroções dos artistas, sentada, de olhos fechados, murmurando um cântico. Embora não fosse mais um irmão, sua história era bastante conhecida, e aqueles com a crença de Ellora tinham boas razões para temer a Ordem. Porém, Vaelin ficara surpreso ao vê-la realizando rituais Negadores tão abertamente.

— As coisas mudaram no Reino, meu senhor — explicou Janril. — Um ano após subir ao trono, o Rei aboliu as censuras às crenças Negadoras. Já não há infelizes sem língua pendurados em forcas, de modo que Ellora pode recitar seu credo Ascendente de forma aberta, se quiser. Embora seja melhor não ser tão aberta.

— O que levou o Rei a fazer isso?

— Bem... — A voz de Janril tornou-se um sussurro, mesmo estando sozinhos ali. — O Rei tem uma Rainha, e dizem que ela possui mais do que um interesse passageiro sobre tudo que diz respeito aos Negadores.

A Rainha do Reino Unificado não é da Fé. Esse fato o deixou espantado. Muita coisa pode mudar em cinco anos.

— E as Ordens não fizeram objeção a isso?

— A Quarta Ordem, sim, sem dúvida. O Aspecto Tendris fez inúmeros discursos. Houve algumas reclamações entre o povo, que temia o retorno da Mão Vermelha e assim por diante, mas não houve mais tumultos. Houve muita discórdia após a guerra. Passei meus últimos dois anos nos Lobos Corredores suprimindo tumultos e rebeliões ao longo de todo Asrael. Desde então, a maioria da população só quer uma vida tranquila.

No dia seguinte, atravessaram as planícies que cobriam as regiões ao sul do Rio Salgado, com grandes campos de trigo e flores amarelas que se estendiam para

longe em ambos os lados da estrada. Vaelin pediu que Janril parasse em uma encruzilhada alguns quilômetros antes de Haeversvale.

— Tenho assuntos a tratar na estrada leste — disse ele, descendo do carroção. — Encontro vocês na cidade hoje à noite.

Reva pulou do carroção e seguiu ao lado de Vaelin.

— Você não precisa vir — disse ele.

Ela ergueu uma sobrancelha, com uma expressão sardônica, e não disse nada. *Ela ainda acha que vou fugir, deixando-a sem a espada*, pensou ele, contorcendo-se por dentro ao pensar na reação de Reva quando ouvisse o que ele tinha a dizer sobre a espada de seu pai.

Após alguns quilômetros de caminhada, chegaram a uma pequena aldeia em meio a um arvoredo de salgueiros. As construções eram precárias, com caixilhos de janelas vazios, portas arrancadas ou que pendiam de dobradiças enferrujadas e vigas à mostra entre telhados de colmo cada vez mais finos.

— Ninguém vive aqui — disse Reva.

— Não, há anos.

Os olhos de Vaelin percorreram a aldeia até notarem uma pequena cabana debaixo do salgueiro mais alto. Ele entrou na construção, encontrando o chão coberto de pó e tijolos caídos junto à lareira. Vaelin ficou parado no meio do aposento, de olhos fechados, e começou a cantar.

Ela ria muito. Seu pai a chamava de Risadinha. Os tempos eram difíceis, passavam fome com frequência, mas ela sempre encontrava uma razão para rir. Ela era feliz aqui. A canção mudou um pouco quando ele adentrou mais o recinto, tornando-se mais funesta. *Sangue derramado no chão, um homem gritando, agarrando a perna ferida. Um soldado, pela sua aparência, com o brasão de uma nobre casa asraelina na túnica. Uma garota de não mais do que catorze anos pegou um atizador incandescente e o pressionou contra o ferimento. O soldado gritou e desmaiou.*

“Essa garota tem talento para isso”, disse outro soldado, um sargento, pelo seu porte. Ele jogou uma moeda de prata para a garota, mais dinheiro do que ela jamais tivera na vida. “Deixa até a Quinta Ordem para trás com essas habilidades.”

A garota virou-se para a mulher que estava em um canto, olhando nervosa para os soldados. “O que é a Quinta Ordem, mamãe?”

— Vardrian — disse Reva, dissipando a visão. Ela estava parada junto à lareira, lendo uma tabuleta de madeira pregada na parede. — Talvez a família que vivia aqui?

— Sim. — Vaelin foi até a tabuleta e passou os dedos sobre as letras entalhadas com precisão e pintadas com tinta branca e descascada.

— Você está sangrando.

Era apenas um pingo no lábio superior. Acontecera algumas vezes em sua cela, quando cantara em vez de escutar. Quanto mais alta a canção, mais sangue escorria de seu nariz ou, na ocasião em que tentara alcançar o Extremo Ocidente através do vasto oceano, de seus olhos. *É o preço que pago*, dissera a mulher cega. A verdade se tornava cada vez mais clara: *Todos pagamos um preço por nossos dons.*

— Não é nada — disse ele, limpando o pingo de sangue, deixando a tabuleta no lugar e saindo da cabana.

Passados mais dois dias, avistaram a ponte sobre o Rio Salgado. O que antes fora madeira agora era pedra, e a nova passagem era mais larga e resistente do que a anterior.

— O Rei gosta de construir — disse Janril, jogando ao mestre da ponte uma bolsa com moedas suficientes para pagar o pedágio para os carroções dos artistas. — Pontes, bibliotecas, casas de cura. Demolir o antigo, construir o novo. Alguns o chamam de Malcius, o Pedreiro.

— Há nomes piores — retorquiu Vaelin. Ele estava sentado no interior do carroção, receoso de mostrar-se até mesmo com o capuz já que estavam tão perto da capital. *Açougueiro, louco, maquinador, invasor. Janus fez por merecer todos esses nomes.*

Rumaram para a grande extensão relvada que recebia a Feira de Verão todos os anos. Uma grande quantidade de caravanas de outros artistas já estava reunida, junto com numerosos mascates e artesãos que compareciam para vender suas mercadorias, e um grupo de carpinteiros já começara a construir a arena de madeira onde os cavaleiros renfaelinos se enfrentariam no torneio. Vaelin esperou anoitecer antes de sair do carroção. Ofereceu a Janril sua última moeda, sabendo que seria recusada, e despediu-se do menestrel com um abraço.

— Não precisa desse lugar, meu senhor — disse Janril. Seus olhos brilhavam e ele sorria forçado. — Fique conosco. O povo pode cantar canções sobre o senhor, mas poucos nobres apreciarão seu retorno. Há apenas inveja e traição dentro daquelas muralhas.

— Há coisas que preciso fazer aqui, Janril, mas agradeço a oferta. — Ele apertou os ombros do menestrel uma última vez, recolheu o embrulho de lona e partiu em direção ao portão da cidade. Reva logo apareceu ao seu lado.

— Bem? — perguntou ela.

Vaelin não parou.

— Você deve ter notado que estamos em Varinshold — continuou ela, gesticulando para as muralhas da cidade. — Conforme nosso acordo.

— Logo.

— Agora!

Vaelin parou e a encarou.

— Você terá sua resposta logo — disse ele, com a voz baixa e precisa. — Agora, venha comigo ou fique aqui. Tenho certeza de que Janril terá lugar para outra dançarina.

Reva olhou para os portões da cidade com uma mistura de desconfiança e desprezo.

— Nem entramos ainda e a cidade já fede como o banheiro de um porco — ela resmungou, seguindo Vaelin.

A casa de seu pai já fora imensa, um imponente castelo em sua mente de menino enquanto corria pelos corredores e pelo terreno em um frenesi incansável de heroísmo imaginado, achando que a espada de madeira era um terror tanto para criados quanto para os animais de criação. O grande carvalho que estendia seus galhos sobre o teto inclinado fora seu arqui-inimigo, um gigante que aparecera para derrubar as muralhas do castelo. A inconstância da infância às vezes transformava o gigante em um amigo, e Vaelin aninhava-se nos seus grossos braços enquanto observava o pai treinar um cavalo de guerra no acre e meio de relva entre os estábulos e a margem do rio.

Nunca lhe parecera estranho não ter amigos reais e conhecer apenas os filhos e filhas dos criados com os quais tinha os mais breves momentos de brincadeira antes que sua mãe os mandasse embora, com gentileza, mas firme. “Não os incomode, Vaelin. Eles têm coisas melhores para fazer.” Mais tarde, percebeu que a mãe o mantinha deliberadamente afastado das outras crianças; uma amizade verdadeira apenas complicaria as coisas quando chegasse a hora de entrar para a Ordem.

A casa encolhera durante os muitos anos que se passaram, e não somente ao seu olhar adulto. O telhado estava arqueado e necessitava urgentemente de reparos; as paredes estavam opacas e acinzentadas com a cal envelhecida. Pelo menos metade das janelas estava fechada com tábuas de madeira e nas outras faltavam mais do que algumas vidraças. Até mesmo os galhos do grande carvalho estavam curvados; o gigante estava envelhecendo. Vaelin viu um fogo ardendo através de uma das janelas, apenas uma centelha de calor na casa inteira.

— Você cresceu aqui? — perguntou Reva, surpresa. A chuva começara a cair com força enquanto passavam pelo quadrante norte até a Esquina do Vigia, e as gotas grossas caíam do capuz dela. — As canções dizem que você é um plebeu, saído das ruas. Isso é um palácio.

— Não — murmurou ele, seguindo em frente. — É um castelo.

Vaelin parou diante da porta principal. “A porta de qualidade”, como uma das criadas a chamara, uma mulher jovial e rechonchuda que o fez sentir vergonha por não conseguir mais se lembrar do seu nome. *Porta de qualidade para pessoas de qualidade*. Olhando para o sino manchado e opaco, com a corda esfarrapada, ele se perguntou quantas pessoas de qualidade o haviam usado recentemente. Estava observando a corda balançar na chuva quando Reva deu uma fungada alta e deliberada. Vaelin respirou fundo e puxou a corda.

O eco do sino já havia desaparecido há alguns minutos quando um grito abafado foi ouvido do outro lado da porta.

— Vá embora! Eu ganhei outra semana! O magistrado decretou! Há um herói poderoso da guerra alpirana no andar de cima, e ele vai cortar fora suas mãos se não nos deixar em paz!

Ouviu-se o leve som de passos se afastando. Vaelin trocou um olhar com Reva e tocou o sino novamente. Dessa vez, a espera foi mais curta.

— Muito bem! Você foi avisado! — A porta se abriu, e eles viram uma

jovem com um balde cujo conteúdo parecia úmido e malcheiroso. — Lavagem de uma semana para voc... — A mulher estacou ao vê-lo, e o balde lhe escorregou das mãos. Ela se encolheu contra a parede, com os olhos arregalados, levando as mãos ao rosto.

— Irmã — disse Vaelin. — Posso entrar?

Vaelin quase teve de carregá-la até a cozinha onde ela parecia morar, a julgar pelo vazio gélido em cada aposento pelo qual passaram. Sentou-a em um banco diante do fogão, tomando-lhe as mãos trêmulas e frias. Os olhos da mulher pareciam grudados no rosto dele.

— Eu pensei... Você estava encapuzado... Por um momento, pensei... — Ela piscou para afastar as lágrimas.

— Desculpe...

— Não... — Ela levou as mãos ao rosto dele, sorrindo enquanto as lágrimas caíam. Os olhos escuros e ávidos da garotinha que encontrara naquele distante dia de inverno ainda estavam ali, mas a feminilidade lhe dera o tipo de graça que Vaelin sabia que podia ser perigoso, especialmente vivendo sozinha em uma casa arruinada. — Irmão. Eu sempre soube... Jamais duvidei...

Ouviu-se um barulho quando Reva largou o balde cheio de lavagem em um canto.

— Alornis, essa é Reva. Minha... — Vaelin parou quando ela ergueu uma sobrancelha escondida nas profundezas do capuz. — Companheira de viagem.

— Bem... — Alornis usou o avental para enxugar as lágrimas e levantou-se. — Se estavam viajando, devem estar famintos.

— Sim — disse Reva.

— Estamos bem — insistiu Vaelin.

— Bobagem — escarneceu Alornis, indo em direção à dispensa. — Lorde Vaelin Al Sorna recebido em sua própria casa por uma garota chorona que não pode sequer oferecer uma refeição. Inaceitável.

A refeição foi frugal, com pão, queijo e restos bastante temperados do que fora no máximo meia galinha.

— Sou uma péssima cozinheira — confessou Alornis. Vaelin notou que ela não comera nada. — Esse era o talento de minha mãe.

Reva comeu até a última migalha do prato e soltou um pequeno arreto.

— Não estava tão ruim.

— Sua mãe? — perguntou Vaelin. — Ela... não está aqui?

Alornis sacudiu a cabeça.

— Foi logo depois do inverno. A maldita tosse. A Aspecto Elera foi muito gentil, fez tudo o que pôde, mas... — Ela se calou, com os olhos baixos.

— Sinto muito, minha irmã.

— Você não deveria me chamar assim. A Lei do Rei diz que não sou sua irmã, que esta não é minha casa e que tudo que foi de nosso pai pertence ao Reino. Tive de implorar ao magistrado para ficar aqui por mais um mês até que os oficiais venham atrás do resto. E ele só deixou porque Mestre Benril disse que

pintaria seu retrato sem cobrar nada.

— Mestre Benril Lenial da Terceira Ordem? Você o conhece?

— Sou sua aprendiz. Bem, na verdade mais uma assistente não remunerada, mas estou aprendendo muito. — Ela gesticulou em direção à parede oposta, onde várias folhas de pergaminho haviam sido pregadas. Vaelin levantou-se e aproximou-se, admirando os desenhos. Os temas eram vastos e variados: um cavalo, um pardal, o velho carvalho do lado de fora da casa, uma mulher carregando uma cesta de pães, todos reproduzidos em carvão ou tinta com uma clareza quase assombrosa.

— Pelo Pai... — Reva se colocara ao lado de Vaelin e olhava para os desenhos com o tipo de admiração estupefata que ele pensara estar além da capacidade dela. O olhar que lançou à irmã de Vaelin foi de espanto e até mesmo um pouco temeroso. — Isso é coisa das Trevas — sussurrou ela.

Alornis conseguiu conter o riso por um ou dois segundos antes de soltar uma gargalhada.

— São apenas marcas em papel. Sempre fiz isso. Desenharei você, se quiser.

Reva lhe virou as costas.

— Não.

— Mas você é tão bonita... Daria uma bela modelo...

— Eu disse não! — Reva foi até a porta, com o rosto sério e irritado, e então parou. Vaelin notou como os nós dos dedos da garota ficaram brancos, apertando o batente da porta, e ouviu uma nota baixa e ritmada da canção do sangue. Ele a ouvira antes, mais tênue, quando começaram a viagem com os artistas de Janril e notou Reva observando Ellora praticar uma de suas danças. Seu olhar fora arrebatado, fascinado, e então, de repente, furioso. Ela fechou os olhos com força, e Vaelin a viu murmurar uma de suas preces ao Pai do Mundo.

— Minhas desculpas — disse ela, ainda sem olhar para Alornis. — Esta não é minha casa. — Ela olhou para Vaelin. — Esta noite é para você e sua irmã. Encontrarei um quarto para dormir. — O tom dela tornou-se mais firme. — Concluiremos nosso assunto pela manhã. — Dito isso, Reva saiu para o corredor. Ouvia-se apenas o mais leve arrastar de pés enquanto ela andava pela casa; seus movimentos furtivos lhe eram naturais.

— Sua companheira de viagem? — perguntou Alornis.

— Encontra-se pessoas de todos os tipos na estrada. — Ele voltou para a mesa. — Meu pai realmente a deixou sem nada?

— Não foi culpa dele. — Havia certa irritação no seu tom. — O pouco dinheiro que tínhamos acabou depressa quando veio a doença. As terras que ele tinha e direitos à pensão desapareceram quando deixou de ser o Senhor da Batalha. Seus amigos, homens com quem havia guerreado, ignoravam-no. Não foi uma época fácil, irmã.

Vaelin pôde ver a censura no olhar da irmã, ciente de que a merecia.

— Não havia lugar para mim aqui — disse ele. — Ou era o que eu pensava. Você o conhecia, cresceu sob o olhar dele. Eu não. Quando ele não estava na guerra, estava treinando seus cavalos ou seus homens. E quando estava aqui... *O homem alto de olhos negros olhava para o menino com a espada de madeira, e*

nenhum sorriso surgiu em seus lábios quando o menino investiu contra ele, rindo, mas também implorando. “Ensine-me, pai! Ensine-me! Ensine-me!” O homem de olhos negros desviou a espada e mandou um criado levar o menino para casa, virando-se para continuar a escovar o cavalo...

— Ele amava você — disse Alornis. — Ele nunca mentiu para mim. Eu sempre soube quem você era, quem eu era, e que não tínhamos a mesma mãe. E que todas as horas de todos os dias ele desejava com todo o coração não ter atendido ao desejo de sua mãe. Ele queria que você soubesse disso. À medida que a doença piorava, quando já não podia sair da cama, isso era tudo sobre o que ele conseguia falar.

De repente, ouviram algo pesado caindo no chão do andar de cima, a voz alarmada de um homem e um rosnado. *Reva.*

— Ah, não — gemeu Alornis. — Ele geralmente acorda muito depois da décima hora.

Vaelin subiu correndo as escadas e encontrou Reva em cima de um jovem alto e bonito, com a barba por fazer. Ela mantinha sua faca encostada contra a garganta dele.

— Um fora da lei, Lâmina Negra! — exclamou ela. — Um fora da lei na casa de sua irmã.

— Apenas um poeta, posso lhe assegurar — disse o jovem.

Reva curvou-se sobre ele.

— Silêncio! Entrou na casa de uma donzela, não entrou? Sentiu uma coceira nas calças, não é?

— Reva! — gritou Vaelin. Ele não queria tocá-la. A cena na cozinha a deixara prestes a estourar e era provável que qualquer toque a fizesse arrebentar feito uma corda retesada. Ele manteve a voz calma. — Esse homem é um amigo. Deixe-o levantar-se, por favor.

As narinas de Reva se dilataram, e ela soltou um último rosnado antes de rolar para o lado, levantando-se com destreza ao mesmo tempo em que a faca desaparecia na bainha.

— O senhor sempre teve animais de estimação perigosos — disse o jovem, que ainda estava no chão.

Reva avançou de novo, mas Vaelin colocou-se entre os dois, oferecendo uma das mãos ao jovem e erguendo-o em meio a um odor de vinho barato.

— Não deveria provocá-la, Alucius — disse ele. — Ela é uma aluna melhor do que você jamais foi.

Alucius Al Hestian estava sentado no poço de tijolos vermelhos que ficava no pátio, piscando à luz do sol matutino, com os olhos escuros e vermelhos, e bebericando de um cantil quando Vaelin juntou-se a ele. O treino com Reva fora mais vigoroso do que o usual. Ela tinha raiva de sobra acumulada na noite anterior e parecia mais determinada do que nunca a acertar-lhe pelo menos um golpe com a vara de freixo. Derrotá-la não fora tão fácil, e a camisa de Vaelin estava ensopada de suor.

— Amigo de Irmão? — perguntou ele, indicando com a cabeça o cantil enquanto içava o balde do poço.

— É chamado de Sangue de Lobo atualmente — respondeu Alucius, erguendo o cantil em saudação. — Alguns dos seus ex-soldados empreendedores abriram uma destilaria com as pensões que receberam e começaram a produzir garrafas da bebida favorita do regimento. Ouvi dizer que já estão tão ricos quanto mercadores do Extremo Ocidente.

— Bom para eles. — Vaelin colocou o balde na beirada do poço e usou a concha de madeira para levar água à boca. — Seu pai está bem?

— Ele ainda odeia você, se é o que quer saber. — O sorriso de Alucius desapareceu. — Mas ele está mais... sossegado. O Rei agora tem um novo Senhor da Batalha.

— Alguém que eu conheça?

— Sem dúvida: Varius Al Trendil. Herói da Colina Sangrenta e da tomada de Linesh.

Vaelin lembrava-se do homem taciturno engolindo palavras raivosas produzidas por sua ganância frustrada.

— Muitas vitórias em seu nome?

— Não houve uma batalha real desde a Revolta do Usurpador, mas ele foi particularmente eficiente em suprimir todos aqueles tumultos e rebeliões.

— Entendo. — Vaelin tomou outro gole e sentou-se ao lado de Alucius. — Sou obrigado a fazer uma pergunta indelicada.

— Por que um poeta bêbado está dormindo na casa de sua irmã?

— Exatamente.

— Ele acha que está me protegendo — disse Alornis, parada junto à porta da cozinha. — A comida está pronta.

Alornis serviu uma porção escassa de presunto e ovos, que desapareceu no instante em que tocou o prato de Reva. Vaelin viu que ela estava resistindo ao impulso de pedir mais, mas seu estômago não conteve um ronco alto.

— Aqui. — Alucius empurrou seu prato intocado para ela, com o cantil destampado ainda na mão. — Uma oferta de paz. Não quero que você corte minha garganta por uma refeição.

Reva fez uma careta, mas aceitou a comida.

— Nosso pai morreu há três anos — disse Vaelin a Alornis. — Por que o Rei demorou tanto para reclamar a propriedade?

Ela encolheu os ombros.

— Quem pode dizer? Talvez os caminhos tortuosos da burocracia.

O navio que o transportara das Ilhas Meldeneanas atracara em Torre Sul havia pouco mais de um mês, tempo suficiente para um cavalo veloz ir até a capital. *Um homem tão odiado quanto você deveria esperar ser reconhecido.* Vaelin suspeitava que a burocracia corria muito mais rápido do que sua irmã imaginava.

— A propósito, fico feliz por você estar vivo, Alucius — disse ele ao poeta. — Caso eu não tenha dito isso antes.

— Não disse. Obrigado.

— Você estava entre o grupo que abriu caminho lutando até as docas, não

estava?

Alucius olhou para a mesa e tomou outro gole de Sangue de Lobo.

— O senhor me disse para ficar perto do meu pai. Foi um bom conselho.

Pela segura do tom e a sombra nos olhos de Alucius, Vaelin achou melhor deixar o assunto de lado.

— Do que exatamente você está protegendo minha irmã?

Ele se animou um pouco.

— Ah, as coisas de sempre, foras da lei, vagabundos... — Ele lançou a Reva um olhar penetrante. — Negadores geniosos com facas afiadas, Fervorosos que querem importunar a família do grande Irmão Vaelin em busca de palavras de apoio.

Vaelin franziu o rosto.

— Fervorosos? O que é isso?

— Aqueles que são fervorosos em sua Fé. Começaram a aparecer após o Édito de Tolerância do Rei. Eles se reúnem, agitam bandeiras e às vezes atacam pessoas que suspeitam estarem envolvidas com práticas Negadoras. Chamam a si mesmos de os verdadeiros seguidores da Fé e recebem apoio público do Aspecto Tendris. As outras Ordens são menos entusiásticas. — Sua expressão tornou-se mais séria. — Seu retorno será uma grande alegria para eles. O maior campeão da Fé levado à uma masmorra Negadora por uma traição da dinastia Al Nieren. Receio que terão expectativas pouco realistas, meu senhor.

Reva levantou a cabeça e inclinou-a na direção da janela quebrada na parede voltada para o sul.

— Cavalos.

Vaelin olhou para a porta aberta e ouviu o tropel de cascos nas pedras. A nota da canção do sangue era de reconhecimento, mas tinha também um ténue trinado de aviso. Conteve-a o melhor que pôde e foi para fora.

O Irmão Caenis Al Nysa puxou as rédeas do cavalo e desmontou no pátio. Depois de encarar Vaelin em silêncio por um momento, avançou com os braços abertos e um sorriso brilhante nos lábios. Abraçaram-se com todo o afeto que se espera de irmãos reunidos; o aperto de Caenis foi vigoroso, e um pequeno estremecimento lhe escapou do peito. Contudo, a canção do sangue trinava seu aviso...

O rosto dele estava mais magro, com novas rugas nos cantos dos olhos, e havia até mesmo alguns fios grisalhos nas têmporas. A vida na Ordem não rendia uma juventude prolongada. No entanto, parecia tão forte quanto antes, até mesmo um pouco mais largo nos ombros. Apesar de nunca ter tido uma aparência imponente, Caenis possuía agora um palpável ar de autoridade, talvez causado pelo losango vermelho costurado no manto azul-escuro.

— E ainda por cima é Irmão Comandante? — perguntou Vaelin.

Estavam caminhando pela relva à beira do rio. O Rio Salgado estava cheio após a chuva durante a noite; a água ameaçava transbordar sobre o dique de terra que o pai de Vaelin construía para se proteger contra inundações.

— Comando o regimento agora — respondeu Caenis.

— O que significa que tenho a honra de me dirigir ao Lorde Caenis Al Nysa, Espada do Reino?

— Sim. — Caenis não parecia particularmente orgulhoso de sua ascensão, o que não condizia com o homem do qual Vaelin se lembrava. Quando mais jovem, Caenis fora o súdito mais leal que a linhagem Al Nieren poderia desejar, mas Vaelin lembrava-se da perplexidade que tomou conta de seu irmão com a traição de Janus em Linesh, quando ficou claro que o sonho do velho maquinador de formar um Reino Unificado Maior era impossível. *Ele nunca comete erros...*

Caenis observou a correnteza veloz do rio em silêncio por um momento.

— Barkus — disse ele, por fim. — O capitão do navio que o estava levando para casa tinha uma história fantástica para contar, sobre como o grande irmão ameaçara cortar a cabeça dele com um machado se não levasse a embarcação de volta à costa alpirana. Quando chegaram aos bancos de areia, ele pulou a amurada e nadou até a praia.

— Quanto lhe contaram?

Caenis virou-se para ele, encarando-o.

— Aquele Que Aguarda. Era mesmo Barkus?

Então contaram a ele. Quanto mais ele sabe?

— Não, era algo que vivia dentro de sua pele. Barkus morreu durante o Teste da Natureza.

Caenis fechou os olhos, com a cabeça baixa, e soltou um suspiro de imenso pesar. Após um momento, ergueu a cabeça, forçando um sorriso.

— Com isso, restamos apenas nós dois, irmão.

Vaelin retribuiu com um sorriso discreto.

— Na verdade, resta apenas você, irmão.

Caenis entrelaçou as mãos e falou em um tom sério:

— A Irmã Sherin se foi, Vaelin. Eu não disse nada ao Aspecto...

— A Irmã Sherin e eu estávamos apaixonados. — Vaelin abriu os braços e gritou, e as palavras foram levadas pelo rio. — Eu estava apaixonado pela Irmã Sherin!

— Irmão! — sussurrou Caenis, olhando em volta alarmado.

— E não foi uma transgressão — prosseguiu Vaelin, baixando a voz para um tom irritado. — Não foi *errado*! Foi glorioso, irmão. E abri mão dela. Eu a perdi para sempre no meu último serviço à Ordem. E, para mim, chega. Diga ao Aspecto, diga ao Reino inteiro se quiser. Não faço mais parte da sua Ordem e não sigo mais a Fé.

Caenis ficou imóvel. Sua voz tornou-se um sussurro.

— Sei que os anos de aprisionamento devem ter abalado seu espírito, mas sem dúvida foi a ajuda dos Finados que o trouxe de volta a nós.

— É tudo uma mentira, Caenis. Tudo. É tão mentira quanto qualquer outro deus. Quer saber o que a coisa dentro de Barkus disse antes que eu a matasse?

— Basta!

— Disse que uma alma sem corpo é algo arruinado e miserável...

— Eu disse basta! — Caenis estava branco e enfurecido, recuando como se a descrença de Vaelin fosse contagiosa. — Você escuta algo vil dito por uma

criatura das Trevas e toma como verdade. Meu irmão nunca foi tão crédulo, nunca foi tão facilmente enganado.

— Eu sempre consigo ouvir a verdade, irmão. É minha maldição.

Caenis lhe deu as costas, controlando-se com certo esforço. Quando se virou de novo, havia uma nova severidade em seu olhar.

— Não me chame de irmão. Se você nega a Ordem e a Fé, nega a mim.

— Você é meu irmão, Caenis. Sempre será. Você sabe que nunca foi a Fé que nos uniu.

Caenis o encarou, com fúria e mágoa cintilando nos olhos, e se virou para ir embora. Parou após alguns passos e falou por sobre o ombro em um tom forçado.

— O Aspecto deseja vê-lo. Ele pediu que eu deixasse claro que é um pedido, não uma ordem. — Caenis retomou a caminhada.

— Frentis! — gritou Vaelin às suas costas. — Tem notícias dele? Sei que ele ainda está vivo.

Caenis não se virou.

— Fale com o Aspecto!

CAPÍTULO QUATRO

Lyrna

A Princesa Lyrna Al Nieren nunca gostara de cavalgar. Achava que os cavalos eram uma companhia enfadonha e que a dureza da sela provavelmente criaria feridas em áreas nas quais não poderia pedir que sua criada passasse unguento. Portanto, os muitos quilômetros que seu grupo percorrera na viagem ao norte não melhoraram em nada seu humor. Contudo, o mesmo podia ser dito sobre os últimos cinco anos.

A chuva para em algum momento?, pensou, olhando por debaixo do capuz do manto com barra de arminho para a chuva que caía torrencialmente na paisagem cinzenta. Haviam partido de Cardurin cinco dias antes, e a chuva não parara uma vez sequer.

O Lorde Comandante Nirka Al Smolen parou o cavalo ao lado da princesa e bateu continência; a chuva escorria sobre seu peitoral em regatos inconstantes.

— Apenas mais oito quilômetros, Alteza.

Havia uma tensão em sua voz. Aquela viagem sem fim a deixava menos contida em suas repreensões, e ela sabia que sua língua podia ferir como uma vespa irritada. Ao ver a cautela no rosto do homem, ela suspirou. *Dê uma folga ao homem, sua bruxa odiosa.*

— Obrigada, Lorde Comandante.

Ele bateu continência de novo, e o pequeno alívio trouxe alguma cor à sua face ao avançar a galope para fazer o reconhecimento da rota, acompanhado por cinco Guardas Montados. Outros cinquenta homens posicionaram-se ao redor da princesa e das duas damas que escolhera para a acompanharem até o norte, garotas fortes de propriedades de campo, de posição mais mediana do que a maioria de suas acompanhantes, mas que não eram dadas a risinhos ou reclamações de desconforto. Lyrna cutucou Sable com o joelho e seguiram adiante, subindo pelo caminho rochoso até a fenda estreita e escura do Passo Skellan.

— Alteza, se me permite — disse Nersa, a mais alta das duas damas. Ela era mais corajosa do que Jullsa, que tendia a ficar em silêncio por muito tempo após as repreensões mais mordazes de Lyrna.

— O que é? — perguntou Lyrna, sentindo cada pontada das ancas de Sable, apesar da grossura da sela.

— Há alguma chance de vermos um hoje, Alteza?

Nersa estava fascinada com a perspectiva de colocar os olhos em um lonak desde que partiram de Varinshold. Lyrna atribuía isso à curiosidade mórbida da juventude, como uma criança que cutuca com um graveto as entranhas de um cão morto. Porém, até então o caminho estivera livre dos lendários homens-lobo, pelo menos até onde sabiam. *Ninguém sabe se esconder tão bem quanto um lonak, Alteza*, advertira o Irmão Comandante em Cardurin, um homem grande e forte, com olhos astutos e brilhantes. *Vocês não os verão, mas, pelos Finados, eles verão vocês antes que se afastem quinze quilômetros desta cidade.*

Vendo o passo assomar-se à medida que se aproximavam de uma caverna sombria que atravessava a montanha, Lyrna avistou o primeiro sinal de fortificação, uma torre larga que cobria a passagem sul, com uma pequena mancha azul nas ameias. Sem dúvida, algum irmão solitário na vigia matutina.

— Se não os vemos aqui, então não os veremos — disse a Nersa. Apesar da confiança de seu irmão, Lyrna ainda tinha grandes dúvidas sobre toda aquela empreitada. *Eles poderiam realmente querer a paz após tantos séculos?*

O Irmão Comandante à espera na torre havia passado dos quarenta anos, tinha cabelos grisalhos e olhos claros debaixo de uma fronte marcada por cicatrizes. Saudou-os com uma voz áspera resultante de muitas guerras, curvando-se ao máximo permitido pela formalidade.

— Alteza.

— Irmão Comandante Sollis, não é? — Lyrna desmontou de Sable, resistindo à tentação de esfregar o traseiro adormecido.

— Sim, Alteza. — Sollis endireitou-se e gesticulou para dois outros irmãos que estavam por perto. — Os Irmãos Hervil e Ivern também nos acompanharão para o norte.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Apenas três homens? O Aspecto garantiu ao Rei seu total apoio a essa missão.

— Há apenas sessenta irmãos para defender este passo, Alteza. Não posso abrir mão de mais. — A determinação no tom de voz do homem dizia a Lyrna que nenhuma intimidação régia faria com que mudasse de opinião. Ouvira falar sobre ele, é claro, o famoso mestre espadachim da Sexta Ordem, flagelo de lonaks e foras da lei, sobrevivente da queda de Marbellis... Mestre de Vaelin Al Sorna.

Pai, eu lhe imploro...

— Como queira, irmão — disse ela, com um de seus melhores sorrisos, gracioso, sem ser deslumbrante demais, e com a dose certa de admiração pelo irmão zeloso. — Obviamente eu jamais questionaria seu julgamento em tais questões.

O irmão olhou para ela com os olhos claros. Seu rosto não revelava nenhuma emoção.

Pelo menos esse é diferente.

— A guia está aqui?

— Sim, Alteza. — Sollis afastou-se para o lado, dando passagem e gesticulando para a torre. — Providencie para que fosse preparada comida.

— Muito gentil de sua parte.

O interior da torre havia sido esfregado com vigor, mas ainda conservava o enjoativo odor de suor de homens vivendo muito próximos. Lyrna viu as simples e abundantes travessas de comida sobre a mesa diante da lareira, notando os assentos vazios, assim como o resto da câmara.

— A guia? — perguntou a Sollis.

— Por aqui, Alteza. — O irmão dirigiu-se até uma porta pesada nos fundos da câmara e enfiou uma chave no grande cadeado preso ao trinco. — Fomos obrigados a deixá-la lá embaixo. — Ele abriu a porta, revelando degraus de pedra, e tirou uma tocha de um suporte de ferro na parede. — Se fizer a bondade de me seguir...

Lyrna virou-se para Nersa e Jullsa.

— Senhoras, fiquem aqui, por favor, e desfrutem da refeição que os irmãos tiveram a gentileza de preparar. Lorde Comandante, venha comigo, por favor.

Smolen e ela desceram os degraus sinuosos atrás de Sollis até uma pequena câmara, iluminada apenas por uma janela estreita provida de barras de ferro. Havia uma mulher sentada nas sombras no outro lado da câmara, com as pernas longas envoltas em couro vermelho-escuro esticadas para a luz e os olhos cintilando na penumbra. Ela se mexeu ao avistar Lyrna, agachando-se, e a corrente em volta de seu tornozelo tiniu no chão de pedra.

— Essa é nossa guia? — perguntou a princesa a Sollis.

— Sim, Alteza. — A dureza do seu olhar na direção da mulher nas sombras dizia muito do que ele pensava sobre toda aquela aventura. — Chegou há dois dias trazendo um bilhete da própria Suma Sacerdotisa. Nós lhe demos acomodações como ordenado, mas ela esfaqueou um de meus irmãos na coxa na mesma noite. Achei prudente confiná-la aqui.

— Ela teve motivo para atacar o irmão?

Sollis soltou um pequeno suspiro de desconforto.

— Parece que ele se recusou a saciar o... apetite dela. Um insulto terrível na sociedade lonak, ao que parece.

Lyrna aproximou-se da lonak, e Sollis se manteve dois passos adiante.

— Você tem um nome? — perguntou à mulher.

— Ela não sabe a língua do Reino, Alteza — disse Sollis. — Quase nenhum lonak sabe. Aprender as nossas palavras macula suas almas. — Virou-se para a lonak. — *Esk gorin ser?*

A mulher o ignorou, arrastando um pouco os pés para frente e deixando o rosto visível. Era liso e angular, com maçãs do rosto elevadas; sua cabeça era quase inteiramente calva, exceto por uma longa trança negra que saía do topo da cabeça e descia até o ombro, com uma tira de aço na ponta. Ela vestia um colete fino e tinha uma tatuagem complexa e labiríntica em verde e vermelho desde o ombro esquerdo até o queixo. O olhar da mulher percorreu Lyrna da cabeça aos pés, e seus lábios formaram lentamente um sorriso. Ela disse algo depressa.

— *Ehkar!* — gritou Sollis, aproximando-se com ameaça no olhar.

A mulher o encarou e sorriu ainda mais, exibindo dentes que brilharam na penumbra.

— O que ela disse? — perguntou Lyrna.

Sollis soltou outro suspiro de desconforto.

— Ela... hã... quer comida, Alteza.

Lyrna estudara a língua lonak em um livro, o guia mais abrangente que conseguira encontrar na Grande Biblioteca. Um mestre idoso da Terceira Ordem lhe dera aulas sobre os vários sons vocálicos e as sutis mudanças de ênfase que podiam alterar o significado de uma palavra ou de uma frase. O mestre admitira que seu conhecimento da língua dos homens-lobo era fragmentário e fora embotado pelos anos desde que viajara para o norte quando jovem, quando conhecera a língua através de alguns prisioneiros lonaks dispostos a falar em troca de liberdade. De qualquer forma, Lyrna tinha domínio suficiente da língua para entender as palavras da mulher, mas quis ouvir a tradução do zeloso irmão.

— Insisto que me diga exatamente o que ela disse, irmão — ordenou ela.

Sollis tossiu e falou da forma mais apática possível.

— Quando os homens estão caçando, as mulheres lonaks buscam... consolos noturnos umas com as outras. Se Vossa Alteza fosse do clã, ela preferiria que os homens ficassem caçando para sempre.

Lyrna virou-se para a lonake e apertou os lábios.

— É mesmo?

— Sim, Alteza.

— Mate-a.

A lonak recuou de repente, com a corrente entre os punhos, pronta para repelir um golpe, e com os olhos fixos em Sollis na prontidão para o combate, mesmo que ele não tivesse se movido.

— Parece que ela fala a língua do Reino, afinal de contas — observou Lyrna. — Qual é o seu nome?

A mulher franziu a testa, e então gargalhou, levantando-se. Ela era alta; na verdade, era uns quatro ou cinco centímetros mais alta que Sollis e Smolen.

— Davoka — disse a mulher, erguendo o queixo.

— Davoka — repetiu Lyrna em voz baixa. *Lança, na forma arcaica.* — Que instruções recebeu da Suma Sacerdotisa?

O sotaque de Davoka era forte, mas as palavras foram ditas com suficiente precisão para serem compreendidas.

— Levar a rainha merim her para a Montanha — respondeu ela. — Garantir que ela chegue inteira e viva.

— Sou uma princesa, não uma rainha.

— Ela disse uma rainha. Uma rainha você é. — A certeza nas palavras da mulher serviu para advertir Lyrna de que não seria sensato fazer mais perguntas sobre esse assunto. A escassa coleção de obras sobre a história e a cultura lonak na Grande Biblioteca fora vaga e por vezes contraditória, mas todas concordavam que as palavras da Suma Sacerdotisa não deviam ser questionadas.

— Se eu a soltar, vai esfaquear outros irmãos ou fazer sugestões impróprias que insultem a vocação deles?

Davoka lançou um olhar de desprezo a Sollis, resmungando: *Eu não macularia minhas partes com algum desses paus moles.*

— Não — disse a Lyrna.

— Muito bem. — A princesa assentiu para Sollis. — Ela pode se juntar a nós para jantar.

Davoka sentou-se ao lado de Lyrna para jantar, após lançar um olhar irritado a Julsa para que abrisse espaço. A dama empalidecera e pedira licença para deixar a mesa, fazendo uma reverência a Lyrna antes de partir apressadamente para o aposento que fora designado a ela e Nersa. *Vou mandá-la de volta pela manhã*, decidiu Lyrna. *Não é tão forte quanto eu esperava.* Em comparação, Nersa parecia fascinada por Davoka, olhando-a de relance sobre a mesa e recebendo em troca um ou dois olhares furiosos.

— Você serve a Suma Sacerdotisa? — perguntou Lyrna a Davoka enquanto ela comia, levando fatias de maçã à boca com uma faca de lâmina estreita.

— Todos os lonaks a servem — respondeu Davoka, com a boca cheia.

— Mas você pertence à casa dela?

Davoka soltou uma gargalhada.

— Casa? Há! — Ela terminou a maçã e jogou o caroço na lareira. — Ela tem uma montanha, não uma casa.

Lyrna sorriu e reuniu um pouco de paciência.

— Mas você possui algum papel na montanha?

— Eu a protejo. Apenas mulheres a protegem. Apenas mulheres são de confiança. Os homens agem como loucos em sua presença.

Lyrna lera alguns relatos fantásticos a respeito dos supostos poderes da Suma Sacerdotisa. Homens de coração nobre eram levados a paixões insanas pelo mais breve vislumbre, de acordo com um tomo um tanto lúgubre intitulado *Ritos de Sangue dos Lonaks*. Verdade ou não, todos os relatos apontavam para uma forte crença em seus poderes das Trevas. De fato, fora isso, e não as súplicas de seu irmão, que fizera Lyrna concordar com aquela expedição.

Mesmo com seus muitos anos de estudo, investigações discretas e tortuosas referências cruzadas, Lyrna ainda não encontrara qualquer evidência. *Procure no quadrante oeste pela história do homem caolho*, dissera ele no dia em que roubara um beijo dela diante de toda a Feira de Verão. E ela procurou. A história fora levada a ela pelos poucos criados nos quais podia confiar para buscar respostas no quadrante mais pobre da capital e a princípio parecera absurda. Caolho era rei dos foras da lei e podia dominar homens apenas pela força de sua vontade. Ele bebia o sangue de seus inimigos para adquirir mais poder e violava crianças em rituais sombrios realizados nas catacumbas debaixo da cidade. A única certeza quanto à história era seu final: Caolho fora morto pela Sexta Ordem, alguns diziam que pelo próprio Al Sorna. Todas as fontes concordavam nesse ponto, mas não em muito mais.

E, assim, ela continuou procurando, reunindo relatos vindos de todos os cantos do Reino. Uma garota que podia invocar o vento em Nilsael, um garoto

que podia falar com golfinhos em Torre Sul, um homem visto trazendo os mortos de volta à vida em Cumbrael. Uma centena ou mais de histórias fantásticas, porém, após investigações adicionais, a maioria acabou se revelando exageros, enganos, fofocas ou simples mentiras. Nenhuma evidência. Isso enlouquecia Lyrna, essa ausência de clareza, essa falta de uma resposta, e também a impelia, fazendo com que se aprofundasse nas pesquisas e tornar-se um fardo para o Lorde Bibliotecário com seus constantes pedidos por livros cada vez mais antigos.

A princesa sabia que boa parte desse interesse vinha do simples fato de que não tinha muito mais o que fazer. O reinado de seu irmão a deixara sem um lugar na corte. Ele tinha uma rainha, os pequenos Janus e Dirna para garantir sua linhagem e um suprimento infundável de conselheiros. Malcius gostava de conselhos. Quanto mais, melhor, especialmente quando um conselheiro contradizia outro, o que, é claro, fazia com que ele ordenasse que o assunto em questão fosse sujeito a mais investigações, normalmente tão minuciosas que se passavam vários meses antes que se pudesse chegar a uma conclusão, quando a questão já tinha se resolvido sozinha ou sido deixada de lado por assuntos mais urgentes. De fato, os únicos conselhos que Malcius não escutava eram os oferecidos por sua irmã.

Nunca se esqueça, foram as palavras de seu pai, ditas a uma menina muitos anos antes enquanto ela fingia brincar com as bonecas. *Um homem que pede conselhos está fingindo levá-los em consideração ou é fraco demais para saber o que quer.*

Justiça seja feita, Malcius sempre soube o que queria quando dizia respeito a uma coisa: tijolos e argamassa. “Farei uma terra de maravilhas, Lyrna”, dissera ele uma vez, explicando seu grande plano para transformar o quadrante oeste de Varinshold, onde ruas largas e parques iriam substituir becos estreitos e cortiços. “É assim que garantiremos o futuro. Daremos ao povo um Reino adequado para se viver, não apenas para existir.”

Lyrna o amava, era verdade, um fato que demonstrara da maneira mais terrível, mas seu querido irmão era o mais colossal dos tolos.

— Quantos homens você tem, Rainha? — perguntou Davoka.

Lyrna piscou, surpresa.

— Eu... Tenho cinquenta guardas como minha escolta.

— Não guardas. Homens... Vocês os chamam de esposos.

— Eu não tenho um esposo.

Davoka apertou os olhos.

— Nenhum?

— Não. — Ela tomou um gole de vinho. — Nenhum.

— Eu tenho dez. — A voz de Ionak estava cheia de orgulho.

— Dez esposos! — exclamou Nersa, espantada.

— Sim — assegurou-lhe Davoka. — Nenhum com mais do que uma outra esposa. Não precisam de mais esposas depois de mim! — Ela riu e bateu na mesa com a mão, fazendo Nersa dar um pulo.

— Olhe essa língua, mulher! — rosnou o Lorde Comandante Al Smolen. — Tais conversas não são apropriadas na companhia de Sua Alteza.

Davoka revirou os olhos e pegou outra coxa de frango.

— *Merim her.* — Ela suspirou. *Escória do mar ou entulho levado até a praia, dependendo da entonação.*

— São quantos dias até a Montanha da Suma Sacerdotisa? — perguntou Lyrna.

Davoka segurou a coxa de frango na boca, ergueu todos os dez dedos e repetiu o gesto.

Mais vinte dias na sela. Lyrna reprimiu um gemido e lembrou a si mesma de pedir mais unguento a Nersa.

Jullsa chorou e implorou para ficar. Lyrna lhe deu um dos braceletes de prata com um vitriolo azul incrustado que guardava para tais ocasiões e uma bolsa com dez moedas de ouro, e agradeceu a garota por seu serviço, assegurando-lhe de que escreveria aos pais dela com as palavras mais elogiosas e que ela sempre seria bem-vinda na corte. Ela caminhou na direção de Sable enquanto Nersa confortava a amiga.

— Fez bem, Rainha — disse Davoka em cima de seu pônei robusto. Ela vestia uma grossa pele de lobo e carregava uma longa lança com uma lâmina triangular de ferro negro, com os gumes afiados brilhando ao sol nascente. — Ela é fraca. Os filhos dela morrerão no primeiro inverno.

— Chame-me de Lyrna. — A princesa subiu na sela. Sua túnica de montaria era pregueada da cintura à bainha para permitir que montasse na sela, mas Lyrna ainda a achava pouco confortável.

— Lerhnah — repetiu Davoka com cuidado. — O que significa?

— Significa que minha mãe gostava muito da avó dela. — Ela sorriu diante da confusão de Davoka. — Os nomes asraelinos não significam nada. Damos nomes aos nossos filhos sem motivos especiais.

— As crianças lonaks dão nomes a si mesmas. — Davoka sacudiu a lança. — Eu me dei um nome quando tirei isso do homem que matei.

— Ele havia lhe causado algum mal?

— Muitas vezes. Ele era meu pai! — Ela gargalhou e saiu a galope com o pônei.

As fortificações do Passo Skellan formavam um labirinto complexo de muralhas e torres, com grandes barreiras de pedras erguidas em tal ângulo que afunilasse qualquer força atacante em um espaço apertado onde poderia ser aniquilada. Lyrna admirou a inteligência por trás do projeto, o modo como permitia uma defesa contínua mesmo se uma parte das fortificações tivesse sucumbido a um inimigo; as torres e muralhas eram dispostas em alturas cada vez maiores, dependendo de quão para dentro do passo estavam.

Sollis os conduziu através de dez portões, cada um protegido por uma grossa grade de ferro que era erguida para permitir a passagem. Apesar da força das defesas, Lyrna pôde comprovar a verdade nas palavras do homem, pois havia poucos irmãos para guarnecer as fortificações. Ela notou o olhar atento de Davoka, que inspecionava as muralhas, e soube que ela estava chegando à

mesma conclusão. *É tudo isso um ardil?*, pensou Lyrna. *Um plano para colocar ali uma espiã que pudesse relatar sobre o estado das defesas?*

Ela abandonou depressa a ideia, lembrando-se dos avisos do irmão de olhos astutos a respeito da onisciência dos lonaks tão ao norte assim. *Eles sabem quão fracos somos aqui e, ainda assim, em vez de atacar, a Suma Sacerdotisa envia uma mensagem dizendo que quer conversar sobre a paz, mas apenas comigo.*

Demoraram mais de uma hora nos caminhos tortuosos entre as muralhas e os portões, construídos de modo a permitir que apenas um cavalo passasse de cada vez. Por fim, chegaram à face norte do passo. A chuva diminuira naquele dia, e o sol rompia entre as nuvens, fazendo com que cortinas de luz descessem sobre a terra montanhosa dos lonaks. Os picos estendiam-se ao longe, formidáveis, monstros cinza-azulados de granito e gelo.

Davoka ergueu a cabeça para o céu, respirando fundo e exalando depressa. *Sem dúvida livrando os pulmões do nosso fedor*, concluiu Lyrna.

A lonak guiou o pônei até a frente da coluna e tomou o caminho estreito e repleto de rochas que descia até o fundo do vale e além. Ela não deu instruções ou fez qualquer gesto, começando a descida sem preâmbulos e, ao que parece, esperando que a seguissem sem questionamentos. Lyrna viu a desconfiança no rosto de Smolen e deu-lhe um aceno de assentimento. Percebeu que ele tivera de engolir palavras de protesto ao gritar uma ordem aos seus homens.

Seguiram viagem por outras quatro horas, percorrendo uma série de vales e encostas entremeados por trechos curtos de florestas de pinheiros. Lyrna notou a beleza intensa daquele lado do passo, onde a monotonia cinzenta da região ao norte de Cardurin era substituída por uma terra de matizes inconstantes e o céu mutante permitia que a luz do sol pintasse as saliências rochosas e colinas cobertas de urzes com uma paleta variada, rica em cores e muito agradável aos olhos. *Talvez seja por isso que eles lutam com tanto empenho para proteger esse lugar*, pensou. *Porque é tão belo.*

Quando a lonak finalmente fez uma parada para descansarem, Nersa colocou uma almofada de seda sobre algumas urzes e ofereceu a Lyrna um lanche de frango e pão com passas e um cálice do vinho branco seco cumbraelino de que ela tanto gostava. A sobremesa consistia em uma seleção do cada vez mais escasso suprimento de bombons de chocolate.

— Parece bosta de coelho — disse Davoka, dando uma fungada desconfiada em um dos doces. Ela se juntara ao almoço das outras sem pedir permissão. Parecia que os lonaks dividiam a comida sem distinção ou direitos de propriedade quando estavam em marcha.

— Experimente um — disse Lyrna, colocando um bombom na boca. *Rum e baunilha. Muito bom.* — Você vai gostar.

Davoka deu uma mordida cautelosa no doce e arregalou os olhos em um deleite instantâneo que escondeu depressa, murmurando uma frase em sua própria língua enquanto franzia o rosto, repreendendo a si mesma. *O conforto nos torna fracos.*

— Você carrega uma arma — disse ela, apontando para o pingente que pendia de uma corrente pendurada no pescoço de Lyrna. — Sabe usar?

Lyrna ergueu o pingente. Uma simples faca de arremesso do tipo usado

pela Sexta Ordem, pouco maior do que a cabeça de uma flecha. Era a joia menos ornamentada de toda a sua extensa coleção e a única usada com alguma regularidade, pelo menos quando estava longe dos olhos da corte.

— Não — respondeu ela. — É apenas uma lembrança. Um presente... de um velho amigo. — *Pai, eu lhe imploro...*

— Não adianta carregar uma arma que não sabe usar. — Mais rápido do que alguém poderia pensar em detê-la, Davoka inclinou-se para frente e tirou a corrente e a faca por sobre a cabeça de Lyrna. — Aqui, mostro para você. Venha. — Levantou-se e foi até um pequeno pinheiro que crescia próximo à beira da trilha.

Indignada, Nersa levantou-se.

— Você insulta Sua Alteza! A Princesa do Reino Unificado não se macula com atividades marciais.

Davoka lhe lançou um olhar de perplexidade.

— Essa aí fala palavras que não tenho na cabeça.

— Está tudo bem, Nersa. — Lyrna levantou-se e acalmou a dama, tocando em seu braço e falando em voz baixa. — Precisamos fazer todos os amigos que pudermos aqui.

A princesa seguiu Davoka até o pinheiro. A lonak soltou a faca da corrente com um puxão forte e ergueu-a à luz do sol.

— Afiada, boa. — A mulher moveu-se em um borrão, e a faca partiu de sua mão, rodopiando, e cravou-se no tronco do pinheiro.

Lyrna olhou para onde Sollis estava sentado com seus dois irmãos. O homem assistia à cena sem nenhum sinal de divertimento. Ela percebeu que ele deixara o arco ao alcance, com uma flecha preparada.

— Tente você, Lerhah. — Davoka retornou do pinheiro depois de arrancar a faca presa na casca da árvore.

Lyrna olhou para a faca como se a visse pela primeira vez. Durante todos os anos que a tivera, jamais tentara usá-la para seu verdadeiro propósito.

— Como?

Davoka gesticulou para o pinheiro.

— Olha para a árvore, arremessa a faca.

— Nunca fiz isso.

— Então você erra. Arremessa de novo e erra. De novo e de novo até acertar. Então você saber como.

— É realmente tão fácil assim?

Davoka riu.

— Não. Muito difícil. Muito difícil aprender qualquer arma.

Lyrna olhou para a árvore, moveu o braço para trás e arremessou a faca com toda a força que pôde. Nersa e os guardas passaram meia hora procurando a faca até a encontrarem em meio às urzes.

— Tentar uma árvore maior amanhã — disse Davoka.

Percorreram o que pareceu ser mais de cento e cinquenta quilômetros até o cair

da noite, mas Lyrna sabia que o número era mais próximo de trinta. Davoka escolheu um lugar para acampar no alto de uma elevação rochosa que dava para um pequeno vale, que Sollis e Smolen afirmaram ser defensável por todos os lados. Smolen organizou seus homens em um perímetro ao redor do acampamento, com Sollis e seus dois irmãos a não mais de três metros da tenda de Lyrna. O jantar foi faisão assado com o que restava do pão com passas, uma iguaria da qual Davoka parecia gostar bastante, embora não houvesse dito uma palavra de apreciação.

— Então, Lerhnah — disse ela após a refeição, agachada diante da fogueira, com as mãos erguidas na direção do fogo. — Que histórias conta?

— Histórias? — perguntou Lyrna.

— Seu acampamento, suas histórias.

A lonak disse a palavra “histórias” com uma seriedade similar ao modo como alguns Fiéis mais devotos diziam “Finados”. Em suas pesquisas, Lyrna encontrara várias referências ao respeito que os lonaks tinham pela história, mas não imaginara que se aproximasse de um fervor religioso.

— É um costume deles, Alteza — disse Sollis, que estava do outro lado da fogueira. — Não precisa ser longa, apenas verdadeira.

— Sim — insistiu Davoka. — Apenas verdade. Nenhuma das mentiras que vocês escrevem e chamam de poemas.

Apenas verdade. Lyrna escondeu um sorriso enviesado. *Há quanto tempo não faço algo assim?*

— Eu tenho uma história — disse ela a Davoka. — É muito estranha e, embora muitos jurem que é verdadeira, eu não posso confirmar. Talvez, se ouvi-la, você possa decidir se é ou não.

Davoka sentou-se em silenciosa contemplação e com a testa franzida. Ao que tudo indicava, aquela era uma decisão importante. Por fim, assentiu.

— Vou ouvir, Rainha. E dizer se escuto a verdade.

— Fico feliz — Lyrna sentou-se na almofada, dando um sorriso gracioso a Sollis através das chamas. — E você, irmão. Eu apreciaria muito sua opinião sobre essa história, que chamo de “A Lenda do Homem Caolho”.

Os olhos claros do irmão nada revelaram.

— É claro, Alteza.

Lyrna parou por um momento para regular a respiração. Ela havia estudado oratória por sua própria vontade, uma vez que seu pai via a arte com certo desdém; ele sempre preferiu falar em particular.

— Há mais de dez anos, na cidade que chamamos de Varinshold, surgiu um homem para reclamar a liderança sobre todos os foras da lei da cidade — começou ela.

Davoka apertou os olhos para ela.

— Foras da lei?

— Varnish — disse Sollis. *Exilado, sem clã, imprestável, ladrão ou escória, dependendo da entonação.*

— Ah... — Ela assentiu. — Continue, Rainha.

— Esse homem sempre teve um temperamento cruel — prosseguiu Lyrna. — Era dado a atos sórdidos de roubo, assassinato e estupro, dizem que tanto com

garotos quanto com donzelas. Sua sordidez era tamanha que todos os outros foras da lei o temiam a ponto de lhe pagarem uma quantia para serem deixados em paz. Porém, um jovem ladrão não quis pagar, um rapaz com um olhar aguçado e uma faca igual a minha. — Ela ergueu a faca, que reluziu à luz do fogo. — E esse jovem ladrão enfiou a faca no olho do lorde fora da lei. O homem passou dias sentindo dores fortes, debatendo-se e gemendo, e então sucumbiu a um sono tão profundo que seus asseclas acharam que estava morto e começaram a enrolá-lo em uma lona, preparando-se para jogá-lo na parte mais funda do porto, pois tal é o túmulo da maioria dos foras da lei em Varinshold. Contudo, a morte não o tomou em seus braços; ele tornou a se erguer, o senhor dos foras da lei, para ser para sempre conhecido como Caolho.

“Sua fúria foi imensa; atos terríveis foram cometidos em seu nome enquanto ele procurava o jovem ladrão, e grande foi sua ira quando descobriu que o garoto se tornara um irmão da Sexta Ordem e que, portanto, estava além do seu alcance. E é aqui que a história se torna estranha, pois dizem que a perda do olho fez brotar nele um grande poder, um poder das Trevas.”

— Trevas? — perguntou Davoka.

— *Rova kha ertah Mahlessa* — disse Sollis. *Aquilo que apenas Mahlessa, a Suma Sacerdotisa, conhece.*

A lonak levantou-se.

— Não posso mais ouvir isso — disse ela, evitando o olhar de Lyrna e afastando-se para a escuridão.

— Eles não falam sobre isso, Alteza — explicou Sollis. — Dizer uma coisa é dar substância a ela. Eles preferem que as Trevas não tenham substância.

— Entendo. — Lyrna enrolou ainda mais o manto em volta dos ombros. — Bem, parece que fui deixada com uma plateia de apenas uma pessoa para minha história.

— Já a ouvi. O homem caolho com o poder de dominar outros usando apenas sua vontade. É bobagem. — Sollis levantou-se e pegou o arco. — O primeiro turno de vigia é meu. Com sua licença, Alteza. — Ele fez uma mesura precisa e afastou-se.

— Como termina a história, Alteza? — perguntou Nersa, encolhida na entrada de sua tenda; seu rosto era uma forma oval pálida envolvida em pele de raposa. — O que aconteceu ao homem caolho?

— Ah, dizem que ele teve uma morte horrenda. Morto pela Sexta Ordem nas entranhas da cidade. — respondeu Lyrna indo em direção a sua própria tenda. — Melhor descansar um pouco, Nersa. Duvido que amanhã seja mais fácil do que hoje.

— Sim, Alteza. Durma bem.

Durma bem. Qualquer sono teria sido bem-vindo: inquieto, com sonhos, agitado, ela não se importaria. Qualquer libertação daquela insônia irrequieta em sua prisão de peles enquanto olhava para as costuras da lona sobre sua cabeça. Um vento constante, vindo do norte, balançava a tenda, fazendo o tecido estalar de

um modo muito irritante. No entanto, não era o barulho que a mantinha acordada naquela noite, tampouco nos últimos cinco anos. *Todas as noites! Mesmo nessa vastidão gelada, após tantos quilômetros naquele maldito cavalo.*

Era sempre a mesma coisa: Lyrna permanecia deitada esperando pelo sono, mas ele não vinha, não até que ela passasse a maior parte das horas mergulhada em lembranças e a exaustão arrastasse sua mente para o sono. Apesar das provações noite após noite, ela nunca procurara um curandeiro para obter um sonífero, nunca bebera vinho em excesso nem entorpecera os sentidos com flor rubra. Odiava esse tormento, mas o aceitava. Afinal, ela o merecia.

A lembrança se tornava mais nítida quando sua mente perdia o suficiente de percepção do mundo para conferir clareza à visão, mas não o bastante para trazer a dádiva do sono. *O velho na cama, tão idoso, tão afundado na idade e no remorso, quase irreconhecível como seu pai, quase inacreditável como um rei.*

Ela estava parada à porta do quarto, segurando com força um pergaminho com o selo rompido. O Imperador alpirano fizera a cortesia de escrever na língua do Reino. Os olhos do velho foram do rosto dela para o pergaminho. Ele acenou de forma irritada para os médicos ao redor da cama e um berro rascante lhe saiu da garganta, mais alto do que a princesa achara que o pai fosse capaz. Os médicos saíram rapidamente.

A garra esquelética do velho fez sinal para que ela se aproximasse, e Lyrna foi se ajoelhar ao lado da cama. A voz que saiu da garganta do Rei foi rouca e seca, mas rápida, com palavras claras.

— Então é isso, não é?

Lyrna colocou o pergaminho na cama.

— Quer que eu leia?

Eles querem o garoto. Querem o Matador do Esperança.

Ela olhou para o texto preciso e a bela caligrafia.

— Sim, em troca de Malcius. Ele está vivo, pai.

— Claro que está, pragas nunca morrem.

Lyrna fechou os olhos com força.

— Pai, por favor...

— Isso é tudo? Apenas o garoto?

— Os homens dele podem partir. Não podem indenizações nem tributos. Apenas ele.

Não havia som algum, exceto a respiração pesada do velho, como uma corda seca arrastada em um bloco áspero. Lyrna ergueu os olhos e encontrou os olhos do pai, intensos e brilhantes o suficiente para que ela soubesse que ele ainda estava ali, que ainda maquinava em sua prisão da idade e da enfermidade.

— Não — disse ele.

— Pai, eu lhe imploro...

— Não! — O grito causou um acesso de tosse, fazendo-o se dobrar na cama.

Ela estava tão magro e debilitado que Lyrna temia que ele pudesse se partir.

— Pai... — Ela tentou fazê-lo deitar-se no travesseiro, mas ele a afastou.

— Diga não a eles, filha! — Os olhos do velho reluziram em sua direção; o sangue lhe manchava os lábios e o queixo ao respirar fundo em arfadas dolorosas.

— Não fiz tudo isso... para ser frustrado agora. Você mandará o embaixador alpirano para casa... Com uma recusa e uma declaração de nossa legítima reivindicação dos portos... Então você enviará o restante da frota... para Linesh com ordens para Al Sorna embarcar com seu exército... Eles devem retornar ao Reino o mais depressa possível. Quando eu morrer, o que sem dúvida não tardará a acontecer... Você se casará com ele como consorte e assumirá o trono...

— Meu irmão...

— Seu irmão é um desperdício do meu sangue! — Ele se debateu e tentou alcançá-la do outro lado da cama. — Acha que trabalhei... durante todos esses anos para deixar meu Reino... a um tolo que o destruiria dentro de uma década? — Ele voltou a ser acometido pela tosse violenta e o sangue sujou as cobertas. Lyrna virou-se para chamar os médicos, mas a garra do velho agarrou seu pulso. Apesar de toda a idade e enfermidade, ele ainda tinha um aperto de guerreiro. — A guerra, Lyrna... — disse ele, com os olhos intensos mas gentis, implorando — A Guarda do Reino destruída, o tesouro vazio... Tudo para você consertar; reconstruir; ser a salvadora deste Reino. Tudo para você.

Lyrna foi tomada por uma repugnância, fazendo com que sua pele ardesse onde ele a havia tocado. Ela puxou o pulso para longe e afastou-se enquanto ele continuava a implorar, com sangue escorrendo de sua boca.

— Por favor, Lyrna... Tudo para você.

Ela permaneceu em silêncio enquanto ele berrava e se debatia até parecer que todo o sangue que havia nele manchara as cobertas. Por fim, ele se deitou, esgotado e trêmulo. Lyrna engoliu em seco, esperou até que os olhos do pai estivessem fechados e até que o movimento de seu peito fosse pouco mais do que um tremor.

— Meus senhores! — chamou ela, deixando a voz tão aguda quanto pôde. — Meus senhores, o Rei!

Os médicos retornaram em pânico, arrastando os mantos e aglomerando-se ao redor da cama como corvos em volta de um cavalo morto.

— Façam tudo o que puderem, meus senhores! — implorou Lyrna.

Após outra meia hora de agitação, um dos médicos aproximou-se e fez uma mesura.

— Senhor? — perguntou Lyrna, com lágrimas escorrendo no rosto.

— Alteza, ele caiu no sono derradeiro. Estará com os Finados antes de o sol nascer. — Ele colocou um joelho no chão, seguido pelos outros homens.

Ela fechou os olhos, deixando uma lágrima final cair, ciente de que seria a última que derramaria pelo pai.

— Obrigada, senhor. Por favor, cuide para que ele fique confortável.

Ela recolheu o pergaminho e saiu do quarto. O embaixador alpirano estava sentado no banco do pátio principal onde ela o deixara. Era noite de lua cheia; as pedras de mármore estavam iluminadas por um tom azul-claro, e os pilares lançavam sombras escuras.

— Meu senhor Velsus — cumprimentou-o Lyrna.

Lorde Velsus, um homem alto e negro, coberto por um manto simples azul e branco, retribuiu a mesura.

— Alteza. O que diz vosso pai?

Ela apertou com força o pergaminho e sentiu o material se partir, arruinando a bela caligrafia que havia nele.

— O Rei Janus Al Nieren considera sua proposta aceitável.

Ela sabia que já estava sonhando agora; o azul do luar era brilhante demais e os olhos de Lorde Velsus escarnecedores demais quando se curvou e então avançou para tapar a boca dela com a mão...

Lyrna acordou com um sobressalto, mas seu grito foi abafado pela mão que prendia seus lábios contra os dentes. Os olhos de Davoka estavam logo acima dos seus, refletindo o brilho da faca em sua mão.

CAPÍTULO CINCO

Frentis

— Você é um homem livre, de poucas posses, e eu sou sua esposa, com quem acabou de casar. Estamos viajando até a fronteira alpirana, onde você conseguiu um emprego como aprendiz de criador de escravos. — A mulher usava uma roupa cinza de tecido mais barato do que seu traje anterior e instruiu Frentis a se vestir com um traje igualmente simples. — Não temos filhos. Minha mãe me advertiu sobre você, mas não dei ouvidos. Se essa sua última empreitada fracassar, irei atrás de um decreto de anulação, ouça o que digo. — Ela sacudiu um dedo na direção dele, franzindo o rosto com irritação.

Estavam no pátio dela, onde um pônei e uma carroça haviam aparecido naquela manhã. Horvek mostrara a ela o painel oculto acima do eixo, onde estava escondida uma variedade de armas e venenos. A mulher inspecionou cada adaga, espada curta e frasco antes de balançar a cabeça com satisfação.

— Pode se passar mais um ano até minha próxima visita — disse ela ao Kuritai ao subir na carroça. — Certifique-se de que o general seja bem cuidado.

— Farei isso, senhora.

— Então, vamos, seu homenzinho imprestável — disse ela a Frentis, com uma risada. — Acho que posso gostar desse papel.

Frentis pegou as rédeas do pônei e caminhou na frente, conduzindo-os até a praça. Um grupo de escravos estava limpando a estátua do homem; o olhar da mulher demorou-se no monumento de bronze até virarem uma esquina e seguirem para o portão sul.

— Você quer saber, não? — perguntou ela enquanto Frentis puxava o pônei em meio à multidão. — Sobre o homem da estátua.

Ele olhou para a mulher por sobre o ombro, mas não disse nada. Ela tinha uma capacidade espantosa de decifrar seus humores silenciosos, embora ele se esforçasse para não deixar que qualquer sinal de curiosidade ou perplexidade transparecesse em seu rosto.

— Não se preocupe. É uma longa história, mas não me importo em contá-la depois que chegarmos à estrada.

A viagem até o portão levou uma eternidade, abrindo caminho à força entre o aglomerado de pessoas. As ruas de Mirtesk eram apinhadas de escravos e

homens livres, todos aparentemente determinados a causar a máxima inconveniência possível até chegarem onde queriam.

— Saia do caminho, seu mendigo! — gritou um gordo em roupas cinza para Frentis, tentando passar à força e mirando um soco no focinho do põnei. Houve um relaxamento momentâneo do domínio, e Frentis deu uma joelhada na virilha do homem e deixou-o arfando na rua.

— Como odeio mal-educados — disse a mulher.

Algumas ruas adiante, uma cena estranha atraiu a atenção de Frentis. Um homem estava parado em frente a uma casa de tamanho considerável, em roupas esfarrapadas de escravo. Tinha talvez quarenta anos e estava de cabeça baixa, com uma placa pendurada no pescoço, na qual havia uma única palavra escrita. Atrás dele, escravos carregavam móveis e ornamentos para fora da casa sob o olhar de um capataz enquanto uma mulher e duas crianças observavam sentadas em um pequeno pátio. Frentis ficou espantado com o olhar de puro ódio que a mulher lançava ao homem com a placa, assim como o olhar do filho mais velho, um garoto de uns 15 anos. Ao passarem pelo local, Frentis viu o capataz entregar um pergaminho à mulher enquanto um dos escravos fechava a porta da casa com uma corrente e um cadeado pesado. Ele ouviu a palavra “anulação” no meio da conversa antes que perdessem a cena de vista.

— Um homem com dívidas que não pode pagar — disse a mulher em cima da carroça. — Não merece família, casa ou liberdade.

Eles tiveram de pagar um pedágio de três círculos para saírem da cidade e mais um círculo para usarem a estrada. Frentis estava descobrindo que os volarianos gostavam muito de cobrar pedágios, embora tivesse de admitir que a estrada valia o preço pago; era uma via de superfície lisa, com pedras dispostas de forma compacta, larga o suficiente para acomodar dois carroções pesados lado a lado, estendendo-se ao longe em meio à neblina que se adensava. Não havia estradas no Reino que se comparassem a essa, e Frentis pensou na velocidade com a qual um exército poderia se mover por ali.

— Impressionante, não é? — comentou a mulher, mais uma vez decifrando seu humor com uma facilidade enlouquecedora. — Construída pelo homem da estátua há quase três séculos.

Frentis resistiu à tentação de olhar para ela, embora quisesse saber mais.

— O nome dele era Savarek Avantir — continuou ela enquanto prosseguiam entre os laranjais perfeitamente dispostos que orlavam a estrada. — Conselheiro e general, conquistador das províncias meridionais e talvez a maior mente militar que o império, ou mesmo o mundo, já conheceu. No entanto, até ele conheceu a derrota, querido esposo. Tal como seu rei louco, ele se viu humilhado pelos alpiranos. Durante dez anos, ele lutou para capturar a província final, o último canto do continente que não estava em nossas mãos. E, durante dez anos, os alpiranos derramaram um oceano de sangue para detê-lo. Sofreram derrota após derrota, exército após exército destruído pela genialidade de Avantir, mas os alpiranos sempre enviavam mais. A força deles está em seu número, não em seus deuses deploráveis e imaginários. Foi uma lição dolorosa, uma que, na realidade, levou Avantir à loucura e à espada do assassino quando seus pedidos por ainda mais homens fizeram o Conselho pensar se talvez seu grande gênio

militar não era, até certo ponto, um problema. É sempre assim com os grandes homens... Eles não conseguem ver as facas daqueles que vivem em suas sombras.

A mulher não disse mais nada até o anoitecer. Acamparam em uma área de descanso uns cinquenta quilômetros ao sul de Mirtesk, onde a mulher assumiu o papel de esposa ranzinza com determinação e sem qualquer esforço, repreendendo Frentis enquanto preparava a comida e pedindo mais lenha entre sermões que lhe dava sobre seus óbvios defeitos como esposo, atraindo olhares divertidos ou simpáticos dos outros viajantes livres. Os escravos, é claro, cuidavam das próprias tarefas, desviando os olhos e sem qualquer expressão no rosto.

— Coma, seu vira-lata ingrato — disse ela, entregando a Frentis uma tigela de cozido de cabra.

A primeira colherada o convenceu de que os dons da mulher com a panela não se comparavam à sua habilidade com a espada. Frentis forçou-se a engolir a comida; seus anos na Ordem tornaram seu estômago capaz de aceitar os alimentos mais insossos.

A mulher manteve a encenação até o céu escurecer e os outros viajantes se recolherem às suas tendas.

— Você está se perguntando sobre minha relação com ele — disse ela. Frentis continuou sentado do outro lado da fogueira, imóvel e calado.

A mulher deu um leve sorriso.

— Talvez um antepassado ilustre? Meu tataravô? — O sorriso desapareceu. — Não. Ele era meu pai, querido esposo. Sou a última da linhagem Avantir, embora eu não tenha mais necessidade desse nome ou de qualquer outro.

Ela está mentindo, concluiu ele. *Usando algum truque*. A mulher gostava de brincar com ele, como provar a ao forçá-lo a dividir a banheira com ela na primeira noite em sua casa, encostando-se nele, buscando-o com as mãos debaixo d'água, acariciando-o, passando os lábios macios em sua orelha e sussurrando: *Eu posso obrigá-lo...* Frentis fechou os olhos diante da lembrança e da vergonha de ser traído pelo próprio corpo.

— É verdade — disse ela. — Apesar de não esperar que você acredite, mergulhado como está em suas superstições. Mas um dia você acreditará, meu caro. — Ela se inclinou para frente, fitando-o. — Antes que nossa viagem termine, você terá visto o suficiente para fazer com que minha história pareça enfadonha. — Ela sorriu novamente e levantou-se, indo até a tenda que Frentis erguera na lateral da carroça. — Hora das suas obrigações conjugais, meu caro — disse ela, desaparecendo no interior escuro da tenda. Frentis permaneceu sentado junto à fogueira até a mulher usar seu domínio com força suficiente para fazê-lo ir atrás dela.

Seguiram pela estrada por mais dez dias. Os laranjais e limoais gradualmente davam lugar a uma floresta cada vez mais densa de árvores desconhecidas. O calor também aumentou, deixando a estrada escaldante e tornando cada dia uma

provação de suor e de passos arrastados diante da carroça. Frentis não gostava da floresta, que tinha um cheiro podre, guardava um milhão de insetos importunos e fazia um alvoroço durante a noite.

— Isso se chama selva — disse-lhe a mulher. — Imagino que não existam em sua terra.

Na décima noite, Frentis estava olhando para a selva e ansiando por uma espada enquanto algo grande se chocava contra as árvores, emitindo ocasionalmente um estrépito ensurdecedor que só podia ser uma árvore sendo partida.

— Ah, então ainda restam algumas aqui ao norte — disse a mulher com uma leve surpresa. — Venha, meu caro. — O domínio da mulher o puxou quando ela entrou na selva. — É algo raro de se ver, acho que apreciará.

Os olhos de Frentis iam de um lado para o outro enquanto seguia a mulher, vasculhando a escuridão em busca de horrores inimagináveis. O medo era um velho amigo, mas o terror era um estranho.

— Veja. — A mulher parou, agachou-se e apontou. A única luz vinha da meia-lua sobre a copa das árvores, que dava ao chão da selva um tom azul ténue. Frentis levou algum tempo para entender o que via, pois o tamanho e a estranheza do ser estavam além de sua compreensão. A fera tinha pelo menos três metros de altura e era coberta por pelos longos e desganhados da cabeça à cauda, deslocando-se sobre grandes patas alongadas que terminavam em ganchos terríveis. A cabeça era longa e tubular, e a boca estreita soltava um leve assobio quando o animal derrubava uma árvore, cujo estrondo ecoava pela selva.

— Ela é velha — disse a mulher. — Provavelmente está nesta floresta há mais tempo do que você está vivo, meu caro.

Como se chama?, Frentis quis perguntar, mas não o fez. Como sempre, ela não precisava que ele falasse.

— A grande preguiça. Não é perigosa, desde que você não chegue perto demais. Come apenas cascas de árvores.

A fera parou de repente, com uma tira de casca pendurada na boca, encarando-os com os olhos negros. Então, soltou um assobio baixo e triste e virou-se, afastando-se com lentidão para as profundezas da selva sobre suas patas inacreditáveis.

— Duvido que eu jamais veja outra — comentou a mulher ao voltarem para a estrada. — A selva diminui a cada ano, e as estradas ficam mais longas. Ah, bem... — Ela entrou no saco de dormir. — Talvez vejamos um tigre amanhã.

No dia seguinte, chegaram ao grande rio que formava a fronteira com o território alpirano, onde havia uma pequena cidade de estruturas sobre palafitas. O rio tinha quase dois quilômetros de largura, mas, diferente da travessia do lago até Mirtesk, não havia balsa à vista ali. A cidade de palafitas formava uma série de plataformas interligadas na extremidade de um longo molhe, sobre as quais se

aglomeravam moradias cuja única semelhança era o modo arcaico como haviam sido construídas. Um mercado de escravos funcionava em plena atividade na maior plataforma, onde a voz do capataz mantinha um coro constante de um jargão quase incompreensível ao aceitar os lances do público, a maioria vestida de cinza, embora alguns mantos pretos também estivessem presentes, suando ao sol enquanto seus escravos abanavam o ar quente com folhas de palmeira.

— Lote 73! — gritou o capataz. Uma garota nua foi arrastada para a plataforma por um Varitai musculoso. Frentis achava que ela não tinha mais do que 13 anos. — Recém-chegada das Doze Irmãs. Nenhuma habilidade, não fala volariano. Comum demais para a casa dos prazeres, mas pode ser treinada como escrava doméstica ou para procriar. Quatro círculos para começar.

Frentis sentiu o domínio queimar ao observar a garota tremendo e chorando na plataforma, com a coxa coberta por um fluxo de urina.

— Vamos, vamos, meu caro — disse a mulher, segurando sua mão e agindo como a esposa amorosa, e não reclamadora. Ela se inclinou para dar um beijo no rosto dele e sussurrou: — Seus dias de heroísmo acabaram. Porém, se quiser poupá-la de tudo o que a aguarda, eu a comprarei e você pode matá-la. Gostaria disso?

Frentis sabia que não era uma ameaça vazia. A mulher tinha intenção de fazer aquilo, possivelmente até com benevolência em vez de crueldade. Ele começava a suspeitar de que ela mal compreendia a diferença entre as duas coisas. Frentis sacudiu a cabeça, trêmulo.

— Como quiser — ela disse.

A garota foi vendida por dois quadrados e um círculo. Ela começou a gritar ao ser arrastada para longe, engasgando em silêncio quando o capataz cobriu sua boca com uma mordação.

— Lote 74 — entou o capataz na plataforma. Um homem robusto e de ombros largos foi trazido; suas costas estavam marcadas por chicotadas recentes. — Este aqui já foi um pirata em algumas ilhas no norte. Fala alpirano, mas não volariano. Um tanto genioso para trabalhar no campo, mas uma boa atração nos espetáculos ou talvez um lucro decente se o colocarem nos fossos. Seis círculos para começar.

— Venha — disse a mulher, levando-o para longe do leilão. — Acho que isso o está deixando um pouco nostálgico demais.

Encontraram um mercador em uma das plataformas menores, que comprou a carroça e o pônei por dois quadrados. Frentis guardou o conteúdo do compartimento oculto em sua bolsa e foram até uma pensão, onde alugaram um quarto por um preço exorbitante.

— Há traficantes de escravos na cidade — disse o proprietário, estendendo as mãos. — Deveriam ter vindo amanhã, cidadãos.

— Eu lhe disse, estúpido! — rosnou a mulher para Frentis. — Ah, por que não dei ouvidos à sabedoria de minha mãe?

— Isso aqui é por conta da casa, cidadão — disse o proprietário, entregando a Frentis uma garrafa com uma piscada compreensiva. — Pode ajudar a noite a passar mais rápido, hein?

Aguardaram no pequeno quarto até o anoitecer. A cidade sem nome ficava mais e mais silenciosa conforme os traficantes de escravos levavam suas aquisições para a estrada e aos seus vários destinos.

— Vocês não têm escravos no seu reino, têm? — perguntou a mulher.

Frentis olhou pela janela, vendo o rio largo de correnteza veloz, e não respondeu.

— Não, vocês são todos livres — prosseguiu ela. — Mas ainda são escravos de suas superstições, é claro. Algo de que nos livramos há séculos. Diga-me, você realmente acha que vai viver para sempre em algum paraíso com seus parentes mortos?

A mulher intensificou o domínio quando Frentis não respondeu. Parecia que realmente queria conversar naquela noite.

— “O que é a morte?” — citou ele. — “A morte é apenas uma passagem para o Além e a união com os Finados. É tanto início quanto fim. Tema-a e abraça-a.”

— O que é isso? Uma de suas orações?

— Os Fiéis não oram. Orações são para adoradores de deuses e Negadores. É do Catecismo da Fé.

— E essa fé promete vida eterna após a morte?

— Não vida eterna. A vida é do corpo. O Além é o reino da alma.

— Da alma? — Ela sacudiu a cabeça e deu uma risada baixa. — Bem, pelo menos seus Fiéis parecem saber algo sobre a alma. Uma fantasia infantil, mas com um fundo de verdade.

A mulher pegou um par de adagas de lâminas estreitas guardado na mochila.

— Precisamos de um barco. — Ela lhe entregou uma adaga, que ele escondeu em uma bainha de couro amarrada no antebraço.

O molhe onde os barcos haviam sido atracados era vigiado por dois Varitai, ambos armados com as lanças de lâminas largas comuns entre essa camada mais baixa das tropas volarianas. Eram uma dupla lamentável, com armaduras remendadas que exibiam diversas brechas e olhos embotados demais, sinal de um capataz com pouco conhecimento sobre o modo correto de misturar drogas.

— Não há barcos disponíveis — disse o maior homem, bloqueando o caminho e batendo com a haste da lança nas tábuas. — Voltem pela manhã.

Frentis apunhalou seu olho, e a lâmina atravessou o globo ocular e o cérebro em uma única estocada. A mulher saltou por cima do corpo que caía e abaixou-se para evitar o golpe lateral já esperado, mas lento demais, por parte do segundo soldado. Então, enfiou a adaga na brecha entre o peitoral e a axila e colocou-se atrás do homem, que caiu de joelhos, empurrando para frente a cabeça protegida pelo elmo e matando o Varitai com uma estocada na base do crânio.

Empurraram e deixaram os corpos caírem no rio lentamente para evitar qualquer estrondo denunciador. A mulher escolheu um barco médio, uma embarcação fluvial de casco chato impulsionada por um único remo na popa. Soltou a amarra e deixou que o rio os levasse correnteza abaixo, por um quilômetro e meio ou mais, antes de ordenar a Frentis que começasse a remar. A correnteza era rápida, rápida demais para permitir uma travessia direta, e ele só

conseguiu manter a proa apontada para a margem oposta com remadas vigorosas.

— Atethia — disse a mulher à medida que a margem se aproximava e crescia diante deles, uma área pantanosa salpicada de ilhotas cobertas por juncos altos. — A província mais meridional do grande Império Alpirano, onde temos muito que fazer, meu caro.

Ao alvorecer, Frentis guiava o barco através dos pântanos em meio a uma nuvem incessante de mosquitos. A água era marrom e turva devido à lama, e os canais que cortavam as inúmeras ilhotas eram estreitos e difíceis de serem navegados.

— Um lugar horrível, não? — comentou a mulher. — O cemitério da invasão final de meu pai, na verdade. Ele passou três anos construindo uma frota na margem oposta. Aquela maldita cidade foi construída com a madeira tirada dos naufrágios. Quatrocentas belonaves e mil barcos transportavam seu grande exército através do rio e passaram um mês inteiro arrastando-se nesse pântano. Centenas morreram por causa de doenças ou afogados, mas os outros seguiram em frente, apenas para morrerem aos milhares em um grande e misterioso incêndio que assolou os pântanos. A maioria dos alpiranos acredita que os deuses intercederam e destruíram os invasores com sua fúria divina, mas historiadores volarianos insistem que os alpiranos simplesmente embeberam as orlas do pântano com nafta e atearam fogo com flechas incendiárias. Cinquenta mil Espadas Livres e escravos viraram cinzas em uma única noite. Mas meu pai não morreu. Louco como estava, ainda foi sábio o suficiente para permanecer do outro lado do rio. — Ela olhou em volta para os juncos que cresciam tão alto a ponto de obstruir a vista dos arredores. — Até hoje, os alpiranos não fortificaram esse trecho da margem, pois que general seria louco o bastante para tentar a mesma tática?

Passaram-se mais dois dias até o pântano finalmente dar lugar à terra firme. Quando o barco atolou em um banco de lodo onde os juncos eram mais baixos, eles puderam ver uma extensão de campo aberto à frente. Após a monotonia do pântano e a ameaça fétida da selva, os campos verdejantes eram uma lembrança bem-vinda e convidativa do Reino.

— Precisaremos de roupas novas — disse a mulher, avançando. — Sou filha de um rico mercador alpirano dos portos setentrionais, enviada às Doze Irmãs para conhecer um esposo em potencial. Você é um escravo fugido que se tornou mercenário e foi contratado como meu guarda-costas.

Depois de meio dia de caminhada, chegaram a uma cidade um pouco maior, na margem de um dos afluentes do grande rio. Não havia muralhas, mas mesmo longe viram vários soldados alpiranos andando pelas ruas.

— Um pouco movimentada demais para nós, meu caro — concluiu a mulher. — Deve haver uma ou duas casas de fazenda mais ao norte.

Permaneceram fora das estradas, evitando patrulhas da cavalaria alpirana ao atravessarem os campos de algodão, que pareciam ser o principal produto da

região. Não tardaram a avistar uma fazenda, com um grande complexo de dois andares de casas e construções interligadas, repleto de trabalhadores. Esconderam-se em um fosso de irrigação até o anoitecer, quando a mulher enviou Frentis para procurar a lavanderia.

— As melhores roupas que puder encontrar para mim, meu caro — disse ela. — Tenho uma aparência a manter. Mate qualquer um que o vir. Se for mais de uma pessoa, mate todos na casa e a incendeie.

Frentis aproximou-se pelo oeste, lado com menos janelas, movendo-se de sombra em sombra e chegando à parede da casa. Não havia guardas, nem mesmo um cão para latir a um estranho saindo da escuridão. Seguiu para os fundos da casa, onde supôs que ficavam os aposentos dos criados. A casa estava silenciosa, exceto pelo ténue som de uma canção que vinha do que ele julgou ser a cozinha pelo aroma denso e apetitoso que saía pela janela.

Ele parou ao ouvir movimentos, deitando-se debaixo de uma carroça grande quando duas mulheres saíram para o pátio. Elas conversavam e trabalhavam, pendurando roupas nos varais. Frentis aprendera um pouco de alpirano durante a guerra, mas aquele era um dialeto desconhecido, de sotaque mais dissonante e gutural do que a língua falada nos portos setentrionais. Conseguia entender apenas uma palavra em dez, mas o termo “escolha” foi dito mais de uma vez, com uma espécie de reverência, assim como a palavra “Imperador”.

Depois que as mulheres terminaram a tarefa e voltaram para dentro, ele esperou durante um intervalo de cem batidas do coração, esgueirou-se de baixo da carroça, puxou roupas do varal e enrolou-as em uma trouxa apertada. Ele não entendia muito sobre moda, mas concluiu que a mulher ficaria satisfeita com o fino manto de algodão com mangas de seda, uma capa longa azul-escura... Ele parou ao ouvir passos arrastados.

O menino parou na porta, brincando com um carretel em um barbante. Não tinha mais de sete anos, com cabelos negros desgrenhados e os olhos grudados no brinquedo enquanto girava o barbante. *Mate qualquer um que o vir...*

Frentis permaneceu mais imóvel do que nunca, mais ainda do que na vez em que abatera seu primeiro veado sob os olhos orientadores de Mestre Hutral, mais ainda do que quando se escondeu dos capangas de Caolho durante seu Teste da Natureza.

O barbante girava e girava no carretel.

Mate qualquer um que o vir...

Lentamente, o domínio começou a aparecer. *Ela sabe*, compreendeu. Como ela sempre sabe?

Seria fácil quebrar o pescoço do menino e levá-lo até o poço. Um acidente trágico.

O carretel girava e girava... O domínio da mulher queimava-o com uma nova intensidade. A trouxa de roupas molhadas que tinha nas mãos pingava no pátio, um som lento e contínuo que sem dúvida atrairia o olhar curioso de um menino.

— Neries! — gritou uma mulher na janela da cozinha, seguida por uma série de palavras insistentes com um tom de autoridade maternal. O menino

bufou, irritado, girou o carretel mais algumas vezes e voltou para dentro da casa.
Frentis fugiu.

— Acho que servirá. — A mulher livrou-se do traje cinza e vestiu o manto de mangas de seda que Frentis lhe trouxera. Ele já havia vestido a calça e camisa azul-claras que escolhera. — Mesmo um pouco folgado na cintura. Acha que estou gorda, meu caro? — Ela sorriu para Frentis. O sol estava nascendo e iluminou o rosto dela com um tom dourado. *Ninguém imaginaria*, pensou ele, examinando a beleza felina da mulher e a graça com que ela se movia. *Um monstro vive por trás do rosto dela.*

— Era uma criança, não? — perguntou ela quando Frentis colocou a bolsa no ombro e partiram para a estrada. — Menino ou menina?

Frentis continuou caminhando, sem responder.

— Não importa — continuou ela. — Mas você não deveria alimentar ilusões. Nossa lista é longa, e suas cansativas noções de moralidade sem dúvida o farão pensar que todos os nomes são de vítimas inocentes. Iremos riscar cada um deles, e você *fará* o que eu ordenar, criança ou não.

Chegaram a outra cidade no final da tarde. A mulher procurou uma costureira e comprou algo mais do seu agrado, pagando com uma moeda de ouro alpirana tirada do esconderijo costurado no forro da bolsa que Frentis carregava. A mulher posou para ele em um conjunto simples e elegante de seda preta e branca, dizendo algo em alpirano, provavelmente querendo saber sua opinião. A costureira fora gentil e bastante para ajudá-la com o cabelo, agora trançado em estilo alpirano e enfeitado com um pente ornamentado em meio aos fios negros e lustrosos. *Ninguém imaginaria...*

Um dia, matarei você, ele pensou, desejando poder dar voz às palavras. *Por tudo que fez, por tudo que fará e por tudo que me obrigará a fazer. Matarei você.*

A costureira recomendou uma estalagem próxima à praça do mercado, onde alugaram dois quartos; o novo papel de mulher solteira exigia uma aparência de decoro. Frentis esperava que isso pudesse lhe dar alguma folga, mas a mulher o usou mais uma vez antes de dispensá-lo, montando sobre o corpo nu dele na cama, o suor reluzindo na pele dela enquanto obtia o prazer que desejava. Quando terminou, a mulher caiu sobre Frentis, com sua respiração quente na face dele, brincando com os pelos do seu peito e fazendo-o abraçá-la. Ela sempre fazia isso, criava a aparência de amantes satisfeitos, talvez até acreditasse naquilo.

— Quando isso acabar, você vai me dar um filho — ela sussurrou. Então, encostou o nariz no pescoço de Frentis, beijando-o e acariciando-o. — Nosso sangue produzirá uma belíssima prole, não acha? Durante três séculos, não encontrei um homem digno da honra. E agora o encontrei em você, um escravo de uma terra que logo será conquistada. Como o mundo é estranho.

Pela manhã, estavam de novo na estrada, agora cavalgando; a mulher gastara outra moeda de ouro em dois cavalos, uma égua tordilha para si e um alazão para seu guarda-costas. Eram animais bastante robustos e de natureza dócil, fazendo-o ansiar por seu velho cavalo de guerra. Mestre Rensial escolhera o garanhão para ele, preto da cabeça à cauda, exceto por um pouco de pelo branco na testa. “Leal, mas genioso”, dissera o mestre louco ao lhe entregar as rédeas. Frentis dera ao animal o nome de Sabre e, com o tempo, compreendera que aquele cavalo provavelmente era a melhor montaria já cavalgada por um irmão da Sexta Ordem, um sinal óbvio da predileção de Rensial. Ele vira Sabre pela última vez nos estábulos da mansão do governador em Untesh e lhe dera uma última escovada antes de assumir seu posto na muralha, esperando sinceramente morrer em menos de uma hora. *Onde ele está agora?*, pensou. *Provavelmente foi levado como espólio por algum nobre alpirano. Espero que tenha lhe dado uma boa vida.*

Cavalgaram para o norte durante mais uma semana, dormindo nas muitas estações que podiam ser encontradas naquela estrada. Era uma via inferior comparada à maravilha volariana que se estendia de Mirtesk, apenas uma trilha de cascalhos soltos que levantava poeira a cada trote. Viram muitos soldados na estrada, todos em colunas organizadas em direção ao sul. O equipamento básico do soldado de infantaria alpirano não mudara desde que Frentis os enfrentara pela última vez: cotas de malha que passavam dos joelhos, um elmo cônico e uma lança de mais de dois metros apoiada no ombro. Percebeu que eram soldados profissionais, com diversos veteranos nas fileiras, a julgar pelas cicatrizes e idades visíveis em alguns dos rostos empoeirados. Os alpiranos podiam não ter fortificado a margem, mas o Imperador era claramente diligente o bastante para garantir a segurança daquela província.

— Eles eram bons soldados? — perguntou a mulher. Haviam desmontado na beira da estrada para deixar que uma coluna passasse, uma tropa de cerca de mil homens que marchavam sob uma bandeira verde com uma estrela vermelha. — Os alpiranos... Lutaram bem naquela guerrinha de vocês?

O latejar insistente do domínio que tinha sobre ele dizia que ela esperava uma resposta.

— Era a terra deles — disse Frentis. — Lutaram por ela. E venceram.

— Mas imagino que você tenha matado muitos na ocasião, não?

O domínio continuava. *A batalha das dunas, as flechas disparadas na Colina Sangrenta, a luta frenética na muralha...*

— Sim.

— E não teve nenhum sentimento de culpa, meu amado? Todos aqueles filhos e pais abatidos pela sua espada pelo único crime de defenderem a própria terra? Nenhum remorso?

Em Untesh, Frentis derrubara um oficial alpirano com um golpe cortante na perna enquanto ele escalava a muralha. Após o ataque ser repellido, um curandeiro da Guarda do Reino se abaixara para estancar o sangue da ferida e recebera uma adaga no pescoço como recompensa. O oficial ainda vociferava seu ódio contra eles quando meia dúzia de alabardas o trespassaram e prenderam seu corpo na muralha.

— Era guerra — respondeu ele.

O latejar diminuiu. A mulher voltou a montar quando os últimos soldados da coluna alpirana passaram por eles.

— Bem, agora você está em outra guerra. A diferença é que desta vez você vai vencer.

Ao anoitecer do sétimo dia, avistaram uma cidade portuária e o azul cintilante de um oceano.

— Hervellis — disse a mulher. — Capital da província de Atethia e lar do primeiro nome em nossa lista, um velho amigo, na verdade. Quero muito que você o conheça.

A arquitetura de Hervellis tinha certas similaridades com as ruas sinuosas e praças arborizadas de Linesh e Untesh, mas tinha um esplendor consideravelmente maior. Passaram por vários templos enquanto iam do portão até a praça principal, vendo as impressionantes construções de mármore com pilares, entalhes em relevo e numerosas estátuas dos incontáveis deuses do império. A mulher manteve uma máscara de afabilidade enquanto trotavam pelas ruas, mas Frentis pôde ver o desprezo nos olhos dela ao observar os templos. *Tenho pena dessas pessoas por sua ilusão*, pensou. *Mas ela tem ódio*.

Alugaram quartos em uma pensão no lado norte da praça, mais cara do que as outras, mas também mais confortável. A mulher não o usou naquela noite e mandou que descansasse, pegando a bolsa e indo para seu quarto. Frentis deitou-se na cama volumosa até escurecer por completo, incapaz de dormir apesar da maciez luxuriante que o envolvia. *Ela me fará matar essa noite*.

O domínio ardeu algumas horas mais tarde, levando Frentis ao quarto dela, onde a encontrou vestida em seda preta da cabeça aos pés, com o cabelo preso para trás em um coque firme. Ela tinha uma adaga em cada antebraço e uma espada curta nas costas. A mulher indicou as armas dispostas na cama ao lado de uma calça e uma camisa de seda preta.

— Não se engane, meu amado — disse ela, espalhando carvão em pó pelo rosto. — É improvável que você encontre um ser mais vil e perigoso do que o homem que conhecerá essa noite. Não tenho tempo para mais nostalgia.

O domínio ardeu, causando uma dor severa, apenas um nível abaixo do insuportável. O controle da mulher era absoluto agora, impedindo qualquer hesitação ou mesmo pensamento. Ela desejava e ele agiria. Era servo dela de corpo e alma.

A mulher foi até a janela, abriu-a e saiu para o telhado. Demorou-se ali, observando a rua abaixo, e então correu sobre as telhas e saltou para o telhado em frente. Frentis a seguiu enquanto ela continuava a percorrer a cidade de telhado em telhado, de parede em parede, em uma incansável exibição de atletismo que teria recebido sua admiração relutante, embora a ardência contínua impedisse qualquer sentimento.

A mulher o conduziu para o norte, afastando-se das ruas movimentadas ao redor da praça principal até as avenidas mais largas próximas às docas. Ela

parou no alto de uma muralha diante de uma praça, onde um pequeno templo erguia-se cercado por árvores. O edifício era um retângulo de pilares que sustentavam um teto piramidal de topo achatado, encimado pela estátua de uma mulher com o rosto oculto por um capuz de mármore. Ao contrário dos templos que Frentis vira, aquele era protegido por guardas, com dois homens com armadura e lanças postados em ambos os lados da entrada. A porta estava fechada, mas delineada pelo brilho de fogo no interior.

A mulher correu ao longo da muralha e saltou para a árvore mais próxima, agarrando um galho, erguendo-se e deixando apenas uma folha cair. Frentis a observou esgueirar-se por baixo do galho e se soltar sobre o telhado do templo. Caso o domínio deixasse espaço para reflexão, ele teria chegado à conclusão de que não poderia igualar esse feito, apesar de todo seu treinamento e anos nos fossos. Contudo, a vontade da mulher não deixava espaço para dúvidas, e Frentis a seguiu sem demora, agarrando o galho e esgueirando-se até o telhado como se já tivesse feito aquilo mil vezes.

A mulher o levou até os fundos do templo, passando pela estátua. Mesmo estando tão perto, ele só conseguiu ver sombras sob o capuz. Ela espiou pela beirada do telhado, sacou uma adaga da bainha junto ao pulso e deu um passo no vazio, girando em pleno ar. Ouviu-se um som baixo, um baque muito suave. Frentis olhou pela beirada do telhado e a viu guardando a adaga, já em cima do corpo de um terceiro guarda. Ele desceu e parou ao lado da mulher enquanto ela verificava a porta na parede dos fundos do templo, que se abriu suave e silenciosa. Frentis a viu hesitar, o que era inesperado.

O interior do templo era austero, com paredes lisas sem mosaicos nem relevos; havia uma cama estreita no canto, ao lado de uma mesa com pena, tinta e algumas folhas de pergaminho. O espaço era dominado pelo fogo no centro, uma grande bacia de mármore cheia de carvão e que ardia intensamente, lançando fumaça pelos buracos no teto. Um homem estava sentado de frente para o fogo e de costas para eles. Frentis conseguia ver apenas o topo da cabeça grisalha e as mãos nos braços da cadeira, nodosas e manchadas pela idade. A mulher entrou no templo, abandonando os movimentos furtivos e fazendo barulho ao empurrar a porta, abrindo-a por completo. Frentis viu a mão se contrair, mas o homem não se levantou.

— Um templo ao Vidente Inominável — disse ela em volariano, avançando até parar diante do velho, encarando-o com uma sobranceira erguida. A mulher manteve Frentis onde estava, com a adaga desembainhada, pronto para apunhalar o homem através do encosto da cadeira ao mais breve comando. — É aqui que você escolheu se isolar atualmente?

O homem soltou um som indistinto que pode ter sido uma risada. Sua voz era frágil; as palavras não tinham ênfase.

— Perdoe a pequena vaidade de um velho. — Houve uma pausa quando a cabeça grisalha moveu-se para encarar a mulher. — Vejo que ainda está presa à mesma casca.

— Enquanto você deixou sua casca definhar. — Ela olhava para o corpo do velho com óbvia aversão.

— Que melhor proteção contra os cães servis do Aliado? Por que alguém

tomaria o corpo de um homem que não pode andar mais de três metros sem cair de joelhos?

— Realmente. — A mulher observou o interior despojado do templo. — Achei que o Imperador ofereceria acomodações mais salubres para sua velhice, dado o grande serviço que você prestou ao antepassado dele.

— Ah, ele me ofereceu grandes recompensas, belas casas, criados e uma pensão nada pequena. Pedi apenas isso. As pessoas vêm aqui à procura da sabedoria do servo do Vidente Inominável e partem felizes ao custo de algumas moedas de cobre. Uma distração adequada a um velho solitário.

Os lábios da mulher formaram um leve sorriso de desdém.

— Devo acreditar que você ficou mais dócil com a idade? Não se esqueça do que vi, do que fizemos.

— Do que fomos obrigados a fazer.

— Não me lembro de qualquer relutância de sua parte.

— Relutância? Ah, mas houve. Quando cheguei a hora de deixá-la, fiquei realmente relutante. Quando o exército de seu pai saiu a duras penas dos pântanos, fiquei ainda mais relutante. Eu havia mudado àquela altura, veja bem, e queria apenas uma vida tranquila, mas o Imperador pediu minha ajuda. *Pediu*. Não houve ordens nem ameaças... Nenhuma tortura. Ele apenas pediu. Foi a última vez que usei meu dom.

A mulher o encarou em silêncio por um momento.

— Por que a porta estava destrancada?

— Está destrancada há vinte anos. Os guardas estão aqui por insistência do Imperador, não minha. Na verdade, eu esperava você e seu jovem amigo mais cedo, mas minha capacidade de ver o futuro não é mais o que costumava ser. É o que acontece com dons roubados, não concorda? Eles tendem a perder a força com a idade.

A mulher apertou a adaga, e Frentis a viu hesitar antes de forçar-se a fazer uma última pergunta.

— Por que você... me deixou?

— Você sabe por quê. Você era cruel, feroz e bela, mas o Aliado a tornou monstrosa. Isso partiu meu coração.

— Você não sabe no que o Aliado me transformou, Revek, mas logo descobrirá.

O domínio queimou Frentis com uma ordem implacável, impelindo-o para frente com a adaga preparada. O velho se levantou mais rápido do que qualquer velho deveria, ergueu os braços com os dedos esticados e virou-se, revelando um rosto de muita idade, mas também de profunda tristeza. Seus dedos se contraíram e o fogo envolveu suas mãos, mas aquilo não era a ilusão conjurada por Caolho tantos anos antes. A rajada de calor no rosto de Frentis comprovava que aquele velho acabara de criar fogo verdadeiro em suas mãos. Ele as ergueu, dois punhos flamejantes voltados para Frentis, que atacou.

A mulher se moveu em um borrão, passando o braço por cima da cabeça do velho e cortando sua garganta com a adaga, fazendo brotar um jorro vermelho de sangue. O fogo do velho apagou-se quando ele cambaleou, agarrando a garganta com as mãos ilesas.

Houve um estrondo quando a porta principal foi escancarada, e os dois guardas entraram correndo, com os olhos arregalados ao verem a cena. A mulher matou o guarda mais próximo arremessando uma adaga contra o pescoço do homem e desembainhou a espada curta para investir contra o outro. Ele era rápido e bem treinado, bloqueando a estocada dela com a lâmina da lança e tentando golpeá-la no rosto e no pescoço para mantê-la ocupada. Frentis avançou, mas parou quando a mão do velho agarrou seu tornozelo. Tentou se soltar, mas não conseguiu. *O domínio desaparecera.*

Frentis cambaleou ao sentir a súbita torrente de liberdade, pois a dor desaparecera em um instante. A boca do velho se movia em meio a borrifos vermelhos e sua outra mão agarrava o corte aberto no pescoço. Frentis agachou-se para ouvir as palavras, ditas na língua do Reino em um sussurro débil: “A semente germinará.” A mão do velho deixou o pescoço de forma rápida demais para ser segurada e cobriu o rosto de Frentis com sangue, turvando-lhe os olhos e entrando em sua boca. Frentis afastou-se, tropeçando. O domínio retornou no instante em que a mão do velho soltou seu tornozelo.

Ele ergueu a cabeça e viu a mulher esquivar-se de uma estocada da lança do guarda, agarrar a haste e usá-la para desferir um chute giratório no rosto do homem. Ele cambaleou para trás, soltou a lança e tentou pegar o sabre preso ao cinto, mas foi lento demais. A espada curta da mulher atravessou com facilidade seu peitoral, cravando-se fundo até encontrar o coração.

Ela arrancou a lâmina do corpo dele, olhou para Frentis e avançou, examinando-lhe o rosto.

— Ele tocou em você.

A mulher pegou o jarro de vinho sobre a mesa e jogou o líquido no rosto de Frentis, limpando o sangue. Então, recuou para uma posição de luta, com a espada erguida e preparada. O domínio ficou mais intenso do que nunca, fazendo-o estremecer da cabeça aos pés, com a mente tomada pelo grito que os lábios não podiam soltar. A mulher o manteve assim pelo que pareceu ser uma eternidade, percorrendo o rosto de Frentis com um olhar atento. Por fim, ela grunhiu e afrouxou o domínio, deixando-o tombar no chão do templo, arfando e retorcendo-se de dor.

Enquanto tremia, Frentis a viu ir até o corpo do velho e chutar o peito sem vida, quebrando costelas frágeis com um estalo alto. A mulher segurou a cabeça grisalha com força, levantando o corpo, e desferiu dois golpes com a espada curta para decapitá-la. Ela ergueu a cabeça e virou-a para trás, escancarando a boca para deixar o sangue pingar dentro dela e bebê-lo.

O domínio estava frouxo o suficiente para que Frentis pudesse vomitar.

— Agora você verá no que o Aliado me transformou, Revek — disse a mulher, jogando a cabeça do velho para o lado e passando uma manga pela boca; o sangue e o carvão em pó se misturaram em uma pasta negra.

Ela embainhou a espada e ergueu as mãos, com os olhos fechados e os dentes cerrados em concentração. Por um momento, pareceu que nada aconteceria, mas então o fogo envolveu as mãos da mulher, que gritou de dor e triunfo. Ela gargalhou ao enviar um jato de fogo em direção ao corpo do velho, deixando-o preso em uma mortalha de fogo instantânea, e então lançou línguas

chamejantes ao redor do templo, ateando fogo em tudo que podia queimar. O lugar inteiro estava envolto em chamas e o calor ficava insuportável depressa.

Quando a mulher abaixou os braços, o fogo desapareceu de suas mãos. Ela olhou para Frentis, que se levantava sob o domínio dela, fazendo-o aproximar-se. As feições da mulher estavam dominadas por uma dor intensa e sangue fresco escorria do seu nariz e dos seus olhos, mas, ainda assim, ela sorriu, feroz e exultante, com as chamas brilhando em seus olhos.

— Há sempre um preço a pagar, meu amado.

CAPÍTULO SEIS

Vaelin

Não havia outros requerentes no escritório do Tabelião do Rei naquele primeiro dia da Feira de Verão, mas Vaelin ainda teve de esperar por quase uma hora até o oficial erguer os olhos de seu livro de registros. Era um jovem com o ar incomodado daqueles que trabalham demais e são mal pagos.

— Minhas desculpas, senhor — disse ele. — Estamos com poucos funcionários devido à feira.

— Compreendo perfeitamente. — Vaelin levantou-se do banco e aproximou-se da mesa do jovem oficial, onde havia pilhas tão altas de papéis e livros de registro que o homem parecia um bichinho em uma toca desarrumada. — Na última vez que estive no Reino, a Quarta Ordem era a encarregada dos registros do Rei — disse ele.

— Não mais. Hoje em dia, os irmãos da Quarta Ordem são mais como os irmãos da Sexta, vangloriando-se por aí com espadas e tudo mais. — O oficial recostou-se na cadeira, abafando um bocejo e olhando para Vaelin com curiosidade. — Então esteve viajando, senhor?

— Sim, por toda parte.

— Algum lugar exótico?

— As Ilhas Meldeneanas, mais recentemente. Antes disso, o Império Alpirano.

— Eu achava que eles nem permitissem que nossos navios atracassem.

— Fui por outra rota.

— Entendo. — O oficial pegou um novo pedaço de pergaminho. — Então, caro senhor, o que o traz aqui se tem os prazeres da feira a uma curta caminhada de distância?

— Preciso de um Certificado de Reconhecimento para minha irmã.

— Ah. — O oficial molhou a pena em um tinteiro e anotou algo no pergaminho. — Famílias complicadas são mesmo a razão de ser deste escritório. Por sorte, o procedimento é bastante simples. O senhor jura pela legitimidade de sua irmã em minha presença, eu escrevo o certificado, nós assinamos e está feito. A taxa é de duas moedas de prata.

Dois moedas de prata. Felizmente, Reva havia concordado em vender a

bela faca da Guarda do Reino que obtivera na estrada.

— De acordo.

— Excelente. Agora, qual é o seu nome, senhor?

— Lorde Vaelin Al Sorna.

A ponta da pena do oficial soltou um estalo alto ao se partir, espalhando tinta pelo pergaminho. O tabelião olhou para a mancha negra por um momento, engoliu em seco e ergueu lentamente a cabeça. Não havia dúvida em sua expressão, apenas assombro.

Uma pena, pensou Vaelin. Eu estava começando a gostar dele.

— Meu senhor... — começou o oficial, levantando-se e fazendo uma mesura longa o bastante para bater com a testa na mesa.

— Não faça isso — disse Vaelin.

— Eles disseram que o senhor estava morto...

— Foi o que ouvi.

— Eu sabia que era mentira. Eu sabia!

Vaelin forçou um sorriso.

— O certificado para minha irmã.

— Ah. — O oficial olhou para a mesa e para o escritório vazio; as mãos suadas formaram uma mancha em sua túnica. — Receio que isso esteja acima da minha posição, meu senhor.

— Garanto a você que não está.

— Perdão, meu senhor. — Ele se afastou da mesa. — Se o senhor puder aguardar só um momento. — O oficial fugiu para as profundezas sombrias do escritório. Ouviu-se uma porta ser escancarada, um grito de irritação e uma conversa sussurrada. O oficial logo retornou, seguido por um homem obeso que já passara dos cinquenta anos. Ele hesitou por um momento ao avistar Vaelin, mas recuperou a compostura com admirável rapidez.

— Meu senhor — disse o homem com uma mesura formal. — Gerrish Mertil, anteriormente da Quarta Ordem, agora tabelião-chefe da Cidade de Varinshold.

Vaelin retribuiu a mesura.

— Senhor, eu estava explicando a esse homem...

— Sim, um Certificado de Reconhecimento. Posso perguntar o motivo para solicitar esse documento?

— Não, não pode.

O tabelião-chefe corou um pouco.

— Perdão, meu senhor, mas estou ciente da ordem do Rei acerca da propriedade de seu finado pai e da decisão do magistrado no caso de sua irmã. Um Certificado de Reconhecimento negará a decisão, mas não a Palavra do Rei que, como o senhor sabe, está acima da lei.

— Estou ciente disso, obrigado. — Vaelin enfiou a mão na bolsa e tirou duas moedas de prata, colocando-as na mesa. — Ainda assim, desejo reconhecer minha irmã. Creio que estou apenas exercendo direitos desfrutados por todos os súditos do Reino.

Gerrish Mertil acenou para o jovem oficial, que correu para preparar os documentos.

— Lorde Vaelin, seria presunçoso de minha parte ser o primeiro oficial do Reino a dar-lhe as boas-vindas? — perguntou o tabelião-chefe.

— De modo algum. Diga-me, como um ex-irmão se torna tabelião-chefe?

— Pela graça do Rei. Quando decretou que a coroa deveria retomar a administração dos registros do Reino, Sua Alteza teve a sabedoria de reconhecer as habilidades de muitos irmãos de minha Ordem.

— Você deixou sua Ordem por pedido do Rei?

A expressão de Mertil se tornou sombria.

— Não era mais a Ordem para a qual entrei quando garoto. A ascensão do Aspecto Tendris trouxe muitas mudanças. No lugar de escrituração, os irmãos noviços estavam aprendendo esgrima. Aprendiam a usar uma besta em vez de uma pena. Que os Finados me perdoem, mas muitos de meus irmãos e eu ficamos felizes em partir.

O jovem oficial sussurrou um xingamento, curvado sobre uma folha de velino na escrivaninha. A pena tremia em sua mão.

— Ah, me dê isso aqui! — O tabelião-chefe o empurrou para o lado, limpou a tinta derramada e começou a escrever em uma caligrafia fluida. — Na minha época, costumavam nos chicotear se todos os floreios não tivessem o mesmo comprimento. — O documento ficou pronto depressa e foi assinado pelo próprio tabelião-chefe. Vaelin ficou agradecido pela paciência silenciosa do homem enquanto se ocupava com sua própria assinatura.

— Espero que esteja tudo de seu agrado, meu senhor. — Mertil curvou-se e entregou-lhe o certificado enrolado e amarrado com uma fita vermelha.

— Obrigado, senhores. — Vaelin ofereceu as duas moedas de prata, mas o tabelião-chefe sacudiu a cabeça.

— Eu tinha um sobrinho nos Gaios Azuis — disse ele. — Ele esteve com o senhor em Liness. Graças ao senhor, a mãe dele pôde recebê-lo de volta.

Vaelin assentiu.

— Um belo regimento.

O tabelião-chefe e o jovem oficial se curvaram tanto quanto podiam enquanto Vaelin caminhava em direção à porta, resistindo ao impulso de correr.

Ele encontrou Alornis e Reva no cruzamento entre a Travessa do Portão e a Rua dos Condutores. As ruas estavam quase vazias graças à feira, mas a experiência que tivera no escritório do tabelião fez Vaelin manter o capuz sobre a cabeça. Havia um grande pedestal de mármore no meio do cruzamento, cercado por andaimes. Alornis estava na plataforma mais alta, usando um avental de pedreiro e segurando uma corda presa a um bloco e a um cesto que descia até o solo, onde Reva colocava várias ferramentas.

— O martelo grande! — gritou Alornis. — Não o outro.

— Sua irmã é ainda mais tirânica do que você — resmungou Reva quando Vaelin se aproximou.

— Vaelin! — Alornis o cumprimentou com um aceno alegre. — Mestre, meu irmão está aqui!

Após um momento, a cabeça de um velho surgiu sobre a beirada da plataforma. Ele era barbudo e usava o manto verde da Terceira Ordem. O homem franziu a testa ao encarar Vaelin, grunhiu algo e desapareceu. Alornis deu um sorriso tímido como se pedisse desculpas.

— O que ele disse? — perguntou Vaelin.

— Ele achou que você seria mais alto.

Vaelin gargalhou e ergueu o pergaminho.

— Tenho algo para você.

Alornis desceu até a rua usando a corda, tendo o pesado cesto de ferramentas como contrapeso. O braço surpreendentemente musculoso do velho apareceu para puxar o cesto para a plataforma acima.

— Então tinta e papel fazem de mim sua irmã, e não sangue — disse Alornis após examinar o pergaminho.

— Tinta, papel e uma taxa de duas moedas de prata, mas não me cobraram.

— Então podemos comer essa noite? — perguntou Reva.

— Ainda preciso da petição do Rei — disse Vaelin a Alornis.

— Você realmente espera que ele volte atrás em sua Palavra?

Seus esforços serão em vão se ele não fizer isso, embora eu duvide de que eu vá gostar do preço.

— Tenho certeza de que sim.

Algo caiu na rua, emitindo um estrépito seguido por um grito.

— Cinzel errado!

Alornis suspirou.

— Ele está mais rabugento do que de costume. — Ela ergueu a cabeça para a plataforma. — Estou indo, Mestre Benril! — Alornis começou a recolher as ferramentas na base do pedestal. — Vocês deveriam ir para casa. Ainda vou ficar algumas horas aqui.

— Na verdade, irmã, pensei que você poderia levar Reva à feira. Ela nunca a viu.

Reva fez uma careta intrigada.

— Não dou a mínima para sua celebração pagã.

— Mas minha irmã dá. E eu ficaria mais tranquilo se ela tivesse proteção. — Vaelin jogou a bolsa para ela. — E você pode escolher o jantar hoje.

— Não posso — insistiu Alornis. — Mestre Benril precisa de mim...

— Eu ajudarei Mestre Benril. — Vaelin desamarrou e tirou o avental dela.

— Vamos, saiam daqui.

Alornis lançou um olhar incerto para o alto do andaime.

— Bem, faz semanas que ele não me paga.

— Então está resolvido. — Ele enxotou Reva e Alornis dali e observou enquanto seguiam pela Travessa do Portão. A canção do sangue emitiu a mesma nota ritmada quando Alornis pegou a mão de Reva e começou a conversar com ela como se a conhecesse desde a infância. Ele viu Reva se retrair, mas ficou surpreso quando ela não soltou a mão.

— Cinzel!

Vaelin recolheu todos os cinzéis que pôde encontrar, colocando-os em uma

sacola de couro, e subiu as sucessivas escadas até o topo do andaime. O velho estava agachado no topo do pedestal, passando as mãos pela superfície de mármore. Ele não se virou quando Vaelin deixou a sacola de ferramentas ao seu lado.

— Minha irmã disse que você não tem lhe pagado — disse ele.

— Sua irmã precisaria pagar para me ajudar, irmão. — Mestre Benril Lenial virou-se para encará-lo com a mesma testa bastante franzida. — Ou é apenas “meu senhor” atualmente?

— Não faço mais parte da Sexta Ordem, se é o que quer dizer.

Mestre Benril grunhiu e virou-se para o pedestal.

— O que será isso? — perguntou Vaelin.

— Um monumento do Reino à grandeza do Rei Janus. — O tom do velho revelava muito sobre seu entusiasmo do aquele projeto.

— Então é uma encomenda real.

— Se eu fizer isso, ele me deixará em paz por dois anos para que eu possa pintar. É a única arte verdadeira. Isso... — Ele bateu com uma palma no mármore. — Isso é apenas alvenaria.

— Certa vez conheci um escultor. Eu diria que ele era tão artista quanto qualquer outro homem.

— E eu acho que você deveria se ater a brandir sua espada por aí. — O velho ergueu os olhos de novo. — Aliás, onde está ela?

— Deixei-a em casa, enrolada em lona, como tem estado desde que retornei ao Reino.

— Então você abandonou mais do que apenas a Fé, hein?

— Ganhei mais do que abandonei.

Mestre Benril moveu-se para encará-lo, sem qualquer sinal da rigidez muscular dos idosos.

— O que você quer?

— Minha irmã. Preciso levá-la embora daqui. Quero que você diga a ela para ir.

Benril ergueu as sobrancelhas grossas.

— Acha que minha opinião importa tanto assim para ela?

— Eu sei que sim. Também sei que não há uma vida aqui para ela, não como filha de meu pai, nem como sua aluna.

— O dom de sua irmã é grande e maravilhoso. Impedi-la de cultivá-lo seria um crime.

— Ela pode cultivá-lo longe daqui, em segurança.

Benril passou uma das mãos pela longa massa grisalha que formava sua barba.

— Concordarei em não dizer algo contra a partida dela, mas isso é tudo.

Vaelin inclinou a cabeça.

— Obrigado, Mestre.

— Não me agradeça ainda. — O velho levantou-se e caminhou até a escada. — Tenho uma condição.

— Não se mexa!

As costas de Vaelin doíam e uma cãibra começava a tomar conta de seu pescoço. Benril o obrigara a se manter em várias poses, cada uma mais teatral do que as anteriores. A última o deixou de costas retas e cabeça erguida, olhando para longe e segurando um esfregão como se fosse uma espada. O velho já começara e descartara numerosos rascunhos, movendo constantemente o giz e os olhos, que iam de Vaelin para o pergaminho castanho-escuro no cavalete.

— Não se segura uma espada assim — avisou Vaelin.

— Chama-se licença artística — retorquiu Benril. — Abaixei o braço direito.

Passou-se outra meia hora até que cinco membros da Guarda Montada do Rei chegassem no cruzamento, trazendo um cavalo sem cavaleiro. O capitão encarregado desmontou e avançou para bater continência; sua armadura polida forneceu a Vaelin um belo reflexo da pose ridícula em que se encontrava.

— Lorde Vaelin, permita-me dizer que é uma honra servi-lo.

— Eu estava esperando o Capitão Smolen — disse Vaelin.

O homem hesitou.

— O Lorde Comandante Al Smolen está no norte, meu senhor. — O homem empertigou-se com orgulho. — Trago calorosas saudações de Sua Alteza...

— Está bem. — Vaelin abandonou a pose e pegou o manto. — Mestre Benril, parece que precisam de mim no palácio. Teremos de terminar isso outra hora.

— Diga ao Rei que preciso de mais dinheiro para o ferreiro — disse Benril ao capitão. — Se ele quiser esse monumento pronto antes do inverno.

O capitão retesou-se.

— Não sou um mensageiro, irmão.

— Eu direi a ele — assegurou Vaelin a Benril, vestindo o manto. Ele parou para olhar o esboço do mestre, franzindo o rosto. — Não sou tão alto assim.

— Pelo contrário, meu senhor. — Benril aproximou-se do pergaminho para acrescentar algumas sombras nas maçãs do rosto de Vaelin. — Creio que o senhor é maior do que imagina.

O Rei Malcius Al Nieren usava uma coroa mais ornamentada do que o diadema simples preferido por seu pai, um aro de ouro com um padrão floral intrincado e uma peça central de quatro diferentes pedras preciosas, presumivelmente representando os quatro feudos do Reino. Os olhos debaixo da coroa revelavam uma cautela que não combinava com o sorriso radiante que o Rei deu quando Vaelin levantou-se após se ajoelhar no chão diante do trono.

— Registrem — disse o Rei, fazendo com que os três escribas à esquerda do trono molhassem as penas e ficassem a postos. — O Rei Malcius Al Nieren dá as boas-vindas ao seu mais leal e honrado servo, o Lorde Comandante Vaelin Al Sorna. Que seja sabido que todas as honras e títulos que outrora foram seus estão restituídos.

Ele avançou, com os braços abertos, e segurou os ombros de Vaelin. Malcius sempre parecera a Vaelin um homem de vigor considerável, um guerreiro experiente com braço forte e mente aguçada. O homem diante dele agora era mais magro, com um rosto pálido sob uma camada de pó, e as mãos em seus ombros tremiam um pouco.

— Pela Fé, é bom vê-lo, Vaelin! — disse o Rei.

— Assim como o senhor, Alteza.

Ele olhou em volta quando as mãos do Rei permaneceram em seus ombros. Havia vários cortesãos presentes e parecia que o Rei havia adiado a procissão real à feira para honrar seu inesperado visitante. À direita do trono estava sentada uma mulher jovem, com as mãos entrelaçadas sobre o colo e uma coroa menor, mas ainda assim idêntica à coroa do Rei. Era bela e esbelta, com uma inteligência aguçada brilhando nos olhos igualmente cautelosos.

— Fique tranquilo — disse o Rei, atraindo a atenção de Vaelin. — Esse Reino está ciente da dívida que tem com você. — Suas mãos apertaram Vaelin com ainda mais firmeza.

— Obrigado, Alteza. — Ele abaixou a voz. — Eu... estava pensando se poderia discutir um assunto breve com o senhor, a respeito dos bens de meu pai.

— É claro, é claro! — O Rei finalmente o soltou e recuou. — Mas, primeiro, preciso apresentá-lo à minha rainha. Ela está ansiosa para conhecê-lo desde que recebemos notícias de seu retorno.

A rainha levantou-se quando Vaelin se ajoelhou diante dela.

— Lorde Vaelin, apresento-lhe a Rainha Ordella Al Nieren. Por favor, jure lealdade a ela como se fosse a mim.

Vaelin notou que o sorriso dele diminuira um pouco.

— Uma mera formalidade — disse Malcius. — Exigida de todas as Espadas do Reino nesses últimos quatro anos.

Vaelin voltou-se para a rainha, abaixando a cabeça.

— Eu, Lorde Vaelin Al Sorna, juro minha lealdade à Rainha Ordella Al Nieren do Reino Unificado.

— Obrigada, meu senhor — disse a rainha. Ela tinha uma voz refinada, com as vogais suaves do sul de Asrael, mas falou com certa rispidez. — Jura seguir minhas ordens como seguiria as ordens de seu Rei?

— Juro, minha Rainha.

— Jura proteger a mim e aos meus filhos como protegeria o seu Rei? Dar sua vida em nossa defesa caso seja necessário? E assim fazê-lo independentemente das mentiras que sejam ditas sobre nós?

Vaelin notou quão silenciosa ficara a corte, sentindo o peso de muitos olhos sobre seu corpo ajoelhado. *Isso não é por mim, concluiu. É por eles.*

— Juro, minha Rainha.

— Sinto-me honrada, meu senhor. — Ela estendeu a mão, a qual Vaelin prontamente beijou, sentindo a pele gelada contra os lábios.

— Excelente! — Malcius bateu palmas. — Minha amada, faça a bondade de seguir com a corte para a feira. Irei em breve, assim que Lorde Vaelin e eu tivermos concluído nosso assunto.

Sozinho com Vaelin, exceto por dois guardas na porta, Malcius tirou e

pendurou a coroa no braço do trono, soltando um suspiro de cansaço.

— Desculpe-me por tudo isso — disse ele. — Um espetáculo necessário, receio.

— Fui sincero no que eu disse, Alteza.

— Tenho certeza de que sim. Se toda Espada do Reino fosse tão sincera em seus juramentos, seria muito mais fácil governar essa terra. — Ele se sentou no trono, curvando-se para frente com cotovelos apoiados nos joelhos e olhos cansados. — Envelheci, não?

— Todos nós, Alteza.

— Não você. Mal parece um dia mais velho. Eu estava esperando uma criatura mirrada saída das profundezas das masmorras do Imperador. Mas você parece capaz de vencer todos os cavaleiros na feira sem nem ao menos ficar ofegante.

— O Imperador foi generoso, ainda que a estadia tenha sido solitária.

— Sem dúvida. — Malcius reclinou-se no trono. — Suponho que você saiba por que tomei os bens de seu pai, não?

— O senhor precisava garantir minha lealdade.

— De fato. Vejo agora que não era necessário, mas eu precisava ter certeza. Você não faz ideia das tramas que cercam minha família. Todos os dias chegam notícias sobre um novo grupo de conspiradores maquinando planos sanguinários em salas escuras.

— O Reino sempre teve rumores em abundância, Alteza.

— Rumores? Quem dera fossem apenas rumores. Dois meses atrás, encontraram, aqui no terreno do palácio, um sujeito com uma lâmina envenenada e o Catecismo da Fé tatuado nas costas e no peito. Dei-lhe uma morte rápida, que foi mais do que meu pai teria feito, não é?

Janus o teria torturado durante um mês, se estivesse se sentindo generoso, ou dois, caso não estivesse.

— De fato, Alteza. Contudo, um louco não constitui uma trama.

— Há outros, pode estar certo. E devo enfrentá-los sozinho. O Aspecto Arlyn não quer se envolver. Desde a guerra, sua antiga Ordem recuperou boa parte de sua independência.

— Mesmo na época de seu pai, o Aspecto Arlyn gostava de manter uma distância entre a Coroa e a Fé.

— A Fé. — A voz do Rei soou baixa e levemente amargurada. — Quando surgem problemas nesse Reino, é comum ver a Fé botando lenha na fogueira. Fervorosos e Tolerantes se engalfinham, e o Aspecto Tendris mantém tentativas ridículas de transformar seus burocratas em guerreiros. A Fé deveria nos unir, mas, em vez disso, corre o risco de se destruir, levando consigo o Reino. — Ele fitou Vaelin. — E cada lado tentará assegurar seu apoio.

— Então cada lado ficará desapontado.

O Rei piscou, empertigando-se e parecendo surpreso.

— Sei que você deixou a Ordem para trás, mas a Fé também? O que o forçou a isso? O Imperador o obrigou a adorar deuses alpiranos?

Vaelin segurou o riso.

— Apenas ouvi uma verdade, Alteza. A Fé não foi arrancada de mim por

torturas, tampouco busco consolo em algum deus.

— Parece que você é mais perigoso para a harmonia do Reino do que eu imaginava.

— Não sou perigoso para ninguém, desde que não tentem causar mal a mim ou aos meus.

Malcius suspirou de novo e sorriu.

— Lyrna sempre gostou de sua... complexidade.

Lyrna... Era estranho, mas só agora notara que não vira a princesa na corte.

— Ela está na feira, Alteza?

— Não, foi para o norte para firmar um acordo com os lonaks. Se é que se pode acreditar em tal coisa.

Lyrna negociando com os lonaks. A ideia era tão absurda quanto espantosa.

— O senhor ofereceu paz a eles?

— Na verdade, a oferta veio da Suma Sacerdotisa, com a condição de negociar com Lyrna. Aparentemente é uma tradição lonak. A Suma Sacerdotisa só pode confiar na palavra de uma mulher. Os homens são facilmente corrompidos. — Ele estremeceu ao ver a dúvida no rosto de Vaelin. — Eu tive de arriscar. Já perdemos sangue e dinheiro suficiente lutando contra os homens-lobo, não acha?

— Lutar conosco é a razão de viver dos lonaks.

— Bem, talvez eles queiram outra razão para viver. Assim como eu. Essa terra precisa renascer, Vaelin. Ser transformada em algo melhor. Unida mais uma vez, verdadeiramente unida, não para sempre separada por nossas fronteiras e crenças. O Édito de Tolerância foi apenas o primeiro passo. Remodelar nossas vilas e cidade é a próxima etapa. Melhorar a estrutura do Reino melhorará também as almas de seus súditos. Posso fazer o que meu pai jamais fez, mesmo com suas guerras e tramas. Posso trazer a paz, uma paz duradoura que engrandecerá essa terra mais uma vez. Mas preciso de sua ajuda.

E, assim, chegamos ao preço.

— O senhor tem minha lealdade, Alteza, mas eu agiria com mais confiança em meu serviço se soubesse que minha irmã recebeu tudo a que tem direito.

O Rei acenou com a mão.

— Feito. Assinarei os documentos hoje. Você pode ficar com tudo que seu pai possuía, mas não pode permanecer aqui, não em Asrael.

— Na verdade, eu pretendia pedir licença para partir do Reino assim que os bens de meu pai fossem restituídos.

O Rei franziu o rosto.

— Partir? Para onde?

— Estou certo de que Vossa Alteza se lembra do Irmão Frentis. Acredito que ele ainda está vivo. Pretendo encontrá-lo.

— Irmão Frentis. — O Rei sacudiu a cabeça. — Ele morreu em Untesh, Vaelin — disse ele, com a voz tomada pela tristeza. — Todos eles morreram. Todos os homens sob meu comando.

Ele estava em um navio, sob alguma forma de domínio, suas cicatrizes estavam queimando...

— O senhor viu, Alteza? Viu o momento em que ele tombou?

O olhar do Rei tornou-se distante, franzindo a testa para as lembranças relutantes.

— Nós os repelimos inúmeras vezes, e tive Frentis ao meu lado durante a maior parte do tempo. Ele foi fantástico, lançando-se para a luta, salvando-nos a todo o momento. Os homens chamavam-no de “Fúria da Fé”. Sem ele, a cidade teria sucumbido no primeiro dia, não no terceiro. Eu o enviei para reforçar a seção sul naquela manhã. Os alpiranos eram como uma onda batendo contra um molhe em uma tempestade.

Ele passou uma das mãos pelo cabelo, que já fora de um vermelho-dourado vivo e agora era mais fino e tomado de fios grisalhos. Vaelin notou que a mão dele tremia.

— Eles não queriam me matar. Não importava quantos eu abatesse ou quão forte golpeasse ou xingasse. Quando finalmente me sobrepujaram, percorreram a cidade matando cada Guarda do Reino, desertores, feridos, não importava, mas me mantiveram vivo. Apenas eu.

Ele estava em um navio...

— Ainda assim, Alteza. Acredito que meu irmão esteja vivo e peça permissão para procurá-lo.

O Rei deu um sorriso sombrio e sacudiu a cabeça.

— Não, meu senhor. Lamento, mas não. Necessito que me faça um serviço diferente.

Vaelin rangeu os dentes. *Eu podia simplesmente ir embora*, pensou. *Deixar esse homem triste e cansado com seus sonhos e suas tramas imaginárias. Um juramento obrigado diante de uma plateia de sicofantas mimados é apenas mais uma mentira, como a Fé.*

Malcius levantou-se e apontou para o mapa bordado na parede, movendo o dedo de Asrael até uma grande extensão vazia acima da Grande Floresta do Norte.

— É onde necessito de seu serviço, meu senhor.

— Nos Confins do Norte?

— Exato. O Senhor da Torre Al Myrna faleceu no inverno passado. Sua filha adotiva administra o território desde então, mas, como ela é uma lonak abandonada sem qualquer estirpe, não posso permitir que tal situação continue. — O Rei empertigou-se e falou em um tom formal: — Vaelin Al Sorna, eu o nomeio Senhor da Torre dos Confins do Norte.

Ele podia recusar, expressar sua relutância e ir embora do palácio sem que nada fosse feito para detê-lo. Malcius não agiria contra Vaelin por medo de causar uma rebelião em todo o Reino. Contudo, a ideia desapareceu quando a canção do sangue emitiu um crescendo súbito e inesperado, indicando assentimento. A música sumiu depressa, mas o significado era claro o suficiente: *O caminho até Frentis está nos Confins do Norte.*

Ele fez uma medida longa para o Rei e respondeu com formalidade.

— Uma honra que aceito de bom grado, Alteza.

CAPÍTULO SETE

Lyrna

Por que ela não me matou?

Os olhos de Davoka cintilaram; sua mão firme cobria a boca de Lyrna e cheirava à fumaça de lenha. Lyrna engoliu em seco, fez o melhor para conter sua respiração precipitada e ergueu uma sobrancelha, parecendo intrigada. Davoka olhou rapidamente para a direita. Lyrna esforçou-se para ver, mas só conseguiu discernir o tom cinza e opaco da parede da tenda ainda agitada pelo vento da montanha. Tornou a olhar para Davoka, agora com as duas sobrancelhas erguidas. Os olhos da lonak estavam em outro lugar. Seu olhar percorria a parede da tenda; os músculos nus de seus braços estavam retesados e em prontidão.

Foi apenas um som extremamente baixo, um sussurro tênue de tecido sendo cortado. Os olhos de Lyrna distinguiram uma ponta de metal cintilante na parede da tenda sendo gradualmente convertida em uma lâmina de pelo menos 25 centímetros. O sussurro transformou-se em um grito quando a lona foi rasgada e revelou o rosto de um homem, um guerreiro lonak, pelo que Lyrna podia ver, de cabeça raspada e testa tatuada, com os dentes arreganhados em um rosnado assassino.

Davoka atacou e atingiu o lonak sob o queixo, empurrando sua cabeça para cima e para trás enquanto forçava a lâmina mais para o fundo até encontrar o cérebro. Ela puxou a faca e jogou a cabeça para trás, dando um grito longo e selvagem. Do lado de fora, ouviu-se um clamor instantâneo de alarme, ordens gritadas e a cacofonia de homens em combate.

Davoka pegou sua lança, empurrando a faca coberta de sangue para a mão de Lyrna.

— Fique aqui, Rainha. — Então, ela desapareceu, mergulhando através do rasgo na lona e sumindo na escuridão além.

Lyrna estava deitada de costas, com a faca ensanguentada na mão aberta, imaginando se o coração de uma pessoa podia realmente explodir por uso excessivo.

— ALTEZA! — Um grito rascante veio de fora. Irmão Sollis.

— Aqui — disse ela em voz baixa por uma garganta ressecada. Ela tossiu e tentou de novo. — Estou aqui! O que está acontecendo?

— Fomos traídos! Fique den... — Ele foi interrompido por um estrondo de metal contra metal, seguido por um gemido de dor. Mais gritos e berros de desafio ou choque. Lyrna podia ouvir muitas vozes lonaks entre a confusão de sons.

Um baque brusco atraiu o olhar da princesa para o teto da tenda, onde uma flecha de ponta de aço balançava presa à lona pelas penas.

LEVANTE-SE!, gritou sua mente.

Outro baque e outra flecha, mais baixa dessa vez, atravessando a lona para cravar-se nas peles a menos de três centímetros de sua perna.

Levante-se! Se ficar aqui, você morrerá!

A faca estava solta em sua mão aberta, e uma gota de sangue pingou do punho da arma em sua pele. O calor do líquido foi suficiente para tirá-la de seu estupor. Lyrna agarrou a faca, com o sangue escorrendo-lhe por entre os dedos, e forçou-se a levantar e sair para a noite.

A fogueira foi avivada quando Sollis jogou lenha nas chamas, com sua espada ensanguentada na outra mão. Ele se abaixou quando uma flecha zuniu sobre sua cabeça. Os outros dois irmãos, Hervil e Ivern, estavam posicionados na frente e atrás da tenda da princesa, com os arcos a postos. Na escuridão para além da fogueira, a batalha prosseguia, mas o tumulto do combate não revelava qualquer sinal de vitória ou derrota.

— Fique abaixada, Alteza! — ordenou Sollis. O Irmão Hervil agarrou-lhe o antebraço, puxando-a para baixo.

— Perdão, Alteza — disse Hervil com um sorriso. Ele era um irmão veterano, com o rosto marcado iluminado pelo tom vermelho do fogo.

— Há quantos? — perguntou a princesa a ele.

— Dificil dizer. Já matamos pelo menos dez. Aquela cadela lonak fodeu conosco. — Ele sorriu outra vez — Perdoe minha língua plebeia, Alteza.

— Aquela cadela lonak acabou de salvar minha vida — disse a princesa. — Ela não deve ser ferida, está me ouvindo?

Um grito rouco atraiu o olhar de Lyrna para o lado sul do acampamento, onde três guerreiros lonaks surgiram, gritando em direção à luz com porretes de guerra e machadinhas erguidos. O Irmão Hervil disparou duas flechas tão depressa que suas mãos pareceram um borrão, atingindo os dois lonaks. Sollis acertou o terceiro com um único golpe de espada, combinando um bloqueio e um contragolpe no mesmo movimento fluido. O lonak cambaleou para trás, com a garganta aberta, e Hervil acertou uma flecha em seu peito.

— Treze. — Ele riu. — Há anos não tenho uma noite tão produtiva.

Algo zuniu na escuridão à esquerda, fazendo Hervil jogar-se em cima de Lyrna, derrubando-a no chão com um peso sufocante e contraindo-se após um baque surdo. Lyrna contorceu-se embaixo dele, lutando para reunir fôlego suficiente para protestar, mas sentiu uma torrente quente manchando sua roupa. O rosto de Hervil estava a centímetros do seu, com as feições relaxadas e os olhos entreabertos e turvos. Lyrna tocou o rosto marcado de Hervil, sentindo o calor desaparecer. *Obrigada, irmão.*

— Alteza! — Sollis moveu o corpo de Hervil e levantou-a, arregalando os olhos ao ver o sangue que fez a roupa grudar aos seios e à barriga da princesa. —

Está ferida?

Ela sacudiu a cabeça.

— Onde está o Lorde Comandante?

— Lutando, imagino. — Sollis virou-se para a escuridão, mantendo os olhos alertas e a ponta da espada abaixada. A canção da batalha estava cessando. Os gritos e baques de combate diminuíram até o único som restante vir do incessante vento do norte.

— Eles se foram? — perguntou Lyrna em um sussurro. — Vencemos?

Algo saltou da escuridão além da fogueira, algo pálido, rápido e ágil, esquivou-se da espada de Sollis e da flecha do Irmão Ivern e lançou-se contra Lyrna com uma machadinha erguida. O choque de Lyrna foi tão grande que o tempo passou lentamente enquanto a figura descia em sua direção e seus olhos absorviam cada detalhe da atacante. Era uma garota de não mais que dezesseis anos, com o peito envolto em pele de lobo e os braços musculosos desferindo um golpe descendente com a machadinha. Seu rosto... Não havia raiva nem fúria nele: era um rosto de alegria serena e de beleza delicada.

Lyrna recuou e ergueu a mão com a faca por puro instinto. A arma chocou-se contra algo, soltando-se de sua mão e desaparecendo na escuridão. A garota lonak cambaleou para longe, rodopiando até o chão. Ela olhou para Lyrna; uma linha vermelha ia de sua testa até o queixo. *Os olhos dela são tão azuis*, notou Lyrna.

Sollis investiu contra a garota lonak, descrevendo um golpe descendente com força suficiente para fendê-la até as costelas, mas encontrou apenas o chão duro quando a garota saltou para longe, girando para encará-lo com a machadinha a postos.

— Kiral! — Davoka surgiu correndo na escuridão e saltou sobre a fogueira com a lança ensanguentada.

A garota lonak olhou depressa para Lyrna com os olhos azuis cintilantes e em júbilo, sangue escorrendo da nova cicatriz e dentes arreganhados em um sorriso feroz. Então, ela simplesmente não estava mais lá, desaparecendo na noite como uma vela apagada.

— Kiral! — gritou Davoka, parando nos limites da luz da fogueira. — *Ubeh vehla, akora!* — *Por favor, irmã, volte!*

Nersa estava morta, trespassada por meia dúzia de flechas a alguns metros de sua tenda. Lyrna supôs que os lonaks confundiram as duas na escuridão. Sendo assim, a dama podia ter salvado sua vida ao atrair tantas flechas. Ela observou um sargento da guarda que enrolava o corpo em um manto para ser levado até o sopé da colina, onde uma grande pira estava sendo erguida.

— Um momento, por favor — disse ela quando o homem ergueu o corpo. *Não deve haver culpa*, pensou, sabendo que era mentira, passando a mão pelos cabelos da dama e encontrando entre as tranças um pente de casco de tartaruga de pouco valor. *Eu não a matei*.

— Obrigada — disse ao sargento, pegando o pente e recuando.

Contaram mais de cem corpos lonaks, a maioria de garotos e homens, mas também havia cerca de uma dúzia de mulheres e garotas. O Lorde Comandante Al Smolen, com uma das mãos enfaixada e um espetacular hematoma multicolorido no maxilar, relatou a perda de vinte e três guardas, além de mais seis feridos. Mais da metade dos cavalos havia sido perdida, espantados ou abatidos, entre eles Sable. Lyrna tinha apenas uma pequena afeição pelo animal, mas ainda assim sentiu a perda. As montarias restantes haviam sido criadas para a guerra e era improvável que oferecessem uma cavalgada confortável.

Davoka estava sentada junto às brasas da fogueira, com a lança encostada no ombro. Não dissera nada desde a batalha nem tentara discutir ou mostrar arrependimento, apesar dos vários pedidos para sua execução imediata, todos recusados por Lyrna.

— Ela nos atraiu para isso, Alteza — insistiu Smolen. — Metade dos nossos homens morreu por causa dessa cadela.

— Eu já dei minha ordem, Lorde Comandante — disse Lyrna. — Não me faça repeti-la.

Ela se sentou diante de Davoka, vendo a tristeza que lhe cobria o rosto.

— *É hora para a verdade entre nós* — disse a princesa em lonak.

A lonak ergueu a cabeça, com um brilho discreto de surpresa nos olhos.

— *É o que parece.*

— *O poder da Suma Sacerdotisa não é completo, é?*

— *Ela ordena a paz com os merim her, os maiores e mais odiados inimigos de nossa história. Houve... diferenças de opinião entre os clãs. Vozes foram erguidas em discordância. Matamos aqueles que a questionaram, é claro, mas sempre havia mais, muitos para matar. A Mahlessa os chamou de varnish, mandando que fossem expulsos de seus clãs, e assim formaram um clã próprio. Os Senthar lonakhim.*

— *Senthar? Não conheço essa palavra.*

— *Raramente é falada agora. É uma história dos dias anteriores à chegada do seu povo do outro lado do mar para roubar nossas terras. Os Senthar eram um bando de guerra composto pelos maiores guerreiros lonakhim, escolhidos por suas habilidades e coragem excepcionais. Eram os melhores guerreiros da Mahlessa. Os Senthar conseguiram nossa maior vitória sobre os seordah e teriam nos conduzido ao domínio de toda essa terra, não fosse pela chegada dos merim her. Foram todos mortos no Grande Esforço, quando nosso povo fugiu para as montanhas, defendendo o passo por tempo suficiente para permitir que os lonakhim remanescentes estabelecessem um novo lar aqui. Agora eles renasceram, uma perversão corrompida de uma glória passada.*

— *A garota que tentou me matar é sua irmã?*

Davoka fechou os olhos e assentiu.

— *Kiral. Nascemos da mesma mãe. Os deuses foram gentis o bastante para levá-la antes que pudesse ver o que a filha se tornou.*

— *E o que ela se tornou?*

— *Algo detestável, algo que mata sem razão e envenena com suas palavras. Ela é a líder deles, chamada de a verdadeira Mahlessa pelos varnish que a seguem.* — Ela abriu os olhos, encontrando o olhar de Lyrna. — *Não foi sempre*

assim. Alguma coisa... mudou ela.

— *Que coisa?*

Davoka se remexeu.

— *Aquilo que só a Mahlessa conhece.*

Lyrna assentiu, ciente de que a lonak não revelaria mais nada sobre o assunto.

— *Ela virá atrás de nós novamente?*

— *Quando me enviou ao passo, a Mahlessa despachou também três bandos de guerra para perseguir os Senthar. Esperava-se que isso os forçasse a lutar em vez de virem atrás de você. Parece que minha irmã conseguiu escapar deles.* — Ela olhou por sobre o ombro para o sopé da colina, onde os guardas de Smolen empilhavam os corpos dos lonas. — *Os Senthar são numerosos e não vão parar.*

— Então não devemos demorar. — Era o Irmão Sollis, que falava na língua do Reino. Atrás dele ardia uma pira, com o corpo do Irmão Hervil envolto em chamas. A Ordem nunca tardava em cuidar de seus mortos. — Se andarmos depressa, podemos estar no passo antes do anoitecer. Encontrarei um cavalo adequado, Alteza. — Ele se virou para ir.

— Irmão Sollis — disse Lyrna, fazendo-o parar. — Essa expedição está sob meu comando, e eu não dei qualquer ordem para encerrá-la.

Sollis olhou rapidamente para Davoka e para Lyrna.

— Ouvia o que ela disse, Alteza. Não há chance de sucesso agora. Não podemos sobreviver a outro ataque assim.

— Ele tem razão — disse Davoka, mudando para a língua do Reino. — Homens demais, feridos demais. Deixamos um rastro que minha irmã pode seguir com os olhos fechados.

— Há outro caminho? — perguntou Lyrna. — Um caminho para um grupo menor, mais difícil de ser rastreado?

— Alteza... — começou Sollis.

— Irmão — interrompeu Lyrna. — Sua Ordem não presta contas à Coroa, então você tem minha permissão para partir sem qualquer risco e com meus agradecimentos pelo seu serviço. — Ela virou-se de volta para Davoka. — Há outro caminho?

A lonak assentiu lentamente.

— Sim, mas grande risco e só pode ter... — Ela fez uma careta, então ergueu uma das mãos e esticou os dedos. — Esse tanto. Não mais.

Cinco, incluindo eu. O que significa quatro espadas contra sabem lá os Finados quantos mais desses Senthar. Ela sabia que Sollis estava sendo sensato; o certo seria um retorno ligeiro até o passo e depois para os confortos do palácio de que tanto sentia falta. Porém, as palavras de Davoka avivaram sua ardente necessidade por evidências. *Aquilo que só a Suma Sacerdotisa conhece.* Lyrna sabia que havia evidências ali e que muitas mais seriam obtidas na Montanha da Suma Sacerdotisa.

Ela se levantou e fez um sinal para Smolen aproximar-se.

— Escolha seus três melhores homens para me acompanharem ao norte — disse a ele. — O Irmão Sollis guiará vocês ao passo.

— Eu prefiro ficar, Alteza — disse Sollis. Ela podia ver que o homem lutava

para manter a raiva longe da voz. — Com sua permissão, o Irmão Ivern e eu iremos com a senhora.

— E eu sou meu melhor homem, Alteza — informou-lhe Smolen. — E, mesmo que não fosse, a senhora sabe que jamais a deixaria.

— Agradeço a vocês dois. — Ela enrolou a pele nos ombros e lançou um olhar para os picos ameaçadores adiante, com os topos encobertos por nuvens, ouvindo o som distante de um trovão. *Vejam o que você tem a me dizer:*

O novo cavalo de Lyrna chamava-se Verka, uma palavra lonak que significava “estrela polar”, em homenagem a uma única mancha branca que o animal tinha no peito. Ele fora a montaria do Irmão Hervil, mas o Irmão Sollis lhe assegurou que era o cavalo mais calmo dos estábulos da Ordem. Pelo modo como Verka empinou e balançou a cabeça quando Lyrna subiu na sela, a princesa suspeitou de que o zeloso irmão estivesse simplesmente tentando aliviar a ansiedade dela. No entanto, apesar de sua apreensão inicial, o cavalo de guerra se mostrou uma montaria obediente, respondendo ao toque de Lyrna com suficiente bom grado ao seguirem o pônei de Davoka, que trotava com agilidade.

A lonak conduziu o grupo para o sul durante várias horas, mantendo um ritmo intenso, sem interromper a jornada com qualquer parada para descanso. Sollis cavalgava à frente de Lyrna enquanto Ivern seguia atrás e Smolen na retaguarda; os olhos dos homens percorriam o horizonte e os topos das colinas. Lyrna estivera alerta quando a viagem começara, mas perdera o entusiasmo quando o esforço cobrou seu preço. *Por que não me interessei mais por atividades físicas?*, resmungou para si mesma, sentindo cada passo dos cascos de Verka no terreno acidentado. *Uma hora longe dos meus livros não teria me matado, mas talvez esse maldito cavalo me mate.*

Tornaram a rumar para o norte antes do crepúsculo e passaram uma noite desconfortável e fria, sem fogueira, ao abrigo de um grande rochedo; os outros se revezaram na vigia enquanto Lyrna se encolhia em suas peles. Dessa vez, a exaustão assegurou-lhe o sono, ainda que inquieto. Os sonhos foram diferentes naquela noite; em vez do Rei moribundo, Nersa surgiu diante da princesa no jardim particular de Lyrna. A dama sorria e ria, como fazia com frequência, curvada para cheirar as flores e passar a mão pelos botões de cerejeira enquanto o sangue escorria das flechas cravadas em seu peito e pescoço, deixando um rastro vermelho por onde ela passava...

Apesar das muitas dores que receberam Lyrna ao despertar, ela ficou grata com a chegada da manhã.

Lyrna viu o macaco naquela tarde. Haviam seguido durante horas através de uma sucessão de ravinas e desfiladeiros, subindo a duras penas dezenas de

colinas enquanto o ar se tornava mais frio e a trilha mais estreita.

Davoka anunciou uma parada bem-vinda após subirem por um caminho particularmente cheio de rochas até um topo de rochedos banhados pelo sol. O trajeto adiante era óbvio: uma trilha ainda mais estreita e sinuosa no alto de uma cadeia de colinas em direção a duas grandes montanhas, as maiores que o grupo havia visto até então. A cadeia de colinas parecia desaparecer em um desfiladeiro entre os picos. Vendo o caminho estreito e tortuoso, Lyrna compreendeu por que Davoka insistira em um grupo pequeno. Guiar uma companhia completa ao longo daquele caminho teria levado dias ou até semanas.

Ela desmontou, soltando o já costumeiro gemido, e encontrou um rochedo grande atrás do qual poderia esvaziar sua bexiga real. Lyrna estava se levantando quando viu um macaco a menos de doze passos de distância. Um macaco muito grande.

O animal estava sentado, encarando-a com olhos negros e um focinho canino, e tinha um ramo de tojo parcialmente mastigado na pata coriácea. Sentado, ele tinha pelo menos um metro e meio de altura, coberto com um espesso pelo cinzento eriçado ao vento.

— Não o olhe nos olhos, Rainha. — Davoka apareceu no alto do rochedo atrás dela. — Líder do grupo. Vai considerar um desafio.

Lyrna evitou olhar para o rosto do macaco, mantendo-o à vista com olhares furtivos quando ele se colocou sobre as quatro patas, bocejando e revelando um conjunto de presas perigosas. O animal ergueu a cabeça e soltou um assobio curto e tossido, fazendo cinco outros macacos surgirem nas rochas ao redor. Eram um pouco menores, mas igualmente ameaçadores.

— Sem se mexer, Rainha — disse Davoka em voz baixa. Lyrna notou que a lonak segurava a lança e estava preparada para o arremesso.

O líder do grupo soltou outro assobio e pulou para longe, saltando de rocha em rocha com precisão silenciosa e sendo seguido pelos outros cinco com a mesma destreza. Havia desaparecido em poucos segundos.

— Não gostam do nosso cheiro — disse Davoka.

Lyrna voltou para o acampamento temporário, sentindo as pernas moles e o coração acelerado, e sentou-se ao lado de Smolen, soltando um suspiro explosivo.

Ele franziu o rosto.

— Algo errado, Alteza?

— Está louca, mulher! — gritou Sollis a Davoka. — Este é seu caminho seguro?

A montanha assomava-se diante deles; as encostas de cinzas negras eram cortadas por enormes rochedos que subiam até um pico envolto por uma fumaça densa, iluminado por ocasionais explosões de fogo alaranjado acompanhadas por um estrondo colossal que fazia a terra tremer debaixo de seus pés.

— Não há outro caminho — insistiu Davoka. Ela estava ocupada soltando o pônei, jogando a sela encosta abaixo e tirando as rédeas. Ela coçou o focinho do animal com carinho e deu um tapa em suas ancas, mandando-o de volta pela trilha que haviam seguido durante os cinco dias que levaram para chegar até ali. — Não dá para levar cavalos — disse a lonak. — Encosta íngreme demais e cavalos não gostam de fogo.

— *Eu não gosto de fogo* — disse-lhe Lyrna.

— Não há outro caminho, Rainha. — Davoka ergueu a lança, pendurou sua bolsa de couro no ombro e começou a subir sem dizer outra palavra ou olhar para trás.

— Alteza, perdoe-me, mas devo aconselhar... — começou Sollis.

— Eu sei, irmão. Eu sei. — Lyrna fez sinal para que ele se calasse, observando Davoka subir a encosta de cinzas com passos largos. — Ela tem um nome? Esta montanha?

Foi o Irmão Ivern quem respondeu, um homem muito mais novo do que Sollis ou o falecido Hervil, que havia adquirido um conhecimento impressionante sobre os lonaks e suas terras.

— Eles a chamam de Boca de Nishak, Alteza. Nishak é seu deus do fogo.

Lyrna agarrou a saia, erguendo-a acima das cinzas, e começou a andar.

— Bem, espero que ele esteja dormindo. Soltem os cavalos, meus senhores.

Porém, parecia que Nishak não estava adormecido naquele dia. Lyrna se viu caindo de joelhos a cada vez que a montanha era sacudida, sentindo uma lufada de calor quando o cume cuspiu fogo para o céu. O ar fedia a enxofre, e as cinzas a faziam tossir a ponto de sentir ânsias de vômito, mas ela continuou em frente, esforçando-se para não perder de vista o vulto de Davoka, que seguia com firmeza. Por fim, a lonak parou para descansar, abrigando-se no lado mais frio de um rochedo e tomando um gole de seu cantil enquanto Lyrna desabava ao seu lado.

— Isso. — Davoka deu um tapa na túnica de montaria de Lyrna. — Muito pesado. Tire.

— Não tenho mais nada — arfou Lyrna, tomando um longo gole do próprio cantil.

Davoka abriu a bolsa e tirou um justilho e uma calça de couro macio.

— Eu tenho. Compridos para você, mas posso resolver. — Ela estendeu as peças para ajustá-las e sacou sua faca. — Você tira a roupa.

Lyrna olhou para os três homens parados ali perto, olhando atentamente para outro lugar.

— Se algum de vocês se virar, vou mandá-lo para a Fortaleza Negra — advertiu ela.

Sollis nada disse, Smolen tossiu e Ivern segurou o riso.

Ficar nua na encosta de um vulcão enquanto uma lonak a vestia foi uma das experiências mais bizarras pelas quais Lyrna já passara e tornou-se um tanto mais embaraçosa pelas sinceras palavras de apreciação ditas por Davoka.

— Coxas firmes, quadris não muito estreitos. Bom. Vai parir filhos fortes, Rainha.

O Irmão Ivern deu um risinho e foi severamente repreendido por Sollis.

Davoka terminou dentro de uma hora. A Princesa Lyrna Al Nieren vestia trajes lonaks e tinha o rosto sujo pelas cinzas e o cabelo não lavado solto em uma longa massa oleosa. Davoka ofereceu-se para cortá-lo, mas a princesa recusou, amarrando-o atrás com uma tira de couro que pelo menos o mantinha longe dos seus olhos.

— Como estou, Lorde Comandante? — perguntou ela a Smolen, sabendo que era muito provável que o homem mentisse.

— Gloriosa como sempre, Alteza — respondeu ele, com uma sinceridade impressionante.

— Irmão! — Ivern gritou a Sollis, apontando encosta abaixo.

Sollis protegeu os olhos com uma mão e observou o lugar apontado.

— Eu estou vendo-os. Eu diria que são cerca de cinquenta.

— Mais para sessenta — disse Ivern. — Temos talvez oito quilômetros na dianteira.

Lyrna seguiu o olhar dos homens e viu uma fileira de pôneis avançando ao longo da cadeia de colinas. *Senthar*.

— Ótimo — disse Davoka, retomando a subida.

— Ótimo? — perguntou Lyrna. — Como isso pode ser ótimo? Devíamos tê-los despistado vindo por aqui.

Davoka não se virou.

— Não, Rainha. Não devíamos.

Lyrna suspirou, recolheu suas coisas e foi atrás da lonak

O sol começava a descer atrás das montanhas quando chegaram ao topo, uma caldeira de quase um quilômetro de diâmetro. A fumaça subia em intermináveis colunas ondulantes e o fedor de enxofre era tão intenso que Lyrna teve de lutar para não vomitar. Ela arriscou uma olhada por sobre a beira da caldeira antes que o calor a forçasse a recuar, deparando-se com lagos de lava espessa que esguichavam pedaços de rocha derretida para o alto. Davoka sentou-se alguns metros abaixo da beira, olhando atentamente para o sol que descia atrás dos picos escarpados a oeste. O olhar da lonak voltava-se ocasionalmente para as formas indistintas dos seus perseguidores; uma nuvem cada vez maior de poeira revelava seu avanço.

— Preparem os arcos — disse ela a Sollis e Ivern. — Talvez seja preciso atrasá-los.

— Vamos simplesmente ficar sentados aqui? — perguntou Lyrna. A princesa havia tentado manter a paciência até então, mas as circunstâncias estavam acabando rapidamente com o seu autocontrole. — Não deveríamos seguir em frente o mais rápido possível?

Davoka sacudiu a cabeça, falando em lonak

— *Nishak nos matará se dermos outro passo. Devemos aguardar a bênção*

dele. Ela olhou novamente para o sol, aguardando até que estivesse oculto pelas montanhas, fechou os olhos e começou a entoar um cântico.

— Você está... — Lyrna balbuciou e limpou as cinzas que cobriam sua boca. — Você está rezando para seu deus? Eu a segui até aqui e condenei a mim e a esses homens para que você pudesse pedir ajuda a um ser mágico e imaginário que vive em uma montanha?

Davoka a ignorou e permaneceu com os olhos fechados, entoando.

Lyrna se viu tentada a sacudir a lonak, mas percebeu que isso provavelmente resultaria em um golpe irritado, o que por sua vez forçaria Smolen a matar a mulher, ou pelo menos tentar. Tudo o que podia fazer era ficar parada e observar, fumegando como a montanha onde estavam, enquanto a escuridão se adensava.

— Ela não está rezando, Alteza — disse Ivern, observando a lonak com uma curiosidade intensa. — Ela está contando.

— São duzentos e setenta metros, pelos meus cálculos — disse Sollis, com os olhos fixos nos Senthar. As encostas estavam banhadas por uma luz alaranjada, e o sopro ígneo da montanha refletia-se nas nuvens de fumaça. Ele tirou uma flecha da aljava, encaixou-a no arco, esticou a corda e soltou-a após uma hesitação mínima para arrumar a mira. Lyrna observou a flecha descrever um arco na direção do aglomerado de Senthar, caindo entre eles com pouco sinal de ter causado qualquer ferimento ou atraso.

Ivern colocou-se à esquerda, e os dois irmãos começaram a disparar flechas em uma repetição lenta e deliberada de encaixar, mirar e soltar. Lyrna pensou ter visto uma nuvem de poeira mais clara levantar-se dos Senthar, o que podia indicar que um ou mais haviam tombado. De qualquer forma, não demonstraram qualquer sinal de diminuir a velocidade.

— Não devo ser capturada viva, Lorde Comandante — disse ela a Smolen.

Davoka parou de contar e levantou-se.

— Senthar não querem você viva — disse ela. Então, gritou a Sollis e Ivern: — Poupem as flechas. Não precisa agora.

— E, então, onde ele está? — perguntou Lyrna, cansada e frustrada demais para sequer sentir raiva. — Onde está o grande deus lonak do fo...

A montanha estremeceu com uma violência que não haviam sentido até então, derrubando-os, e uma nova nuvem de fumaça negra subiu da caldeira. A menos de cinquenta metros abaixo do topo, montes de lava derretida irromperam de uma dúzia de pontos. O líquido jorrava em veios incandescentes, escorrendo encosta abaixo e formando um grande rio de fogo. Os Senthar desapareceram em meio à corrente ígnea, mas o estrondo da montanha abafou seus gritos.

Davoka levantou-se, de braços erguidos para banhar-se no calor, recitando em lonak

— *Na contagem de duzentos e vinte após o sol se pôr no terceiro dia do sexto mês, Nishak fala e abençoa a face sul da montanha. Saibam disso e lembrem-se bem, pois Nishak é o mais generoso dos deuses.*

A descida pelo lado norte da Boca de Nishak levou a maior parte da noite. Havia menos cinzas nessas encostas, e Lyrna achou o trajeto mais fácil, embora o frio crescesse ao deixarem para trás o calor da montanha a fizesse ansiar pela sua pesada túnica de montaria.

Abrigaram-se em uma plataforma estreita que serpenteava ao longo do sopé da montanha, uma saliência rochosa que forneceu proteção contra uma chuvarada. Davoka permitiu que acendessem uma fogueira, a primeira em dias, feita com arbustos de tojo mirrado que brotavam por entre as rochas. Lyrna manteve-se o mais perto que pôde do fogo, com frio demais para conseguir dormir. Davoka assumiu o primeiro turno de vigia enquanto os homens dormiam; os irmãos descansavam em um silêncio estranho, mas Smolen se remexia, inquieto. A lonak sentou-se na borda da plataforma, com as pernas longas penduradas sobre um despenhadeiro de mais de trinta metros, e manteve a lança à mão.

— Lamento minha raiva — disse-lhe Lyrna por entre os dentes que batiam. — Minhas palavras foram tolas. Eu não pretendia insultar seu deus.

Davoka encolheu os ombros e respondeu em lonak:

— *Seu insulto não significa nada para Nishak. Ele sempre esteve aqui. Sempre estará aqui. Sempre que os lonakhim precisarem de fogo.*

— Também sinto muito p-por sua... — Lyrna se contraiu de frio e forçou a última palavra para fora. — Irmã. Uma morte como aquela n-não se deseja a... ninguém.

Davoka virou-se para ela, com os olhos apertados de preocupação. Levantou-se e ajoelhou-se ao lado de Lyrna, segurando suas mãos e encostando os nós dos dedos da princesa em sua testa.

— Fria demais, Rainha.

Ela despiu a pele que vestia, colocou-a em volta dos ombros de Lyrna e puxou-a para perto de si, passando os braços e as pernas em volta dela e apertando-a com força. Lyrna estava fraca demais para reclamar.

— *Minha irmã está viva, Lerhnah* — sussurrou Davoka. — *Minha irmã que não é minha irmã. Sinto isso. Ela pragueja em algum lugar na escuridão. Ela nos perdeu por enquanto, mas nos encontrará logo. O que quer que a tenha possuído escolheu bem. As habilidades delas são formidáveis.*

— *O qu-que quer que a tenha possuído?*

— *Não foi sempre assim. Ela... nunca foi uma guerreira. Uma caçadora habilidosa, sim. Kiral significa “gata selvagem” na língua antiga. Ela sabia rastrear animais com tamanha destreza que muitos pensaram que tinha a bênção dos deuses, mas Kiral nunca procurou lutar, nem mesmo contra sua raça, Rainha.*

“Então, certo dia, ela se deparou com um dos grandes macacos das colinas do oeste. Era época de nascimentos, e eles protegem os filhotes com ferocidade. Kiral foi gravemente ferida. Ela sofreu durante dias, aparentemente além das habilidades de cura da xamã. A Mahlessa me dispensou para que eu pudesse estar ao lado dela no fim. Sentei-me e velei por ela até Kiral parar de respirar por completo. Ela morreu, Lerhnah, eu vi. É uma vergonha, mas chorei por minha irmã; foram as únicas lágrimas que já derramei, pois ela era preciosa para mim. Então, ela falou. Estava morta, mas falou. Ela disse: “Lágrimas não são

apropriadas a uma guarda da Mahlessa. " Olhei nos olhos dela, nos olhos vivos, e não vi minha irmã lá. Nunca mais a vi. "

— *Você... a enfrentará... quando ela retornar?*

— *Será preciso.*

— *Você vai... matá-la?* — A cabeça de Lyrna começou a cair para o lado e sua visão oscilou à medida que o corpo era dominado pela exaustão.

— Não! — Davoka a sacudiu, causando um gemido de reclamação. — Não pode dormir agora. Dorme agora e não vai acordar quando chegar o dia.

Não vai acordar quando chegar o dia... Seria tão ruim assim? De qualquer forma, o que era ela? A irmã inútil, sem filhos e solteira de um rei tolo, buscando provas do impossível por meio daquela empreitada insana. Nersa morreu, o Irmão Hervil morreu. Por que eu não deveria morrer?

— Lerhnah! — Davoka agarrou-lhe o rosto, sacudindo-o com força. — Sem dormir.

Lyrna ergueu a cabeça de repente e piscou, com lágrimas causadas pelo frio escorrendo pelo rosto.

— *Você ama seus esposos?*

O rosto de Davoka revelou um alívio momentâneo e sorriu.

— *Essa é sua palavra.*

— *Qual é a palavra lonak?*

— *Ulmessa. — Grande e profunda afeição. Afeição por alguém que não é do seu sangue.*

— *Você sente isso por eles?* — perguntou Lyrna.

— *Às vezes, quando não estão fazendo as coisas estúpidas que os homens fazem.*

— *Anos atrás, eu senti isso. Senti isso o tempo todo. Por um homem que olhava para mim e via algo desprezível.*

— *Então ele era um tolo, e você está bem sem ele.*

— *Ele não era tolo, era um herói. Não que ele soubesse disso. Poderíamos ter governado o Reino juntos, ele e eu, como meu pai ordenara. Teria sido tão fácil.*

— *Seu pai era líder de todos os merim her, não?*

— *Ele era. Janus Al Nieren, Senhor de Asrael e governante por conquista do Reino Unificado.*

— *Por que você não honrou os desejos dele? Por que não tomou esse homem que você queria para serem rei e rainha juntos?*

— *Porque eu não podia matar meu irmão, assim como você não pode matar sua irmã.*

O Irmão Sollis acordou e levantou-se, quase sem fazer barulho, e parou ao ver Davoka, sem inua, abraçando a Princesa do Reino Unificado.

— *Rainha está muito fria — disse Davoka. — Pegue mais lenha.*

Pela manhã, Lyrna havia se recuperado o suficiente para seguir atrás de Davoka aos tropeços, passando pelo fundo de um vale e continuando para o norte. Ela sabia que a lonak havia diminuído o ritmo por sua causa e achava seu escrutínio constante desconcertante, como se temesse que sua protegida caísse morta a qualquer momento. Smolen e Ivern revezavam-se para ajudá-la, erguendo-a para não pisar em córregos e quase a carregando quando parecia que a princesa estava prestes a desmaiar. Descansaram com mais frequência nesse dia, com pausas breves, mas bem-vindas, durante as quais Davoka e Sollis forçavam Lyrna a comer a carne seca e as tâmaras secas que os irmãos carregavam, embora o apetite dela parecesse ter desaparecido.

— Ela precisa de descanso e abrigo — disse Smolen, já no fim da tarde. — Não podemos fazê-la continuar. — Havia uma ponta de pânico na voz dele e seu olhar adquirira certo aspecto selvagem.

— Não fale por mim... — começou Lyrna, engasgando-se com um acesso de tosse.

Davoka lançou um olhar questionador a Sollis. O Irmão Comandante assentiu, parecendo relutante.

— Quatro ou cinco quilômetros naquela direção — disse Davoka, apontando para o leste com a lança. — Uma aldeia. Nós abrigamos lá.

— É seguro? — perguntou Lyrna, em voz baixa.

O olhar cauteloso nos olhos de Davoka quando lhe deu as costas foi resposta suficiente.

A aldeia consistia em algumas dúzias de moradas de pedra no interior de uma muralha sólida. Ficava no alto de uma colina periforme que se erguia do fundo de um amplo vale, cortado por um rio de correnteza veloz que seguia para o sul. Davoka conduziu-os até um marco no sopé da colina, onde começava um caminho acidentado de cascalho que subia até um portão na muralha. Ela inverteu a lança, apoiou a ponta no chão e esperou.

— Que clã vive aqui? — perguntou Sollis.

— Falcões Cinzentos — respondeu Davoka. — Grande ódio pelos merim her. Muitos Senthar vêm de aldeias dos Falcões Cinzentos.

— *E você espera que eles nos ajudem?* — perguntou Lyrna.

— *Espero que eles não questionem as ordens da Montanha.*

Passou-se quase uma hora até o portão se abrir, dando caminho para trinta ou mais homens montados em pôneis e descendo a colina a galope.

— Não toquem nas suas armas — disse-lhes Davoka enquanto o grupo lonak aproximava-se.

O cavaleiro que vinha à frente parou a pouca distância e ergueu uma das mãos para fazer os outros cavaleiros pararem. Era um homem grande que usava uma pele de urso pardo e exibia as tatuagens mais extensas que Lyrna já vira, cobrindo-lhe a cabeça, o pescoço e os braços em uma desordem espiralada de símbolos ilegíveis. Ele permaneceu sentado no cavalo, encarando-os em silêncio e com o rosto impassível. Então, trotou em frente até se elevar sobre Davoka.

Um porrete de guerra e uma machadinha pendiam de seu cinto.

— *Serva da Montanha* — disse ele em saudação a Davoka.

— *Alturk* — respondeu ela. — *Peço o abrigo do seu lar.*

O homenzarrão passou por Davoka com seu pônei, indo até onde Lyrna estava sentada, encostada nas bolsas. Ela podia sentir a tensão de Smolen e dos irmãos, que resistiam ao impulso de sacar as espadas.

— Você é a Rainha dos merim her — disse o homenzarrão a Lyrna em uma língua do Reino meramente compreensível. — Ouvi dizer que você deixou uma cicatriz na falsa Mahlessa. Agora vejo que é mentira. — Ele se inclinou para frente na sela, fitando-a com os olhos escuros. — Você é fraca.

Lyrna forçou-se a levantar e engoliu uma tosse.

— *Eu deixei uma cicatriz nela* — respondeu a princesa em lonak — *Dê-me uma faca e deixarei uma cicatriz em você também.*

Algo se contraiu no rosto do homenzarrão. Ele se ajeitou na sela, grunhiu e virou a montaria de volta para a aldeia.

— *Minha porta está sempre aberta para os Servos da Montanha* — disse a Davoka antes de sair a galope.

— Falou bem, Rainha — disse Davoka com um respeito grave.

— Depois de história, diplomacia é meu assunto favorito — retorquiu Lyrna. Dito isso, ela vomitou e desmaiou.

CAPÍTULO OITO

Reva

Pai do Mundo, eu lhe imploro, não negue Seu amor a essa miserável pecadora.

Reva escolhera o quarto mais alto da casa. Na verdade, era mais um sótão com um grande buraco no teto, que ela consertou sem muita habilidade, pregando algumas tábuas. Ela estava sentada em um pequeno catre, a única móvel no quarto, deslizando a faca ao longo de uma pedra de amolar. O Lâmina Negra estava discutindo com a irmã lá embaixo. Na verdade, ela estava discutindo com ele, sua voz alta e irritada enquanto a voz dele continuava baixa e tranquilizadora. Reva não sabia que Alornis podia ficar brava. Era gentil, generosa e propensa ao riso apesar de seus muitos problemas, mas não era brava.

O poeta bêbado cantava no pátio, como sempre fazia quando ficava tarde. Reva não reconheceu a canção; alguns versos sentimentais sobre uma donzela à espera do amado à beira de um lago. Ela pensara que a inclinação do homem pela música seria abrandada pela presença de tantos espectadores, mas, na verdade, a multidão de idiotas com os olhos arregalados reunida do outro lado do cordão formado pela Guarda do Palácio parecia apenas encorajá-lo.

— Obrigado, obrigado — disse ele, sem dúvida curvando-se para os aplausos inexistentes. — Todo artista aprecia um público.

— É fácil para você, irmão! — O grito de Alornis chegou pelas tábuas do assoalho. — Essa não é sua casa! — Uma porta bateu e Reva ouviu pisadas fortes pela escada, fazendo com que olhasse para a porta do sótão com receio. *Por que escolhi um quarto sem tranca?*

Ela olhou fixamente para a lâmina da faca, raspando-a ao longo da pedra de amolar. Era uma bela faca, o bem mais refinado que já tivera, na realidade. O sacerdote dissera que a lâmina fora modelada por mãos asraelinas, mas que isso não devia impedi-la de usar a arma. O Pai não odiava os asraelinos, mas a heresia desse povo fazia com que eles O odiassem. Ela devia cuidar dessa faca e afiá-la bem, pois com ela realizaria a obra do Pai...

A porta abriu-se subitamente e Alornis entrou, furiosa.

— Você sabia? — perguntou ela.

Reva continuou a passar a lâmina pela pedra.

— Não, mas agora sei.

Alornis respirou fundo, controlando a raiva e andando em um pequeno círculo, fechando e abrindo os punhos.

— Os Confins do Norte. O que, em nome da Fé, farei nos Confins do Norte?

— Você precisará de peles — disse Reva. — Ouvi dizer que é frio lá.

— Não quero nenhuma porcaria de pele! — Ela parou junto à pequena janela quebrada e engastada no telhado inclinado e suspirou profundamente. — Desculpe-me. Isso não é culpa sua. — Ela se sentou na cama, dando tapinhas na perna de Reva. — Desculpe-me.

Pai do Mundo, eu lhe imploro...

— Ele simplesmente não compreende — prosseguiu Alornis. — Passou a vida de guerra em guerra. Sem casa, sem lar. Sem saber que ir embora daqui é como deixar minha alma para trás. — Ela se virou para Reva, com os olhos brilhantes e úmidos. — Você compreende?

Meu lar era um celeiro onde o sacerdote me surrava se eu não segurasse a faca do jeito certo.

— Não — respondeu Reva. — Este lugar é apenas tijolos e argamassa. Tijolos e argamassa precários, ainda por cima.

— São meus tijolos e argamassa, por mais arruinados que possam estar. Graças ao meu querido irmão, esse lugar realmente me pertence, depois de todos esses anos. E, assim que passa a me pertencer, ele me faz abrir mão da minha casa.

— O que você faria aqui? É um lugar grande e você é... pequena.

Alornis sorriu e abaixou os olhos.

— Eu tinha ideias... Sonhos, na verdade. Há muitos como eu, muitos que querem aprender a fazer o que Mestre Benril sabe fazer ou adquirir os conhecimentos que sua Ordem detém, mas que são impedidos devido ao seu sexo ou à sua fé diferente. Pensei que poderia ensiná-los aqui, assim que eu tivesse aprendido o suficiente.

Reva observou as mãos de Alornis sobre o tecido que cobria sua coxa, sentindo o calor dela, como a fazia arder... Embainhou a faca e levantou-se do catre. *Pai do Mundo, não negue Seu amor a essa miserável pecadora.*

Ela foi até a janela e olhou através das crostas de sujeira no vidro, vendo as fogueiras feitas pela multidão além do cordão formado pela Guarda do Palácio. *Uma bela turba de tolos Fiéis*, o poeta os chamara, com atípica sabedoria.

— Chegam mais todos os dias — disse Reva. — Eram apenas meia dúzia dois dias atrás, mas agora são mais de cinquenta, todos buscando o apoio do seu irmão ou mesmo uma palavra de reconhecimento. Com o tempo, o silêncio os deixará com raiva, um sentimento que será dirigido a você quando seu irmão partir na missão do Rei.

Alornis ergueu as sobrancelhas e deu uma risada curta.

— Às vezes você soa tão velha, Reva. Mais velha do que ele, na verdade. Vocês passaram tempo demais juntos.

Eu sei. Tempo demais esperando que ele cumprisse o acordo. Tempo demais controlando a língua, enganando a si mesma com a ideia de que continuava ali porque queria mais lições com a espada, mais conhecimento para

usar contra ele quando chegasse a hora. Tempo demais vivendo essa mentira, tempo demais com *ela*. A cada dia, Reva sentia o amor do Pai afastar-se ainda mais. Os gritos do sacerdote chegavam até ela em sonhos, os gritos que ele deu em meio a perdigotos no dia em que lhe aplicou a pior surra de sua vida. *Pecadora! Eu conheço a vileza que espreita seu coração. Eu a vi. Pecadora imunda e sem Pai!*

— Seu irmão está certo — disse ela a Alornis. — Você precisa partir. Tenho certeza de que encontrará outros a quem ensinar, e dizem que há muitas maravilhas no norte. Não vão faltar coisas para desenhar.

Alornis olhou longamente para ela, franzindo a testa.

— Você não vai, não é?

— Não posso.

— Por que não? Há muitas maravilhas no norte, como você disse. Vamos vê-las juntas.

— Não posso. Há outra... coisa que preciso fazer.

— Outra coisa? Algo a ver com seu deus? Vaelin diz que você é fervorosa na sua devoção, mas não ouvi você dizer uma única palavra sobre seu deus.

Reva estava prestes a protestar, mas percebeu que era verdade. Ela jamais contara a Alornis a respeito do amor do Pai ou da felicidade que lhe causava, como estimulava sua missão. *Por quê?* A resposta veio antes que pudesse contê-la. *Porque você não precisa do amor do Pai quando está com ela.*

Pecadora imunda e sem Pai!

— Através do vale fundo e vasto... — Era o poeta, que começava uma nova canção. — Com meus irmãos ao meu lado...

Reva abriu a janela com dificuldade e gritou para a escuridão.

— Ah, cale a boca, seu beberrão!

Alucius calou-se e ouviu-se um murmúrio de apreciação vindo da multidão.

— Partimos amanhã — disse Alornis em voz baixa.

— Viajarei com vocês durante algum tempo — disse Reva, forçando um sorriso. — Seu irmão tem um acordo a cumprir.

O Rei forneceu cavalos e dinheiro para a viagem, um grande saco de dinheiro, na verdade, e Al Sorna deu um pouco a Reva.

— Uma jornada sagrada precisa de financiamento — disse ele com um sorriso.

Reva aceitou o dinheiro com um olhar furioso e saiu despercebida enquanto eles faziam as malas. Para evitar a multidão, entrou um pouco no rio e seguiu pela margem por uns cem metros. Ela foi até o mercado e comprou um belo manto encerado para se proteger da chuva e um par de botas mais resistentes, moldadas para seus pés por um sapateiro experiente que disse que ela tinha dedos de dançarina. Pela careta do homem, Reva pressupôs que aquilo não era um elogio. O sapateiro mostrou-lhe como chegar até sua próxima parada, mas não sem alguma desconfiança na voz.

— O que uma dançarina pode querer lá?

— Um presente para meu irmão — respondeu Reva, pagando um pouco mais para conter a curiosidade do homem.

A oficina do espadeiro dava para um pátio onde ecoavam as constantes batidas do martelo em aço. O homem era velho e surpreendentemente magro, embora as queimaduras que descoloriam os músculos nodosos de seus antebraços evidenciassem uma vida inteira na ferraria.

— Seu irmão sabe usar a espada, senhora?

Não sou uma senhora, pensou Reva, não gostando da simulação de respeito. Seu sotaque e sua falta de refinamento a distinguiam com clareza, e qualquer respeito por parte do homem devia-se muito mais à bolsa volumosa que ela levava presa ao cinto.

— Bem o suficiente — respondeu Reva. — Ele quer uma lâmina renfaelina, como as espadas que os soldados usam.

O ferreiro fez um aceno com a cabeça, mostrando-se afável, e desapareceu no interior da oficina, retornando com uma espada bastante comum. A guarda era feita de madeira, sem adornos, e o punho era uma barra grossa de ferro. A lâmina era um metro de aço afiado que terminava em uma ponta fina, sem qualquer decoração.

— Os renfaelinos são melhores com armaduras — disse o ferreiro. — Não há arte em suas espadas. É mais um porrete do que uma lâmina, na verdade. Posso lhe mostrar algo melhor?

E mais caro, pensou ela, observando a lâmina. *Ele tinha uma espada igual a essa e fez arte suficiente com ela.*

Reva assentiu para o ferreiro.

— Talvez você tenha razão. Meu irmão é um sujeito franzino. Ele tem mais ou menos meu tamanho, na verdade.

— Ah, então uma lâmina com o peso padrão não seria suficiente?

— Algo mais leve seria melhor. Mas não menos resistente, se possível.

O homem pensou por um momento e, então, ergueu a mão, indicando que ela devia esperar. Ele tornou a desaparecer, surgindo pouco depois com um estojo de madeira de cerca de um metro de comprimento.

— Talvez isso sirva.

Ele abriu o estojo, revelando uma espada de lâmina curva e gume único, com menos de dois centímetros e meio de largura e um palmo mais curta do que o padrão asraelino. A guarda era um círculo de bronze moldado em um formato que Reva jamais vira, com o punho envolto em couro para uma empunhadura forte, longo o suficiente para ser segurado com as duas mãos.

— Você que fez? — perguntou Reva.

O velho ferreiro deu um sorriso pesaroso.

— Infelizmente, não. Essa espada veio do Extremo Ocidente, onde eles possuem maneiras estranhas de trabalhar o aço. Vê o padrão na lâmina?

Reva olhou de perto, percebendo espirais escuras e regulares ao longo do metal.

— É escrita?

— Apenas uma consequência de sua fabricação. Eles dobram a lâmina

várias vezes e então a cobrem com barro enquanto esfria. O resultado é uma grande resistência, mas sem o peso.

Reva tocou o punho da espada.

— Posso?

O velho inclinou a cabeça.

Ela ergueu a espada, afastando-se do balcão e repetindo a última série que Al Sorna lhe ensinara, planejada para repelir um ataque de múltiplos oponentes em um espaço fechado. A espada era apenas um pouco mais pesada do que a vara com a qual praticava e bem balanceada, emitindo uma leve nota ao cortar o ar. A série era breve, mas vigorosa, exigindo diversas estocadas e uma pirueta dupla ao final.

— Ótima — disse ela, erguendo a lâmina contra a luz. — Quanto é?

O ferreiro estava olhando para Reva com uma expressão estranha, similar à forma como homens olhavam para Ellora enquanto ela dançava.

— Quanto é? — repetiu Reva, colocando certa rispidez na voz.

O ferreiro piscou e sorriu, respondendo com uma voz um tanto carregada:

— Faça aquilo mais uma vez e incluo a bainha de graça.

Reva voltou a tempo para a casa de Alornis e encontrou Al Sorna no pátio, despedindo-se do poeta bêbado.

— Você podia vir conosco — disse ele.

Alucius agradeceu a oferta com uma mesura floreada.

— A ideia de enfrentar isolamento, frio e ameaças constantes dos selvagens, tudo isso bem distante de um vinhedo decente, é agradável, meu senhor, mas acho que a deixarei passar. Além disso, sem mim, meu pai não terá a quem odiar.

Depois de apertarem as mãos, Al Sorna foi até o cavalo, olhou para Reva e percebeu a espada presa às suas costas.

— Foi cara?

— Pechinchei por ela.

Ele apontou para uma égua cinzenta, selada e amarrada a um poste ao lado do poço. O sacerdote a ensinara a cavalgar, e Reva subiu no dorso do animal com uma facilidade experiente, desamarrando-o e seguindo ao lado de Al Sorna. Reva observou Alornis abraçar Alucius, lutando contra o aperto em seu peito ao ver as lágrimas nos olhos da garota e o modo como o poeta enxugou cada uma com o polegar, dizendo palavras de conforto.

— Você sabe que ele a ama, não sabe? — perguntou a Al Sorna, mantendo a voz baixa. — Por isso ele vem aqui todas as noites.

— Não amava quando veio aqui pela primeira vez. Acho que o Rei estava ansioso para garantir que os interesses de minha irmã não se afastassem muito de assuntos artísticos.

— Ele é um espião?

— Era. Com o fracasso de seu pai, acho que não teve muita escolha. Parece que Malcius é mais parecido com Janus do que eu pensava.

— E você permitiu que ele continuasse vindo aqui?

— Ele é um bom homem, como foi o irmão dele.

— Ele é um bêbado mentiroso.

— Também é um poeta e, de vez em quando, um guerreiro. Uma pessoa pode ser muitas coisas.

Houve uma comoção entre a multidão de espectadores, e os guardas ergueram as alabardas em alerta quando um homem em um manto negro surgiu, cavalgando através do aglomerado de pessoas. Reva ouviu Al Sorna soltar um grunhido consternado. O homem parou diante dos guardas e falou com uma voz alta e cheia de autoridade. O capitão da guarda sacudiu a cabeça de modo enfático, com um gesto brusco de dispensa. Reva viu os outros guardas se empertigarem quando vários outros homens em mantos negros surgiram entre a multidão, todos armados.

— Venha — disse Al Sorna, incitando o cavalo a andar. — Hora de conhecer alguém como você.

O homem no cavalo era magro a ponto de ser emaciado, com maçãs do rosto côncavas e sombreadas abaixo de olhos encovados; seu cabelo era curto, grisalho e ralo. Tinha uma expressão de intenso escrutínio quando acenou respeitosa para Al Sorna, com um olhar sombrio e penetrante como se tentasse arrancar a pele do Lâmina Negra para vislumbrar sua alma. Reva notou como os guardas e os homens em mantos negros se encaravam com olhos cautelosos enquanto a multidão observava a cena em um silêncio arrebatado.

— Irmão — disse o homem magro —, alegre-me o coração, e os corações de todos os verdadeiramente Fiéis, ver que voltou em segurança para nós.

Al Sorna respondeu sem qualquer cordialidade ou respeito.

— Aspecto Tendris.

— Eu disse a ele que não é bem-vindo, meu senhor — disse o capitão da guarda.

— E por que, irmão? — perguntou o homem magro. — Por que você fecharia a porta ao seu irmão na Fé?

— Aspecto, o que quer que você queira, não posso lhe dar — disse Al Sorna.

— Isso não é verdade, irmão. — A voz do Aspecto tornou-se feroz e seus olhos arregalaram-se, cheios de convicção. Reva percebeu que a voz do homem era alta o suficiente para ser ouvida por todos na multidão. — Você pode se unir a nós. Minha Ordem o receberá de bom grado, ao contrário da sua.

Reva se mexeu na sela, ajeitando a espada para uma posição mais confortável em suas costas. *Esse homem é louco*, concluiu. *Algum luminar lunático da fé herética desse povo, tão perdido nas mentiras dela que ficou louco.*

— Eu já não possuo uma Ordem — informou Al Sorna ao Aspecto, mantendo a voz controlada. — Tampouco desejo ter outra. Nosso Rei ordenou que eu assumisse o Senhorio da Torre Norte.

— O Rei... — disse Tendris, com a voz áspera. — Um homem escravo de uma bruxa Negadora.

— Olhe a língua, Aspecto! — advertiu o capitão da guarda, fazendo com que os seus homens segurassem as alabardas com as duas mãos. Os homens em

mantos negros começaram levar as mãos às suas armas.

— Basta! — gritou Al Sorna. O implacável tom de comando foi suficiente para prevenir qualquer outro movimento, e até mesmo a multidão parecia ter ficado paralisada. Contudo, Reva notou que um dos mantos negros parecia imune à ordem, um homem corpulento, de rosto largo e bruto e nariz surpreendentemente deformado. Ele era cuidadoso, mantendo seus movimentos discretos enquanto mexia em algo sob o manto.

— Você disse o que queria e teve sua resposta — disse Al Sorna ao Aspecto.
— Agora vá embora.

— Então é isso o que você se tornou? — disse Tendris por entre os dentes e com os olhos arregalados entre Al Sorna e Reva. Seu cavalo remexia-se ao sentir o humor do cavaleiro. — Um escravo impio da Coroa, exibindo sem vergonha alguma sua vadia adoradora de deus por aí...

A faca de Reva saiu da bainha em um movimento rápido. Ela ergueu-se na sela, inclinando-se para frente ao mesmo tempo em que a faca deixava sua mão a apenas um metro e meio do Aspecto. Foi um ataque desajeitado, visto que ela tinha de levar em conta os movimentos do cavalo, e a faca rodopiou e passou perto da orelha do Aspecto, cravando-se no ombro do homem com o nariz deformado. Ele deu um grito alto e estridente e caiu de joelhos. A besta carregada que estava erguendo chocou-se barulhentemente com o chão.

O capitão da guarda berrou uma ordem e seus homens avançaram com as alabardas apontadas. Os outros mantos negros começaram a sacar as espadas, mas foram detidos por um grito do Aspecto. A multidão recuou diante da violência, dispersando-se ou afastando-se um pouco antes de se virarem para assistir ao espetáculo.

Al Sorna avançou um pouco, olhando para o irmão grande que rolava no chão, gemendo e arquejando ao arrancar a faca de Reva, olhando horrorizado para a lâmina ensanguentada.

— Eu não o conheço? — perguntou Al Sorna.

— Você envergonha a Ordem, Iltis — disse o Aspecto, repreendendo o irmão caído. — Esse homem agiu sem minha autorização — continuou, dirigindo-se a Al Sorna.

— Tenho certeza de que sim, Aspecto. — Al Sorna sorriu para o desventurado Irmão Iltis. — Ele tinha uma dívida a pagar.

— Irmão, eu lhe imploro. — Tendris agarrou o antebraço do Lâmina Negra.
— A Fé precisa de você. Volte para nós.

Al Sorna virou o cavalo, soltando-se da mão do Aspecto.

— Não há nada pelo que voltar. E nossa conversa já terminou.

Os guardas encarregaram-se do Irmão Iltis, levando-o embora enquanto Reva desmontava para recuperar a faca.

— E eu não sou uma vadia dele! — gritou ela a Tendris enquanto o Aspecto cavalgava para longe, seguido a trote pelos seus irmãos. — Sou irmã dele! Não ficou sabendo?

— Alguém como eu?

Al Sorna encolheu os ombros e sorriu.

— Achei que vocês se entenderiam melhor. Ele é tão apegado à Fé quanto você é ao amor do Pai.

— Ele é um herege louco chafurdado em ilusões — disse Reva. — Eu não.

Al Sorna apenas sorriu e tocou o cavalo adiante. Estavam na estrada para o norte e haviam deixado Varinshold a um quilômetro e meio; Alornis cavalgava em um silêncio melancólico em meio a um destacamento inteiro da Guarda Montada. Era evidente que o Rei estava ansioso para que o Lâmina Negra chegasse ao seu destino.

Após outro quilômetro, avistaram um castelo de granito escuro. Não era tão alto quanto os castelos cumbraelinos que Reva havia visto, com uma muralha interna de apenas nove metros de altura, mas era grande e sombrio, abrigando vários acres de terra. Não havia flâmulas tremulando nas torres, e Reva perguntou-se que nobre asraelino podia arcar com as despesas de manutenção de uma fortaleza tão poderosa. Al Sorna havia parado um pouco à frente, e ela fez a égua avançar, parando ao lado dele.

— Que lugar é esse?

O olhar de Al Sorna permaneceu no castelo, revelando uma tristeza que ela ainda não havia visto.

— Você precisa esperar aqui — disse ele. — Diga ao capitão que vou demorar mais ou menos uma hora.

Al Sorna esporeou o garanhão e partiu em direção ao portão da muralha a um trote constante. Lá chegando, desmontou e tocou um sino que pendia de um poste lateral. Após alguns momentos, uma figura alta em um manto azul apareceu no portão. Reva estava longe demais para ver suas feições com clareza, mas teve a sensação de que ele estava dando um sorriso de boas-vindas. O homem alto abriu o portão, e Al Sorna entrou. Ambos sumiram de vista rapidamente.

— Meu pai o viu pela última vez na primeira vez que ele atravessou aquele portão. — Alornis estava montada em seu cavalo a alguns metros de distância, olhando para o castelo com grande desconfiança.

— Esse é o lar da Sexta Ordem? — perguntou Reva.

Alornis assentiu e desmontou com uma precisão suave, claramente acostumada à sela. Ela levou algo à boca do animal, que a égua de focinho branco mastigou com evidente satisfação.

— Sempre se pode ganhar o coração de um cavalo com um torrão de açúcar — disse ela, acariciando o flanco do animal. Então, enfiou as mãos no alforje. — Você e eu temos algo muito importante a fazer.

Essa não sou eu.

A garota retratada no pergaminho era muito bonita, apesar do nariz levemente descentralizado, com cabelos e olhos brilhantes que pareciam reluzir com vida própria. Apesar da óbvia lisonja de Alornis, Reva sentiu-se

constrangida, até mesmo um pouco arrepiada, pelo talento exibido ali. *Apenas carvão e pergaminho*, admirou-se. *Ainda assim, ela lhes dá vida.*

— Espero que tenham telas e pigmentos nos Confins do Norte — disse Alornis, acrescentando alguns traços abaixo da curva perfeita demais que marcava o maxilar de Reva. — Este desenho merece ser pintado.

Elas estavam sentadas sob um salgueiro a certa distância das muralhas do castelo. Al Sorna entrara havia quase duas horas.

— Você sabe por que o Lâmina Negra veio aqui? — perguntou a Alonis.

— Estou começando a perceber que compreender as ações de meu irmão pode ser algo além das minhas capacidades. — Ela ergueu os olhos. — Por que você o chama de Lâmina Negra?

— É o nome que meu povo deu a ele. O Quarto Livro prevê um temível guerreiro herege que empunhará sua espada com o auxílio das Trevas.

— Você acredita nessa tolice?

Reva corou e desviou o olhar.

— O amor do Pai não é uma tolice. Você considera sua Fé tola? Submeter-se aos espíritos imaginários dos seus antepassados?

— Eu não me submeto a coisa alguma. Meus pais eram devotos da crença Ascendente, do caminho da perfeição e da sabedoria, alcançado através de uma combinação correta de palavras, um poema ou uma canção que poderia revelar todos os segredos da alma e, com ela, do mundo. Eles costumavam me arrastar para suas reuniões, que eram realizadas em segredo naquela época. Nós nos reuníamos em porões para recitar nossas crenças. Mamãe ficava brava quando eu dava risadinhas. Eu achava aquilo uma tolice imensa.

— Ela batia em você por causa da sua heresia?

Alornis piscou para ela.

— Se ela me batia? É claro que não.

Reva tornou a desviar o olhar, ciente de que cometera um erro.

— Reva? — Alornis largou o esboço e foi sentar-se ao lado dela, tocando em seu ombro. — Você foi...? Alguém já...?

Pecadora imunda e sem Pai!

— Não! — Reva afastou-se e levantou-se, indo para o outro lado do salgueiro, perseguida pelas palavras do sacerdote. *“Eu conheço a vileza que espregueira seu coração, garota. Vi como você a olhava...” A vara descia a cada palavra enquanto ela permanecia de pé, com os braços ao lado do corpo, proibida de se mover ou de gritar. “Você macula o Livro da Razão! Macula o Livro das Leis! Macula o Livro do Julgamento!” O último golpe a atingiu na têmpora, derrubando-a no chão do celeiro, aturdida e sangrando sobre a palha. “Eu deveria matá-la, mas você se salva por seu sangue. Essa missão que nos foi dada pelo Próprio Pai salva você. Porém, para sermos bem-sucedidos, preciso arrancar o pecado de você a varadas.” E assim ele fez, até a dor ser tamanha que ela não sentiu mais nada e foi engolida pela escuridão.*

Reva estava de joelhos na grama, abraçando-se. *Pecadora imunda e sem Pai.*

Al Sorna retornou do castelo da Sexta Ordem quando o sol começava a descer. Ele não disse nada, fazendo sinal para que o destacamento da guarda entrasse em forma e seguisse em frente, cavalgando adiante sem parar. O silêncio continuou até o anoitecer, quando acamparam e jantaram a insípida, ainda que nutritiva ração dos soldados. Reva estava sentada na frente de Alornis, comendo de forma mecânica e evitando o olhar da outra. *Tempo demais*, pensava sem cessar. *Tempo demais com ele. Tempo demais com ela.*

Ouviu o arrastar de botas de couro no solo e ergueu a cabeça, encontrando Al Sorna parado à sua frente.

— É hora de eu cumprir nosso acordo.

Deixaram Alornis junto à fogueira e encontraram um local no meio do campo de capim alto que ladeava a estrada, longe o suficiente para não serem ouvidos. Reva sentou-se de pernas cruzadas no capim enquanto Al Sorna agachou-se perto, encarando-a atentamente.

— O que você sabe sobre a morte de seu pai? — perguntou ele. — Não o que você imaginou. O que você sabe?

— O Décimo Primeiro Livro relata que ele estava reunindo forças no Forte Alto para enfrentar a invasão. Você liderou um ataque, usando as Trevas para entrar no forte. O Lâmina Fiel do Pai do Mundo morreu bravamente, derrotado por um número superior de homens e pelas habilidades das Trevas.

— Em outras palavras, nada. Como não houve sobreviventes entre os seguidores dele, quem quer que tenha escrito o Décimo Primeiro Livro não estava lá. Ele não estava reunindo um exército. Estava esperando por mim com uma refém, alguém com quem eu me importava. Ele a usou para me forçar a abandonar minhas armas para que então pudesse me matar. E ele não morreu bravamente. Morreu confuso e enlouquecido por algo que o fez matar o próprio pai.

Reva sacudiu a cabeça. O sacerdote a avisara muitas vezes que seria assim quando ela andasse entre hereges. *Eles venceram, então podem escrever a história.* Contudo, as palavras ainda a incomodaram. Por mais que relutasse em admitir, havia algo verdadeiro no Lâmina Negra. Ele ocultava coisas, mas ainda assim havia uma honestidade essencial nele. E, diferente do pai que Reva nunca conheceria, ela podia ouvir suas palavras.

— Você mente — disse ela, tentando falar com convicção.

— Minto? — O olhar do Lâmina Negra era firme e prendia seus olhos. — Acho que você sabe que existe verdade em minhas palavras. Acho que você sempre soube que a história de seu pai é uma mentira.

Reva desviou o olhar e fechou os olhos. *Esse é o poder dele*, compreendeu ela. *É onde residem as Trevas. Não em sua espada, mas em suas palavras. É um truque astuto dizer uma mentira e manter uma aparência de verdade e confiança.*

— A espada — disse Reva, com uma voz áspera e carregada.

— Estávamos na Câmara do Senhor no Forte Alto. Meu irmão arremessou um machado e atingiu-o no peito. Ele morreu no mesmo instante. Lembro-me de que sua espada deslizou para as sombras. Não a peguei nem a vi com meus irmãos ou meus homens.

— Você disse que sabia onde encontrá-la.

Ela sabia o que ele diria, mas as palavras a feriram mais do que qualquer varada do sacerdote.

— Eu menti, Reva.

Ela fechou os olhos. Foi sacudida por um tremor furioso da cabeça aos pés.

— Por quê? — Foi tudo o que ela conseguiu dizer, pronunciando as palavras com o mais leve sussurro.

— Seu povo diz que tenho as Trevas, mas essa é uma palavra para os ignorantes, como uma alma muito mais sábia me disse uma vez. É como uma canção, uma canção que me guia. E ela me guiou a você. Teria sido fácil despistá-la na floresta naquela primeira noite, mas a canção me disse para esperá-la. Disse-me para mantê-la por perto, ensinar-lhe o que não lhe havia sido ensinado por quem quer que a tenha enviado atrás de mim.

“Você nunca se perguntou por que só lhe ensinaram a usar a faca? E não o arco, a espada ou qualquer coisa que pudesse lhe dar uma chance contra mim? Você aprendeu apenas o suficiente para ser uma ameaça perigosa o suficiente para me fazer matá-la. O sangue do Lâmina Fiel derramado pelo Lâmina Negra. Uma nova mártir. Havia mais alguém na noite em que você veio até mim. Minha canção encontrou outra pessoa. Alguém a seguia, esperando, observando. Uma testemunha sedenta por outro capítulo para o Décimo Primeiro Livro.”

Reva levantou-se, seguida pelo Lâmina Negra. A espada moveu-se nas costas dela, como uma cobra desenrolando-se para o bote.

— Por quê? — perguntou ela.

— Os seguidores de seu pai precisam de mim. Precisam de seu grande inimigo herege. Sem mim, são apenas um grupo de loucos que veneram o fantasma de outro louco. Você foi enviada em busca de algo que jamais será encontrado, na esperança de que eu a matasse, dando origem a mais ódio para alimentar sua causa sagrada. Seu único valor para eles está no seu sangue e na sua morte. Eles não se importam com você, mas eu sim.

A espada saiu da bainha, reta e precisa como uma flecha, lançando-se sobre ele. Al Sorna não se moveu, não girou, não se esquivou, apenas permaneceu parado, com o rosto inalterado quando a ponta da espada perfurou sua camisa e sua carne. Reva percebeu que estava chorando, uma sensação infantil da qual mal se lembrava, pensando nas surras cruéis do sacerdote quando a recebera pela primeira vez.

— Por quê? — disse ela por entre os dentes e as lágrimas.

A espada havia penetrado a camisa e mais de dois centímetros de carne. Com apenas um pequeno empurrão, o Lâmina Negra partiria para sua merecida eternidade de tormento.

— Pela mesma razão que agora nego minha canção, embora ela grite para que eu deixe você partir — respondeu ele, sem qualquer traço de medo no rosto e na voz. — Pela mesma razão que você não pode me matar. — Ele ergueu a mão, entendendo-a lentamente para acariciar a face de Reva. — Eu voltei a essa terra para encontrar uma irmã, mas acabei encontrando duas.

— Eu não sou sua irmã. Não sou sua amiga. Procuo a espada do Lâmina Fiel para unir todos no amor do Pai.

Al Sorna soltou um pequeno suspiro de frustração e sacudiu a cabeça.

— Seu Pai do Mundo nada mais é do que um apanhado de mitos e lendas existentes há mil anos. E, se ele existe, seus bispos dizem que a odeia pelo que é.

O tremor tornou-se um estremecimento, fazendo a espada vibrar na mão dela. *Um pequeno empurrão...* Ela cambaleou para longe, tropeçando e caindo no chão.

— Venha conosco, Reva — disse Al Sorna, implorando.

Ela se levantou com dificuldade e começou a correr em meio à escuridão inconstante do capim longo, com lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto e balançando a espada ao mover os braços. Ela sufocou um soluço quando um grito triste ecoou atrás dela.

— REVA!

CAPÍTULO NOVE

Frentis

A semente germinará...

A coceira começou na manhã seguinte. Quando Frentis despertou, o corpo nu da mulher estava pressionado contra ele; as feições dela eram serenas e contentes, os cachos de cabelo escuro caíam-lhe sobre o rosto, oscilando um pouco com sua respiração suave e tranquila. Ele queria muito estrangulá-la. A mulher estivera exultante enquanto o usara, cravando as unhas em suas costas, mantendo as coxas firmes em volta da cintura, arfando enigmas de volariano enquanto se movia. “Temos... o mundo inteiro agora... meu amado... Deixe o Aliado com os seus jogos... Logo jogarei os meus... E você...” Ela parou, sorrindo ao lhe dar um beijo na testa; o suor pingava de seus seios no peito de Frentis marcado por cicatrizes. “Você será a peça que vencerá o tabuleiro inteiro.”

Deitado ali, com o corpo riscado pela luz do sol que entrava pelas frestas das janelas, Frentis tentou mover os braços, tentou fechar as mãos em volta da garganta da mulher, forçando seus músculos com todo o desejo possível, mas seus braços permaneceram ao lado do corpo, relaxados e imóveis. Mesmo naquele momento, entregue ao sono e a quaisquer pesadelos que ela considerasse sonhos, a mulher ainda o mantinha preso.

Ele notou a coceira ao deixar que os olhos se perdessem no teto ornamentado do quarto. Era uma cócega pequena e leve abaixo das costelas. Frentis supôs que havia sido causada por um dos inúmeros insetos que pareciam estar por toda parte naquele canto do império, mas havia um ritmo, uma comichão leve, porém constante, regular demais para ser as mordiscadas de um inseto.

A mulher mexeu-se, virando-se para cima, e abriu os olhos, com um sorriso preguiçoso nos lábios.

— Bom dia, amado.

Frentis não respondeu.

Ela revirou os olhos.

— Ah, não fique emburrado. Acredite, aquele homem não merece sua

nobre preocupação. — A mulher saiu da cama, nua, e foi até a janela, onde olhou para a rua pelas frestas. — Parece que causamos uma pequena comoção. Era de se esperar. Esses miseráveis irracionais sempre reagem mal quando um de seus deuses não consegue evitar que seu próprio templo seja incendiado.

Ela se virou, bocejando e esfregando o cabelo desganhado.

— Vá se vestir. Nossa lista é longa, e a estrada também.

Frentis voltou para o próprio quarto, atraindo um olhar arregalado e um grito sufocado de uma criada que se encontrava no corredor. Ele fechou a porta diante do embarço ruborizado da garota e começou a se vestir. A coceira ainda estava lá, e agora ele tinha liberdade suficiente para olhar, tocando a carne abaixo das costelas. Não havia nada, apenas a linha grossa da cicatriz que ia da lateral do corpo até o esterno. Ele parou quando percebeu uma mudança minúscula, uma leve alteração na textura de sua pele danificada, de áspera para lisa. Ele não via diferença, mas seus dedos sim. *Ela está... Será possível que esteja se curando?*

Frentis lembrou-se do sobressalto da mulher quando viu o sangue do velho em seu rosto, do modo como ela o envolvera em seu domínio, com os olhos alertas para qualquer mudança em seu estado e das últimas palavras cuspidas pelo velho. *A semente germinará...*

O domínio ardeu um pouco, com uma pontada impaciente, e ele terminou de se vestir. Curando-se ou não, a mulher o mantinha mais preso do que nunca.

Foram até as docas e compraram passagens para as Doze Irmãs a bordo de uma embarcação mercante pequena e compacta. O capitão era um veterano dos mares e olhou para Frentis com desconfiança, dizendo à mulher algo que a fez rir.

— Ele disse que você parece um nortista — explicou ela em volariano, antes de dar uma resposta em alpirano ao capitão, que pareceu satisfazê-lo. O homem indicou-lhes um lugar no meio do convés, entre um aglomerado de galinhas engaioladas e barris de especiarias. Deixaram o porto em uma hora, com as velas desfraldadas para os ventos do noroeste.

— Como eu odeio mares, navios e marinheiros — disse a mulher, olhando para as ondas com uma careta. — Uma vez atravessei o oceano até o Extremo Ocidente. Foram semanas infundáveis dividindo um navio com escravos e idiotas. Tive de me conter para não matar todos eles no meio da viagem.

Ao ouvirem o grito de um dos tripulantes, eles se viraram para ver um jovem marinheiro apontando para estibordo e gritando com entusiasmo. Frentis e a mulher juntaram-se a ele na amurada, assim como um grupo de tripulantes, todos tagarelando em alpirano. A princípio, Frentis não conseguiu ver o que despertava tamanho interesse, mas então notou uma agitação nas ondas a quase duzentos metros da embarcação, e uma grande cauda semelhante a uma vela de navio emergiu da água. *Baleia*, concluiu ele. Já tinha visto baleias antes, ao largo da costa renfaelina. Eram animais impressionantes, sem dúvida, mas dificilmente uma novidade para um marinheiro.

A agitação aumentou de repente, quando a mancha vermelha apareceu em

meio à espuma, uma grande cabeça pontuda erguendo-se das águas, com as mandíbulas distendidas revelando fileiras de dentes brilhantes. A cabeça desapareceu novamente na água, seguida por uma imensa cauda de mais de doze metros de comprimento; a pele reluzia ao sol, com listras de um vermelho-claro sobre cinza-escuro na parte superior enquanto a parte de baixo era de um branco leitoso. A cauda foi sacudida de um lado para o outro e sumiu. A água logo se acalmou, perturbada apenas pelas bolhas que subiam das profundezas.

— Tubarão-vermelho — disse a mulher. — Não é comum chegarem tão perto do litoral.

A tripulação dispersou-se após uma conversa animada. Aparentemente aquilo era um bom presságio.

— Eles dizem que Olbiss, o deus do mar, deu uma baleia ao tubarão para saciar sua fome e permitir que seguissemos viagem em segurança — comentou a mulher, virando o rosto para o mar a fim de esconder um sorriso de desprezo. — Será preciso mais do que uma baleia para saciar minha fome.

Quatro dias mais tarde avistaram terra, uma grande montanha que despontava na neblina matutina. Conforme o vento os levava para mais perto, Frentis estranhava o tom escuro da montanha, mas logo percebeu que a rocha era coberta por mata do topo ao sopé. A mulher o trouxera a outra selva.

A embarcação atracou em um molhe estreito que adentrava um porto natural na costa sul da ilha. A mulher a chamara de Ulpenna, a mais oriental das Doze Irmãs, as ilhas que formavam uma ponte irregular entre os continentes. Frentis a seguiu ao longo do molhe até uma cidade de tamanho considerável e construções de madeira. Em contraste com o mercado de escravos dilapidado na margem volariana, aquela cidade na selva exibia uma elegância que indicava muitos anos de ocupação organizada. A maioria das casas tinha dois andares e estátuas ornamentais de madeira em cada varanda.

— Cada casa tem seu próprio deus — explicou a mulher, mais uma vez lendo seus pensamentos. — Cada família tem seu guardião.

Pararam em uma taverna, onde comeram um cozido de frango bastante temperado. A mulher puxou conversa com o homem que os serviu. Frentis ainda não falava bem em alpirano, mas compreendeu as palavras “lei” e “casa” em meio ao que era dito.

— Sem guardas — comentou a mulher quando o homem se afastou. — Um sujeito confiante esse magistrado. Também é popular, ao que tudo indica. Não é o que se espera de um legislador.

Permaneceram na taverna até o final da tarde. Então, tomaram a única estrada, um caminho de barro vermelho e seco que saía da cidade e subia as encostas cobertas de mata. Seguiram pela estrada por mais uma hora antes que a mulher conduzisse Frentis a um caminho lateral, através de uma selva densa, até uma casa grande. Era uma estrutura imponente e de três andares, construída sobre uma saliência na encosta da montanha. As janelas estavam abertas para a brisa noturna que vinha do mar.

— Apenas o magistrado — disse a mulher a Frentis enquanto ele tirava a calça e as botas e espalhava terra pela carne exposta. — Aparentemente, há uma esposa e três filhos, mas você não precisa se preocupar com eles. — Ela brincou com o nariz dele. — Não é gentil da minha parte? Agora, vá, meu amado.

A informação dada pelo homem na taverna estava correta e realmente não havia guardas. Um criado cuidava de um pequeno jardim nos fundos da casa enquanto outro acendia lamparinas na varanda. Frentis aproximou-se, rastejando pela vegetação densa, e manteve-se imóvel ao chegar a menos de seis metros da parede sul da casa. Ele ficou deitado na relva até o anoitecer, quando se arrastou até a parede. Era uma escalada fácil; a decoração escolhida pelos construtores de casas da região fornecia diversos pontos nos quais se apoiar.

Frentis subiu para a sacada do andar superior e encontrou uma porta aberta. Uma criança dormia em uma cama grande, apenas uma pequena forma indistinta sob os lençóis. Ele atravessou o quarto silenciosamente e saiu para o corredor, onde encontrou dois outros quartos ocupados por crianças adormecidas. Havia mais dois cômodos no andar inferior: um espaço repleto de livros, que Frentis concluiu ser um escritório, sem qualquer leitor ali; e um quarto, com as cobertas na cama cuidadosamente preparadas para alguém se deitar. Retornou às escadas e ouviu vozes vindas do térreo.

A escadaria ranguu quando ele desceu para o corredor, mas seus passos eram leves demais para atraírem atenção. As vozes vinham de uma sala na frente da casa; um homem e uma mulher estavam conversando do outro lado de uma porta fechada. Frentis encontrou um canto nas sombras, agachou-se e esperou.

Tinha a impressão de que a coceira ficara pior, tornando-se cada vez mais uma verdadeira irritação. O domínio estava frouxo o suficiente para que pudesse coçá-la, embora isso parecesse não surtir qualquer efeito. Mais uma vez, seus dedos perceberam uma mudança na textura da cicatriz, com mais carne lisa entre o tecido danificado...

Ele ergueu a cabeça no instante em que a porta foi aberta; uma mulher saiu e olhou para trás para dizer algo, com o rosto iluminado pela luz da sala. Ela devia ter mais de quarenta anos, mas era uma mulher bela, vestida com sedas azul-claras, de cabelo preso e com um sorriso franco no rosto. Uma voz masculina saiu pela porta aberta. A mulher deu uma risada breve, virou as costas para a sala, dirigiu-se às escadas e subiu, alheia à presença de Frentis.

Ele esperou até ouvi-la entrar no quarto e foi até a porta. A mulher a deixara entreaberta, e Frentis podia ver o homem lá dentro. Ele estava sentado a uma mesa diante da janela com uma bela vista para o mar, cantarolando enquanto lia um pergaminho. Tinha altura mediana, era corpulento e estava ficando careca, com cabelos mais grisalhos do que pretos. Frentis se perguntou qual seria o nome dele ao puxar a adaga que levava às costas.

— Uma única punhalada — disse a mulher enquanto subiam a montanha. Ficaram na selva até o amanhecer, observando a casa e esperando pelos gritos.

Começaram a subida assim que ouviram os gritos pesarosos da esposa do magistrado, afastando-se da estrada e da cidade onde as pessoas provavelmente começariam a fazer perguntas a respeito de pessoas recém-chegadas. — Limpo e rápido — continuou a mulher, subindo sem qualquer esforço. — Não vai me agradecer por deixá-lo dar a ele uma morte fácil?

Frentis continuou subindo sem responder.

Chegaram ao topo ao meio-dia, e a mulher virou-se para o oeste com os braços abertos.

— As Doze Irmãs em toda sua glória.

Uma fileira de onze ilhas cobertas por selvas despontavam do mar ao longe, em meio à neblina.

— Durante séculos, nem mesmo a alma mais corajosa ousou viver aqui — prosseguiu a mulher. — Dizem que houve um grande cataclismo, intenso o bastante para destruir a ponte natural que ligava nosso continente ao que agora é o Império Alpirano. Ninguém sabe dizer o que o causou, embora as lendas ofereçam milhares de explicações. Os alpiranos dizem que os deuses enfrentaram os Inomináveis e que sua ira foi tamanha que a terra tremeu com fúria suficiente para submergir a ponte. As tribos do sul dizem que uma bola de fogo caiu do céu, causando destruição por onde passou. Há inclusive uma velha história volariana sobre um feiticeiro poderoso, porém tolo, que invocou algo que não podia controlar, algo que devastou a terra antes de arrastá-lo aos gritos de volta ao vazio. O que quer que tenha sido, a ponte natural transformou-se nas doze ilhas que você vê agora. Havia histórias fantásticas sobre os grandes males e magias que ainda viviam aqui após a destruição, feras que podiam falar como homens, homens que eram mais parecidos com feras. Deve ter sido um choque para os primeiros exploradores alpiranos que ousaram desembarcar aqui e não encontraram nada além de uma selva fedorenta.

Ela começou a descer a encosta oeste.

— Não há tempo para desfrutar a vista, amado. É melhor estarmos longe daqui ao anoitecer. Você *sabe* nadar, não?

O canal entre Ulpenna e a ilha mais próxima tinha pelo menos oito quilômetros de largura em seu ponto mais estreito. A mulher o fez construir uma pequena jangada para transportar a mochila, improvisada com as madeiras leves que apinhavam a praia, amarradas com plantas cortadas da selva. Frentis a empurrou à sua frente do corpo, com os dois braços esticados, batendo as pernas. Sempre se considerara um nadador competente, mas isso havia sido no trecho do Rio Salgado que circundava as muralhas da Casa da Ordem. Agora era muito diferente, com as ondas incessantes do mar e a escuridão da água quando o sol começou a se pôr, que lhe trouxeram à mente imagens vívidas do grande tubarão de listras vermelhas devorando a baleia.

A mulher riu, virando-se de costas e batendo preguiçosamente as pernas na água, completamente à vontade.

— Não se preocupe. Um tubarão-vermelho não se incomodaria com uma

refeição tão frugal quanto nós. Mas ele tem primos menores. — Ela tornou a rir e nadou adiante enquanto o medo de Frentis atingia novos níveis.

Chegaram à margem oposta sem qualquer incidente, embora Frentis pudesse jurar que algo áspero e escamoso roçara em sua perna sob as ondas. Ele recolheu lenha, que empilhou no formato de um cone grosseiro. A mulher estendeu as mãos para as madeiras, gemendo de dor e prazer quando a chama surgiu para acender a lenha. Um filete de sangue apareceu debaixo de seu nariz quase que imediatamente. Ela o limpou com o polegar, mas Frentis notou o modo como a mulher flexionava a mão à medida que as chamas diminuíam e o tremor de agonia reprimida nos ombros dela. *Há sempre um preço a pagar, meu amado.*

Sentaram-se junto à fogueira para se secarem conforme a escuridão se adensava e uma meia-lua erguia-se no céu.

— Você sabe cantar? — perguntou a mulher. — Sempre desejei que meu amado cantasse para mim sob um céu enluarado.

Dessa vez, Frentis ficou feliz em responder sem qualquer encorajamento.

— Não.

Ela franziu o rosto para ele.

— Você sabe que posso obrigá-lo.

Frentis olhou para o fogo e não respondeu.

— Está se perguntando quem era ele — disse a mulher. — E por que o nome dele estava em nossa lista.

A coceira ficou mais intensa, quase queimando sua pele. Ele resistiu ao impulso de retrair-se e manteve as mãos sobre os joelhos. Se estava ciente de seu desconforto, a mulher não deu sinal algum, jogando gravetos para aumentar o fogo.

— Lamento dizer que ele não era um homem mau, pelo contrário, pelo o que soube. Um juiz justo e erudito, imune à influência de poderosos e a subornos. O tipo de homem em quem todos confiam, ricos e pobres. O tipo de homem a quem as pessoas recorrem em uma crise. — Ela jogou um último graveto no fogo e deu um sorriso triste para Frentis. — É por isso que ele estava na lista. O valor dele o matou, não você. Você é simplesmente o instrumento de uma empreitada planejada durante muito tempo.

A mulher levantou-se e sentou-se ao lado de Frentis, passando as mãos em volta do seu braço e encostando a cabeça em seu ombro. Ele sabia que formavam uma bela cena, jovens amantes aconchegados um no outro em uma praia enluarada, mas sua voz não tinha qualquer vestígio de beleza quando tornou a falar. Era um sussurro rouco e sibilante, mal controlado, como a voz de uma louca.

— Sei que isso lhe aflige — disse ela. — Lembro-me dessa dor, meu amado. Embora tenha sido muitas vidas atrás. Você acha que sou cruel, mas o que sabe sobre a verdadeira crueldade? Um tigre é cruel quando ataca um antílope? Ou o tubarão-vermelho é cruel quando reivindica a baleia? Seu rei louco foi cruel quando lhe enviou para uma guerra desesperada? Você confunde propósito com crueldade, e eu sempre tive um propósito. Não sou burra. Quando acabarmos essa lista, vamos escrever uma lista nossa, e então não haverá dor quando riscarmos um nome, apenas alegria.

Ela se aninhou mais perto, suspirando de contentamento. A coceira queimava como fogo.

Eles mataram mais duas vezes nas Doze Irmãs. Um funcionário de um comerciante em Alpenna, estrangulado pela mulher em um beco quando procurava um lugar para mijar o vinho da noite e, em seguida, uma atendente em uma taverna atraída ao quarto de Frentis pela moeda de prata que dançara diante dos olhos dela, deslizando pelos dedos dele. A garota rira baixinho quando o seguira ao andar de cima, rira baixinho quando ele parou ao lado da porta, fazendo uma mesura, rira baixinho no quarto quando ele acendeu uma lamparina e a abraçou. Mais uma vez, a mulher deixou que ele matasse de forma rápida.

Encontraram um navio e zarparam na maré matutina. Quatro dias depois, o navio atracou em Dinellis, um porto imenso e movimentado ainda maior do que Mirtesk. O disfarce de senhora e guarda-costas já havia sido abandonado, substituído pela encenação de marido e mulher, embora dessa vez ela fizesse o papel de esposa intimidada e o obrigasse a agir como um fanfarrão dominador, o filho mimado de um mercador meldeneano que chegara para supervisionar os negócios do pai. Em Dinellis, riscaram outra vítima da lista, um estalajadeiro gordo persuadido por um ruidoso Frentis a juntar-se a eles para uma taça de vinho na varanda do quarto que ocupavam. Eles o deixaram ali, com olhos vidrados voltados para a baía e a taça vazia ainda repousando sobre a ampla barriga.

Os dias adquiriram uma monotonia atormentadora conforme viajavam para o norte, encontrando nomes ao longo do caminho. Não havia um padrão que unisse as pessoas na lista, pelo menos que Frentis pudesse decifrar. Uma lavadeira em uma aldeia dezoito quilômetros ao norte de Dinellis, um agricultor robusto dois dias depois, um velho surdo e quase cego no dia seguinte. Se não fosse ter visto o homem cuja voz lhe parecera por demais familiar entregar a lista à mulher, Frentis teria pensado que se tratava de algo inventado pela mente perturbada dela, uma ilusão que lhe dava permissão de matar aleatoriamente. No entanto, havia um controle nos assassinatos que ela praticava, algo que dizia a Frentis que aquela missão não era recreativa e que a selvageria que tanto o enojara quando a mulher matou o velho em Hervellis havia sido substituída por uma terrível eficiência. Quer ela matasse, quer o obrigasse a fazê-lo, pouco era deixado ao acaso. Suas vítimas eram observadas e assassinadas quando surgia a oportunidade, de modo rápido, ainda que não fosse limpo, e ambos já estavam longe antes que se soasse qualquer alarme.

Um carpinteiro em Varesh. Outro magistrado em Raval. Um líder de um grupo de bandidos nas colinas do oeste.

— Bem, esse foi difícil. — A mulher inclinou a cabeça na direção do corpo do bandido, sacudindo o sangue da espada curta.

Frentis desviou de uma estocada da lança do último dos homens do bandido; os outros cinco corpos jaziam pelo acampamento, ensanguentados e mortos. O acampamento não havia sido encontrado com facilidade, sendo necessários

vários dias de observação e perseguição por colinas rochosas. Quando por fim chegaram ao lugar, a mulher optou por não esperar pela escuridão e preferiu invadir o acampamento e matar todos.

— Temos pouco tempo para algo artístico, meu amado.

O líder dos bandidos lutou com afinco, ainda que brevemente. Seus homens não correram quando ele tombou, o que era um indício de amizade e respeito genuíno entre esses salteadores.

O último bandido a morrer tinha o cabelo comprido preso em tranças longas e firmes e um amontoado intrincado de cicatrizes ao redor dos olhos e da boca. Ele amaldiçoou Frentis com uma torrente incompreensível de palavras em alpirano e redobrou os esforços. A fúria deu uma força excessiva à sua lançada final, fazendo com que a lâmina serrilhada descrevesse um arco largo, deixando-o exposto. A bota de Frentis atingiu em cheio o maxilar do homem, derrubando-o desacordado nas rochas empoeiradas.

— Ele nos viu — disse a mulher, levando Frentis a desferir um golpe com a espada no pescoço do bandido caído. *A coceira queimava intensamente, com tanta força que ele se perguntou se não atravessaria sua camisa e cegaria a mulher.* A lâmina desceu, cortando a coluna do homem. O bandido teve um espasmo e morreu.

Levaram os cavalos dos bandidos, animais fortes e de patas grossas, pouco maiores do que pôneis, cavalgando a toda velocidade para o norte. Os cavalos ficaram debilitados com o passar da noite, mas a mulher recusou-se a parar. Eles cavalgaram até os animais caírem mortos antes do amanhecer. Após dois dias de caminhada, avistaram Alpira, a capital do império.

— Magnífica, não? — perguntou a mulher. — Não conseguem construir uma estrada decente, mas sabem construir uma cidade.

Alpira era uma vasta rede quadrada de inúmeras casas e torres, cercadas por imensas muralhas inclinadas e com mais de quinze metros de espessura. Frentis teria ficado estupefato ao contemplar a cidade se não fossem as imagens de assassinatos que enchiam sua cabeça. *O agricultor se aproximara com um sorriso largo, afastando-se do arado de braços erguidos e achando que eram viajantes em busca de ajuda.* A adaga de Frentis abriu o pescoço do homem com um único corte, e eles o observaram contorcer-se no chão enquanto sangrava até a morte.

— Está vendo? — A mulher apontava para alguma coisa. — É a abóbada do Palácio do Imperador. — A abóbada parecia refulgir com um fogo branco ao refletir o sol vespertino. — Cada centímetro dela é coberto de prata. Fico imaginando como será quando queimar.

Acamparam no topo de uma colina próxima e observaram a cidade enquanto a noite caía, um espetáculo de luzes que apareciam conforme as sombras se adensavam. A cidade lembrava uma elaborada teia de aranha elaborada de forma sobrenatural.

A mulher tirou um pedaço de pergaminho encerado da mochila, desdobrou-o para examinar brevemente os nomes escritos e jogou-o no fogo, onde enegreceu e encrespou-se nas chamas.

— Você ainda não descobriu, não é? — perguntou ela. — Para que fizemos

tudo isso.

Frentis observou os últimos fragmentos do pergaminho queimarem e não respondeu.

— Você sabe o que significa presciência? — insistiu ela.

Ele queria ignorá-la, mas percebeu que precisava saber por que ela o fizera derramar tanto sangue. Se pudesse compreender um pouco sobre tudo aquilo, talvez as imagens não o assombrassem com tanta ferocidade.

— Uma vez, ouvi um de meus irmãos falar sobre isso — respondeu Frentis. — Irmão Caenis. Ele conhecia muitas coisas.

— Entendo. E o que o instruído Irmão Caenis tinha a dizer sobre presciência?

— É uma coisa das Trevas. Um modo de ver o futuro.

— Sim, mas está longe de ser uma arte exata. É mais como um dom raro. O Conselho vasculha o império e terras além há séculos para encontrar aqueles que possuem esse dom, com o único objetivo de adivinhar o que acontecerá quando finalmente viermos para tomar essa terra. Décadas de predições, a maioria obtida sob tortura, levaram a essa lista. Cada nome apareceu sucessivamente nas visões arrancadas dos videntes. O magistrado em Ulpenna teria reunido uma frota de navios mercantes para saquear nossas linhas de abastecimento. O funcionário do comerciante estava destinado a se tornar um excelente estrategista em guerras navais e seria o arquiteto de uma grande vitória. A vadia que encontramos na taverna descobriria um talento para o arco e viraria uma lenda quando matasse nosso almirante no convés de sua nau capitânia. Acho que você pode imaginar o resto. É uma lista de heróis, meu amado. Ao matá-los, nós garantimos sucesso e glória eterna ao Império Volariano.

O som que surgiu e subiu do peito de Frentis era tão incomum que machucou sua garganta. Uma risada, na verdade uma tosse jovial e rascante, que fez a mulher apertar os olhos.

— Eu o divirto, meu amado?

A raiva dela o fez rir com mais força, engasgando quando ela fez o domínio arder, inclinando-se para frente e abrindo e fechando as mãos.

— Não serei ridicularizada. Você me viu beber o sangue do último homem que zombou de mim. Não se esqueça do que posso fazer.

Frentis ficou surpreso ao perceber que ela o deixara com liberdade suficiente para falar.

— Você não fará nada — disse ele com a voz áspera. — Por mais que seja uma cadela louca, você está apaixonada por mim.

A mulher ficou imóvel, com os punhos cerrados e o rosto crispado.

— Parece que você sabe mais sobre crueldade do que eu imaginava. — Ela se reclinou para trás lentamente e descerrou os punhos. — Perguntei o que o divertia.

Dessa vez, o domínio não deixou espaço para o silêncio.

— Há milhões de pessoas nesse império — disse Frentis. — Não escravos, mas pessoas livres, mais do que podem ser contadas. Janus enviou o maior e melhor exército já reunido pelo Reino e não conseguiu controlar três cidades por

mais do que alguns meses. Você acha que por termos matado as pessoas em sua lista esse império está pronto para ser tomado? Acha que entre todos os milhões não haverá ninguém para assumir o lugar deles? Espero que sua raça desprezível tente tomá-lo e espero viver o bastante para ver sua ruína.

A mulher soltou uma risada curta e quase melancólica.

— Ah, meu amado, se você soubesse quão infantil é, quão pequena é sua mente. Você fala de tomar um império quando, na verdade, aqueles idiotas do Conselho não sonham com outra coisa, vendendo-se ao Aliado como as prostitutas mais baratas. Eles podem ficar com esse império. *Eu* quero mais. E terei mais com você ao meu lado.

A coceira, dormente durante a maior parte do dia, começou mais uma vez. Não tão dolorosa, mas ainda assim latejante e insistente.

— Mas, antes, temos o último nome da lista para riscar — disse a mulher, levantando-se e limpando a poeira em sua roupa. — E, dessa vez, já que você me acha tão divertida, quero que primeiro brinque um pouco com ele. Sabe, é uma criança, e crianças adoram brincar.

A casa de campo ficava em um planalto a oeste da cidade. Era uma grande construção de dois andares, em forma de ferradura, com um estábulo e uma oficina, assim como uma casa principal ricamente decorada, cercada por bosques de acácias e olivais. Guardas em mantos brancos patrulhavam o terreno em duplas. Pela quantidade, Frentis supôs que havia pelo menos uma companhia aquartelada ali.

Aproximaram-se através de uma fissura estreita na encosta sul do planalto. Teria sido uma subida perigosa à luz do dia, mas a facilidade com que a escalaram à noite parecia miraculoso. Frentis sabia que devia à mulher a precisão suave com que subia as rochas, encontrando locais onde se apoiar mãos e pés com uma precisão impecável. De algum modo, o domínio permitia que ela lhe transmitisse suas habilidades, assim como sua sordidez. A coceira não havia parado, e Frentis receava que se transformasse em uma distração tão grande que o fizesse escorregar, mas o domínio e as habilidades das Trevas não deixavam espaço para erros. Ambos alcançaram a borda do planalto sem incidentes.

Frentis ficou pendurado ao lado da mulher enquanto dois guardas passavam por ali. Ela segurava a borda com os dedos, banhado pelo suor à medida que o esforço se fazia sentir, mas em momento algum perdeu a firmeza. Ele pensou que a mulher poderia deixá-lo pendurado ali até morrer de fome, caso quisesse. Ela esperou as vozes dos guardas desaparecerem, ergueu-se por sobre a borda e correu para os jardins, seguida por Frentis. Moveram-se depressa, e quase sem qualquer barulho, parando nas sombras das árvores para deixar que as patrulhas passassem. Usavam roupas de algodão negro da cabeça aos pés, e os punhos de suas espadas e adagas haviam sido enegrecidos com cinzas para ocultar quaisquer brilhos reveladores. Os guardas eram cautelosos e falavam uns com os outros em sussurros ocasionais, com os olhos constantemente alertas à procura de intrusos. Quem quer que vivesse ali era obviamente digno da melhor proteção

que o Imperador podia oferecer.

Eles levaram mais de uma hora para chegar aos fundos da casa principal. As janelas no andar térreo estavam fechadas e aquele lado da construção não tinha saliências decorativas que servissem como apoios para as mãos. A mulher tirou algo da baihna de seda sob seu pulso, um pequeno garrote que Frentis a vira usar quando matara o funcionário do comerciante nas Doze Irmãs. O instrumento era formado por vinte e cinco centímetros de fio de aço reluzente entre duas alças de madeira. Ela foi até uma das janelas, inspecionou rapidamente o cadeado de ferro e passou o fio do garrote em volta do pedaço de ferro em forma de U. Suas mãos moveram-se em um borrão, repetidas vezes, e o som do fio raspando o metal pareceu um grito após tanto tempo passado em silêncio. Frentis vigiou enquanto a mulher trabalhava. Podia ver dois mantos brancos movendo-se pelos jardins, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, seguindo um padrão que os deixava cada vez mais perto da casa. Ele e a mulher estavam escondidos nas sombras lançadas pelos estábulos, mas isso não seria proteção suficiente quando os mantos brancos chegassem mais perto.

Ouviu-se um ruído quando o cadeado se desprende, e a mulher o apanhou antes que caísse no chão. Ela abriu a janela e pulou para dentro, seguida por Frentis, que fechou a janela. Estavam em uma cozinha; o fogo ainda ardia após o dia de trabalho e havia fileiras de panelas de cobre penduradas, que reluziam na pouca luz do ambiente. A mulher desembainhou a espada e andou até a porta.

Aquela hora da noite, a maioria dos criados estava dormindo em uma das construções, mas alguns ainda realizavam tarefas noturnas na casa principal. Eles encontraram um velho acendendo lamparinas no corredor, mas a espada da mulher atravessou seu pescoço por trás antes que ele percebesse a presença dos dois estranhos. Uma bela e jovem criada varria os degraus de mármore que subiam do átrio principal; ela teve tempo de olhar para eles, boquiaberta, antes que a adaga arremessada por Frentis a atingisse em cheio no peito. Ele recolheu a arma ao subirem a escada. A essa altura, a coceira se transformara em alfinetadas minúsculas de pura agonia, o tipo de agonia que o teria feito cair de joelhos aos gritos se não fosse o domínio por parte da mulher.

Havia mais três criados no andar seguinte, que foram despachados com silenciosa eficácia. A mulher abriu diversas portas até encontrar seu alvo. O menino apoiou o cotovelo na cama, levantando-se parcialmente, quando foi banhado pela luz que vinha do corredor, bocejando e esfregando os olhos. Tinha nove ou dez anos e olhava para os invasores com um espanto estranhamente desprovido de medo, dizendo algo em um sussurro sonolento.

— Você nunca teve um sonho como nós, menino — disse a mulher. Então, ela acenou com a cabeça para Frentis. — Traga-o. — Ela se virou e seguiu ao longo do corredor até outra porta, abrindo-a e fazendo com que uma mulher que se encontrava no interior do cômodo se assustasse e gritasse.

Frentis entrou no quarto do menino e parou diante dele com a mão estendida. O menino olhou para a mão e então para Frentis, com os olhos subitamente livres de sono e repletos de uma terrível compreensão. *Sinto muito*, Frentis quis dizer, parado ali, atormentado às raias da loucura pelo domínio e pela agonia em seu corpo. *Sinto muito, mesmo*.

O menino abaixou a cabeça e segurou a mão de Frentis, permitindo que fosse levado do quarto e caminhando ao seu lado em seu pijama de seda até a porta que a mulher abria.

Frentis a encontrou amarrando a outra mulher a uma cadeira, usando cordas arrancadas das cortinas. A cabeça da mulher pendia para frente, coberta pelos cabelos negros. Quando terminou, ela agarrou os cabelos da mulher e puxou a cabeça para trás, revelando um rosto de impressionante beleza, o tipo de rosto visto nas estátuas de adoração dos deuses alpiranos. A mulher amarrada usava um manto de seda branca, e as cordas formavam marcas vermelhas nos pontos onde comprimiam a pele bronzeada. A mulher esbofetou o belo rosto, uma, duas vezes. Os olhos da mulher amarrada se abriram com o segundo tapa, verdes e brilhantes, olhando para todos os lados.

— Amado — disse a mulher, falando na língua do Reino —, permita-me lhe apresentar a Senhora Emeren Nasur Ailers, ex-protégida do Imperador Aluran Maxtor Selsus e viúva de Seliesen Maxtor Aluran, o antigo Esperança desse império.

A Senhora Emeren respirou fundo e inclinou a cabeça para trás.

— Se gritar, o menino morre — disse a mulher.

Emeren fechou os olhos e soltou a respiração com um silvo, rangendo os dentes.

— Quem quer que você seja... — disse ela na língua do Reino, com sotaque, mas fluente.

— Perdoe-me... — disse a mulher. — Minha educação não é mais a mesma. Você deve ser informada sobre quem somos, é claro. Esse belo sujeito é meu amante e meu futuro marido, Irmão Frentis, outrora pertencente à Sexta Ordem da Fé e do Reino Unificado. Quanto a mim, há anos não tenho necessidade de um nome, então por enquanto vamos me considerar apenas uma serva dos interesses imperiais volarianos.

Frentis observou a compreensão aparecer no rosto da Senhora Emeren e o modo como seus olhos iam da mulher para Frentis, para a adaga ensanguentada em sua mão e para o menino que segurava sua outra mão. Apenas quando viu o menino surgiu um medo verdadeiro em seus olhos.

O latejar em seu corpo era como um prego cravando-se em sua carne sem parar...

— Se conhece tanto, você deve saber que não tenho poder nesse império — disse Emeren, com a voz calma e controlada. — Não tenho influência com o Imperador. Minha morte não lhe causará qualquer dor.

— Ferir o Imperador não é nosso objetivo — retorquiu a mulher. Ela avançou até a cama larga, sentando-se com um salto no colchão macio e balançando as pernas sobre a lateral, como uma garotinha. — Achei que você gostaria de saber uma coisa — disse ela. — A respeito de sua recente visita às Ilhas Meldeneanas. Sabia que você teria prestado um auxílio imensurável à nossa empreitada se seu plano ardiloso tivesse sido bem-sucedido? Desistimos de tentar capturar Al Sorna. Agora buscamos apenas a morte dele. Ele está em cada predição, em cada visão que arrancamos dos videntes. O obstáculo eterno, salvando aqueles que queremos mortos, matando os que queremos vivos. Seu

muito pranteado marido, por exemplo.

Os olhos de Emeren faiscaram, ardendo de fúria em meio ao medo.

— Ah, sim — prosseguiu a mulher. — As visões foram bastante claras. Se tivesse sobrevivido ao encontro com Al Sorna, Seliesen Maxtor Aluran teria orquestrado o assassinato do Imperador e culparia agentes do Reino Unificado, desencadeando outra guerra, que prosseguiria durante anos, minando a força do império e tornando-o um monstro, o maior tirano da história alpirana e da ruína de seu povo. Quando as nossas forças atacassem, não haveria condições de resistirem.

— Meu marido era um homem bom — disse a Senhora Emeren por entre os dentes.

— Seu marido desejava a carne de outros homens e sentia repulsa por você. — O olhar da mulher recaiu sobre o menino ao lado de Frentis. — Fico surpresa que ele tenha conseguido lhe dar um filho. Contudo, o dever nos obriga a fazer as coisas mais vis. Veja meu noivo aqui. Sei que estou prestes a obrigá-lo a fazer algo que lhe causará uma dor imensa e terrível, mas farei mesmo assim, pois é meu dever educá-lo sobre a natureza do nosso vínculo. Ele não me ama, sabe? Amar um homem e não ser correspondida é... — Ela suspirou, lançando um sorriso triste a Emeren. — Bem, creio que você sabe como é. O sangue do seu filho, derramado diante dos olhos da mãe, tornará a alma do meu amado um pouco mais sombria, unindo-nos ainda mais. Cada vez que matamos juntos, nosso vínculo se fortalece. Sei que ele sente isso, pois minha canção me diz.

O medo nauseante que tomava conta de Frentis transformou-se em terror ao ver uma lágrima escorrer pelo rosto da mulher, com os olhos arregalados de adoração enquanto olhava para ele.

— Arranque os dedos dele, meu amado. Bem devagar...

O latejar era quase constante, mal parando entre cada pontada de agonia...

Frentis fez o menino ajoelhar-se, segurando-o com mais firmeza, e separou os dedos à força, encostando a lâmina da adaga na articulação do dedo mínimo...

Algo causou um estrondo no andar inferior, seguido por um berro feroz em alpirano.

— HEVREN! — gritou a Senhora Emeren, colocando todas as suas forças no grito, lutando contra as amarras e retesando os músculos do pescoço

O ribombar de botas no piso de mármore pôde ser ouvido pela porta aberta.

— Ah, não! — suspirou a mulher, saltando da cama em direção à porta e sacando a espada. — Parece que não há tempo para brincar, amado. Estarei lá embaixo. Certifique-se da morte desses dois e não demore.

Sozinho com eles, Frentis agarrou o cabelo do menino, puxou a cabeça dele para trás e encostou a adaga na garganta exposta...

O latejar explodiu no seu corpo, uma incandescência de dor excruciante, arrancando cada pensamento de sua mente e reprimindo o domínio exercido pela mulher. Frentis cambaleou e soltou o menino, vacilando em meio a um mar de dor.

O menino correu para a mãe e começou a puxar as amarras que a prendiam à cadeira.

— *Unteh!* — gritou ela para o filho, sacudindo a cabeça freneticamente. — *Emmah forgalla. Unteh! UNTEH!*

Ele não vai fugir, pensou Frentis, vendo o menino continuar a puxar as cordas.

Ele ficou surpreso ao descobrir que conseguia se mover, apesar da dor que percorria seu corpo da cabeça aos pés. *Ele conseguia se mover*. Deu um passo, realmente deu um passo por vontade própria, embora o domínio ainda o compelisse a cortar a garganta daquele menino e matar sua mãe. Ainda estava lá, queimando-o, mas era pouco mais do que uma irritação se comparado à dor que explodia na lateral do seu corpo.

Sons de combate vinham do andar inferior, com vozes altas e aço entrecrocando-se. Então, ouviu-se o som de uma lufada alta, como o ruído de fogo quando a primeira fagulha toca a lenha ensopada de óleo em uma pira. Ouviram-se gritos e o corredor além da porta começou a ser envolvido em uma cortina de fumaça.

Frentis cambaleou em direção a Emeren e ao menino, contorcendo-se enquanto lutava para assumir o controle de seu corpo em meio à dor. Caiu sobre a mulher, soltando um grito de agonia diante do rosto dela. Ela franziu o rosto, enojada e aterrorizada, e gritou mais uma vez quando Frentis ergueu a adaga, tremendo enquanto tentava controlá-la. O menino lançou-se contra Frentis, chutando-o, socando-o e mordendo-o. Frentis mal sentia sua presença, concentrando toda a sua vontade na adaga e levando a ponta trêmula até a corda que prendia o peito de Emeren. Com um último espasmo muscular, a corda rompeu-se e caiu no chão. Ele soltou a adaga no colo da mulher e caiu de costas com convulsões de dor.

O domínio queimava-o com uma nova intensidade enquanto a dor em seu flanco diminuía lentamente. *Não foi o suficiente*, pensou ele, rangendo os dentes enquanto se retorcia no chão. *A semente não germinou o suficiente*.

Frentis percebeu que Emeren estava parada sobre ele, com a adaga na mão. O olhar da mulher indicava uma mistura de fúria e confusão.

— S-sinto muito... — gaguejou ele, com saliva saltando dos lábios. — Muito... mesmo...

Emeren fixou os olhos nele enquanto o filho puxava sua mão.

— Entahla!

Frentis queria gritar para que ela corresse, mas o ressurgimento do domínio não deixou espaço para mais ações proibidas. Ela lançou um último olhar furioso para ele e fugiu, carregando o filho nos braços e correndo para fora do quarto. Virou à esquerda, tomando a decisão sensata de não descer as escadas até o átrio.

O domínio fechou-se sobre Frentis como o punho de um gigante, forçando-o a levantar-se com uma ordem implacável: *AJUDE-A!*

Ele correu para as escadas com a espada desembainhada, e ao descer ao átrio encontrou a mulher enfrentando um guarda. As paredes do lugar estavam tomadas por fogo e uma densa fumaça negra cobria o teto. A mulher atacava o guarda com cada vestígio de habilidade que conseguia reunir, mostrando os dentes arreganhados na boca suja de sangue, mas o homem não era um

oponente fácil e bloqueava os golpes com contragolpes rápidos de seu sabre. Havia algo familiar nele; era um homem alto de pele negra, com alguns fios grisalhos e as feições esguias e curtidas de um veterano. Ao avistar Frentis, o homem franziu o rosto, esquivou-se de uma investida da mulher e disparou em direção às escadas.

Frentis aparou a estocada do sabre e revidou com um golpe contra os olhos do guarda, mas o homem era rápido e desviou-se da lâmina com centímetros de sobra, subiu vários degraus aos saltos e virou-se para enfrentá-los. Encontrou o olhar de Frentis, com olhos brilhantes de desespero e fúria, dividido entre continuar a luta e correr para averiguar o destino da senhora e da criança.

Eles estão a salvo, Frentis quis dizer, mas o domínio obviamente não permitia.

Um grito o fez virar-se para a mulher e vê-la lutando com outros dois guardas que haviam enfrentado as chamas que agora circundavam a porta aberta. O guarda grisalho viu sua oportunidade e desferiu uma estocada contra Frentis. Ele conseguiu rodopiar para longe antes que a ponta do sabre o atingisse, mas o gume atravessou a camisa de algodão e deixou um corte superficial em suas costas.

Frentis chutou o peito do guarda, acertando o peitoral, e fez o homem desabar. Não houve tempo para aproveitar a vantagem, pois a mulher o chamou para ajudá-la. Ela se afastou dos dois oponentes, dando o lugar a Frentis, embainhou a espada e apontou os punhos cerrados para a parede mais próxima. Ela gritou quando as chamas irromperam e impulsionaram duas colunas de fogo até a parede, arrombando-a em meio a uma nuvem de cinzas. A mulher desmaiou quando as chamas desapareceram de suas mãos, com rios vermelhos de sangue escorrendo de seu nariz, ouvidos, olhos e boca.

Frentis a segurou antes que caísse, ergueu-a no ombro, aparando uma última estocada de um dos guardas, e atravessou correndo o buraco que a mulher abrira na parede.

O terreno da casa de campo estava tomado por uma confusão de guardas e turbilhões de fumaça. Frentis correu para os fundos à procura dos estábulos, esperando não ver Emeren e o menino, ciente do que o domínio o forçaria a fazer. Os estábulos estavam repletos de guardas e criados que tentavam salvar os cavalos do inferno que engolfava a casa principal. Frentis escolheu um garanhão grande que empinava, alarmado, enquanto um cavaliço tentava levá-lo dali. Ele derrubou o garoto com um golpe na nuca, agarrou as rédeas, colocou a mulher no dorso do cavalo e montou atrás dela. O cavalo correu sem precisar ser encorajado, desesperado para se afastar daquele lugar de fogo e terror.

Escaparam da fumaça em algumas batidas de coração, galopando a toda velocidade para oeste enquanto a casa de campo queimava e desmoronava às suas costas.

PARTE II

As origens exatas do povo que compôs a migração em massa aos Confins do Norte, agora conhecida como a investida da Horda do Gelo, permanecem um mistério. Sua língua e seus costumes eram completamente desconhecidos tanto pelos súditos do Reino quanto pelos guerreiros eorhil e seordah que enfrentaram sua invasão. A maioria da população da Horda morreu na carnificina após sua derrota nas planícies, e apenas alguns remanescentes fugiram de volta ao gelo. Por conseguinte, as oportunidades para um estudioso obter uma visão abrangente dessa sociedade limitam-se a conhecer experiências de testemunhas nascidas no Reino, uma interpretação inevitavelmente distorcida e repleta de preconceitos e histórias fantásticas sobre habilidades das Trevas e improváveis feras guerreiras monstruosas. O que está claro, pelas evidências disponíveis, é a ferocidade impiedosa da Horda para com qualquer homem, mulher ou criança que não pertencesse à sua tribo e o nível incomum de controle que exercia sobre seus animais, que foram empregados nas linhas de batalha em grande quantidade.

— Mestre Olinar Nuren, Terceira Ordem,
Os Confins Do Norte: Um Esboço Histórico,
Arquivos Da Terceira Ordem



RELATO DE VERNIERS

Encolhi-me contra a amurada do navio, afastando-me do interrogatório feroz daquele homem fedorento.

— *Eu não sei — respondi.*

O homem sacou uma faca que devia estar escondida nas suas roupas, pois eu não havia visto arma alguma quando ele embarcou no navio. A lâmina foi parar na minha garganta mais rápido do que eu teria achado possível. Sua mão livre agarrou meu cabelo e puxou minha cabeça para trás enquanto ele me sufocava com seu hálito podre.

— *Onde ele está, escreba?*

— *N-nos Confins do Norte — balbuciei. — O Rei Malcius o enviou para lá quando ele retornou ao Reino.*

— *Eu sei disso. — A lâmina queimou quando o homem a apertou ainda mais contra minha pele. — Onde ele está agora? O que o Senhor da Batalha lhe contou sobre ele? Que mensagens foram enviadas a ele?*

— *N-nenhuma! Juro. Ele mal foi mencionado. O Senhor da Batalha parecia odiá-lo.*

O homem fedorento aproximou-se ainda mais de mim, percorrendo meu rosto com os olhos, sem dúvida procurando algum sinal de falsidade.

— *Espero que você me compense por essa perda — disse o general. — Eu pretendia fazer bom uso considerável desse aí.*

O homem fedorento grunhiu e soltou-me, afastando-se. Apoiei-me na amurada, lutando para me manter de pé. Cair no convés teria sido considerado um insulto ao meu mestre. A esposa do general aproximou-se e entregou-me um lenço de seda. Levei-o ao corte superficial no pescoço e o sangue manchou o tecido ricamente bordado.

— *Têm interrogado os prisioneiros como foi ordenado? — perguntou o homem ao general. Ele estava ao lado da mesa, servindo-se de vinho e esvaziando uma taça em poucos goles; o líquido vermelho escorreu pelo seu queixo e manchou sua vestimenta já suja.*

— *Sim. — O general apertou os olhos ao encarar o homem imundo à sua*

frente, respondendo em tom ríspido e com uma sujeição relutante. — Inúmeras mentiras sobre esse Lâmina Negra que eles parecem odiar tanto. Nenhuma informação verdadeira. Aham ridícula a ideia de que ele viria em seu auxílio.

— É mesmo? — O homem olhou mais uma vez para mim. — Venha aqui, escreba.

Fui até a mesa com passos vacilantes, evitando seu olhar.

— Você viajou com ele até as Ilhas — disse o homem. — Acha ridículo que ele possa vir salvar aqueles que o odeiam?

Lembrei-me da história que Al Sorna me contara durante a viagem, de todas as provações e batalhas que marcaram sua vida. Porém, minha lembrança mais nítida era o dia do desafio, o Escudo desacordado, Al Sorna afastando-se e embainhando a espada. Eu tinha minhas razões para odiá-lo e ainda pensava em Seliesen todos os dias, mas o ódio diminuía naquele dia, sem nunca desaparecer, porém tampouco ardendo com a mesma intensidade.

— Perdoe-me, mestre — respondi ao general. — Mas ele virá para enfrentá-lo, se puder. Aqui ou em qualquer outro lugar.

— É claro que ele virá. — O homem esvaziou outra taça de vinho e jogou-a longe, fazendo com que gotas respingassem no mapa elaborado. Afastou-se da mesa e voltou para seu barco.

— Não tem nenhuma informação a oferecer? — gritou o general às suas costas.

O homem olhou por sobre o ombro.

— Sim. Não ache que será fácil. — Ele pulou a amurada com mais desenvoltura do que um homem de sua idade poderia ter; aterrissando no barco e berrando uma ordem para os escravos nos remos. O barco afastou-se e voltou para a praia, com o homem imóvel na proa. Tive a impressão de poder sentir seu cheiro mesmo àquela distância.

Fornella disse algo em voz baixa, uma das minhas citações do Terceiro Canto de Ouro e Pó: Reflexões sobre a Natureza da Política.

— Julga-se melhor uma nação pelos seus aliados.

O ataque começou ao meio-dia. Centenas de barcos transportavam milhares de Varitai e Espadas Livres através do rio para desembarcarem sob as muralhas de Alltor, recebidos por nuvens de flechas lançadas pelos defensores. Alguns barcos jamais chegaram à terra firme, sendo tão cravados de flechas que seus remos pararam e as embarcações foram arrastados para longe pela correnteza. Mais homens tombaram ao saltarem dos barcos e tentarem entrar em formação. O general achou que fora sábio ao suprir seus homens com escudos, algo que fez questão que eu registrasse.

— Algumas tábuas de madeira pregadas juntas e viradas para o alto por dois ou três homens — disse ele. — Um antídoto simples para esses arcos longos supostamente terríveis.

Entretanto, apesar do antídoto, contei mais de duzentos mortos sob as muralhas à altura em que o primeiro batalhão conseguiu chegar à brecha mais

próxima. Os navios com as balistas haviam chegado mais perto, e seus projéteis agora consistiam de grandes fardos de farrapos embebidos em óleo e acesos com uma tocha antes de serem arremessados sobre as muralhas. Pela fumaça que subia, parecia haver diversos incêndios na cidade.

— O fogo é o maior aliado de um comandante ousado — gracejou o general, fazendo com que eu me perguntasse quantos ditos espirituosos ele havia preparado para a ocasião. A julgar pelos olhos de sua esposa, que se reviravam, suspeitei que o número era considerável.

A batalha prosseguiu por quase uma hora nas brechas, com os soldados volarianos avançando em um aglomerado açoitado por flechas e que parecia progredir pouco. Concluindo que chegara a hora certa, o general ordenou que os sinaleiros dessem o sinal para que os Kuritai começassem seu ataque. O batalhão avançou correndo pelo passadiço, carregando as escadas de escalada. Embora o general estivesse certo com a dedução de que a maioria dos defensores cumbraelinos estaria concentrada nas brechas, ainda assim os Kuritai foram submetidos a uma feroz tempestade de flechas, e mais de duas dúzias tombaram antes de chegar às muralhas, onde as escadas foram erguidas e encostadas nas ameias. Pareceu-me que eles perderam pelo menos metade de seus homens tentando subir as escadas, pois um vulto desabava no solo a cerca de cada segundo. Contudo, um aglomerado compacto conseguiu por fim subir à força até as ameias, um pequeno grupo de preto contra a turba verde-acinzentada de cumbraelinos que tentavam repeli-los. O general assistiu à cena através de uma luneta e então berrou uma ordem aos seus sinaleiros.

— Enviem a reserva!

Dois batalhões de Espadas Livres avançaram pelo passadiço carregando suas escadas. Perderam menos homens para os arqueiros cumbraelinos, visto que os Kuritai mantiveram os defensores ocupados. Os Espadas Livres escalaram a muralha em dois pontos, atraindo mais defensores para longe dos Kuritai, que agora abriam caminho a golpes de espada rumo ao interior da cidade. Houve um tumulto repentino nas fileiras cumbraelinas, e elas recuaram, desaparecendo das muralhas em poucos momentos. De uma das brechas, ouviu-se um grande grito de triunfo quando a multidão de atacantes volarianos finalmente conseguiu adentrá-la.

— E assim termina — ponderou o general, com uma calculada ausência de qualquer reação de triunfo. Ele entregou a luneta a um escravo que estava por perto e foi sentar-se, coífiando o queixo em uma demonstração de reflexão cuidadosa. — O maior cerco da história volariana concluído graças a nada mais do que um planejamento eficiente e algumas horas de trabalho. — Ele olhou para mim para certificar-se de que minha pena ainda estava ocupada.

— Talvez o Conselho permita que você nomeie a cidade — disse Fornella. — Tokrevia?

O general corou e fingiu ignorá-la.

— Se bem que Ruína Incendiada parece mais apropriado — prosseguiu ela, olhando para as numerosas colunas de fumaça que se erguiam da cidade.

— Nós a reconstruiremos — disse o general com rispidez.

Não havia sinal de triunfo no rosto da mulher, que observava a cidade com

uma ténue repugnância melancólica.

— *Se seus soldados pouparem alguns escravos para fazerem o trabalho.*

Mais duas horas se passaram enquanto o general aguardava a confirmação de que a cidade havia sido tomada, ficando mais impaciente a cada minuto, andando de um lado para o outro no convés e dando ordens aos capatazes para que açoitassem os marinheiros escravos por pequenas ofensas cometidas. Por fim, um barco afastou-se da praia, trazendo um homem em uma armadura negra de comandante de divisão. O homem subiu ao convés com o cansaço estampado no rosto, feições enegrecidas pela fumaça e um corte enfaixado no braço. Bateu continência ao general e curvou-se diante de sua esposa.

— *Bem?* — perguntou Tokrev.

— *As muralhas são nossas, Honorável General — informou o homem. — Contudo, parece que os cumbraelinos não pretendiam defendê-las. Construíram barricadas dentro da cidade, demolindo casas para bloquear as ruas e criar uma área de abate, e apinharam os telhados com arqueiros. Perdemos mais homens nas ruas do que nas brechas.*

— *Barricadas!* — gritou Tokrev. — *Você vem até mim e se lamuria sobre barricadas! Derrube-as, homem!*

— *Atravessamos o primeiro obstáculo há uma hora, Honorável General, mas encontramos outra barreira cem metros adiante. E todos na cidade se levantaram contra nós, homens e mulheres, velhos e jovens. Temos de lutar casa por casa, e a bruxa que os ajuda parece estar em toda parte.*

O general abaixou bastante a voz.

— *Diga mais uma palavra sobre essa bruxa e irei esfolar-lo como exemplo para seus homens.*

Ele andou até a proa do navio e olhou para a cidade.

— *Talvez uma ordem para descansarem e se reorganizarem seja apropriada — disse Fornella. Havia certa rispidez em sua voz que me dizia que não estava fazendo uma sugestão. — Consolidar nossos ganhos.*

Tokrev empertigou-se e vi seus punhos cerrarem-se atrás das costas. Ele se virou para o comandante de divisão.

— *Contenha o avanço, reorganize suas fileiras e reúna todo o óleo de lamparina que puder. Atacaremos novamente quando escurecer e não lutaremos casa por casa. Nós as queimaremos. Entendido?*

Naquela noite, a cidade de Alltor ganhou uma grande coroa alaranjada, cujo brilho elevava-se a ponto de obscurecer as estrelas. O general havia ordenado que eu permanecesse no convés e registrasse o espetáculo, recolhendo-se ao seu camarote com uma escrava de prazeres que trouxera da praia, uma garota que não tinha mais de quinze anos. Fornella permaneceu no convés, com o xale enrolado nos ombros. Não demonstrou qualquer sinal de que os sons que vinham da parte inferior do navio lhe incomodavam, juntando-se a mim na proa para observar a cidade com a mesma expressão sombria.

— *Quão antigo é esse lugar?* — perguntou-me.

— É quase tão antigo quanto o Feudo de Cumbrael, senhora. Têm pelo menos quatro séculos.

— Aqueles coruchéus duplos são um templo ao deus que eles adoram, não?

— É a Catedral do Pai do Mundo, senhora. Creio que seja o local mais sagrado para os cumbraelinos.

— Acha que é isso que os inspira a tanta resistência? Uma missão santa de defender o lar de seu deus?

— Eu não saberia dizer, senhora. — Talvez eles compreendam que tudo o que vocês podem oferecer é escravidão e tormento e preferam morrer lutando.

— Aquele homem hoje... O sujeito fedorento — disse ela. — Não quer saber quem era ele?

— Não cabe a mim perguntar, senhora.

Ela se voltou para mim com um sorriso.

— Tão convincente em seu papel, mesmo sendo um escravo há apenas algumas semanas. Você deve desejar muito viver. — Ela deu as costas à cidade, encostando-se na proa com os braços cruzados. — Ficaria surpreso ao saber que ele não é um homem? É apenas uma casca preenchida com o espírito de algo mais repugnante do que seu fedor.

— Eu... desconheço tais coisas, senhora.

— Sim, você não teria como conhecer. É um segredo bem guardado, conhecido apenas pelo Conselho e poucos outros, como eu, importantes demais para não saberem. Nosso segredo imundo e vergonhoso. — Havia um distanciamento em seu olhar ao falar; o espectro de uma lembrança inoportuna.

Ela piscou e sacudiu levemente a cabeça.

— Conte-me sobre esse Al Sorna — disse ela. — Quem é ele, exatamente?

CAPÍTULO UM

Vaelin

— Eu também sinto falta dela.

Alornis ergueu a cabeça da madeira que estava entalhando, olhando-o com olhos escuros e sérios, como haviam estado nas últimas quatro semanas. Forçá-la a fazer aquela viagem em nada ajudara para ganhar a simpatia da irmã e o desaparecimento de Reva apenas piorara as coisas.

— Você nem mesmo a procurou — disse ela.

Apesar da acusação, Vaelin consolou-se com o fato de que aquilo era mais do que a irmã lhe dissera desde a manhã em que acordara e descobrira que Reva havia ido embora. A longa viagem através de Nilsael e o tempo passado naquele navio enquanto seguiam para os Confins do Norte haviam sido marcados por uma recusa da parte de Alornis em dirigir-lhe mais do que as palavras mais essenciais.

— Que escolha eu tinha? — perguntou Vaelin. — Amarrá-la e prendê-la a um cavalo?

— Ela está sozinha — disse Alornis, voltando a entalhar e desbastar a figura com uma faca curta e curva. Ela começara a esculptura quando embarcaram no navio, usando-a como distração contra o enjoo do mar que a fizera vomitar pela amurada durante os primeiros dias após deixarem Porto Gélido. O estômago de Alornis acalmara-se uma semana depois, mas não sua raiva, e a faca entalhava a madeira com movimentos rápidos e tensos de seu pulso. — Ela não tem ninguém. Ninguém além de nós.

Vaelin suspirou e voltou os olhos para o mar. As águas setentrionais eram muito mais turbulentas do que o Mar Erineano, com ondas grandes e um frio cortante no vento incessante. O navio chamava-se *Lyrna*, em homenagem à irmã do Rei, e era uma belonave de casco estreito, com dois mastros e uma tripulação de quarenta homens aumentada pelo destacamento de Vaelin, que recebera ordens para ficar com ele durante o ano seguinte. O capitão da guarda, um jovem nobre e corpulento chamado Orven Al Melna, era meticuloso ao lidar com Vaelin, usando todo o respeito que sua posição de lorde exigia e agindo como se estivesse sob seu comando, e não no mais verdadeiro papel de carcereiro. Ele era a garantia do Rei contra quaisquer mudanças de ideia.

— O que você disse a ela? — Alornis parara ao seu lado, com uma expressão ainda cautelosa, mas não tão raivosa. — Você deve ter dito alguma coisa para que ela nos deixasse.

O que contar a Alornis era uma preocupação havia algum tempo. *Que mentiras contar a Alornis, corrigiu-se. Minto para todo mundo, por que não mentir para ela?* Contaria à sua confiante irmã, que não sabia que ele era um mentiroso, que Reva fugira devido à vergonha que sentia diante de seu deus por aceitar a tutela dele e por seus sentimentos por Alornis, sentimentos que seus bispos consideravam um pecado. Era uma mentira perfeita, que causaria embaraço suficiente para prevenir que mais perguntas fossem feitas sobre a questão.

Vaelin abriu a boca, mas as palavras morreram em sua garganta. Alornis ainda o encarava com olhos zangados, mas ainda assim confiantes. *Ela olha para mim e o vê. Ele alguma vez mentiu para ela?*

— O que Reva lhe contou sobre o pai dela? — perguntou Vaelin.

E, então, contou tudo à irmã, desde o dia em que fora levado para a Casa da Sexta Ordem até a noite em que retornou à casa do pai. Ao contrário da história que contara ao erudito alpirano durante a viagem até as Ilhas, esse foi um relato completo e sem adornos, com cada segredo, cada morte, cada melodia da canção do sangue. Levou muito tempo, pois Alornis tinha muitas perguntas, e passou-se outra semana até Vaelin concluí-lo. A costa dos Confins do Norte surgiu no horizonte na manhã em que ele terminou a história.

— E a canção permite que você a veja? — perguntou Alornis. Eles estavam na cabine que o imediato doara ao Senhor da Torre e à sua irmã. Alornis estava sentada em sua cama, de pernas cruzadas, com a escultura quase terminada apoiada no colo. Continuara a entalhar enquanto Vaelin contava sua história, e a figura tornou-se mais refinada com o passar dos dias, por fim revelando-se a estátua de um homem alto e magro com o rosto barbado. Alornis pegara emprestado um pouco de verniz com o carpinteiro do navio e o aplicava com cuidado sobre a madeira, usando um pequeno pincel de marta e fazendo-a brilhar como bronze. — Sherin... Onde quer que ela esteja?

— No início, sim, quando eu aprendi a cantar — respondeu Vaelin. — Mas as visões desapareceram com o passar do tempo. Faz mais de três anos desde que a senti pela última vez.

— Mas você ainda tenta? — A irmã o olhava com atenção, sem qualquer sinal de descrença. Houve um pouco de ceticismo quando Vaelin lhe contara sobre a canção do sangue, mas ele usara um truque da história de Ahm Lin sobre seu aprendizado e fizera a irmã esconder sua faca em algum lugar do navio enquanto permanecia na cabine. Vaelin encontrou a arma em poucos minutos, enfiada em um vão entre dois barris de cerveja no porão de carga. Alornis tentou de novo, pedindo ajuda a um marinheiro para esconder a faca no cesto da gávea. Vaelin optou por não subir atrás da lâmina e simplesmente gritou ao vigia para que a jogasse no convés. A irmã não precisou de outras demonstrações para confiar em sua palavra.

— Faz algum tempo que não — respondeu ele. — Ouvir a canção é uma coisa, cantar é outra. É muito extenuante e até mortal se eu me esforçar demais.

— Você procurou pela coisa que tomou o Irmão Barkus?

— Tenho vislumbres de vez em quando. Ainda está à solta em algum lugar do mundo, enganando e matando ao comando do que quer que sirva, mas as imagens são vagas. Suspeito que consiga se ocultar de algum modo. De que outra forma poderia ter se escondido em Barkus por tanto tempo? Os vislumbres surgem quando a coisa pensa em mim. Seu ódio é suficiente para romper o disfarce.

— Ela virá atrás de você outra vez.

— Acho que sim. Duvido que ela tenha muita escolha.

— O que aconteceu quando você foi até a Casa da Ordem?

Mais uma vez, Vaelin se viu tentado a mentir para a irmã; as informações recebidas durante sua visita deixaram um gosto amargo que ele não desejava compartilhar. No entanto, preferiu apenas omitir.

— Eu me encontrei com o Aspecto.

— Eu sei. O que ele lhe disse?

— Não só o Aspecto Arlyn. Conheci também o Aspecto da Sétima Ordem. E, não, não vou lhe dizer quem ele é. Para sua própria proteção. — Ele se inclinou para frente, olhando fixamente para a irmã. — Alornis, você deve ter cuidado. Como minha irmã, você é um alvo. É por isso que eu a trouxe comigo e é por isso que estou contando essa história. Os Confins do Norte são mais seguros do que o Reino, mas não duvido de que aquela coisa e seus comparsas possam nos alcançar aqui se quiserem.

— Então em quem eu posso confiar?

Vaelin abaixou os olhos. *Eu só disse a verdade para ela até agora. Por que parar?*

— Para ser franco, em ninguém — respondeu ele. — Sinto muito, irmã.

Alornis olhou para a estátua que segurava.

— Quando nosso pai morreu, você...?

— Apenas um eco. Ele já havia falecido no dia em que cantei à sua procura. Você estava observando a pira com sua mãe. Estava nevando. Não havia mais ninguém lá.

— Não — disse ela, com um sorriso discreto. — Você estava lá.

A Torre Norte foi avistada dois dias depois. Era uma estrutura imponente, mais larga na base do que no topo, erguendo-se a mais de vinte metros e cercada por uma sólida muralha com metade dessa altura. Lembrava os castelos antigos que Vaelin vira em Cumbrael, sem ângulos retos ou estátuas e ornamentação. Era uma fortificação de outra época; afinal, estava ali havia um século e meio.

O porto estava repleto de barcos pesqueiros e embarcações mercantis, cujas tripulações içaram cordas e remos a fim de abrir caminho para o *Lyrna*, que se aproximava de forma imponente. O Capitão Orven ordenou que seus homens primeiro descessem a rampa, alinhando-os em duas fileiras de armaduras cintilantes. Faziam certo contraste com a fileira de vinte homens com mantos verde-escuros parados na extremidade oposta do cais. A formação um tanto irregular e a falta de uniformidade nas armaduras que usavam — a maioria

de couro enrijecido em vez de aço — não lhes dava um aspecto desleixado, mas tampouco sugeria esmero. A maioria dos homens tinha pele escura, descendentes de exilados do Império Alpirano ao sul, e nenhum parecia ter menos de um metro e oitenta de altura. Diante da fileira estavam um homem ainda mais alto, também usando um manto verde, e uma mulher pequena, de cabelos escuros, com um vestido preto simples.

— Como estou? — perguntou Vaelin a Alornis ainda no alto da rampa. Ele vestia um conjunto de roupas finas fornecido pelo alfaiate do Rei, composto por uma camisa de seda branca com um falcão bordado na gola, uma calça de algodão e um longo manto azul-escuro forrado com pele de marta.

— Muito nobre — assegurou-lhe Alornis. — Ficaria ainda mais se colocasse essa coisa no cinto em vez de carregá-la por aí. — Ela apontou para o embrulho de lona que Vaelin tinha na mão.

Ele colocou um sorriso no rosto e virou-se para descer a rampa, aproximando-se da mulher de cabelos escuros e do homem alto, que se curvaram com formalidade.

— Lorde Vaelin — disse a mulher. — Dou-lhe as boas-vindas aos Confins do Norte.

— Senhora Dahrena Al Myrna — Vaelin retribuiu a mesura. — Já nos encontramos antes, embora a senhora talvez não se lembre.

— Lembro-me muito bem daquele dia, meu senhor. — Seu tom era cuidadosamente neutro, e as belas feições lonak não demonstravam qualquer sentimento.

— Sua Alteza envia seus mais cordiais cumprimentos — prosseguiu Vaelin. — E sua sincera gratidão por seus esforços zelosos ao continuar administrando essa terra para a Coroa.

— Sua Alteza é muito gentil — respondeu a Senhora Dahrena. Ela se virou para o homem alto ao seu lado. — Permita-me apresentar o Capitão Adal Zenu, Comandante da Guarda do Norte.

O tom do capitão foi menos do que neutro e sem qualquer traço de receptividade.

— Meu senhor.

Vaelin olhou para a fileira de homens.

— Suponho que não seja todo o seu contingente.

— Há três mil homens na Guarda do Norte — retorquiu o capitão. — A maioria encontra-se devidamente ocupada em outros lugares. Não achei apropriado reunir mais que o estritamente necessário. — Ele encarou Vaelin e aguardou um momento antes de acrescentar: — Meu senhor.

— Tem toda a razão, Capitão. — Vaelin fez um sinal para Alornis. — Minha irmã, a Senhora Alornis Al Sorna. Ela necessitará de alojamentos apropriados.

— Cuidarei disso — disse a Senhora Dahrena. Vaelin ficou feliz ao vê-la sorrir ao se curvar para sua irmã. — Bem-vinda, minha senhora.

Alornis retribuiu a mesura com pouca graciosidade; os modos da nobreza eram uma novidade para ela.

— Obrigada. — Ela tentou oferecer outra mesura ao capitão. — E ao senhor.

A mesura do capitão foi executada com esmero considerável e seu tom foi mais cordial do que aquele que dirigira ao seu novo Senhor da Torre.

— Seja muito bem-vinda, minha senhora.

Vaelin ergueu os olhos para a torre que se assomava diante deles, uma massa escura contra o céu, com pássaros revoando ao redor dos níveis superiores. A canção do sangue ressoou em uma melodia inesperada, um murmurar caloroso que misturava reconhecimento com uma sensação de segurança. Ele teve a impressão de estar voltando ao lar.

A base da torre era cercada por um aglomerado de construções de pedra, onde ficavam estábulos e oficinas necessárias para o bom funcionamento de um castelo. Vaelin conduziu o cavalo que lhe deram pelo portão principal até o pátio onde os criados da torre estavam reunidos para recepcioná-lo. Ele desmontou e tentou conversar com alguns deles, recebendo apenas respostas curtas e alguns óbvios olhares de hostilidade.

— Gente amigável, esses confinenses — sussurrou Alornis enquanto seguiam em frente. Vaelin deu tapinhas no braço dela e continuou sorrindo a todos, embora seu rosto estivesse começando a doer.

A Câmara do Senhor ficava no andar térreo da torre, onde havia uma cadeira de carvalho simples e sem adornos em uma plataforma voltada para o amplo espaço circular. Junto à parede, degraus de pedra subiam em espiral até o próximo nível.

— Extraordinário — disse Alornis, observando a câmara com evidente fascinação. — Eu não imaginava que um teto desse tamanho pudesse ser sustentado sem pilares.

— Há grandes vigas de ferro na parede, minha senhora — disse-lhe o Capitão Adal. — Elas vão dos alicerces até o topo da torre. Cada andar é sustentado pelas vigas enquanto contrapesos evitam que desmoronem uns sobre os outros.

— Eu não sabia que nossos antepassados eram construtores tão habilidosos — comentou Vaelin.

— Não eram — retorquiu o capitão. — Na verdade, essa é a segunda Torre Norte, construída por meu povo quando lhes foi concedido refúgio aqui. A construção original tinha apenas metade da altura e uma tendência a ficar inclinada.

O olhar de Vaelin foi atraído por uma larga tapeçaria pendurada atrás da Cadeira do Senhor. Tinha cerca de três metros de comprimento por um metro e meio de altura e nela mostrava uma cena de uma batalha. Um exército composto por guerreiros em armaduras variadas e empunhando diversos tipos de armas avançava contra uma hoste de homens e mulheres vestidos com peles, todos com um aspecto selvagem, ao lado de grandes gatos com dentes como adagas. Acima, o céu estava repleto de aves de rapina, uma espécie

desconhecida maior do que qualquer águia, com as garras estendidas enquanto voavam na direção do exército poliglota.

— A grande batalha contra a Horda do Gelo? — perguntou ele a Dahrena.

— Sim, meu senhor.

Ele apontou para as aves.

— O que são esses animais?

— Nós os chamamos de falcões-lanceiros, embora na verdade sejam descendentes de águias criados para a guerra. O povo do gelo os usava da mesma forma como usamos flechas.

Vaelin chegou mais perto e distinguiu a figura do último Senhor da Torre, Vanos Al Myrna, um homem imenso que apontava um martelo de guerra na direção da Horda. Ao lado dele havia uma figura menor com longos cabelos negros e um arco na mão.

— É a senhora? — perguntou ele, surpreso.

— Eu estava lá — respondeu ela. — Assim como o Capitão Adal. Todos estávamos, cada súdito do Reino nos Confins com idade suficiente para pegar em armas, lutando ao lado dos eorhil e dos seordah. A Horda não fazia distinção entre combatentes e civis. Foi necessário todo o povo para repeli-la.

— Ainda mais porque não tivemos qualquer auxílio do Reino — acrescentou o capitão.

Os olhos de Vaelin detiveram-se nos gatos guerreiros entre as fileiras da Horda do Gelo e a canção do sangue aumentou, voltando seus pensamentos para noroeste. *Eles encontraram refugio aqui, afinal.*

Dahrena sufocou um grito, fazendo Vaelin erguer a cabeça e deparar-se com ela o encarando com olhos arregalados.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Minha senhora?

Ela corou e desviou o olhar.

— Vou lhe mostrar seus aposentos, meu senhor.

— Sim, por favor.

O quarto ficava três andares acima, sendo alto o bastante para permitir uma vista desimpedida da cidade e da região. Havia uma grande cama coberta com peles e encostada na parede e uma mesa firme diante da janela que dava para o sul. Sobre a mesa, em um canto, uma pilha de documentos, uma pena e um tinteiro cheio.

— Preparei as petições e os relatórios que o senhor deve analisar — disse Dahrena, gesticulando para os documentos. Eles estavam sozinhos; o capitão havia se oferecido para mostrar a Alornis os aposentos que seriam seus no andar de cima. — Os casos urgentes estão amarrados com uma fita vermelha. Talvez o senhor queira ler a carta da Guilda dos Armadores primeiro.

Vaelin olhou para os documentos, notando uma carta com fita vermelha no topo da pilha.

— Agradeço pela meticulosidade, minha senhora.

— Muito bem. Se o senhor me der licença. — Ela fez uma medida e virou-se para a porta.

— O que é? — perguntou Vaelin.

Ela hesitou, virando-se para ele com óbvia relutância.

— Meu senhor?

— O seu dom. — Ele se sentou na cadeira diante da mesa, reclinando-se e colocando as mãos atrás da cabeça. — Sei que a senhora possui um dom, ou não teria sentido o meu.

Uma sombra de medo passou pelo rosto até então sem expressão de Dahrena.

— Dom, meu senhor? Não sei o que quer dizer.

— Ah, creio que sabe.

Encararam-se em silêncio; os olhos dela brilhavam de ressentimento enquanto ele compreendia a dimensão da desconfiança que encontraria naquele lugar.

— Onde posso encontrar meu irmão? — perguntou Vaelin quando ficou claro que ela estava determinada a não responder sua pergunta. — O sujeito louro com a esposa bonita e a gata guerreira.

A Senhora Dahrena bufou com uma irritação divertida.

— Ela disse que o senhor saberia. E que não havia sentido em mentir para o senhor.

— Ela tinha razão. Ela também lhe disse que a senhora não tem nada a temer quanto a mim?

— Disse, mas ela conhece o senhor e eu, não. E nem o povo que o senhor vai governar a mando de seu Rei.

— Acho que a senhora quer dizer *nosso* Rei.

Ela fechou os olhos por um segundo, suspirando com uma raiva contida.

— Sem dúvida, meu senhor. Perdoe o que eu disse. Sella e seu marido podem ser encontrados em Ponta de Nehrin, um povoado quase vinte quilômetros a noroeste. Sei que *eles* ficarão felizes em lhe ver.

Vaelin assentiu e pegou a carta que estava no topo da pilha.

— O que esses armadores querem?

— A Guilda Mercantil reduziu o soldo pela manutenção dos navios. Dizem que a queda no comércio devido à guerra alpirana reduziu demais seus lucros. Os armadores pedem que o senhor restabeleça o preço original dado com a Palavra do Rei.

— Esses mercadores estão falando a verdade?

Ela sacudiu a cabeça.

— O comércio de alguns produtos foi reduzido, mas o preço do vitriolo azul dobrou desde a guerra. É mais do que suficiente para compensar as perdas com outras mercadorias.

— Imagino que o preço do vitriolo azul tenha aumentado devido à sua raridade, não? O Rei Janus chegou a me dizer que os veios estão diminuindo a cada ano.

Dahrena franziu o rosto.

— Não sei explicar o que nosso finado rei lhe disse, meu senhor, mas as minas vêm produzindo uma quantidade regular de pedras há anos. Na verdade, meu pai foi obrigado a diminuir a produção para evitar uma desvalorização. O preço do vitriolo azul dobrou porque os navios do Reino não podem mais

transportá-lo diretamente aos portos alpiranos.

Vaelin engoliu uma risada amarga. *Outro fio da teia do velho maquinador que se revela uma mentira.* Abriu a carta e assinou seu nome nela, sentindo o olhar da mulher sobre sua mão enquanto se concentrava nas letras.

— O pedido dos armadores está concedido — disse ele. — O que mais tem para mim?

Dahrena desviou os olhos da assinatura desajeitada para a pilha de cartas.

— Bem — disse ela, indo até a mesa e abrindo a petição seguinte —, parece que o Capitão Adal precisa comprar botas novas para a Guarda do Norte...

À noite, foi realizado um banquete em homenagem a Vaelin na Câmara do Senhor, um evento exuberante, ainda que tenso, ao qual compareceram os líderes das guildas da cidade, os irmãos e irmãs mais antigos das casas de missões nos Confinos e um grande número de mercadores. Estes eram menos taciturnos, conversando com o novo Senhor da Torre sempre que surgia uma oportunidade, cada um pedindo uma audiência particular quando houvesse tempo. Dahrena já o avisara de que seu pai conduzia todas as reuniões na presença de testemunhas, como uma forma de garantia contra acusações de corrupção, e respondia a cada pedido com uma declaração de que não via motivo para determinada prática sensata não continuar.

Vaelin sentou-se na mesa alta ao lado dos representantes da Fé. Apenas a Segunda, a Quarta e a Quinta Ordens tinham casas nos Confinos. A Sexta nunca se estabelecera ali, uma vez que a segurança local encontrava-se nas mãos da Guarda do Norte por ordem real. Dahrena disse que a razão oficial era que a segurança do Reino como um todo era mais importante na já longa lista de responsabilidades da Sexta, mas o pai dela sempre suspeitara de que isso tinha mais a ver com o rei Janus, que queria mais mantê-los bem longe do seu suprimento de vitriolo azul.

Vaelin ficou surpreso ao ver que o Irmão Hollun, da Quarta Ordem, era o mais conversador dos Fiéis. Era um sujeito gordo e jovial, com o permanente olhar apertado dos míopes, que falou com detalhes sobre a história dos Confinos e o trabalho de sua Ordem na manutenção de registros precisos do comércio local, especialmente no que dizia respeito ao vitriolo azul.

— O senhor sabia — disse ele, inclinando-se sobre Vaelin mais do que era necessário, provavelmente para ver melhor seu rosto — que passa mais dinheiro pelos três bancos dessa cidade em um mês do que por Varinshold inteira em um ano?

— Eu não sabia, irmão — respondeu Vaelin. — Diga-me, você se comunica frequentemente com o Aspecto Tendris?

— Ah, talvez chegue uma carta por ano — respondeu o irmão, encolhendo os ombros —, geralmente com conselhos sobre como garantir que a Fé de meus irmãos mais novos não esmoreça nesses tempos difíceis. Estando tão longe da Casa da Ordem, não podemos esperar que o Aspecto dedique muito de sua atenção a nós quando há outras questões mais urgentes.

A Irmã Virula, da Segunda Ordem, falava bem menos. Era uma mulher magra e de meia-idade, com um ar um pouco sombrio, e sua conversa limitou-se a reclamações em voz baixa a respeito da recusa do Capitão Adal em fornecer uma escolta à missão que pretendia empreender junto às tribos de cavaleiros dos eorhil sil.

— Uma nação inteira distante da Fé por simples falta de vontade, irmão — disse ela a Vaelin, aparentemente incapaz de dirigir-se a ele pelo título honorífico correto. — Posso lhe assegurar que meu Aspecto está muito descontente.

— Irmã, o último grupo de missionários enviados aos eorhil sil foi encontrado amarrado e amordaçado do lado de fora do portão da torre — disse Dahrena em um tom cansado. — Meu pai levantou a questão na feira de cavalos no outono, e a resposta foi bastante clara. Eles não gostam de ouvir sua conversa sobre os mortos.

A Irmã Virula fechou os olhos, recitando brevemente o Catecismo da Fé em voz baixa, e voltou à sua sopa.

A Quinta Ordem era representada pelo Irmão Kehlan, um homem de uns cinquenta anos que encarava Vaelin com um olhar sério e a mesma desconfiança cautelosa que vira na maioria dos rostos à sua volta.

— Estou certo em supor que você é o membro mais antigo das Ordens nos Confins? — perguntou ele ao curandeiro.

— Sim, meu senhor — respondeu Kehlan, servindo-se de mais vinho. — Já faz uns trinta anos.

— O Irmão Kehlan veio para o norte com meu pai — explicou Dahrena, tocando com afeição o manto do irmão. — E é meu tutor desde que consigo me lembrar.

— A Senhora Dahrena possui um conhecimento excelente sobre as artes da cura — disse Kehlan. — Na verdade, aprendo mais com ela do que ela comigo, considerando todos os curativos que traz dos seordah. Costumam ser muito eficientes.

— Visita os seordah, minha senhora? — perguntou Vaelin. — Achei que eles houvessem proibido a entrada em sua floresta.

— Não a dela — disse Kehlan. — Para dizer a verdade, duvido que haja algum caminho nos Confins do Norte pelo qual ela não possa circular em completa segurança. — Ele se inclinou para frente para olhar nos olhos de Vaelin, derramando um pouco de vinho da taça cheia demais, e continuou: — Tais são o respeito e a afeição com que a tratam aqui.

Vaelin respondeu com um aceno cortês.

— Não duvido.

— Os seordah são muito ferozes, Senhora Dahrena? — perguntou Alornis. Ela estava sentada à esquerda de Vaelin e pouco falara durante o jantar, visivelmente desconcertada pelas novas circunstâncias. — Tudo o que sei sobre eles vem de relatos fantásticos nos livros de história.

— Não mais ferozes do que eu — respondeu Dahrena. — Eu sou seordah.

— Achei que minha senhora era descendente de lonaks — disse Vaelin.

— Eu sou, mas meu esposo era seordah e, de acordo com os costumes, também sou.

— A senhora tem um esposo seordah? — perguntou Alornis.

— Eu tive. — Dahrena abaixou os olhos para sua taça de vinho, dando um sorriso triste. — Nós nos conhecemos quando a Horda chegou e meu pai pediu ajuda aos seordah. Ele estava entre os milhares que responderam a esse chamado. Eu teria me casado com ele no dia em que o conheci, não fosse pela insistência de meu pai para que eu esperasse até minha maioridade. Depois de nos casarmos, vivi com eles por três anos, até... — Ela suspirou e tomou um gole de vinho. — A guerra entre os lonaks e os seordah nunca terminou. Começou muito antes de seu povo chegar aqui e, sem dúvida, continuará nos séculos por vir, ceifando a vida de muitos outros esposos.

— Sinto muito — disse Alornis.

Dahrena sorriu e deu tapinhas na mão dela.

— Ame uma vez e viva para sempre, como dizem os seordah.

A tristeza nos olhos dela despertou lembranças de Sherin, de seu rosto no dia em que Vaelin a colocara nos braços de Ahm Lin, das horas que passara observando o navio levá-la embora...

— Posso perguntar quais são os planos do meu senhor para amanhã? — disse o Irmão Hollun, trazendo sua atenção de volta à mesa. — Tenho registros feitos meses atrás e que necessitam da assinatura do Senhor da Torre.

— Tenho assuntos a tratar em Ponta de Nehrin — respondeu Vaelin. — Quero apresentar minha irmã a alguns amigos que estão morando lá. Veremos os registros quando eu retornar, irmão.

A Irmã Virula empertigou-se à menção do povoado.

— Quer dizer que pretende visitar o Enclave das Trevas, irmã?

Vaelin franziu o rosto.

— Enclave das Trevas, irmã?

— São apenas rumores tolos, meu senhor — disse Dahrena. — Do tipo que sempre tem como alvo aqueles com costumes diferentes. Os Confins têm sido um refúgio para pessoas de diferentes crenças e costumes banidas de suas terras natais. Uma longa tradição do Senhor da Torre.

— E que não deve ser abolida sem que se pense com muito cuidado — disse o Irmão Kehlan, esvaziando o que provavelmente era sua sexta taça de vinho. — Sangue novo nos enriquece, era o que Vanos sempre dizia. Algo de que é bom você se lembrar.

Vaelin não gostou da ameaça no tom de voz do homem, bêbado ou não.

— Irmão, se me servir é uma tarefa tão incômoda, dou-lhe minha permissão para retornar ao Reino na primeira oportunidade.

— Retornar ao Reino? — O rosto de Kehlan ficou vermelho e ele se levantou, afastando a mão de Dahrena, que tentava contê-lo. — Este é o meu reino, o meu lar. E quem é você? Algum matador fanfarrão da guerra fracassada daquele rei louco?

— Irmão! — O Capitão Adal adiantou-se, agarrou o braço do curandeiro e puxou-o para longe. — Está se esquecendo do seu lugar. Vinho demais, meu senhor — disse ele a Vaelin.

— Tem alguma ideia da grandeza do homem a quem planeja substituir? — gritou Kehlan, livrando-se das mãos de Adal. — Do quanto essa gente o amava?

Do quanto a amam? — Ele apontou um dedo a Dahrena, que estava sentada de olhos fechados e desesperada. — Não precisamos de você aqui, Al Sorna! Não queremos você! — Ele continuou a praguejar enquanto Adal e um guarda o arrastavam para fora da câmara, deixando atrás de si um silêncio tenso.

— E eu que pensei que essa noite estava fadada a terminar sem qualquer entretenimento — disse Vaelin.

As palavras provocaram apenas poucas risadas, mas foram o suficiente para que as conversas recomeçassem.

— Meu senhor.. — Dahrena inclinou-se para perto de Vaelin, falando aos sussurros, mas com determinação. — A morte de meu pai foi um golpe duro para o Irmão Kehlan. A doença que o matou estava além de suas habilidades de cura. Ele não foi o mesmo desde então.

— O que ele falou foi uma traição — disse a Irmã Virula, com um toque de presunção na voz. — Disse que o Rei Janus era louco. Eu ouvi.

Dahrena rangeu os dentes e prosseguiu, ignorando-a.

— O serviço do Irmão Kehlan a essa terra é incomparável. As vidas que ele salvou...

Vaelin esfregou as têmporas, subitamente cansado.

— Estou certo de que posso perdoar um rompante embriagado de um homem em luto. — Ele a olhou nos olhos. — Mas isso não pode acontecer novamente.

Ela assentiu, forçando um sorriso tímido.

— Meu senhor é bondoso. Isso não se repetirá. O senhor tem a minha palavra.

— Fico feliz. — Ele empurrou a cadeira para trás e levantou-se. — Agradeço por toda a sua atenção, minha senhora. Agora, se me der licença, preciso muito descansar.

— Os eorhil o chamavam de Aquele Que Deixa Um Rastro de Fogo Quando Corre, por causa da sua crina. — O mestre dos estábulos passou a mão pelo flanco do cavalo. Era um belo animal, musculoso, embora não tão tonificado quanto uma montaria de raça do Reino, mas era alto, com uma pelagem castanho-escura, exceto pela crina, que tinha um tom mais avermelhado. — Não são de dar nomes curtos. Para mim, ele é apenas Chama.

— Ele é novo — observou Vaelin, examinando os dentes do cavalo e notando a ausência de pelos grisalhos no focinho.

— Mas é muito inteligente e treinado, meu senhor — assegurou-lhe o mestre dos estábulos. Era um homem grande, de cerca de trinta anos, naisalino a julgar pelo sotaque, e usava um tapa-olho sobre o olho esquerdo. Chamava a si mesmo de Borun e saudara a aparição de Vaelin nos estábulos no início da manhã com bastante cortesia, sem qualquer traço do ressentimento com o qual o Senhor da Torre já se acostumava.

— Foi adquirido com os eorhil quando ainda era um potro — disse Borun. — Foi treinado para ser a próxima montaria do Lorde Al Myrna. A Senhora

Dahrena achou apropriado que ficasse com o senhor.

Vaelin coçou o focinho de Chama e recebeu uma bufada de satisfação como resposta. *Pelo menos este não vai morder.*

— Vou precisar de uma sela. E de uma montaria para minha irmã.

— Cuidarei disso, meu senhor.

Alornis apareceu quando os cavalos estavam sendo levados para o pátio, bocejando e enrolada em peles. Mesmo no verão, os Confins continuavam gelados durante a maior parte da madrugada.

— A que distância fica? — perguntou ela. Uma vermelhidão em seus olhos fez Vaelin desconfiar de que ela havia tomado mais vinho do que deveria na noite anterior.

— Geralmente, são algumas horas de cavalgada — respondeu Dahrena, montando no próprio cavalo. — Mas temos uma visita a fazer primeiro. Eu gostaria que conhecessem uma das minas. Se estiver de acordo, meu senhor.

— Certamente. — Vaelin olhou para Alornis e para o cavalo da irmã. Ela bocejou de novo, murmurou algo e montou na sela com um gemido audível.

Além dos guardas de Orven, foram acompanhados pelo Capitão Adal e dois de seus homens, tomando a estrada norte em direção às colinas cobertas de urzes. A estrada de cascalho batido era bem preservada e mostrou-se uma rota movimentada, obrigando-os a abrir caminho para diversas carroças com cargas pesadas.

— Quando meu pai assumiu o Senhorio, ela era apenas uma trilha estreita de terra — disse Dahrena quando Vaelin comentou sobre a qualidade da estrada. — As pedras tinham de ser transportadas até as docas em cavalos de carga. Ele usou o dinheiro do Rei para construir essa estrada, e a Palavra do Rei para fazer com que os mercadores pagassem por sua manutenção.

Eles cavalgavam juntos na frente da coluna. A mistura de neutralidade rígida e raiva parecia ter sido mitigada, mas Vaelin ainda podia sentir certa cautela no comportamento dela. *Provavelmente ainda está preocupada com o curandeiro bêbado*, pensou.

— A senhora não pretende ficar, pretende? — perguntou ele.

Dahrena o olhou de soslaio, e ele soube que a mulher estava se perguntando o que sua canção havia lhe dito, embora suas palavras fossem apenas fruto de uma observação cuidadosa.

— Pensei em retornar para a floresta — respondeu ela. — Durante algum tempo.

— É uma pena. Eu gostaria de lhe conferir um título.

Ela ergueu uma sobrancelha jocosa para Vaelin.

— Conferir títulos não é um direito do Rei?

— E nessa terra eu exerço a Palavra do Rei. Que tal Primeira Conselheira da Torre Norte?

Dahrena riu, mas se controlou quando notou que ele falava sério.

— O senhor quer que eu fique?

— Estou certo de que o povo gostaria muito que ficasse. Assim como eu, na verdade.

Ela cavalgou em silêncio durante algum tempo, com o rosto franzido

enquanto pensava.

— Pergunte-me de novo quando vir a mina — disse ela, afastando-se a galope.

A mina era uma bocarra escancarada e ladeada por árvores aberta na encosta de uma imensa montanha, em volta da qual aglomeravam-se construções de madeira. Os mineiros, em sua maioria, eram homens robustos e de pele clara, com velas presas a tiras de couro amarradas em volta da cabeça. Fizeram medidas rápidas para Vaelin e mais longas para Dahrena, ignorando a ordem gritada pelo capataz da mina para que se enfileirassem para saudar o Senhor da Torre.

— Cães insolentes das colinas! — gritou a eles, dando a Vaelin a impressão de que a raiva do homem era um pouco forçada. O capataz era mais alto do que os trabalhadores, com um rosto mais limpo e um forte sotaque renfaelino. — Deve perdoá-los, meu senhor — disse ele. — Não sabem se comportar. — Ele ergueu a voz. — Essa escória passa a vida toda trepando com cabras e fumando folha-de-cinco!

— Ah, vá foder um macaco das montanhas, Ultin — gritou uma voz cansada, cuja origem não podia ser vista.

Ultin corou e controlou a raiva.

— A culpa é minha, meu senhor. Sou mole demais com eles. Enfim, bem-vindo à Fenda do Saqueador.

— Lorde Vaelin gostaria de ver as escavações — disse-lhe Dahrena.

— É claro, minha senhora, é claro.

Ele acendeu uma lamparina e conduziu-os à entrada da mina. Alornis olhou brevemente para o túnel escuro e anunciou que preferia ficar acima do solo, partindo com o pergaminho e o carvão que sempre carregava em busca de algo interessante para desenhar. Dahrena e Vaelin seguiram Ultin ao longo do túnel, cujas paredes úmidas reluziam à luz da lamparina. Passaram por dois mineiros que empurravam um carrinho de mão carregado de pedras até a superfície. A descida não devia ter mais de duzentos metros, mas o calor crescente e o ar carregado davam a sensação de estarem descendo para as profundezas da terra. Vaelin estava começando a desejar ter seguido o exemplo de Alornis quando enfim pararam.

— Aqui estamos, meu senhor. — Ultin ergueu a lamparina, iluminando um espaço cavernoso onde cerca de uma dúzia de mineiros escavavam as paredes com picaretas e outros andavam pelo chão para recolher as rochas talhadas e colocá-las em carrinhos. — O veio mais rico dos Confinis. É a pedra de melhor qualidade, apesar do que aquele mentiroso no Monte de Myrna possa dizer ao senhor.

Vaelin aproximou-se da parede e ficou surpreso ao ver o modo como o vitríolo azul se destacava na rocha, como pequenas gotas azuis que brilhavam na pedra cinzenta.

— Já tive uma pedra do tamanho do meu punho — murmurou ele. — Usei-

a para alugar um navio.

— Há o outro assunto, Ultin — disse Dahrena. — Lorde Vaelin também precisa ver aquilo.

Vaelin virou-se e viu o homem lançar um olhar questionador a ela. Dahrena respondeu com um aceno de cabeça e Ultin conduziu ambos até um pequeno túnel lateral que se afastava da caverna. Seguiram pela passagem cada vez mais estreita durante mais ou menos quinze minutos, quando chegaram ao fim do túnel e a lamparina de Ultin revelou uma extensão de rocha inclinada com cerca de vinte metros de comprimento. Diante do olhar ansioso do capataz, Vaelin aproximou-se da encosta, notando um veio espesso e amarelado que a atravessava de uma ponta a outra. Ele se virou para Dahrena com uma pergunta no olhar.

— Isso é...?

— Ouro — confirmou ela. — E Mestre Ultin me assegurou, conhecendo muito bem essas coisas, que é da melhor qualidade.

— É isso mesmo, meu senhor. — Ultin passou a mão pelo veio amarelo. — Cresci trabalhando nos veios de ouro no oeste de Renfael e nunca vi tanto em um só lugar, nem tão puro.

Vaelin apertou os olhos para o veio.

— Não parece muito.

— O senhor me entendeu mal. Eu quis dizer nos Confins, não só nessa mina.

— Há mais?

Dahrena tocou o braço do capataz.

— Mestre Ultin, se puder me dar um momento a sós com o Senhor da Torre.

O capataz assentiu, acendeu a vela que levava amarrada à cabeça e entregou-lhe a lamparina antes de voltar pela passagem.

— Encontramos muitos veios similares — disse ela quando os passos de Ultin não podiam mais ser ouvidos. — Nos últimos quatro anos, quanto mais fundo cavamos, mais encontramos.

— Devo confessar minha surpresa, pois o Rei Malcius não mencionou tal sorte.

Dahrena apertou os lábios.

— A sorte dele poderia significar a ruína dessa terra — disse ela.

— Seu pai sabia disso?

— Foi por ordem dele que nenhuma mensagem sobre os veios foi enviada até o Reino. Até hoje, são conhecidos apenas pela Guilda dos Mineradores, pelo Irmão Kehlan e por mim.

— Uma guilda inteira sabe sobre isso e não diz nada?

— O povo das colinas é muito sério nos juramentos que faz. Eles já estavam aqui muito antes de o primeiro navio asraelino surgir no horizonte. Sabem o que acontecerá se essa notícia se espalhar.

— O resto do Reino encontra-se em grandes dificuldades. Tais riquezas poderiam aliviar consideravelmente o sofrimento do povo, sem falar em financiar muitas ambições de nosso Rei.

— Pode ser, meu senhor, mas também fará o Reino cair sobre nós como uma praga. Vitriolo azul é uma coisa, ouro é outra. Nada inflama tanto os homens à cobiça e à insensatez quanto o metal amarelo que encontramos a cada buraco que abrimos. Tudo mudará e, acredite, essa terra e seu povo são dignos de serem preservados.

— Com juramento ou não, um segredo assim tem valor demais para ser mantido para sempre. Por acidente ou traição, os veios tornar-se-ão públicos.

— Não estou sugerindo que nos esforcemos para mantê-los ocultos para sempre. Apenas a quantidade. O Rei pode ter seu ouro e construir todas as pontes e escolas que quiser, apenas não todas de uma vez.

Ela estava sugerindo traição e, a julgar pela intensidade de seu olhar, tinha consciência de seu pedido.

— A senhora demonstra ter grande confiança em mim — disse Vaelin.

Ela encolheu os ombros.

— O senhor... não é o que eu esperava. Além do mais, como disse, é um segredo que o senhor não demoraria a descobrir.

Vaelin virou-se para o veio, olhando para o brilho fraco do metal amarelo à luz da lamparina. A ganância nunca fora uma preocupação para ele, que sempre achara difícil compreender seu poder, mas ainda assim era uma força inegável. Buscou a canção do sangue, mas não encontrou qualquer música, nenhuma nota de aviso ou concordância. *Essa decisão, aparentemente de tanta importância, pode, na verdade, ser irrelevante.*

— Senhora Dahrena Al Myrna — disse Vaelin, voltando-se para ela. — Peço-lhe formalmente que aceite o título de Primeira Conselheira da Torre Norte.

Ela assentiu lentamente.

— De bom grado, meu senhor.

— Ótimo. — Vaelin virou-se e começou a voltar pela passagem estreita. — Quando retornarmos à torre, precisarei de sua ajuda para escrever uma carta adequadamente sóbria ao Rei, informando-o sobre a boa sorte de termos encontrado um novo suprimento de ouro, ainda que em uma quantidade relativamente pequena.

Eles saíram da mina piscando diante da luz do sol e encontraram o Capitão Adal aguardando com um pergaminho na mão. Perto dali, um Guarda do Norte recém-chegado removia a sela de um cavalo exausto. O rosto do capitão estava sério quando entregou o pergaminho a Vaelin.

— Do nosso posto mais setentrional, meu senhor. São notícias de três dias atrás.

Vaelin olhou para os rabiscos sem sentido no pergaminho.

— Talvez você pudesse ...

— Concordo, meu senhor, essa escrita é horrível — disse Dahrena, lendo o pergaminho por sobre o ombro dele e arregalando os olhos diante do conteúdo. — Isso foi confirmado?

Adal gesticulou para o homem recém-chegado.

— O Sargento Lemu testemunhou pessoalmente o deslocamento. Ele não é um homem dado a imaginar coisas.

— Deslocamento? — perguntou Vaelin.

Dahrena pegou o pergaminho e o releu. Ele ficou perturbado ao notar que as mãos dela tremiam ao segurar a mensagem.

— A Horda — disse ela em um sussurro. — Ela voltou.

CAPÍTULO DOIS

Lyrna

Ela despertou e encontrou uma garotinha sentada em sua cama, encarando-a com olhos azuis arregalados. Sentia como se sua cabeça estivesse sendo golpeada por dentro por um homem minúsculo com uma marreta enorme e tinha a boca tão seca que só pôde grasnir um olá em lonak para a garota. Ela inclinou a cabeça e continuou encarando a princesa.

— É seu cabelo, Rainha. — Davoka estava sentada em uma cama ao lado, nua a não ser por uma tanga. — Nenhum lonak tem cabelo dourado.

Lyrna puxou as peles que a cobriam e sentou-se na cama, soltando um gemido provocado pelas múltiplas dores que percorriam seu corpo das costas aos dedos dos pés. Davoka levantou-se, encheu um copo de madeira com água e levou-o aos lábios de Lyrna. Sem roupa, Davoka era ainda mais impressionante; seu corpo era um épico de músculos, cicatrizes e tatuagens. Colocou o copo ao lado da cama quando Lyrna o esvaziou e levou uma das mãos à testa da princesa.

— Febre sumiu. Bom.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Três dias.

Lyrna olhou em volta do quarto e viu paredes de pedra cobertas por peles de cabra decoradas e tapeçarias complexas feitas com tiras de couro e entalhes de madeira; em algumas havia representações de animais e homens e outras eram tão incomuns a ponto de serem abstratas.

— *Esse é o salão das mulheres* — disse Davoka, na língua lonak — *Usado para nascimentos. Homens não podem entrar aqui.*

Lyrna sentiu algo no cabelo e, ao erguer os olhos, viu a garotinha passando os dedos pelas madeixas douradas, com os olhos ainda arregalados de fascinação.

— *Qual é o seu nome?* — ela perguntou, sorrindo.

A garotinha inclinou a cabeça.

— *Anehla ser Alturk* — respondeu ela. *Filha de Alturk.*

— *Ela ainda não tem nome* — explicou Davoka, mandando a garota afastar-

se com um aceno de mão. Ela correu até um canto e sentou-se no chão, ainda encarando Lyrna.

Davoka tirou um cantil da mochila e entregou-o a Lyrna.

— Flor rubra — reconheceu ela, sentindo o cheiro.

— Afasta a dor.

Lyrna sacudiu a cabeça e devolveu o cantil.

— Flor rubra transforma homens em escravos.

Davoka franziu o rosto e riu, tomando um pequeno gole do cantil.

— A Rainha torna as coisas difíceis para ela. Entendo isso.

Lyrna levantou-se da cama e tentou dar alguns passos. O leve frio do ar causou um formigamento que não era completamente desagradável em sua pele nua.

— O Irmão Sollis e os outros? — perguntou ela.

— *Ilesos, mas estão separados da aldeia. Apenas Alturk fala com eles, e apenas o necessário.*

— *Ele é o líder dessas pessoas?*

— *Chefe do Clã dos Falcões Cinzentos. Ele governa mais de vinte aldeias e seus bandos de guerra. Ninguém mais, a não ser a Mahlessa, pode comandar tantos.*

— *Você confia nele?*

— *Ele nunca questionou as ordens da Montanha.*

Lyrna detectou uma leve hesitação no tom de Davoka.

— *Mas ele continuará a agir assim?*

— *Ele liderou muitas incursões contra seu povo e perdeu sangue e parentes para seus irmãos que odeiam deuses. Meu povo aprende a odiar vocês desde o dia em que nasce. — Ela indicou a garotinha no canto. — Acha que ela não a odeia? Ela só está aqui para contar ao pai o que conversamos.*

— *E, ainda assim, a Mahlessa deseja a paz. Mesmo que isso ameace despedaçar sua nação.*

— *Ordens da Montanha não devem ser questionadas.* — Davoka jogou uma tigela de barro contra a garotinha, fazendo-a sair correndo do salão. — *Conte isso ao seu pai!* — gritou.

Virou-se de volta para Lyrna, percorrendo seu corpo nu com os olhos.

— Magra demais, Rainha. Precisa comer.

Os três dias seguintes foram passados em isolamento, comendo o que Davoka preparava e lentamente recuperando as forças. Lyrna havia recebido permissão para dar alguns passos além da entrada do salão, onde estavam postados dois guerreiros lonaks que a encaravam em silêncio, de rosto fechado, e ignoravam qualquer saudação que ela lhes oferecesse. Davoka nunca se afastava mais de dois metros dela e estava sempre armada. Ela avistou Sollis na extremidade oposta da aldeia, praticando uma série de espada com o Irmão Ivern diante de uma pequena cabana de pedra cercada por mais dez guerreiros. Lyrna acenou, e o Irmão Comandante parou por um momento e ergueu a espada em uma breve

saudação. O exemplo foi seguido pelo Irmão Ivern, que exibiu a lâmina com um floreio. Ela riu e respondeu com uma mesura.

Apesar de ser repetidamente enxotada por Davoka, a filha de Alturk sempre voltava, sem vacilar em seu olhar de olhos azuis arregalados. Lyrna mostrou-lhe como usar no cabelo o pente de casco de tartaruga da pobre Nersa, uma atividade da qual a garotinha parecia não se cansar.

— *Você tem irmãos?* — perguntou Lyrna, sentando-se na cama de costas para a garota, cujas mãozinhas guiavam o pente pela longa cabeleira ainda úmida após ser lavada.

— *Kermana* — respondeu a garota. *Um número grande que não pode ser contado com facilidade. — E dez mães.*

— *Isso é um monte de mães* — observou Lyrna.

— *Antes eram onze, mas uma se juntou aos Senthar, então Alturk a matou.*

— *Isso é... muito triste.*

— *Não, não é. Ela me batia mais do que as outras.*

— *Devia ser a mãe de sangue* — comentou Davoka. — *Elas sempre batem mais nos filhos.*

— *Quantas mães você tem, Rainha?* — perguntou a garota. Tal como Davoka, ela não conseguia compreender a diferença entre uma rainha e uma princesa.

— *Apenas uma.*

— *Ela batia em você?*

— *Não. Ela morreu quando eu era muito pequena. Não me lembro muito dela.*

— *Foi caçando ou em batalha?*

— *Nenhum dos dois. Ela simplesmente ficou doente. — Como meu pai, embora ela tenha morrido cedo demais e ele, tarde demais.*

Uma mulher surgiu na entrada do salão; era jovem, mas não tinha um aspecto menos feroz do que os guerreiros posicionados do lado de fora. Davoka a havia identificado como a filha mais velha de Alturk, encarregada de trazer comida e lenha, uma tarefa que costumava ser realizada em silêncio e com uma expressão fechada.

— *Você deve levar a merim her até a fogueira do Táhlessa essa noite* — disse a Davoka. Ao ver a irmã mais nova cuidando do cabelo da princesa, ela berrou uma ordem rispida, fazendo sinal para a menina, que fez uma careta de irritação, mas se levantou da cama e foi para o lado da irmã.

— *Deixe isso* — ordenou a jovem, vendo o pente que a garota ainda segurava.

— *Ela pode ficar com ele* — disse Lyrna. — *Um... presente de uma rainha.*

— *O sangue de Alturk não precisa de presentes seus* — rosou a mulher em resposta, arrancando o pente da mão da irmã, que soltou um soluço de dor.

— *Eu disse para deixar que ela fique com ele!* — Lyrna levantou-se e encarou a mulher.

A lonak estava quase tremendo de raiva, aproximando as mãos da faca com cabo de chifre que levava no cinto.

— *Lembre-se das ordens da Montanha* — disse-lhe Davoka com calma.

A mulher bufou por mais um momento e jogou o pente de volta para a irmã pequena, sem tirar os olhos furiosos de Lyrna. A garotinha olhou para o pente, jogou-o no chão e pisou nele.

— *Merim her são fracas!* — sibilou ela para Lyrna, correndo para fora do salão.

A jovem deu um último sorriso de desprezo para Lyrna antes de ir atrás da irmã.

— Você não é rainha aqui — disse Davoka. — Nunca esqueça que eles odeiam você.

Lyrna olhou para os fragmentos de casca de tartaruga.

— Eles me odeiam — concordou ela. Então, virou-se para Davoka com um leve sorriso nos lábios. — *Mas você não, irmã.*

Como Lyrna imaginara, a morada de Alturk revelou-se a maior da aldeia, um círculo de paredes de pedra com cerca de quinze metros de diâmetro e um telhado de ardósia inclinado. Já havia anoitecido quando Davoka a conduziu até o local, onde encontraram o chefe do clã sentado diante de uma grande fogueira em um fosso no centro da cabana. Ele estava sozinho, exceto por um homem parado ao seu lado, de braços cruzados, encarando Lyrna com o costumeiro olhar furioso, e um grande cão sentado aos seus pés roendo um osso de alce.

— Ao que parece, minha primeira filha ofendeu a Rainha — começou Alturk, na língua do Reino, aparentemente considerando saudações uma afetação sem sentido.

— Não foi nada — disse-lhe Lyrna.

— Se foi ou não foi nada, ela demonstrou fraqueza ao não obedecer as ordens da Mahlessa. Eu mesmo a chicoteei.

— *Somos gratas por sua consideração* — disse Davoka antes que Lyrna pudesse falar algo.

O chefe aceitou as palavras com um aceno de cabeça e analisou Lyrna.

— Você está forte o bastante para viajar. — Não havia questionamento em seu tom.

— *Partiremos para nordeste ao amanhecer* — disse Davoka. — *Preciso de pôneis e de uma escolta. Um bando de guerra deve ser suficiente.*

O jovem parado junto a Alturk soltou uma risada de desprezo, calando-se diante do olhar severo do chefe do clã.

— *Vocês podem levar os pôneis, mas nenhum bando de guerra pode ser enviado com vocês* — disse Alturk. — *Todos os meus guerreiros estão na caçada aos Senthar, exceto os poucos de que posso dispor para proteger as aldeias.*

Davoka contraiu o maxilar e não pôde esconder uma ponta de raiva em sua resposta.

— *Contei mais de duzentos guerreiros nessa aldeia.*

Alturk encolheu os ombros.

— *Os Senthar são muitos, e a sede de sangue de sua irmã é insaciável. Os Falcões Cinzentos buscam proteção com seu Tahlessa, e não lhes negarei isso.*

— *Mas vai negar as ordens da Montanha.*

Alturk levantou-se. Não carregava armas, mas seu poder evidente era ameaça suficiente.

— *A Mahlessa não ordenou que eu reunisse guerreiros para acompanhar vocês no resto de sua viagem. Honrei as ordens da Montanha dando auxílio a essa vadia de cabelo dourado com quem você se preocupa feito uma macaca com um filhote.*

Davoka soltou um grito de fúria e ergueu a lança. No mesmo instante, um porrete de guerra apareceu na mão do jovem lonak.

— NÃO! — exclamou Lyrna, erguendo uma das mãos e colocando-se diante de Davoka. — *Não, irmã. Nada de bom virá disso.*

A lonak desviou o olhar; as narinas se dilataram enquanto resistia ao desejo de lutar e, então, abaixou lentamente a lança. Lyrna virou-se para Alturk.

— Tahlessa, agradeço por sua hospitalidade. Eu, Princesa Lyrna Al Nieren do Reino Unificado, estou em dívida com você. Partiremos pela manhã.

O pônei que recebeu fez Lyrna sentir falta do pobre Sable. Era um animal genioso, dado a trotar sem que mandassem e a empinar em protesto com a menor provocação. Também possuía o dorso mais ossudo que Lyrna já encontrara, e as selas finas de pele de cabra que os lonaks usavam ofereciam pouca proteção para seu traseiro, que agora estava montado no que parecia ser um monte de rochas coberto por um fino cobertor. Smolen parecia igualmente frustrado com sua montaria, remexendo-se um pouco à medida que se afastavam da aldeia dos Falcões Cinzentos, enquanto Sollis e Ivern estavam bastante à vontade em seus pôneis e Davoka, é claro, cavalgava seu animal como se o conhecesse há anos. Ela os conduziu em um trote rápido, ansiosa por avançar ao máximo antes do anoitecer. Lyrna olhou para a aldeia quando chegaram ao topo de uma elevação na extremidade norte do vale, perguntando-se se a filha de Alturk encontraria a mecha de cabelo dourado que escondera no fundo de uma fenda nas paredes de pedra do salão, que só podia ser alcançada por mãos pequenas.

— Espero que não tenham sido maltratados, meus senhores — disse Lyrna aos três homens ao atravessarem um córrego raso.

— Apenas se o silêncio for uma forma de tortura, Alteza — retorquiu Ivern.

— Para você geralmente é — murmurou Sollis.

— Sem tempo para conversas — disse Davoka. — Precisamos chegar nas corredeiras até o sol se pôr. — Ela encetou o pônei, obrigando os outros a fazerem o mesmo.

Como sempre, Lyrna achou que as horas implacáveis sobre a sela foram incômodas, mas não tão terríveis quanto antes. Suas costas e pernas não doíam tanto e suas coxas pareciam mais resistentes à fricção. Também percebia que sua perícia como amazona melhorara; se antes lutava constantemente para permanecer em cima da sela ao galopar, agora se movia junto com o cavalo e

até sentia uma pequena alegria quando seu cabelo esvoaçava ao vento e os cascos do pônei batiam na terra. *Talvez eu esteja me tornando lonak*, pensou ela, com um sorriso.

Chegaram às corredeiras depois do anoitecer, uma torrente turbulenta de cerca de quarenta metros de largura estendendo-se de ambos os lados até onde a vista alcançava. Davoka levou-os para o leste, seguindo o curso do rio até um trecho mais fundo onde a correnteza não era tão intensa.

— Isso não é um vau — observou Sollis.

— Pôneis sabem nadar — disse Davoka. — E nós também.

— Er... — disse Lyrna em voz baixa.

— A correnteza está rápida demais — insistiu Sollis. — Devíamos seguir em frente e procurar um lugar melhor.

— Sem tempo — disse Davoka, desmontando e levando o pônei até a beira do rio. — Os Senthar já devem estar no nosso rastro. Nadamos.

— Não posso — disse Lyrna, vendo os redemoinhos agitarem a superfície do rio.

— Sem escolha, Rainha — disse Davoka, preparando-se para pular na água.

— Eu disse que não posso! — gritou Lyrna.

A lonak virou-se com uma expressão intrigada.

— Não sei nadar — prosseguiu Lyrna, incapaz de esconder o tom defensivo e irritado da voz.

— Nem um pouco, Alteza? — perguntou Ivern.

— Perdoe-me por não ter passado minha infância na sua Ordem, irmão! — disse Lyrna, voltando-se para ele. — Meus tutores foram claramente negligentes ao ponto da traição ao não me ensinarem a nadar, pois bem se sabe que é uma habilidade de grande valor para uma princesa.

Ele se retraiu um pouco diante do sermão, mas não conseguiu esconder um sorriso.

— Bem, agora é.

— Olhe sua língua, irmão! — disse Sollis com rispidez.

— Precisamos atravessar — afirmou Davoka.

— Bem, eu concordo com o Irmão Sollis — retorquiu Lyrna, cruzando os braços e falando com toda a autoridade real que conseguiu reunir. — Devíamos encontrar um lugar melhor, onde não fosse tão fundo...

Sua voz foi sumindo conforme Davoka se aproximava dela com passos determinados.

— Não! — advertiu Lyrna.

Davoka agachou-se e ergueu Lyrna no ombro, voltando-se para o rio.

— Macacos das montanhas sabem nadar, e ninguém os ensina. Você também sabe.

— Irmão Sollis, eu lhe ordeno... — Foi tudo o que Lyrna conseguiu dizer antes de se ver em pleno ar. A água gelada foi um choque, entorpecendo-a da cabeça aos pés em um instante. Houve um momento de surdez e sua visão foi tomada por bolhas antes que conseguisse voltar à tona, respirando fundo e soltando um grito. Tal como Sollis previra, a correnteza era rápida e arrastou-a

rio abaixo por uns bons quinze metros até Lyrna conseguir chegar à margem, debatendo-se até seus pés se firmarem nas rochas da parte rasa. Ela se arrastou para fora da água, tremendo e com ânsias de vômito. Smolen surgiu ao seu lado e, com cuidado, ajudou a princesa a se levantar.

— Você insulta nossa princesa! — berrou o Lorde Comandante quando Davoka se juntou a eles.

— Viu? — disse ela a Lyrna, ignorando o acesso de Smolen. — Você sabe nadar bem o sufi...

Lyrna lhe deu um soco no rosto. A princesa colocou toda a sua força no golpe, mas ele ricocheteou no maxilar da lonak sem causar qualquer efeito aparente, ao mesmo tempo em que provocou uma explosão instantânea de agonia em seu pulso.

Houve um momento de silêncio quando Smolen colocava a mão no punho da espada, Lyrna sacudia a dor de sua própria mão e Davoka esfregava o pequeno machucado no queixo. Ela grunhiu e a sombra de um sorriso passou pelos seus lábios.

— Segure no pescoço do pônei — disse ela a Lyrna, dando-lhe as costas. — Você fica bem.

A travessia mostrou-se menos perigosa do que Sollis temia, apesar de Smolen ter caído de seu pônei no meio do rio e sido resgatado por Ivern que conseguiu agarrar a túnica do Lorde Comandante quando passou por ele na água antes que a correnteza o levasse para longe. Lyrna abraçou o pescoço de seu pônei e segurou-se enquanto o animal vencia a torrente. Ele parecia não ter medo da água, embora suas bufadas indicassem que a princesa, sim, era um fardo importuno. A travessia foi concluída dentro de uma hora, com todos chegando à margem oposta em estágios variados de exaustão e encharcamento.

— Não podemos descansar — disse Davoka, montando no pônei e disparando para o norte.

Seguiram atrás dela até uma densa floresta de pinheiros a uns dezesseis quilômetros do rio. Davoka descobriu uma caverna não muito funda em uma ravina, onde se revezaram para dormir. Lyrna sentiu frio a ponto de tremer mais uma vez, mas a enfermidade que lhe acometera sob a Boca de Nishak não retornou, e ela despertou com a alvorada, dolorida, mas descansada o bastante para continuar.

Ela se aproximou de Davoka, que estava agachada na entrada da caverna e olhava para as paredes da ravina.

— Algum sinal? — perguntou Lyrna.

Davoka sacudiu a cabeça.

— Sem sinal, sem cheiro. Eles estão nos caçando, mas não nessa floresta. — Seu tom indicava que aquilo não era necessariamente uma boa notícia.

— Sinto muito ter batido em você — disse Lyrna.

Davoka virou-se para ela, franzindo o rosto e intrigada.

— Sintum uitu?

Lyrna procurou o equivalente lonak, mas descobriu que não havia um.

— *Illeha* — disse ela. *Arrependimento ou culpa, dependendo da entonação.*

— *Os lonakhim batem uns nos outros o tempo todo* — retorquiu Davoka, encolhendo os ombros. — *Se você tivesse tentado me esfaquear, seria diferente.*
— Ela se levantou e entrou na caverna, chutando os pés dos homens adormecidos. — *Acordem, paus moles. Hora de ir.*

Deixaram a floresta no meio da manhã, cavalgando depressa para nordeste. A região era menos montanhosa do que os terrenos que tinham atravessado até então, caracterizada por numerosas e vastas planícies relvadas entre os picos. A recém-descoberta habilidade de Lyrna sobre a sela permitiu que ela acompanhasse a velocidade de Davoka, e ambas cavalgaram lado a lado durante algum tempo até a lonak puxar as rédeas e parar, avistando algo a oeste. Lyrna olhou na mesma direção e notou uma nuvem de poeira erguendo-se acima do horizonte.

— Senthar? — perguntou ela.

— Quem mais? — retorquiu Ivern.

— Alteza! — Smolen levantou-se nos estribos e apontou para o sul, onde outra nuvem se erguia.

Lyrna virou-se para Davoka, que olhava para a cadeia de montanhas ao norte, sem dúvida calculando a distância.

— É longe demais — disse Sollis, pegando o arco. Não havia temor em sua voz, apenas um leve tom de resignação.

— Rainha pode ir — disse Davoka. — Nós seguramos eles.

Lyrna olhou para a nuvem a oeste, discernindo pontos escuros que surgiam na poeira. Parou de contar ao chegar a cinquenta.

— Há muitos deles, irmã, mas obrigada — disse ela.

Davoka a olhou nos olhos, e, pela primeira vez, houve uma sensação de confusão, uma relutância em compreender a finalidade daquele momento. Lyrna concluiu que a lonak jamais sentira o sabor da derrota.

— Eu... sintumuitu, Lerhnah — disse Davoka.

Lyrna surpreendeu a si mesma ao responder com um sorriso genuíno e natural.

— A escolha foi minha — disse ela. Então, virou-se para os três homens dispostos em um círculo ao seu redor, Ivern e Sollis com os arcos a postos e Smolen com a espada desembainhada. — Meus senhores, agradeço pelo serviço que prestaram e expressei meu sincero pesar por conduzi-los a essa empreitada insana.

Sollis apenas grunhiu, mas Smolen ofereceu uma mesura séria e respeitosa.

— Alteza, creio que um beijo seu mandar-me-ia para o Além sem quaisquer arrependimentos — disse Ivern.

Lyrna o encarou e ficou gratificada quando o homem corou.

— Minhas desculpas, Alteza... — gaguejou ele.

Ela levou o pônei até ele e inclinou-se para dar-lhe um beijo nos lábios, demorando-se um pouco.

— Bom o bastante? — perguntou ela.

Pela primeira vez ele parecia estar sem palavras.

— *Sekhara ke Lessa Ilvar!* — gritou Davoka, desviando a atenção de Lyrna, que ainda olhava para o irmão atônito. *Vivemos à vista dos deuses. Uma expressão de agradecimento por bênçãos divinas, geralmente inesperadas.*

A lonak estava olhando para a nuvem de poeira ao sul, onde os cavaleiros podiam ser vistos claramente. Um homem grande em pele de urso cavalgava à frente, com um imenso porrete de guerra na mão. *Alturk!*

Por um momento, Lyrna pensou que o chefe do clã viera se juntar ao assassinato iminente de seu grupo, o que parecia estranho, considerando-se que ele já tivera diversas oportunidades para causar todo o mal que desejasse a eles. Em vez disso, Alturk conduziu seu bando para oeste; eram pelo menos quinhentos guerreiros cavalgando a todo galope, colocando-se entre o grupo de Lyrna e os Senthar.

Os dois bandos de guerra chocaram-se a cerca de 150 metros de distância. O vento estava intenso, dispersando a poeira e permitindo uma visão nítida da batalha. Os lonaks golpeavam com porretes, machadinhas e lanças em um confronto feroz, acompanhado por um coro contínuo de gritos de guerra e relinchos de seus pôneis. Lyrna avistou Alturk no meio da luta, desferindo golpes com o porrete e uma machadinha, derrubando oponente após oponente.

Davoka soltou um grito e esporeou o pônei, desaparecendo em meio ao turbilhão do combate; Lyrna tinha apenas breves vislumbres da lança da lonak descrevendo arcos e estocadas na confusão.

Três guerreiros Senthar deixaram a luta e investiram contra eles, soltando gritos de guerra agudos e estridentes. As flechas dos irmãos acertaram dois rapidamente, que foram arrancados de suas selas, e Smolen disparou para confrontar o terceiro, abaixando-se sob a lança do guerreiro e arrancando o pônei de baixo do lonak com um golpe de espada no flanco do animal. Ivern acabou com o cavaleiro com uma flecha enquanto ele rolava no chão.

A batalha pareceu terminar tão depressa quanto começara, com os Falcões Cinzentos desmontando para matar os feridos. Alturk trotou na direção do grupo de Lyrna, com uma machadinha ensanguentada presa ao cinto e um porrete de guerra vermelho na mão. O jovem que ficara parado ao seu lado no último encontro cavalgava com ele.

— Rainha — cumprimentou Alturk com um aceno de cabeça. — Está ferida?

Lyrna sacudiu a cabeça.

— Parece que mais uma vez estou em dívida com você, Tahlessa, mas teria sido cortês se avisasse sobre seu plano antes de partirmos.

A única mudança na expressão de Alturk foi um lábio levemente crispado. Ela não soube dizer se ele estava achando graça ou se sentia desdém por ela.

— Uma armadilha não é uma armadilha sem uma isca.

Após um grito de fúria atrás dele, Lyrna viu Davoka conduzindo uma prisioneira para longe do campo de batalha tomado de cadáveres. Ela havia amarrado as mãos da garota e carregava-a consigo no pônei, com uma corda presa ao pescoço.

— *Vai levá-la para a Montanha?* — perguntou Alturk quando Davoka derrubou sua irmã no chão com um puxão na corda. Lyrna ficou surpresa com o

tom de voz do Tahlessa, que sugeria preocupação.

— *Ela será julgada pela Mahlessa* — respondeu Davoka.

— *Eu a vi matar cinco dos meus homens.* — O olhar de Alturk permanecia fixo na garota marcada pela cicatriz. — *Eu a reivindico por direito de sangue...*

— *Uma reivindicação feita tarde demais* — interrompeu Davoka, olhando para o jovem ao lado de Alturk e para o chefe do clã. — *E você tem seu próprio julgamento para fazer.*

O rosto de Alturk se anuviou.

— *É verdade.*

O jovem franziu o rosto.

— *Pai...?*

O porrete de guerra de Alturk atingiu a lateral de sua cabeça, lançando-o desacordado ao chão. O chefe do clã fez sinal para que dois guerreiros se aproximassem.

— *Amarrem este varnish. Nós o julgaremos esta noite.*

Davoka recebera um corte profundo no ombro, que Sollis limpou e fechou com pontos hábeis enquanto a lonak bebericava flor rubra e rangia os dentes devido à dor. Estavam acampados na planície entre o bando de guerra dos Falcões Cinzentos. Os lonaks pareciam deprimidos após a vitória e não se ouviam canções ou barulhos de celebração ao redor de suas fogueiras. O motivo não era um mistério; ele estava ajoelhado, de braços amarrados e cabeça baixa, diante da fogueira de Alturk, um filho à espera do julgamento do pai. Ele gritara durante horas, à medida que o sol descia no céu e as sombras se alongavam, berrando o seu desprezo e insultos aos seus antigos companheiros de clã.

— *Vocês estão traindo os lonakhim... Farão de nós escravos para os merim her... Abrirão nossas fronteiras para que eles possam tomar tudo o que lutamos para defender... Eles irão nos macular... nos tornar fracos... nos tornar como eles... A Mahlessa é falsa... A palavra dela não é a palavra dos deuses...*

Não houve tentativa de silenciá-lo e nenhuma punição foi administrada por sua blasfêmia. Deixaram que reclamasse até a exaustão, recusando-se a notar qualquer som que ele fazia. *Varnish*, pensou Lyrna.

— Como soube que ele era um traidor? — perguntou ela a Davoka quando Sollis terminou de cuidar do ferimento.

— Do mesmo modo que o pai dele. Nenhum outro ouvido para ouvir sobre nossa rota. — Ela olhou para sua própria prisioneira, presa com uma corda resistente a uma estaca de ferro cravada fundo no solo; a cicatriz que ia do queixo à testa, feita por Lyrna, era vermelha e distinta à luz do fogo. A lonak nada dissera desde que fora capturada, jogando-se em qualquer pedaço de chão a que era levada, com uma expressão de vaga irritação, mas sem medo.

Quando a lua surgiu, Alturk levantou-se, com o porrete na mão, e colocouse ao lado do filho. Os Falcões Cinzentos aproximaram-se quando ele ergueu os braços.

— *Eu os convoco, meus irmãos de guerra, para testemunhar o julgamento* —

disse o chefe do clã. — *Esse ser miserável que já foi meu filho ajoelha-se em desgraça. Ele desprezou as ordens da Montanha e pronunciou palavras falsas. Esses não são atos dos lonakhim. E, por isso, ele será julgado.*

Ouviu-se um murmúrio de consentimento por parte dos guerreiros reunidos, que foram tomados por uma expectativa tensa quando Alturk aproximou-se ainda mais do filho. Em vez de golpear o jovem, o chefe do clã largou o porrete e ajoelhou-se ao lado dele.

— *Porém, devem julgar a mim assim como a ele, pois foi minha fraqueza que nos levou a isso. Minha fraqueza me fez implorar pela vida desse maldito anos atrás, quando foi derrotado pelo pior dos merim her. Minha fraqueza que fez com que eu retornasse ao nosso clã sem nada dizer sobre sua transgressão ou sobre a vergonha que enchia meu coração. Implorei por sua vida como o mais fraco dos homens, e essa é minha recompensa, a única recompensa que tal fraqueza merece. Eu, Alturk, Tahlessa dos Falcões Cinzentos, peço seu julgamento.*

Por um momento, Lyrna suspeitou de que aquilo era simplesmente uma encenação, uma exibição de humildade arrependida de um líder nobre, mas o crescente murmúrio de confusão e raiva do bando a fez perceber que não havia encenação ali; as palavras de Alturk eram sinceras. Ele queria ser julgado.

Um homem surgiu das fileiras do bando de guerra, um guerreiro veterano, a julgar pela idade, magro e baixo, mas que impunha respeito suficiente para fazer o murmurinho cessar ao erguer um porrete de guerra. Ele encarou o chefe do clã com uma expressão de pesar sombrio.

— *Nosso Tahlessa pede para ser julgado* — disse ele. — *E, pela verdade de suas próprias palavras, ele será julgado. Eu, Mastek, fui irmão de guerra desse homem desde que teve idade suficiente para montar em pônei. Nunca o vi fugir de batalhas. Nunca o vi desviar o olhar de uma escolha ou caminho difícil. Nunca o vi fraco... até agora.* — O velho guerreiro fechou os olhos por um segundo, engoliu em seco e forçou as palavras seguintes a saírem: — *Eu o julgo fraco. Julgo que não está mais apto a ser nosso Tahlessa. Julgo que deve ter o mesmo destino do varnish ajoelhado ao seu lado.* — Ele olhou ao redor. — *Há alguém para contestar isso?*

Não houve resposta. Lyrna não via raiva em seus rostos, apenas uma aceitação inflexível. Compreendeu então que aqueles homens estavam tão presos pelos seus costumes quanto qualquer súdito do Reino estava preso à lei. Aquilo não era uma turba vingativa, e sim um tribunal, e havia sido dada a sentença.

Uma gargalhada estrondosa rompeu o silêncio, alta o suficiente para ecoar pela planície. Os olhos de Kiral brilhavam satisfeitos ao encarar o chefe condenado, com os dentes arreganhados enquanto gargalhava, sacudida pelo contentamento. Davoka levantou-se e correu para esbofetear e calar a garota. Foi inútil; a gargalhada continuou, parecendo aumentar a cada tapa. Por fim, Davoka enfiou uma mordaca na boca da irmã, amarrando-a com força na base do crânio. Aquilo silenciou a gargalhada, mas não serviu para interrompê-la por completo, e Kiral rolava no chão, com lágrimas de júbilo. Ela avistou Lyrna, viu seus olhos brilhantes à luz do fogo e piscou.

Lyrna virou-se para o bando de guerra e viu Mastek andar na direção de seu antigo Tahlessa, segurando o porrete com as duas mãos.

— *Eu lhe ofereço a faca, Alturk* — disse ele. — *Em memória das batalhas que lutamos juntos.*

Alturk sacudiu a cabeça.

— *Mate-me, mas não me insulte, Mastek.*

O guerreiro assentiu e ergueu o porrete.

— *ESPERE!* — Lyrna atravessou a aglomeração de guerreiros e colocou-se entre Alturk e Mastek, que avançava.

O velho guerreiro olhou para ela com olhos arregalados em uma fúria atônita.

— *Você não tem voz aqui* — sussurrou ele.

— *Sou Rainha dos merim her* — retorquiu Lyrna, erguendo a voz para que todos pudessem ouvir. — *Chamada pela própria Mahlessa e a quem foi conferido salvo-conduto e todo o devido respeito.*

Davoka surgiu ao seu lado, observando a multidão com considerável ansiedade.

— *Isso não é sensato, Rainha* — sussurrou ela a Lyrna na língua do Reino. — *Esse não é seu reino.*

Lyrna a ignorou, olhando fixamente para Mastek.

— *Os Falcões Cinzentos derramaram sangue e perderam guerreiros em minha defesa, honrando as ordens da Montanha.* — Ela apontou para Alturk — *Tudo sob o comando desse homem. Isso me deixa em dívida com ele. Entre meu povo, uma dívida não compensada é a maior das desonras. Se matá-lo sem que haja um ajuste de contas, você me desonrará, e desonrará a palavra da Mahlessa.*

— *Não preciso de palavras vindas de você, mulher* — disse Alturk por entre os dentes e com a cabeça baixa, cravando as mãos enormes na terra. — *O poço da minha vergonha já não é fundo o bastante?*

— *Ele é varnish* — disse Lyrna a Mastek — *Julgado como tal pelo seu próprio bando de guerra. Suas palavras não têm mais significado para os lonakhim.*

Mastek abaixou lentamente o porrete de guerra, com a fúria ainda brilhando em seus olhos, mas os ombros curvados indicavam também alívio.

— *O que você espera que façamos?*

— *Entregue-o a mim* — respondeu Lyrna. — *Vou levá-lo até a Mahlessa. Apenas ela pode compensar a dívida que tenho com ele.*

— *E esse aqui?* — Mastek apontou o porrete para o filho de Alturk.

Lyrna olhou para o jovem e viu o ódio em seu rosto. O lonak cuspiu na direção dela, lutando contra as amarras e tentando levantar-se antes de ser forçado a ficar de joelhos pelos guerreiros que o cercavam.

— *Fracos!* — rosou a eles. — *Essa vadia merim her está transformando vocês em cães dela!*

Lyrna virou-se para Mastek.

— *Não estou em dívida com ele.*

Ele cantou sua canção de morte enquanto passavam uma corda em volta de suas

mãos já amarradas e prendiam-na à sela do pônei de Mastek. Virando-se para o sol nascente, o filho condenado de Alturk começou um canto fúnebre e cadenciado em lonak, cuja maioria das palavras era arcaica e desconhecida por Lyrna, mas a princesa notou que a expressão “vingança dos deuses” era repetida diversas vezes. O jovem foi derrubado no meio da canção quando Mastek esporeou a montaria e saiu em disparada, arrastando-o para longe a galope; o resto do bando o cercou, cavalgando depressa para o sul. Davoka comentou que certa vez vira um homem durar um dia inteiro ao ser arrastado atrás de um pônei. Alturk observou seus antigos companheiros de clã sumirem no horizonte e nada disse.

Lyrna sentiu o olhar de Sollis sobre si ao ir até seu pônei, examinando os cascos do animal atrás de sinais de ferimentos e desfazendo os piores nós na crina.

— Tem algo a dizer, irmão? — perguntou ela.

Como sempre, a expressão de Sollis era indecifrável, mas havia um novo tom em sua voz; a raiva contida que ela geralmente detectava havia sido substituída por algo que poderia ser respeito.

— Eu só estava pensando, Alteza, que os lonaks podem estar certos — disse ele. — Parece que estamos mesmo cavalgando com uma rainha, afinal de contas. — O irmão fez uma breve mesura e foi cuidar da própria montaria.

As montanhas voltaram a se aproximar à medida que seguiam para o norte, onde os picos eram ainda mais vastos e maiores do que ao redor do Passo Skellan, com topos eternamente envoltos em nuvens. Os caminhos que seguiam estreitavam-se progressivamente, circundando encostas de colinas e montanhas em espirais cada vez mais traiçoeiras. Na primeira noite longe dos Senthar, eles acamparam em um precipício com uma queda de quase 150 metros, de acordo com Ivern, onde uma neblina úmida desceu sobre eles com a chegada da noite.

Alturk sentou-se longe, imóvel e em silêncio na beira do precipício, sem se preocupar em comer ou acender uma fogueira. Lyrna aproximara-se dele, mas foi detida por uma sacudida enfática da cabeça de Davoka. Então, foi sentar-se diante de Kiral. Davoka colocara a garota ao lado de uma fogueira menor, o mais longe possível, com as pernas amarradas juntas, visto que o solo não era macio o bastante para prendê-la com uma estaca. A garota encarou Lyrna com um olhar indiferente, encostada em uma rocha, como uma adolescente entediada.

— Dói? — perguntou Lyrna, apontando para a cicatriz.

Kiral franziu o rosto.

— *Não falo sua língua imunda, cadela merim her.*

Nem todas as jogadas funcionam, pensou Lyrna com uma careta pesarosa.

— *A cicatriz que deixei em você* — disse ela. — *Ainda dói?*

A garota encolheu os ombros.

— *A dor é a sina de uma guerreira.*

Lyrna olhou para Davoka, notando a cautela nos olhos da lonak enquanto observava a conversa.

— *Minha amiga acha que você não é mais a irmã dela* — disse a princesa.

— *Ela acha que a irmã dela foi dominada por você e que o que vive atrás dos seus*

olhos não é mais a garota de quem ela gostava.

— *Minha irmã é cega em sua devoção pela falsa Mahlessa. Vê mentiras onde deveria ver a verdade.* — Lyrna não conseguia ver nenhuma emoção no rosto da garota, que falava de forma monótona, como uma criança recitando um dos catecismos da Fé.

— *O que é essa verdade?* — perguntou ela.

— *A falsa Mahlessa pretende matar o espírito dos Ionakhim, fazer com que os deuses não olhem mais para nós e tirar as histórias que contamos em nossas fogueiras e nossas canções de morte. Paz com vocês e paz até mesmo com os seordah. O que isso fará de nós? Vamos cavoucar a terra como vocês fazem? Transformar nossas mulheres em escravas como vocês fazem? Trabalhar a serviço dos mortos como vocês fazem?* — Novamente, o tom monótono, a invectiva fanática proferida sem nenhuma emoção.

Lyrna indicou com a cabeça a forma volumosa de Alturk, indistinta e solitária em meio à névoa.

— *Você sabe por que o salvei?*

— *Os merim her são fracos. Seu coração é mole. Você imagina uma dívida onde não há. Ele seguiu as ordens da falsa Mahlessa. Você não deve nada a ele.*

Lyrna sacudiu a cabeça, com os olhos fixos no rosto da garota.

— *Não, eu o salvei porque percebi que você o queria morto. Por quê?*

Não houve nem mesmo um lampejo de preocupação ou engodo quando ela respondeu:

— *Ele sempre perseguiu os Senthar. Por que não devo querer que ele morra?*

Não há evidências aqui, concluiu Lyrna. A garota era mesmo estranha, e possivelmente insana, mas aquilo dificilmente provava a teoria de Davoka. Lyrna levantou-se para retornar ao seu lugar junto à fogueira principal.

— *Ouvi uma coisa estranha sobre as mulheres merim her* — disse Kiral quando ela se levantou.

— *E o que foi?*

Pela primeira vez, havia alguma animação no rosto da garota, cujos lábios se crispavam com malícia.

— *O costume proíbe que tenham um homem até que sejam unidos. E só têm permissão para ter um único marido. É verdade?*

Lyrna assentiu levemente com a cabeça.

— *Mas você não é unida, Rainha.* — Seus olhos percorreram o corpo de Lyrna; não era o olhar de uma garota adolescente, fosse Ionak ou não. — *Você já mais conheceu um homem.*

Lyrna não respondeu e observou as feições da garota enquanto ela ria com escárnio.

— *Farei um acordo com você, Rainha* — disse ela. — *Vou responder a qualquer pergunta que você tiver com uma língua honesta, e tudo o que peço é provar esse fruto intocado entre suas pernas.*

É isso?, ponderou Lyrna. *Essa é finalmente minha evidência?*

— *O que você é?* — perguntou ela.

A risada da garota cessou após um momento, e ela encostou-se na rocha

com a mesma expressão entediada.

— *Sou Kiral do Clã do Rio Negro e verdadeira Mahlessa dos lonakhim.* — Ela desviou os olhos para a fogueira, sem qualquer expressão no rosto.

Lyrna voltou para a fogueira maior e sentou-se ao lado de Davoka. A lonak parecia relutante em olhá-la.

— Não posso matá-la, Lerhnah — disse ela após um momento, com um tom de desculpa na voz.

Lyrna deu tapinhas em sua mão e deitou-se para dormir.

— Eu sei.

Passados mais dois dias, avistaram a Montanha, o lar da Mahlessa. Ela se erguia do fundo de um pequeno vale entre duas montanhas maiores, como um espigão circular de pedra, afilando-se de um sopé largo até uma ponta afiada a pelo menos cem metros de altura. A montanha parecia reluzir à luz do sol, mas, conforme se aproximavam, Lyrna notou que era trespassada do sopé ao topo por galerias e janelas escavadas na rocha. Pelo desgaste da superfície, concluiu que era uma estrutura verdadeiramente antiga, com uma arquitetura tão incomum a ponto de parecer estrangeira, como algo de uma terra distante jamais vislumbrada por olhos contemporâneos.

— *Os lonakhim construíram isso?* — perguntou ela a Davoka.

A lonak sacudiu a cabeça.

— *Estava à nossa espera ao fim do Grande Esforço. Prova de que os deuses não abandonaram os lonakhim, pois quem mais poderia criar tal presente?*

Eles entraram por um túnel cujas paredes formavam um elegante arco de pedra. Não havia guardas na entrada do túnel, e eles prosseguiram sem serem abordados. Após quase oitenta metros, o túnel abria-se em um amplo pátio, cercado por passadiços com sacadas, banhados pela luz do sol que entrava por várias janelas circulares. Algumas mulheres aguardavam ali, armadas e com trajes similares ao de Davoka ou vestidas de modo mais simples, com mantos pretos ou cinzentos. Parecia haver mulheres de todas as idades, nenhuma perturbada pela presença deles, embora Kiral tivesse atraído alguns olhares sérios das mulheres armadas.

— *Vejo que você teve uma viagem interessante* — disse uma guerreira baixa e de rosto rígido, adiantando-se para pegar as rédeas do pônei de Davoka. — *Espero que tenha uma história para a fogueira.*

— *Mais de uma.* — Davoka desmontou, dando um sorriso cordial à mulher de rosto rígido. — *Precisamos de alojamentos, Nestal.*

— *Estão à sua espera.* — Nestal passou os olhos pelo grupo e deteve-se em Lyrna. — Rainha — disse ela, inclinando a cabeça. — A Mahlessa pediu que você fosse levada à presença dela assim que chegasse. — Ela se virou para Kiral com uma expressão endurecida. — Junto com essa aí.

Lyrna esperava que a Mahlessa vivesse em um dos andares superiores da Montanha, mas Davoka a levou até uma escadaria no centro da câmara, que descia em uma espiral até as sombras.

— Não! — berrou ela quando Smolen e os dois irmãos tentaram segui-las.
— Fiquem aqui. Homens não podem olhar para ela.

Smolen parecia prestes a protestar, mas Lyrna ergueu uma das mãos.

— Duvido que sua espada possa me ajudar aqui, Lorde Comandante. Esperem por mim.

Ele fez uma mesura e recuou, permanecendo em posição de sentido como um leal oficial da guarda, ainda que sem armadura nem qualquer vestígio de seus antigos trajes finos, com exceção da espada e das botas que já não tinham o brilho espelhado de outrora. Pela primeira vez em dias, ocorreu à Lyrna que sua própria aparência dificilmente era melhor, sem mantos de arminho ou túnicas de montaria ricamente trabalhadas. Usava apenas um traje de couro e botas resistentes gastos e empoeirados da viagem. Não fosse seu cabelo, poderia ter sido confundida com uma lonak.

— *Irmã, por favor!*

Lyrna olhou em volta e viu Kiral resistindo aos puxões que Davoka dava em sua corda. As feições antes passivas estavam tão distorcidas de medo que a garota parecia usar uma máscara.

— *Por favor* — implorou ela com uma voz rascante e aterrorizada. — *Se alguma vez pensou em mim como sua irmã, mate-me, por favor! Não me leve até ela!*

Ela continuou a implorar e lutar quando Davoka a agarrou e a forçou a descer a escadaria, soltando gritos lamuriosos à medida que adentravam as sombras. *Ela não tem medo da morte*, pensou Lyrna. *O que a aguarda lá embaixo é pior.*

A princesa passou as mãos pela roupa empoeirada e seguiu as lonaks.

CAPÍTULO TRÊS

Reva

Ela correu até os pulmões queimarem e as pernas doerem. Para longe da estrada, para longe dele, para longe das *mentiras*, pelo capim longo e para o meio das árvores. Correu até que a exaustão a fizesse cair em um emaranhado doloroso de espada e manto. Levantando-se com dificuldade, olhou em volta à procura de marcos, arfando devido ao esforço e ao pânico. *Ele virá atrás de mim. Ele me encontrará e me fará escutar mais mentiras...*

Voltou a correr e tropeçou quase que imediatamente quando o pé cansado encontrou a raiz de uma árvore. Caiu de quatro, soluçando em espasmos extenuados e dolorosos, enquanto pensamentos fervilhavam em sua mente. *E, se ele existe, seus bispos dizem que a odeia pelo que é...*

Você foi enviada em busca de algo que jamais será encontrado, na esperança de que eu a matasse... Uma nova mártir...

— MENTIRAS! — Sua voz ressoou pelas árvores, descontrolada e feroz. No entanto, as árvores responderam apenas com rangidos de galhos agitados pelo vento.

Sentou-se e ergueu o rosto para o céu, puxando ar pela boca aberta. Sabia agora que Al Sorna não viria atrás dela; teria sido fácil encontrá-la, mas ali estava ela, sentada e sozinha. Lembrou-se da ponta de desespero na voz dele ao gritar às suas costas, com uma nota de frustração... *Agora nego minha canção, embora ela grite para que eu deixe você partir.*

Siga sua canção, Lâmina Negra, pensou ela. Farei uma canção só minha.

Ela passou a mão trêmula pelo cabelo longo, seu cabelo asraelino indecente. *Pecadora imunda e sem Pai...*

O sacerdote! O sacerdote terá respostas para essas mentiras. Ela voltaria para o sacerdote, e elealaria a verdade, e o Pai do Mundo mais uma vez a abençoaria com o Seu amor, provaria que ela não era odiada, provaria que o pecado havia sido arrancado dela, provaria que ela era digna de Sua missão sagrada... Digna de empunhar a espada de seu pai.

A espada. A perspectiva de retornar ao sacerdote sem ela, ainda por cima exigindo que ele respondesse às mentiras do Lâmina Negra, parecia absurda. Porém, se tivesse a espada, o rosto do sacerdote revelaria toda a verdade de que

ela necessitava. A espada era a verdade.

Abriu os olhos para as estrelas e avistou o gamo. Ela sabia que o casco dianteiro do animal apontava quase que diretamente para o sul, na direção de Cumbrael, dos Picos Cinzentos e do Forte Alto. Talvez a espada ainda estivesse lá, abandonada em um canto escuro da Câmara do Senhor, esperando por ela. Se não estivesse, eram poucas as chances de encontrá-la em outro lugar.

Uma ideia lhe ocorreu quando começou a se levantar, um sussurro ligeiro e traiçoeiro em sua mente. *Volte. Eles irão recebê-la.*

— Com mentiras! — respondeu a si própria.

Com amor. Alguma vez o sacerdote demonstrou amor por você?

— Não me importo com o amor dele ou deles. O amor do Pai é o único amor de que preciso.

Levantou-se, espanou a terra que sujava sua roupa e começou a caminhar para o sul.

O arco era feito de olmo e tinha uma cor amarelo-clara; o centro da vara era liso e reluzente pelo uso, e ambos os lados tinham adornos entalhados, exibindo um gamo e um lobo. Era diferente do arco de freixo que Al Sorna lhe fizera, abandonado no dia em que fugira dele, mais longo e um pouco mais grosso, o que sem dúvida resultava em maior potência e alcance.

O dono do arco jazia em uma cama de capim junto ao cepo envelhecido de uma árvore a vários quilômetros da estrada mais próxima. Ele tinha os olhos fechados em um sono aparentemente tranquilo, uma barba quase branca manchada de vermelho e um cântaro de vinho no colo. Ao seu lado, um cão pastor entediado, de pelo desgrenhado e olhos lastimosos, ergueu o olhar para Reva com total ausência de alarme, apenas inclinando a cabeça com curiosidade quando ela se esgueirou mais perto para retirar o arco dos braços do bêbado. A aljava de flechas estava enfiada debaixo das costas do homem, escondida demais para que ela pudesse pegá-la, mas era mais fácil fazer flechas do que arcos.

Reva havia dado uns vinte passos antes de parar e admirar os entalhes no arco, percebendo que eram ainda mais refinados do que pensara. Na parte de cima, o gamo estava com a galhada abaixada, pronto para o combate, enquanto o lobo encontrava-se agachado na parte inferior, com os dentes arreganhados em um rosnado. O trabalho era extraordinário, e o nível de acabamento fez Reva compreender que aquele era um item de valor considerável.

A espada é tudo, repetira o sacerdote. O Pai perdoará todos os pecados cometidos em busca da espada.

Reva suspirou, voltou pelo mesmo caminho, devolveu o arco aos braços do bêbado e sentou-se para esperar que o homem despertasse. Depois de algum tempo, o cão pastor aproximou-se, farejando e ganindo para obter os restos de um coelho que ela capturara no dia anterior. O velho acordou com um sobressalto ao ouvir o latido do cão quando Reva lhe jogou um pedaço de carne.

— O quê? — Ele agarrou o arco, tateando à procura de uma flecha. — *Que*

cê qué, vadia?

Reva observou o homem não conseguir se esforçar para tirar uma flecha da aljava, abandonar a tentativa e levar a mão à pequena faca que tinha na bota, sendo arrebatado pela visão da moeda de ouro que ela ergueu.

— Esse é um belo arco — disse Reva.

A flecha atingiu o tronco da árvore com um baque seco, entrando pelo menos um palmo na madeira. Era uma flecha de treinamento, apenas noventa centímetros de um pedaço de freixo derrubado pelo vento, sem cabeça ou penas, mas ainda assim ela encontrou o alvo a uma distância de quinze metros.

O velho dissera ser um pastor, embora não houvesse qualquer sinal de um rebanho em um raio de quilômetros. Explicara também que o arco era uma lembrança de uma campanha esquecida contra os cumbraelinos, quando ele era apenas um garoto e alguns homens do senhor apareceram para transformá-lo em um soldado, embora sua pobre mãe tenha chorado. Reva achou a história improvável. O arco era bonito, mas não era de fabricação cumbraelina, então supôs que o pastor o havia roubado ou ganhado em um jogo. Seja como for, ele parecera mais do que ansioso para partir com sua riqueza recém-adquirida e não dera uma explicação mais detalhada sobre as origens do arco, afastando-se com passos vacilantes pelo prado desprovido de ovelhas, com o cântaro de vinho na mão e o cão de olhos tristes em seu encaixo.

Reva estava viajando havia duas semanas, mantendo-se afastada das estradas, abrigoando-se nas matas à noite, caçando quando surgia a oportunidade, controlando a fome e seguindo o casco do Gamo para o sul. Havia poucas pessoas na região, e o pastor bêbado fora o primeiro que vira em dias. Estando tão longe das estradas, havia pouca chance de encontrar viajantes ou foras da lei, embora ela permanecesse alerta.

Naquela noite, o arco colheu um frango-d'água, que foi depenado, espetado, assado e comido antes do pôr do sol. Reva percebeu que o tempo que passara com Al Sorna a enfraquecera e a deixara sensível demais à fome. Todas as noites, ela agradecia ao Pai por tê-la livrado das mentiras do Lâmina Negra e implorava Seu perdão pelos excessos pecaminosos.

Após comer, Reva sacou a faca, agarrou um punhado do cabelo cada vez mais longo e preparou-se para cortá-lo. Isso era um ritual noturno, mas sua determinação minguava quando tocava as madeixas indecentes com a lâmina, e jamais cortava o cabelo. Dizia a si mesma que precisava manter o disfarce. *Mulheres asraelinas não usam o cabelo tão curto...* E ainda precisava entrar em Cumbrael. Não tinha nada a ver com vaidade ou com as muitas vezes que Alornis dissera gostar do modo como ele reluzia ao sol.

Mentirosa. A voz do sacerdote a acompanhou para o sono ao guardar a faca e aconchegar-se no manto. *Pecadora mentirosa e sem Pai...*

Passada outra semana, Reva avistou os Picos Cinzentos, uma paisagem escarpada envolta em névoa azulada. As matas eram mais densas ali, cobrindo as encostas cada vez mais altas conforme ele avançava pelo sul. Havia pouca caça, e Reva conseguiu abater apenas uma perdiz solitária e uma lebre de certa idade, lenta demais para fugir do caminho da flecha. Depois de mais duas noites, Reva julgou encontrar-se a meio dia de caminhada das montanhas propriamente ditas. Ela desconhecia a localização exata do Forte Alto, mas os dias em que os cumbraelinos eram proibidos até mesmo de falar sobre o lugar já haviam passado; o martírio de seu pai encarregara-se dessa mudança. Reva sabia que havia uma aldeia depois do rio que formava a fronteira com Asrael. O sacerdote dissera que peregrinos podiam conseguir auxílio ali, pois todos os Filhos do Lâmina Fiel devem viajar até o Forte Alto para prestar homenagem ao servo mais abençoado do Pai.

Ela encontrou um lago de água cristalina abaixo de uma cascata, despiu-se e banhou-se. Lavou as roupas como pôde e estendeu-as para secarem, encostando-se em uma rocha à luz do sol e admirando a majestade errante das nuvens no céu. Como sempre acontecia quando divagava, Reva pensou em Al Sorna e em suas lições, em Alornis e em seus desenhos, até mesmo no poeta bêbado e em suas canções horríveis. Sabia que era errado, indulgente, pecaminoso, e sempre implorava pelo perdão do Pai, porém, todos os dias, durante um curto período de tempo, deixava os pensamentos percorrerem as lembranças à espera do momento em que a voz traiçoeira tentaria seduzi-la aos sussurros: *Não é tarde demais. Dê a volta e vá para o norte. Embarque para os Confins. Eles irão recebê-la...*

Ela se punia com a esgrima, executando as séries cada vez mais rápido até turvar a própria visão e quase cair de exaustão. Quando começou a escurecer, Reva empilhou algumas samambaias para usar como cama e deitou-se para dormir. Pela primeira vez, não se incomodou em levar a faca ao cabelo, ainda que estivesse longo o bastante para precisar ser aparado o suficiente para que não lhe caísse nos olhos.

Reva despertou com gritos, tirando a espada da bainha em um borrão ao mesmo tempo em que rolava e se agachava, vasculhando a escuridão da floresta à procura de inimigos. Nada... *Espere.*

Seu nariz detectou o cheiro antes que ela visse a fumaça na brisa e a luz amarela e bruxuleante de uma fogueira alta feita entre as árvores. Tornou a ouvir o grito estridente, agoniado e... feminino.

Foras da lei, concluiu, levantando-se. Não é da minha conta.

Mais gritos e uma confusão de súplicas incoerentes, que deram lugar a um silêncio súbito e terrível.

Reva pensou nos foras da lei que matara em Rhansmill, no necrófilo Kella e nos outros que desde então não haviam atrapalhado seu sono.

Então, embainhou a espada para ocultar o brilho, colocou a aljava no ombro, pegou o arco e avançou, movendo-se como Al Sorna a ensinara quando

caçavam, agachada, com passos curtos, erguendo o pé apenas o suficiente para deixar o solo. O cone tremeluzente de fogo foi aumentando à medida que ela se aproximava e as chamas altas erguendo-se de toras empilhadas no centro de uma clareira. Formas escuras moviam-se em silhuetas e havia uma voz alta que falava com uma intensa convicção.

Reva deitou-se no chão quando chegou a vinte metros da fogueira e arrastou-se adiante, com o arco na mão esquerda e a corda encostada em cima do antebraço. Após se arrastar por alguns momentos, algo entrou em foco, algo que a fez parar. Um homem corpulento estava de costas para o fogo, esquadrinhando a floresta com atenção diligente. Levava uma espada às costas e tinha uma besta apoiada no braço, engatilhada e carregada. Uma sentinela. Nenhum fora da lei era tão cuidadoso ou bem armado.

Reva esgueirou-se um pouco mais perto, lenta e cautelosamente, passando os dedos pelo solo à procura de gravetos ou folhas secas que pudessem denunciá-la, sem ser percebida pela sentinela que usava um manto negro. *A Quarta Ordem.*

A voz ficou mais clara conforme Reva se aproximava até finalmente ver quem falava, um homem magro de rosto pálido, também em um manto negro, que gesticulava para algo à direita enquanto fazia um sermão de forma enfática: — Vocês vivem como Negadores e como Negadores morrerão. Suas almas serão mandadas para o nada e não encontrarão refúgio entre os Finados, e a falsidade que os torna miseráveis nesta vida assegurará a vocês uma eternidade de solidão no Além...

Reva aguardou que os olhos da sentinela se virassem para a esquerda e levantou-se o máximo que ousava, olhando para os gestos frenéticos do homem que pregava. Havia quatro pessoas amarradas e amordaçadas, um homem, uma mulher, uma garotinha de não mais de dez anos e um garoto musculoso que era cinco ou seis anos mais velho. Dois irmãos de manto negro estavam atrás deles, com espadas desembainhadas. O garoto lutava contra as amarras, que consistiam em uma vara enfiada entre seus cotovelos e suas costas, atada com força suficiente para cortar a carne exposta dos braços. Um pedaço de madeira de quinze centímetros havia sido enfiado em sua boca e amarrado com barbante. Saliva escorria pelo queixo do garoto enquanto ele se debatia, com os olhos cheios de fúria voltados não para o pregador, mas para a fogueira além dele.

Reva olhou com mais atenção e percebeu que havia uma forma mais escura nas chamas, algo enegrecido e de forma vagamente humana, que exalava um fedor de carne queimada.

— Você! — gritou o homem pálido, apontando um dedo acusador para o homem amarrado que, ao contrário do garoto, estava ajoelhado e com a cabeça baixa em muda submissão. — Você, que enredou seus filhos nessa falsidade e corrompeu-os com sua Negação, testemunhará o destino que colheu para eles.

Um dos mantos negros agarrou o cabelo do homem e puxou sua cabeça para trás, revelando um rosto em que curiosamente não havia medo ou raiva. Os olhos estavam lacrimosos, mas não exibiram qualquer sinal de terror quando o pregador se aproximou.

— Veja isso, Negador — sibilou ele, com o rosto desfigurado e vermelho à

luz do fogo ao agarrar a garotinha, levantando-a à força. — Veja o que você causou.

A garota gritou e contorceu-se na mão do homem, mas ele a ergueu com facilidade e andou em direção à fogueira. O grito do garoto musculoso foi abafado pela mordada ao levantar-se com um pulo apenas para ser derrubado no chão por um dos irmãos quando o punho de uma espada o atingiu com força entre as omoplatas.

Reva visualizou a cena no intervalo de uma batida do coração: o pregador, os dois homens junto aos prisioneiros, a sentinela. Quatro que ela podia ver, sem dúvida outros mais que não podia, todos armados, nenhum fora da lei embriagado. A situação era desesperadora, e aquela não era sua missão. A escolha era óbvia.

A sentinela morreu primeiro, abatida pela faca de Reva no momento em que ela surgiu da escuridão; o homem agarrou o corte aberto na garganta e caiu com o rosto no chão, mal soltando um gemido. Reva guardou a faca, colocou uma flecha na corda e cravou-a nas costas do pregador no momento em que erguia a garota acima de sua cabeça. O homem tombou e largou a garota, que se debateu contra ele com chutes violentos das pequenas pernas, afastando-se dele.

Reva teve tempo para atirar mais uma flecha antes que os dois irmãos restantes se recobrassem do choque e se virassem para ela com espadas em punho. Ela escolheu o mais próximo, que estava forçando o homem a testemunhar a morte da garota. O irmão era rápido, esquivando-se para a esquerda quando Reva mirou em seu peito, mas não rápido o suficiente. A flecha o atingiu no ombro e fez o homem desabar. Ela sacou a espada e avançou contra o outro, matando o irmão ferido com um golpe no pescoço ao passar por ele.

Seu companheiro moveu-se para trás dos prisioneiros e ergueu uma besta. Com um urro, o garoto musculoso jogou-se contra o homem, acertando-lhe com o ombro, quebrando algumas costelas e arremessando o homem de manto negro no fogo. Ele gritou e debateu-se nas chamas até conseguir sair da fogueira e rolar no chão, com uma torrente contínua de uivos agudos.

Um grito atraiu a atenção de Reva para a esquerda, onde mais três irmãos surgiram correndo da escuridão com bestas erguidas. Reva olhou para o garoto agachado e de olhos arregalados, que implorava por trás da mordada.

Ela se virou e saiu em disparada em direção às árvores, abaixando-se para recolher o arco caído. Um virote de besta roçou-lhe os cabelos antes de ser engolida pela escuridão.

Depois de vinte passos, Reva virou-se e agachou-se, respirando fundo duas vezes e forçando o corpo a permanecer imóvel. Os três mantos negros estavam furiosos e confusos, chutando o garoto para descontar sua ira antes de jogar terra sobre o irmão em chamas, discutindo o que deveriam fazer, enfileirados e delineados contra o fogo.

A situação não era tão desesperadora, afinal, pensou Reva, erguendo o arco e mirando.

O garoto chamava-se Arken, sua irmã Ruala, a mãe Eliss e o pai Modahl. O corpo na fogueira pertencia à mãe de Modahl, cujo nome fora Yelna, embora Ruala e Arken a chamassem de Vovó. Reva não estava disposta a perguntar o nome do único irmão que sobreviveu, então continuou a chamá-lo de Pregador.

— Bruxa adoradora de deus! — gritou ele ainda caído e com as pernas estendidas à frente, moles e imprestáveis. A flecha de Reva atravessara sua coluna, deixando-o morto da cintura para baixo. Infelizmente, a voz do homem não havia sido afetada. — Só com a ajuda das Trevas você poderia matar meus irmãos assim — acusou ele, sacudindo um dedo vacilante para Reva. A pele dele estava pálida e pegajosa e os olhos cada vez mais embotados. Matá-lo teria sido misericordioso, mas Modahl a impedira de usar a faca.

— Ele ia queimar sua filha viva — observou Reva.

— O que é a misericórdia? — ele perguntou. Havia tensão e pesar em seu rosto, mas não havia qualquer raiva. As sobrancelhas estavam erguidas como se estivesse fazendo uma pergunta sincera.

— O quê? — retorquiu ela, franzindo o cenho.

— A misericórdia é o vinho mais doce e o mais amargo absinto — disse Eliss, a mãe. — Pois ela recompensa o misericordioso e envergonha o culpado.

— O Catecismo do Conhecimento — informou Arken a Reva, colocando um corpo no fogo. Havia uma ponta de amargura em sua voz. — Ela é obviamente cumbraelina, pai — disse o garoto a Modahl. — Duvido que queira ouvir suas lições.

Catecismo?

— Vocês seguem a Fé? — perguntou Reva, com surpresa. Esperara que eles pertencessem a uma das inúmeras seitas absurdas que haviam saído das sombras desde o Édito de Tolerância.

— A verdadeira Fé — respondeu Modahl. — Não a deturpação seguida por essas almas iludidas.

O Pregador disse algo que soara como “mentiras Negadoras!”, espalhando terra com sua respiração.

— Diga se isso dói — disse Reva, abaixando-se para arrancar a flecha presa nas costas do homem. Não doeu. O homem não podia senti-la.

O irmão queimado também sobrevivera ao ataque noturno, mas sucumbira aos ferimentos antes do nascer do sol. Ele gritara durante um bom tempo, e mais uma vez Modahl se opôs quando Reva tentou silenciá-lo. Perplexa, ela se ocupou em ajudar Arken a depositar os corpos no fogo.

— Este aqui era habilidoso — comentou ela, erguendo as pernas do irmão mais alto, que fora o último a tombar. — Imagino que pertencia à Guarda do Reino antes de ir para a Quarta Ordem.

— Não era habilidoso o suficiente para enfrentar você — disse Arken, erguendo o corpo pelos ombros. — Fico feliz que você o tenha feito sofrer.

Foi isso o que ela fez? Sem dúvida havia brincado um pouco com ele. Após os outros terem sucumbido com as flechas, o irmão conseguira correr para a segurança da floresta. Reva o encontrou na borda da clareira, com a espada em punho. Ele era rápido e experiente e conhecia muitos truques, mas ela conhecia mais e era mais rápida. Reva prolongou a luta por mais tempo do que deveria,

sentindo a própria habilidade aumentar a cada apara e estocada, a cada cicatriz que deixava no rosto ou nos braços do homem, como uma lição com Al Sorna, mas aplicada à vida real. Ela deu fim àquilo com uma estocada no peito quando teve um vislumbre da garotinha chorando no chão, ainda amarrada e amordaçada.

Perdoe-me pelos meus excessos, Pai do Mundo.

Modahl disse algumas palavras conforme as chamas aumentavam, pedindo que sua família agradecesse a Yelna pela dádiva de sua vida, que se lembrasse da bondade e da sabedoria dela e que refletisse sobre as escolhas imperfeitas que haviam levado aqueles homens infelizes a encontrarem seu fim. Reva permaneceu afastada, limpando o sangue da espada e notando como o rosto de Arken se fechava à medida que seu pai falava, olhando-o com uma fúria que parecia beirar o ódio.

A manhã trouxe uma chuva fraca e o som da voz do Pregador, que despertou Reva de um sono inquieto. A fogueira havia se tornado uma pilha de cinzas enegrecidas lavadas pela chuva, revelando um aglomerado de ossos humanos e crânios sorridentes.

— Ah, meus irmãos caídos! — gritou o Pregador. — Que sina serem mortos pelas Trevas. Que os Finados purifiquem suas almas.

— Não foram mortos pelas Trevas — disse-lhe Reva, bocejando. — Apenas por uma faca, um arco, uma espada e alguém que sabe usá-los.

O Pregador começou a responder, mas acabou engasgando.

— Eu... estou com sede — disse ele em voz baixa.

— Beba a chuva.

Os irmãos deixaram alguns bons cavalos e comida para vários dias, além de uma boa quantia em dinheiro. Reva escolheu o cavalo mais alto, um garanhão cinzento um tanto irascível com aparência de montaria criada para a caça, e soltou os outros animais. Por insistência de Modahl, as armas dos irmãos foram empilhadas na fogueira na noite anterior, e Arken soltou um grunhido ofendido quando seu pai tirou de sua mão com gentileza, mas também firmeza, a espada que reivindicara.

O carroção da família estava intacto, assim como os bois que o puxavam, embora as coisas que levava tivessem sido destruídas, e até Ruala chorou sobre os restos rasgados e esfarrapados de sua boneca.

— Estamos indo para Torre Sul — disse Arken. — Temos família lá. Dizem que os Tolerantes têm menos a temer sob o olhar do Senhor da Torre.

— Eles caçaram vocês — disse Reva.

Arken assentiu.

— Meu pai gosta de transmitir as palavras de Tolerância a todos que se dispõem a escutar. Ele espera encontrar ouvidos mais dispostos no sul. Parece que a ideia não agradou ao Aspecto Tendris.

O olhar de Reva foi atraído por Modahl, que estendia um cobertor na traseira do carroção, abandonando diversos itens para abrir espaço.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

— É para o irmão ferido — explicou Modahl. — Precisamos encontrar um curandeiro para ele.

Reva aproximou-se do homem e falou ao seu ouvido.

— Se você tentar fazer sua filha dividir um carroção com aquele monte de bosta, corto a cabeça dele e joga-a no rio.

Ela permaneceu ali por um momento, olhando-o nos olhos para ter certeza de que o homem compreendera. Modahl curvou os ombros, derrotado e cansado, e começou a chamar a família para subir no carroção.

— Há uma aldeia alguns quilômetros a leste — disse Reva. — Cavalgarei com vocês até lá, se quiserem.

Modahl parecia prestes a protestar, mas sua esposa falou antes.

— Isso seria ótimo, minha cara.

Reva montou no cavalo cinzento e trotou até o Pregador, que estava encostado em uma árvore.

— Você vai... me matar... agora, bruxa? — perguntou ele entre arfadas; seus olhos eram dois carvões negros no rosto pálido.

Reva tirou um cantil cheio da sela do cavalo e jogou-o no colo do homem.

— Por que eu faria isso? — Ela se inclinou para frente, lançando um olhar para as pernas inúteis dele. — Espero que você viva por muito tempo, irmão. Se os lobos ou os ursos não o pegarem, é claro.

Ela virou o cavalo e seguiu a trote atrás do carroção.

A aldeia era um lugar estranho, onde cumbraelinos e asraelinos viviam lado a lado e falavam em um sotaque diferente que parecia acomodar apenas as vogais mais dissonantes dos dois feudos. Era claramente uma importante estação de passagem, a julgar pelos numerosos viajantes e carroceiros que iam de um lado para o outro. Vinho indo para o norte, aço e carvão indo para o sul. Havia uma companhia da Guarda do Reino, cujos soldados policiavam as encruzilhadas em volta dos quais a aldeia se aglomerava, ordenando desvios e removendo bloqueios para garantir que o comércio continuasse sempre em andamento. Havia um templo ao Pai do Mundo no lado sul das encruzilhadas, voltado para uma missão da Quinta Ordem do outro lado.

— A Ordem terá unguento para seus cortes e ferimentos — disse Reva a Modahl. — Melhor dizerem a eles que foram foras da lei. Eles assaltaram vocês e foram embora depressa. Não há necessidade de incomodar os guardas.

Modahl assentiu lentamente, revelando uma cautela extrema nos olhos. *Não há lugar para assassinos em seu coração*, concluiu Reva. *E, mesmo assim, cuidaria daqueles irmãos se estivessem moribundos. A fê deles é uma comédia.*

— Nossos agradecimentos — disse Eliss quando Reva puxou as rédeas do cavalo. Havia ternura genuína e gratidão nos olhos da mulher. — Sua companhia seria bem-vinda na estrada amanhã.

— Obrigada, mas estou indo para os Picos Cinzentos — disse Reva.

Ela guiou o cavalo para dentro da aldeia, e, ao olhar para trás, viu Arken a observando na traseira do carroção e erguendo a mão em um adeus hesitante. Reva retribuiu o aceno e continuou cavalgando.

Entrou na menor das três estalagens que havia na aldeia, que uma placa

acima da porta dava o nome de Descanso do Carroceiro. O interior estava cheio de viajantes e condutores, a maioria com mãos bobas que foram rapidamente recolhidas ao avistarem uma faca parcialmente desembainhada. Reva encontrou um banco em um canto e esperou pela criada.

— Shindall é o dono desse lugar? — perguntou ela.

A garota assentiu com cautela.

Reva lhe deu uma moeda de cobre.

— Preciso vê-lo.

A criada conduziu Reva a uma sala nos fundos, onde Shindall estava contando moedas. Ele era um homem rijo com um rosnado feroz na voz.

— O que é isso que me trouxe? — perguntou ele à criada. — Quer me fazer perder a conta com alguma vad... — Ele se calou ao ver o rosto de Reva.

Ela colocou o polegar no peito, acima do coração, e o moveu para baixo.

Shindall fez um aceno quase imperceptível com a cabeça.

— Cerveja! — berrou ele à criada. — E uma refeição. A torta, não o grude.

Shindall puxou uma cadeira para Reva sentar-se à mesa, mantendo os olhos fixos em seu rosto enquanto ela desafiava a espada e tirava o manto. Ele esperou a criada aparecer e se retirar antes de falar em um sussurro de reverência.

— É você, não é?

Reva engoliu um pedaço de torta, tomou um gole de cerveja e ergueu uma sobrancelha.

Shindall abaixou ainda mais a voz e curvou-se para frente.

— O sangue do Lâmina Fiel.

Reva abafou uma risada; a seriedade do homem era ao mesmo tempo engraçada e desconcertante. A luz em seus olhos lembrou-lhe as dezenas de hereges idiotas que se reuniram na casa de Al Sorna.

— O Lâmina Fiel era meu pai — disse ela.

Shindall engasgou de emoção e entrelaçou as mãos.

— Recebemos mensagens do sacerdote que diziam que devíamos esperar notícias sobre você em breve. Notícias que abalariam as fundações do Domínio Herético. Porém, nunca pensei, nunca sonhei que eu veria você, e certamente não aqui nesse casebre onde faço o papel de estalajadeiro.

Recebemos mensagens do sacerdote ...

— O que ele lhe disse? — perguntou Reva, mantendo o tom brando e apenas levemente curioso. *Que eu logo estaria morta? Que vocês teriam um novo mártir para adorar?*

— As mensagens do sacerdote são breves e vagas. Se o Senhor Feudal ou o Rei herege as interceptassem, clareza em demasia poderia significar uma condenação para todos nós.

Ela balançou a cabeça e voltou à comida. A torta era surpreendentemente boa, feita de carne marinada em cerveja e assada com cogumelos em massa macia.

— Se me permite... — prosseguiu Shindall. — Eu jamais ousaria perguntar o objetivo de sua missão, mas ela está concluída? Estamos finalmente perto da

nossa libertação?

Reva deu um sorriso sem graça.

— Preciso encontrar o Forte Alto. O sacerdote me disse que você garantia que os peregrinos chegassem a salvo lá.

— É claro — sussurrou ele. — É claro que você deseja fazer a peregrinação enquanto há tempo. — Ele se levantou e foi até um canto da sala, o menos iluminado pela luz da lamparina, e curvou-se para remover um tijolo da parede e retirar algo escondido atrás.

— Desenhado em seda — disse Shindall, colocando um retângulo com menos de quinze centímetros de comprimento diante dela. — Fácil de esconder ou de engolir, caso seja necessário.

Era um mapa simples, mas claro o suficiente para ser seguido, com um caminho que se estendia de um aglomerado de ícones que Reva supôs ser a aldeia, passando de forma sinuosa por montanhas e rios até terminar em um símbolo preto em forma de ponta de lança.

— Seis dias de viagem daqui — disse Shindall. — Não há muitos peregrinos ultimamente, então o caminho deve estar livre. Há amigos nossos por lá, é claro, passando-se por mendigos à procura de abrigo.

— Não há uma guarnição? — perguntou Reva, surpresa. Considerara várias possibilidades sobre o melhor modo de se esgueirar para dentro da fortaleza debaixo dos narizes dos guardas do Senhor Feudal.

— Não desde que o Lâmina Fiel tombou. O mulherengo bêbado que temos em Alltor parece feliz em deixar a fortaleza cair em ruínas.

Reva terminou a refeição e bebeu o resto da cerveja.

— Vou precisar de um quarto para passar a noite — disse ela. — E de um estábulo para meu cavalo. — Ela ofereceu pagamento ao homem, mas ele recusou, conduzindo-a até um quarto no andar superior. Era pequeno e não muito limpo, mas ver a cama estreita, a primeira desde que deixara a casa do Lâmina Negra, acabou com qualquer receio.

— Eu o vi uma vez — disse Shindall, parado à porta e com os olhos ainda fixos no rosto de Reva. — O Lâmina Fiel. Foi pouco depois de o Pai tê-lo salvo da flecha do fora da lei, e a cicatriz ainda era recente, vermelha feito um rubi e brilhante no ar da manhã quando ele se levantou para falar. E suas palavras... Tantas verdades para serem ouvidas em tão pouco tempo. Soube então que eu ouvira o chamado do Pai naquelas palavras. — O olhar de Shindall era intenso, e sua voz grossa a lembrou do espadeiro em Varinshold que dissera “Você tem os olhos dele”.

Reva colocou o manto e a espada na cama.

— A Guarda do Reino patrulha os picos?

Shindall piscou e sacudiu a cabeça.

— Apenas as estradas nas terras baixas, os lugares mais prováveis para os foras da lei. Eles nem aparecem nas montanhas. Frio demais, imagino. — Ele colocou uma vela sobre a única mesa no quarto e dirigiu-se para a porta. — O primeiro sino toca à quinta hora.

— Já terei partido. Agradeço pela atenção.

Shindall olhou-lhe uma última vez antes de deixar o quarto, engolindo em

seco.

— Ver seu rosto é o único agradecimento de que preciso.

Ela nunca havia estado nos Picos Cinzentos e ficou desconcertada com montanhas tão escarpadas e penhascos inexpugnáveis que se erguiam por todos os lados a alturas cada vez maiores à medida que avançava. Havia um frio perene no ar, piorado por uma garoa frequente ou uma neblina. A estrada terminava em um rio largo e veloz que corria para leste. Ela começou a segui-lo; o mapa de seda dizia que o rio era a rota mais direta até a fortaleza, mas o cavalo cinzento bufava em protesto ao ser guiado sobre a margem coberta de rochas.

— Bufo — disse Reva, passando a mão ao longo do pescoço do animal. — É assim que vou chamar você.

Um barulho de pedras fez com que ela se virasse na sela, vendo outro cavaleiro surgir na extremidade da estrada. Reva continuou sentada e esperou que ele se aproximasse; era um garoto grande montado em um cavalo pequeno.

— Você o roubou? — perguntou ela quando Arken a alcançou.

— Comprei com o dinheiro dos irmãos — disse ele, tossindo e remexendo-se na sela pequena demais.

Reva ficou em silêncio, observando-o corar e tossir mais um pouco.

— Se eu ficasse mais um dia com eles, iria matá-lo — disse o garoto por fim. — E tenho uma dívida com você.

O ribombar distante de um trovão ressoou no alto, e Reva ergueu a cabeça, vendo que nuvens negras aproximavam-se pelo oeste.

— É melhor nos afastarmos um pouco do rio — disse ela, esporeando Bufo. — Provavelmente transborda quando chove.

— Ele era apenas um fabricante de rodas — disse Arken. — Habilidade e um pouco mais instruído e Fiel do que a maioria dos homens na cidade, mas ainda assim apenas um fabricante de rodas. Então, um dia, a Aspecto da Segunda Ordem visitou a missão, e meu pai foi até ela para ser catequizado. Depois, tudo mudou.

Eles haviam se abrigado da chuva em uma estreita fenda na face de um penhasco. O aguaceiro ficara do lado de fora, mas o lugar ainda era úmido demais para se acender uma fogueira, obrigando-os a se encolherem nos mantos e se aquecerem apenas pela respiração dos cavalos.

— Passava todas as horas livres falando para qualquer um que quisesse escutar — prosseguiu Arken. — Todo o dinheiro que sobrava servia para pagar a impressão dos seus panfletos, entregues de graça para qualquer um que quisesse pegá-los. Eu e minha irmã ficávamos na rua, hora após hora, enquanto ele continuava com a ladainha. O pior era que algumas pessoas paravam para

escutar. Eu as odiava. Se ninguém tivesse escutado, ele poderia ter desistido, e a Quarta Ordem poderia ter nos deixado em paz. Seu deus não tem Ordens, não é?

— Esse mundo foi criado pela vontade do único Pai — disse Reva. — Para que possamos conhecer Seu amor. Um mundo, um Pai, uma igreja. — *Por mais suja e corrupta que seja.*

Arken assentiu e então espirrou; uma gota d'água pendia da ponta do seu nariz.

— Eles vão procurar por você? — perguntou Reva.

O garoto abaixou o rosto.

— Duvido. Discutimos muito.

— Palavras não são flechas. Elas podem ser retiradas.

— Ele ordenou que não fizéssemos *nada!* — Arken cerrou o maxilar e os punhos sob o manto. — Simplesmente ficou sentado quando os homens surgiram a cavalo na floresta, sussurrando seus catecismos. Que tipo de homem faz isso?

Um homem fiel, pensou ela.

— O que ele disse que os irritou tanto?

— Que a Fé havia perdido o rumo. Que éramos culpados de um grande erro, que a Mão Vermelha havia deturpado nossas almas, feito com que odiássemos quando deveríamos amar, feito com que matássemos quando deveríamos salvar. Que a perseguição dos Infiéis havia erguido uma barreira entre nossas almas e os Finados. Certo dia, um irmão da Quarta chegou à missão com uma carta de seu Aspecto. Era cortês, mas firme. Dizia apenas “Pare de falar”. Meu pai a rasgou diante do irmão. Dois dias depois, a loja foi incendiada.

Bufo começou a bater com o casco dianteiro na rocha, sacudindo a cabeça e impaciente. Reva estava começando a entender os humores do cavalo, e inatividade não era algo que ele apreciava. Ela se levantou, tirou uma cenoura do alforje e segurou-a diante da boca de Bufo enquanto ele a mordia.

— Você não tem dívida nenhuma comigo — disse a Arken. — E viajar comigo pode ser... perigoso.

— Você está errada — disse o garoto. — Sobre a dívida. E não me importo com qualquer perigo.

Arken tinha um olhar repleto de determinação sincera e algo mais, o que era uma pena. *Ainda é apenas um garoto*, pensou Reva. *Apesar de todos os seus problemas.*

— Estou procurando algo — disse ela ao garoto. — Ajude-me a encontrar e a dívida entre nós estará quitada. Depois, você segue seu caminho.

Ele assentiu, sorrindo um pouco.

— Como quiser.

Reva tirou algo do alforje e jogou para ele.

— Seu pai se esqueceu de ver se o Pregador tinha armas.

Arken revirou a faca nas mãos e puxou a lâmina para fora da bainha. Era uma arma longa e resistente, bem balanceada e com o punho de ébano entalhado para uma melhor empunhadura.

— Não sei usá-la. Meu pai não deixou que eu tivesse nem mesmo uma espada de madeira quando era mais novo.

Reva olhou para a chuva e, vendo que começava a se tornar uma garoa

fraca, agarrou as rédeas de Bufo para levá-lo para fora da fenda.

— Vou lhe ensinar.

Era como brincar com uma criança, uma criança quinze centímetros mais alta do que ela e com o dobro do seu peso, mas ainda assim uma criança. *Ele é tão lento*, ponderou Reva quando Arken tropeçou, errando o golpe com a faca embainhada por um braço de distância no momento em que ela se esquivou. Reva saltou nas costas do garoto e colocou sua própria faca na garganta dele.

— Tente de novo — disse ela, pulando para longe.

Ela percebeu um leve rubor no rosto de Arken quando ele se virou para encará-la, uma hesitação embaraçada no modo como segurava a faca. *Não é vergonha*, compreendeu ela. *Preciso parar de pular em cima dele*.

Nos quatro dias seguintes, Reva passou uma hora à noite e uma hora pela manhã tentando ensiná-lo o básico sobre o manejo de uma faca, mas concluiu que era uma tarefa quase impossível. Arken era grande e forte, mas não possuía a velocidade ou a agilidade necessária para igualar os esforços mais fracos dela. Ela acabou dizendo a ele para esquecer a faca e se concentrar no combate desarmado. O garoto saiu-se melhor, dominando as combinações mais simples de chutes e socos com relativa facilidade, inclusive acertando um golpe forte no braço de Reva enquanto treinavam.

— Desculpe-me — disse ele, arfando.

— Pelo quê? A culpa foi minha por ser tão... — Ela se abaixou sob a guarda dele, deu um tapa forte em seu rosto e esquivou-se para longe antes que ele pudesse reagir — Lenta. Basta por essa noite. Vamos comer.

Reva sabia que não deveria deixá-lo ficar e que estava cedendo à sua própria vontade, satisfazendo a necessidade por companhia humana que sentia desde que escapara de Al Sorna. Além disso, Arken assumira o papel de criado sem reclamar, acendendo a fogueira, cuidando dos cavalos e preparando as refeições com uma eficiência quase marcial. *Isso não é justo*, pensou Reva, observando-o cortar tiras de bacon e colocá-las em uma panela. *Não preciso da ajuda dele. E o modo como ele me olha...* Não era exatamente lascivo ou malicioso. Era mais uma espécie de ânsia. *É apenas um garoto*.

Avistaram o Forte Alto no dia seguinte, em um pico escarpado ao longe. Pelas histórias que ouvira, Reva esperara algo mais grandioso, maior, um castelo lendário digno do martírio de seu pai, mas a falta de encantamento tornou-se mais evidente à medida que se aproximavam. Havia grandes buracos nas muralhas e vãos irregulares nas ameias, como se algum gigante tivesse surgido e dado mordidas nas pedras. A estrada que levava aos portões era pontuada por trechos de pedras quebradas e lar de uma manada de cabras montanhesas de chifres longos, que se alimentavam das ervas que brotavam no calçamento e prestaram pouca atenção aos dois viajantes.

— É fantástico! — exclamou Arken, entusiasmado, ao chegarem diante do portão, erguendo um olhar para as muralhas. — Nunca pensei que uma torre pudesse ser tão alta.

Um rangido agudo de metal atraiu a atenção dos dois para uma porta no meio do portão, onde viram um rosto envelhecido espiando-os do interior sombreado.

— Não há nada aqui que valha a pena ser roubado — disse o velho.

Reva fez o sinal do Lâmina Fiel e viu a hostilidade desaparecer do rosto do homem.

— Melhor entrarem — disse ele, desaparecendo de novo no escuro.

O velho afastou-se quando ela entrou. Reva achou impossível adivinhar sua idade, mas sua melhor estimativa era mais de setenta anos, a julgar pelas rugas flácidas que dominavam as feições do homem. Ele usava uma roupa barata que não parecia ter sido lavada nos últimos meses e tinha o torso enrolado em um coberto puído. Carregava um cajado de sua altura, que, Reva suspeitou, servia mais como apoio do que como arma.

— Vantil — disse ele, apresentando-se. — E acho que sei quem você é. — Ele indicou Arken com a cabeça, que havia sido deixado do lado de fora com os cavalos. — Mas não sei quem ele é.

— Ele tem minha confiança — disse Reva.

Aquilo pareceu suficiente para Vantil, pois o velho começou a mancar em direção a um íngreme lance de escadas de pedra.

— Imagino que queira ver a câmara.

— Sim. — Reva notou que seu coração estava batendo mais depressa agora do que quando enfrentara o Pregador e seus irmãos. — Sim, eu gostaria.

Era apenas uma sala. Mesmo maior do que as outras salas pelas quais passaram no caminho, e em mau estado similar, ainda era apenas uma sala de pedra fria e sombria, vazia exceto por uma cadeira de espaldar alto voltada para a porta. A pedido de Reva, Vantil providenciou uma tocha, e ela começou a vasculhar as sombras, lançando a chama sobre as paredes, atrás dos pilares, debaixo da cadeira.

— Não deseja orar diante da cadeira? — perguntou Vantil, intrigado com o comportamento dela.

Reva ignorou a pergunta e completou uma primeira inspeção da sala, dando início a outra e outra. Cada canto da câmara foi examinado, cada possível esconderijo foi vasculhado, cada sombra foi banida pela tocha. *Nada*.

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntou a Vantil.

— Cheguei pouco depois da morte do Lâmina Fiel.

— Você deve saber o que busco aqui.

O velho encolheu os ombros.

— Oferecer preces ao Lâmina Fiel. Falar com o Pai no local de seu santo martí...

— Ele tinha uma espada. Aqui, nesta sala, quando morreu. Onde ela está?

Vantil só conseguiu sacudir a cabeça, aturdido.

— Não há espada alguma aqui. Conheço essa fortaleza melhor do que qualquer um. Tudo foi levado pelos soldados do Lâmina Negra ou pelos Guardas da Casa do Senhor Feudal.

— Lâmina Negra não pegou a espada — murmurou Reva. — Quando os homens do Senhor Feudal vieram?

— Eles vêm todos os anos para se certificarem de que não há peregrinos aqui. Nós nos escondemos nas montanhas até irem embora. A última visita foi há dois meses.

Tantos quilômetros para nada. A espada não estava ali. Os homens de Al Sorna não a tinham, o que deixava apenas o Senhor Feudal, em Alltor.

— Você tem algum lugar onde eu possa descansar esta noite? — perguntou Reva.

— O sangue do Lâmina Fiel é bem-vindo aqui por quanto tempo quiser. — O velho se remexeu por um momento, batendo com o cajado nas pedras algumas vezes. — As... preces? — perguntou ele.

Reva lançou um último olhar à câmara. *Uma cadeira vazia em uma sala vazia.* Nenhum sinal do Lâmina Fiel, nem mesmo uma pedra manchada de sangue para marcar sua morte. *Alguma vez ele pensou em mim?*, perguntou-se. *Ele ao menos sabia que eu estava viva?*

— O Pai conhece bem o tamanho do meu amor pelo Lâmina Fiel — disse ela a Vantil, encaminhando-se para a porta. — Também vou precisar de uma cama para o garoto.

CAPÍTULO QUATRO

Frentis

Ele encontrou um esconderijo nas colinas, a vários quilômetros da casa de campo; era um aglomerado de rochas no alto de uma elevação com uma vista desimpedida do deserto de vegetação rasteira ao redor, onde encontrou galhos suficientes para alimentar uma fogueira e construir um abrigo rudimentar. Ele soltou o garanhão, espantando-o em direção ao sul na esperança de que o animal levasse quaisquer perseguidores para longe. Ela continuou a sangrar naquela noite; filetes grossos e vermelhos escorriam de seu nariz, ouvidos e olhos, e a calça úmida indicava que ela também sangrava entre as pernas. Ele a despiu e limpou o sangue até o fluxo diminuir. A mulher jazia pálida, nua e desacordada, com a respiração fraca, sem movimentos de olhos ou gemidos que indicassem que ela pudesse estar sonhando. Ocorreu a Frentis que talvez ela jamais despertasse e, sendo assim, que ele ficaria sentado ali, velando o cadáver dela, pelo resto de sua vida. O domínio estava mais forte do que nunca, e a coceira desaparecera. Ele pertencia mais uma vez à mulher, embora ela estivesse indefesa, embora ele quisesse cravar sua faca no peito dela repetidas vezes. Em vez disso, Frentis cuidou dela, manteve-a aquecida e protegida contra o frio noturno, até que os olhos da mulher se abriram na manhã do terceiro dia.

Ela sorriu ao vê-lo, com gratidão brilhando em seus olhos.

— Eu sabia que você não me abandonaria, meu amado.

Frentis a encarou, esperando que ela visse o ódio em seu olhar, e não disse nada.

A mulher empurrou para o lado o manto que ele usara para cobri-la, espreguiçando-se e dobrando as pernas e os braços. Ela estava mais magra, mas ainda era esbelta e forte... e bela. Isso fez Frentis odiá-la ainda mais.

— Ah, não fique emburrado — disse ela com um gemido. — Foi uma necessidade. Para nós e para o Aliado. Você compreenderá com o tempo.

Ela fez uma careta ao ver sua roupa manchada de sangue, mas vestiu a camisa e a calça sem hesitação.

— Temos comida?

Frentis apontou para o único animal que conseguira caçar, uma cobra das rochas capturada, esfolada e cortada no dia anterior. Ele havia pendurado as tiras

de carne sobre uma fogueira baixa para defumá-las, achando o resultado surpreendentemente saboroso.

A mulher comeu o resto da cobra com prazer evidente, grunhindo enquanto mastigava e engolia.

— Você é realmente um homem de talentos infundáveis — disse ela quando terminou, com a gordura reluzindo em seus lábios. — Que belo esposo você dará.

Partiram para nordeste antes que ficasse quente demais. Uma poça rasa de chuva abrigada em uma fenda sombreada em meio às rochas forneceu um suprimento decente de água, embora fosse difícil seguir em frente com a alimentação parca dos últimos dias. Arrastaram-se pela vegetação rasteira por um dia e meio até avistarem a costa, e a mulher calculou que estavam uns trinta quilômetros ao norte de Alpira.

— O porto de Janellis fica a mais de meio dia para o norte — disse ela. — Precisaremos roubar alguma coisa agora que somos apenas mendigos esfarrapados.

Frentis não roubava nada de valor desde seus dias como batedor de carteira nas ruas de Varinshold; os roubos que fora encorajado a cometer durante o tempo que passara na Casa da Ordem haviam sido muito menos lucrativos. Ocorreu-lhe que suas habilidades não haviam lhe abandonado, pois algumas horas vagando pelas ruas de Janellis resultaram em duas bolsas cheias e um bom punhado de joias, suficientes para comprar roupas novas e alugar um quarto em uma estalagem discreta. Eram mais uma vez marido e mulher, dessa vez recém-casados e no auge da alegria conjugal, à procura de um navio para os portos setentrionais onde visitariam parentes. O estalajadeiro recomendou um mercador que zarparia para Marbellis na manhã seguinte.

— Eu estava esperando outra reação — disse a mulher naquela noite, deitada ao lado de Frentis. Ela havia sido mais gentil ao usá-lo naquele dia, beijando-o pela primeira vez e tentando transformar a intimidade deles em realidade, supôs Frentis. O domínio o forçou a retribuir, a beijá-la, acariciá-la e apertá-la junto a si quando ela estremeceu contra seu corpo. Depois, ela enroscou suas pernas nas dele, deslizando os dedos sobre os músculos rígidos da barriga de Frentis.

— A esposa e o filho do Esperança mortos em uma catástrofe flamejante — disse ela. — E ninguém fala nada.

Frentis desejou que a coceira retornasse, que trouxesse de volta a maravilhosa agonia libertadora que permitira que ele se *movesse*, que salvasse em vez de matar. Teve cuidado para manter a verdade afastada de seus pensamentos, mentalizando imagens que pudessem provocar culpa e desespero em um esforço para mascarar o verdadeiro desfecho da missão. *O agricultor, o estalajadeiro, o menino encarando-o...*

— Talvez o Imperador tenha abafado as notícias — ponderou a mulher. — Para poupar seu povo. Primeiro, o Esperança, e agora isso, bem quando ele está

prestes a anunciar uma nova escolha. Não que haja alguém para ser escolhido agora que aquela vadia está morta. — Ela soltou um risinho, sentindo a surpresa de Frentis. — Receio que eu não tenha sido completamente honesta, querido. Não era o nome do menino que estava na lista, mas o nome da mãe dele. Ele foi apenas uma pequena lição para você. Não, ela era o único nome que precisava ser riscado: Emeren Nasur Ailers, a escolha do Imperador para ser a nova Esperança, futura Imperatriz do Império Alpirano. — Ela deitou a cabeça no ombro dele, falando cada vez mais baixo ao cair no sono. — Não importa quem ele vai escolher agora que não há mais esperança...

A viagem até Marbellis levou outros oito dias, sempre mantendo a farsa do jovem casal apaixonado. A tripulação do mercador era animada, dada a piadas indecentes e a conselhos não solicitados a respeito dos deveres conjugais de Frentis, embora seu parco conhecimento da língua alpirana o forçasse a limitar suas respostas a risadas embaraçadas. À noite, quando a mulher terminava, Frentis usava a liberdade limitada que lhe era concedida para explorar a cicatriz onde a coceira havia queimado. Havia uma mudança inegável na textura, com a pele visivelmente mais lisa, e ele tinha a sensação de que a cicatriz crescera. No entanto, ainda não havia coceira nem ondas de dor libertadora. *Cresça*, implorava ele sem cessar, tentando controlar sua frustração para que a mulher não a percebesse.

Atracaram em Marbellis durante a maré matutina e trocaram despedidas e uma última rodada de gracejos estridentes com os marinheiros ao descerem a rampa.

— Certo. — A mulher virou-se para a cidade além do cais. — Hora de encontrar alguma escória.

Como todos os portos, Marbellis possuía distritos onde pés sensatos não pisavam. Em Varinshold, era todo o quadrante oeste; ali, era apenas um cortiço apertado de terraços amontoados ao redor do distrito dos armazéns. À medida que andavam pelas ruas, percebiam as evidências da ocupação da Guarda do Reino nos vãos dos terraços e nos trechos de paredes enegrecidas pelas cinzas. O movimento nas docas e a vivacidade da população mostravam que a cidade havia se recuperado muito nos anos passados desde a guerra, mas as partes mais pobres ainda exibiam as cicatrizes das batalhas.

— Dizem que mais de mil mulheres foram estupradas quando as muralhas caíram — comentou a mulher ao passarem por uma carcaça oca que outrora fora uma casa. — Muitas tiveram as gargantas cortadas depois. É assim que seu povo celebra vitórias?

Eu não estava aqui, Frentis quis dizer, mas segurou a língua. *Aqui ou não, não importa. Cada alma do exército foi maculada pela guerra de Janus.*

— Ah, culpa pelos crimes de outros... — Ela sacudiu um dedo na direção dele. — Inaceitável, meu amado. Realmente inaceitável.

A mulher escolheu uma taverna no beco mais escuro que conseguiram encontrar e pediu uma garrafa de vinho com uma demonstração chamativa de

dinheiro. Frentis e ela sentaram-se para esperar em uma mesa voltada para a porta. Várias pessoas, a maioria homens em estados variados de desalinho, levantaram-se e partiram poucos minutos após a chegada do casal, deixando-os sozinhos, exceto por um homem sentado em uma alcova, onde era possível ver a fumaça de seu cachimbo subindo em meio às sombras.

— Sempre escolha aquele que mais se demora em um lugar como esse — aconselhou a mulher, erguendo a taça de vinho para o homem na alcova e oferecendo-lhe um sorriso radiante. — Ele terá o faro mais aguçado para uma oportunidade.

O homem deu outra baforada no cachimbo, levantou-se e foi até a mesa em que estavam sentados. Ele era baixo e rijo, mas tinha um rosto de guerreiro e um sorriso melancólico onde faltavam vários dentes. Apesar de Frentis achar que o homem vinha de regiões setentrionais, ele falou com a mulher em alpirano.

— Eu falo a língua do Reino — retorquiu ela. — E, não, não preciso de folha-de-cinco, obrigada.

O homem inclinou a cabeça.

— Ah, então você está atrás de flor rubra. — Seu sotaque nilsaelino era carregado e familiar. Ele puxou uma cadeira para sentar-se à mesa e serviu-se de vinho. — É possível, mas é caro. Aqui não é como no Reino. O Imperador considera a flor rubra um grande mal.

— Não queremos comprar ... distrações. — Ela lançou um olhar furtivo pela taverna e abaixou a voz. — Precisamos de transporte para o Reino.

O homem rijo recostou-se na cadeira e soltou um grunhido divertido.

— Então, boa sorte. Navios alpiranos não atacam mais lá. Podem ter ouvido algo a respeito... Houve uma guerra...

A mulher inclinou-se para frente.

— Ouvi dizer que há... outros navios que podem ser alugados — disse ela, com a voz baixa e determinada. — Navios que não estão tão presos às restrições do Imperador.

O rosto do homem perdeu qualquer vestígio de humor.

— É uma conversa perigosa para uma forasteira — disse ele, com os olhos apertados.

— Eu sei. — A mulher baixou a voz até se tornar um sussurro. — Precisamos partir. Meu esposo... — Ela indicou Frentis com a cabeça. — Ele é do Reino. Nós nos conhecemos antes da guerra. As coisas eram tão mais fáceis naquela época. Nossa união foi abençoada pelos meus pais, mas agora... — A mulher colocou uma expressão pesarosa no rosto. — Os anos foram difíceis para nós desde a guerra, evitados tanto por minha família quanto pelos vizinhos. Talvez sejamos bem-vindos no Reino.

O homem rijo ergueu as sobrancelhas, dando um longo olhar para Frentis.

— Do Reino, é? De que região?

— Varinshold.

— Sim, posso ouvir na sua voz. O que o trouxe ao império? Você parece mais um soldado do que um mercador.

— Um marinheiro — disse Frentis. — Comecei como grumete quando as coisas ficaram difíceis. Precisei partir.

— Díficeis?

— Caolho.

— Ah... — O homem esvaziou a taça de vinho. — Um nome que conheço. Soube que ele morreu anos atrás?

— Sim. Não chorei por ele.

Um leve sorriso surgiu nos lábios do homem.

— Posso ter um ou dois nomes para vocês, mas tem um preço.

— Podemos pagar — assegurou-lhe a mulher, mostrando a bolsa cheia.

O homem coçou o queixo, fingindo considerar cuidadosamente a questão, e então assentiu.

— Esperem aqui. Voltarei quando o nono sino tocar.

A mulher observou-o partir e virou-se para Frentis com uma sobrancelha erguida.

— Caolho?

Frentis bebeu um pouco de vinho e nada disse até ela o obrigar.

— Minhas cicatrizes — sibilou ele em meio à dor. — Foi ele quem me deu minhas cicatrizes. Meus irmãos o mataram por causa disso.

— Então você foi um dos usados pelo Mensageiro — sussurrou ela, afrouxando o domínio. Havia uma seriedade em sua voz, uma compreensão indesejável. O olhar que lançou a Frentis foi de um intenso escrutínio, como fizera no templo, mas dessa vez ela o poupou da tortura. Ela piscou após um momento e sacudiu a cabeça, dando tapinhas na mão dele. — Perdoe minhas dúvidas, amado, mas os séculos me deixaram cautelosa.

A mulher levantou-se, ajustando a espada curta sob o manto.

— É melhor esperarmos nosso benfeitor em outro lugar.

Eles subiram no telhado de uma choupana com vista para o beco e esperaram. O homem retornou muito antes do nono sino com quatro companheiros grandes e fortes. Eles entraram correndo na taverna e saíram quase tão rapidamente. O maior dos companheiros voltou-se para ele com ameaças sussurradas acompanhadas de fortes empurrões no peito.

— Não mate nenhum — sussurrou a mulher. — E não deixe nosso benfeitor inconsciente.

Frentis sabia por experiência própria que quanto maior e mais agressivo era um homem, pior era sua capacidade para lutar. Homens grandes, especialmente envolvidos em atividades criminosas, eram mais acostumados à intimidação do que ao combate. Logo, não se surpreendeu quando o homem atrás do qual aterrissou não conseguiu desviar do golpe que o atingiu na base do crânio ou quando seu companheiro ainda maior simplesmente permaneceu boquiaberto e não conseguiu reagir ao chute giratório que o acertou na lateral da cabeça. O terceiro, que menos impressionava fisicamente, conseguiu sacar a faca antes que um soco da mulher encontrasse o centro nervoso atrás de sua orelha. O quarto foi rápido o suficiente para brandir um porrete contra a mulher. Ela se abaixou para evitar o golpe, desferiu um chute para trás que esmigalhou a rótula de um joelho

do homem e terminou com um golpe na têmpera.

Ela sacou a espada e avançou sobre o homem rijo, agora encolhido de medo contra a parede do beco, com as mãos erguidas e desviando os olhos. A mulher colocou a ponta da espada debaixo do queixo do homem e o forçou a erguer o rosto.

— Queremos aqueles nomes agora.

— Isso deveria me impressionar? — O contrabandista olhou para o corpo espancado e ensanguentado do homem rijo com um misto de desdém e divertimento. Após alguma persuasão, ele os levava até um armazém aparentemente repleto de baús de chá. O contrabandista e vários membros da tripulação estavam jogando dados atrás de uma falsa parede. Ele era um homem corpulento e falava com um sotaque meldeneano, mantendo um sabre à mão. Seus companheiros também estavam armados.

— Isso é uma demonstração — disse a mulher, jogando uma bolsa cheia para o contrabandista. — Das consequências de não cumprir um acordo.

O contrabandista contemplou a bolsa por um momento e deu um chute nas costas encolhidas do homem rijo.

— Este aqui anda com outros quatro... Onde eles estão?

— Estavam com sono. — A mulher ergueu a bolsa remanescente e um punhado dos braceletes adornados com joias que Frentis roubara. — São seus quando chegarmos ao Reino. Esse homem disse que você vai fazer outra viagem para escapar dos coletores de impostos do Rei. Considere-nos apenas uma carga extra.

O contrabandista guardou o pagamento e acenou para dois homens de sua tripulação, indicando o homem rijo com a cabeça. Eles levantaram e arrastaram o homem para os recônditos sombrios do armazém.

— Fico grato pelo negócio, mas ele não deveria ter contado meu nome.

— Já esqueci seu nome — assegurou-lhe a mulher.

A embarcação do contrabandista era pouco maior do que as barcaças de rio que Frentis lembrava de ter visto na infância, mas com um casco mais fundo e uma vela mais alta. A tripulação era composta por apenas dez homens, além do capitão, que realizavam suas tarefas com eficiência silenciosa e sem a conversa indecente dos marinheiros do mercador. Frentis e a mulher foram encaminhados a uma pequena seção do convés próxima da proa com a ordem de ficarem ali; refeições eram trazidas até eles e nenhum dos contrabandistas tentou conversar. Foi uma viagem medonha, em nada melhorada pela voz incessante da mulher e por uma neblina densa que surgiu no meio do Mar Erineano no quarto dia de travessia.

— Só estive no Reino uma vez — disse a mulher. — Isso deve ter sido, ah, não sei, talvez um século e meio atrás. Os videntes haviam identificado um nobre

que provavelmente planejaria sua ascensão ao trono dentro de alguns anos. Foi uma morte bastante fácil. O homem era um porco governado por seus apetites. Bastou fazer o papel de prostituta. Eu o matei antes que pudesse me tocar, é claro. Um único soco no meio do peito, uma técnica difícil que eu vinha tentando dominar havia anos. Foi estranho, mas o Aliado não ordenou a morte de Janus quando ele começou a ganhar destaque. Parece que seu rei louco encaixava-se perfeitamente nos planos dele.

O nevoeiro começou a dissipar-se no início da sétima noite, revelando o litoral meridional do Reino alguns quilômetros a bombordo. O capitão ordenou uma mudança de curso, rumando o pequeno navio para oeste. Frentis esquadrinhou a costa enevoadá até avistar uma solitária coluna de rocha em uma angra estreita.

— Algo interessante? — perguntou a mulher, sentindo o reconhecimento dele.

— O Velho da Queda de Uhlla — respondeu ele.

— O que isso significa?

— Que estamos quase cinquenta quilômetros a leste de Torre Sul.

— Podemos desembarcar aqui?

Os Lobos Corredores haviam passado os meses anteriores à concentração das tropas em Torre Sul perseguindo contrabandistas ao longo da costa, e Frentis sabia que o canal ao redor do Velho era estreito demais para um navio, mas um caminho fácil para o barco a remo do contrabandista. Ele assentiu.

— O capitão primeiro — disse a mulher, indo até os degraus que levavam ao porão. — Cuidarei do convés inferior.

Apesar de toda a inclemência e do físico impressionante, o capitão mostrou-se um oponente fraco, mal conseguindo aparar um golpe com seu sabre antes que a espada curta o atingisse no peito. O imediato foi um adversário mais difícil, defendendo-se com um croque durante vários segundos e gritando por ajuda enquanto praguejava em uma língua que Frentis não conhecia. Contudo, pragas e coragem não lhe ajudaram. Ele custou a morrer, mas, tal como o resto da tripulação, morreu.

— Por que é chamada de Queda de Uhlla? — perguntou a mulher. Eles estavam nas falésias que davam para a angra, tendo abandonado o barco a remo na praia de cascalhos abaixo. Para além do Velho, o navio dos contrabandistas cortava as águas em direção às rochas abaixo dos penhascos após a cana do leme ter sido presa pelos nós mais firmes que a mulher pôde dar.

— Nunca pensei em perguntar — respondeu Frentis, não se importando com o fato de que ela podia perceber a mentira. Caenis lhe contara a história; a angra havia recebido esse nome devido a uma mulher que fora deixada sofrendo de amores quando seu homem foi chamado ao mar para servir em uma guerra de algum rei esquecido. Todos os dias, ela escalava os flancos traiçoeiros do Velho e ficava de pé no topo, esperando pelo retorno do amado. Por semanas e meses ela escalou as pedras, sob sol e chuva, neve e ventania. Então, um dia, o

navio de seu amado surgiu no horizonte. Quando conseguiu vê-lo acenando na proa, a mulher lançou-se do Velho, encontrando a morte nas rochas, pois o homem havia sido infiel antes de partir, e a mulher queria que ele testemunhasse seu fim.

Observaram o navio levar a tripulação sem vida até as rochas, onde o casco se quebrou com um estrondo retumbante e a vela foi arrastada para as ondas pelo mastro oscilante. Metade da embarcação já havia afundado quando eles se viraram para seguir em frente. A noite caía depressa e uma brisa constante açoitava seu rosto com o frio do mar.

— Seu rosto é conhecido em Torre Sul? — perguntou a mulher.

Desta vez, a resposta foi sincera.

— Duvido que alguém se lembre de mim. — Com Vaelin Al Sorna presente quando o grande exército do Rei reuniu-se para a invasão, quem se recordaria de outro irmão da Sexta Ordem? Frentis estimava todas as suas lembranças de Vaelin, mas sabia que estar ao lado dele em uma multidão era o mesmo que ser invisível.

A viagem até Torre Sul durou toda a noite; a mulher não tinha a menor intenção de se demorar perto de um naufrágio que sem dúvida logo atrairia caçadores de riquezas. O sol erguia-se acima dos telhados da cidade quando pararam para descansar. A Torre Sul, estrutura que dava nome ao lugar, era cercada por muralhas e erguia-se acima das outras construções como uma lança esguia com ameias apontada para o céu matutino. Eles entraram pelo portão oeste, ainda como marido e mulher. Frentis notou que a mulher parecia ter aberto mão dos outros disfarces e perguntou-se se ela passara a crer que o papel de marido e mulher era verdade.

Os guardas no portão foram meticulosos na revista, mas não encontraram quaisquer armas, pois suas espadas haviam sido escondidas em um monte coberto de relva a um quilômetro e meio dali. Eles levavam apenas dinheiro suficiente para entrar na cidade. Um guarda indagou sobre o sotaque curioso da mulher, mas Frentis explicou que ela provinha dos Confins do Norte, o que pareceu satisfazer o homem. Receberam permissão para entrar com um aviso severo de que não era permitido vadiagem dentro das muralhas e de que teriam de partir ao soar do décimo sino caso não conseguissem encontrar alojamentos.

Quando Frentis zarpara seis anos antes, Torre Sul possuía todo o movimento e o barulho de um porto próspero, com o cais apinhado de navios que aguardavam para transportar o exército através do Mar Erineano. Agora era um lugar mais silencioso, com ruas livres das carroças carregadas e dos mercadores de que se lembrava e no máximo uma dúzia de navios atracados no porto. *Não há mais sedas nem especiarias*, pensou Frentis, recordando-se das cores e dos aromas do mercado. *Janus nos custou mais do que apenas sangue*.

Encontraram uma estalagem nos arredores da torre, onde fizeram uma refeição servida por uma mulher gorda e alvoroçada cuja energia provinha do fato de ter pouco com o que ocupar seu tempo.

— Os Confins do Norte? — perguntou ela, arrebatada, para a mulher. — Está bem longe de casa, querida.

A mulher agarrou a mão de Frentis, acariciando o dorso dela com o

polegar.

— Eu teria atravessado o mundo inteiro se ele pedisse.

— Ah, não é uma graça? Eu já achei muito atravessar uma sala até o sujeito com quem me amarrei. — A história comovente rendeu-lhes uma porção grátis de torta de maçã e um desconto no valor do quarto.

Ele não foi usado naquela noite. A mulher ficou sentada na cama, em silêncio e imóvel, enquanto Frentis permaneceu junto à janela observando a rua. Ela estava tensa de uma maneira que Frentis não vira antes, com uma cautela em seu olhar. *Ela não sabe o que vai acontecer*, concluiu.

Ela o olhou com repreensão, mas não o torturou. A mulher raramente o machucava agora, e o escrutínio intenso ocorrido na taverna em Marbellis não se repetiu. *Ela acha que sou dela*, pensou. *Como um cão castigado até obedecer*. Suas mãos ansiavam por explorar mais uma vez a cicatriz, por sentir a carne lisa e curada que quebrava o padrão. Frentis mantinha o desejo em sua mente o mais silencioso possível, mas sem jamais vacilar: *Cresça!*

A lua já havia surgido quando uma sombra caiu sobre as pedras da rua; o dono invisível movia-se despreocupado e com calma. Frentis virou-se para a porta e a mulher levantou-se. Estavam desarmados pela primeira vez desde que conseguia se lembrar e imaginou se isso seria por acidente ou proposital.

Ouviu-se uma batida leve na porta, e a mulher fez um sinal com a cabeça para que Frentis a abrisse. O homem do lado de fora tinha a mesma altura de Frentis, embora fosse pelo menos uma década mais velho, com feições afiladas, mas belas, e o cabelo escuro puxado para trás. Ele usava roupas simples e botas resistentes, gastas por muitos quilômetros de viagem. Também estava desarmado, mas Frentis sabia reconhecer um guerreiro. Era evidente pela postura dos ombros e pelo modo como seus olhos verdes notaram cada detalhe do quarto com um único olhar, demorando-se primeiro em Frentis e depois na mulher, encontrando instintivamente a maior ameaça.

— Entre, por favor — disse a mulher.

O homem entrou devagar, mantendo-se próximo à janela e a alguma distância da mulher.

— Ele nos teme, amado — comentou a mulher quando Frentis fechou a porta.

Um lampejo de raiva passou pelo rosto do homem.

— Temo apenas a perda do amor do Pai — disse ele, com um sotaque refinado e claramente cumbraelino.

A mulher soltou um leve suspiro de aversão, mas não deixou qualquer escárnio transparecer em seu tom.

— Você tem nome?

— Meu nome diz respeito apenas ao Pai.

Frentis ouvira isso antes, quando estavam atrás dos fanáticos ladrões de crianças em Nilsael. O grupo havia sido liderado por um sacerdote excomungado da Igreja do Pai do Mundo por heresia, mas que ainda se considerava um sacerdote em sua própria mente, gritando suas preces antes que Dentos atravessasse seu olho com uma flecha.

A mulher virou-se para ele com uma sobrancelha erguida ao sentir a

lembrança de Frentis.

— Ele é um sacerdote — disse a ela. — Eles abandonam seus nomes de nascimento quando são ordenados. A igreja dá um nome novo a cada um, conhecido apenas por eles e por seu deus.

Uma nova onda de desdém crispou os lábios da mulher, que deu um sorriso forçado para o sacerdote.

— Suponho que grandes promessas foram feitas em troca de sua ajuda.

— Não foram feitas promessas, e sim garantias. — O homem ficou agitado e corou. — Foram dadas provas. Vocês executam a obra do Pai. Não é verdade?

Frentis podia ver que a mulher estava abafando uma risada.

— É claro. Perdoe minhas palavras, ditas para testá-lo, mas precisamos ser cuidadosos. Os... servos do Pai do Mundo têm muitos inimigos.

— Com rostos diferentes, ao que parece — disse o sacerdote em um sussurro.

— Disseram-me que você teria notícias — prosseguiu a mulher. — Sobre Al Sorna.

— Ele estava em Varinshold no mês passado. O Rei herege o enviou para os Confins do Norte como Senhor da Torre.

— Ouvi falar sobre um plano... Algo fatal ou prejudicial.

— Havia. Os resultados foram... inesperados.

— Geralmente são quando dizem respeito a ele.

— Foram tomadas providências. Os Confins não ficam tão longe. — Ele pegou uma pequena carteira de couro, colocou-a na cama e recuou.

A mulher pegou a carteira e examinou rapidamente o conteúdo.

— Minha lista está completa — disse ela. — Temos um compromisso em Varinshold.

— Outro nome foi acrescentado à lista. Embora minhas habilidades estejam à altura da tarefa, o Mensageiro insistiu que fosse deixada para você. O Senhor da Torre da Costa Sul se protege bem, mas há ocasiões em que fica vulnerável.

A mulher retirou uma folha da carteira, na qual havia a imagem de uma chama branca sobre um fundo negro. Frentis a conhecia bem; os fanáticos que os Lobos Corredores perseguiram desfiguravam os lares dos Fiéis com essa imagem após matarem os pais e roubarem as crianças. Era a Chama Pura do Amor do Pai do Mundo.

— Disseram-me para informar a você que o Senhor Feudal não será o bastante — disse a mulher. — A vadia também precisa morrer.

O sacerdote a olhou dos pés à cabeça, com animosidade nos olhos e a voz tomada por uma convicção virtuosa.

— Todas as vadias precisam morrer.

Ela se moveu em um borrão e apareceu na frente do homem, a centímetros do seu rosto, com as mãos abertas em prontidão.

O sacerdote deu um passo involuntário para trás antes de se controlar.

— Quando eu lhe vir novamente, talvez providencie um encontro seu com esse deus de que gosta tanto — disse ela.

O sacerdote olhou de um para o outro, e Frentis teve uma sensação de quão ameaçadores deviam parecer: a mulher com sua fúria, ele com seu silêncio. *Ele*

não faz ideia do que somos, percebeu. Não compreende a verdadeira natureza desse acordo.

O sacerdote andou até a porta em silêncio e partiu sem dizer uma palavra.

— Mate aquela porca que fica lá embaixo — ordenou a mulher. — Ela se lembraria de nós.

— Seu reino é um lugar insano — comentou a mulher na manhã seguinte, observando o Senhor da Torre da Costa Sul e sua senhora darem esmolas aos pobres. Havia apenas dois guardas presentes, apesar do grande número de mendigos enfileirados em frente ao portão da torre.

— Em Volaria, ninguém passa fome — prosseguiu ela. — Escravos famintos são inúteis. Aqueles que são preguiçosos ou burros demais para lucrar o suficiente para se alimentarem são transformados em escravos para que possam gerar riqueza aos mercedores de liberdade e, em troca, são alimentados. Aqui, seu povo está preso à própria liberdade, livre para morrer de fome ou pedir esmolas aos ricos. É revoltante.

Nem sempre houve tantos, pensou Frentis, mas não disse nada. Eu era um dos poucos, embora jamais tenha mendigado.

Eles roubaram alguns farrapos de dois vagabundos bêbados que encontraram desmaiados em um beco do porto, enrolaram as vestes fedorentas sobre as próprias roupas e esconderam seus rostos com terra e tecidos puídos. A cozinha da estalajadeira gorda havia fornecido duas boas facas com aço, recém-aafiadas, que foram escondidas sob os farrapos.

O Senhor da Torre estava ao lado de uma mesa com pilhas altas de roupas limpas, cumprimentando cada desafortunado com um sorriso e uma palavra gentil e dispensando agradecimentos com um aceno de mão. Sua senhora atendia as crianças, entregando-lhes doces ou guiando-as com suas mães, caso tivessem, a uma fila secundária encabeçada por dois irmãos em mantos cinzentos da Quinta Ordem.

Cresça, implorou Frentis à coceira ao entrarem na fila, chegando cada vez mais perto do Senhor da Torre. Contudo, não houve resposta da coceira, como não houvera na noite anterior, quando segurara um travesseiro sobre o rosto adormecido da mulher gorda.

— Cuide dos guardas — sussurrou a mulher. — O sujeito generoso é meu. Ah, como detesto hipocrisia!

Cresça!

O rosto do Senhor da Torre era vagamente familiar, mas Frentis não conseguiu lembrar-se de seu nome. Haviam se conhecido durante a guerra? Uma Espada do Reino que fora poupada da matança e retornara ao lar para assumir o Senhorio e fazer caridade? O homem cumprimentava cada desafortunado de modo diferente, sem frases feitas ou sociabilidade forçada, alguns até mesmo pelo nome.

— Arkel! Como está a perna? Dimela, ainda longe da bebida, imagino?

Cresça!

Frentis levou a mão para baixo dos farrapos, agarrando o cabo de sândalo

da faca.

— Ah, novos rostos... — disse o Senhor da Torre, sorrindo, quando eles chegaram à frente da fila. — Bem-vindos, amigos. Como posso chamá-los?

CRESCA!

— Hentes Mustor — disse a mulher, alto o bastante para que toda a multidão pudesse ouvir.

O Senhor da Torre franziu o rosto.

— Eu não...

O primeiro golpe desferido pela mulher não foi letal, e sim destinado a causar o maior choque possível entre os pobres presentes; aquilo era tanto uma encenação quanto um assassinato. O Senhor da Torre sufocou um grito doloroso e espantado quando a lâmina entrou em seu ombro. A mulher a arrancou e gritou “Em nome do Lâmina Fiel!” antes de cravá-la no coração do homem. O Senhor da Torre, que sem dúvida já fora soldado, conseguiu erguer o braço a tempo de bloquear a faca, e a lâmina afundou em seu antebraço.

Os dois guardas recuperaram-se do choque e investiram com as alabardas apontadas, mas o primeiro desabou no chão quando a faca arremessada por Frentis encontrou o vão em sua armadura entre o peito e o pescoço. Frentis avançou, agarrou a alabarda caída e desferiu um golpe contra o segundo guarda. Porém, a apara foi rápida, e o homem reagiu com uma estocada precisa, quase trespassando a coxa de Frentis, mostrando-se um veterano. Ele conseguiu desviar e respondeu com um golpe giratório nas pernas do guarda, fazendo-o desabar.

Frentis virou-se ao ouvir um grito e viu a mulher avançando sobre o Senhor da Torre, agora caído de costas, sangrando em profusão por ambos os ferimentos e usando as pernas para tentar empurrá-la para longe.

— Morra, herege! — gritou a mulher, erguendo a faca. — Esse é o destino dos inimigos do Pa...

Dois braços magros a envolveram, puxando-a para trás. Era uma das mendigas esfarrapadas, a alcoólatra que o Senhor da Torre conhecia pelo nome e chamara de Dimela.

A mulher jogou a cabeça para trás contra o rosto de Dimela, quebrando os dentes dela em um jorro de sangue. A mendiga urrou, mas continuou a segurá-la com firmeza. Mais braços se estenderam para conter a mulher que atacara o Senhor da Torre: um velho agarrou-lhe as pernas, um aleijado desferiu um golpe com a muleta contra o diafragma dela e mais e mais se aproximaram até não ser mais possível vê-la em meio ao amontoado de farrapos e carne suja.

Por favor!, implorou Frentis. *Morra, por favor!*

O domínio queimou com mais intensidade do que nunca. *AJUDE-A!*

Ele desferiu um chute forte contra o elmo do guarda caído e investiu contra a turba de pobres que se debatia, girando a alabarda com eficácia mortal e abatendo quatro mendigos em poucos segundos enquanto tentava abrir caminho à força. Ele ainda esperava que o domínio desaparecesse de repente quando os mendigos arrancassem a vida da mulher.

Ele estava a meio caminho entre a multidão quando uma rajada de calor e chamas abriu um buraco no meio da turba. As pessoas recuaram, aturdidas e com dores, soltando gritos de pânico em meio à fumaça repentina.

Frentis abriu caminho pelo público remanescente e estupefato e encontrou a mulher de joelhos, ensanguentada como sabia que ela estaria, tanto pelo uso do dom roubado como pelos golpes que a turba lhe dedicara. O rosto dela era uma máscara vermelha de malícia e fúria. Atrás dela, o corpo de Dimela jazia em um emaranhado de trapos e carne carbonizados. Frentis ergueu a mulher, e eles fugiram.

— Cento e setenta e dois anos — disse ela em voz baixa, reflexiva, com fúria ainda brilhando em seus olhos. — É quanto tempo desde que falhei pela última vez, amado.

Frentis conhecera muitos esgotos em sua época, que serviam como ótimos refúgios ou rápidos atalhos sob as ruas de Varinshold, e posteriormente ajudara Vaelin a capturar Linesh pelos canais subterrâneos e cheios de bosta da cidade. O esgoto em que se encontravam era o mais limpo em que jamais estivera, além de mais largo, com uma alvenaria bem acabada e uma ou duas plataformas onde descansar. No entanto, o fedor era exatamente como ele se lembrava.

Fugir pelas ruas teria sido o mesmo que cometer suicídio com a Guarda do Sul circulando em grande número, de maneira que Frentis seguiu seus instintos e arrastou a mulher para os esgotos. Acompanharam o fluxo até as desembocaduras no porto e esperaram a chegada da noite, quando a maré permitiria que escapassem a nado.

— Cento e setenta e dois anos. — A mulher olhou para Frentis, suplicando uma resposta e liberando-o do domínio.

Ela quer ser consolada, pensou ele. *Compaixão pela sua tentativa fracassada de assassinato*. Não foi a primeira vez que se pegou pensando no tamanho da loucura da mulher.

— Há uma diferença — disse ele.

Ela não entendeu, sacudindo a cabeça e fazendo sinal para que Frentis continuasse.

Pela primeira vez em semanas, ele sorriu.

— Entre um mendigo faminto e um escravo saciado.

CAPÍTULO CINCO

Vaelin

— Nossa patrulha estima que sejam cerca de quatro mil. Atravessando o gelo aqui. — O dedo do Capitão Adal indicou um ponto no mapa aberto na mesa. — Estavam seguindo uma rota para sudoeste.

— Da última vez, eles foram direto para a Torre Norte — disse Dahrena. — Matando tudo o que encontravam em seu caminho.

— Quatro mil — disse Vaelin. — Um contingente grande, mas longe de ser uma Horda.

— É apenas o grupo de vanguarda, sem dúvida — retorquiu Adal. — Parece que aprenderam uma lição com a última tentativa.

— Pelo o que entendi, a Horda foi aniquilada na última tentativa que fizeram.

— Houve sobreviventes — disse Dahrena. — Algumas centenas, mas apenas mulheres e crianças. Meu pai deixou que partissem, embora muitos tenham pedido que fossem mortos. Sempre nos perguntamos se havia mais aguardando do outro lado do gelo.

Adal empertigou-se, virando-se para Vaelin e falando com formalidade.

— Meu senhor, peço permissão para soar o toque de concentração.

— Concentração?

— Todos os homens em idade de lutar serão chamados às armas. Dentro de cinco dias, teremos seis mil homens armados, além da Guarda do Norte.

— Também mandaremos mensagens aos eorhil e aos seordah — acrescentou Dahrena. — Se responderem como antes, o exército inteiro contará com mais de vinte mil homens, mas demoraremos semanas para reuni-los. Tempo suficiente para a Horda atravessar enquanto o grupo de vanguarda devasta os povoados ao norte.

Vaelin reclinou-se na cadeira e olhou atentamente para as linhas que Adal traçara no mapa. Haviam cavalgado depressa para voltarem à torre antes do anoitecer, onde Adal selecionou um dos mapas mais detalhados dos Confins entre a coleção que havia na Câmara do Senhor. Ouvia-se o tumulto de homens preparando-se para a guerra, com a Guarda do Norte e os homens do Capitão Orven afiando suas lâminas e selando seus cavalos. Vaelin esperara que os dias

de mapas e planos de batalha tivessem ficado no passado e que nos Confins não houvesse mais necessidade de orquestrar matanças, mas, como sempre, a guerra dera um jeito de encontrá-lo. Ele se consolava um pouco com o fato de que a canção do sangue estava estranhamente silenciosa, não completamente inerte, mas sem a urgência estridente de que se lembrava quando planejava o ataque ao Oásis Lehlun, o plano que custara a vida de Dentos.

— Quão forte era a Horda quando atacou? — perguntou ele.

— Só podemos supor, meu senhor — respondeu Adal. — Eles se moviam em uma grande massa e não tinham fileiras ou regimentos. A história oficial do Irmão Hollun estima um número acima de cem mil, incluindo crianças e idosos. Estava mais para uma nação do que para um exército.

— Os povoados ao norte foram avisados?

Dahrena assentiu.

— Mensageiros foram enviados assim que as notícias chegaram. Irão preparar suas próprias defesas, mas são poucos e não resistirão por muito tempo sem ajuda.

— Muito bem — disse Vaelin, levantando-se. — Capitão, soe seu toque de concentração. Escolha bons homens para cuidar do recrutamento e preparem a torre e a cidade para um cerco. Conduziremos a Guarda do Norte e os homens do Rei ao norte para dar o auxílio que pudermos aos moradores dos povoados.

— Mais da metade dos guardas está postada pelos Confins afora — observou Adal, olhando brevemente para Dahrena. — Isso nos deixa com apenas mil e quinhentos homens.

— Melhor ainda. — Vaelin pegou o embrulho de lona em cima da mesa e dirigiu-se para a escadaria. — Cavalgaremos muito mais rápido. Senhora Dahrena, compreendo que possa desejar permanecer aqui, mas devo pedir que nos acompanhe.

Dahrena franziu o rosto, surpresa, e Vaelin notou que ela estivera preparando um argumento contra ser deixada para trás.

— Eu... os acompanharei com prazer, meu senhor.

Cavalgaram depressa enquanto a escuridão não se adensava, acampando nos contrafortes cerca de trinta quilômetros ao norte da torre. Alornis estava furiosa quando se despediu de Vaelin nos degraus da torre, mas ele permaneceu inflexível.

— Uma batalha não é lugar para uma artista, irmã.

— E o que devo fazer? — perguntou ela. — Ficar sentada durante dias, preocupada com seu destino?

Ele pegou as mãos da irmã.

— Duvido que essas mãos consigam ficar desocupadas. — Deu-lhe um beijo na testa e foi até um guarda que segurava as rédeas de Chama. — Além disso, preciso que você seja vista por aqui — disse Vaelin, montando na sela. — A presença da irmã do Senhor da Torre tranquilizará a população. Sem dúvida muitos pedirão notícias. Diga-lhes que tudo está sob controle.

— E está?

Vaelin trotou para perto dela, abaixando-se na sela e falando em voz baixa:

— Não faço ideia.

A Guarda do Norte tinha habilidade e montou acampamento dentro do que pareceram ser alguns momentos, acendendo fogueiras, amarrando cavalos, empilhando selas e montando piquetes sem quaisquer ordens ou instruções gritadas pelo Capitão Adal. A Guarda do Rei era um pouco diferente, com suas fogueiras e tendas devidamente alinhadas, além de uma inspeção final feita pelo Capitão Orven, que multou dois homens por não polírem direito seus peitorais.

— Bem melhor do que o deserto, não é, meu senhor? — perguntou o capitão, juntando-se a Vaelin na fogueira que dividia com Dahrena e Adal. Ele havia encontrado uma pele de lobo em algum lugar e jogado-a sobre os ombros antes de soprar as mãos.

— Você esteve na Colina Sangrenta? — perguntou Vaelin.

— Estive. Foi minha primeira batalha, na verdade. Fui atingido por uma lança alpirana na perna durante a última investida, para minha sorte. Os curandeiros me levaram para Untesh e me colocaram em um navio para o Reino. Do contrário, eu teria estado ao lado do Rei quando a cidade caiu.

— Eles mataram todos, exceto ele, não? — perguntou Dahrena.

— De fato, minha senhora. Sou o único sobrevivente de todo o meu regimento.

— Parece que os alpiranos são tão selvagens quanto a Horda — comentou Adal. — Meu povo tem muitas histórias da opressão que sofreu nas mãos dos Imperadores.

— Eles não eram selvagens — disse Vaelin. — Estavam bravos. E por uma boa razão. — Ele se virou para Dahrena. — Preciso saber mais sobre a Horda. Quem são eles? O que querem?

— Sangue — disse Adal. — O sangue de qualquer um que não tenha nascido na Horda.

— É essa a crença deles? Morte a todos os forasteiros?

— É o que praticam. Nunca soubemos como é sua crença. A língua que falam parece um balbucio de cliques e rosnados, e todos os prisioneiros que fizemos eram selvagens demais para serem mantidos vivos por tempo suficiente para que conseguíssemos entendê-los.

— Ouvi dizer que eles usam feras — disse Orven. — Gatos gigantes e falcões.

— Isso é verdade — disse Adal. — Fomos afortunados por nunca terem mais do que algumas centenas dos gatos. Não é fácil permanecer em fileiras diante de uma investida daqueles monstros, acredite. Já os falcões-lanceiros existem aos milhares, mergulhando do céu aos gritos para cravar suas garras em nossos olhos. Até hoje é possível ver muitos homens usando tapa-olho.

— Como vocês os derrotaram? — perguntou Vaelin.

— Como é vencida qualquer batalha, meu senhor? Com coragem, aço e... — Adal olhou para Dahrena com um sorriso discreto. — Informações confiáveis sobre as posições do inimigo.

Vaelin ergueu as sobrancelhas para ela.

— Informações confiáveis?

Dahrena deu um bocejo forçado e levantou-se.

— Se os senhores me dão licença, preciso descansar para a viagem de amanhã.

Após mais dois dias de cavalgada, chegaram ao primeiro povoado, avistando uma paliçada ao redor de um aglomerado de moradias à sombra de uma montanha escarpada, cujas encostas meridionais eram marcadas por várias minas. Foram saudados no portão por um sargento da Guarda do Norte e por um feitor muito preocupado.

— Alguma notícia, minha senhora? — perguntou o feitor a Dahrena, remexendo as mãos suadas. — Quanto tempo até caírem sobre nós?

— Ainda não vimos qualquer sinal deles, Idiss — assegurou-lhe Dahrena. Uma tensão em sua voz indicava uma óbvia aversão. Ela fez um gesto indicando Vaelin. — Não vai cumprimentar seu Senhor da Torre?

— Ah, é claro. — O homem fez uma mesura apressada para Vaelin. — Perdão, meu senhor. Bem-vindo ao Monte de Myrna. Estamos *muito* felizes em lhe ver.

— Alguma notícia dos outros povoados? — perguntou Vaelin.

— Nenhuma, meu senhor. Temo por eles.

— Então é melhor não perdermos tempo. — Vaelin deu meia-volta com Chama diante do portão, mas foi contido pelo feitor, que agarrou as rédeas.

— Certamente não pode nos deixar, meu senhor. Temos apenas duzentos mineiros com espadas e uma dúzia de Guardas do Norte.

Vaelin olhou para a mão do homem nas rédeas até que ele a removeu.

— Bem lembrado, senhor. — Ele ergueu o olhar para o sargento da Guarda do Norte. — Reúna seus homens. Partirão conosco.

O sargento lançou um olhar para Adal, recebendo um aceno de cabeça como resposta, e partiu para reunir seus homens.

— O senhor nos deixará indefesos! — gritou Idiss. — Expostos diante da Horda.

— Você tem minha permissão para ir para Torre Norte — disse-lhe Vaelin. — A estrada atrás de nós está segura. Mas, se você se importa com esse lugar e seu povo, talvez prefira ficar e lutar por eles.

Ao que parecia, Idiss tinha um cavalo veloz, que ergueu uma nuvem de poeira considerável ao galopar para o sul.

— O líder da Guilda dos Mineiros concordou em assumir a feitoria — informou Dahrena, saindo pelo portão uma hora depois. — Por insistência minha, eles também armaram as mulheres, chegando a trezentas e cinquenta espadas para defender a muralha. — Ela montou em sua égua e encarou Vaelin. — Idiss é covarde e ganancioso, mas ele tem razão. Se a Horda vier, esse lugar cairá dentro de uma hora, no máximo.

— Então cabe a nós garantir que eles jamais cheguem aqui. — Vaelin deu uma ordem para as fileiras de cavaleiros às suas costas e partiu a galope para o

norte.

Passaram pelos três povoados ao norte do Monte de Myrna no decorrer dos dois dias seguintes, encontrando apenas mineiros assustados, mas nenhuma notícia sobre a Horda. Felizmente, esses mineiros eram liderados por almas mais corajosas do que Idiss e haviam preparado boas defesas. Vaelin ofereceu a cada um a opção de irem para o Monte de Myrna, onde uma quantidade maior de pessoas poderia fornecer mais proteção, mas todos recusaram.

— Corto pedras nessas colinas há quase vinte anos, meu senhor — disse o feitor de Colina Baixa, um nilsaelino corpulento com um grande machado preso às costas. — Não fugi daqueles bundas de gelo da última vez e não vou fugir agora.

Continuaram até as planícies, onde o vento era tão gelado que parecia atravessar as roupas como uma flecha de ponta de aço atravessa uma armadura.

— Pela Fé! — praguejou Orven por entre os dentes, piscando para livrar-se das lágrimas enquanto o vento açoitava seu rosto. — É sempre assim?

Adal riu.

— Estamos em um dia ameno de verão, Capitão. Deveria ver como é no inverno.

— Não há mais montanhas entre nós e o gelo — explicou Dahrena. — Os eorhil o chamam de vento negro.

Pararam depois de quinze quilômetros, onde Vaelin despachou batedores para leste, oeste e norte. Todos retornaram no fim da noite sem terem encontrado qualquer traço da Horda.

— Isso não faz sentido — disse Adal. — Já deveriam estar nas montanhas.

Dahrena empertigou-se subitamente, voltando o olhar para o oeste, com os olhos brilhantes de expectativa.

— Minha senhora? — perguntou Vaelin.

— Parece que temos companhia, meu senhor.

Ouviu-se então um ribombar distante e crescente de trovões.

— Aos cavalos! — berrou ele, indo até Chama a passos largos e fazendo os homens correrem até suas montarias.

— Não há necessidade — gritou Dahrena às suas costas. — A Horda não cavalga. Temos outros visitantes.

A nuvem de poeira aumentou no oeste, aproximando-se cada vez mais. Avistaram os primeiros cavaleiros montados em cavalos altos e de cores variadas, carregando uma lança com um arco de chifre preso a cada sela, surgindo da poeira até Vaelin perder a conta. Eles pararam a pouca distância e a poeira abaixou, revelando o que deviam ser mais de dois mil cavaleiros, homens e mulheres. Seus rostos pálidos eram um eco do seordah de feições aquilinas que Vaelin conhecera anos antes, com cabelos uniformemente negros e amarrados em tranças. As roupas eram de couro marrom-escuro, com colares de osso ou de galhadas de alce. Permaneceram montados, aguardando em silêncio, e seus

cavalos não soltaram sequer uma bufada.

Um cavaleiro solitário trotou adiante, dirigindo-se diretamente a Vaelin. Parou a alguns passos dele, lançando-lhe um olhar de severa avaliação. Não era um homem alto, mas havia nele uma força evidente; seu rosto enrugado era dotado de uma magreza que tornava difícil adivinhar sua idade.

— Qual é o seu nome? — perguntou o cavaleiro na língua do Reino, mas um sotaque áspero.

— Tenho alguns que posso escolher — respondeu Vaelin. — Mas os seordah me chamam de Beral Shak Ur.

— Sei como o povo da floresta o chama, e por quê. — O homem reclinou-se um pouco na sela e franziu o rosto. — Corvos raramente são vistos nessas planícies. Se você quer receber um nome, precisa merecê-lo.

— Merecerei, e de bom grado.

O cavaleiro grunhiu, segurou sua lança e arremessou-a no chão aos pés de Vaelin. Apesar da dureza da terra, a ponta de aço cravou-se no solo, e a lança estremeceu com a força do arremesso.

— Eu, Sanesh Poltar, dos eorhil sil, trago minha lança em resposta ao chamado do Senhor da Torre.

— Você é muito bem-vindo.

Dahrena adiantou-se para receber o chefe eorhil com um sorriso largo.

— Jamais duvidei de que nos encontraria, irmão das planícies — disse ela, estendendo a mão ao homem e entrelaçando seus dedos nos dele.

— Esperávamos encontrar o povo-fera primeiro — retorquiu ele. — E dar os crânios deles de presente a você. Mas eles não deixaram rastros.

— Eles também estão se esquivando de nós.

Isso pareceu intrigar o cavaleiro.

— Até mesmo de você, irmã da floresta?

Ela lançou um olhar cauteloso a Vaelin.

— Até mesmo de mim.

Naquela noite, eles comeram carne seca de alce com os eorhil. Era um alimento duro, mas saboroso, que ficava melhor ao ser deixado alguns segundos sobre o fogo, acompanhado por uma bebida branca e espessa com um aroma pungente e uma dose palpável de álcool.

— Pela Fé! — exclamou Orven, fazendo uma careta ao tomar o primeiro gole. — O que é isso?

— Leite de alce fermentado — respondeu Dahrena.

Orven conteve um estremelecimento de nojo e devolveu o odre coberto de pelos à jovem eorhil que apareceu ao seu lado quando se reuniram ao redor da fogueira.

— Obrigado, senhora, mas não. — A eorhil franziu o rosto e encolheu os ombros, dizendo algo na própria língua.

— Ela quer saber quantos alces você já caçou — traduziu Dahrena.

— Alces? Nenhum — respondeu ele, balançando a cabeça e sorrindo para a

jovem. — Mas cacei muitos javalis e veados. Minha família possui uma grande propriedade.

Dahrena transmitiu a resposta, o que provocou uma conversa confusa.

— Ela não sabe o que é uma propriedade — explicou Dahrena. — Os eorhil não compreendem como alguém pode possuir terras.

— Ou mesmo que as planícies onde vivem pertencem à Coroa — acrescentou Adal. — É uma das razões pelas quais não viram necessidade de enfrentar os primeiros colonizadores do Reino. Não se pode reivindicar algo que não se pode possuir, então por que brigar por isso?

— Insha ka Forná — disse a jovem a Orven, batendo no peito.

— Aço ao Luar — disse Dahrena, com um sorriso discreto. — É o nome dela.

— Ah... Orven — disse o capitão, batendo no próprio peito. — Orrvennn.

Isso provocou outra troca de palavras com Dahrena.

— Ela quis saber o que significa. Eu disse que é o nome de um grande herói.

— Mas não é — disse Orven.

— Capitão... — Dahrena fez uma pausa para abafar uma risada. — Saber o primeiro nome de uma mulher eorhil é um cumprimento *considerável*.

— Ah... — O capitão deu um sorriso largo a Insha ka Forná, que foi retribuído. — Há uma resposta apropriada?

— Creio que você acabou de dá-la.

Pouco tempo depois, Dahrena deu-lhes boa noite e levantou-se, dirigindo-se até o aparato engenhoso que carregara consigo desde que deixara a torre. Aparentava ser pouco mais do que um fardo de pele de alce e madeira, mas com alguns minutos de trabalho foi transformado em um pequeno e útil abrigo, semelhante às tendas usadas pela Guarda do Rei. Alguns dos Guardas do Norte carregavam itens similares, embora a maioria se contentasse em dormir ao ar livre apenas enrolados em peles.

Vaelin esperou algum tempo antes de falar com ela. Ele havia acumulado perguntas no decorrer da jornada e já esperara demais para procurar respostas.

— Minha senhora — cumprimentou Dahrena, que estava sentada diante do abrigo que montara.

Ela não respondeu, e Vaelin notou que os olhos dela estavam fechados. Seu cabelo esvoaçava diante do rosto no vento frio sem que ela demonstrasse qualquer sinal de senti-lo.

— Não pode falar com ela agora, meu senhor. — O Capitão Adal surgiu ao lado do abrigo. Suas feições de ébano estavam delineadas pelas fogueiras, tensas e em alerta.

Vaelin olhou outra vez para Dahrena e notou a absoluta imobilidade do rosto da mulher e o modo como as mãos estavam pousadas no colo, sem qualquer contração muscular. A canção do sangue cresceu dentro dele com uma nota familiar de reconhecimento.

Vaelin fez um aceno cortês com a cabeça para o capitão e voltou para a fogueira.

— Riacho Água de Aço — disse Dahrena na manhã seguinte. — Fica cerca de sessenta quilômetros a nordeste daqui. É o único suprimento de água grande o bastante para atender a tantos tão ao sul. Parece razoável supor que a Horda esteja acampada lá, já que não parece estar em movimento.

— Parece razoável supor? — perguntou Vaelin. — Não há outra fonte para essa informação, minha senhora?

Dahrena evitou seu olhar e engoliu uma resposta raivosa.

— Nenhuma, meu senhor. O senhor é livre para desconsiderar meu conselho, é claro.

— Ah, creio que seria rude ignorar as palavras de minha Primeira Conselheira. Vamos para o Riacho Água de Aço.

Eles cavalgaram em formação tripla, com Vaelin, a Guarda do Norte e os homens de Orven no centro e os eorhil em ambas as laterais. Ele ouvira muitas histórias sobre a habilidade de cavalgar dos eorhil e via agora que eram fundamentadas; cada cavaleiro movia-se junto com sua montaria em um reflexo inconsciente, como um único animal moldado para percorrer aquelas planícies. Vaelin sabia que eles estavam contendo a própria velocidade para acompanhar os homens do Senhor da Torre, e um eorhil optara por juntar-se à companhia para a cavalgada. Insha ka Forna cavalgava ao lado de Orven em um garanhão pampa um palmo maior do que o cavalo de guerra do capitão; suas tranças esvoaçavam para longe de um rosto com uma expressão levemente convencida.

Era fim de tarde quando se depararam com um grande acampamento na margem leste do riacho, onde numerosas fogueiras lançavam fumaça ao vento gélido. Vaelin mandou todos pararem a cento e cinquenta metros do acampamento, fazendo sinal a ambos os flancos para se espalharem e ordenando que seus homens entrassem em formação de batalha. Ele pegou o embrulho de lona que estava amarrado à sela e colocou a mão no maior nó. *Um puxão e estará livre.* Sabia que ela brilharia muito naquele dia e que o som que faria ao cortar o ar seria outra canção de sangue, uma que ele cantava muito bem. A espada permanecera embainhada e amarrada desde o dia em que enfrentara o Escudo das Ilhas. Ele não havia gostado do modo como se sentira quando a desembainhara naquele dia nem do modo como ela se encaixava em sua mão... tão *confortável*.

— Meu senhor! — O grito do Capitão Adal atraiu seu olhar para o acampamento, onde viu uma figura solitária caminhando em sua direção. Um aglomerado de pessoas estava reunido nos limites do acampamento; pode ter sido uma ilusão causada pela luz e pela distância, mas todas pareciam magras a ponto da emaciação, com rostos descarnados que surgiram no meio das peles e olhando para os inimigos com uma expectativa entorpecida e desprovida de raiva ou ódio.

— Não vejo armas, meu senhor — disse Orven.

— Um truque, sem dúvida — retorquiu Adal. — A Horda sempre teve milhares de truques.

Vaelin observou a figura solitária continuar seu trajeto em direção a eles.

Era um homem largo, mas magro, como o resto de sua gente, e consideravelmente mais velho, caminhando a passos lentos e determinados, auxiliado pelo o que parecia ser um cajado grande e nodoso, mas que logo se revelou o fêmur longo de alguma fera desconhecida, completamente coberto por inscrições e entalhes intrincados.

— *Xamã!* — sibilou Adal, tirando o arco do ombro. — Meu senhor, peça a honra do primeiro sangue.

— *Xamã?* — perguntou Vaelin.

— Eles controlam as feras — explicou Dahrena. — Treinam e conduzem os animais na guerra. Nunca soubemos como fazem isso.

— Ele não parece ter nenhuma fera — observou Vaelin quando o homem baixo parou a vinte metros dele.

— Pior para ele — disse Adal, erguendo o arco.

— Pare! — ordenou Vaelin. Sua voz ecoou com rispidez pelas fileiras, absoluta em sua autoridade.

Adal o olhou boquiaberto com a corda do arco ainda puxada.

— Meu senhor?

Vaelin não olhou para ele.

— Você está sob meu comando. Obedeça minha ordem ou será chicoteado e dispensado.

Ele virou a cabeça para observar o homem baixo, ignorando a fúria sufocada de Adal enquanto Dahrena tentava contê-lo. O xamã segurou o osso com as duas mãos e estendeu-o à sua frente, tremendo e balançando no vento negro.

Então Vaelin sentiu a nota de saudação da canção do sangue que indicava uma alma dotada. Dahrena retesou-se na sela, tirando a mão tranquilizante que repousava no ombro de Adal. Vaelin inclinou a cabeça para o xamã.

— Parece que estamos sendo chamados para negociar, minha senhora.

O medo a fez arregalar os olhos e empalidecer, mas ela assentiu, e os dois trotaram em frente, parando para desmontar diante do xamã. De perto, sua emaciação era dolorosa, chamando atenção para os ossos brancos de seu rosto sob a pele que parecia tão fina quanto papel molhado enrolado em sobras de carne. Um emaranhado de cabelos negros e grisalhos chegava-lhe até os ombros, com alguns talismãs opacos pendurados nas madeixas desgrenhadas. Vaelin notou que o tremor do homem não era resultado apenas de medo, mas também de fome, culminando em uma cruel conclusão: *Eles não vieram para a guerra. Vieram para morrer.*

— Você tem um nome? — perguntou Vaelin.

O xamã não respondeu e fincou o osso na terra, com as mãos pousadas no alto dele, assumindo um aspecto de coruja ao encarar Vaelin. O olhar o prendeu e puxou-o para perto. Houve um momento de preocupação quando algo despertou em sua mente. *Um truque, como disse Adal.* Porém, a canção do sangue continuava resoluta em suas boas-vindas, e Vaelin deixou que continuasse. Era como uma memória, uma visão esquecida de outra época, mas que não pertencia a ele.

Pessoas vestidas com peles e feras. Ursos, horrores imensos de pelos

brancos, avançando a duras penas em meio a uma nevasca. Muitas pessoas feridas, muitas crianças. Cavaleiros surgem da nevasca, todos vestidos de preto, espadas e lanças trespassando e cortando... Sangue na neve... Tanto sangue... Os cavaleiros puxam e viram os cavalos, gargalhando enquanto matam, mais e mais surgindo a galope ao mesmo tempo em que as pessoas envoltas em pele debandam. Um homem ergue um grande cajado de osso e seus ursos voltam-se contra os cavaleiros, cortando e dilacerando, matando muitos... Há mais... Há sempre mais...

A visão desapareceu. O rosto do xamã estava imóvel e calado acima do topo do cajado de osso.

Vaelin olhou para Dahrena, notando o horror no rosto da mulher.

— Você viu?

Ela assentiu, escondendo as mãos trêmulas dentro das peles e recuando um pouco. Vaelin podia ver que ela queria fugir e que aquele velho baixo com apenas um pedaço de osso a aterrorizava, mas ela ficou, respirando com dificuldade e recusando-se a desviar o olhar.

Vaelin voltou-se para o xamã.

— Vocês fugiram desses homens, desses cavaleiros?

O rosto franzido do homem deixou claro que ele não compreendia nenhuma palavra. Vaelin suspirou, olhou para as fileiras de guardas e eorhil e então *cantou*. Era apenas uma nota pequena, que provavelmente não o faria jorrar o sangue, transmitindo a sensação de sua pergunta, intensificada pela sua lembrança da visão do xamã.

O velho empertigou-se, arregalou os olhos e assentiu. Encontrou mais uma vez os olhos de Vaelin e outra visão tomou conta de sua mente.

A massa escura de pessoas atravessando um campo de gelo, os dorsos dos grandes ursos brancos subindo e descendo entre a multidão enquanto fugiam para oeste, sempre para longe dos cavaleiros... Sem tempo para descansar... Sem tempo para caçar... Apenas tempo para fugir ou cair e morrer. Os idosos são os primeiros, seguidos pelas crianças mais novas; a vida da tribo esvaindo-se à medida que cruzava a vastidão branca. Os ursos ficam enlouquecidos e famintos, fugindo ao controle do xamã. Guerreiros caçados choram ao matá-los e dividirem sua carne, pois o que são eles sem seus ursos? Quando enfim avistam as planícies, compreendem que sua nação morreu... A única coisa que pedem é uma morte pacífica.

Dahrena chorou quando a visão desapareceu, sufocando um grito enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Que tolos insensíveis nós somos — sussurrou ela.

Vaelin cantou de novo, preenchendo sua canção com a imagem da batalha retratada na tapeçaria da torre, com a Horda e as suas feras terríveis.

O xamã soltou um grunhido de aversão e respondeu com uma visão própria. *A batalha é intensa, nenhuma misericórdia é concedida, gatos e ursos atacam-se com uma fúria irracional, os falcões-lanceiros escurecem o céu ao se encontrarem em uma nuvem densa, causando uma chuva de sangue e penas, os guerreiros lutam com lanças e porretes feitos de ossos. Ao fim do dia vermelho, o Povo Urso mostrou ao Povo Gato a estupidez de uma guerra sobre o gelo. Eles*

não os veem mais, pois partem para as planícies do sul, fracos e covardes em seu desejo por presas mais fáceis.

Povo Urso. Vaelin ergueu o olhar para o acampamento e viu apenas homens e mulheres famintos, algumas crianças, nenhum idoso e muito menos quaisquer feras. *Eles perderam seus ursos, perderam seu nome.*

Ele olhou novamente para o xamã, cantando pela última vez e evocando a imagem dos cavaleiros de preto. Terminou a canção com uma nota questionadora, sentindo a onda de fadiga que lhe indicava que havia cantado o suficiente por ora.

O xamã falou pela primeira vez, crispando-se os lábios ao formar o que era talvez a única palavra estrangeira que conhecia.

— *Volarrianosss.*

Vaelin ordenou que a Guarda do Norte entregasse metade de suas rações e, com exceção de uma dúzia de soldados, mandou que todos voltassem aos seus postos originais. O Capitão Adal, cuja fúria taciturna tornava-se cada vez mais cansativa, foi despachado para o sul para que encerrasse a concentração de tropas e enviasse cavaleiros para informar aos seordah que seus guerreiros não eram necessários.

— Povo Gato, Povo Urso — ele sibilo a Dahrena antes de partir, sabendo que Vaelin podia ouvir. — *Eles* ainda são a Horda. Não podemos confiar neles.

— Você não viu, Adal — sussurrou ela, sacudindo a cabeça. — A única coisa que temos a temer é a culpa por deixá-los morrer.

— O povo não vai gostar — advertiu ele. — Muitos ainda pedirão vingança.

— Meu pai sempre seguiu o caminho certo, fosse uma decisão popular ou não. — Dahrena calou-se e Vaelin sentiu que ela olhava em sua direção. — As coisas não mudaram muito.

Os eorhil partiram ao anoitecer, e Sanesh Poltar ergueu uma das mãos a Vaelin enquanto seu povo montava nos cavalos.

— Avensurha — disse ele.

— Meu nome? — perguntou Vaelin.

O chefe eorhil apontou para o norte, onde uma estrela branca solitária erguia-se acima do horizonte.

— Ela só brilha tanto assim durante um mês em toda uma vida. Dizem que nenhuma guerra pode ser travada sob a luz trazida por ela.

Ele ergueu a mão novamente e virou o cavalo para leste, partindo a galope com todo o seu povo, exceto por um membro.

— Ela não quer ir embora, meu senhor. — O Capitão Orven, em rígida posição de sentido, evitava seu olhar. Perto dali, Insha ka Forna entregava tiras de carne seca de alce a um grupo de crianças, gesticulando para que não engolissem a comida rápido demais. — Perguntei o motivo à Senhora Dahrena. Ela disse que, hã, eu já sabia...

— Você quer que ela parta?

O capitão tossiu, franzindo o rosto enquanto tentava formular uma resposta.

— Parabéns, Capitão. — Vaelin deu um tapa no ombro do homem e afastou-se para encontrar Dahrena.

Ela estava com o xamã, agachada ao lado de uma velha deitada em uma padiola. A velha era ainda mais magra que os outros membros da tribo; seu peito subia e descia em arfadas curtas, e ela tinha a boca aberta e os olhos desfocados. O xamã olhava para ela com tamanho pesar que Vaelin não precisou de uma visão para saber que aquele homem assistia aos momentos finais da esposa.

Dahrena pegou um frasco em sua bolsa e segurou-o sobre a boca da velha, pingando umas gotas claras na língua seca da mulher. Ela se mexeu, franziu um pouco o rosto e fechou a boca sobre a nova umidade. Seus olhos recobriram um pouco da luz, e o xamã curvou-se para pegar sua mão, falando em voz baixa em sua própria língua. As palavras soaram ásperas ao ouvido de Vaelin, uma torrente gutural, mas, ainda assim, havia ternura. *Está dizendo a ela que estão salvos*, concluiu. *Está dizendo que encontraram refúgio*.

O olhar da velha percorreu o rosto do esposo e os cantos de sua boca se crispavam quando tentou sorrir, parando quando a luz desapareceu de seus olhos e os movimentos cessaram em seu peito. O xamã não esboçou qualquer reação, permanecendo agachado ao lado da mulher e segurando-lhe a mão, quase tão imóvel quanto ela.

Dahrena levantou-se e aproximou-se de Vaelin.

— Tenho algo para lhe contar — disse ela.

— Meu povo chama isso de caminhada espiritual.

Estavam sentados junto a uma fogueira na periferia do acampamento do Povo Urso. Havia uma quietude no lugar; a tribo consumia em silêncio as provisões que recebera e cuidava de seus enfermos sem que qualquer voz fosse erguida em celebração. *Eles se consideram mortos*, pensou Vaelin. *Perderam seu nome*.

— É difícil explicar — prosseguiu Dahrena. — Não é realmente uma caminhada. É mais como voar muito alto, acima de tudo, vendo todas as grandes extensões de terra ao mesmo tempo, mas tenho de deixar meu corpo para fazê-lo.

— Foi como você encontrou essas pessoas — disse Vaelin. — Foi como encontrou a Horda.

Ela assentiu.

— É mais fácil planejar uma batalha quando se conhece os movimentos do inimigo.

— Dói? — perguntou ele, pensando no sangue que escorria de sua face sempre que cantava por muito tempo.

— Não quando estou voando, mas quando retorno... No início, era arrebatador, encantador. Quem nunca sonhou em voar? Eu ouvira histórias sobre as Trevas e sabia que era algo a se temer, mas voar era tão maravilhoso, tão inebriante. Eu havia acabado de chegar ao décimo terceiro ano quando aconteceu. Eu estava em minha cama, acordada e contente. Meus pensamentos

eram tranquilos, tão tranquilos quanto os pensamentos de uma garota de treze anos podem ser. Então, eu estava flutuando, olhando para uma garotinha em uma cama grande. Senti medo, pensando ser um pesadelo. Com o pânico, pensei em meu pai, e voei até seu quarto, onde ele estava esmiuçando seus documentos no meio da noite, como sempre fazia. Ele estendeu a mão para pegar a taça de vinho e derrubou o tinteiro, manchando sua manga, e praguejou. Pensei em Folhazul, minha égua, e voei até ela nos estábulos. Pensei em Kehlan e voei até ele, que triturava ervas em um almofariz em seus aposentos. Que sonho maravilhoso. Bastava pensar em algo, e eu voava até lá, e via a todos sem que eles me vissem. E mais, muito mais do que apenas eles, eu via a *cor* e o brilho de suas almas. Meu pai estava envolto em um tom azul-claro e brilhante, Folhazul em um brilho marrom suave e Kehlan parecia oscilar entre vermelho e branco. Voei alto, o mais alto que ousei, e olhei para baixo sobre todos os Confins, todas as almas brilhantes, como as estrelas do céu refletidas em um grande espelho.

“Contudo, comecei a ficar estranhamente cansada e voltei ao meu corpo. A cama parecia um pouco fria, mas não tanto que me impedisse de dormir. Na manhã seguinte, durante o café da manhã, vi mancha de tinta na manga da camisa do meu pai e eu soube que não havia sido um sonho. Aquilo me assustou, mas não me deteve; a alegria havia sido grande demais. E assim continuei a voar em cada momento livre, sobre as montanhas e as planícies, observando os eorhil caçarem os grandes alces, dançando nas tempestades que vinham do gelo. Então, certo dia, voei sobre o oceano ocidental por quilômetros e quilômetros, na esperança de avistar o Extremo Ocidente. Porém, passou-se muito tempo, e eu sabia que meu pai me esperava para o jantar, de modo que voltei ao meu corpo. Foi como vestir uma pele de gelo, e o choque me fez gritar sem parar. Meu pai me encontrou tremendo no chão do meu quarto como se eu tivesse sido tirada de um lago congelado.

“Foi quando lhe contei. Ele não teve medo nem ficou chocada. Ele me colocou na cama, mandou que trouxessem leite quente e ficou ao meu lado até o frio desaparecer. Então, pegou minha mão e me contou em detalhes o que as pessoas faziam com as pessoas que tinham dons assim. Ninguém jamais deveria saber.”

— E então a Horda surgiu?

— Dois verões depois. Fui cuidadosa, sem jamais voar por mais de uma hora por vez, e sempre à noite, deixando meu corpo sentado diante de uma lareira abastecida. Testemunhei a primeira matança da Horda, que massacrou uma caravana de vitriolo azul que partira do Vale de Prata em direção ao sul. Quarenta condutores foram mortos em uma onda de gatos guerreiros e falcões-lanceiros. Os guerreiros andavam por entre os mortos com facas, cortando fora troféus, e seu brilho era vermelho e intenso. Eu nunca tinha visto uma alma se apagar. Era como o vento soprando por um amontoado de velas, mas havia uma alma que brilhava com mais força do que as outras. Ela se ergueu, e o mundo pareceu curvar-se à sua volta, como um redemoinho, atraindo-a, levando-a para algum lugar...

Vaelin aproximou-se ainda mais quando ela se calou.

— Para onde?

— Eu não sei, mas, por um instante, tive um vislumbre do que havia para além do redemoinho. Era tão escuro. — Dahrena calou-se e abraçou-se, estremecendo. — Fico feliz por ter testemunhado algo assim apenas uma vez.

— Seu dom foi aviso suficiente para Lorde Al Myrna preparar uma defesa?

Ela assentiu.

— Corri até ele, anunciando as visões aos borbotões na frente de Adal e Kehlan. Ele fez ambos jurarem que manteriam segredo, um juramento que cumpriram durante todos esses anos, embora eu tenha certeza de que alguns suspeitam e de que outros, como Sanesh, simplesmente *sabem*.

— Os eorhil não temem as Trevas?

— Assim como os seordah, eles as respeitam, pois sabem que é possível fazer mal uso das Trevas, mas não temem aqueles que as possuem, a não ser que tenham alguma razão. — Ela ergueu uma sobrancelha a Vaelin em expectativa.

Um por um, pensou Vaelin. *Segredo por segredo*.

— Os seordah chamam de canção do sangue — disse ele.

O rosto de Dahrena exibiu um leve eco do medo que ele vira quando o xamã compartilhou sua visão.

— Um seordah lhe disse isso?

— Uma mulher cega. Ela chamava a si mesma de Nersus Sil Nin. Encontrei-a na Martishe.

O medo no rosto dela cresceu e as palavras seguintes foram ditas com um tremor.

— Encontrou-a?

— Em um dia límpido de verão no auge do inverno. Ela disse que era uma memória presa em pedra. Contou-me meu nome na língua seordah.

— Beral Shak Ur — disse Dahrena, cujo medo transformava-se em perplexidade. — Ela lhe deu um nome? — Dahrena piscou e sacudiu a cabeça. — É claro que deu.

— A senhora a conhece?

— Todos os seordah a conhecem, mas ninguém jamais a viu... Exceto eu.

— Quando?

— Após a morte do meu esposo. — Vaelin notou que ela estava bastante perturbada, como alguém que recebe notícias indesejáveis que sempre soube que chegariam. — As palavras ditas por ela... Eu tinha tanta certeza... Quando ele morreu... — Calou-se, perdida em pensamentos.

— Seu esposo? — perguntou Vaelin.

O olhar de Dahrena era cauteloso ao ponto da raiva, desaparecendo lentamente em uma sombria aflição.

— Preciso refletir. Agradeço por sua honestidade, meu senhor. Fico feliz que minha confiança não tenha sido traída. — Dito isso, ela se levantou e foi para seu abrigo.

Vaelin olhou para o norte, avistando a estrela brilhante em cuja homenagem Sanesh lhe dera um nome, agora mais alta sobre o horizonte e mais brilhante do que a lua. *Avensurha... Nenhuma guerra pode ser travada sob a luz trazida por ela.*

É um bom nome, pensou ele com um sorriso. Um bom nome pela primeira vez.

CAPÍTULO SEIS

Lyrna

Ela desceu para uma escuridão tão negra e absoluta que apenas o toque de suas mãos e seus pés na pedra podia guiá-la, junto com os soluços aterrorizados da irmã de Davoka. A mulher parara de implorar, soltando apenas lamúrias e ocasionais uivos angustiados enquanto desciam cada vez mais fundo. A princípio, Lyrna achou que a luz distante fosse uma ilusão criada por sua mente privada de visão. Era tão tênue que formava apenas uma leve camada rósea em volta do corpo alto de Davoka, mas aumentava a cada passo. Quando chegaram ao fundo, estavam banhadas em um intenso brilho avermelhado.

A câmara era enorme e circular, com paredes e teto cobertos por lajes de mármore de medidas precisas. Havia numerosas aberturas nas paredes, mais altas que uma pessoa, buracos negros que convidavam ao esquecimento. O brilho avermelhado emanava de um grande poço no meio da câmara, de onde uma coluna de vapor espesso subia até uma abertura idêntica no alto.

Davoka arrastou a chorosa Kiral em direção ao poço, seguida por Lyrna. O calor do vapor era intenso demais para que pudessem se aproximar a menos de quatro metros. Lyrna apertou os olhos para tentar enxergar o círculo no teto através do vapor, avistando apenas as paredes úmidas de um fosso de mármore que subia pelo centro da montanha.

— Havia grandes lâminas de cobre presas no fosso inferior quando chegamos aqui.

Ela estava parada na entrada de um túnel. Era uma mulher de cabelos negros, vestida com um manto simples de algodão preto, que deixava os braços descobertos; sua pele refletia o brilho escarlate do poço.

— O fosso abaixo estava repleto de escombros — continuou ela, aproximando-se.

Kiral agarrou as pernas de Davoka, sussurrando:

— *Irmã, por favor! Por favooooor!*

A jovem a ignorou, colocando-se perto de Lyrna e oferecendo um sorriso de boas-vindas.

— Um rio subterrâneo encontra um canal do sangue de Nishak quase cem

metros abaixo de nós, produzindo um fluxo constante de vapor, que sobe pelo poço e chegava até quatro lâminas dispostas em cruz e suspensas por uma grande haste de ferro que ia até o terceiro nível da torre. É um mistério curioso, não acha?

Lyrna ficou perplexa com a segurança que havia no rosto da mulher e com a confiança que transpirava de uma mulher tão jovem, falando na língua do Reino sem qualquer traço de sotaque, com um olhar firme e apenas levemente curioso.

— O vapor faria as lâminas girarem — disse Lyrna. — Como um moinho.

O sorriso da jovem se alargou.

— Sim. Infelizmente, tais inovações não significavam nada para os lonakhim que primeiro colocaram os olhos nesse lugar, e as lâminas estavam destinadas a se tornarem-se potes e panelas de que precisavam muito mais. A grande haste de ferro foi derretida para a fabricação de lâminas de machadinhas. O propósito das lâminas só se tornou evidente quando ordenei que as pedras fossem removidas do poço. Após cada renovação, prometo a mim mesma que ordenarei a fabricação de novas lâminas, pois eu adoraria vê-las girarem mais uma vez, mas nunca faço isso. — Seu olhar recaiu sobre a garota encolhida aos pés de Davoka. — Afinal, há sempre uma nova distração.

— Para o que servia? — perguntou Lyrna. — A energia gerada pelas lâminas?

— Essa é uma pergunta que não pode ser respondida. A haste terminava em uma grande engrenagem, e o que quer que ela girasse virou pó séculos atrás, mas suspeito que tinha algo a ver com o aquecimento da montanha sobre nós.

Ela encarou o corpo trêmulo de Kiral por um momento e ergueu o olhar para Davoka, falando em lonak

— *Esse é o corpo de sua irmã?*

— *Sim, Mahlessa.*

— *Se eu a trouxer de volta, ela estará... mudada. E não apenas com as cicatrizes. Compreende isso?*

— *Compreendo, Mahlessa. Conheço o coração de minha irmã. Ela desejaria retornar para nós a qualquer custo.*

A Mahlessa assentiu levemente com a cabeça.

— *Como quiser. Traga-a.*

— *Não!* — gritou Kiral, tentando arrastar-se para longe. Davoka a colocou de pé, forçando-a em direção ao poço.

— Você acha que essa coisa me teme — disse a Mahlessa a Lyrna. — Está enganada. Ela teme a punição que receberá por seu fracasso quando eu devolvê-la ao vazio.

Kiral gritou, implorou em um constante balbucio de medo, debateu-se, cuspiu, praguejou. Não adiantou. Davoka a forçou até a beira do poço, onde ambas chegaram banhadas de suor. A Mahlessa colocou-se ao lado de Kiral, e Lyrna não viu uma gota sequer de suor na pele na mulher. Ela pegou uma garrafa que estava na beira do poço. Era pequena, feita de vidro translúcido, mas mal se podia ver o líquido escuro que ela carregava.

— *A mão dela* — disse a Mahlessa a Davoka, tirando a rolha da garrafa.

Lyrna viu um filete de vapor sair do recipiente, e um fedor horrendo assaltou-lhe as narinas. Davoka sacou a faca e cortou as amarras nos punhos de Kiral, forçando um braço às costas da irmã e estendendo o outro braço para a Mahlessa.

— Por todo o sofrimento e dor semeados por essas coisas — disse ela a Lyrna, acariciando a mão de Kiral, passando os dedos sobre a pele do punho que se contraía e transformando os gritos da garota em grunhidos roucos de uma garganta ferida —, poderíamos pensar que há milhares delas, mas jamais houve mais do que três. Essa é a mais nova, mulher quando foi capturada e corrompida pela primeira vez, capaz de tomar apenas cascas femininas e apenas uma por vez até a morte a libertar. Também não é muito habilidosa em suas ciladas. O irmão dela é mais talentoso, capaz de controlar várias cascas ao mesmo tempo, independente de sexo, vivendo por anos atrás de máscaras sem despertar suspeita nem mesmo daqueles que amaram as pessoas tomadas desde o nascimento. A irmã dela, bem, digamos apenas que é melhor que você jamais a encontre. Séculos após séculos de assassinatos e enganações, tecendo sua teia de discórdia por todo o mundo e tentando fazer com que o grande plano de seu mestre se concretize. Apenas três, aprisionados pelo tamanho de sua própria malícia. Mas de onde vem a malícia se não do medo... E da dor.

Ela ergueu a garrafa e pingou uma única gota do líquido na mão de Kiral.

A imensidão da dor e da fúria que brotaram em gritos da garganta da garota foi suficiente para que Lyrna fechasse os olhos e lutasse contra uma onda de náusea. Semanas de ameaças e repetidas exposições a mortes violentas podiam tê-la deixado mais calejada, mas o caráter hediondo e inumano daquele som atravessou sua recém-adquirida resiliência como o bisturi de um curandeiro. Quando tornou a olhar, a garota estava de joelhos, com o rosto preso entre as mãos da Mahlessa e os olhos arregalados e sem piscar.

— A dor é apenas uma porta — disse a Mahlessa. — O medo é a alavanca, a ferramenta que remove a imundice que infecta a mente dessa garota, grudada ao seu dom como uma sanguessuga. — Kiral estremeceu, soltando balbucios em meio a uma nuvem de saliva. — Pois mesmo essa coisa teme o esquecimento verdadeiro, e, se permanecer para me enfrentar, irei reduzi-la a nada.

Kiral curvou-se e fechou os olhos, soltando-se das mãos da Mahlessa e sendo amparada por Davoka; uma ferida negro-avermelhada cobria o dorso de sua mão direita.

Lyrna engoliu bile que viera à garganta e pressionou os dedos contra o pescoço da garota, onde encontrou um pulso forte.

— *Quanto... quanto tempo?* — A voz atrás dela era frágil, repleta de confusão e pesar.

Lyrna ergueu a cabeça e virou-se, mas a Mahlessa havia desaparecido. A jovem confiante fora substituída por uma garota amedrontada, que lhe olhava confusa, abraçando-se forte com braços esguios. O mesmo rosto, a mesma forma esguia, mas uma alma diferente.

— *Mahlessa?* — perguntou Lyrna, indo até ela.

A garota soltou algo que era parte suspiro, parte gargalhada, um tom abaixo da histeria, olhando para a garrafa que tinha na mão.

— *Sim, ah, sim... Eu sou a Mahlessa. Grande e terrível é o meu poder...* — Ela vacilou e calou-se com um risinho melancólico.

— *Cinco verões* — disse Davoka. — *Desde a renovação.*

— *Cinco verões.* — A garota virou-se para Lyrna, notando seu cabelo antes de olhar em seus olhos. — *A rainha merim her. Ela tem esperado por você há tanto tempo. Tantas visões...* — Ela ergueu a mão para acariciar a face de Lyrna. — *Tamanha beleza... Tamanha vergonha... Qual é a sensação?*

— *Mahlessa?*

— *De ter matado tantos. Veja bem, eu matei apenas minha mãe...*

Então, ela desapareceu. O rosto da garota assustada foi subitamente substituído por uma segurança perene, alguém cuja mão deixou a face de Lyrna ao se afastar.

— O que ela lhe contou? — perguntou a Mahlessa.

Lyrna forçou-se a não recuar ainda mais, embora as escadas espiraladas parecessem bastante convidativas. *Você queria evidências, lembrou a si mesma. Aqui estão elas.*

— Ela disse que matou a própria mãe — respondeu Lyrna, lutando para manter o tremor longe da voz.

— Ah, sim, uma história triste. Uma bela jovem, gentil e dona de um toque capaz de curar, mas também insana e assassina. É sempre assim com aqueles que conseguem curar... Alguma faceta do seu poder age de modo a afetar a mente. Todo dom tem seu preço. Nesse caso, a ilusão persistente de que a mãe dela estava possuída por Jeshak, o deus do ódio. Após matar a mãe, obviamente não havia lugar para ela em seu clã. Não a matariam por causa do seu dom, pois todos os lonakhim sabem que os dotados só podem ser julgados pela Mahlessa. Ela vagou pelas montanhas até Davoka encontrá-la e trazê-la para mim. O receptáculo perfeito, um dos meus melhores, na verdade. Apesar de ter uma tendência a se soltar com mais frequência do que suas predecessoras.

Ela voltou até Kiral e segurou a mão ferida da garota. Kiral teve um espasmo e despertou com um sobressalto, tentando afastar-se enquanto Davoka a segurava.

— *Eu... Irmã?* — Seus olhos encontraram o rosto de Davoka. — *Eu... estava com frio.*

A Mahlessa soltou a mão de Kiral, e Lyrna não pôde conter a exclamação que subiu de seu peito. A mão estava curada; a pele ainda exibia algumas cicatrizes tênues, mas estava mais uma vez inteira, sem a ferida negro-avermelhada. *Evidência.*

— Drena muito a pessoa — disse a Mahlessa, flexionando a própria mão, com uma ruga surgindo na testa lisa. — Mais do que qualquer outro dom. Talvez a loucura venha daí, da perda do eu a cada cura. — Ela se levantou mais uma vez e recuou, dirigindo-se a Davoka. — *Alturk está aqui?*

— *Está, Mahlessa.*

— *Um homem perdido e arrasado, sem dúvida. Um Tahlessa sem clã. Talvez seja mais misericordioso deixar que ele se jogue na Boca de Nishak.*

— *Eu tenho uma grande dívida com Alturk...* — começou Lyrna, mas a Mahlessa apenas acenou com uma mão para que ela deixasse o assunto de lado.

— Não tema, minha Rainha. Ele é valioso demais para ser desperdiçado sentindo pena de si mesmo. — Ela manteve os olhos no rosto ainda confuso de Kiral e tornou a se dirigir à Davoka. — *Dez séculos de vida me ensinaram a tolice que é descartar discernimento obtido por meio de uma lição árdua. A coisa que tomou sua irmã foi sensata o bastante para usar a história dos lonakhim, pois a lenda dos Senthar é duradoura e atraente. Você dirá a Alturk que agora ele é o Senthar Tahlessa, o verdadeiro Senthar, abençoado pela verdadeira Mahlessa. Ele partirá daqui e procurará os melhores guerreiros em cada clã. Eles serão mil guerreiros, nem mais, nem menos. Não caçarão nem criarão rixas. Apenas treinarão para a guerra e lutarão ao meu comando.*

Davoka assentiu solenemente.

— *Mahlessa, peço um lugar nos Senthar. Serei seus olhos, sua voz para os mil...*

A Mahlessa sacudiu a cabeça com um sorriso.

— *Não, minha lança brilhante, tenho uma missão maior para você.* — Ela se virou novamente para Lyrna. — *Embora você possa vê-la mais como uma maldição. Leve sua irmã para cima. Ela precisará descansar. A rainha e eu ainda temos o que conversar.*

Davoka ergueu gentilmente Kiral. A garota olhou ao redor em um misto de fascinação e medo que apenas aumentou quando seu olhar recaiu sobre Lyrna.

— *Ela viu* — sussurrou ela, recuando. — *Ela ouviu... Ela sabia...*

— *Acalme-se, pequena gata* — disse Davoka. — *Esta é Lerhnah, Rainha dos merim her. Ela é nossa amiga.*

Kiral engoliu em seco e olhou para o chão ladrilhado, sentindo a culpa tomar o lugar do medo.

— *A coisa a queria. Queria feri-la mais do que a todos os outros... Eu senti o desejo...*

Lyrna foi até ela, colocou a mão sob o queixo da garota e o ergueu.

— *Sei que não era seu desejo* — disse ela. — *Sua irmã também é minha irmã, e assim serei sua.*

Kiral olhou para a princesa com uma expressão de assombro.

— *A coisa temia você... Por isso queria machucá-la tanto... Você era nova... Inesperada... Nenhuma ilvarek havia revelado sua natureza...*

Ilvarek... A palavra possuía uma entonação arcaica e era similar ao termo lonak para visão, mas dita com uma severidade que fez Lyrna pensar.

— *Ilvarek... Não conheço essa palavra.*

— *Leve sua irmã para cima, Davoka* — disse a Mahlessa mais uma vez. Sua voz era baixa, mas com uma nota inconfundível de comando.

Davoka assentiu e conduziu Kiral até os degraus espiralados. A garota sussurrava enquanto subiam.

— *Quando a coisa dormia, eu via seus pesadelos... Ela estrangulou o próprio bebê...*

— *Permita-me lhe mostrar algo* — disse a Mahlessa quando a voz de Kiral desapareceu. — *Algo que apenas olhos lonakhim já viram.*

A escuridão do túnel mostrou-se menos absoluta do que Lyrna imaginara; as paredes possuíam uma tênue luminescência verde que fornecia luz suficiente para que seguissem adiante sem o auxílio de uma tocha.

— É um tipo de pó encontrado nas colinas do oeste — explicou a Mahlessa. — Possui uma luz interior que nunca esvanece. Foi trazido para cá em grandes quantidades e pintado nas paredes por quem quer que tenha escavado a Montanha. Engenhoso, não acha?

— Muito — concordou Lyrna. — Quase tanto quanto você, Mahlessa?

Houve uma pausa, mas ela soube que a mulher estava sorrindo.

— Como assim?

— Uma armadilha não é uma armadilha sem uma isca. Tenho certeza de que sabia que minha missão aqui, a convite seu, era um alvo irresistível para aquela coisa que você acabou de banir.

— De fato, eu sabia.

— Mulheres e homens bons morreram para que eu chegasse aqui. Sua gente e minha.

— Mulheres e homens bons morrem todos os dias. Assim como os maus. Sem dúvida é melhor morrer com um propósito.

— Mas é muito melhor viver com um.

— Uma escolha que nem sempre podemos fazer. Veja meu povo, por exemplo. Eles não escolheram que os merim her atacassem nossas praias como uma praga. Não escolheram ser caçados como animais durante três décadas. Não escolheram escavar um lar em meio às montanhas congeladas com os resquícios deploráveis da força que lhes restava. — Lyrna ficou espantada pela ausência de raiva nas palavras da Mahlessa; seu tom era trivial, como se elas fossem damas da corte discutindo os detalhes de um poema de Alucius.

— Não posso responder pelos crimes de meus antepassados — disse ela, em um tom menos neutro. — Mas terei de responder pelas vidas perdidas em busca da paz que você ofereceu. Os pais de minha dama Nersa terão pouco consolo ao saberem que a filha morreu a serviço dos seus propósitos.

Uma risada muito baixa e muito trivial.

— Como todos nós, suponho que eles têm pouco tempo para pesar ou consolo.

Ela parou quando o túnel chegou ao fim, abrindo-se em uma imensa câmara circular, pelo menos três vezes maior do que aquela que haviam deixado. Não havia poço ali, e a única iluminação vinha do pó de brilho esverdeado pintado no chão e no teto, muito mais brilhante ali do que no túnel, o suficiente para se ler, na verdade. Curiosamente, apesar de o chão e o teto serem brilhantes, as paredes eram escuras. Além disso, o ar era seco e levemente estagnado.

— Princesa Lyrna Al Nieren — disse a Mahlessa, entrando na câmara e erguendo os braços. — Dou-lhe as boas-vindas à memória dos Ionakhim.

Livros, percebeu Lyrna ao segui-la para dentro da câmara, percorrendo com os olhos as paredes, onde estavam empilhados, do chão ao teto, inúmeros livros e pergaminhos. A princesa viu-se imediatamente atraída por eles. Alguns

eram pesados, como tomos gigantescos que precisavam de muitos braços para serem erguidos, e outros eram minúsculos o bastante para caberem na palma da mão. Ela ergueu o volume mais próximo, apenas vagamente ciente de que poderia ter sido mais diplomático pedir permissão antes. Tinha uma encadernação de couro com desenhos intrincados gravados na capa e, apesar da idade, as páginas estavam intactas e maleáveis o suficiente para serem viradas com facilidade em vez de virarem pó. A escrita era bela, ornamentada com folhas de ouro e tintas coloridas, mas completamente indecifrável.

— *A Sabedoria de Reltak* — disse a Mahlessa. — Sua única obra filosófica. Ele se preocupava mais com astronomia. O primeiro erudito lonakhim a calcular a circunferência da lua, embora Arkiol diga que ele errou por cerca de seis metros.

Lyrna tirou os olhos do livro, franzindo o rosto ao ouvir a palavra “erudito” ser usada junto com “lonakhim”.

— Ah, sim — disse a Mahlessa. — Nem sempre fomos todos guerreiros. Antes da chegada do seu povo, enquanto os seordah vagavam por suas florestas, perdendo-se em comunhão com a terra, meu povo estudava, observava, criava grandes obras, escrevia grandes poemas. O que você vê aqui é apenas um fragmento das nossas realizações, os resquícios que foram salvos. Se tivéssemos sido deixados em paz, talvez por mais um século, até mesmo os mistérios dessa montanha estariam ao nosso alcance. Infelizmente, apesar de toda a nossa sabedoria, jamais descobrimos como fundir ferro. Você poderia pensar que é um pequeno detalhe, mas guerras são decididas por pequenos detalhes.

— Você o conheceu? — perguntou Lyrna, erguendo o livro.

A Mahlessa riu e sacudiu a cabeça.

— Mesmo eu não sou tão velha assim. Mas conheci um de seus descendentes, um tataraneto distante muitas gerações. Vi-o morrer de fome durante o Grande Esforço.

Lyrna devolveu o livro às pilhas.

— Quem foi você?

— Apenas uma garota que tinha pesadelos demais. Ainda tenho. Estou olhando para um agora mesmo. — Não havia humor em sua voz, apenas um escrutínio sério e um intelecto aguçado. Fazia muitos anos desde que Lyrna encontrara uma alma com tamanha afinidade para nuances e engodos quanto ela. Sentiu-se envergonhada; as mortes de tantos ainda lhe pesavam, mas naquele momento sentiu-se grata pela viagem que a levava até ali. Olhar para um rosto que a via por completo, sem possibilidade de dissimulação, sem charme ou lágrimas para deixar de lado ideias importunas, sem perspectiva de manipulação. Apenas a racionalidade crua e o peso da história contido naqueles livros. A novidade era um prazer culposos.

— *Ilvarek* — disse ela. — Uma visão. É isso o que significa.

— A tradução mais aproximada em sua língua é “presciência”. Conhece essa palavra?

— Uma habilidade das Trevas para vislumbrar o futuro.

— Eu não vislumbro. O futuro olha para mim, e eu olho de volta, e, quando o faço, vejo você.

— E o que estou fazendo?

A expressão da Mahlessa se anuviou.

— Uma de duas coisas. — Ela foi até um pergaminho que encontrava-se no alto de uma pilha de livros, pegou-o e ofereceu-o à Lyrna. — Isto é para você.

— Um presente?

— Um tratado. A guerra entre nossos povos terminou. Aceite, por favor, as minhas congratulações pela negociação bem-sucedida dessa paz.

Lyrna aproximou-se dela, pegou o pergaminho, desenrolou-o e encontrou dois blocos de texto belamente escritos, na língua do Reino e na mesma escrita desconhecida que vira no livro.

— Não há condições — disse ela. — Apenas uma declaração de que o conflito entre nós está encerrado.

— O que mais você gostaria?

— É costumeiro discutirmos sobre fronteiras, tributos, essas coisas.

— Fronteiras mudam constantemente, e aceitarei seu papel na derrota da falsa Mahlessa como um tributo mais do que suficiente, que recompensarei com um presente. Você carrega uma faca, não?

Lyrna levou a mão à corrente em volta do pescoço.

— É apenas um pingente. Não representa nenhuma ameaça. Não consigo nem arremessá-la direito.

— Ainda não. — A Mahlessa estendeu uma das mãos. Lyrna notou que ela ainda segurava a garrafinha com a outra mão. — Entregue-a para mim.

O grito de Kiral e o fedor do conteúdo da garrafa ainda eram recentes em sua memória, de modo que Lyrna hesitou antes de erguer a corrente por sobre a cabeça e colocar a faca na palma da Mahlessa.

— Você está se perguntando o que é isso — disse ela, segurando a faca pelo punho e erguendo a garrafa até deixá-la sobre a lâmina. — Os eruditos lonaks não eram apenas poetas e matemáticos, mas também químicos. Séculos atrás, eles criaram uma substância que produziria a mais pura e absoluta dor que um humano pode suportar sem perder a vida, embora apenas se uma quantidade mínima for usada. — Ela virou a garrafa e deixou uma única gota do líquido viscoso e escuro pingar sobre a lâmina. O vapor fétido subiu mais uma vez, fazendo Lyrna recuar e cobrir o nariz. O líquido espalhou-se pelo aço e o vapor rareou e pareceu desaparecer, como água infiltrando-se em tecido.

— Aqui. — A Mahlessa estendeu a faca para Lyrna. — Ela não irá lhe ferir. Depois de misturada com aço, a substância só agirá quando tocar em sangue.

— Por que eu precisaria disso? — perguntou Lyrna, sem pegar a faca.

— Para fazer uma das duas coisas que a vejo fazer.

Estava claro que ela não diria mais nada sobre o assunto. Lyrna estendeu a mão com cautela e tocou na faca com um dedo, sentindo apenas o metal frio.

— Nunca se separe dela — disse a Mahlessa quando Lyrna pegou a corrente com a faca e pendurou-a no pescoço.

— Vou guardá-la para sempre, de qualquer forma — retorquiu Lyrna. — É o único presente que já estimei.

O olhar da Mahlessa permaneceu sério, mas havia surpresa nele.

— Você não é o que eu esperava. A *ilvarek* descrevia algo muito diferente.

— Eu era mais alta? — perguntou Lyrna com uma risada baixa.

— Não, você era ambiciosa. Não se importava em nada com as vidas perdidas para chegar até aqui. Eram apenas peças no seu tabuleiro de keshet. Esse encontro deveria tê-la deixado furiosa, a verdade sobre a *ihvarek* deveria ter provocado ódio, fazendo-a jurar uma vingança abominável e rasgar o tratado que tem nas mãos. Alguma coisa mudou em você, Lyrna Al Nieren. Pergunto-me se foi culpa, talvez algum crime cometido fora do alcance da *ihvarek*. Tão terrível que a culpa forjou uma nova faceta em sua alma.

Pai, eu lhe imploro...

— Eu arriscaria dizer que cometeu mais crimes do que eu — disse Lyrna.

— Garantir a sobrevivência de meu povo me forçou a cometer atos terríveis, é verdade. Menti, corrompi, torturei e matei. E eu cometera cada crime mil vezes mais para assegurar o mesmo fim. Lembre-se disso, Rainha, quando vir as chamas se erguerem no alto. Lembre-se disso e pergunte a si mesma: eu faria isso novamente?

Ela se aproximou, pegando o livro que Lyrna examinara e oferecendo-lhe o tomo.

— Remover mesmo um pedacinho de papel deste lugar é um crime punível com morte, mas acho que posso abrir uma exceção para você. As reflexões sobre a divindade são particularmente interessantes. Reltak tem muito a dizer sobre a tolice dos dogmas.

— Não sei ler o que está escrito.

— Acho que nós duas sabemos que traduzir esse texto está dentro de suas habilidades. Tenho certeza de que o texto Ionakhim no tratado fornecerá pistas suficientes. E minha lança brilhante estará lá para ajudar. Ela lê muito bem.

— Davoka?

— É costume que nações em paz troquem embaixadores, não? Ela será minha embaixadora em sua terra.

— A... diplomacia dela será muito bem-vinda. Obviamente providenciarei para que um oficial do Reino devidamente qualificado se apresente aqui o mais breve possível.

— Como queira. Não há pressa. Apenas certifique-se de enviar uma mulher, a não ser que você queira que seu embaixador me dê seu Reino inteiro.

— Os homens são tão facilmente cativados pela sua beleza?

— Não, pelo dom de uma mulher que morreu há três séculos. Estranhamente, ele só afeta homens.

Lyrna pegou o livro.

— Receio não ter nada para oferecer em troca.

O escrutínio da Mahlessa ganhou um aspecto de reflexão melancólica.

— Você é o presente — disse ela. — A confirmação de que tudo serviu para algo. — Ela estendeu a mão, que Lyrna pegou. — Eles estão vindo, Rainha. Estão vindo para destruir tudo. Seu mundo e o meu. Confie no encantador de feras quando os grilhões a prenderem.

— Mahlessa?

Ela havia desaparecido de novo, substituída mais uma vez pela garota assustada. Sua mão tremia, segurando a mão de Lyrna, com a cabeça inclinada e

encarando a princesa com um medo desesperado.

— *Qual é a sensação?* — perguntou ela, e Lyrna percebeu que a garota repetia a pergunta que fizera antes, alheia ao fato de que se passara algum tempo.

— *Nunca matei alguém* — respondeu Lyrna.

— *Ah...* — Seus olhos percorreram o rosto de Lyrna. — *Não... Ainda não estão lá... Mas estarão.*

— *O que estará?*

A garota sorriu e seus dentes reluziram ao brilho verde.

— *As marcas da sua grandeza.*

Lyrna retornou à câmara de vapor e subiu os degraus espiralados até a superfície. Havia permanecido ali por mais de uma hora, fazendo pergunta após pergunta.

— *Quem é o mestre de quem a Mahlessa falou? Qual é o plano dele? Quem está vindo para destruir tudo?*

As respostas da garota assustada não eram mais do que um emaranhado confuso de enigmas.

— *Ele aguarda no vazio... Ele anseia... Ah, como ele anseia... Minha mãe disse que eu era a alma mais gentil a agradecer os lonakhim. Cortei a garganta dela com a faca de meu pai...*

Passado algum tempo, as divagações cessaram, e ela escorreu para o chão, apática, com os olhos vidrados. Lyrna aguardou mais um momento pelo retorno da Mahlessa, mas soube instintivamente que isso não aconteceria. *Nunca mais nos encontraremos.*

Ela suspirou e tocou no ombro da garota.

— *Você recebeu um nome?*

— *Helsa* — respondeu a garota com um sussurro. *Curandeira ou salvadora na forma arcaica, dependendo da entonação.*

— *Fico feliz por ter conhecido você, Helsa.*

— *Você virá me ver de novo?*

— *Espero que sim.*

Ao ouvir isso, ela sorriu, mas o sorriso desapareceu dos lábios quando o olhar vidrado regressou. Lyrna apertou o ombro dela e voltou para o túnel. Não se virou para uma última olhada, pois a tristeza era grande demais.

Encontrou os irmãos e Smolen esperando por ela quando voltou à superfície. Eles estavam sozinhos; as mulheres que os receberam haviam partido para realizar quaisquer tarefas que a Mahlessa ordenara.

— *Alturk?* — perguntou Lyrna a Sollis.

— *Ele partiu, Alteza. Davoka falou com ele, e ele partiu.*

— *Nem mesmo se despediu* — comentou Ivern. — *Fiquei magoado.*

— *Davoka?* — perguntou Lyrna.

— *Está cuidando da irmã em algum lugar* — disse o jovem irmão. — *Elas nos deram aposentos no nível acima.*

Lyrna assentiu e olhou para o pergaminho que tinha na mão.

— Sua missão foi bem-sucedida, Alteza? — perguntou Smolen.

— Sim. — Ela forçou um sorriso. — Um grande sucesso. Descansem bem essa noite, meus senhores. Partimos para o Reino ao amanhecer.

A viagem ao Passo Skellan levou quase duas semanas; Davoka escolhera uma rota mais fácil, porém mais longa do que os caminhos variados que haviam feito até a Montanha. Lyrna sugeriu levar Kiral com eles, mas a Ionak recusou.

— Terá melhor cuidado na Montanha.

— Mas você acabou de recuperá-la — objetou Lyrna. — Não quer ficar por algum tempo? Você pode se juntar a mim na corte quando quiser.

Davoka sacudiu a cabeça.

— A Mahlessa ordena. — Foi tudo o que ela disse.

À noite, elas trabalhavam na tradução de *A Sabedoria de Reltak*, embora Davoka achasse os versos perturbadores.

— “A divindade mantém a aparência de discernimento quando na verdade celebra a ignorância” — disse ela certa noite, lendo e franzindo o rosto. — “Muitas de suas doutrinas são argila, e a argila seca torna-se dogma.”

Ela olhou para Lyrna por sobre o volume.

— Não gosto deste livro.

— É mesmo? Eu o acho bastante encantador.

Pela manhã, Davoka a ensinava a arremessar a faca, algo que haviam negligenciado na viagem para o norte. O Irmão Ivern juntou-se a elas e encontrou um pedaço de madeira fino e largo para usar como alvo. Às vezes, ele jogava o alvo para o alto e arremessava as próprias facas no centro com rapidez e precisão desconcertantes.

— Sempre fui o melhor nesse jogo — disse ele. — Ganhei mais facas do qualquer outro irmão noviço da minha idade. Apenas Frentis tinha alguma chance de se igualar a mim.

Frentis. Um nome que Lyrna conhecia; seu irmão o mencionara muitas vezes.

— Você conheceu o Irmão Frentis?

— Éramos do mesmo grupo na Casa da Ordem, Alteza.

— O Rei elogia muito a coragem dele. Ele disse que Untesh teria caído no primeiro dia se não fosse pelo Irmão Frentis.

Ivern deu um sorriso triste.

— Parece ser típico dele. Após o Teste da Espada, ele foi enviado aos Lobos Corredores, e eu fui enviado para cá. Envergonha-me dizer que senti inveja e que pensei que ele era o felizardo.

Com o passar dos dias, Lyrna começou a melhorar no manejo da faca, acertando o alvo com maior frequência e percebendo a verdade nas palavras de Davoka: *Arremessa de novo... De novo e de novo, até acertar. Então você saber como.*

Na última manhã, com o passo a apenas um dia de cavalgada, o alvo de

Ivern caiu no solo com sua faca cravada no centro, Lyrna finalmente pôde dizer que sabia como.

Foram recebidos com certa celebração e considerável surpresa quando chegaram ao passo. A guarnição aumentara com o acréscimo de um regimento completo de cavalaria vindo da Guarda do Reino, que recebera ordens do Rei para entrar em terras Lonak à procura de Lyrna. Por sorte, eles haviam chegado no dia anterior, e os preparativos para a insensata expedição estavam longe de serem concluídos.

— A senhora foi atacada, Alteza — protestou o Lorde Comandante do novo regimento quando ela lhe disse que se preparasse para escoltá-la para o sul no dia seguinte. — Esses selvagens precisam ser punidos. Eu consideraria uma honra...

Lyrna ergueu o pergaminho.

— Agora estamos em paz com os lonaks, meu senhor. Além disso, só encontrará punição para si próprio ao norte do passo.

Seu olhar foi atraído pelo Irmão Sollis, notando como se empertigou ao receber notícias dadas por um de seus irmãos. Ele percebeu que a princesa o olhava e aproximou-se.

— Novidades do Reino, Alteza. Parece que houve um atentado contra a vida do Senhor da Torre Al Bera. Ele está vivo, mas encontra-se gravemente ferido. Testemunhas culpam fanáticos cumbraelinos.

Lyrna abafou um gemido. *Termina uma guerra e outra se forma em casa.*

— O que o Rei ordenou?

— O Senhor da Batalha está reunindo a Guarda do Reino e tem ordens para expulsar os fanáticos. O Senhor Feudal Mustor recebeu ordens para prestar assistência, mas se o povo dele fará isso é outra história.

— Entendo. Então é melhor que eu não me demore. Lorde Comandante, partimos dentro de uma hora.

O Lorde Comandante fez uma mesura e afastou-se, gritando ordens. Lyrna virou-se para Sollis.

— Parece que nossa despedida precisa ser breve, irmão. Sei que não posso oferecer presente ou favor que você aceitaria, então ofereço apenas meus agradecimentos pela minha vida e pelo sucesso dessa missão.

— Foi... uma viagem interessante. — Ele hesitou. — Há outras notícias, Alteza. — Lorde Al Sorna retornou ao Reino.

Vaelin...

— Retornou? — Ela ouviu a estridência na própria voz e tossiu. — Como?

— O Imperador o libertou, aparentemente em gratidão por algum serviço heroico. Os detalhes são um pouco vagos. Ele chegou a Varinshold há algumas semanas. Parece que deixou nossa Ordem. O Rei Malcius o enviou para os Confins do Norte como Senhor da Torre.

Os Confins do Norte... Dessa vez, seu irmão tolo tomara a decisão correta, embora Lyrna desejasse que ele tivesse esperado um pouco.

— Por favor, peço que agradeça o Irmão Ivern por mim — disse ela a

Sollis. — Transmita-lhe meus sentimentos por não ter mais beijos a oferecer.

— Creio que um foi mais do que suficiente, Alteza.

— Para onde você irá? — perguntou ela. — Agora que não há ninguém aqui para enfrentar.

— Vou para onde meu Aspecto ordenar, Alteza. E há sempre mais alguém para enfrentar. — Ele fez uma mesura mais longa, endireitou-se e deu meia-volta, partindo em direção à torre larga que ficava na extremidade sul do passo.

Um sargento da Guarda do Reino correu até Lyrna, trazendo uma bela égua cinzenta.

— O Lorde Comandante oferece-lhe esse presente, Alteza — disse o homem, estendendo as rédeas. — Dos próprios estábulos dele.

Lyrna virou-se para coçar o focinho de seu pônei. Começara a chamá-lo de Passofirme nos últimos dias, algo que Davoka achou tão divertido quanto desconcertante, pois os lonaks não davam nomes a animais que podiam ter de matar nos meses de inverno.

— Tenho uma montaria, sargento — disse ela, montando na sela e sentindo os ossos familiares do dorso de Passofirme. — Podemos partir?

Em Cardurin, a população enchia as ruas em celebração, bandeiras decoravam as inúmeras pontes entre as construções altas e moradores jogavam flores ao longo do caminho que a princesa fazia. Quando ela chegou à praça principal, o feitor fez um discurso exagerado e um tanto longo elogiando a princesa como pacificadora e libertadora.

— Qualquer coisa que Vossa Alteza pedir, essa cidade providenciará — concluiu ele, com uma mesura elaborada.

Lyrna remexeu-se um pouco no dorso de Passofirme quando a multidão ficou em silêncio, esperando por sua resposta.

— Um banho, senhor — disse ela. — Eu gostaria muito de um banho.

Lyrna tomou dois banhos em uma suíte na mansão do feitor e escolheu roupas fornecidas pelos melhores costureiros da cidade enquanto Davoka a olhava com uma careta cautelosa.

— Não dá para cavalgar usando essas coisas — disse a lonak — Nem lutar.

— Estou esperando que meus dias de cavalgada e luta tenham acabado — retorquiu Lyrna. — Quero esse aqui — disse ela para a criada, apontando para um longo vestido de chiffon azul-escuro e despindo o roupão de banho. A garota sufocou um grito e desviou o olhar, corando. — *Ela nunca viu as tetas de uma rainha antes* — explicou Lyrna a Davoka, que parecia intrigada.

Lyrna colocou o vestido e olhou-se em um espelho longo, satisfeita com o modo como a roupa realçava suas formas, embora estivesse mais solto na cintura do que gostaria; era a consequência de tantos dias na sela, supôs. Ela observou lentamente seu rosto, de certa forma esperando que a viagem tivesse deixado alguma marca, algum endurecimento ou desgaste em suas feições, mas

viu apenas o mesmo rosto que sempre vira, a não ser... Havia algo novo em seus olhos? Uma franqueza que não estava lá antes?

— A senhora está... m-muito bonita, Alteza — gaguejou a criada, suficientemente recomposta para lisonjeá-la.

— Obrigada — disse Lyrna com um de seus melhores sorrisos. — Separe a túnica de montaria para a manhã e embrulhe esses outros trajes para mim.

Lyrna passou algumas horas no banquete que o feitor organizara em sua homenagem, ouvindo discursos de várias figuras notáveis da cidade e aguentando a tagarelice fútil de suas esposas. Seu único pronunciamento foi uma leitura do pergaminho da Mahlessa, que ordenou que fosse copiado e enviado para todos os cantos do Reino. Pelos discursos e conversas, ficou claro que aquelas pessoas a viam mais como uma vencedora do que uma pacificadora, como se ela tivesse vencido uma grande batalha em vez de simplesmente sobreviver a uma viagem perigosa para retornar com um pergaminho. Observando os rostos risonhos e cada vez mais embriagados à sua volta, Lyrna se viu pensando nas palavras da Mahlessa. *Eles estão vindo, Rainha. Estão vindo para destruir tudo... Seu mundo e o meu.*

Ela suspirou dentro da taça de vinho. *Agora que tenho a evidência que sempre desejei. O que faço com ela?*

Partiram na manhã seguinte, embora o feitor da cidade tivesse insistido para que Lyrna ficasse um pouco mais.

— Sua grandeza enriquece nossa cidade, Alteza.

A julgar pelos presentes que ofereceram e pelo tamanho das celebrações em sua homenagem, Lyrna achou que seria mais provável que a cidade fosse à falência se ela permanecesse mais um dia ali. Ela aceitou apenas uma cópia do pergaminho da Mahlessa, feita em velino e ilustrada com uma imagem sua montada em Passofirme ao chegar aos portões da cidade com o pergaminho na mão. Aparentemente, a Guilda dos Escribas trabalhara a noite toda para concluir a obra e a tinta mal havia secado.

Haviam viajado por dois dias quando um dos batedores do Lorde Comandante aproximou-se a galope com uma notícia que Lyrna temera a cada passo dado pela comitiva em direção ao sul.

— O Senhor Feudal Darnel vem para saudar Sua Alteza, meu senhor.

— Um inimigo, Rainha? — perguntou Davoka, notando a súbita tensão no rosto de Lyrna.

— *Lembra-se do homem sobre o qual lhe falei?*

Davoka assentiu enquanto uma fileira de cavaleiros surgia no horizonte.

— *Ele está vindo?*

— *Não, o oposto dele.*

O Senhor Feudal Darnel nada perdera de sua boa aparência nos anos que haviam passado desde a última vez que se viram, em uma troca de cumprimentos misericordiosamente breve na coroação de seu irmão. Ele não usava elmo, mas trajava uma armadura completa, decorada com detalhes azuis

intrincados e laqueados, e cavalgava um garanhão negro. Parecia um verdadeiro cavaleiro nobre com os longos cabelos escuros esvoaçando e emoldurando o rosto belamente esculpido. *A nobreza é uma mentira*, seu pai lhe dissera. *Uma pretensão de que uma alta posição é resultado de algo mais do que dinheiro ou habilidade marcial. Qualquer idiota pode fazer o papel de nobre, e, como você acabará descobrindo, minha filha, são principalmente os idiotas que fazem esse papel.*

— Princesa! — exclamou Lorde Darnel, puxando as rédeas do cavalo e desmontando para colocar um joelho no chão. Atrás dele, seu séquito de mais de cinquenta cavaleiros fez o mesmo. — Dou-lhe as boas-vindas a Renfael. Perdoe-me por não poder oferecer uma recepção adequada, mas só fui informado de sua chegada ontem.

— Senhor Feudal — disse Lyrna. Ela fez um gesto em direção a Davoka. — Permita-me apresentar a... Senhora Davoka, Embaixadora do Domínio Lonak.

Darnel levantou-se de sua mesura a Lyrna e apertou os olhos para a lonak com uma mal disfarçada careta de aversão.

— Então é verdade? Os selvagens finalmente cederam?

Lyrna viu a mão de Davoka apertar com mais força o cabo da lança e sentiu-se seriamente tentada a deixar a mulher dar vazão à raiva. As histórias sobre os atos de Darnel durante a queda de Marbellis eram famosas, mas nenhuma era lisonjeira.

— Nada foi cedido — disse Lyrna. — Fizemos um acordo de paz. Isso é tudo.

— Uma pena. Sempre foram um bom exercício para nós. O primeiro homem que matei foi um lonak, se é que se poderia chamar aquilo de homem.

— *Não posso deixar que você o mate* — disse Lyrna a Davoka quando a lonak começou a apontar a lança.

— Aprendeu a língua deles? — perguntou Darnel com uma risada. — Alguém tão adorável...

— Há algum outro assunto, meu senhor? — interrompeu Lyrna. — Temos muitos quilômetros a percorrer, e o Rei aguarda meu retorno, sã e salva.

— Há uma questão de certa importância, se pudermos conversar a sós por um momento.

Lyrna quis recusar, mas a falta de civilidade já em evidência era um péssimo espetáculo diante de tantos Guardas do Reino e cavaleiros.

— Muito bem. — Ela desmontou e sussurrou para Davoka em lonak — *Não se afaste muito.*

Afastaram-se um pouco das fileiras de cavaleiros. Lyrna estava mais do que ciente dos muitos olhos que assistiam à cena.

— Há alguém que trama contra minha suserania nesse feudo, espalhando falsidades e contestando minha honra a cada oportunidade — disse Darnel. — Creio que concordará, Alteza, que uma traição contra mim é o mesmo que uma traição contra a Coroa.

Lyrna evitou fornecer essa afirmação, respondendo com uma pergunta:

— E quem é esse descontente?

A boca de Darnel crispou-se ao responder.

— Banders!

— O Barão Hughlin Banders? O cavaleiro mais amado de Renfael e um dos poucos capitães a retornar da guerra alpirana com algum vestígio de honra? É esse o homem que o senhor está chamando de traidor?

— Eu governo meu feudo em nome do Rei, como determinado pelos princípios que mantêm este Reino unido.

Como um homem pôde ver tanto e mudar tão pouco?, pensou ela. Tudo o que a fizera desconsiderar os desejos de seu pai ainda estava ali, em seu piscar de olhos, em seu rosto, em sua pose, na arraigada presunção de direito, na consciência da própria inteligência. *Que criança terrível ele deve ter sido... E ainda é.*

— Esse é um Reino livre — observou Lyrna. — E todos podem expressar seus pensamentos sem medo de perseguição.

— Não quando tais pensamentos equivalem à sedição. O homem *reúne uma corte*, Alteza. Lordes e populares o procuram em busca de conselhos, mesmo que ele não possua qualquer posição nesse feudo. Um cavaleiro pedinte, na verdade.

— Um pedinte que o senhor mataria? Não é exatamente uma ambição de um cavaleiro.

— Apesar das mentiras que Vossa Alteza possa ter ouvido sobre mim, não sou cruel. O exílio parece ser a sentença mais justa.

Além de diminuir a probabilidade de que os populares se voltem contra você. A astúcia de Darnel a incomodava; Lyrna o preferia como um idiota.

— Exílio e confisco de propriedade — acrescentou ele. — Naturalmente, tomarei as devidas providências para que quaisquer dependentes não fiquem desamparados.

Havia um peso nessas últimas palavras que a fizeram parar para pensar. *Não é apenas vingança contra um velho adversário*, concluiu Lyrna. *Ele quer mais.*

— Apresentarei suas preocupações ao Rei — disse ela, dando-lhe as costas. — Agora, se não houver mais nada...

— Apenas meu amor eterno.

A sinceridade na voz dele era perturbadora, assim como a intensidade em seus olhos. Lyrna não notara antes como eram de um azul tão escuro. Em outro lugar, em outro homem, ela poderia ter encontrado motivos para continuar fitando tais olhos, mas ali queria apenas montar em seu pônei e cavalgar para longe o mais rápido possível.

— Essa questão foi encerrada... — começou ela, mantendo a voz baixa.

— Não por mim — disse ele, aproximando-se. Lyrna podia ver que ele estava resistindo ao impulso de agarrá-la. — Nem por um dia. Nunca se perguntou por que ainda não me casei? Por que luto todos os dias para manter a paz do Rei, ainda que a justiça clame para que eu reúna meus servidores e queime o forte de Banders e a casa de cada miserável ingrato que vive nesse feudo? Por você, Lyrna. Para que você possa me ver...

— Eu vi você — disse a princesa, firme e seca. — E vi o suficiente.

Darnel cerrou o maxilar e abaixou a cabeça. Sua voz era frágil e repleta de

desapontamento.

— Essa é sua palavra final?

— Minha palavra final foi dita ao meu pai oito anos atrás, e não vejo razão para dizer outra.

Ele ergueu o rosto, mostrando que a sinceridade de sua afeição continuava ali, ainda que diminuída pela raiva.

— Se seu irmão tivesse morrido em Untesh, você agora seria rainha. Deve ter sido muito *emocionante* vê-lo retornar para casa.

— Se meu irmão tivesse morrido, posso lhe assegurar que você estaria acorrentado e no primeiro navio de volta ao império, entregue para responder pelos seus crimes.

— Crimes? — Ele soltou uma gargalhada rouca e curta. — Você fala em crimes como se a guerra fosse um jogo, como se regras significassem alguma coisa durante uma matança, como se nós nos importássemos com elas, Lyrna. Eu *vejo* você. — Ele se aproximou ainda mais, com olhos escuros determinados e indagadores. — Eu vejo você, vejo o rosto que esconde da corte e do povo. Eu o vejo porque o vejo em mim, assim como tudo o que poderíamos ser. Nós colocaríamos o mundo aos nossos pés dentro de uma década.

— Quando isso aconteceu?

Darnel franziu o cenho.

— Alteza?

— Quando sua mera crueldade deu lugar à loucura?

O rosto dele ficou paralisado e uma fúria rígida percorreu-lhe o corpo da cabeça aos pés, como se Lyrna o tivesse golpeado. O pônei de Davoka bufou alto quando ela o conduziu até o Senhor Feudal estar ao alcance de um arremesso da lança.

— Creio que Al Sorna retornou ao Reino e que não desfruta mais da proteção da Sexta Ordem — disse Darnel por entre os dentes. — Um desafio pode ser feito e aceito. Diga-me, você preferiria a cabeça ou o coração dele?

— Espero fervorosamente que o senhor faça tal desafio, assim poderei escolher meu tributo dentre o que restar do senhor. Talvez eu o envie à Marbellis como uma pequena forma de compensação.

Darnel permaneceu imóvel por um momento, paralisado em sua fúria, com o rosto trêmulo antes de se recompor.

— Gostaria que se lembrasse das palavras que me disse hoje, Alteza — disse ele em voz baixa e rouca. — Gostaria que se lembrasse por muito tempo.

— Então lamento informar, meu senhor, que pretendo esquecê-las assim que o senhor sair da minha frente. Algo que espero que o senhor providencie sem demora.

Ele podia recusar; ela não tinha poder para ordená-lo. Lyrna só podia esperar que ele obedecesse. Geralmente isso era suficiente, mas bastaria para aquele homem lindo e louco?

Darnel fechou os olhos, respirando com calma, e um sussurro deixou seus lábios:

— Que a Fé me ajude, mas eu tive de tentar. — Quando ele abriu os olhos, não havia mais raiva, nem mesmo crueldade, apenas uma impressão de

aceitação atordoada. Ele fez uma mesura formal e correta em todos os detalhes, deu meia-volta para retornar ao cavalo, montou e cavalgou para longe sem mais uma palavra.

— *Deixe que eu vá atrás dele* — disse Davoka, observando Darnel e seus cavaleiros chegarem ao topo de uma colina e desaparecerem. — *Estará resolvido ainda essa noite. O coração dele irá parar enquanto estiver dormindo. Ninguém será culpado.*

— *Não* — disse Lyrna, caminhando até Passofirme.

— *Conheço homens como ele, Lerhnah. Matei o suficiente para conhecê-los muito bem. Ele não irá parar até fazê-la sangrar.*

Lyrna montou no pônei, encontrou o olhar de Davoka e sacudiu firmemente a cabeça. A lonak rangeu os dentes, mas não insistiu.

— Lorde Comandante Al Smolen — gritou Lyrna. O comandante da Guarda cavalgou rapidamente até a princesa e fez uma continência. — Uma mudança de curso, meu senhor. Seguiremos para o forte Banders.

CAPÍTULO SETE

Reva

Avistaram primeiro os coruchéus da catedral, surgindo enquanto conduziam os cavalos colina acima.

— Pela Fé! — murmurou Arken, olhando para a catedral ao chegarem no topo da colina. Os dois coruchéus erguiam-se do centro da cidade como duas flechas. — Qual é a altura deles?

Reva respondeu com uma citação do sacerdote:

— Altos o bastante para igualar a glória do Pai.

Ela nunca havia estado em Alltor, mas o sacerdote contara muitas histórias sobre a cidade que recebera o nome do primeiro e maior profeta do Pai do Mundo. *Uma cidade inteira construída em homenagem ao Pai, uma maravilha de mármore e beleza, humilhando os casebres de madeira dos asraelinos quando foi erigida.* Ao olhar para a cidade que se estendia aos seus pés, Reva suspeitou que a descrição do sacerdote tinha sido exagerada pela suposição de que ela jamais colocaria os olhos na cidade. Era menor que Varinshold, confinada em sua ilha murada no meio do Rio Ferrofrio, mas não tão fedorenta, pelo menos daquela distância. No entanto, Reva não viu nada que parecesse maravilhoso na cidade, apenas uma confusão de construções de pedra sob uma espessa camada da fumaça que saía de mil chaminés. Somente a catedral chegava perto das visões que o sacerdote fizera surgir em sua mente de menina, e mesmo assim era uma sombra fuliginosa do que imaginara, com o mármore dos coruchéus enegrecido por séculos de sujeira soprada pelo vento.

— Você tem família aqui? — perguntou Arken. Nos últimos dias, as perguntas do garoto tornavam-se mais frequentes e incômodas. Porém, Reva não conseguiu mentir para ele, dando-lhe respostas breves, mas sempre verdadeiras.

— Sim. — Ela montou em Bufo e começou a descer a colina. — Um tio.

— Vamos ficar na casa dele? — Reva pôde ouvir a esperança na voz dele. Dormir ao ar livre durante todas aquelas noites havia dissipado qualquer noção infantil de grandes aventuras, e a perspectiva de quarto e comida era muito bem-vinda.

— Espero que não — respondeu ela. — Acho que ele não ficaria feliz em

me ver.

Como era dia de mercado, os guardas do portão estavam ocupados demais cobrando impostos aos mercadores para se incomodarem muito com os dois forasteiros. Reva havia escondido suas armas debaixo de um cobertor amarrado no dorso de Bufo e Arken manteve sua faca oculta dentro da camisa. Atravessaram o portão sem incidentes, mas se viram presos em meio à multidão do mercado. Reva teve de desmontar para acalmar Bufo quando ele começou a empinar, dilatando as narinas diante do fedor de tantas pessoas.

— Você não gosta, não é? — perguntou ela, levando uma cenoura à boca do cavalo. — Não foi criado para as cidades, hein? Eu também não.

Saíram da multidão após uma hora empurrando e espremendo-se entre as pessoas, chegando a um labirinto de ruas estreitas ao redor da praça do mercado. Encontraram uma estalagem com um estábulo, após terem andado a esmo pelo que pareceu uma eternidade. Bufo e o cavalo largo de Arken, que ganhara o nome de Calombo devido ao seu dorso nem um pouco confortável, ficaram aos cuidados do cavaleiro enquanto Reva pagava cinco moedas de cobre por um quarto que pudesse dividir com seu irmão.

— Irmão, é? — disse o estalajadeiro com uma olhadela de cumplicidade. — Não se parece com você.

— Você não se parecerá com você se ficar cinco minutos com ele — retorquiu Reva. — Como chegamos à mansão do Senhor Feudal?

O homem não pareceu abalado com a ameaça e simplesmente riu um pouco antes de responder.

— É só seguir na direção dos coruchéus. Fica de frente para a catedral. Mas o dia de petições é só em feldrian.

— Vamos esperar.

O sorriso do homem cresceu.

— Então vou precisar do pagamento adiantando por mais dois dias.

Reva deixou as armas no quarto com Arken, advertindo-o a não abrir demais a porta caso o estalajadeiro aparecesse para bisbilhotar, e saiu para encontrar a mansão. Como lhe fora dito, manteve os coruchéus à sua frente, impressionando-se cada vez mais com a altura deles, até que as ruas deram lugar à grande praça central. Era pavimentada de ponta a ponta em granito, com nuvens de pombos que voavam e aterrissavam sem cessar nas pedras; a catedral erguia-se à esquerda, a maior que Reva já vira, tão alta que ela se perguntava como podia permanecer de pé. Do outro lado da praça havia uma grande construção de três andares e muitas janelas, cercada por um muro de três metros encimado por pontas de aço. Guardas em duplas patrulhavam os muros e um pelotão de cinco homens guarnecia o portão principal. Ela contou quatro arqueiros no telhado. Seu tio claramente se preocupava com a própria segurança.

Reva deu várias voltas na mansão, mantendo-se nas sombras tanto quanto possível e contando outros quatro arqueiros posicionados no telhado dos fundos e quatro guardas no portão de trás. Os muros estavam em excelente estado de conservação e havia uns vinte metros entre eles e o abrigo mais próximo. Os guardas eram atentos e revezavam-se a cada duas horas. Certamente havia um

escoadouro no terreno com acesso pelos esgotos, mas ela desconfiava que quem quer que cuidasse de seu tio garantiria que esse caminho também fosse vigiado.

Não há como entrar, concluiu ela, sentando-se nos degraus da catedral com uma maçã que comprara de um vendedor.

— Está aqui pelas petições? — perguntou um homem enquanto ela dava uma mordida na fruta. — Você não parece ser uma garota da cidade, pelo modo como olha para tudo.

— Minha madrastra reivindicou a fazenda quando papai morreu — respondeu ela, mastigando. — A vaca não quer dar minha parte e a parte do meu irmão.

— Que o Pai nos livre das mulheres gananciosas — disse ele. — Uma dica: não apele ao senhor, e sim à meretriz.

— À meretriz?

— Sim, ele só tem uma nesses últimos tempos. Uma asraelina, ainda por cima. Ela faz boa parte do trabalho por ele, e dizem que é justa, mesmo sendo uma meretriz herege.

Reva deu-lhe um sorriso.

— Obrigada, meu velho.

— Não sou tão velho — retorquiu ele, fingindo ultraje. — Há pouco tempo atrás você teria ficado feliz se eu olhasse para você. — O humor dele desapareceu ao perceber algo atrás de Reva. — Já está na hora — disse ele, afastando-se do seu carrinho e colocando um joelho no chão.

Reva virou-se e viu uma procissão entrando na praça pelo lado norte e as pessoas ajoelhando-se por onde ela passava. Um jovem com manto de sacerdote caminhava na frente, com passos ritmados, erguendo uma fâmula de seda brasonada com a chama do Pai do Mundo. Atrás dele vinham cinco homens lado a lado, vestidos com as roupas verde-escuras usadas apenas por bispos e segurando um livro em cada mão. Na retaguarda, vinha um velho em um manto branco simples, com o olhar fixo adiante, de quem emanava uma aura de dignidade calma, apenas levemente maculada pela barriga saliente sob o manto.

— Ajoelhe-se, garota! — sussurrou o vendedor de frutas. — Você quer ser chicoteada?

O Leitor, compreendeu Reva ao se ajoelhar, observando a procissão subir os degraus a alguns metros de distância. O sacerdote sempre fora muito claro sobre o primeiro alvo da espada de seu pai. *Líder corrupto da igreja corrupta. Um traidor do Pai quase tão vil quanto o bêbado que vive na mansão.*

Ela observou o homem de manto branco erguer as barras da vestimenta para subir os degraus. Não havia nada notável em seu rosto, com exceção de um nariz um pouco aquilino, rugas e nenhum brilho específico nos olhos que indicassem malevolência ou bondade. A igreja afirmava que o Leitor ouvia a voz do Pai sempre que lia os Dez Livros. Uma ideia absurda, uma vez que o Pai havia claramente determinado que agora deveriam haver onze livros. Aquele velho, com sua barriga e seus sicofantas, era o pior tipo de herege, não dando ouvidos à voz do Pai por receio de perder poder sobre a igreja.

Uma coisa de cada vez, pensou Reva quando a procissão desapareceu dentro da catedral, virando-se para a mansão. *Não há como entrar... Exceto no*

Reva passou os dois dias seguintes conhecendo as ruas da cidade e obtendo o máximo de informação possível sobre o interior da mansão do Senhor Feudal.

— Ele fica sentado em uma cadeira sobre uma plataforma no salão principal — disse o estalajadeiro. — As pessoas chegam, apresentam seus casos, tudo é anotado e, então, uma semana depois, ele dá seu julgamento. Bem, o julgamento que a meretriz lhe diz para dar.

— Isso não deixa as pessoas com raiva? — perguntou Reva, tendo o cuidado de manter um tom meramente curioso. — Ver o feudo ser governado por uma prostituta asraelina?

O homem gargalhou. Ela notou que ele fazia isso diversas vezes.

— Deixaria, se ela não fosse tão boa em seus julgamentos. As ruas estão limpas, o comércio vai bem e os foras da lei estão mais sob controle aqui do que nos outros feudos, pelo o que ouvi. Não era assim na época do pai dele, acredite.

Pelo que Reva pôde concluir, os requerentes enfileiravam-se diante do portão pela manhã e o trabalho começava à décima hora, embora a pontualidade do Senhor Feudal costumasse deixar a desejar. As petições eram ouvidas até seis horas da tarde em ordem determinada por sorteio. Era tradição que o Senhor Feudal oferecesse uma refeição aos requerentes ao meio-dia.

— Não é nenhum banquete — disse-lhe o vendedor de frutas. — Mas é uma refeição decente e é preciso a ajuda de todos os criados da mansão para distribuí-la.

Criados... Pajens e empregadas andando de um lado para o outro.

Reva sentou-se com Arken nos degraus da catedral naquela noite, esperando que um carroção se dirigisse ao portão.

— A coisa que você procura está lá dentro? — perguntou ele, soando incerto.

— Acredito que sim.

— E você vai roubá-la?

— Não se pode roubar o que é seu por direito, mas, sim. Isso é um problema?

— Roubar de um Senhor Feudal. — Ele fez uma careta e sacudiu a cabeça. — Vão nos matar se nos pegarem.

— Não, vão me matar. Você não vai comigo. — Ela ergueu a mão quando o garoto começou a protestar. — Preciso que você garanta nossa fuga. Você vai esperar com os cavalos no portão da cidade.

— E se você não aparecer?

— Então cavalgue para longe. E rápido.

— Não posso...

— Isso não é uma história nem uma canção, e você não é um guerreiro nobre que está aqui para me resgatar. Você está certo. Se me pegarem, estarei mesmo morta, e não fará diferença você continuar esperando. Você pegará os cavalos e o dinheiro e partirá.

O olhar dela foi atraído de volta à mansão quando um carroção apareceu, carregado com vinho e alimentos variados. Os guardas abriram o portão e uma tropa de criados surgiu para descarregar o carroção, muitos eram homens, mas havia também algumas mulheres. Reva os observou atentamente, absorvendo os detalhes de suas vestimentas. *Um lenço azul-claro mantendo o cabelo para trás, saias pretas, blusas brancas.*

— Para onde eu iria? — perguntou Arken, soando muito novo.

Ela viu os criados desaparecerem dentro da mansão.

— Para o norte — respondeu ela. — Para os Confins. Se você se apresentar ao Senhor da Torre e mencionar meu nome, tenho certeza de que ele encontrará um lugar para você.

Quando o garoto tornou a falar, sua voz saiu em um sussurro quase reverente.

— Você conhece Lorde Al Sorna?

Reva levantou-se e espanou a terra em sua calça.

— Certamente, eu era irmã dele.

Reva comprou uma blusa branca simples, um lenço azul-claro e duas saias, uma preta, outra verde. Passou a noite costurando uma saia na outra, colocando a verde por dentro e a preta por fora. Ela vira como os guardas eram meticulosos na revista dos visitantes, então descartou a ideia de esconder uma arma debaixo das saias. Se fosse necessário, podia encontrar uma faca na cozinha. Pela manhã, apresentou-se no portão da mansão, segurando um pergaminho com uma reclamação fictícia contra uma madrastra imaginária. Estava um pouco ruborizada, pois a despedida com Arken havia sido desajeitada; o garoto se inclinara para lhe dar um beijo no rosto e recuara com um olhar magoado quando Reva se afastou, parecendo alarmada.

— Lembre-se, não espere demais — disse ela. — Se eu não aparecer até uma hora depois da abertura do portão...

— Eu sei — disse ele, com uma careta.

Ela esperou que o garoto se contentasse com um aperto de mão e partiu para a mansão. Chegou cedo, mas já havia uma fila com mais de dez pessoas, e o número logo passou de duzentas quando o portão foi aberto. Um guarda apareceu para percorrer a fila com um saco aberto nas mãos, do qual cada requerente tirava um pino de madeira. Reva pegou um pino quando chegou sua vez, fazendo o possível para parecer ansiosa.

— Seis! — exclamou a velha atrás dela ao ler o símbolo gravado no pino que Reva tirara. No pino da mulher estava gravado o número 59. — Vou ficar aqui o dia inteiro. Minhas velhas pernas perderão as forças a qualquer momento.

Reva achou que a mulher parecia bastante robusta, mas deu-lhe um olhar solidário.

— Não se preocupe, vovó. Vamos trocar. — Ela estendeu o pino.

A mulher apertou os olhos, desconfiada.

— Quanto é?

— O Pai ama um gesto generoso — disse-lhe Reva, com um sorriso largo.

— Ah... — A mulher olhou para a catedral e estendeu o próprio pino. — Certo.

Ouviram-se gritos de discórdia vindos do final da fila quando o último pino foi tirado.

— Não é problema meu — gritou o guarda sobre o ombro, voltando ao começo da fila. — Voltem mês que vem.

Todos os requerentes foram conduzidos através do portão, sendo revistados em busca de armas antes de receberem permissão para prosseguir para a área seguinte, um misto bizarro de topiaria ornamentada e árvores frutíferas, e para a mansão em si. Eles chegaram ao salão principal, situado no fim de um corredor curto com algumas portas com a aparência lustrosa de muitos anos de desuso. No salão, havia um cordão de guardas diante de uma plataforma elevada com uma cadeira vazia. Quando todos os cem requerentes haviam entrado, um guarda ergueu a mão para silenciar os murmúrios.

— Curvem-se diante do Senhor Feudal Sentes Mustor, o servo mais leal do Reino Unificado e governante pela Palavra do Rei no Feudo de Cumbrael.

Reva havia ficado no fim do corredor, de modo que viu apenas parte do homem que surgiu de uma porta lateral. Ele tinha altura mediana e cinquenta e poucos anos. Era bem-vestido, mas tinha longos cabelos desgrenhados e andava um pouco curvado. Quando se sentou, Reva viu melhor seu rosto, mas nem de longe o achou edificante: malares encovados, pele pálida e por barbear e olhos de um vermelho anormal, mesmo para um beberrão. Ela esperara encontrar algum vestígio de suas próprias feições ali, algum eco do sangue que compartilhavam, mas não havia nada, o que a fez se perguntar se havia puxado mais à mãe do que ao pai.

O guarda bateu a haste da alabarda no chão e tornou a falar.

— Fiquem em silêncio para receber a Senhora Veliss, Conselheira Honorária do Senhorio de Cumbrael.

A mulher que subiu na plataforma usava uma saia e uma blusa simples, não muito diferentes dos trajes das criadas que Reva havia observado com tanta atenção no dia anterior, distinguindo-se apenas pelo amuleto de vitriolo azul que pendia de uma corrente de ouro e atraía muitos olhares para seus seios fartos. Seu cabelo castanho-escuro estava amarrado para trás em um rabo de cavalo simples com uma fita azul e suas feições graciosas, de lábios carnudos e malares salientes, não estavam pintadas.

— Meretriz imunda — murmurou uma voz masculina perto de Reva, embora não alta o suficiente para chegar aos ouvidos dos guardas.

A Senhora Veliss sorriu e abriu os braços em um gesto de boas-vindas, falando com precisão, mas a falta de refinamento de seu sotaque asraelino desmentia seu título de nobreza.

— Dou-lhes as boas-vindas em nome de Lorde Mustor. Asseguro-lhes que todas as petições serão ouvidas e cuidadosamente examinadas antes que algum julgamento seja feito. A paciência, como nos diz o Pai, é uma das maiores virtudes. — Ela sorriu mais uma vez, mostrando dentes brilhantes e perfeitos.

— Como se o Pai fosse macular Sua visão com você — murmurou a

mesma voz anônima.

— Daremos prosseguimento à sessão — continuou Veliss. — Número um. Adiante-se, por favor, e diga seu nome, endereço e caso.

O primeiro requerente foi um velho que reclamava em nome de sua aldeia sobre um aumento recente nos aluguéis, culpando a mania de seu senhorio de mimar o filho.

— Compre um cavalo novo para ele a cada mês, meu senhor. Não é certo. As pessoas estão passando fome enquanto um garoto que não tem mais de doze anos cavalga em um garanhão novo.

— Qual é o nome do seu senhorio? — perguntou Veliss.

— Lorde Javen, minha senhora.

— Ah... Creio que Lorde Javen perdeu o filho mais velho no Vau da Água Verde, não?

O homem assentiu com firmeza.

— Junto com metade dos rapazes da aldeia, minha senhora. E eles não foram perdidos no vau, e sim mortos após se entregarem diante da promessa de que receberiam um tratamento honrado.

Veliss não gostou do que ouviu e contraiu o rosto; afinal, o Vau da Água Verde havia sido um massacre asraelino.

— De fato. — Ela olhou para os dois escribas sentados a uma mesa ao lado da plataforma. Um dos homens ergueu a cabeça e assentiu. — Seu caso foi registrado — disse Veliss ao velho. — E será examinado com urgência.

E assim a sessão continuou, uma reclamação após a outra, todas similares em seus infortúnios: aluguéis e deserdamentos injustos, roubos de terras, uma jovem que pedia donativos suficientes para comprar uma nova perna de madeira para o avô, que a perdera a serviço do poderoso antecessor do Senhor Feudal.

— Creio que essa questão pode ser resolvida agora — disse Veliss, gesticulando para que um criado se adiantasse com uma bolsa. Ela entregou à garota o dobro da quantia pedida, causando um murmúrio de apreciação da multidão. *Essa aí não é tola*, avaliou Reva. *Meu tio foi sábio ao escolher sua meretriz.*

O último requerente da manhã mostrou-se o mais interessante. Era um homem de meia-idade, um pouco mais baixo do que a maioria, mas com uma musculatura impressionante. A barriga não exibia qualquer saliência, apesar da idade, e os músculos rígidos dos braços eram nítidos sob a camisa. *Arqueiro*, concluiu Reva quando o homem se curvou e disse ao que viera.

— Bren Antesh, Estreito das Lágrimas. Venho pedir permissão para formar uma companhia de arqueiros.

Pela primeira vez, o Senhor Feudal se mexeu em sua cadeira, estreitando os olhos ao ouvir o nome do homem.

— Havia um Capitão Antesh em Linesh — disse ele com uma voz áspera. — Não havia?

O arqueiro assentiu.

— De fato, meu senhor.

— Dizem que ele salvou a vida do Lâmina Negra — continuou o tio de Reva, provocando murmúrios entre a multidão. — É possível que isso seja

verdade?

Um leve sorriso surgiu nos lábios de Antesh.

— Não uso esse nome, meu senhor. Não há um Lâmina Negra. Essa é uma história para crianças.

Alguns murmúrios tornaram-se resmungos irritados.

— Heresia! Está nos livros... — As vozes se calaram quando o guarda bateu a haste da alabarda no chão de pedra.

O Senhor Feudal parecia alheio à comoção dos requerentes e passou uma das mãos pelos olhos embaçados ao continuar:

— Uma companhia de arqueiros, é? Para quê?

— Os jovens do Estreito estão ficando preguiçosos, meu senhor. Entregues a bebedeiras e brigas. O arco traz foco para um homem, treina o corpo e a mente e permite-lhe alimentar sua família e ter orgulho por conseguir tal coisa. Há veados em abundância em nossas matas, mas poucos possuem habilidade para caçá-los, a não ser com uma *besta* — acrescentou ele, crispando o lábio em desdém. — Ensinarei os rapazes a usar o arco, para que possam conhecer as habilidades de seus pais.

— E também quer um ordenado mensal pago por mim? — perguntou o Senhor Feudal.

Antesh sacudiu a cabeça.

— Não pedimos pagamento, meu senhor. Faremos nossos próprios arcos e flechas. Pedimos apenas permissão para formar uma companhia e praticar livremente.

— E caso eu necessite dos serviços dessa companhia em tempos de guerra?

Reva notou que Antesh antecipara aquela pergunta, embora a temesse. Ele hesitou e respondeu com certo abatimento.

— Estaremos às suas ordens, meu senhor.

O olhar do Senhor Feudal tornou-se distante.

— Eu era bom no manejo do arco quando criança, melhor do que meu irmão, na verdade. Difícil acreditar que eu era melhor do que ele em alguma coisa, eu sei. Se eu não tivesse sido... distraído pela vida, talvez tivesse músculos como os seus, hein, Capitão?

O arqueiro respondeu depressa, esquivando-se habilmente da oportunidade de cometer uma transgressão.

— Se meu senhor quiser pegar o arco novamente, ficarei feliz em ensinar.

Mustor riu um pouco.

— Um homem que acerta o alvo com palavras e com flechas. — Ele se virou para os escribas e ergueu a voz. — O Senhor Feudal de Cumbrael concede permissão aos homens do Estreito das Lágrimas para formarem uma companhia de arqueiros sob o comando de... — Ele procurou as palavras certas, gesticulando na direção do arqueiro — Mestre Antesh, pelo período de um ano. — Ele voltou o olhar para Antesh. — Depois disso, veremos.

O arqueiro curvou-se.

— Obrigado, meu senhor.

O Senhor Feudal balançou a cabeça e levantou-se, olhando esperançoso para a Senhora Veliss.

Criados trouxeram mesas e bancos para o salão, que foram cobertas com pão, frango, queijo e tigelas de sopa fumegante. Como o vendedor dissera, a refeição era simples, mas farta, e os requerentes atiraram-se à comida com entusiasmo. O Senhor Feudal e a Senhora Veliss retiraram-se para desfrutar uma refeição particular, e Reva viu-se sentada ao lado da velha robusta que falara com ela na fila. O caso da mulher fora ouvido, uma reclamação contra sua antiga empregadora por salários não pagos, mas ela ficou pela comida.

— Costurei vestidos para aquela vadia ingrata por quase dez anos — disse ela com um pedaço de frango na boca. — Ralei meus dedos. Um dia, ela chega e diz que já havia aguentado demais minha língua petulante e me manda embora. Bem, a prostituta do senhor vai cuidar dela!

Reva assentiu educadamente enquanto a mulher falava, comendo pouco e observando os criados irem e virem por uma grande porta na parede leste. Era um grupo eficiente, movendo-se com determinação e pouca conversa, fazendo com que Reva suspeitasse que a Senhora Veliss não tolerava criados preguiçosos, o que significava que ela provavelmente conhecia todos, se não pelo nome certamente pelo rosto.

Ela esperou mais um pouco antes de perguntar a uma criada que passava onde ficava a latrina, sendo direcionada a uma porta menor na parede oeste. Encontrou as divisórias desocupadas e trocou de roupa rapidamente, tirando a saia e virando-a pelo avesso, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo firme antes de amarrar o lenço azul. *Enganar é uma questão de corresponder à expectativa*, dissera-lhe o sacerdote certa vez. *As pessoas não questionam o que esperam ver. Apenas o incomum atrai a atenção*. Naquela casa, as pessoas esperavam que uma criada andasse depressa e falasse pouco, e assim ela fez, saindo do banheiro com passos resolutos, indo até a mesa para recolher alguns pratos vazios e levando-os até a porta leste, sentindo-se agradecida por a velha que a conhecia sequer erguer a cabeça do prato ao passar por ela.

Reva virou-se enquanto as outras criadas passavam pela porta, felizmente concentradas demais em suas próprias tarefas para lhe darem qualquer atenção. A porta levava a um corredor longo que terminava em um lance de escadas, que ela julgou levar até a cozinha. As inúmeras vozes que ecoavam pela escadaria a fizeram descartar a ideia de tentar conseguir uma faca naquele momento. Ela colocou os pratos no peitoril de uma janela próxima e afastou-se para procurar um lugar onde se esconder. Havia apenas uma porta destrancada no corredor, que se abria para um armário onde não havia nada mais emocionante do que alguns esfregões e vassouras. Contudo, a sorte providenciou uma grande cesta de vime com uma pilha alta de roupas para lavar. Depois de se contorcer um pouco, Reva conseguiu esconder-se em segurança debaixo do monte de roupas de cama e vestimentas. A possibilidade de ser descoberta parecia ínfima, pois com tanta coisa para ser limpa após a partida dos requerentes qualquer lavagem de roupas provavelmente seria deixada para o dia seguinte. Sem ter muito com o que se

ocupar, Reva adormeceu.

Ela despertou com o impacto suave de mais roupas sendo empilhadas no topo do monte, ouvindo o som abafado de vozes cansadas, interrompido quando a porta foi fechada. Cerrou os punhos, contou até cem e começou novamente, esticando um dedo cada vez que dava início a uma nova contagem. Quando todos os dedos foram estendidos, cerrou mais uma vez os punhos e forçou-se a repetir o processo três vezes, e só então saiu do cesto de roupas, tateando à procura da porta na escuridão absoluta. Abriu uma fresta e espiou o corredor pouco iluminado. Nada, nenhum passo, nenhuma voz. A casa estava silenciosa.

Reva livrou-se da pesada saia dupla, ficando com a calça que usava por baixo, e esgueirou-se para o corredor com os ouvidos atentos, ainda sem escutar nada. Satisfeita, levantou-se e seguiu para a escadaria. A cozinha era grande e estava vazia; o único som vinha de algumas panelas fumegantes deixadas sobre o longo fogão de ferro. Seus olhos avistaram o brilho de metal próximo à tábua de carnes. As facas estavam arrumadas sobre a mesa, oferecendo uma ampla gama de opções, desde cutelos grandes com lâminas largas até espetos semelhantes a agulhas. Reva escolheu uma faca simples de açougueiro com uma lâmina de quinze centímetros e um cabo balanceado, e enfiou-a em uma tira de couro que amarrara no tornozelo.

Como presumira, a cozinha levava a outra escadaria, que ela esperava que fornecesse acesso aos aposentos particulares do Senhor Feudal, onde ele certamente mantinha quaisquer itens de valor. Subiu as escadas com passos lentos e leves, sem fazer o menor barulho. Havia uma longa mesa de jantar no primeiro cômodo em que entrou, cuja superfície polida e escura reluzia à luz das lamparinas a óleo, e paredes cobertas por tapeçarias e pinturas, com muitos retratos. Irritou-se ao permitir que seu olhar se demorasse nos rostos que a encaravam, mais uma vez procurando por ecos de suas próprias feições, mas encontrando apenas o queixo típico e o nariz largo que caracterizavam o semblante do tio.

A sala de jantar era adjacente a uma biblioteca com três paredes altas ocupadas por estantes repletas de livros. No meio da sala, havia uma escrivaninha com um livro aberto e uma tira de seda atravessada na página ao lado de algumas folhas de pergaminho manuscritas. Reva parou ao passar pela escrivaninha, virando o livro para ler o título na capa: *De nações e riquezas*, de Dendrish Al Hendrahl. A caligrafia era precisa, feita por mão de quem recebera boa educação. *O preço do vinho define determinado feudo*, leu ela. *Portanto, sua riqueza deriva do vinho. Quem é o homem mais importante do feudo? O homem que possui o vinho ou o homem que colhe as uvas?*

Reva devolveu o livro à sua posição anterior e seguiu em frente, encontrando outra escadaria do outro lado da biblioteca. A sala que encontrou no andar seguinte fez seu coração pular de repente. *Espadas!*

Não havia janelas na sala, que era iluminada por um candelabro no teto; a luz das numerosas fileiras de lamparinas refletia nas espadas que cobriam as

quatro paredes, o assoalho era de madeira e macio sob os seus pés. Ao entrar, Reva foi atraída pela espada mais próxima, uma lâmina simples de padrão asraelino, porém bem-feita, tal como a maioria de suas irmãs. Todas estavam penduradas em suportes de ferro, de onde podiam ser facilmente retiradas. O olhar de Reva foi atraído para o gesso branco acima dos cavaletes de espadas, notando que era decorado com pinturas desbotadas, mas ainda discerníveis, de homens em meio a uma estocada ou um bloqueio. Compreendeu que era uma sala para a prática de esgrima. Seu pai devia ter aprendido naquela sala. Que melhor lugar para seu irmão guardar a espada?

Reva percorreu as paredes com os olhos, vendo mais e mais lâminas asraelinas separadas aqui e ali por espadas longas antigas ou punhais, mas nenhuma correspondia à descrição de Al Sorna ou à espada que o ferreiro lhe mostrara... *Espera!*

Estava pendurada no meio da parede oposta e era idêntica à espada que vira na oficina do ferreiro, a não ser pelo punho bem-feito e por um emblema em prata do brasão da Casa de Mustor: um arco retesado rodeado por folhas de carvalho. *Seria possível?* Ela passou os dedos pelo punho da espada, notando o gume irregular da lâmina e os arranhões em sua superfície. Aquela espada havia sido usada muitas vezes, aquela espada fora levada para a guerra. Talvez seu tio tivesse mandado fazer o punho quando a trouxe do Forte Alto, encontrando algum vestígio de decência em si mesmo para homenagear o irmão morto.

É ela!, concluiu Reva, agarrando o punho e erguendo a espada do suporte. *Tem de ser.*

Ela fechou os olhos e segurou a espada junto ao corpo, sentindo a lâmina fria contra a pele dos antebraços e tentando controlar o coração que palpitava em seu peito. *Finalmente...*

Soltou lentamente a respiração, acalmando-se. A missão só estaria concluída quando ela e Arken estivessem fora daquela cidade. Ela voltaria ao armário e aguardaria a chegada da manhã, quando esconderia a espada em um cesto de roupas e sairia pelo portão da mansão sob o olhar dos guardas.

Reva retornou à escadaria e, ao olhar rapidamente para cima, viu a mão caída na pedra dez degraus acima. Era pequena, com pele macia e jovem e dedos esguios, mas estava salpicada de sangue.

A espada pesada ficava desajeitada em sua mão, fazendo-a ansiar por sua lâmina do Extremo Ocidente, mas ainda assim Reva segurou-a ao contrário, mantendo a ponta abaixada ao subir os degraus. A garota jazia de costas, com os olhos arregalados, o lenço azul torto na cabeça e a blusa branca manchada de vermelho pelo corte aberto em seu pescoço. O sangue ainda jorrava. O assassinato era recente.

Os olhos de Reva seguiram os degraus acima, vendo pegadas de sangue na pedra; elas se sobrepunham umas às outras em um padrão avermelhado. *Mais de uma pessoa. Provavelmente mais de duas.* A compreensão foi fria e implacável. Os Filhos. Tinham de ser eles. *Os Filhos estão aqui e não vieram atrás de mim.*

Seu instinto imediato foi fugir. A mansão logo estaria em alvoroço, trazendo perigo, mas também a chance de escapular em meio à confusão, levando consigo seu prêmio...

Eles vão matar meu tio.

Reva ficou surpresa com a própria resistência. Seu único parente de sangue, um homem que ela jamais encontrara, mas que fora criada para desprezar, estava prestes a morrer junto com sua meretriz asraelina. *Um fim justo para um traidor do Pai e para sua vadia herege.* Ela tentou trazer algum sentimento para o pensamento, mas ele permaneceu uma recitação apática de um dogma antigo, vazio e falso diante daquela atrocidade.

E quanto a ela?, ponderou Reva, ainda olhando para o rosto da garota assassinada. *Que fim ela merecia?*

Ela se viu subindo as escadas, passando por cima do corpo com pés silenciosos e segurando a espada à frente com as duas mãos. As pedradas de sangue foram sumindo conforme Reva subia, mas ainda eram visíveis o suficiente para levá-la até o topo. Agachou-se antes de virar a última esquina, usando a lâmina da faca que roubara como um espelho, estendendo-a para ter uma visão do último lance de escadas e vendo formas escuras movendo-se em um corredor sombrio. Ninguém fora deixado para vigiar o caminho, o que era um erro curioso... A menos que não esperassem algum perigo.

Ela dobrou a esquina e subiu para o corredor. Havia três homens, vestidos de preto dos pés à cabeça, inclusive os lenços de seda que lhes cobriam os rostos. Cada um tinha uma espada, lâminas asraelinas leves, não a barra de aço afiado que Reva empunhava. Eles estavam agachados diante de uma porta delineada pela luz amarela do quarto além, onde se ouvia as vozes de um homem e uma mulher. A mulher soava tensa, até mesmo irritada, e o homem, cansado e bêbado. As palavras “arqueiros” e “tolice” foram ouvidas em meio à conversa abafada. O homem que estava mais perto da porta ergueu a mão em direção à maçaneta.

— Por que vocês mataram a garota? — perguntou Reva.

Eles se viraram ao mesmo tempo. O homem com a mão na maçaneta levantou-se, encarando-a com olhos verdes horrorizados, olhos que Reva conhecia bem.

Ela deu um passo involuntário para trás, com a espada frouxa em suas mãos, deixando o ar escapar rapidamente de seus pulmões.

— Eu... — Ela engasgou, tossiu e forçou as palavras para fora, erguendo a espada — Eu a encontrei. Vê?

Os olhos verdes se estreitaram e uma voz surgiu detrás do lenço, firme, seca e determinada, como em todas as vezes que ele a surrara.

— Matem-na! — disse o sacerdote.

O homem mais próximo atacou-a com a espada estendida, buscando o pescoço de Reva. O contragolpe dela foi automático e, em grande parte, fruto dos ensinamentos de Al Sorna; a espada pesada subiu para desviar a ponta da lâmina ao mesmo tempo em que Reva recuava, abaixando-se para evitar o golpe seguinte. Atrás de seu atacante, o sacerdote abriu a porta com um chute e correu para dentro com a espada erguida para desferir um golpe fatal. Um grito de espanto brotou de uma garganta feminina.

Reva esquivou-se de outra estocada, enfiou os dedos nos olhos de seu atacante e ergueu a espada pesada para desferir um golpe lateral, cortando a

perna do homem abaixo do joelho e deixando que a lâmina entrasse fundo na carne. Ela o deixou contorcendo-se e gritando, saltou sobre ele e correu para o quarto.

O outro homem que acompanhava o sacerdote estava de costas para Reva, golpeando repetidamente algo que se retorcia em um emaranhado de lençóis, fazendo penas voarem enquanto a lâmina retalhava os acolchoados. Reva cravou a espada nas costas do homem, colocando todo o seu peso atrás da lâmina, que o trespassou entre as omoplatas e saiu quase três centímetros pelo peito, fazendo sangue jorrar por sua boca ao arquear as costas e tombar morto no chão.

Reva esperara encontrar o Senhor Feudal morto, mas, em vez disso, ele a olhava, boquiaberto, entre seu emaranhado de acolchoados; seu único ferimento era um pequeno corte na bochecha. Gritos de fúria atraíram o olhar de Reva para o outro lado da cama, onde o sacerdote lutava com a Senhora Veliss. A mulher investiu contra ele com uma rapieira curta e dentes arreganhados, soltando uma torrente de insultos obscenos a cada golpe.

— Seu chupador filho da puta! Vou fazer você comer as próprias bolas!

Apesar de toda a fúria, Reva ficou impressionada com o controle da mulher; suas estocadas eram rápidas e precisas, sem esticar demais a lâmina e forçando o sacerdote a afastar-se da cama. Ele aparou os golpes sem dificuldade, movendo a lâmina em uma série graciosa de arcos, do modo como costumava fazer quando bloqueava as tentativas de Reva de encontrar uma brecha com a faca. Apesar de sua habilidade, Veliss não era páreo para ele, e o sacerdote encontrou uma abertura ao fingir golpeá-la nos olhos, acertando um soco no rosto da mulher e derrubando-a.

Reva recolheu a espada do homem que matara e colocou-se entre o sacerdote e a cama.

Ele a fitou com uma frustração indignada.

— Você está abrindo mão do amor do Pai com essa traição! — berrou ele, com a pele cada vez mais vermelha ao redor dos olhos. — As Trevas de Al Sorna a corromperam!

— Não — sussurrou Reva, odiando as lágrimas que escorriam pelo seu rosto. — Não, você fez isso.

— Pecadora imunda e sem...

Ela atacou, rápido e baixo, em uma estocada certa, atingindo-lhe a coxa. A lâmina saiu ensanguentada quando ele girou para longe com um urro.

Um grito e o estrondo de muitos pés atraíram o olhar de Reva para a porta antes que pudesse aproveitar a vantagem. O sacerdote arremessou um banco contra a janela mais próxima, estilhaçando o vidro em meio às cortinas esvoaçantes. Olhou uma última vez para Reva, com os olhos brilhando de ódio, virou-se e correu, saltando através da janela.

Reva largou a espada e fitou a cortina que balançava na brisa noturna e o céu negro e vazio. Ouviu o metal das espadas e gritos de desafio que encheram seus ouvidos ao mesmo tempo em que mãos brutas a agarravam.

— PAREM! — A ordem ressoou pelo quarto, interrompendo o tumulto.

O Senhor Feudal praguejou, desvencilhando-se dos lençóis e surgindo aos tropeços diante de Reva, embora ela mal o visse, mantendo os olhos fixos na

cortina e na janela.

— Olhe para mim — disse ele, com a voz gentil, tocando seu queixo com os dedos macios. Ela olhou para os olhos vermelhos do tio e viu lágrimas ali quando ele sorriu, emitindo um sussurro afetuoso: — Reva.

CAPÍTULO OITO

Frentis

Ficaram nas matas por dez dias, embrenhados nas colinas cobertas por florestas ao norte de Torre Sul, longe de qualquer estrada ou prováveis rotas de patrulha. Ainda estavam sendo perseguidos; a Guarda do Sul andava por todos os lados com cães e rastreadores, forçando-os a levantar acampamento todos os dias, deixando algumas trilhas falsas na direção da fronteira cumbraelina. A necessidade de estar em movimento tornara a caça um luxo, de modo que passavam fome, sustentados pelos cogumelos e raízes que conseguiam colher enquanto andavam, aconchegando-se um no outro à noite para se esquentarem, pois não ousavam acender uma fogueira.

A mulher passava a maior parte do tempo em silêncio, ainda remoendo seu fracasso, e uma nova incerteza surgira em seu olhar. Frentis queria encontrar consolo na mudança e sentir-se encorajado por esse sinal de fragilidade, mas viu uma ameaça ainda maior tomar forma por trás dos olhos da mulher. Ele a conhecia agora, embora odiasse aquilo e soubesse que qualquer reflexão à qual se entregasse só podia levar a uma devoção ainda mais ardente para matar. A mulher podia odiar os outros pela devoção aos seus deuses, mas adorava o assassinato com todo o fervor do pior fanático cumbraelino.

— Eu não o culpo, amado — disse ela certa noite. Eram as primeiras palavras que falava em dias. — Não pense isso. Compreendo agora que só posso culpar a mim mesma. Meu amor por você me deixou exultante e o dom de Revek, complacente, e assim me permitiu a ilusão de invulnerabilidade. Uma lição dura, como todas as lições verdadeiras.

No décimo dia, encontraram uma velha cabana de mateiro, tomada pela vegetação e caindo aos pedaços, mas ainda com cobertura suficiente para ocultar uma fogueira na chegada da noite. Frentis saiu à procura de comida e voltou com as raízes e os cogumelos costumeiros, mas também com uma truta que pegara com as mãos em um córrego próximo quando o peixe se aventurara perto demais da margem. Ele limpou o peixe, enrolou-o em folhas de azedabrava e assou-o na fogueira. A mulher devorou sua porção com um entusiasmo selvagem.

— A fome é sempre o melhor tempero — disse ela depois de comer, com o

primeiro sorriso em dias.

Frentis terminou a própria refeição e nada disse.

— Você está preocupado — continuou a mulher, aproximando-se e encostando-se nele. — Pergunta-se quem será o próximo quando chegarmos a Varinshold. Embora eu ache que você já saiba.

Frentis descobriu que preferia muito mais o humor introspectivo dela, e teve liberdade suficiente para dizê-lo. A mulher raramente prendia sua língua agora, aparentemente encontrando algum consolo nas raras palavras que ele dizia, por mais que pudessem carecer de afeição. *Por que você não morreu em Torre Sul?*, ele quis dizer, mas se conteve. Frentis sabia que estavam se aproximando de algum momento de realização para qualquer que fosse o propósito insano ao qual ela servia, e adquirira discernimento suficiente àquela altura para saber o que aquilo significava.

— Você está aberta a um acordo? — perguntou ele.

Aquilo causou uma reação de genuína perplexidade.

— Um acordo, meu amado?

— Meu amado — repetiu ele. — Você me chama assim e é com sinceridade, não? Você viveu por tanto tempo, mas jamais amou. Não até me conhecer.

O rosto da mulher perdeu a expressão, exceto por uma tênue cautela nos olhos, e ela assentiu, provavelmente esperando outra farpa ou frase cheia de ódio.

— Você me quer por completo — prosseguiu ele. — E pode me ter. Podemos ficar juntos por quanto tempo quiser, e você jamais terá de me forçar. Nunca mais irei confrontá-la. Partimos, encontramos algum lugar esquecido, longe de qualquer pessoa, e ficamos lá, apenas você e eu.

O rosto dela permaneceu imóvel, salvo por um leve movimento dos lábios e uma piscada ocasional dos olhos.

— Você pode ler meus pensamentos — disse Frentis. — Então sabe que estou sendo sincero.

Quando a mulher falou, sua voz estava embargada, mas ele não sabia dizer se por raiva ou tristeza.

— Você acha que é isso o que quero?

— Não, é isso que estou oferecendo.

— Em troca de quê?

— Deixe esse caminho e chega de assassinatos. Abandone qualquer tarefa que a espera em Varinshold.

A mulher fechou os olhos e virou-se, mostrando um perfil vermelho e perfeito à luz do fogo.

— Quando eu era jovem como você, eu só conhecia o ódio. Um ódio tão intenso e glorioso quanto qualquer amor, o tipo de sentimento que atravessa o vácuo quando unido a uma canção talentosa, encontrando o ouvido de algo que também tinha um acordo a oferecer. E eu o fiz, amado. Fiz esse acordo e selei-o com um oceano de sangue, de modo que não posso fazer outro acordo com você.

A mulher abriu os olhos e virou-se para Frentis. Sua expressão revelava uma

tristeza e confusão tão profundas que ele achou difícil encará-la.

— Você fala sobre encontrar um lugar esquecido. Não há lugares esquecidos, não para o Aliado. Nossa única chance é realizar seu plano, não vê? Dar a ele seu momento de triunfo, a última pincelada de seu grande projeto, e só então poderemos fazer nossos próprios planos. Então, meu amado, eu lhe prometo que não haverá necessidade de lugares esquecidos nem de se esconder. Daremos a ele sua vitória, e então queimaremos tudo, com ele junto.

Frentis desviou o olhar e a mulher aproximou-se, passando os braços em volta da cintura dele e encostando a cabeça em seu ombro.

— Eu vou matar você — disse ele. — Você deve saber.

Ela beijou seu pescoço, mas dessa vez ele não se retraiu, embora tivesse liberdade para fazê-lo.

— Então, amado — disse ela com um sussurro, exalando o hálito quente em seu pescoço —, você condenará a si mesmo e a cada alma desse mundo.

Esconderam-se por mais três dias até que todos os sinais de perseguição tivessem desaparecido, seguindo para o norte quando a floresta ficou livre dos latidos distantes dos cães e do cheiro das fogueiras dos soldados. Permaneceram cautelosos, evitando estradas e trilhas mais cheias, receosos demais até mesmo para arriscarem roubar das poucas fazendas que viam. O propósito da mulher a consumia, não permitindo qualquer chance de fracasso. Ela raramente falava e não o usava mais à noite. Andavam, dormiam, procuraram comida e nada mais.

Passaram-se outras duas semanas até chegarem às planícies e à estrada para a Ponte do Rio Salgado. Ambos estavam visivelmente mais magros e sujos após tanto tempo nas matas, algo que pareceu consolar a mulher.

— Escravos fugidos raramente são bem alimentados — disse ela na noite anterior à chegada na cidade. Acamparam na margem do rio alguns quilômetros acima da ponte, sem qualquer dinheiro para o pedágio e receosos de atraírem a atenção de quaisquer guardas que pudessem encontrar lá.

— Nós nos conhecemos nos fossos — disse a Frentis. — Dois escravos jogados na mesma cela, na esperança de que procriassem. Fui raptada do meu povo quando era menina, uma das tribos selvagens do norte, o nome não importa. São guerreiros renomados, muitos Kuritai são criados a partir das raças raptadas das vastidões do norte. Eu esperava que você fosse bestial, que saciasse sua lascívia com minha carne inocente, mas você se mostrou gentil, e com o tempo o amor nasceu entre nós e conseguimos escapar. Nossa jornada através do império foi um épico de provações e aventuras sangrentas até chegarmos a Volar, onde nos escondemos em um navio com destino ao oeste, viajando até Varinshold. Lá, você será reconhecido por um lorde amável que encontraremos nas docas.

Ela deu um leve sorriso, percebendo a surpresa dele à menção do lorde amável.

— Isso foi planejado há muito tempo, meu amado. O Aliado possui muitas armas.

Atravessaram a nado pela manhã; o sol nascente fazia subir uma neblina do rio enquanto eles lutavam contra a correnteza para chegar à margem oposta. No portão oeste, guardas faziam sinal aos carroções que se aproximavam para que saíssem do caminho e impediam a entrada de viajantes. A razão foi revelada em seguida quando o primeiro regimento passou em marcha pelo portão. Frentis reconheceu o javali com presas vermelhas no estandarte do Trigesimo Regimento de Infantaria, dizimado em Untesh e evidentemente renascido. Atrás vinha o Décimo Sexto, os Ursos Negros, seguido por mais e mais regimentos até parecer que a Guarda do Reino inteira estava em marcha. Frentis e a mulher juntaram-se a um grupo de espectadores, e as palavras que mais ouviram em meio às conversas foram “Cumbrael” e “Senhor da Torre”.

— Não foi um fracasso tão grande, afinal — murmurou a mulher enquanto a Guarda do Reino passava.

Frentis contou dez regimentos de infantaria e cinco regimentos de cavalaria antes que surgisse o último contingente, em contraste com seus mantos azul-escuros, cotas de malha e elmos de couro, marchando sob o estandarte brasonado com um lobo correndo acima de uma torre. O Lorde Comandante era mais jovem do que a maioria dos homens em tal posição, com uma aura de competência e resistência que não era afetada por sua estatura relativamente baixa. Ele também usava as vestes de um irmão da Sexta Ordem.

O domínio queimou-o quando Frentis tentou chamá-lo, e as palavras ficaram presas em seu peito no instante em que pensou em dizê-las. A mulher deu um sorriso pesaroso e forçou-o a virar o rosto para o outro lado.

— Não é hora para reencontros, meu amado.

Assim, ele foi impedido de assistir Caenis conduzir seus Lobos Corredores para fora de Varinshold e nenhum dos veteranos teve motivo para deixar que seu olhar se demorasse no mendigo esfarrapado e corpulento no meio da multidão.

O quadrante oeste continuava basicamente como Frentis se lembrava, talvez um pouco mais limpo, mas todas as ruas, os becos e as entradas de sua juventude permaneciam intactos, mesmo que o lugar parecesse ter diminuído desde então. Quando criança, fora um vasto labirinto, podendo ser um parque de diversão para um ladrão impetuoso ou um campo de batalha mortal quando as gangues entravam em guerra. Frentis teve permissão para se demorar do lado de fora de um casebre fechado com tábuas de madeira na Rua do Ardil. A mulher que outrora vivera ali tinha cabelos longos e desgrenhados, olhos embotados pelo consumo de flor rubra em excesso e um homem que fedia a mijo e gim e fora esfaqueado e sangrara até a morte atrás de uma taverna por causa de algum desentendimento esquecido antes que Frentis tivesse idade suficiente para formar uma memória nítida do seu rosto. A mulher de cabelos desgrenhados desapareceu pouco depois, mudando-se para um bordel, ouvira dizer, embora alguns dissessem que ela havia se jogado no rio. Ele jamais soube seu nome.

— Não se preocupe — disse a mulher, apertando-lhe a mão. — Logo tudo terá desaparecido. Sem mais lembranças sombrias para meu esposo.

Ela o conduziu ao distrito dos armazéns e parou diante de um depósito com um símbolo desenhado a giz na porta, mostrando um círculo dentro de um círculo. A mulher bateu na porta e esperou. O homem que atendeu usava roupas pobres de marinheiro, mas Frentis o reconheceu imediatamente como Kuritai por sua estatura e seu porte. Ele acenou com a cabeça para a mulher em vez da mesura completa que teria sido exigida em Volaria, e deixou-os passar. Havia barris empilhados até o alto em todo o depósito, com exceção de uma seção vazia no centro onde mais dez Kuritai aguardavam com as espadas curtas à mão. Curvaram-se para a mulher quando ela entrou.

— Quem é primaz? — perguntou ela.

O Kuritai que abria a porta deu um passo adiante.

— Eu, senhora.

— Está tudo pronto?

— Está, senhora.

— Qual é seu alvo?

— O palácio. Atacaremos uma hora após sua chegada lá. Depois encontramos vocês no portão norte para o ataque à Casa da Sexta Ordem.

— Quantos?

— Todas as companhias ocultas, senhora, além de um contingente de Cavalaria Livre. Deverá haver quinhentos homens na força de ataque.

A mulher olhou para Frentis.

— Não será suficiente. Quando o general desembarcar, diga-lhe que a força deve ser triplicada, por ordem minha.

— Sim, senhora.

Ela olhou em volta e franziu o nariz, sentindo o ar bolorento do armazém.

— Há alguma comida nessa pocilga?

Eles comeram mingau de aveia com frutas silvestres, uma refeição comum entre os Kuritai e que Frentis conhecera tão bem quando estava nos fossos. Apesar do pavor crescente, sua fome o fez devorar duas tigelas rapidamente. Estava raspando a tigela com a colher quando alguém bateu na porta do armazém.

A mulher acenou com a cabeça para o primaz, que gesticulou para dois de seus homens. Eles desembainharam as espadas e desapareceram nas sombras dos dois lados da porta antes que ele a abrisse. O homem que entrou era alto e bem-vestido, com feições suaves e um tanto delicadas desfiguradas por uma expressão temerosa e determinada. A mulher levantou-se quando ele se aproximou, oferecendo-lhe uma mesura respeitosa.

— Meu senhor.

O homem acenou com a cabeça e fitou Frentis.

— É mesmo ele? O Rei identificará rapidamente um impostor.

— Garanto-lhe, meu senhor, que esse é o Irmão Frentis, bravo companheiro do Rei Malcius, que voltou dos mortos, como prometido.

O homem não desviou o olhar.

— Que mão o Rei usa?

Frentis respondeu sem hesitar.

— Ele escreve com a mão esquerda, mas empunha a espada com a mão direita. Quando garoto, seu pai o forçou a reprimir sua inclinação natural a usar a mão esquerda para praticar esgrima, temendo que isso se transformasse em uma desvantagem em batalha.

O homem grunhiu, aparentemente satisfeito.

— Por que tentaríamos enganá-lo, meu senhor? — perguntou a mulher. — Não cumprimos todas as nossas promessas até agora?

Ele ignorou a pergunta e olhou em volta do armazém.

— Onde está seu agente? Aquele eu conheço.

— O senhor o verá em breve. Quando a cidade for nossa e o acordo estiver concluído.

— Tenho outra condição.

A única diferença foi apenas uma leve curvatura nos lábios da mulher e uma ínfima franzida em sua testa, mas Frentis soube que aquele lorde bem-vestido acabara de garantir uma morte rápida para si mesmo.

— Condição, meu senhor?

O homem assentiu, passando a língua pelos lábios. Ele manteve as mãos mergulhadas nas dobras do manto com barra de marta, mas Frentis sabia que elas estavam tremendo.

— A Princesa Lyrna logo retornará a Varinshold. O Rei vai querer que ela esteja ao seu lado quando receber seu velho companheiro. Ela não pode ser ferida de modo algum. Ela será protegida e deixada aos meus cuidados. Minha cooperação depende dessa condição. Espero que esteja claro.

A mulher inclinou a cabeça.

— A princesa é famosa por sua beleza. Seria mesquinho de nossa parte negar ao senhor uma recompensa adicional.

Um lampejo de raiva passou pelos olhos do homem.

— Ela jamais deve saber de minha parte nessa... empreitada. Minha sobrevivência e ascensão serão retratadas meramente como as ações sensatas de um homem pragmático.

A mulher sorriu, fazendo Frentis pensar que sua morte rápida passara de rápida para lenta.

— Mais condições ainda, meu senhor, mas nada tema. Tudo será feito como diz. — Ela o conduziu de volta à porta, com perfeito respeito servil, o rosto de uma serva para um mestre gentil. — O navio deve chegar em um ou dois dias. Uma mensagem será enviada quando for a hora para o senhor descobrir o Irmão Frentis.

A mulher manteve a porta aberta para ele com um aceno respeitoso de cabeça. O lorde pareceu prestes a falar novamente, sem dúvida conseguindo um fim ainda mais lento para si, mas pensou melhor e partiu.

— O que acha, meu amado? — perguntou a mulher a Frentis, retornando para o seu lado. — Queimado ou esfolado?

— A morte tradicional para traidores do Reino é o enforcamento — respondeu ele. — Mas creio que será mais apropriado que aquele queime.

Naquela noite, Frentis a observou dormir e implorou aos Finados que devolvessem a coceira em sua cicatriz, pedindo com toda a vontade que conseguiu reunir. Quando eles não responderam, pediu-lhes perdão e rezou a todos os deuses alpiranos de que conseguiu se lembrar: o Vidente Inominável, a quem o velho servira; Olbiss, o deus do mar; e Martual, o deus da coragem que o escultor amigo de Vaelin esculpira em Linesh. Nenhum respondeu, de modo que Frentis abandonou qualquer esperança de ser aceito no Além e voltou-se para o Pai do Mundo cumbraelino. *Se você estiver aí, liberte-me e traga de volta a dor. Abandonarei a Fé, deixarei a Ordem e o servirei pelo resto dos meus dias. APENAS ME LIBERTE!*

Porém, ao que parecia, o Pai do Mundo era tão surdo quanto qualquer outro deus ou alma finada.

Nas duas manhãs seguintes, eles subiram ao telhado do armazém enquanto a maré elevava as águas do porto. Navios zarpavam e chegavam, sempre observados pelos olhos da mulher que esquadrinhavam o horizonte.

— A oferta ainda vale — disse-lhe Frentis no segundo dia, odiando o desespero em sua voz, ciente de que finalmente era um pedinte. — Por favor.

A mulher manteve o olhar fixo no mar e nada disse.

A vela surgiu pouco depois do décimo sino, quando o navio saiu do nevoeiro. Era uma embarcação mercantil de tamanho mediano, com as cores volarianas esvoaçando no mastro principal. Tinha aparência um tanto desmazelada, com velas e madeiras escurecidas pela idade e pelo uso e um casco baixo na água, transportando uma carga pesada.

— Por fav... — começou Frentis, parando quando ela fez o domínio queimá-lo.

— Mais nenhuma palavra, meu amado. — Ela deu as costas para o mar e foi até a escada encostada no telhado do armazém. — Está na hora.

Vestiram-se como estivadores, ocultando os rostos debaixo de chapéus de abas largas, foram para o porto e esperaram o navio atracar. Uma rampa foi baixada, e eles subiram a bordo rapidamente e sem atrair a atenção dos marinheiros no convés ao descerem para o interior da embarcação. Um homem corpulento e de meia-idade aguardava-os no porão de carga; seu colete preto o identificava como o proprietário e capitão daquele navio. Ele cumprimentou a mulher com uma longa mesura.

— Honorabilíssima cidadã.

A mulher olhou para o porão atrás do homem, onde havia fileiras de homens sentados em silêncio e esperando. Talvez trezentos, todos Kuritai.

— A frota? — perguntou ela.

— Aguardando além do horizonte — respondeu o capitão. — Atacarão ao

anoitecer. Todas as outras embarcações que encontramos no mar foram tomadas e queimadas junto com suas tripulações. Esses adoradores de fantasmas não sabem de nossa aproximação.

A mulher começou a despir-se.

— Precisamos de roupas simples, usadas pelos membros de posição mais baixa da tripulação.

Trocaram as vestimentas esfarrapadas por calças e camisas de algodão fino que faziam com que parecessem apenas um pouco menos miseráveis do que antes.

— Não precisa se conter — disse a mulher ao capitão.

— Fora do meu navio, sua vadia inútil! — berrou o capitão, empurrando-os pelo convés e brandindo o chicote. — Vá e leve seu cão do Reino com você!

A mulher encolheu-se para longe do homem, abrigando-se debaixo do braço protetor de Frentis. Foram depressa até a rampa e correram para o cais.

— Vocês têm sorte por não terem virado comida de tubarão! — gritou o capitão às suas costas. — Essa é a recompensa certa para clandestinos.

Ficaram parados no cais, agarrados um ao outro; alguns espectadores haviam parado para assistir ao espetáculo anunciado pelos gritos do capitão. Frentis olhou ao redor e pareceu maravilhado.

— Varinshold! — sussurrou ele.

A mulher o abraçou e lágrimas de alegria brilharam em seus olhos.

— Estamos mesmo aqui, Frentis! Depois de tanto tempo.

Um homem alto em um manto com barra de marta saiu do meio da multidão, franzindo a testa em reconhecimento.

— Você é... — Seus olhos arregalaram-se quando ele se aproximou com uma reverência longa e respeitosa. — Irmão Frentis! — Ele se endireitou, virando-se para a multidão. — O Irmão Frentis retornou ao Reino! — Com um sinal, um de seus criados, pelo modo como correu para seu lado, aproximou-se. — Corra até o palácio. Informe a guarda que levarei o Irmão Frentis até o Rei o mais depressa possível.

O homem assentiu.

— Assim farei, Lorde Al Telnar.

A multidão tagarelava quando Al Telnar levou o casal embora; seus rostos eram jubilosos, alguns até mesmo espantados. *Eles acham que sou um herói*, compreendeu Frentis, dando um leve sorriso em resposta enquanto algumas pessoas gritavam seu nome, surdas à sua súplica silenciosa: *Matem-me!*

CAPÍTULO NOVE

Vaelin

Eles ficaram com o Povo Urso por outras três semanas. Os primeiros dias foram destinados a acabar com a fome da população com um fluxo constante de suprimentos vindos do sul e com ocasionais carnes de alce entregues por grupos de caça eorhil. Apesar do resgate, o Povo Urso permanecia abatido, embora algumas das crianças ficassem mais risonhas à medida que os dias passavam. Outros continuaram a perecer em decorrência das privações sofridas durante a travessia do gelo, na maior parte os idosos, e algumas dúzias de fardos envoltos em peles foram deixados na planície naquela primeira semana. O Povo Urso não cremava ou enterrava seus mortos, sabendo que a natureza não tardaria a reivindicar qualquer carne que lhe fosse deixada.

O nome do xamã estava muito além da capacidade de pronúncia de Vaelin, mas ele concluiu, pelas visões, que era uma espécie de mistura de ferocidade ursina com grande conhecimento, de modo que passou a chamá-lo de Urso Sábio. Eles se comunicavam principalmente através de visões, mas Vaelin achava desgastante demais compartilhar suas visões com regularidade, e assim começou a ensinar a língua do Reino ao velho, com ajuda de Dahrena.

— Urso! — disse ele, batendo com a mão no cajado de osso quando Dahrena conseguiu comunicar uma pergunta sobre de qual animal ele provinha.

— E isso? — perguntou ela, passando os dedos sobre os vários símbolos entalhados no osso. — Palavras?

O xamã franziu o rosto, aparentemente surpreso com a ignorância dela. Vaelin estava começando a compreender que aquele homem sabia muito mais sobre as Trevas do que eles. Ele parecia jamais se cansar de usar seu dom, apesar da idade, e sua facilidade com a língua do Reino aumentava rapidamente graças à habilidade de compartilhar visões das palavras que elas representavam. No entanto, a pergunta de Dahrena pareceu deixá-lo desorientado.

— Escrita — disse Vaelin, cantando um pouco, uma leve sensação de palavras capturadas em texto.

— Ah... — Urso Sábio assentiu e então sacudiu a cabeça. — Não palavras. — Passou a mão sobre a miríade de marcas no cajado de osso. — Poder.

Eles estavam prontos para seguirem em frente na segunda semana, quando

Dahrena os conduziu em uma rota para sudoeste.

— Há uma enseada cerca de oitenta quilômetros ao longo da costa — explicou ela. — Existem animais para caçar na floresta e boas pescarias nas águas. Havia um povoado na região há muitos anos, mas foi abandonado quando a mina de vitriolo azul mostrou-se pobre demais para sustentar os esforços de sobrevivência no inverno. Porém, duvido que essas pessoas tenham esse problema.

Durante o trajeto, Vaelin conseguiu entender melhor os eventos que haviam expulsado aquelas pessoas de seu lar. Urso Sábio falou sobre incontáveis anos no gelo, lutando com o Povo Gato a oeste ou negociando com o Povo Lobo ao norte. A vida continuou inalterada até o Povo Gato tornar-se ambicioso. Aparentemente, um novo xamã surgira entre eles, grande e poderoso e no comando das feras. Sob a liderança dele, o Povo Gato tornou-se cada vez mais insatisfeito, olhando com inveja para as vastas terras de caça de seus vizinhos. Eles não podiam derrotar todos sozinhos, é claro, apesar de todos os gatos guerreiros e falcões-lanceiros que criavam, e procuraram se aliar com os moldadores de ferro que viviam ao sul do gelo. Tradicionalmente, eles eram vistos com um misto de perplexidade e desprezo, pois viviam nas mesmas moradas o ano inteiro e escondiam-se quando a neve caía, estimados apenas pelas ferramentas de ferro que fabricavam e trocavam por peles. No entanto, eles também haviam mudado nos séculos recentes, aventurando-se cada vez mais para o norte e nem sempre com a intenção de fazer trocas. Crianças foram levadas e depois foram vistas acorrentadas e sendo arrastadas para o sul. O Povo Urso vingou-se, naturalmente, pois não se pode ignorar uma rixa no gelo, e muitos moldadores de ferro foram mortos, mas havia sempre mais, e o xamã do Povo Gato viu uma oportunidade para uma aliança.

— Mas vocês os derrotaram — disse Vaelin, lembrando-se da visão do grande combate ente gatos e ursos. — Vocês empurraram o Povo Gato para essas terras, onde morreram.

— Perdemos... muitos homens — disse Urso Sábio. — Muitos ursos. Demais.

A vitória havia sido apenas um interlúdio, e que custara caro. Quando os volarianos chegaram ao norte, as tribos estavam fracas e desfalcadas demais para enfrentá-los. O Povo Lobo fugiu para o leste, o Povo Urso para o oeste, e ambos perderam o gelo para sempre.

A enseada era conhecida como Estreito do Espelho devido à tranquilidade de suas águas, que ofereciam um reflexo nítido das altas encostas cobertas por florestas que se erguiam em ambos os lados. Dahrena conduziu-os até o local do antigo povoado, agora uma paliçada dilapidada na costa oriental, com moradas de madeira tomadas por trepadeiras e musgo. Urso Sábio passou rapidamente os olhos pelo local antes de se virar para a água.

— Barcos — disse ele.

— Posso ordenar que alguns sejam trazidos para cá — sugeriu Vaelin, mas

o xamã sacudiu a cabeça.

— Fazer barcos.

Ele entrou na floresta com um grupo de homens e mulheres mais jovens e em pouco tempo o som de madeira sendo cortada ecoou por entre as árvores. Retornaram algumas horas mais tarde com vários troncos de árvores e puseram-se a descascá-los. Quando os troncos ficaram lisos, foram partidos com algumas machadadas firmes, e o povo do gelo começou a escavá-los e a moldar os lados arredondados. Dentro de dois dias, o Povo Urso tinha uma frota de dez barcos, e mais eram fabricados na praia. Havia começado a obter um suprimento regular de peixes da enseada, principalmente bacalhau e alguns salmões.

Não tentaram restaurar as casas do povoado, preferindo derrubar algumas cabanas para serem usadas como lenha. Seus abrigos eram estruturas arredondadas de galhos retorcidos cobertos com peles ou folhagens, que podiam desmoronar facilmente.

— Nós movemos — respondeu o xamã à pergunta de Vaelin sobre onde pretendiam estabelecer seu lar. — Pessoas são lar... Não lugar.

A primeira criança nasceu naquela noite, uma menina, em uma gravidez que só fora levada até o fim por uma combinação da vontade da mãe com o sacrifício de sua família, que passou fome para que ela pudesse comer. O xamã saiu do abrigo e ergueu a criança no alto enquanto ela se contorcia e chorava voltada para o céu, gritando sua bênção incompreensível e fazendo o povo do gelo levantar-se em silenciosa reverência. Naquele momento, Vaelin sentiu o manto de desespero que cobria aquelas pessoas desde que as encontrara ser erguido também, vendo sorrisos em alguns rostos e lágrimas em outros. Elas podiam ter perdido seu nome, mas estavam mais uma vez vivos.

Vaelin despediu-se na manhã seguinte, após concordar em retornar dali a dois meses com novos suprimentos, apesar de, dada a proficiência do Povo Urso como caçadores, duvidar de que precisariam de algum auxílio. Urso Sábio estava repleto de gratidão quando apertou a mão de Vaelin em despedida, mas também havia uma nota de presságio.

— *Volarrianosss* — disse ele. — Não vão parar.

— Eles não podem alcançá-los aqui — disse Vaelin. — Se vierem, nós os enfrentaremos juntos.

A expressão do xamã tornou-se pesada e uma sensação profunda de desculpas permeou a visão que transmitiu: *um exército, fileiras escuras de infantaria e cavalaria espalhadas por uma planície congelada, mais do que podia ser contado, rumando para o sul em direção a um porto distante.*

— Não vêm... por nós — disse o xamã. — Por vocês.

Vaelin cavalgou em silêncio durante a maior parte do dia. A visão do velho estava presa em sua mente, indesejável, mas instigante.

— Chamaram a bebê de Olhos Escuros — disse-lhe Dahrena, cavalgando ao seu lado. — Em homenagem ao senhor.

Ele assentiu ainda distraído. *Ele fala de um exército que está marchando*

para o Reino, mas não escuto nada na canção do sangue. E Volaria fica a um oceano daqui.

— Estou feliz em voltar para casa — disse Dahrena. — Faz alguns anos desde que passei tanto tempo sobre uma sela. Receio que eu tenha me acostumado demais ao conforto.

— Pretendo visitar meus amigos antes de retornarmos à torre — disse Vaelin. — Se quiser me acompanhar.

— Quero, meu senhor. — Ela ficou em silêncio por um momento antes de soltar uma risada baixa.

— Minha senhora?

— Apenas um pensamento, algo que o Irmão Kehlan disse antes de sua vinda. “Eles vão enviar um fomentador de guerras.” Na verdade, eles enviaram um pacificador.

Naquela noite, Vaelin sentou-se longe o bastante da fogueira onde Dahrena fazia companhia ao Capitão Orven e à eorhil para escapar da distração das vozes, e começou a cantar. Viu sua irmã passando tinta em uma tela em seu quarto na torre, uma representação do porto com navios e marinheiros retratados com a costureira precisão inquietante. Ela parecia absorta pela sua obra, satisfeita, mas lhe afligia vê-la sozinha.

Reva foi a próxima; era a primeira vez que a procurava. O alívio foi palpável ao vê-la a salvo, fazendo uma careta de que tanto sentia falta para uma mulher de seios fartos que segurava um pergaminho. Elas pareciam estar em algum tipo de biblioteca, e Vaelin pôde ver os coruchéus gêmeos da catedral de Alltor pela janela. Era estranho ver Reva em um vestido, remexendo-se de desconforto e tédio enquanto escutava uma mulher que parecia vagamente familiar. Viu a careta de Reva ficar mais intensa até ela proferir um insulto sem dúvida mordaz. Contudo, a mulher apenas riu e pegou outro pergaminho.

Encontrou Caenis acampado com a Guarda do Reino, reunido em conselho com os outros oficiais dos Lobos Corredores. Suas expressões tinham uma tensão que ele conhecia bem; os rostos de homens mandados para a guerra. *Mais discórdia no Reino?*, ponderou à medida que sua inquietação aumentava. *Ou algo pior?*

O próprio Caenis parecia tão despreocupado quanto sempre fora diante da iminência de uma batalha, dando ordens com a segurança resoluta de que Vaelin se lembrava. Porém, havia uma nota pesarosa na canção, e Vaelin soube que as últimas palavras que trocaram ainda pesavam sobre ele.

Vaelin seguiu em frente, sentindo o frio progressivo que logo o forçaria a interromper a canção, gastando as forças restantes em uma tentativa final de encontrar Frentis, mas, como sempre, não teve sucesso. A canção tornou-se dissonante e as imagens ficaram fragmentadas: um aglomerado de rochas em um deserto de vegetação rasteira, uma casa em chamas, um navio que se aproximava de um porto... Essa imagem fora a mais instigante, embora tenha durado apenas alguns segundos, e a melodia tornou-se mais ominosa conforme o navio cortava as ondas, os cascos e as velas escurecidos pela idade...

O frio aumentou, dissipando o calor de seu corpo, e ele soube que era preciso parar. Começou a abrir os olhos, procurando silenciar a canção, mas ela

continuou de forma espontânea e a visão mudou, fixando-se em uma estrada que atravessava a Floresta Urlish, onde uma jovem de cabelos dourados cavalgava um pônei à frente de um regimento de cavalaria, com uma lonak alta ao seu lado. *Lyrna*. A princesa ficara ainda mais bela nos últimos anos, mas quaisquer que tenham sido, as privações recentes pelas quais passara pareciam ter causado uma mudança que ia além da beleza. Havia uma naturalidade em seus modos e o modo como ria com a lonak indicava uma amizade verdadeira. Além disso, o intelecto ardente que escondera tão bem agora brilhava em seus olhos, livre e perturbador. O tom da canção aumentou conforme a visão se prolongava. O rosto de *Lyrna* preenchia sua mente à medida que a nota ominosa ocasionada pela visão do navio envelhecido estendia-se e se tornava mais intensa até ser quase um grito...

Vaelin tossiu, sentindo o sangue respingar em seu queixo. Ele estava deitado e tinha ânsias de vômito, sentindo um frio tão intenso que tremia da cabeça aos pés.

— Não se mexa, meu senhor. — A voz de *Dahrena* era um sussurro. Ela colocou as mãos quentes em seu rosto, franzindo a testa e parecendo preocupada. — Receio que o senhor tenha sido um tanto imprudente.

— Conheci uma mulher enquanto eu estava vivendo com os *seordah*. Ela era muito pequena e muito velha, mas todos em sua tribo a tratavam com o maior respeito. — *Dahrena* colocou mais lenha na fogueira enquanto falava; *Vaelin* estava enrolado em seu manto, tão perto das chamas quanto ousava. O frio havia diminuído um pouco, mas ele ainda tremia.

— Senti o dom dela — continuou *Dahrena*. — E ela sentiu o meu dom. Os *seordah* não são como nós. Eles falam abertamente sobre as *Trevas*, discutem-nas, tentam compreendê-las, embora a verdadeira compreensão ainda escape até aos mais sábios. Ela me contou algo sobre a natureza dos dons. Contou-me que, quanto maior o dom, maior é o preço que ele cobra. Por isso ela raramente usava seu próprio dom, pois era grande, mas cada instante do seu uso a deixava um passo mais perto da morte, e ela desejava ver seus netos crescerem. Só a viu usá-lo uma vez, durante um incêndio de verão. Eles são comuns na grande floresta. As madeiras ficam secas e basta um único raio para colocar fogo em matas inteiras. Os *seordah* não temem esses incêndios; na verdade, recebem o fogo de bom grado, pois ele limpa as partes da floresta onde é mais difícil caçar e faz com que árvores mais fortes nasçam do solo incinerado. Porém, algumas vezes os incêndios ficam grandes demais, e quando dois ou mais se encontram, surge um inferno que destrói mais do que renova. E aquele verão foi muito quente.

“O incêndio alastrou-se tão depressa que não havia como escapar; ele saltava de árvore em árvore, como se fosse uma fera imensa e faminta e nós fôssemos sua próxima refeição. Envolveu o acampamento por todos os lados. Nós nos juntamos no centro, e meus irmãos e irmãs cantaram suas canções de morte. Então, essa velha adiantou-se. Não pronunciou nenhum encantamento

nem fez qualquer gesto. Apenas ficou parada e olhou para o fogo. E o céu... O céu escureceu. O vento começou a soprar, gélido, trazendo chuva, uma chuva tão pesada que nos jogou no chão com o peso de suas águas, de tal modo que temi ter sido salva de um incêndio apenas para morrer afogada. O vapor começou a subir quando a água encontrou o fogo, cobrindo a todos nós em uma névoa densa, e, quando ela se dissipou, o incêndio havia terminado, deixando cepos úmidos e enegrecidos e uma velha estirada no chão, sangrando como o senhor sangrou agora há pouco.”

Vaelin esfregou as mãos, lutando para não deixar os dentes baterem.

— E-ela sobreviveu?

Dahrena deu um leve sorriso e assentiu.

— Apenas por mais uma estação. Até onde sei, ela nunca mais usou seu dom. Foi estranho, mas o verão acabou naquele dia. A chuva e o vento tomaram o lugar do sol e do calor até o outono trazer um alívio dourado. A velha me contou que fizera a balança pender demais para um lado e que levaria tempo para que o equilíbrio fosse restaurado.

Dahrena estendeu uma das mãos para o fogo, esticando os dedos diante do calor.

— Somos nossos dons, meu senhor. Eles não vêm de outro lugar. São tão parte de seu ser quanto seus pensamentos ou seus sentidos e, como qualquer outra ação, necessitam de combustível, combustível que queima com o uso, como essa fogueira queimará até ser apenas cinzas. — Ela recolheu a mão, o rosto estava sério. — Como Primeira Conselheira, peço que o senhor tenha mais cuidado no futuro.

— A-alguma coisa está vindo — gaguejou ele, batendo os dentes em frustração. — Minha canção traz um aviso.

— Aviso de quê?

O rosto de Lyrna... A canção como um grito...

Vaelin fechou os olhos à visão, temendo que a canção retornasse, sabendo que não sobreviveria a outra estrofe.

— Eu não s-sei, m-mas há alguém entre os dotados que sabe, alguém que vive no l-lugar que chamam de Enclave das Trevas... Um homem chamado Harlick

Dahrena queria que ele passasse o dia descansando, mas Vaelin recusou-se e agarrou-se à sela de Chama, permanecendo em cima dela por pura força de vontade, apesar de o Capitão Orven ter de ampará-lo algumas vezes para não cair. O oficial estava desconcertado pela enfermidade súbita e inexplicável de seu Senhor da Torre, mas foi sensato o bastante para não fazer perguntas indesejadas. Insha ka Forná, no entanto, não sentia tais reservas e fez várias observações mordazes a Dahrena no decorrer do dia. Vaelin achou melhor não pedir uma tradução, apesar de que, pelo desconforto no rosto de Orven, parecia que seu conhecimento da língua eorhil havia aumentado de forma considerável.

A sensação de frio começou a diminuir ao meio-dia e todos os vestígios do

estremecimento haviam desaparecido quando acamparam. Entretanto, a visão prolongou-se e o rosto da princesa ocupava seus pensamentos com uma compulsão enlouquecedora. Durante seu cativeiro, Vaelin jamais a procurara quando cantara, mais por indiferença do que por rancor. Sua raiva por Lyrna desaparecera nas docas de Linesh, mas nunca sentiu mais por ela do que o respeito que sempre tivera pela perspicácia da princesa. A ambição dela havia sido grande demais e o crime que partilhavam era terrível demais para permitir afeição ou amizade. Porém, havia momentos em que sentia a canção lhe impelir, cantando a melodia da última visão que tivera dela, quando Lyrna havia chorado, sozinha, sem ninguém para ver. Ele sempre resistia ao chamado da canção, concentrando-se em Frentis e ocasionalmente em Sherin. Encontrava apenas os mais vagos vislumbres do irmão e visões cada vez mais indistintas dela.

Ela sente que nosso amor acabou?, perguntava-se frequentemente. Compreendia agora que a canção do sangue não era ilimitada, que somente podia procurar aqueles que ele conhecia, aqueles que haviam tocado sua alma de alguma forma, e mesmo assim a nitidez das visões variava. Suas primeiras visões de Sherin haviam sido detalhadas e nítidas, como olhar através de um vidro polido que se tornara mais e mais opaco com o passar do tempo. Seu último vislumbre a encontrara ao lado de Ahm Lin, em um pátio dentro de uma casa completamente desconhecida, conversando com um homem de roupas simples, desarmado, mas que transpirava uma natureza de guerreiro. Vaelin notou como o homem tentava esconder sua estima por Sherin, mas que o sentimento era óbvio pelo modo como seus olhos mantinham-se nela. Vaelin sabia que seu próprio rosto certa vez exibira uma expressão quase igual. A visão desapareceu, deixando em seu lugar mágoa e arrependimento. Não voltou a procurá-la por quase um ano e, quando o fez, tudo o que pôde encontrar foi uma sensação de ar puro e grande altitude, como se ela estivesse no alto de uma montanha, e, além disso, ela estava feliz.

A viagem até o lugar que a Irmã Virula chamava de Enclave das Trevas e que Dahrena chamava de Ponta de Nehrin levou boa parte de outra semana, passando por montanhas e florestas. Desfrutaram da hospitalidade de alguns povoados ao longo do caminho, dando a Vaelin uma ideia das provações e recompensas ao alcance daqueles que escolhiam viver nos Confins.

— Vim para o norte quatro anos atrás, meu senhor — disse um barqueiro asraelino banguela que encontraram em Angra de Lowen, um pequeno porto que servia às minas cerca de sessenta quilômetros ao sul do Estreito do Espelho. — Trabalhei em barcaças no Rio Salgado desde menino, até o Lorde Almirante me chamar para meus três anos de serviço sob a bandeira do Rei. Metade da frota já não existe mais, vendida para quitar as dívidas da guerra. Fui deixado no cais com a camisa que tinha no corpo e trabalhei para pagar minha passagem em um

cargueiro que vinha para os Confins. Desembarquei sem um tostão. Agora tenho mulher, filho, casa e um terço de uma barçaça.

— Não sente falta do Reino? — perguntou Vaelin.

— Do que devo sentir falta? Lá um homem nasce dentro de sua posição social enquanto aqui ele faz sua própria vida. E o ar... — O barqueiro jogou a cabeça para trás e respirou fundo. — É mais limpo, mais doce. No Reino eu estava sempre sem ar.

Ponta de Nehrin ficava em um promontório sobre uma baía em forma de foice, onde ondas quebravam em uma praia de areia branca. Havia talvez quarenta casas; as construções eram fortes, com paredes de pedra como proteção contra o vento marinho. Chegaram no fim da tarde, quando um grupo de crianças saía de uma das construções maiores. Não havia qualquer sinal de presença da Fé ou de uma casa de guarda.

Vaelin cavalgou até a construção grande, onde um homem louro e barbado brincava com um menino igualmente louro, que não tinha mais de seis anos. O menino jogava pedras contra o homem louro; as mãozinhas pegavam pedras em uma pilha aos seus pés, e o homem desviava os lançamentos com uma vara. Apesar da idade, o menino tinha um bom braço e fazia arremessos rápidos e precisos, mas o homem louro rebatia cada pedra com precisão infalível, movendo a vara em um borrão. Ele parou quando avistou Vaelin, soltando um gemido de dor quando uma das pedras do menino o atingiu no peito.

— Te peguei, pai! — gritou o menino, pulando animado. — Te peguei! Te peguei!

Vaelin desmontou e caminhou na direção do homem louro, que largou a vara e correu para abraçá-lo.

— Irmão — disse Vaelin.

— Irmão. — Nortah gargalhou. — Mal pude acreditar que era verdade, mas eis você aqui.

Vaelin recuou, notando o olhar curioso do menino e os moradores que haviam parado para admirar o Senhor da Torre. A nota da canção do sangue aumentou com a proximidade de tantos dotados.

— Artis — disse Nortah ao menino. — Cumprimente seu tio Vaelin.

O menino o encarou por alguns segundos e fez uma mesura desajeitada.

— Tio.

Vaelin retribuiu a mesura, sentindo o volume da canção diminuir um pouco.

O menino não possui dom.

— Sobrinho. Vejo que você tem o braço do seu pai.

— Devia vê-lo com uma funda — disse Nortah. Ele virou-se e curvou-se para Dahrena, que se juntara a eles. — Minha senhora. Sua visita é bem-vinda, como sempre.

— Professor — disse ela, retribuindo a mesura.

— Houve rumores sobre a Horda — disse Nortah. — Os moradores ficaram preocupados.

— Não era a Horda — disse Dahrena. — Apenas pessoas famintas em busca de refúgio. Algo que o Senhor da Torre providenciou.

— Eles lhe negaram uma batalha, irmão? — perguntou Nortah, com um

leve brilho no olhar. — Deve ter sido duro para você.

— Foi um prazer.

O olhar de Nortah foi atraído para o embrulho de lona pendurado na sela de Vaelin. Ele apertou os olhos, mas não insistiu no assunto.

— Venham, venham. — Ele se virou, fazendo sinal para que o seguissem, e pegou a mão de Artis. — Sella deve estar ansiosa para lhe ver.

Encontraram Sella pendurando lençóis recém-lavados em um varal preso na lateral de uma casa. Perto dali, uma menina de uns quatro anos andava de um lado para o outro em cima de uma gata enorme, dando risinhos enquanto pulava no dorso do animal. Os cavalos começaram a se remexer alarmados quando a gata arreganhou os dentes e revelou presas que pareciam adagas. Vaelin e Dahrena desmontaram, e ele ordenou a Orven que montassem acampamento a uma boa distância dali.

Sella aproximou-se dele com um sorriso radiante, dando-lhe boas-vindas com as mãos enluvadas. Ela estava tão encantadora quanto Vaelin se lembrava, apesar de consideravelmente mais grávida, com um vestido que esvoaçava ao vento em volta da saliência da barriga.

Gêmeos, disseram as mãos dela quando Sella viu para onde ele olhava. *Menino e menina. O menino chamar-se-á Vaelin.*

— Ah, não o amaldiçoe assim — disse ele, apertando-lhe a mão.

Jamais uma maldição. Sempre uma bênção. Ela estendeu uma das mãos para Dahrena, que deu um passo à frente para apertá-la.

— Já faz muito tempo.

Dança da Neve aproximou-se silenciosamente, já adulta desde a Cidade Caída, e pressionou a grande cabeça contra o corpo de Vaelin, ronronando como um trovão distante quando ele lhe esfregou o pelo. A menininha em cima da gata olhou para Vaelin com olhos arregalados e curiosos. A canção do sangue ressoou em reconhecimento, e ele sentiu uma súbita confusão de imagens em sua mente, *brinquedos e doces e risos e lágrimas...* Vaelin gemeu, piscando em desconforto.

Sella bateu palmas, e as imagens desapareceram. A menininha não gostou quando a mãe sacudiu um dedo na direção dela.

Desculpe-me, disseram as mãos dela a Vaelin. *É o jeito dela de dizer olá. Não percebe que nem todo mundo consegue fazer o que ela faz.*

Vaelin agachou-se, ficando na altura do olhar da menina.

— Sou seu tio Vaelin — disse ele. — Quem é você?

Um murmúrio em sua mente, suave e encabulado.

Lohren.

Sella bateu palmas de novo. A menina franziu a testa e falou com uma voz emburrada:

— Lohren.

— É um prazer conhecê-la, Lohren.

— Tive um sonho uma vez — disse ela, com um sorriso largo no rosto. — Vi você em uma praia. Era noite e você estava matando um homem com um machado.

Sella agarrou a mão dela e tirou-a de cima de Dança da Neve, fazendo o sinal de comida com a mão livre enquanto puxava a filha para a casa.

— Não se preocupe — disse Nortah. — Você devia ouvir os sonhos que ela tem comigo.

Sella serviu torta de peixe e batatas cozidas em um caldo de cebolas enquanto Nortah contava a história da viagem desde Cidade Caída até os Confins.

— Levamos uns quatro meses e nem todos conseguiram chegar até aqui.

— Os lonaks? — perguntou Vaelin.

— Não. Curiosamente, eles nunca nos incomodaram. Foi o frio. O inverno chegou cedo e nos pegou nas planícies. Se não fosse pelos eorhil, teríamos morrido de fome. Pessoas dotadas podem fazer muitas coisas, mas não podem conjurar comida do nada. Os eorhil nos alimentaram e nos guiaram até a torre, onde o Senhor Feudal Al Myrna, graças à gentil influência da Senhora Dahrena, achou apropriado nos arrendar o povoado de Ponta de Nehrin, abandonado havia muito tempo.

— Sua mãe e suas irmãs? — perguntou Vaelin.

O rosto de Nortah ficou anuviado.

— Minha mãe morreu no ano anterior à nossa chegada. Minhas irmãs... — Ele se calou e Sella apertou sua mão. — Bem, nem todo mundo consegue superar o medo das Trevas. Ouvir a voz de sua sobrinha em sua cabeça antes de ela ter idade suficiente para falar pode ser um pouco perturbador. Hulla casou-se com um sargento da Guarda do Norte; Kerran casou-se com um mercador. Vivem em Torre Norte e não se sentem obrigadas a nos visitar.

Vaelin terminou a refeição antes de tocar em outro assunto.

— Harlick ainda está com vocês?

— De certa forma — respondeu Nortah. — Vive sozinho em uma cabana na praia, escrevendo do amanhecer ao anoitecer. Nunca deixa ninguém ler o que quer que escreva. A maioria se contenta em deixá-lo em paz, exceto Artesão, que troca as cestas que faz por comida para manter ambos alimentados.

Vaelin empurrou a cadeira para trás.

— Eu e a senhora precisamos falar com ele, se nos derem licença.

Vocês ficarão conosco esta noite, sinalizou Sella. Temos espaço.

A casa certamente era grande o bastante para acomodar os visitantes. Nortah descrevera como ela havia sido construída por um exilado do Império Alpirano que desejava manter sua tradição tribal de ter várias esposas.

— Ele bateu em uma das mulheres — intrometeu-se Lohren. — Bateu com força e deixou as outras senhoras bravas. Todas elas o esfaquearam. — Ela agarrou o garfo com força e começou a enfiá-lo em um pão. — Toma! Toma! Toma! — A menina parou com uma careta emburrada quando Sella bateu palmas.

— Será um prazer ficar — disse Vaelin a Sella, virando-se para Dahrena. — Minha senhora gostaria de uma caminhada na praia?

— Já vi guerras, incêndios e almas de assassinos — comentou Dahrena enquanto caminhavam pela areia até a cabana de Harlick. A noite se aproximava e a maré estava alta; seus cabelos formavam um emaranhado negro ao vento. — Mas aquela menininha me assusta mais do que tudo isso junto.

— Tal poder causa medo — concordou Vaelin. — Será difícil suportar esse dom quando ela ficar mais velha.

— Pelo menos agora ela tem um tio dotado para ajudar a protegê-la.

— Isso ela tem.

— Não via o professor há quantos anos?

— Por que você o chama assim?

— É o único nome que ele usa, e é isso o que faz. Todos os dias, com exceção de um, as crianças se reúnem em sua escola. Alguns adultos também, aqueles que têm problemas com números ou letras. Ele ensina a todos, e ensina muito bem. Ao seu modo, ele também é dotado.

Vaelin lembrou-se da paciência que Nortah teve com Dentos antes do Teste do Conhecimento, de sua capacidade de manter Frentis sentado e em silêncio para as aulas e da rapidez com que havia treinado a companhia de arqueiros dos Lobos Corredores. *Sempre fora um professor. Se tivesse ficado na Ordem, sem dívida seria Mestre do Arco.*

— Deve fazer mais de oito anos — disse Vaelin. — Desde a Cidade Caída. É bom ver que estão bem aqui.

— Alguns aconselharam meu pai a mandá-los embora — disse Dahrena. — Os eorhil descreveram com franqueza as habilidades deles, despertando os medos do povo do Reino.

— Mas ele ouviu a você.

— Na verdade, acho que ele teria concedido santuário de qualquer forma. Ele tinha um coração bondoso que não perdia a oportunidade de um ato generoso.

Vaelin ficou feliz ao ver que estavam se aproximando da cabana, pois as palavras de Dahrena haviam trazido lembranças indesejáveis de Sherin. Na verdade, a cabana era uma estrutura dilapidada de madeira com telhado de ardósia e uma chaminé. Não havia janelas, mas o brilho da luz de velas emanava da porta entreaberta. Um homem de ombros largos estava sentado na areia do lado de fora; seu cabelo louro e cacheado era agitado pelo vento enquanto trabalhava, flexionando os braços musculosos ao mesmo tempo em que as mãos hábeis entrelaçavam largas folhas de alga marinha. Havia uma pilha de cestas terminadas junto à cabana.

— Artesão — cumprimentou Vaelin. — É bom vê-lo de novo, senhor.

O rosto largo e belo voltou-se para ele e um leve sorriso surgiu em seus lábios. Os olhos azuis passaram de Vaelin para Dahrena, piscaram e voltaram ao trabalho.

— Não machucado — disse ele.

A porta ranguu quando foi aberta, revelando um homem robusto, de cabelo longo e grisalho, com uma expressão nem um pouco cordial.

— O que você quer? — perguntou ele a Vaelin. A voz estava cheia de ressentimento, possivelmente pela intrusão ou talvez pelo medo que Vaelin

plantara em seu último encontro.

— O mesmo que eu queria antes, irmão — respondeu Vaelin. — Respostas para perguntas difíceis.

Harlick sacudiu a cabeça, virando-se para dentro.

— Não tenho respostas para você. Apenas me deixe em...

— Creio que seu Aspecto discordaria — interrompeu Vaelin, fazendo Harlick parar. — Encontrei-o recentemente. Seu nome foi mencionado. Gostaria de saber o contexto?

O bibliotecário suspirou por entre os dentes e entrou na cabana, deixando a porta aberta. Vaelin curvou-se para Dahrena.

— Minha senhora?

A cabana de Harlick era mobiliada com uma mesa, uma cadeira e um catre simples. Havia um fogão de ferro em um canto, onde uma chaleira recém-fervida fumegava. A mesa estava abarrotada de pilhas altas de folhas de pergaminhos e havia penas espalhadas entre tinteiros, mesmo que a maioria estivesse vazia. Entretanto, a característica mais evidente da cabana eram os rolos de pergaminhos empilhados na parede oposta, vinte deles indo do chão ao teto.

— Você os esquece? — perguntou Vaelin. — Assim que termina de escrevê-los?

Harlick fez um barulho rascante que poderia ter sido uma risada e foi até o fogão.

— Estou sendo relapso, minha senhora — disse Vaelin. — Permita-me apresentar o Irmão Harlick, da Sétima Ordem, outrora um estudioso da Grande Biblioteca de Varinshold. Irmão, essa é a Senhora Dahrena Al Myrna, Primeira Conselheira de Torre Norte.

Harlick fez uma mesura curta a Dahrena.

— Minha senhora. Por favor, perdoe a simplicidade do meu lar. Preparei um chá, caso a senhora queira.

Dahrena retribuiu a mesura com um sorriso educado.

— Em outra ocasião, senhor.

— Melhor assim. — Harlick ergueu a chaleira do fogão. — Só tenho o suficiente para mais uma xícara. — Ele colocou algumas colheres de folhas tiradas de um pote de barro em uma pequena xícara de porcelana e cobriu-as com a água.

— Seu Aspecto tinha uma história a contar — disse Vaelin. — Sobre uma floresta e um garoto morto.

Ele ficou impressionado pela ausência de tremor na mão de Harlick enquanto mexia as folhas de chá. O homem lançou um olhar cauteloso a Dahrena.

— Não tenho segredos com essa senhora — disse-lhe Vaelin.

Harlick suspirou e sacudiu a cabeça.

— É um mentiroso, meu senhor. Todos nós temos segredos. Imagino que a senhora tenha um fardo inteiro de segredos, e estou certo de que o senhor também tem.

Ele está diferente, concluiu Vaelin. Perdeu o medo. Ele olhou para os rolos

de pergaminho que cobriam a parede oposta. *Talvez algo que tenha lido?*

— Diga-me — disse Harlick, sentando-se na única cadeira e bebendo chá. — Meu Aspecto mandou alguma mensagem para mim? Uma ordem para responder às suas perguntas?

— Não — respondeu Vaelin. — Mas ele me contou que sua missão aqui não é nenhuma responsabilidade sagrada. Você não está nas graças dele. Na verdade, você tem sorte de estar vivo, e esta cabana é sua punição. Você está exilado.

— Assim como o senhor. — Harlick souou cansado, deixou a xícara de lado e reclinou-se na cadeira. — Se está aqui em busca de vingança, apenas a execute. Minhas ações podem ter sido equivocadas, mas foram motivadas por uma intenção honesta e altruísta.

Pela primeira vez em anos, Vaelin sentiu uma fúria verdadeira acumular-se em seu peito.

— Equivocadas? Você mandou homens para me matarem na Urlish. Em vez disso, eles mataram meu irmão. Um garoto de apenas doze anos. Eles o decapitaram. Você estava lá quando aconteceu? Ficou para ver os resultados de sua *intenção altruísta?*

— Meu senhor — disse Dahrena em voz baixa, fazendo Vaelin perceber que estava avançando sobre o homem com os punhos cerrados.

Harlick apenas ergueu os olhos para ele; seu rosto era impassível, exceto por uma leve curiosidade.

Vaelin respirou fundo e recuou, forçando-se a abrir as mãos.

— Sabe sobre o meu dom? — perguntou ele quando sua respiração se normalizou o suficiente para falar com uma voz controlada.

— Manifestações, Volume Um — recitou Harlick em um tom seco. — Índice Quatro, Coluna Um. Todos os casos conhecidos registrados entre os seordah, mas nenhum simultâneo. O nome seordah se traduz como “Canção de Sangue” ou “Canção do Sangue”, dependendo da entonação. Manifestações conhecidas no Reino à época deste registro: Nenhuma. Todas as manifestações detectadas devem ser relatadas ao Aspecto com extrema urgência. — Ele encontrou os olhos de Vaelin e prosseguiu. — Adendo: Manifestações conhecidas no Reino: Uma.

— Quando? — perguntou Vaelin. — Quando você soube?

— Antes do senhor, imagino. A profecia foi surpreendentemente clara. “Nascido da curandeira e do Senhor da Batalha.” Quem mais poderia ser?

— E o que mais essa profecia disse?

— “Ele cairá diante d’Aquele Que Aguarda sob a lua do deserto e sua canção será reivindicada pela malícia renascida.” — Harlick tomou outro gole de chá. — Eu não estava preparado para ver isso.

— O Aspecto me disse que havia outra profecia, uma não tão pessimista. Uma em que você escolheu não acreditar.

— Todos nós fazemos escolhas. Algumas são mais difíceis do que outras.

— Então você contratou assassinos para evitar que a profecia se concretizasse.

— Como eu poderia contratar assassinos? Um estudioso da Grande Biblioteca não é tão versátil, especialmente sabendo que meu Aspecto não

concordaria com minha intenção. Porém, as pesquisas revelaram um indivíduo interessado e que possuía amplo conhecimento sobre tais assuntos. Imagino que o Primeiro-Ministro de um rei precise sujar as mãos em diversas ocasiões.

O Primeiro-Ministro de um rei...

— Artis Al Sendahl. O pai de Nortah contratou os homens?

— E não foi preciso muita persuasão, acredite. A princípio, ele fingiu relutar, mas bastaram alguns sussurros sobre meu conhecimento das Trevas para deixá-lo entusiasmado, dizendo que o dever para com o Reino exigia nada menos do aquela tarefa. Além disso, com o filho do Senhor da Batalha tragicamente tirado da Ordem, não haveria razão para manter seu próprio filho preso a eles.

— Mas quando seu plano falhou...

— Nós nos esforçamos bastante para ocultar nosso envolvimento, mas sua Ordem é persistente. Levaram dois anos ou mais para desencavar a verdade, mas quando o fizeram... Meu Aspecto não ficou feliz. Creio que a questão tenha sido comunicada ao Rei, daí a execução de Lorde Al Sendahl, supostamente sob acusações de corrupção.

Vaelin lembrou-se das palavras de Janus anos antes: *Ele não era um ladrão de moedas, e sim um ladrão de poder*. O pai de Nortah foi executado por exercer o poder de matar, um poder reservado ao Rei.

— Havia mais alguém naquela noite — disse ele a Harlick — Os assassinos falaram de outra pessoa. Alguém que eles temiam. Quem era ele?

O estudioso bebericou mais chá.

— Não sei. — Pela primeira vez, havia algum medo nele, apenas uma pequena dilatação das narinas, um leve tremor na boca e... uma nota dissonante da canção do sangue.

— Você conhece meu dom — lembrou-lhe Vaelin.

Harlick colocou a xícara na mesa e nada disse. Vaelin sentiu seus punhos começarem a se fechar novamente, sabendo que podia arrancar a verdade à força de Harlick se quisesse; apesar de toda a aparente indiferença, o homem ainda era um covarde.

— Há outros — disse ele. — Outros na Sétima Ordem que partilhavam de sua crença. Você não agiu sozinho. — O murmúrio da canção do sangue confirmou a acusação, mas Harlick manteve-se em silêncio. — Mesmo agora, depois de todos esses anos, você ainda se agarra à sua ilusão de que o que fez foi certo.

— Não — retorquiu Harlick — Compreendo agora que todas as profecias são falsas. Aqueles com o dom da presciência geralmente são loucos, levados a esse estado pelo turbilhão de visões que anuviam seus pensamentos e sonhos. Não é o futuro que eles veem, apenas possibilidades. E possibilidades são infinitas. Não acha? Se não fosse pelo acaso, talvez alguma alma maligna do Além estivesse diante de mim agora, de posse do seu dom e nomeada Senhor da Torre, ainda por cima. A sorte pode ter mostrado que eu estava equivocado, mas apenas pela margem mais ínfima.

— Não foi sorte — disse Vaelin. — Foi sangue, a maioria inocente, a maioria derramada pela minha mão.

Harlick assentiu brevemente com a cabeça, encarando Vaelin com uma

expectativa resignada.

— Obrigado por permitir que eu tomasse meu chá, meu senhor.

Vaelin deu uma risada melancólica.

— Ah, eu não vou matá-lo, irmão. Por mais que seja um miserável arrogante, você tem muita serventia para mim. E há muito que você deve compensar. Eu o nomeio Arquivista de Torre Norte. — Gesticulou para o que havia na cabana e andou até a porta. — Junte suas coisas e esteja pronto para partir pela manhã. Teremos muito a discutir na torre. Minha senhora?

Dahrena parou para fazer uma mesura de felicitação a um Harlick aturdido e saiu da cabana atrás de Vaelin.

— Não gosto daquele homem — disse ela ao caminharem de volta ao longo da praia.

Vaelin olhou para trás na direção da cabana e viu a silhueta rija do estudioso delineada na luz da entrada.

— Duvido que ele goste de si mes...

A nota estridente da canção atingiu-lhe como uma martelada, ressoando mais uma vez em um crescendo instantâneo. Ele cambaleou, sentindo o sangue escorrer do nariz, e caiu na areia no momento em que o grito trouxe uma visão. *Chamas, tudo é chamas, tudo é dor e fúria... Um homem morre, uma mulher morre, crianças morrem... E o grito nunca para... As chamas rodopiam, juntam-se, duas manchas negras aparecem, formando órbitas enquanto as chamas se moldam em um crânio, então em um rosto, perfeito e belo... E familiar... Lyrna feita de fogo... Gritando.*

CAPÍTULO DEZ

Lyrna

O forte do Barão Hughlin Banders ficava a uns cinquenta quilômetros da fronteira asraelina e era uma estrutura vasta de arquitetura variada e alvenaria desigual, com algumas partes novas e outras claramente antigas. A construção ficava no centro de uma ampla propriedade de florestas e colinas, com veados em abundância. Eles chegaram ao anoitecer e foram recebidos a uma boa distância da casa principal por uma companhia de cavaleiros formada por mais de cinquenta homens em armaduras completas, que se aproximavam em formação de batalha. O líder da companhia revelou uma grande cicatriz horizontal no nariz ao erguer a viseira, mas sua desconfiança evidente se dissipou ao avistar Lyrna. Apesar da aparência de rufião, ele possuía a fala e os modos refinados de um cavaleiro nato.

— Minhas mais humildes desculpas, Alteza — disse ele, após desmontar, colocar um joelho no chão e abaixar a cabeça. — Com um grupo tão grande, interpretamos mal suas intenções.

— Não se preocupe, meu senhor — retorquiu Lyrna. Ela sempre achara os trejeitos elaborados dos cavaleiros renfaelinos um tanto entediantes e estava com pouca paciência para aguentá-los. — Vim à procura do Barão Banders. Ele está em casa?

— Está, Alteza. — O cavaleiro levantou-se e tornou a montar rapidamente. — Permita-me a honra de escoltá-la até sua presença.

O Barão Banders esperava por Lyrna na porta de sua casa, sem armadura, mas segurando uma espada embainhada. Atrás dele, uma moça olhou para Lyrna e segurou a mão de um jovem magricela que, apesar da altura, não podia ter mais de catorze anos.

— Alteza. — O tom e a expressão de Banders eram cuidadosamente neutros quando se ajoelhou diante dela. — Dou-lhe as boas-vindas. Minha casa é sua.

— E passarei de bom grado essa noite, meu senhor — retorquiu ela, descendo do dorso de Passofirme, avançando e estendendo-lhe a mão. — Mas primeiro preciso de uma promessa do senhor.

Os olhos do barão se arregalaram um pouco ao ver a mão que ela colocara

diante dos seus lábios, um sinal famoso de boas graças que a princesa raramente concedia.

— Uma promessa, Alteza? — perguntou ele, erguendo-se após beijar-lhe os dedos.

— Sim, mas não é um banquete. — Lyrna sorriu. — Gostaria apenas de uma refeição tranquila e do prazer de sua companhia, é claro.

Banders apresentou a moça como Ulice, sua protegida, e o garoto como Arendil, filho dela. Não foram mencionados sobrenomes, mas os olhos de Lyrna notaram com facilidade as semelhanças entre Banders e Ulice, nos quais a cor e a formato dos olhos eram quase idênticos. A ausência de sobrenome marcava a garota como uma bastarda não reconhecida, apesar de desfrutar dos cuidados do pai, a julgar pela roupa que vestia. Estranhamente, o rosto do garoto era apenas levemente similar ao rosto da mãe e em nada lembrava o avô. Seus olhos eram azuis, enquanto os olhos dos outros dois eram castanhos, e seu cabelo, uma cascata desgrenhada de cachos escuros que chegavam aos ombros, contrastava muito com as madeixas louras da mãe e o cabelo grisalho e ralo que adornava a cabeça de Banders.

Comeram uma boa refeição no salão principal, ainda que simples, vendo Davoka desmembrar de forma desajeitada sua comida com os talheres estranhos que os criados colocavam ao lado do seu prato a cada alimento trazido. Ela olhava atentamente para Lyrna, tentando imitar o modo como ela segurava os vários utensílios, mas geralmente sem sucesso.

— *Coma como quiser* — disse-lhe Lyrna. — *Não será uma ofensa.*

— Você aprendeu meus costumes — retorquiu Davoka, franzindo o rosto e concentrada. — Eu aprendo os seus também.

— Você fala lonak! — exclamou Arendil, com um olhar espantado para Lyrna. Banders bateu uma das mãos na mesa, chamando a atenção do garoto. — Alteza — completou ele.

— Fala melhor do que eu às vezes — disse Davoka, mastigando um pedaço de codorna. — Sabe palavras que eu não sei.

— Os feitos da princesa são um grande exemplo — disse Ulice. Ela era tímida e quase medrosa, mas o olhar que lançou à Lyrna era repleto de sincera admiração. — E agora nos traz uma paz que escapou aos homens durante séculos. Quem dera todas as senhoras pudessem ser tão talentosas.

— Ouvi dizer que as terras ao norte do passo são implacáveis — disse Banders. — Nunca estive lá, mas enfrentei muitos lonaks. — Ele olhou para Davoka, que respondeu com um sorriso enquanto mastigava.

— Felizmente, esses dias estão no passado — disse Lyrna. Ela pegou a taça, erguendo-a em um brinde. — Beberia comigo, meu senhor? À paz?

O sorriso de Banders foi discreto, mas ele ergueu a própria taça, bebendo junto com a princesa.

— A paz é sempre bem-vinda, Alteza.

— De fato. Isso também parece ser uma preocupação de seu Senhor

Feudal. Tive a oportunidade de encontrá-lo na estrada.

O garfo de Ulice caiu no prato, fazendo um barulho estrondoso. Ela ficou lívida e abaixou os olhos quando Lyrna olhou para ela.

— Está bem, minha senhora? — perguntou Lyrna.

— Perdoe-me, Alteza — respondeu ela com um sussurro. Arendil, que estava ao lado dela, segurou sua mão, com o semblante carregado de preocupação.

— Talvez, Alteza, possamos esperar até depois do jantar para falarmos sobre o Senhor Feudal — disse Banders em um tom um tanto severo. — Esse assunto tende a me revirar o estômago.

O resto da refeição foi feita em silêncio, exceto pelas perguntas de Davoka sobre a comida colocada à sua frente.

— Gelatina? — disse ela, balançando a sobremesa em forma de castelo ao cutucá-la com a colher. — *Parece ranho.*

— Tenho certeza de que o senhor não precisa ouvir nenhum sermão sobre os problemas recentes do Reino — disse Lyrna.

Eles estavam no salão principal, sozinhos a não ser por dois cães de caça que pareciam ter gostado da princesa e apoiavam as cabeças em seus joelhos ao lado da grande lareira de mármore. Banders estava parado junto ao consolo da lareira e tinha uma expressão cautelosa no rosto, mas ela não conseguia ver raiva nele.

— Não, Alteza — retorquiu o barão. — Não preciso.

Um dos cães de caça bufou alto, e ela coçou-lhe o pelo atrás das orelhas.

— Com o atentado contra a vida do Senhor da Torre Al Bera, pode haver mais discórdias por vir — disse ela. — Não se vê em Renfael as revoltas e desordens que ocorrem no resto do Reino. Suponho que o senhor concorde que seria melhor continuar assim.

— Não busco discórdia. Quero apenas preservar o que é meu.

— Difamando a reputação de seu Senhor Feudal?

— A reputação dele foi manchada anos atrás, mesmo antes da guerra, de forma irreparável. Eu falo a verdade, e apenas quando me pedem.

— E com que frequência lhe pedem?

Banders pegou o atizador e cutucou as brasas na lareira com estocadas rápidas e firmes.

— Muitos consideram a ideia de serem governados por aquele homem como uma mancha em suas honras. Se um cavaleiro vem até mim em busca de conselhos sinceros devo mandá-lo embora?

— O senhor deve tentar preservar a paz do Rei. Sua posição nesse feudo, e até no Reino, é muito alta. Nenhum outro cavaleiro desfruta de tamanha estima. Mas uma posição alta vem com responsabilidades, pedidas ou não.

Banders olhou para baixo, lembrando Ulice mais uma vez e fazendo Lyrna pensar no parentesco óbvio entre os dois, mas não com o menino de longos cachos escuros. *Apenas preservar o que é meu...*

— Por que o senhor não reconheceu sua filha? — perguntou ela. — Ou seu neto?

Banders empertigou-se, ainda sem olhá-la.

— Eu... não sei o que quer dizer, Alteza.

— O senhor não tem esposa nem outros filhos. Sua filha, nascida ou não fora dos laços do casamento, ainda é seu sangue. E claramente o senhor a estima muito. Ainda assim, nega-lhe seu nome.

Ele se afastou do fogo e virou-se, entrelaçando as mãos atrás das costas.

— Esses são assuntos particulares...

— Meu senhor, viajei muitos quilômetros e vi coisas demais para aguentar o fardo de cortêsias triviais. Responda a minha pergunta, por favor.

Banders suspirou e virou-se para ela, olhando nos olhos da princesa com uma expressão mais pesarosa do que brava.

— A mãe de Ulice era... de posição inferior, era filha de um moleiro. Eu a conhecia desde a infância. Meu pai estava sempre muito ocupado com sua jogatina e suas meretrizes para exercer mais do que a mais relaxada das disciplinas. Assim, fiquei livre para me associar com quem eu desejasse e para fazer o que bem entendesse. E, quando cresci, quis tornar Karla minha esposa. Porém, apesar de toda a sua indulgência e desdém pela decência, meu pai não aceitou de modo algum que a filha do moleiro gerasse o próximo herdeiro de suas terras e de seus títulos, isto é, aqueles que ele não havia gasto nas cartas ou com mulheres. Impensável. Quando ele morreu, esperei ter uma resposta mais solidária de Theros, mas o velho Senhor Feudal acreditava na santidade do sangue de um cavaleiro com toda a veemência que outros aplicam à Fé. De modo que desisti do casamento, e Karla e eu apenas vivemos juntos nessa casa como marido e mulher, sem jamais nos unirmos formalmente. Ela morreu quando Ulice nasceu e nunca procurei outra.

— E seu neto? — perguntou Lyrna. — Ulice parece jovem para ser viúva.

A expressão de Banders tornou a endurecer.

— Vossa Alteza costuma fazer perguntas para as quais já sabe as respostas?

Cabelos escuros, olhos azul-escuros... Naturalmente, tomarei as devidas providências para que quaisquer dependentes não fiquem desamparados.

— Lorde Darnel.

— Ulice era jovem — prosseguiu Banders. — Mal completara quinze anos quando foi levada para juntar-se a mim no forte do Senhor Feudal. Darnel e eu nunca fomos amigos. Ele via a consideração que seu pai tinha por mim e a odiava, pois Theros teve por ele mais do que desprezo. Seu interesse por minha filha foi mera vingança, embora ela não tenha visto isso como tal, com a cabeça cheia das ilusões de menina de que todos os cavaleiros são heróis. Assim, quando o belo filho do Senhor Feudal lhe declarou seu amor, ela acreditou. Por que não acreditaria nele? Ele a largou depois, é claro, quando Ulice contou que estava grávida e riu dela e de mim quando levei a questão até Theros. Ele surrou o garoto até deixá-lo ensanguentado, como era seu costume, ali mesmo na Câmara do Senhor, diante de todas as damas e seus servidores. Surrou-o até parecer morto. Infelizmente, não morrera. Deixei o serviço do senhor no dia seguinte, levei minha filha para casa e criei meu neto. Busquei vingança na Feira de Verão

alguns anos depois. Creio que a senhora estava lá naquele dia. E teria conseguido se um dos servidores dele não tivesse me golpeado por trás com uma maça.

— Darnel nunca se casou — lembrou-se Lyrna.

— E não teve outros filhos. Nenhum que eu saiba, de qualquer forma.

— Então, se o senhor reconhecer Ulice, Arendil terá nascido de uma união nobre. Um filho nobre com o sangue do Senhor Feudal. Um pretendente à Cadeira do Senhor.

— Darnel veio aqui quando retornei da guerra e exigiu seu filho. Eu lhe disse que ele não tinha filho algum. Seu séquito tinha apenas vinte homens, todos jovens e inexperientes. Todos os seus antigos servidores haviam morrido em Marbellis. Eu tinha mais de cinquenta cavaleiros à disposição, todos veteranos da batalha no deserto. Lamento muito não ter resolvido a questão naquela hora.

— Então ele não abandonou a reivindicação?

Banders sacudiu a cabeça.

— Ele quer o herdeiro ao seu alcance, seja para moldá-lo em outro monstro ou para descartá-lo como lhe conver. Dar meu nome a Arendil significaria transformá-lo em candidato à Cadeira do Senhor. Renfael entraria em guerra.

— Então, eu lhe agradeço por ter se contido.

— Não serei eu a dividir esse feudo, Alteza. Contudo, caso isso ocorra, posso pelo menos repará-lo com a ajuda do Rei. Nosso Senhor Feudal sabe apenas causar feridas, não curá-las.

Lyrna ficou tentada a adverti-lo por suas palavras, mas já havia arrancado a verdade dele com uma insistência indelicada.

— Não pode haver uma guerra nesse feudo — disse ela. — De maneira nenhuma. Compreende?

O barão olhou de novo para o fogo e assentiu de forma tensa.

— Peço-lhe paciência e resignação para o cumprimento de deveres difíceis, meu senhor. Amanhã, Arendil me acompanhará até Varinshold, onde aconselharei o Rei a oferecer-lhe proteção real. Será educado e prestará serviço à Coroa, completamente fora do alcance de seu pai. Sua mãe pode acompanhá-lo se desejar. Certamente ficarei feliz em ter uma companhia agradável no palácio.

— Essa propriedade é o mundo deles — disse Banders em voz baixa. — Tendo visto mais do mundo do que gostaria, meu sonho era poupá-los de tal sofrimento.

Lyrna acariciou os cães de guarda uma última vez e levantou-se da cadeira, provocando um ganido de protesto do maior dos dois cães.

— O preço de ter sangue nobre é não escolhermos nossos caminhos na vida, apenas o modo como os trilhamos. Vou me retirar, meu senhor. Sei que desejará falar com sua família.

Lyrna esperava lágrimas de Ulice, então a gratidão da mulher foi uma surpresa.

— Sabedoria e compaixão — disse ela na manhã seguinte, tentando controlar um acesso de soluço ao se despedirem no caminho de cascalhos diante

da casa. — Que os Finados sempre a protejam, Alteza.

Lyrna conteve Ulice quando ela começou a fazer uma mesura.

— Basta, minha senhora. Eu realmente gostaria que a senhora viesse conosco.

— Meu p... O barão precisa de mim. — Ulice enxugou os olhos com as mãos, forçando um sorriso. — Não posso deixá-lo aqui sozinho. E a mãe deve saber quando deixar o filho partir, não acha?

Lyrna apertou-lhe o braço.

— Sem dúvida.

— Posso fazer outro pedido, Alteza? — prosseguiu Ulice antes que Lyrna pudesse montar em Passofirme. — A senhora já fez mais do que eu poderia...

— Apenas peça — disse Lyrna, sorrindo quando a mulher empalideceu diante de seu tom. — Por favor.

Ulice aproximou-se e sussurrou.

— Jamais deixe o Senhor Feudal levá-lo. Esconda-o, mande-o para o outro lado do mar, mas jamais o deixe cair nas mãos do pai. — A aparente timidez da mulher havia desaparecido e seu rosto era a própria máscara de fúria maternal.

Lyrna apertou as mãos da mulher e beijou-lhe o rosto, sussurrando próximo ao seu ouvido.

— Mandarei matar o estuprador desgraçado antes que ele chegue a um quilômetro de seu filho. A senhora tem minha palavra.

Ulice sufocou um suspiro de alívio e recuou, estendendo a mão a Arendil, que estava ao lado do avô.

— Venha despedir-se de sua mãe.

Sua mãe podia estar transbordando de gratidão, mas Arendil era um retrato emburrado do ressentimento adolescente.

— Precisa ser agora? — perguntou ele com uma voz aborrecida. — Por que não no inverno ou no ano que vem?

— Arendil! — exclamou sua mãe, ríspida, estendendo-lhe novamente a mão.

O garoto ficou ainda mais irritado e pareceu prestes a responder quando o joelho do seu avô o empurrou para frente.

— Não insulte Sua Alteza com tanta lerdeza, garoto.

Davoka aproximou-se a trote com seu pônei, conduzindo a bela égua cinzenta que o Lorde Comandante havia oferecido a Lyrna no passo.

— Aqui — disse ela, jogando as rédeas para Arendil. O garoto olhou para ela e crispou os lábios.

— Tenho meu próprio cavalo — disse ele.

— Talvez seja um pouco grande para ele — disse Lyrna a Davoka. — Temos algo mais apropriado para uma criança?

— Eu posso cavalgá-la! — retorquiu Arendil, colocando um pé no estribo e subindo na sela com facilidade. — Só não é minha.

Ulice parou ao seu lado, pegou sua mão e beijou-a. Após um momento, Banders adiantou-se e puxou-a gentilmente para longe. Lyrna viu o rubor nas faces de Arendil e virou-se para o outro lado.

— Barão! Minha senhora! — disse ela, erguendo a voz para garantir que os

cavaleiros em volta a ouvissem. — Agradeço sua hospitalidade. — Tenham certeza de que esse órfão receberá a melhor educação na corte do Rei.

Banders pousou um braço no ombro da filha e puxou-a para perto enquanto Lyrna virara Passofirme e conduzia o regimento para fora das terras do barão.

Puseram-se a caminho depressa e já estavam acampados nos limites setentrionais da Urlish três dias depois, onde Lyrna e Davoka mantinham-se ocupadas no ritual noturno de arremesso de facas. A lonak conseguira mais um par de facas, presumivelmente roubadas de algum irmão distraído no passo, o que permitiu que Arendil participasse dos treinos, embora sua falta de habilidade fosse óbvia.

— O garoto nem aprendeu a lutar — comentou Davoka quando o último arremesso de Arendil passou longe da tora fendida que usavam como alvo.

— Aprendi! — retorquiu Arendil. — Sei cavalgar e usar a lança e espada. Meu avô me ensinou. Todos os dias desde que eu completei oito anos. Tenho até minha própria armadura, apesar de não me deixarem trazê-la.

— Armadura — escarneceu Davoka, acertando uma faca perto do centro da tora. — Sempre foi fácil matar os barrigas de aço. Era só esperar que acampassem. Só eram perigosos quando tinham algo para atacar.

— Você pode escolher uma armadura quando chegarmos ao palácio — disse Lyrna a Arendil, arremessando a faca e atingindo a extremidade superior da tora. — Temos corredores infundáveis repletos de armaduras, além de cavaletes e mais cavaletes de espadas. Sempre achei estranho que fosse tão difícil armar a Guarda do Reino quando tínhamos tantas espadas desperdiçadas como ornamentos.

— Meu avô também tem muitas espadas e lanças. Ele trouxe da guerra no deserto.

— Ele fala sobre isso? — perguntou Lyrna. — Sobre o tempo que passou na guerra?

— Ah, sim, apesar de ficar triste às vezes. A traição de Lorde Al Sorna ainda o faz sofrer. Ele diz que, se o exército soubesse, todos os homens teriam ficado e morrido para impedir que os alpiranos o capturassem, até mesmo os cumbraelinos.

Lyrna decidiu naquele momento que gostava do garoto; sua franqueza e despreocupação com títulos eram um pequeno prazer para ela, embora fossem torná-lo uma presa fácil na corte. E quanto a Davoka...

— *Não é um bom lugar* — disse ela à lonak naquela noite.

Estavam sentadas junto à fogueira enquanto Arendil dormia profundamente em sua tenda. Davoka estava sentada sobre sua pele de lobo, com as pernas longas estendidas, cortando e levando tiras de carne seca à boca com uma faca de caça.

— Perigoso? — perguntou ela na língua do Reino, fazendo Lyrna notar que Davoka quase não usava mais a língua lonak.

— De várias formas, a maioria desconhecida por você. As pessoas mentem

como se isso fosse uma virtude. Sua proximidade comigo levantará suspeitas e causará inveja em alguns. Outros tentarão obter vantagens através de você. Você precisará controlar sua língua e não espere encontrar confiança.

Davoka sorriu enquanto mastigava.

— Se tenho sua confiança, não preciso de outra.

— Temo que minha confiança não a poupe das crueldades que nos esperam. Você pode me chamar de Rainha, irmã, mas eu não governo aqui. No palácio, meus conselhos são tolerados, descartados ou aceitos conforme meu irmão acha melhor.

— É o seu lar, mas você fala como se o odiasse.

Odiasse? Era possível odiar um lugar que ela conhecia tão perfeitamente? Um lugar cujos mistérios esgotaram-se na infância? Houve tantos rostos ao longo dos anos, tantas pessoas perdidas na força ou nas guerras. Lorde Artis, cujo pragmatismo ela sempre apreciara, por mais que fosse um tolo sedento de poder. O gordo Lorde Al Unsa e seu modo desajeitado de dançar, tão corrupto quanto um homem podia ser, mas que sempre a fizera rir. E Linden, o pobre e adorável idiota Linden... E Vaelin.

— Talvez eu odeie — admitiu ela. — Mas não há outro lugar para mim.

— Seu irmão não pode governar sem seus conselhos?

— Ele tenta, mas mesmo assim eu detestaria abandoná-lo. Talvez um dia, quando o Reino estiver mais calmo, eu possa encontrar outro lar.

Davoka sorriu.

— Há espaço de sobra na Montanha.

Lyrna riu.

— Duvido que a Mahlessa recebesse bem minha presença. — *Mas sempre há os Confins do Norte...*

— Essa floresta é muito antiga — disse Davoka, olhando com evidente inquietação para a mata densa que orlava a estrada. Lyrna já havia notado a aversão da Ionak por florestas, cujas árvores constringentes tanto contrastavam com a tundra e as montanhas que ela conhecia tão bem. — Posso sentir o cheiro dela.

— Urlish é a floresta mais extensa do Reino — disse Lyrna. — Preservada pela Palavra do Rei e menor apenas que a Grande Floresta do Norte, pelo menos nesse continente.

Davoka franziu o rosto.

— Continente?

— A extensão de terra pela qual viajamos.

— Há outras?

Lyrna estava prestes a rir quando percebeu a curiosidade sincera nos olhos de Davoka. *Ela conhece tanto e ainda assim tão pouco.*

— Quatro outras extensões são conhecidas em nossos mapas — disse ela. — Todas muito maiores do que a nossa. Provavelmente há ainda mais, mas nenhum súdito do Reino viajou tão longe e regressou.

— Não é verdade — interrompeu Arendil. — Kerlis, o Ímpio. Dizem que ele já viajou pelo mundo inteiro duas vezes e que atualmente está na terceira viagem.

— É apenas uma história — disse Lyrna. — Um mito.

— Não pode ser — insistiu o garoto. — Tio Vanden jura que o encontrou quase trinta anos atrás.

— E quem é tio Vanden?

— Primo do meu avô. Ele foi um grande cavaleiro. Eu o chamo de tio porque ele age como um tio. Ele é muito velho.

— Velho o bastante para encontrar um homem que nunca morre?

A carranca de Arendil regressou.

— Eu sei que é verdade. Ele não mentiria. Aconteceu quando estava a serviço do Protetor da Costa Norte. Ele foi ferido em uma batalha com alguns contrabandistas e separado dos seus homens nos rochedos escarpados que cobrem a costa perto das montanhas. Ele diz que andou a esmo por horas, temendo sangrar até a morte, e então encontrou Kerlis abrigado entre as rochas com algumas pessoas estranhas. Tio Vanden estava à beira da morte, mas havia um garotinho entre eles que tinha as Trevas, um toque que podia curar.

Lyrna começou a ficar interessada.

— Um toque de cura?

— Sei que parece mentira, e meu avô me disse que eram apenas as divagações sonhadoras de um velho, mas tio Vanden me mostrou a cicatriz, um pedaço de pele sarapintada no ombro, toda enrugada e áspera, mas o centro era liso e sem marcas, com o formato da mão de uma criança.

Davoka soltou um grunhido irritado e encetou o pônei, adiantando-se até não poder ouvi-los mais.

— Essas conversas a incomodam — explicou Lyrna. — Termine a história.

O olhar de Arendil era cauteloso, como se temesse que a princesa zombasse dele, mas prosseguiu após um momento de hesitação.

— Embora o garoto tivesse fechado a ferida, tio Vanden continuava febril. Kerlis e os outros o salvaram da maré que subia, levaram-no para a praia e fizeram uma fogueira. Kerlis sentou-se com ele naquela noite, enquanto ele tremia e esperava a morte, e foi dos próprios lábios dele que tio Vanden ouviu a história de como ele havia sido amaldiçoado pelos Finados, não pela falta de fé, como diz a lenda, mas por recusar um lugar no Além, por se recusar a juntar-se a eles. Então, eles fecharam todas as portas da morte para ele, até mesmo para o grande vazio que aguarda os Infiéis. Tio Vanden disse que ele deu a volta no mundo duas vezes. Por duas vezes retornou a essa terra para ajudar aqueles que podia, sempre à procura.

Lyrna estava familiarizada com a história de Kerlis, o Ímpio, mas aquela era uma nova faceta da narrativa, que mostrava o homem como uma figura de advertência, uma alma perdida vagando eternamente pelo mundo, sem amigos e desesperado pela libertação. Uma vítima passiva, não alguém que procura algo.

— À procura de quê?

— Tio Vanden perguntou a mesma coisa. Ele me disse que Kerlis esperava que ele morresse, daí o modo franco como falava. Ele se inclinou para perto de

tio Valden e sussurrou: “Daquilo que me foi prometido. Um dia, haverá alguém entre as pessoas dotadas dessa terra que poderá me matar. Saberei quem é quando eu o vir. Até lá, lutarei para salvar quantos eu puder, pois ele bem pode nascer daqueles que eu salvar. Dentro de alguns anos, a maioria das pessoas nascidas dessa geração estará espalhada ou morta, e então partirei novamente. Será minha terceira volta ao mundo, meu senhor. Pergunto-me o que verei.” Tio Valden caiu em um sono febril e, quando despertou, sem saber como ainda estava vivo, Kerlis e sua gente estranha haviam partido.

As divagações sonhadoras de um velho, pensou Lyrna, com mais esperança do que convicção. O que vira na câmara da Mahlessa atormentava seus dias e suas noites. *Fui tão longe em busca de evidência. Agora que a tenho, por que parece ser um fardo tão pesado?*

A floresta começou a rarear depois de mais dois dias, abrindo-se por fim para a planície relvada ao redor das muralhas de Varinshold. O oitavo sino soava quando se aproximaram do portão norte, e a Guarda da Cidade estava acendendo as grandes lamparinas a óleo em ambos os lados da entrada. Ao contrário da recepção em Cardurin, não houve multidões com bandeiras para saudar a chegada de Lyrna na cidade. Tudo indicava que seu irmão não sentira necessidade de comemorar seu sucesso e seu retorno a salvo com uma celebração pública. *Provavelmente está poupando dinheiro para outra ponte*, pensou ela. Os curiosos e bajuladores ladeavam as ruas enquanto os cavaleiros abriam caminho para a princesa e houve alguns gritos de boas-vindas e felicitações, mas não a adulação que Lyrna encontrara no norte. Na verdade, a maioria dos espectadores parecia mais interessada em Davoka, alguns boquiabertos e apontando para a lonak que cavalgava pelas ruas da cidade, e uma mulher ainda por cima. Davoka aguentou o escrutínio com uma calma estoica, mas Lyrna viu a amiga apertar a lança quando alguns comentários grosseiros foram ouvidos em meio aos espectadores.

A multidão era um pouco maior no palácio, e os guardas foram obrigados a ser mais agressivos para garantir que Lyrna chegasse ao portão principal, onde foi recebida por um homem corpulento e calvo com um sorriso largo.

— Alteza — cumprimentou ele, fazendo uma mesura.

— Lorde Al Densa — respondeu ela. Al Densa era o mestre da casa real e em geral mantinha uma aura de calma perpétua, mas naquele dia parecia um pouco mais animado.

— O Rei envia suas desculpas por não poder recebê-la pessoalmente, Alteza — disse-lhe o lorde corpulento. — Mas um evento jubiloso ocorrido hoje requereu sua atenção.

— Evento? — perguntou Lyrna, desmontando de Passofirme e entregando as rédeas a um cavaleiro.

— Na verdade, é mais um milagre, Alteza. O Irmão Frentis retornou do outro lado do oceano, são e salvo. Benditos sejam os Finados por terem cuidado dele.

Frentis? De todas as almas que foram perdidas em Untesh, Frentis era quem mais assombrava seu irmão.

— Notícias jubilosas realmente — disse ela.

— Odeio incomodá-la com correspondências tão cedo — prosseguiu Al Densa, pegando um pequeno rolo de pergaminho e entregando-o à princesa. — Mas o Rei parece ansioso por cooperar de todas as formas com o sujeito.

— Sujeito? — Lyrna desenrolou o pergaminho, que revelou linhas precisas em uma bela caligrafia na língua do Reino, embora as letras tivessem alguns floreios incomuns.

— Um erudito alpirano, Alteza. Ele veio para escrever uma obra histórica. O Rei acredita que deixá-lo sob seus bons cuidados será uma oportunidade de curar a ferida entre nossas nações.

As sobranceiras de Lyrna ergueram-se ao ver a assinatura no pergaminho.

— Verniers Alishe Someren. O historiador particular do Imperador. Ele está aqui?

— Estava, Alteza. O Rei permitiu que ele acompanhasse a Guarda do Reino em uma excursão a Cumbrael. Entretanto, como se pode ver pela carta, ele está ansioso para assegurar uma audiência com a senhora.

Lyrna conhecia a obra de Verniers, é claro, embora a teor original houvesse sido perdido na tradução da língua alpirana. Ela pretendia trabalhar em sua própria versão dos cantos escritos pelo historiador, se algum dia conseguisse encontrar tempo. *Um historiador busca a verdade; ao menos um bom historiador o faz. Ele vem para perguntar sobre meu pai e sua guerra insana.*

— É claro que o receberei — disse ela a Al Densa. — Providencie nosso encontro assim que ele retornar, por favor.

Al Densa curvou-se.

— Assim o farei, Alteza. Por ora, o Rei pede sua presença na sala do trono. O Irmão Frentis e sua companheira estão sendo levados para lá nesse momento.

— Companheira?

— Uma mulher volariana. Parece que foram escravizados juntos. Os detalhes ainda são vagos, mas certamente podemos esperar uma história com grandes aventuras.

— Certamente. — Lyrna sinalizou para que Davoka e Arendil se aproximassem. — A Senhora Davoka, Embaixadora do Domínio Lonak, e o Escudeiro Arendil da Casa Banders, que logo se tornará protegido do Rei. Eles precisam de acomodações adequadas.

— É claro, Alteza.

— Por enquanto ficarão em meus aposentos. Diga ao Rei que logo irei ao seu encontro.

— O Irmão Frentis! — exclamou Arendil, entusiasmado, enquanto Lyrna os conduzia ao longo de muitos corredores até sua suíte na ala leste. — Ele é um herói quase tão importante quanto Lorde Al Sorna. Vou conhecê-lo?

— Suponho que sim — respondeu Lyrna. — E, quando encontrar o Rei, tente se lembrar de chamá-lo de Alteza. Esperam-se tais cortesias de hóspedes do palácio.

Seus aposentos continuavam como ela se lembrava e cada móvel e

ornamento estava exatamente como havia deixado. Seus muitos livros estavam nas longas prateleiras na ordem que estabelecera; as capas de couro haviam sido espanadas e brilhavam, mas, fora isso, os livros mantinham-se intocados. Na escrivaninha em que passava tantas horas havia um tinteiro cheio e penas recém-cortadas que ela pedia que fossem colocadas ali todas as manhãs. E sua cama, sua maravilhosa cama. Tão macia, tão quente... e tão grande. Tudo no quarto parecia ter encolhido, mas a cama, de alguma forma estranha, crescera.

Quem vive aqui?, pensou, indo até a escrivaninha e colocando *A sabedoria de Reltak* ao lado de sua pilha de pergaminhos. *Que velha solitária vive aqui e passa seus dias escrevendo sem cessar?*

Ela permitiu que suas criadas se ocupassem um pouco com o quarto e com ela antes de ordenar que um vestido adequado fosse preparado e que fosse trazida comida para seus convidados.

— Não sei quanto tempo isso levará — disse ela a Davoka depois de trocar a túnica de montaria por um vestido de seda azul com um corpete bordado a ouro. Ela parou diante do espelho enquanto uma das criadas colocava sua coroa em seus cabelos remodelados. — É melhor você esperar aqui com o garoto. Encontrarei um horário para você conhecer o Rei amanhã. — Ela se virou quando Davoka não respondeu e viu a lonak a encarando com o rosto levemente franzido. — O que é?

— Você está... diferente — disse Davoka em voz baixa, passando os olhos pelo corpo de Lyrna.

— *São apenas roupas, irmã* — respondeu a princesa em lonak — *Um disfarce, na verdade.* — *A não ser por isso*, pensou ela, passando os dedos pela face de arremesso pendurada em seu pescoço. Acostumara-se a usá-la abertamente desde que deixara o passo, mas decidiu que era melhor mantê-la escondida de novo, escondendo-a nos laços do corpete. *Nunca se separe dela.*

— A Princesa Lyrna Al Nieren!

O pajem que ficava junto à porta anunciou sua entrada com uma voz retumbante, batendo três vezes com o cajado no piso de mármore da sala do trono. Lordes recebiam apenas uma batida do cajado, Aspectos, duas, ela e a rainha, três. Era um dos rituais que seu pai instituíra ao assumir o trono. Certa vez, ela perguntou o significado das batidas do cajado, mas recebeu apenas um sorriso enviesado como resposta. *Todo ritual é vazio*, escrevera Reltak. Quanto mais ela lia os textos do lonakhim morto tanto tempo atrás, mais apreciava a perspicácia dele.

— Irmã! — exclamou Malcius, aproximando-se para cumprimentá-la com um abraço caloroso e apertado. — Suas aventuras muito me preocuparam — sussurrou ele ao ouvido de Lyrna.

— Não tanto quanto a mim. Temos muito a discutir, irmão.

— Tudo em seu devido tempo. — Ele recuou e estendeu a mão para duas figuras paradas no centro da sala, um jovem e uma mulher, ambos vestidos com roupas simples, mas que tinham rostos belos e corpos atléticos. O homem era

musculoso, tinha um semblante sério e suas feições possuíam uma magreza decorrente da fome. A mulher não era menos admirável, esbelta como uma dançarina e com uma beleza misteriosa. Ela parecia um tanto intimidada pelo ambiente, mantendo-se perto do homem e lançando olhares cautelosos aos lordes e guardas ali reunidos.

— Chegou a tempo de juntar-se a mim em uma alegre ocasião — continuou Malcius, andando em direção ao jovem. — Irmão Frentis. — Ele sacudiu a cabeça, parecendo maravilhado. — Como você alegria meu coração!

Lyrna dirigiu-se a seu assento usual à esquerda do trono, parando para beijar o rosto da rainha e trocar cumprimentos em voz baixa com sua sobrinha e seu sobrinho.

— Você me trouxe um presente, titia? — perguntou a pequena Dirna.

— Trouxe. — Ela apertou o nariz da sobrinha, provocando um risinho. — Um pônei lonak para você e um novo colega para seu irmão. Vamos todos cavalgar amanhã.

— Eu vim... — disse o Irmão Frentis em uma voz hesitante quando Lyrna se sentou. — Eu vim, Alteza, para implorar... perdão.

— Perdão? — retorquiu o Rei com uma gargalhada. — Por o quê?

— Untesh, Alteza. Não pude defender a muralha... Os meus homens... O meu fracasso causou a queda da cidade.

— A cidade cairia de qualquer forma, irmão. Não busque perdão por um fracasso imaginário.

Lyrna notou a presença de Lorde Al Telnar, outrora Ministro das Obras Reais, no lado oposto da sala. A expressão do homem, normalmente presunçosa ou subserviente, estava estranhamente tensa quando fez uma mesura. Lyrna ouvira de uma criada que fora ele quem reconhecera Frentis nas docas naquele dia, uma oportunidade perfeita para cair novamente nas graças reais. *Então onde está seu triunfo?*, pensou. *Ou seu olhar malicioso?* O homem havia sido outro pretendente indesejado ao longo dos anos, que ela dispensou com quase tanta veemência quanto dispensara Darnel, mas, assim como o Senhor Feudal, isso não diminuíra seu ardor.

— Durante todos os longos anos de escravidão e tormento, minha única ambição era estar diante de Vossa Alteza e implorar por perdão — disse o Irmão Frentis.

— Então, lamento desapontá-lo — retorquiu Malcius, avançando com os braços abertos e envolvendo Frentis em um abraço caloroso. — Pois não há necessidade de perdão. — Malcius recuou um pouco, com as mãos ainda nos ombros do irmão. — Agora, conte-me como veio parar aqui, e em tão adorável companhia.

Frentis sorriu um pouco, com a cabeça baixa, assentiu e agarrou a cabeça do Rei com ambas as mãos, jogando-a para cima e para o lado e quebrando-lhe o pescoço com um estalo alto.

A faca estava na mão de Lyrna quando ela se levantou, mesmo não se lembrando de tê-la sacado do corpete. O silêncio horrorizado transformou-se em confusão e fúria quando a rainha gritou. Um guarda atacou a mulher, mas ela se esquivou da alabarda e socou-o na garganta. A faca de Lyrna voou de sua mão e

cravou no flanco de Frentis. Ele convulsionou no mesmo instante, arqueando as costas e soltando um grito tão terrível quanto o de Kiral. Ele tombou no piso de mármore, debatendo-se ao ser dominado pela agonia.

A mulher deu as costas para o guarda morto aos seus pés, olhando boquiaberta e em choque para o corpo de Frentis. Quando as convulsões cessaram de forma abrupta, suas pernas e seus braços estavam subitamente moles. Uma única palavra volariana escapou de seus lábios em um sussurro:

— *Amado?*

— *Matem-na!* — gritou a rainha. — *Matem os dois!*

Guardas investiram de todos os lados da sala com alabardas apontadas. A mulher não lhes deu atenção, fixando o olhar em Lyrna enquanto seu rosto perdia a beleza para a malícia e a vingança. Ela estendeu os braços quando os guardas se aproximaram e chamas brotaram de suas mãos.

Lyrna cambaleou para trás, aturdida, afastando-se do calor enquanto a mulher girava e suas chamas envolviam guardas e lordes em toda a sala. Lyrna viu a pequena Dirna banhada em fogo, seguida por sua mãe, e então o pequeno Janus, cujos corpos foram carbonizados e enegrecidos em segundos. Ela teria gritado se não fosse pelo fedor sufocante de fumaça e carne queimada, fazendo-a se arrastar e engasgar no chão.

— *Você o tirou de mim!* — gritou a mulher para Lyrna, avançando na direção dela com pernas vacilantes e sangue escorrendo-lhe dos olhos em grossas lágrimas vermelhas. — *Você me tirou meu amado! Sua puta imunda!*

Uma figura cambaleante surgiu no meio da fumaça quando a mulher ergueu as mãos na direção de Lyrna, estendendo os braços para detê-la. *Al Telnar!*, percebeu Lyrna, perplexa.

O lorde gritou ao se engalfinhar com a mulher, mas suas palavras perderam-se em meio às chamas crepitantes. A mulher arreganhou os dentes com ferocidade e empurrou o rosto do homem. Al Telnar cambaleou para trás, caiu de joelhos, com o nariz afundado dentro do crânio, e desabou no chão.

Lyrna arrastou-se para trás quando a mulher chegou mais perto, com o braço erguido e chamas brotando... e queimou.

CAPÍTULO ONZE

Frentis

A agonia irrompeu quando a faca entrou em sua carne, espalhando-se instantaneamente e dominando todo o seu corpo. Ouvia gritos que sabia ser seus quando suas pernas cederam. Era como ser apertado por um punho feito de um milhão de pontas de aço serrilhadas, uma dor tão intensa que ele sentia a razão se afastar, as lembranças desaparecerem em meio ao tormento. Vaelin, a Ordem, a mulher, os olhos do Rei antes de matá-lo, o brilho dos olhos, um homem que se via livre da culpa. Ao longe, ouvia mais gritos e um calor intenso preenchendo o ar, mas tudo era tão embaçado além da muralha de dor que o cercava. Ele teve força para mais um pensamento: *Pelo menos não viverei para sentir a culpa.*

Então, houve uma mudança, e a agonia causada pela faca vacilou ao encontrar algo, um eco de uma dor anterior, uma semente mirrada e impedida de crescer e que agora recebia vida nova. *A semente germinará...* A dor das pontas de aço desapareceu, substituída por algo pior, um fogo que percorreu seu corpo, cobrindo sua pele, encontrando as cicatrizes. O calor cresceu, e o padrão de cicatrizes que cobria seu torso ardeu com uma força maior do que qualquer uma que já sentira... Então, desapareceu. Toda a dor desapareceu em um instante. Junto com o domínio.

O ar deixou rapidamente seus pulmões enquanto ele rolava pelo chão; a sensação de liberdade era esmagadora. Levou as mãos ao peito, procurando as cicatrizes e encontrando apenas sua pele lisa. Elas haviam sumido; haviam sido curadas e desapareceram. *Nenhuma cicatriz, nenhum domínio. Posso me mover. POSSO ME MOVER!*

Frentis tentou se levantar e gemeu quando uma nova dor tomou conta de seu corpo onde a faca da princesa ainda estava enfiada. *Uma faca da Ordem*, pensou, atônito, arrancando-a. O corte era grave, e o sangue jorrava em profusão, mas não era fatal. Ele se levantou e viu-se no meio de um inferno. Corpos enegrecidos jaziam por todos os lados e chamas e fumaça cobriam as paredes. O corpo do Rei estava caído aos seus pés; os olhos mortos olhavam para ele.

Um grito à esquerda atraiu seu olhar, e ele viu a mulher conjurando chamas em suas mãos em direção à forma caída da Princesa Lyrna. Por um instante, as chamas tocaram-lhe o cabelo e o rosto, causando um grito de terror e agonia.

— Não — disse a mulher, apagando suas chamas e tropeçando na direção de Lyrna. O sangue pingava do seu rosto. — Rápido demais. Deixarei que você seja estuprada todos os dias durante um ano. Farei você ser cortada, um pedaço de cada vez. Farei vo...

A lâmina da alabarda atingiu as costas da volariana e saiu pelo seu peito. Ela arqueou as costas e o sangue jorrou de sua boca. Ficou pendurada ali por um momento, a cabeça balançando para o lado, buscando o rosto de Frentis com os olhos.

— Amado — disse ela, mostrando os dentes vermelhos em um sorriso de completa devoção. Frentis arrancou a lâmina e viu a luz deixar os olhos da mulher.

A princesa ainda gritava quando encontrou forças para se levantar, passando as mãos pelo rosto e pelo cabelo para apagar as chamas.

— Princesa... — Frentis foi até ela, mas a princesa recuou, ainda gritando, correndo em meio à fumaça. Ele correu atrás dela, afastando-se das paredes incendiadas, tropeçando sobre cadáveres e vendo o vestido azul perder-se em meio ao turbilhão cinzento. A fumaça dissipou-se quando ele encontrou o corredor. Gritos ecoavam ao longe enquanto a princesa continuava em sua fuga irracional. Frentis continuou, parando ao avistar o corpo de um guarda no corredor. Ele não havia sido queimado, mas assassinado com um único corte na garganta. *Kuritai. Eles estão aqui. Começou.*

Ele pegou a espada do guarda e continuou a correr, seguindo os gritos da princesa e encontrando mais corpos caídos por todos os cantos, onde poças ensanguentadas manchavam o mármore claro do palácio. Os gritos perderam-se em meio à cacofonia crescente de terror e luta à medida que os Kuritai abandonavam seus disfarces e começavam seu trabalho. Ele encontrou uma criada parada em meio a quatro corpos em um pátio, olhando ao redor em choque e, por alguma razão, ainda segurando uma cesta de roupas. Antes que pudesse aproximar-se, um Kuritai surgiu entre os arcos sombreados atrás e abateu a mulher com uma única estocada pelas costas.

Frentis ergueu uma das mãos quando o homem avançou contra ele, com a espada curta em prontidão, e falou em volariano.

— Já cuidamos do Rei. Tenho ordens para capturar a irmã dele.

O Kuritai hesitou e abaixou apenas um pouco a espada, mas foi o suficiente. A ponta da espada de Frentis passou pela lâmina adversária e atingiu um olho do homem, atravessando-lhe o cérebro. Frentis arrancou a lâmina e seguiu em frente.

Mais corpos e mais Kuritai matando criados e soldados com sua típica eficiência, numerosos demais para serem enfrentados. Qualquer um que tentasse bloquear o caminho de Frentis seria morto, mas, do contrário, ele apenas correria. Havia uma alegria na sensação familiar da espada asraelina em sua mão ao aparar e cortar, sentindo os anos de treinamento na Ordem retornarem em um instante. *Não sou mais um escravo*, lembrou-se, esquivando-se de uma estocada e decepando o braço de seu atacante. *Sou um irmão da Sexta Ordem*. A liberdade era arrebatadora, aumentando a velocidade de sua fuga pelo palácio. Devia sentir culpa, pois acabara de matar o Rei do Reino Unificado e deixara

uma trilha de morte do tamanho do Império Alpirano, mas a ausência do domínio era maravilhosa demais para permitir que fosse dominado pelo desespero. Isso, ele sabia, viria mais tarde.

Eles deveriam ter me matado nos fossos, pensou enquanto corria. Transformarei essa invasão na ruína deles. Tirarei sangue do seu exército até que não sobre uma gota sequer em seu império.

Ele parou ao avistar um oficial da guarda lutando contra dois Kuritai em um corredor ladeado por quadros enormes. Era um Lorde Comandante a julgar pelo seu uniforme e um espadachim habilidoso, conseguindo deter dois oponentes tão treinados, embora o estivessem encurralando lentamente e as armas do homem se tornassem mais desesperadas conforme se aproximavam para o golpe fatal.

Frentis puxou a faca da princesa de sua bota, ainda vermelha e suja de sangue, e a arremessou contra o Kuritai mais próximo, cravando-a na base de seu crânio. Seu companheiro afastou-se do Lorde Comandante e seus olhos encontraram Frentis; o homem assumiu uma postura defensiva ao reconhecê-lo. O Lorde Comandante viu sua oportunidade e mirou uma estocada contra o peito do Kuritai.

— Não! — gritou Frentis, mas era tarde demais. O Lorde Comandante havia mordido a isca. O Kuritai abaixou-se sob a lâmina, rolou e golpeou com a espada curta para cima, afundando-a no peito do guarda.

Frentis atacou o Kuritai quando ele se levantou com um pulo, girando para aparar o primeiro golpe, respondendo com outro e bloqueando com uma velocidade instintiva. Frentis prestou atenção nas feições do homem e o reconheceu. *O primaz que abriu a porta do armazém*, percebeu. *Um capitão Kuritai*. Não havia nenhuma expressão no rosto do homem, que não revelava surpresa por se ver enfrentando um homem que estivera ao lado da senhora na noite anterior. Era assim que aqueles autômatos se comportavam. Criados e treinados para a guerra, condicionados com drogas e sabe a Fé quais outros artificios das Trevas. Eram transformados em matadores perfeitos, imunes ao medo ou a insultos que pudessem distrai-los. Ainda assim, Frentis havia matado muitos, e agora mataria mais um.

Era uma série que aprendera em seus dias sob a tutela de Mestre Sollis, ensinada com precisão implacável, para ser usada contra um inimigo habilidoso. Uma série de golpes e estocadas desferidos com rapidez estonteante, todas direcionadas para o rosto, forçando o oponente a erguer a lâmina e deixando o diafragma exposto não para uma espada, mas para um chute. A bota de Frentis atingiu em cheio o esterno do homem, quebrando o osso com um estalo audível. O Kuritai bateu na parede, com sangue saindo-lhe da boca, mas encontrou forças para uma última estocada. Frentis desviou e cortou a garganta do homem com um golpe circundante para trás.

— O R-Rei... — balbuciou o Lorde Comandante, erguendo os olhos para Frentis, com o rosto branco pela perda de sangue.

Frentis parou ao seu lado, olhou para o ferimento e entendeu que não havia o que pudesse ser feito.

— O Rei está morto — disse ele. — Mas a Princesa Lyrna está viva. Preciso encontrá-la.

— Irmão... F-Frentis, não é? — perguntou o guarda com a voz rouca. — Eu vi... Com os Lobos Corredores... Anos atrás...

— Sim. Irmão Frentis. — *Sou um irmão da Sexta Ordem.* — E o senhor?

— S-Smolen... — Ele tossiu, sujando o queixo com sangue.

— Meu senhor, seu ferimento... Eu não posso...

— Não se preocupe comigo, irmão. P-procure por ela na ala leste... Os aposentos dela ficam lá... — Ele sorriu quando seus olhos começaram a ficar embaçados. — Diga-lhe... que foi uma grande coisa viajar até agora... com a mulher que eu amava...

— Meu senhor?

O sorriso desapareceu dos lábios do Lorde Comandante e suas feições relaxaram em uma máscara sem vida. Frentis agarrou seu braço e afastou-se, virando uma esquina e correndo para o que esperava ser uma rota para a ala leste. O palácio estava vazio ali, sem corpos no chão, apesar de os sons da matança ainda ecoarem pelos salões. Ele passou por uma janela grande e viu chamas erguendo-se pela cidade. Parou e avistou a frota volariana apinhando o porto, mais de mil navios, e expelindo uma grande massa de soldados nos cais, um fluxo constante de barcos transportando mais homens vindos dos navios que se encontravam do lado de fora da muralha do porto. Não conseguiu ver nenhum Guarda do Reino, apenas Varitai e Espadas Livres formando fileiras e movendo-se rapidamente, espalhando-se pela cidade de acordo com um plano ensaiado. *Isso foi planejado há muito tempo, meu amado...*

Varinshold cairá esta noite, compreendeu, desviando o olhar e continuando a correr. Encontraria a princesa e a tiraria da cidade. Então, seguiria para a Casa da Ordem com o aviso do ataque iminente.

A ala leste ficava separada do palácio principal por um pátio estreito, onde jaziam vários corpos entre as roseiras e flores de cerejeira. Frentis ouviu a voz de uma mulher entre o tumulto do combate vindo da entrada adiante, ela gritava em uma língua desconhecida.

Ele correu e encontrou quatro Kuritai lutando com uma mulher alta e tatuada que brandia uma lança e deixava um rastro de sangue ao girá-la. Um homem já estava caído, e ela atravessou a perna de outro com a lança quando o homem avançou para desferir uma estocada insensata, rodopiando para longe antes que os outros pudessem se aproximar. *Lonak*, percebeu Frentis, notando as tatuagens e os insultos indecifráveis que berrava aos atacantes. Agachado atrás dela estava um jovem magro agarrado a uma espada longa, assistindo ao combate com olhos arregalados e indecisos. Frentis ficou impressionado por ele não ter fugido.

Ele matou o Kuritai ferido com um corte no pescoço, abateu outro com uma estocada nas costas, aparou um golpe do terceiro e recuou quando a *lonak* cravou a lança em suas entranhas. A mulher acabou com ele dando-lhe uma pisada forte no pescoço, quebrando ossos, e girou para encarar Frentis com a lança apontada.

— Quem é você? — perguntou ela na língua do Reino.

— Sou um irmão da Sexta Ordem — respondeu ele. — Estou à procura da Princesa Lyrna.

— Você não usa o manto — disse ela, apertando os olhos e desconfiada.

— Irmão Frentis? — O jovem magro adiantou-se, olhando para ele. — Você é o Irmão Frentis?

— Sou — respondeu ele. — A princesa está aqui?

A lonak abaixou a lança, embora a desconfiança ainda permanecesse.

— Esse lugar é pura aparência — disse ela ao garoto. — Não confie tão facilmente.

— Esse é o Irmão Frentis — retorquiu o garoto. — E você viu o que ele fez. Se não pudermos confiar nele, não podemos confiar em ninguém.

— A princesa — repetiu Frentis.

— Ela não está aqui — disse o garoto. — Não a vimos desde que saiu para encontrar-se com o Rei. Sou Arendil. Essa é Davoka.

— Você está bem longe das montanhas — disse Frentis para a lonak

— Sou embaixadora — disse ela. — O que aconteceu aqui?

— O Rei foi assassinado, assim como a rainha e seus filhos. A Princesa Lyrna fugiu, mas está gravemente ferida. Precisamos encontrá-la.

Os olhos da lonak faiscaram de fúria e preocupação.

— Ferida! Como?

— Ela foi queimada. A assassina... possuía uma habilidade das Trevas para usar fogo.

Davoka ergueu a lança.

— Onde está essa *assassina*?

— Eu a matei. Não temos tempo para discutir. Um exército volariano está desembarcando enquanto conversamos, e essa cidade estará nas mãos dos invasores em poucas horas. — Ele olhou para os salões vazios do palácio. *Ela não estará aqui.* — Precisamos partir — disse ele. — Ir para a Casa da Ordem.

— Não sem minha rainha — disse Davoka.

— Se ficar aqui, você morrerá e ela continuará desaparecida. — Ele gesticulou para a espada longa nas mãos do garoto. — Sabe usar?

O garoto apertou mais o punho e assentiu.

— Então use da próxima vez, e não fique apenas parado. — Ele saiu para o pátio, seguido por Arendil.

— Davoka! — Ele parou para sussurrar para a lonak — Por favor!

Frentis correu para a muralha oeste. Àquela altura, os portões já estariam em mãos volarianas, então precisariam encontrar outro caminho. Ao chegar à muralha, ele olhou para trás e viu o vulto alto de Davoka. Andando para a direita por mais uns dez metros, encontrou um escoadouro raso que levava uma água fétida para os esgotos da cidade através de uma valeta na base da muralha.

— Não vamos caber — disse Arendil, franzindo o nariz diante do cheiro.

A valeta mal chegava a trinta centímetros de altura, embora felizmente não possuísse barras.

— Tire a roupa — disse Frentis ao garoto, tirando a camisa. — Espalhe merda pelo corpo. Vai facilitar sua passagem.

Frentis recolheu sujeira da água do escoadouro e cobriu o peito e os braços com ela. Então, jogou a espada à sua frente, deitou-se e arrastou-se através da valeta, esforçando-se para passar e chegar ao esgoto, sentindo a pele ser

arranhada e esfolada pelas pedras e o ferimento da faca arder pela imundice que ele tinha certeza de que o infectaria. Com um último grunhido, conseguiu se soltar da valeta, agachou-se no esgoto e estendeu a mão para o garoto. Arendil empurrou a espada longa pelo buraco e seguiu-a, tossindo e quase vomitando devido ao fedor. Davoka foi atrás dele; a lança passou por eles com estrépito antes que a cabeça dela aparecesse, com os dentes arreganhados enquanto tentava se soltar. Frentis e Arendil agarraram os braços da lonak e puxaram-na para fora. O garoto olhou boquiaberto para os seios nus cobertos de merda. Ela lhe deu uma bofetada no lado da cabeça e pegou a lança.

— Como vamos saber para onde ir? — perguntou Arendil, esfregando a cabeça dolorida.

Frentis descobriu que tinha dentro de si uma risada.

— Como alguém sabe para onde ir em sua própria casa?

Primeiro, Frentis tentou o desaguadouro do rio ao norte, visto que era o mais próximo e oferecia a possibilidade de escaparem pela estrada norte, a rota mais rápida para a Casa da Ordem. Fez Davoka e Arendil esperarem enquanto se arrastava pelo cano até o rio, lançando um olhar para o portão norte, que estava parcialmente obscurecido na margem oposta. Varitai já controlavam a casa da guarda, com mais homens nas muralhas, incluindo vários arqueiros. Havia pensado em se arrastarem ao longo da margem e pelo canal debaixo da cidade, mas seriam vistos quase que imediatamente, e nadar rio acima contra a correnteza era impossível.

— É inútil — disse ele ao voltar. — As muralhas foram tomadas.

— Não há outro caminho? — perguntou Davoka.

— Apenas um. — Ele não gostava da ideia; a rota era tortuosa e acrescentaria quilômetros à ida até a Casa da Ordem, mas todas as outras vias já estariam bem vigiadas àquela altura. Por mais que detestasse os volarianos, sua eficiência merecia um respeito considerável.

— Você estava lá — disse Davoka enquanto Frentis os conduzia para leste através do labirinto de túneis do esgoto, chapinhando nas águas imundas que ainda faziam Arendil ter ânsias de vômito a cada dois passos. — Viu a assassina?

Os olhos do Rei... O som de seu pescoço ao se quebrar, como um pedaço seco de lenha...

— Eu estava lá.

— Não houve aviso? Nenhuma chance de detê-la?

— Se tivesse havido, eu teria notado.

Uma pausa enquanto ela procurava as palavras certas.

— O *gorin*... O caráter da assassina? O nome dela?

— Uma mulher volariana. Não sei seu nome. — Ele ergueu uma das mãos quando um som ecoou pelos túneis, um grito breve e interrompido rapidamente. Frentis agachou-se, esperando e tentando escutar. Sussurros roucos chegaram até seus ouvidos, mas as palavras eram indistintas.

Frentis esgueirou-se em frente, deslizando os pés na água e parando em

uma esquina quando as vozes ficaram mais nítidas. Eram dois homens.

— Não vou ficar aqui embaixo a noite inteira! — Era um sussurro gutural, com as palavras agudas ditas em desespero.

— Então vá dar uma caminhada lá fora — A resposta foi mais calma, mas ainda com uma ponta de medo. — Faça novos amigos.

Uma pausa e, então, um resmungo emburrado:

— Deve ter algum lugar melhor do que esse cano de merda.

— Não tem — disse Frentis, virando a esquina.

Os dois homens agachados no túnel em frente olharam boquiabertos para ele e se levantaram depressa. O menor, de cabeça raspada e um brinco de ouro, segurava uma adaga longa. Seu companheiro, um homem grande com cabelos negros e desgrenhados, brandiu um porrete quando Frentis se aproximou.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Sou um irmão da Sexta Ordem.

— Conversa! Onde tá seu manto? — Ele avançou, erguendo o porrete com um rosnado, e parou subitamente quando a ponta da espada de Frentis apareceu sob seu queixo.

— É prova suficiente? — perguntou Frentis.

O homem menor parecia prestes a intervir, mas notou Davoka avançando ao longo do túnel com a lança apontada.

— Não quis ofender, irmão — disse ele, enfiando a adaga no cinto e erguendo as mãos. — Meu nome é Ulven, e esse belo camarada aqui é conhecido como Urso, por causa do cabelo, entende? Somos só dois sujeitos honestos procurando refúgio.

— É mesmo? — Frentis inclinou a cabeça, examinando o rosto assustado do homem grande. — Quando esse aqui trabalhava para Caolho, ele era chamado de Draker, e você de Rateiro, dada sua natureza digna de confiança.

O homem menor recuou, apertando os olhos.

— Eu conheço você, irmão?

— Você costumava me chamar de “merdinha” quando me chutava. Na noite em que dei a Caolho o motivo para seu apelido, você estava bem atrás dele, pelo o que me lembro.

— Frentis — disse o homem em um sussurro, em parte de estupefação, mas também de medo.

— Irmão Frentis — corrigiu ele.

Rateiro engoliu em seco, olhando para trás e preparando-se para fugir.

— Isso... Isso foi há muitos anos, irmão.

Frentis sonhara muitas vezes com uma chance de vingança, uma retribuição por todos os espancamentos, todos os seus saques roubados. Matá-los seria tão fácil; afinal, ele tinha tanta prática.

— Caolho nos culpou, entende? — continuou Rateiro, recuando. — Ele nos culpou por não termos visto você naquela noite. Tivemos de ficar fora da cidade por anos. Vivemos como mendigos, na verdade.

— Que terrível... — Frentis encarou Draker e viu apenas medo, como vira no bandido no deserto ou no imediato do contrabandista...

— Iremos para o cano do porto — disse ele, retirando a ponta da espada do

queixo do homem e seguindo em frente, com Rateiro encolhendo-se para longe dele. — Podem vir, mas se eu ouvir um pio de merda de qualquer um, acabo com os dois. Entendido?

Foi necessário mais uma hora chapinhando pelos esgotos para chegar ao cano que brotava da parede do porto. Conforme avançavam, os sons da queda de Varinshold ecoavam pelos escoadouros, gritos de tormento e terror, incêndios crepitantes e estrondos de muralhas vindo abaixo. Ouviam aqui e ali o som inconfundível de combate e o entrecchoque de aço e fúria seguidos pelos gritos dos derrotados.

— Pela Fé! — sussurrou Rateiro, erguendo a cabeça e vendo o sangue que pingava por um escoadouro no teto do túnel. — Nunca pensei que sentiria pena da Guarda da Cidade.

Frentis olhou para fora pelo cano no porto, avistando navios volarianos aglomerados ao redor dos cais e outros em alto-mar ainda expelindo tropas nos barcos. A distância até o navio mais próximo era de pouco mais de oitenta metros, deixando-os ao alcance de uma flecha, e havia uma boa chance de serem vistos, mas ele esperava que a maioria dos arqueiros estivesse ocupada em outro lugar. De qualquer modo, não havia outra opção.

— Importa-se que eu vá primeiro, irmão? — perguntou Rateiro. — Para abrir caminho?

— Foda-se — retorquiu Draker. — Por que você deveria ser o primeiro?

— Porque quem for por último terá mais chance de levar uma flecha nas costas — disse Frentis. Ele fez sinal para Arendil aproximar-se. — Há uma queda de três metros até as rochas abaixo desse cano — disse ele ao garoto. — A maré está virando, então não teremos de nadar. Mantenha-se nas rochas e vá para o norte, dando a volta no promontório. Quando perder os navios de vista, espere por nós. — Ele acenou com a cabeça para Davoka. — Você é a próxima. Depois vocês — acrescentou quando Rateiro tentou interrompê-lo.

Arendil respirou fundo e entrou no cano, arrastando-se e sumindo de vista. Davoka parou antes de segui-lo.

— E se você morrer?

— A Casa da Ordem fica vinte quilômetros a oeste. Sigam pela estrada norte.

Ela assentiu e seguiu Arendil pelo cano. Frentis virou-se e viu Rateiro e Draker jogando cara ou coroa. Rateiro perdeu, para a alegria de Draker.

— Aproveite a flecha, seu desgraçado — disse ele, espremendo-se no cano com dificuldade.

— O gordo idiota vai bloquear a porcaria do cano — resmungou Rateiro enquanto Draker parecia levar uma eternidade para se arrastar pelo espaço estreito. Por fim, após muito se espremer, sua grande sombra desapareceu, seguida por um grito quando ele aterrissou nas pedras abaixo.

Rateiro não precisou de incentivo para segui-lo, subindo no cano e desaparecendo em poucos segundos. Frentis arrastou-se atrás dele, sentindo a

súbita corrente de ar fresco ao colocar a cabeça para fora do cano. Ele se pendurou para fora e saltou para as rochas, escorregando nas pedras molhadas, mas conseguindo permanecer em pé. Avistou Draker a caminho do promontório, já alcançado por Rateiro. Frentis olhou para trás, na direção dos navios do porto, notando atividade em abundância, mas nenhum sinal de que haviam sido vistos.

Ele seguiu em frente, pulando de pedra em pedra. Ele ia com frequência ali quando era criança, aproveitando a maré baixa; às vezes encontrava algo que valia a pena em meio aos escombros, levado até ali pelas ondas, mas gostava mais de pular de uma pedra para outra. Era um bom treinamento para os telhados por onde esperava fugir quando fosse velho o bastante para roubar algo de verdade.

— Não me deixe, irmão — disse Draker, sem fôlego, quando Frentis o alcançou.

— Então se apresse. — Frentis parou ao ouvir um tinido seco às suas costas, virou-se e saltou, agarrando Draker pelas pernas e derrubando-o nas rochas. Algo ressoou alto ao se chocar contra a pedra e rodopiar para longe na penumbra.

— O que foi isso? — perguntou Draker, ofegante.

— Dardo de balista — respondeu Frentis. — Parece que fomos vistos.

— Ah, pela Fé! — Draker estava quase chorando. — E agora?

— Você era muito mais impressionante quando eu era um garoto. — Frentis ergueu a cabeça e avistou uma lamparina reluzindo na proa do navio mais próximo e formas vagas movendo-se ao redor da silhueta da balista, manuseando a catraca com uma facilidade despreocupada. *Entediados e praticando em alguns fugitivos*, concluiu Frentis. *Espadas Livres, não escravos*. — Estamos com sorte — disse a Draker, levantando-se e erguendo os braços.

O homem grande olhou boquiaberto para ele.

— O que você está fazendo?

— Continue em frente — ordenou Frentis, balançando os braços.

— O quê?

— Corra! — A balista retiniu quando um membro da tripulação disparou. Frentis permaneceu imóvel, contou duas batidas de coração e então se abaixou. O dardo passou zunindo sobre sua cabeça e perdeu-se entre as rochas. Ele ouviu Draker balbuciar uma torrente de pragas enquanto fugia.

Ouviu-se o som de vozes consternadas erguendo-se no navio, com algumas risadas diante da distração bem-vinda. Frentis virou-se e caminhou lentamente na direção do promontório, sem olhar para trás. A balista era temível, mas não era um arco, e aqueles homens jamais seriam tão habilidosos quanto um grupo de escravos treinados.

Foi obrigado a abaixar-se para desviar de mais três dardos antes de alcançar o promontório. A essa altura, Draker já havia desaparecido. Ele parou para acenar para o navio antes de circundar o último rochedo, causando um coro de desapontamento. A maioria da tripulação parecia ter se reunido na proa para assistir ao espetáculo. Frentis colocou as mãos em volta da boca e gritou em volariano o mais alto que seus pulmões permitiam:

— CONTINUEM RINDO! TODOS VOCÊS MORRERÃO AQUI!

PARTE III

Pode-se perdoar os estudantes que acreditam que a figura do Santo Leitor é antiga e originária da forma cumbraelina de adoração de deus, um cargo sagrado que personifica em um receptáculo humano a vontade e a autoridade do Pai do Mundo sob as ordens do profeta. Entretanto, não é possível encontrar menção a tal figura em nenhuma parte dos Dez Livros e é difícil discernir o atual modelo organizacional da igreja entre seus conteúdos variados e frequentemente contraditórios.

A mais antiga investidura de um Santo Leitor data apenas de cerca de três séculos, e mesmo naquela época esse papel parece ter sido concebido como pouco mais do que um título honorário concedido a clérigos particularmente devotos. A ascensão de um homem com liderança absoluta e inquestionável sobre a igreja não se tornou uma instituição até duzentos anos depois de sua chegada à terra agora conhecida como Cumbrael, e não sem considerável oposição.

— Aspecto Dendrish Al Hendrahl,
Falácia e Crença: A Natureza da Adoração de Deus,
Arquivos da Terceira Ordem

RIO FERROFRIO

CIDADE DE ALLTOR



Cais

Quartel da
Guarda
da Cidade

Mansão do
Senhor Feudatário

Praça
Principal

Catedral

Praça do Mercado

Passadico

RELATO DE VERNIERS

A esposa do general me soltou quando a aurora despontava sobre a cidade fumegante. Os sons de batalha haviam diminuído um pouco mais cedo, mas nenhum mensageiro aparecera com notícias de vitória, e o fluxo constante de feridos volarianos que saíam aos tropeços da brecha indicava que a batalha estava longe de ser vencida. Todos os feridos eram Espadas Livres. Naturalmente, os soldados-escravos eram deixados para morrer onde caíam.

O general permanecera no camarote com sua escrava de prazeres enquanto eu relatava à sua esposa o que sabia sobre Al Sorna, sem omitir nada, enquanto Alltor continuava a fumar diante de nós por horas e horas. A curiosidade dela era aguçada, e ela fazia muitas perguntas, embora me parecesse que formara um retrato fantástico das habilidades do Matador do Esperança.

— Então você nunca testemunhou esses grandes poderes de que fala seu povo? — perguntou ela quando relatei algumas das inúmeras histórias sobre Al Sorna que corriam o império.

— Ele é apenas um homem, senhora — respondi. — Extremamente habilidoso e astuto, é verdade, mas com o tipo de perspicácia que muitos podem confundir com magia. No entanto, não vi qualquer evidência de que pudesse ler mentes ou conversar com feras ou mesmo com as almas dos mortos.

— Acha que ele exibirá essa astúcia quando aparecer para enfrentar meu amado esposo? Ou que terá algum plano engenhoso para salvar essa cidade da destruição?

Um tom sardônico na voz dela confirmava minha sensação de que havia um fatalismo profundo naquela mulher; uma impressão de que não testemunhava nenhuma novidade ali, de que aquilo era um resultado predeterminado, inevitável e pouco apreciado.

— Suponho que sim, senhora — respondi.

— Um grande estrategista. — Ela riu um pouco. — Já conheci grandes estrategistas. Um deles estava tão convencido de sua própria genialidade que enviou cinquenta mil homens para morrerem queimados em um pântano repleto de óleo. Diga-me, se Al Sorna tivesse comandado a Guarda do Reino contra meu esposo, o resultado teria sido o mesmo?

A pergunta era perigosa, como ela sabia, e qualquer resposta seria potencialmente fatal.

— Não se pode saber, senhora.

— Ah, acho que se pode, especialmente um homem tão versado em história e em todas as batalhas como você.

O tom dela era insistente. Eu tinha de responder, mesmo sabendo que qualquer lisonja ao seu marido não seria apreciada.

— O Senhor da Batalha estava confiante demais — eu disse. — E não viu razão para suspeitar de traição por parte de um aliado. Al Sorna não teria sido enganado tão facilmente.

— E quanto à desvantagem numérica? Você mesmo disse que isso foi um fator decisivo.

— No Oásis Lehlun, Al Sorna foi capaz de alterar o curso da elite imperial inteira com apenas algumas centenas de homens. Se houver um caminho para a vitória aqui, ele o encontrará. — Ela ergueu uma sobrancelha e percebi meu erro. Acrescentei um “senhora” imediatamente, com o coração palpitante e o suor gelando minha testa.

— Eu estava começando a me perguntar se em algum momento você se esqueceria de si mesmo — ela disse.

— Perdoe-me, senhora... — balbuciei, mas ela fez sinal para que eu me calasse, voltando o olhar para a cidade fumegante.

— Há uma esposa, meu senhor Verniers? — perguntou ela após um momento.

— Uma família esperando por você em Alpira?

Não era necessário pensar muito, pois eu dera a mesma resposta muitas vezes.

— Sempre estive ocupado demais com meu trabalho para me permitir tais distrações, senhora.

— Distrações? — Ela se voltou para mim com um sorriso. — O amor é uma distração?

— Eu... não saberia dizer, senhora.

— Você está mentindo. Já amou alguém e a perdeu. Quem era? Alguma garota estudiosa impressionada com o grande erudito? Ela compunha poemas? — Ela simulou uma expressão de tristeza.

Não fosse meu profundo pavor, o ódio que senti naquele momento me levaria a empurrá-la por sobre a amurada e rir enquanto ela se afogava. Escolhi o caminho mais seguro e menti.

— Ela morreu, senhora. Na guerra.

— Ah... — Ela se retraiu um pouco e me deu as costas. — Isso é muito triste. É melhor você descansar. Sem dívida, meu amado esposo terá mais carnificinas para registrar amanhã.

— Obrigado, senhora. — Curvei-me e caminhei até os degraus que levavam à minha cabine, tentando não correr. A crueldade de seu marido era assustadora, mas agora eu sabia que o maior perigo naquele navio era aquela mulher.

Dormi por duas horas talvez, encontrando meus sonhos de caos e sangue quando o épico noturno da derrota da Guarda do Reino retornou mais uma vez. O rosto do Senhor da Batalha quando viu seus homens se virarem para investirem contra o próprio flanco... O Irmão Caenis tentando reunir aqueles que fugiram...

Ao despertar, forcei-me a engolir o mingau que havia sido deixado diante de minha porta e passei algumas horas transformando minhas anotações do dia anterior em um relato apropriadamente enganoso do ataque volariano, certificando-me de salientar os preparativos cuidadosos do general para a possibilidade de um conflito prolongado dentro das muralhas da cidade.

Fui chamado ao convés pouco tempo depois, onde descobri que ele havia reunido um conselho de guerra. Seus oficiais mais graduados circundavam a mesa de mapa enquanto ele escutava um relato do comandante da divisão.

— Tivemos algum sucesso em queimá-los, Honorável General — disse o homem, com a fadiga e a fuligem do combate estampadas no rosto. — Mas eles se adaptaram rapidamente, criando trincheiras entre as ruas e impedindo que o fogo se espalhasse. Além disso, boa parte da cidade é feita de pedra, que não queima tão facilmente. E os homens... O fogo não distingue amigos e inimigos, e matou quase tantos nossos quanto deles. A moral está... baixa.

— Se seus soldados estão tão determinados a se borrarem, temos capatazes especializados em instilar obediência em homens relutantes na base do chicote — retorquiu o general. Seu olhar recaiu sobre o infeliz mais próximo, um comandante com feições enegrecidas pela fumaça e um corte recém-costurado na face. — E você? Açoitou algumas pessoas ontem?

— Quatro, Honorável General — respondeu o homem com uma voz rouca.

— Então, certifique-se de que sejam seis hoje. — Seus olhos percorreram a mesa em busca de mais presas. — Você! — Ele apontou um dedo para um dos engenheiros que cuidavam da manutenção das balistas e manganelas. — Tentaram meu pequeno truque com os prisioneiros?

— Tentamos, Honorável General — confirmou o homem. — Cinquenta cabeças lançadas sobre as muralhas, como o senhor instruiu.

— E?

O homem hesitou.

— O inimigo tem os seus próprios prisioneiros, Honorável General — respondeu o comandante da divisão. — Eles lançaram cinquenta cabeças de volta sobre as barricadas.

— Coisa da bruxa — murmurou o comandante de um batalhão Varitai.

Os olhos do general faiscaram em direção ao homem, para quem apontou um dedo como se fosse uma lança.

— Esse homem está rebaixado. Tirem-no da minha frente e certifiquem-se de que esteja no primeiro ataque hoje.

O general fixou o olhar no mapa enquanto o miserável era levado embora.

— Contra toda a razão e a história — murmurou ele. — Quando as muralhas caem, a cidade cai, e os vitoriosos colhem os frutos em saques e carne. Sempre foi assim. — Ele ergueu a cabeça e seus olhos me encontraram. — Não é verdade, meu escravo erudito?

Podia ser uma armadilha ou apenas um sinal de sua ignorância. De qualquer

forma, eu não tinha tempo para pensar em uma mentira cuidadosa.

— Perdoe-me, mestre, mas não é verdade. Há um paralelo histórico para essa atual... dificuldade.

— Paralelo — repetiu ele em voz baixa, empertigando-se para gargalhar, imitado com estrondo pelos oficiais, que pareceram aliviados. O general abriu os braços, com as sobranceiras erguidas. — Então eduque a nós, tolos volarianos ignorantes, ó grande Verniers. Quando e onde ocorreu esse paralelo?

— Na Era do Forjamento, mestre, quase oitocentos anos atrás. As guerras que forjaram o Império Volariano.

— Eu sei o que foi a Era do Forjamento, seu alpirano maldito. — Ele me encarou com fúria e tive certeza de que devia muito de minha sobrevivência à influência de sua esposa. — Prossiga — disse ele com uma voz áspera quando sua fúria diminuiu.

— A cidade de Kethia, que deu nome à atual província de Eskethia. Foi a última a cair diante do exército imperial, resistindo por boa parte de um ano antes que suas muralhas ruíssem, mas a batalha não foi encerrada. O rei da cidade, um renomado guerreiro e, segundo as lendas, um grande usuário de magia, inspirou seu povo com atos de resistência inimagináveis. Cada casa tornou-se uma fortaleza, cada rua era um campo de batalha. Dizem que os soldados imperiais foram tomados de desespero e terror; pois acreditavam que a cidade jamais cairia.

— Mas caiu — disse o general. — Eu mesmo andei por entre as ruínas da antiga Kethia.

— Sim, mestre. O curso da batalha foi alterado quando o Conselho nomeou um novo comandante, Vartek, conhecido como Ponta de Lança, pois sempre liderava seus homens em batalha e era sempre o primeiro a bater-se com as fileiras inimigas. Seu exemplo destemido acabou com os temores de seus homens. Foram necessárias semanas de luta, mas Kethia caiu. Todos os homens foram mortos e as mulheres e crianças tomadas como escravas.

Reinou o silêncio e o general me encarou com uma fúria gélida. Mantive-me o mais imóvel possível, com o rosto impassível. Os leitores precisam compreender que minhas palavras não foram corajosas. Minha intenção não fora insultá-lo com a implicação óbvia contida nessa resposta. Eu simplesmente havia obedecido a uma ordem de meu mestre e apresentado um fato histórico, pelo menos até onde fora relatado nas fontes.

— Honorável esposo. — Fornella havia aparecido no convés, trajando um vestido simples de musselina branca, com um xale de cetim vermelho sobre os ombros. Ela parou ao lado do esposo e colocou uma taça de vinho perto de sua mão. — Tome outra taça, meu amado. Talvez isso desvie sua atenção do palavrado ancestral de meu escravo.

O general ergueu lentamente a taça de vinho e bebeu, mantendo o olhar fixo em mim por tempo suficiente para que eu soubesse da iminência de uma punição severa.

— Quantos escravos capturamos nessa província? — perguntou ele, voltando-se para o comandante da divisão.

— Não tantos quanto nas outras, Honorável General. Talvez três mil.

— *Quero quinhentas cabeças amanhã, então* — disse o general ao engenheiro. — *Cegue-os antes. Cause alguma dor antes de decapitá-los, para que os que estão nas barricadas possam ouvi-los. Faça com que gritem por suas famílias. Nossos homens decapitados em resposta não serão uma perda. Apenas um covarde torna-se prisioneiro. Se ainda estiverem lutando no dia seguinte, prepare mais mil cabeças.* — Ele esvaziou a taça e jogou-a no chão, sorrindo para mim. — *Vê, escravo? Eu também sei dar um belo exemplo.*

CAPÍTULO UM

Reva

— Não vou vestir isso.

A Senhora Veliss sorriu, erguendo o vestido azul-claro enquanto Reva recuava.

— Mas destaca tanto seu cabelo — disse ela. — Pelo menos experimente.

— Onde estão minhas roupas? — perguntou Reva.

— Queimadas, espero. Aqueles farrapos não são apropriados para uma sobrinha do Senhor Feudal.

— Então me deixe como estou. — Ela usava um traje simples de algodão entregue pela criada que trouxera o café da manhã. Os guardas de seu tio a haviam levado até aquele quarto na noite anterior, quando a mansão entrara em alvoroço com uma ordem de Veliss para que cada quarto e armário fossem revistados em busca de mais intrusos. Reva não deu muita atenção à agitação, aturdida por uma onda de desespero e pesar que a deixara esgotada, conseguindo apenas avançar aos tropeços para onde estava sendo levada, sem ouvir qualquer pergunta. *Matem-na*, dissera o sacerdote. *Matem-na*...

Havia uma cama grande no quarto, onde ela desabou quase que imediatamente, encolhendo-se e abraçando os joelhos, odiando as lágrimas que escorriam pelo seu rosto. *Matem-na*... O sono em que mergulhara fora absoluto e sem sonhos. Quando despertou, estava nua sob as cobertas, e uma criada colocava uma bandeja na penteadeira enquanto um guarda permanecia junto à porta. Reva jamais imaginou que poderia ficar tão inconsciente a ponto de ser despida sem despertar.

Os olhos de Veliss percorreram seu corpo com uma admiração descarada.

— Eu adoraria, mas acho que seu tio apreciaria um pouco mais de decoro.

— Ela jogou o vestido na cama e continuou a fitar Reva, com um leve sorriso nos lábios.

— Você é indecorosa — murmurou Reva, pegando o vestido.

Veliss riu um pouco e virou-se para a porta.

— Um guarda a escoltará quando estiver pronta.

Seu tio estava no jardim, sentado a uma pequena mesa entre as plantas, na companhia de uma garrafa de vinho já quase vazia, apesar do pouco tempo passado desde o nono sino. A espada que ela roubara na noite anterior estava ao lado da garrafa. A Senhora Veliss encontrava-se ali perto, lendo um pergaminho.

— Minha brava sobrinha! — O sorriso do Senhor Feudal era largo e caloroso quando se levantou para cumprimentá-la. Reva se permitiu ser abraçada, fazendo uma leve careta ao sentir o bafo de vinho quando ele lhe beijou o rosto.

— Como você sabia meu nome? — perguntou ela quando o tio se afastou.

— Ah, seus avós lhe deram o nome dela. — Ele voltou para a mesa, indicando uma cadeira vazia. — Fico feliz.

— Avós? — perguntou ela, permanecendo em pé e passando os olhos pelo jardim. *Tantas guardas.*

— Sim. — Ele parecia intrigado. — Eles a criaram, não?

Naquele momento, Reva abandonou qualquer ideia de escapar dali, indo até a cadeira vazia e sentando-se.

— Meus avós estão mortos — respondeu ela. — Minha mãe está morta. Meu pai... — Ela ficou em silêncio por um momento. Seu tio não precisava que ela lhe contasse sobre seu pai. — Por que você não deixou que me matassem?

Ele riu e encheu a taça.

— Que tipo de tio eu seria?

— Você conheceu minha mãe?

— Conheci. Não tão bem quanto seu pai, obviamente, mas me lembro muito bem dela. — Seus olhos vermelhos percorreram o rosto de Reva. — Era tão linda. E tão jovial. Não é estranho que Hentes tenha ficado tão apaixonado por ela. Quando vi você, pensei que o espírito dela viera me salvar. Você é exatamente como ela, exceto pelos olhos. Seus olhos são como os de Hentes.

Apaixonado por ela? O sacerdote não deixara que Reva tivesse quaisquer ilusões sobre o relacionamento de seus pais. *Sua mãe era uma meretriz*, dissera ele. *Uma das muitas a tentar o Lâmina Fiel antes de o Pai agraciá-lo com Sua espada. Agora você tem a chance de redimir o pecado dela e dar significado à sua vida bastarda.*

— Se ela não fosse uma criada, eles poderiam ter se casado — continuou seu tio. — A fúria de seu avô foi impressionante quando soube que você estava a caminho. Ele teve outras garotas ao longo dos anos, é claro, e muitos outros bastardos, mas ninguém com quem ele quisesse ficar. Reva recebeu um bom dinheiro e foi mandada de volta à fazenda dos pais, e Hentes foi enviado para a fronteira nilsaelina, onde deveria lidar com um bando particularmente sórdido de foras da lei. Quando soube da morte de sua mãe durante o parto, perguntei-me se não teria sido a tristeza que o tornara tão imprudente. O velho Hentes jamais teria investido contra um arqueiro a menos de dez metros de distância.

— “Embora um pecador, o homem que viria a se tornar o Lâmina Fiel jamais fugiu ao dever” — citou ela. — “Ele foi ferido a serviço de seu povo, atingido pela flecha de um homem sem lei. Durante dias, padeceu em seu leito, desacordado para o mundo, até que a palavra do Pai o despertou para um novo propósito.”

— Então você conhece o Décimo Primeiro Livro?

— Cada palavra. — *Incutidas em mim a varadas até conhecê-las melhor do que ele.*

— Aquele homem ontem à noite... — disse o Senhor Feudal. — Você o conhecia, não?

Ela assentiu, vendo-se incapaz de falar sobre o sacerdote.

— Então você sabe o nome dele — disse Veliss, erguendo a cabeça do pergaminho. — O companheiro dele, o que você aleijou, parece relutante em nos contar.

— É provável que ele não saiba. Os Filhos raramente usam seus nomes verdadeiros, mesmo entre si.

— Os Filhos. — Seu tio suspirou e tomou outro gole. — É claro. Quem mais? Sempre os malditos Filhos.

— Com uma diferença — observou Veliss, encarando Reva com o mesmo interesse impudente que demonstrara no quarto. — Agora temos uma Filha em nossas mãos.

— Uma sobrinha — disse o Senhor Feudal em um tom seco. — *Minha sobrinha, conselheira.*

— Não me entenda mal, meu senhor. Afinal, como o senhor, também devo minha vida a essa jovem *interessante*. Desejo apenas agradá-la...

— O prisioneiro aleijado — interrompeu o Senhor Feudal. — Ele tinha mais alguma coisa a dizer?

— Está tudo aqui. — Ela jogou o pergaminho na mesa. — As bobagens fanáticas que eles sempre dizem. Tomar o feudo para o Pai do Mundo, pôr um fim ao Domínio Herético. Levou algum tempo até ele decidir cooperar.

Lord Mustor pegou o pergaminho e apertou os olhos enquanto lia.

— A criada? — perguntou ele. — Foi assim que entraram?

— Parece que era uma simpatizante. Certamente não esperava que sua recompensa fosse uma garganta cortada. Preciso ser mais rigorosa ao escolher futuros empregados. O quarto dela está sendo revistado, mas duvido que encontremos alguma coisa. — Ela se virou para Reva, com uma expressão mais séria. — O nome — disse ela.

— Eu nunca soube — retorquiu Reva. — Sacerdotes não compartilham os nomes que recebem do Pai.

Veliss trocou um olhar com Mustor, com uma leve expressão de triunfo em seu rosto.

— Isso não significa nada — disse ele em um tom de advertência.

— Talvez ainda não. — Veliss afastou-se da mesa com um movimento brusco dos punhos. — Embora me dê outro caminho a explorar com nosso prisioneiro. Se me der licença, meu senhor. — Ela se curvou para Reva. — Minha senhora. — Ao se afastar, Veliss parou ao lado de Reva, colocando uma das mãos em seu ombro. — Aliás, providenciei um presente para você. Pode-se dizer que é uma prova de minha estima. Logo estará aqui. — Ela piscou uma última vez e partiu, cheia de determinação, caminhando de volta à mansão.

— Ela está torturando o homem? — perguntou Reva.

— Nada tão vulgar — respondeu seu tio. — Pelo menos enquanto não é

necessário. A Senhora Veliss é perita no preparo de certas misturas herbáceas que podem ter um efeito de relaxamento na língua e na mente, o que facilita bastante o interrogatório. Os modos de minha conselheira podem não ser muito... sutis às vezes, mas ela é leal a esse feudo e a mim. Não tenha dúvida.

— Não gosto do modo como ela olha para mim.

Lorde Mustor riu enquanto enchia a taça com o resto do vinho.

— Considere um elogio. Ela é bastante exigente.

Reva percebeu que não queria continuar aquela conversa e estendeu a mão para tocar o punho da espada.

— Você guardou a espada — disse ela. — Fique com ela. Eu deveria lhe agradecer por isso.

Ele franziu o rosto, surpreso.

— A espada de seu bisavô estava pendurada na parede daquela sala havia muito tempo. Não sei por que não mediu esforços para roubá-la.

— Bisavô? — Ela gemeu, recolhendo a mão. — Eu pensei... *Ceguei tão longe para nada.*

— Pensou que ela pertencia a Hentes? — As sobrancelhas dele se ergueram, mostrando compreensão. — A espada do Lâmina Fiel. É uma grande relíquia sagrada, sem dúvida. Quem dera eu a tivesse.

— Não tem?

— Foi perdida no Forte Alto quando ele morreu e havia desaparecido quando me ocorreu recuperá-la. Eu poderia ter pedido a Al Sorna para que forçasse aqueles ratos de masmorra de seu regimento a entregá-la, mas minha reputação não era particularmente boa na época.

— Tudo em vão — disse Reva em voz baixa. — Viajei por tantos quilômetros, mentindo, ferindo e matando ao longo do caminho. Tudo em busca de algo que não pode ser encontrado.

— O sacerdote. Ele a colocou nesse caminho?

— Ele me enviou para morrer. Compreendo isso agora. Al Sorna tinha razão. Eu seria a nova mártir, um grito de reunião para os Filhos do Lâmina Fiel. Foi nisso que o sacerdote me transformou desde que eu tinha idade suficiente para andar. Ele me criou para ser um cadáver.

— Você não se lembra de nada do que aconteceu antes, nada sobre seus avós?

— Há... imagens de outras pessoas, rostos que eu conhecia antes. Acho que eram bondosos, mas sempre pareceram um sonho. E ele era tão real, cada palavra sua era a verdade do Pai. Na realidade, ele era um mentiroso. O que isso significa, tio? E quanto ao amor do Pai? — Ela estava chorando e foi obrigada a usar os punhos rendados do vestido ridículo para enxugar as lágrimas.

Seu tio esvaziou a taça e fez um sinal para um criado, que partiu para buscar outra garrafa.

— Vou lhe contar um segredo, minha maravilhosa sobrinha... — Ele se inclinou para frente e abaixou a voz até sussurrar. — Posso parecer um pecador ímpio, mas jamais duvidei de que o olhar do Pai está voltado para mim. Eu o sinto todos os dias. É um peso grande e terrível... de desapontamento.

Reva não conseguiu conter o riso, e a hilaridade e as lágrimas se

misturaram em seu rosto.

— Mesmo assim — prosseguiu ele —, quem além do Pai poderia me trazer tamanho presente? Uma salvadora e uma sobrinha na noite em que assassinos aparecem para me matar. Se me disser que não vê a mão Dele nisso, não acreditarei em você.

Ele se virou ao ouvir o portão principal abrir-se.

— Ah, parece que o presente da minha conselheira chegou.

Reva levantou-se, alarmada, ao ver o grupo de quatro guardas que se aproximava, empurrando um jovem de ombros largos à sua frente. Ela correu até eles quando pararam; Arken exibia um hematoma negro-azulado debaixo do olho.

— O que vocês fizeram com ele?

— Perdão, meu senhor — disse o sargento da guarda quando Mustor se aproximou. — O garoto viu que nos aproximávamos e pulou da janela da estalagem. Não quis nos ouvir.

Reva tocou o hematoma de Arken com a mão, fazendo uma careta.

— Eu disse para você não esperar.

O garoto deu um sorriso dolorido e acanhado.

— Eu não queria ir sozinho para os Confins.

O Senhor Feudal tossiu, chamando a atenção.

— Parece que vamos ficar com meu tio, afinal — disse Reva.

Eles alocaram uma criada para cuidar dela, uma mulher silenciosa que misericordiosamente fazia poucas perguntas, mas a agudeza de seu olhar fez Reva suspeitar de que o principal dever da mulher era fornecer relatórios à Senhora Veliss. Ela ganhou mais vestidos e outros aposentos no andar abaixo do piso que seu tio dividia com sua conselheira. Ela se perguntou se havia algum significado no fato de Arken ter sido alojado em uma ala separada.

— Ele é apenas meu amigo — insistira ela, respondendo às indagações do Senhor Feudal durante o café da manhã no dia seguinte.

— Um amigo asraelino — observou ele.

— Assim como a Senhora Veliss — retorquiu Reva.

— O que significa que tenho muita experiência em me esquivar do escárnio das pessoas que ainda anseiam por independência nesse feudo. Se você se tornar minha sobrinha reconhecida, certa... discrição será necessária.

Ela decidiu ignorar a ironia óbvia de ouvir um sermão sobre discrição vindo da boca de um mulherengo tão famoso.

— Reconhecida?

— Sim. Não gostaria?

— Eu... não sei. — Na verdade, ela não sabia muito bem que caminho seguir dali em diante. O sacerdote era uma mentira, a espada era um mito, e o amor do Pai... — Pensei em viajar até os Confins do Norte. Tenho amigos lá.

— Al Sorna, você quer dizer. — Uma amargura na voz de seu tio indicava que finalmente encontrara alguém que não admirava seu antigo tutor. — Acho

que não gosto da ideia de minha sobrinha perto daquele homem. Ele atrai problemas demais.

— Então agora sou sua prisioneira? Mantida aqui para fazer o que você quiser?

— Você é livre para ir aonde quiser, mas não deseja ficar um pouco com o seu velho e solitário tio?

Reva estava pensando em uma resposta quando a Senhora Veliss apareceu para juntar-se a eles. A refeição geralmente era feita no grande salão de jantar com os retratos nas paredes. Veliss e o Senhor Feudal tinham um hábito curioso de sentarem-se em pontas opostas da mesa, o que os obrigava a conversarem aos gritos.

— Mais alguma informação, conselheira? — gritou Mustor quando ela se sentou para comer um prato de bacon, ovos e cogumelos.

— Infelizmente, nosso prisioneiro morreu durante o interrogatório — gritou ela em resposta, sacudindo o guardanapo. — Muita erva-tambor na mistura. Tudo o que consegui extrair foram algumas divagações sobre um grande e poderoso aliado, capaz de enfrentar as Trevas que se perpetuam no Domínio Herético. — A mulher sacudiu a cabeça. — Esses fanáticos estão cada dia mais iludidos. — Ela lançou um olhar crítico para Reva. — Você precisa se trocar, querida, e vestir algo mais formal e agradável. É o Dia do Pai e temos de comparecer a uma cerimônia.

— Cerimônia?

— A data da primeira profecia de Alltor aproxima-se — disse seu tio. — Daqui a três semanas. O Leitor conduzirá uma cerimônia na catedral em cada Dia do Pai até lá.

— Cerimônias são uma perversão aos Dez Livros — disse Reva, mais como uma recordação do que com convicção. — Os livros não falam em rituais. Os verdadeiramente amados não precisam de cerimônias vazias da igreja corrupta.

— O sacerdote ensinou-lhe isso? — perguntou seu tio.

Reva assentiu.

— E muito mais.

— Então talvez haja alguma sensatez nas ilusões dos Filhos. De qualquer forma, perversão ou não, eu apreciaria muito sua presença. E creio que o Leitor achará você muito interessante.

Ela experimentou quatro vestidos até que Veliss por fim aprovasse um preto de corpete justo com mangas rendadas e gola alta.

— Isso coça — resmungou Reva enquanto se posicionavam em uma procissão diante do portão principal. Um pelotão de guardas estava enfileirado em ambos os lados e começou a andar a passos lentos, atravessando o portão e chegando à praça.

— O poder tem um preço, querida — retorquiu Veliss por entre os dentes, mantendo um sorriso para a população que ladeava a praça.

— Que poder?

— Qualquer poder. O poder de governar, de matar ou, no seu caso, o poder de despertar desejo no bode velho que está prestes a conhecer.

— Desejo? Não pretendo despertar desejo em ninguém.

Veliss virou-se para ela com uma expressão intrigada e um sorriso subitamente genuíno.

— Então receio que terá uma vida inteira de desapontamentos.

Por dentro, a catedral parecia uma vasta maravilha de arcos ascendentes e janelas altas, com vitrais que lançavam raios multicoloridos sobre os pilares. O ar estava pesado com o cheiro de incenso ao se dirigirem para o balcão na parede oeste, onde os assentos elevados ofereciam uma bela vista do interior. No centro da catedral havia um pódio cercado por dez leitoris.

Levou uma eternidade para que toda a congregação se reunisse; nobres e mercadores finamente vestidos ocuparam as fileiras mais à frente enquanto as pessoas mais pobres ficaram atrás e os realmente miseráveis apenas encostados nas paredes. Reva jamais vira tamanha multidão em um só lugar e notou que contorcia-se sob o peso de tantos olhares curiosos.

— A cidade inteira está aqui? — sussurrou ela ao tio.

— Certamente não. Talvez um décimo da população. Há outras capelas na cidade. Apenas os mais devotos vêm aqui. Ou os mais ricos.

Ouviu-se um sino repicar, silenciando os murmúrios de conversa na catedral. Após um momento, o Leitor apareceu, em seu manto branco, precedido mais uma vez pelos seus cinco bispos carregando seus livros. Dirigiram-se a cada um dos leitoris, depositando os livros com reverência cuidadosa antes de recuarem, mantendo as mãos entrelaçadas e os olhos baixos enquanto o Leitor subia ao pódio. Ele olhou ao redor da congregação com um leve sorriso e ergueu o olhar para o balcão, sorrindo para o Senhor Feudal e a Senhora Veliss e empalidecendo um pouco ao avistar Reva. O sorriso sumiu de seus lábios, fazendo-os penderem do seu rosto idoso como duas lesmas molhadas.

Não parece um homem libidinoso, concluiu Reva.

O Leitor recuperou a compostura rapidamente, virando-se e abrindo um dos livros. Sua voz era firme e nítida ao ler:

— “Há dois tipos de ódio. O ódio do homem que lhe conhece e o ódio do homem que lhe teme. Demonstre amor a ambos e eles não mais lhe odiarão.”

O Décimo Livro, pensou Reva. *O Livro da Sabedoria*.

— Ódio — repetiu o Leitor, erguendo o olhar para a congregação. — Seria possível pensar que o amor do Pai bastaria para banir todo o ódio dos corações dos homens, mas obviamente não basta, pois nem todos os homens abrem seus corações a tal amor. Nem todos os homens se permitem ouvir as palavras destes dez livros, e muitos que o fazem apenas fingem ouvir a verdade. Nem todos os homens possuem a coragem de abandonar seus antigos hábitos, de banir o pecado de seus corações e levar uma nova vida sob o olhar do Pai. Em troca do que oferece, o Pai pede tão pouco. Ele oferece amor. O Seu amor. Um amor que preservará suas almas por toda a eternidade...

O tédio de Reva aumentava conforme o homem continuava a falar em um tom monótono, e a gola do seu vestido coçava ainda mais do que antes ao mesmo

tempo em que ela tentava não se mexer. *O que estou fazendo aqui?*, pensou. *Mostrando obediência respeitosa a um tio que nem conheço. Junto com sua metreiz, ainda por cima.*

Ela foi tomada por um desejo de partir, de simplesmente se levantar e ir embora. Seu tio dissera que ela era livre para ir aonde quisesse, e ela queria ir para algum lugar bem longe da tagarelice daquele velho. *Mas sua expressão quando me viu, lembrou-se. Não era desejo, mas medo.* Ela havia deixado o homem muito assustado e percebeu que queria saber por quê.

Embora tivesse parecido um século, o Leitor falou por cerca de uma hora, parando de vez em quando para ler uma passagem de um dos livros, e encetando outro discurso desconexo sobre o amor do Pai e a natureza do pecado. Quando criança, um de seus poucos prazeres eram os períodos de descanso em que o sacerdote a educava sobre os Dez Livros, lendo cada passagem com tanta convicção fervorosa que ela era sempre arrebatada pela torrente de palavras. Contudo, os descansos eram sempre breves, pois o sacerdote a testava após cada leitura, com a vara a postos para punir qualquer recitação atrapalhada.

Reva não encontrou nenhum eco do fervor do sacerdote naquela caverna abobadada de vidro e mármore, apenas os dogmas vazios de um velho. *Não pode ser tudo mentira*, pensou, lutando contra uma sensação crescente de desespero. *Até mesmo tio Sentes sente o amor do Pai. Deve haver verdade em algum lugar.*

Reva não ouviu as últimas palavras do Leitor, perdendo-se nas lembranças do tempo que passara com Alornis e percebendo que queria muito vê-la desenhar novamente. O Leitor finalmente se calou e desceu do pódio enquanto a congregação levantava-se de seus assentos com as cabeças baixas. Os bispos, que haviam permanecido de pé durante toda a cerimônia, apesar de alguns serem quase tão velhos quanto o Leitor, recolheram os livros apoiados nos leitoris e seguiram em um silêncio solene. O sino repicou mais uma vez, e a catedral começou a ficar vazia. Alguns nobres e mercadores tentaram permanecer nos degraus do balcão para pedir uma palavra com o Senhor Feudal, mas foram afastados pelos guardas.

— Muito bem — disse Sentes quando o último congregados saiu da catedral, levantando-se e oferecendo sua mão a Reva. — Vamos ver o que aquele velho desgraçado tem a dizer em sua defesa.

— Sua sobrinha, meu senhor? — A voz do Leitor era cuidadosamente modulada, com a medida certa de surpresa e serenidade. Eles haviam sido levados aos seus aposentos particulares por um sacerdote friamente servil, que não conseguiu disfarçar seu desdém por Veliss nem um olhar de escárnio desconfiado a Reva. Ela pensou que poderia socá-lo a qualquer momento.

— Sim, Santo Leitor — respondeu Sentes. — Minha sobrinha, que logo será reconhecida. Seria uma honra ter o senhor como testemunha no certificado e como ajuda para acabar com quaisquer dúvidas tolas do povo. Já preparei os documentos.

A Senhora Veliss colocou um rolo de pergaminho que segurava sobre a

mesa do Leitor, desenrolando-o e prendendo a ponta com um tinteiro.

— Onde marquei, se puder fazer a gentileza, Santo Leitor.

O Leitor mal prestou atenção no documento, aparentemente achando difícil não olhar para Reva, com uma expressão já não tão temerosa. *Há algum desejo nele, afinal*, pensou ela.

— Quantos anos você tem, criança? — perguntou ele.

Ela não sabia dizer de onde vinha aquela certeza, mas não tinha dúvida de que o homem já sabia sua idade e provavelmente até o dia de seu nascimento.

— Dezoito anos neste verão, Santo Leitor — respondeu ela.

— Dezoito anos. — O velho sacudiu a cabeça. — Na minha idade, os anos passam tão rápido. Parece não fazer mais de uma semana desde que seu pai veio até mim em busca de orientação. Ele queria tanto se casar com sua mãe, e, embora eu lamente dizê-lo diante de seu tio, aconselhei-o a se casar, sim, mesmo em desafio ao pai. “Devemos nos alegrar com a união de corações.”

— “E apenas um pecador separará aqueles unidos pelo amor” — concluiu Reva. *O Segundo Livro. O Livro das Bênçãos.*

O Leitor sorriu e suspirou.

— Vejo que o amor do Pai a inflama, criança. — Ele pegou uma pena e molhou-a no tinteiro para acrescentar sua assinatura ao documento, formalizando o reconhecimento da Senhora Reva Mustor, Sobrinha de Sentes Mustor, Senhor Feudal de Cumbrael. Veliss recolheu o pergaminho e voltou para o lado do Senhor Feudal, soprando gentilmente a tinta úmida.

— Detesto incomodá-lo mais, Santo Leitor, mas tenho graves notícias — disse o Senhor Feudal.

O velho assentiu placidamente.

— A Guarda do Reino marcha mais uma vez em direção às nossas fronteiras — disse ele. — São mesmo notícias sombrias. Podemos apenas confiar que a benevolência do Pai nos salvará de mais sofrimento.

— A Guarda do Reino passará um mês vagando por florestas e colinas à procura dos fanáticos que atacaram o Senhor da Torre Sul. Quando não encontrarem ninguém, voltarão para casa. É uma encenação necessária para acalmar a população asraelina. Tenho a Palavra do Rei. — Os olhos vermelhos de seu tio ficaram mais uma vez desanuviados e brilhantes ao examinarem a expressão no rosto do Leitor. — Não, as notícias que trago são muito mais graves. Veja bem, minha sobrinha não é apenas versada nos Dez Livros. Ela também empunha uma espada com grande habilidade, com ainda mais habilidade do que meu finado irmão, na verdade.

— É mesmo? — O Leitor olhou espantado para Reva. — Parece que o Pai é generoso com Suas bênçãos.

— Duplamente generoso — disse Sentes. — Ele foi capaz de colocá-la em minha mansão na mesma noite em que três assassinos a invadiram para me matar. Se não fosse por ela, eu não estaria aqui.

Reva pôde ver que o choque do Leitor foi genuíno; seu sobressalto fez a papada idosa balançar e deixou seu rosto levemente franzido, indicando que aquela era uma surpresa desagradável.

— O Pai seja louvado por o senhor não ter sido ferido — disse ele, atônito.

— Os assassinos estão vivos?

— Infelizmente, não. Um foi morto pela minha maravilhosa sobrinha e outro pelos meus guardas. — Ele fez uma pausa, com o olhar ainda fixo no rosto do Leitor. — Porém, um escapou. Um homem que minha sobrinha insiste ser um sacerdote de sua igreja.

A perplexidade do Leitor foi genuína, mas ele não ficou tão surpreso quanto antes. *Ele sabe*, pensou Reva. *Ele sabe quem é o sacerdote*. Seus punhos fecharam-se automaticamente enquanto o velho encenava uma reflexão pesarosa.

— Infelizmente, a vocação sacerdotal não nos torna imunes a ideias equivocadas — disse ele. — As palavras de seu irmão, ainda que heréticas, encontraram muitos seguidores, inclusive alguns entre o clero. Eu obviamente usarei todos os recursos disponíveis para levar esse bandido à justiça. Se o senhor puder me fornecer uma descrição...

Veliss pegou um rolo menor de pergaminho e colocou-o na mesa do Leitor.

— Ah, eficiente como sempre, minha senhora — disse o Leitor. — Ele será copiado e distribuído a todas as capelas em questão de dias. Asseguro-lhes de que o fugitivo não encontrará refúgio na igreja.

Reva deu um passo na direção dele, com os punhos já doloridos a essa altura, mas sentiu a mão do tio em seu braço, gentil, mas firme.

— Apreciamos sua consideração, Santo Leitor — disse ele. — Creio que já o incomodamos demais por um dia.

— Sinta-se livre para me incomodar todos os dias, meu senhor. — Ele sorriu para Reva. — Especialmente se trazer uma companhia tão encantadora.

Seu tio puxou-lhe o braço e dirigiu-se para a porta, mas Reva não se moveu.

— “O engodo é o pecado mais difícil de ser reconhecido, pois muitas mentiras são ditas com gentileza, e muitas verdades são ditas com crueldade” — disse ela ao Leitor.

O homem tentou disfarçar, mas a raiva brilhou em seus olhos por apenas um segundo.

— De fato, minha cara. De fato.

— Reva — chamou seu tio.

Reva curvou-se para o Leitor e virou-se para seguir o tio. O sacerdote escarnecedor ficou parado no corredor, encarando-a com inconfundível desprezo.

— Com licença — disse Reva, parando e virando-se novamente. Ele era um homem alto, e ela foi obrigada a erguer os olhos para o sacerdote, mas não alto o bastante para estar fora de alcance. — Parece que seu nariz está sangrando.

Ele franziu o rosto, erguendo os dedos para tocar o nariz.

— Eu não...

Sua cabeça foi jogada para trás com a força do golpe que quebrou seu nariz, embora não forte o suficiente para matá-lo. O homem cambaleou para trás e bateu na parede, escorregando para o chão, com sangue escorrendo pelo rosto.

— Eu me enganei — disse Reva, seguindo em frente. — Agora, sim, está

sangrando.

— Aquilo foi inapropriado — repreendeu-a o tio quando retornaram à mansão e foram até a biblioteca, onde uma nova garrafa de vinho já o aguardava. No entanto, a Senhora Veliss parecia abafar uma risada.

Reva jogou-se em uma cadeira, desabotoou a gola odiosa e coçou-se furiosamente.

— Aquele velho é um mentiroso — disse ela.

— Evidentemente — retorquiu o tio, tirando a rolha e sentindo o cheiro da bebida. — Vale de Umblin, cinco anos. Muito bom.

— Então é isso? — perguntou Reva. — Ele mente na sua cara e você não faz nada?

O Senhor Feudal apenas sorriu e serviu o vinho.

— Demos um aviso — disse Veliss, erguendo a cabeça da sua escrivainha, a mesma mesa junto à qual Reva parara durante sua missão para recuperar a espada. Veliss ainda estudava o mesmo livro sobre dinheiro e fabricação de vinho, ladeada por pilhas altas de anotações copiosas. — O grande hipócrita ficará na defensiva agora.

— Onde eu gostaria de mantê-lo de uma vez por todas — acrescentou Sentes. — Algo que seu alardeado avô jamais conseguiu.

— Ele sabe onde está o sacerdote. Tenho certeza.

— Sedenta por vingança, querida? — perguntou Veliss. — Ele a tratou tão mal assim?

Pecadora imunda e sem Pai... Reva levantou-se da cadeira e foi até a porta.

— Vou me trocar.

— Ajudaria se soubéssemos mais sobre ele — disse Veliss, fazendo-a parar.

— Sobre como você foi criada. Onde foi exatamente? Em um castelo? Em uma caverna nas montanhas?

— Em um celeiro — respondeu Reva em um murmúrio antes de sair da sala.

Ela foi para o quarto, despiu-se com uma urgência que deixou vários rasgos no vestido e jogou-o em um canto. Vestiu uma calça de montaria e uma blusa folgada, fornecidas depois de sua insistência, apesar das objeções de Veliss. *Eu mesmo o encontrarei*, decidiu ela, amarrando as botas. *Vou entrar na catedral essa noite e fazer o velho revelar seus segredos...*

Ouviu-se uma batida na porta, leve, mas insistente. Ela a abriu e encontrou o tio parado ali, com uma expressão gentil.

— Um celeiro? — perguntou ele.

Reva suspirou, afastou-se e sentou-se na cama. Ele entrou, fechou a porta e sentou-se ao lado dela. Ela ficou surpresa ao ver que o tio não trouxera uma garrafa. Ficaram em silêncio por um momento enquanto Reva procurava palavras que pudessem fazer algum sentido para ele.

— Era grande — disse ela por fim. — O celeiro. Não havia animais ou arados, apenas ele, eu e um monte de palha. Minha primeira lembrança nítida é subir e descer das vigas. Se eu caía, ele me batia.

— Ele fez isso muitas vezes?

— Mais do que eu podia contar. Ele era habilidoso com a vara e nunca deixou cicatrizes, exceto uma. — Ela puxou o cabelo para trás e exibiu a marca acima da orelha direita, resquício da vez em que o sacerdote a espancava até deixá-la inconsciente.

— Você sabe onde ficava o celeiro?

— No meio de campos vastos. O capim era longo e os visitantes, raros, homens sérios que me olhavam com expressões estranhas. Ele os chamava de irmãos, e eles o chamavam de Sacerdote Fiel. Havia um homem diferente dos outros. Ele aparecia uma ou duas vezes por ano, e o sacerdote me obrigava a ficar escondida. Eu não conseguia ouvir sobre o que falavam, mas tenho certeza de que o sacerdote o chamava de “meu senhor”.

— Pode descrevê-lo?

— Ombros largos, mas não era muito alto. Era careca e tinha uma barba escura.

Reva viu o reconhecimento brilhar nos olhos do tio. Esperou que ele dissesse o nome do homem, mas não foi o que aconteceu.

— Prossiga. Do que mais você se lembra?

— Quando fiquei mais velha, ele começou a me levar até a aldeia onde conseguia suprimentos. Eu tinha pouca experiência com outras pessoas e não sabia como agir perto delas, então na primeira vez gritava e apontava para tudo, de animada que estava. Isso me rendeu uma surra. “Você não deve ser notada”, disse ele. “Deve passar pelas vidas dos outros sem deixar marcas”. Mais tarde, ele começou a me mandar à aldeia à noite, para roubar ou ouvir conversas. Treinamento para minha missão sagrada, imagino. Comecei a conhecer os aldeões muito bem. Suas fofocas me forneciam uma bela ideia sobre como eram suas vidas. A esposa do padeiro tinha um caso com um funileiro que aparecia a cada duas semanas. O fabricante de rodas perdera um filho no Vau da Água Verde. O sacerdote da aldeia gostava demais de cerveja. Então, certa noite, eu me deparei com uma janela aberta... — *Eu a conhecia apenas como a filha do carpinteiro. Ela estava diante de uma bacia, passando um pano molhado sobre a pele. A luz da lamparina parecia fazer sua pele brilhar, o cabelo como ouro...*

— Reva? — perguntou o tio.

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu não sabia que o sacerdote me seguia todas as noites. Eu me demorei demais naquela janela. No dia seguinte, ele me bateu e fiquei com essa cicatriz — Ela tocou a marca.

— O nome da aldeia?

— Kernmill.

Aquilo pareceu confirmar uma suspeita em sua mente, fazendo-o assentir.

— Sinto muito, Reva — disse ele, passando um braço sobre seus ombros e puxando-a para perto. — Posso não ser o melhor Senhor Feudal, mas estou

determinado a ser o melhor tio. E, como presente para minha sobrinha, pretendo encontrar esse sacerdote e ver você matá-lo e estripá-lo. Gostaria disso?

Ela piscou para afastar as lágrimas e retribuiu o abraço.

— Sim, tio. Eu gostaria muito.

Nos dias que se seguiram, Reva entrou em uma rotina na mansão. Treinamento na sala das espadas com Arken pela manhã, almoço com Veliss e o Senhor Feudal à tarde e seguido de uma hora interminável, ou até mais, sentada em um canto enquanto um ou ambos encontravam-se com algum mercador ou lorde que pedia algo. Ao entardecer, ela cavalgava com Arken; seu tio providenciara um lugar nos estábulos para Bufo e Calombo. Cavalgavam para além das muralhas até o cair da noite, caçando quando havia oportunidade. Arken conseguira um arco longo em algum lugar, mostrando-se capaz de envergá-lo, o que ainda era mais do que Reva conseguia fazer, apesar de a habilidade do garoto ser pequena quando comparada à capacidade de mira dela com o arco de olmo. A cada feldrian, ela também precisava estar presente durante as petições, e Veliss a questionava sobre os méritos de cada pedido quando terminava toda a ladainha entediante.

— Não sei — reclamou ela quando Veliss perguntou sua opinião sobre uma disputa de terra. Um terreno havia sido dado a um antigo Guarda da Casa pelo avô de Reva, e agora seus dois filhos mais velhos estavam brigando por ela. — Divida a propriedade ao meio ou algo assim.

— A qualidade da terra varia — explicou Veliss. A mulher parecia possuir uma reserva infinita de paciência apesar do contínuo ar de indiferença cansada de Reva. — Pastos abundantes e pântanos repletos de rochas se misturam como em uma colcha de retalhos. Uma terra assim não pode ser dividida com facilidade.

— Então diga a eles para venderem e dividirem o dinheiro.

— Estou certa de que o irmão mais velho gostaria, mas o mais novo vive na terra com a esposa e com os filhos e quer ficar.

— “Toda terra é dádiva do Pai” — citou Reva, abafando um bocejo. — “Mas apenas o homem que trabalha e lavra a terra pode reivindicá-la.” O Sétimo Livro, o julgamento de Alltor sobre a cobiça dos senhores de terra.

— Então devo simplesmente dar a terra ao irmão mais novo e enraivecer o mais velho?

— Ele é um homem importante?

— Não particularmente, mas desfruta da proteção de alguns nobres menores.

— Então sua raiva não tem importância. Já terminamos?

Naquela tarde, Reva questionou o tio a respeito de notícias sobre o sacerdote, algo que tornara-se um ritual quase diário. Ela o encontrou em seus aposentos, abotoando a camisa enquanto um homem grande erguia e sacudia uma garrafinha contra a luz que entrava pela janela.

— Reva — cumprimentou-a o Senhor Feudal. — Conhece o Irmão Harin?

O homem usava um manto cinzento e virou-se para fazer uma medida.

— A sobrinha de quem tanto ouvi falar? Não posso dizer que são parecidos, Sentes. Ela é bonita demais para isso.

— Sim. Ela teve sorte e puxou a mãe.

Reva não conseguiu conter uma pontada de desconfiança pela presença do homem.

— Você é um curandeiro?

— De fato, minha senhora. Outrora Mestre dos Ossos na Casa da Quinta Ordem, enviado pela minha Aspecto para cuidar de seu tio...

— E de todos os Fiéis hereges que permito que fiquem nessa cidade — interrompeu Sentes. — Não se esqueça deles. — Havia uma firmeza em seu tom que fez o Irmão Harin erguer as sobrancelhas e entregar a garrafinha ao Senhor Feudal em silêncio.

— A mesma dose? — perguntou seu tio.

— Provavelmente é melhor aumentá-la. Quatro vezes por dia...

— Misturada com água pura, sim, eu sei.

O Irmão Harin pendurou uma bolsa de couro no ombro.

— Voltarei na semana que vem. — Ele foi até a porta e fez outra medida para Reva antes de partir.

— Ele não se dirige a você da forma apropriada — disse ela.

— Porque eu pedi que ele não fizesse isso. Parece um pouco tolo se prender a cerimônias com um homem que enfiou um dedo na sua bunda.

Reva indicou a garrafa com um aceno de cabeça.

— O que é isso?

— Apenas um tônico. — Ele colocou a garrafinha na mesa. — Ajuda-me a dormir. Você veio perguntar sobre o sacerdote.

— Deixe-me caçá-lo para você — disse ela. — Eu o trarei amarrado e pronto para ser julgado em um mês. Eu juro.

— Esse não é o melhor momento. As pessoas já têm incertezas suficientes com a Guarda do Reino andando pelas fronteiras. Desvendar os planos do Leitor só aumentará a inquietação.

— Você sabe quem é o homem que o sacerdote chamava de “meu senhor”. Percebi isso.

— Eu tenho suspeitas. E não comprometerei uma paz que levou tanto tempo para ser conseguida agindo apenas com base em suspeitas. Agirei, Reva, eu lhe prometo, mas com cuidado e devagar para que o velho desgraçado não perceba.

— Eu posso ser sorrateira — insistiu ela. — *Você não sabe quão sorrateira...* Ele sacudiu a cabeça.

— Não duvido de suas habilidades, mas preciso de você aqui. O povo deve se acostumar a vê-la ao meu lado.

Reva engoliu seu desapontamento.

— Por quê? Você me reconheceu. Por que eles precisam me ver?

Aquilo o fez parar para pensar, e ele ergueu as sobrancelhas, compreendendo.

— Você não sabe, não é? Não faz a menor ideia.

— A menor ideia do quê?

— Reva, você pode ter notado, mas não há crianças nessa casa. Tampouco é provável que haja. Não tive herdeiros. Não havia ninguém para me substituir na Cadeira, mas agora tenho você.

Reva sentiu uma mão gelada subir-lhe pelo peito.

— O quê? — perguntou ela com um leve suspiro.

— Algumas das... indiscrições de seu pai me procuraram ao longo dos anos. Algumas buscavam reconhecimento, mas apenas se desapontaram. A maioria pedia somente um favor ou dinheiro. Fiquei feliz em mandar todos embora. Até você aparecer, Reva. Que idade acha que tinha quando o sacerdote a tirou dos seus avós?

— Eu sei que idade tinha. Ele me contou. Eu tinha seis anos.

— Seu pai morreu há quase nove anos. Isso significa que ele a levou três anos antes de Hentes assassinar nosso pai e mergulhar esse feudo na guerra. De todos os filhos de Hentes, ele foi atrás de você. Ele viu o que posso ver.

Reva sacudiu a cabeça, confusa.

— O que você pode ver?

— A próxima Mustor a sentar-se na Cadeira do Senhor. — Ele se aproximou, segurando-lhe a mão e beijando seu rosto. — Enviada a mim pelo próprio Pai, pois certamente Ele ouviu minhas preces.

— Uma garota não pode ser um Senhor Feudal — disse Arken ao saírem naquele entardecer, galopando ao longo do passadiço e partindo em direção às colinas arborizadas ao norte.

— Senhora Feudal — disse Reva, sentindo a mão gelada ainda apertando-lhe o peito. Seu tom era seco; a enormidade das palavras do tio não deixava espaço para emoções.

— Isso não soa bem — disse Arken. — Você terá de pensar em algo melhor. Talvez condessa.

— Só há condessas em Nilsael. — Ela puxou as rédeas, fazendo Bufo parar. Ficou sentada na sela por um longo tempo enquanto o frio dava gradualmente lugar a uma sensação de terror angustiante. — Não posso ficar aqui — concluiu ela com uma voz trêmula. — Eu nunca deveria ter me demorado tanto.

— Seu tio tem sido bom para você, para nós.

— Porque ele quer um herdeiro.

— Não é só isso. Ela a ama, posso ver isso.

Ou ama a memória de seu irmão, do homem que ele não pôde ser. Reva passou uma das mãos trêmulas pela testa.

— Os Confins do Norte — disse ela. — Podemos ir para lá. Você disse que queria ir.

— Quando não havia nenhum outro lugar...

— Podemos ir agora. Temos cavalos, armas, dinheiro...

— Reva...

— Não posso fazer isso! — *Sou apenas uma pecadora imunda e sem Pai!*
Não entende?

Ela saiu a galope com Bufo, rumando para as árvores. Estava na metade do caminho quando outro cavalo encimando a colina adiante a fez parar. Movia-se devagar, com o trote cansado de um animal exausto, os flancos e a boca cobertos de espuma, o cavaleiro curvado para frente e mal conseguindo manter-se na sela. Seus instintos afiados fizeram surgir uma palavra em sua mente. *Problema.*

Ela os observou enquanto se aproximavam devagar. Bufo se remexia embaixo dela, dilatando as narinas com o fedor indesejado de um cavalo perto da morte e ansioso para correr. *Os Confins do Norte*, pensou Reva. *Al Sorna irá recebê-la...*

Ela esporeou Bufo, diminuindo a distância até o cavalo. O cavaleiro estava tão exausto que mal percebeu quando ela estendeu a mão para agarrar as rédeas, fazendo sua montaria parar. *Guarda do Reino*, notou Reva pelo traje do homem, percebendo as manchas marrom-avermelhadas em seu peitoral e a bainha vazia na sela.

— Onde está seu sabre? — ela perguntou.

O homem ergueu a cabeça, alarmado, com o rosto coberto de suor e sangue seco, encarando-a horrorizado até piscar e olhar para os arredores.

— Alltor? — perguntou ele em voz baixa.

— Sim — respondeu Reva. — Alltor. O que aconteceu com você?

— Comigo? — O homem arreganhou os dentes e uma luz estranha surgiu em seus olhos ao rir baixo. — Eles me mataram, garota. Mataram todos nós. — O riso transformou-se em gargalhada e em uma tosse sufocante até ele se curvar para frente e cair da sela. Reva desmontou, pegou o cantil no alforje de Bufo e levou-o aos lábios do guarda. O homem tornou a tossir, mas logo estava bebendo a água em grandes goles.

— Eu... preciso ver o Senhor Feudal — arquejou ele quando bebera o que podia.

Reva olhou para a cidade, envolta na cortina de fumaça que erguia-se de muitas chaminés, para a silhueta tênue da mansão onde os criados estariam preparando a refeição da noite e para os grandes coruchéus gêmeos, lar de um grande e velho mentiroso.

— Levarei você até ele — disse ela. — Ele é meu tio.

CAPÍTULO DOIS

Vaelin

— O Exército Imperial Volariano é formado por três contingentes principais — disse o Irmão Harlick, cuja voz erguia e baixava enquanto balançava em cima do pônei. — Os cidadãos recrutados conhecidos como Espadas Livres, a grande massa de soldados-escravos conhecidos como Varitai e uma elite de escravos altamente treinada e com uma reputação temível conhecida como Kuritai. Uma estrutura básica empregada há quase quatrocentos anos.

Ele falava constantemente havia horas, por ordem de Vaelin, relatando tudo o que conhecia sobre o Império Volariano enquanto regressavam para a torre.

— Unidades individuais são agrupadas em batalhões, que por sua vez são agrupados em uma divisão que consiste de oito mil homens. Uma divisão típica inclui Espadas Livres e Varitai, com contingentes especializados de engenheiros e Kuritai. A formação de um exército consiste de três ou mais divisões sob o comando de um general...

Vaelin insistira em partir na noite anterior, após se recuperar da visão que o derrubara na praia. A visão fora breve, apesar da intensidade, e o frio perdurara, mas sem a mesma força de antes, embora as imagens deixadas por ela causassem todo o desconforto que pudesse desejar e deixassem uma conclusão inescapável: *Algo muito ruim acontecera.*

Ele tivera de se despedir rapidamente de Nortah e Sella, percebendo a preocupação dos amigos e sentindo-se um mentiroso pelas palavras de conforto que disse ao partir. “Provavelmente não é nada”, dissera ele. “A idade está me deixando cauteloso demais.”

“Queimando!”, cantarolou a pequena Lohren, pulando, quando ele se dirigiu para a porta. “Casas queimando! Pessoas queimando! Homens maus queimando tudo! O tio vai matar eles!”

Ele acordou o Capitão Orven e não se surpreendeu quando viu a eorhil colocar a cabeça para fora da tenda enquanto o homem calçava as botas aos tropeços. “Formação de batalha”, dissera-lhe Vaelin. “Batedores em ambos os flancos. Tochas para todos os homens. Envie um pelotão para a praia. Encontrarão um homem em uma cabana. Ele vem conosco. Se ele protestar, amarre-o a um cavalo.”

— Os generais são tipicamente escolhidos entre a pequena, porém imensamente rica classe governante — explicava Harlick — É a única classe da sociedade volariana com o direito de vestir trajes vermelhos. Embora tal posição social privilegiada possibilite alcançar um alto comando, somente aqueles que provam ter experiência de liderança são nomeados...

— Por que eles estão vindo? — interrompeu Vaelin. — O que eles querem?

Harlick pensou por um momento, talvez considerando uma resposta complexa, mas, ao ver a expressão de Vaelin, respondeu simplesmente:

— Tudo, suponho.

Ele começou a descrever o funcionamento do Conselho Governante Volariano, mas Vaelin acenou com a mão.

— Basta por ora.

A Senhora Dahrena cavalgava em silêncio, com uma expressão de preocupação enquanto ouvia as informações de Harlick.

— Sei que essa reação pode parecer excessiva... — começou Vaelin, mas ela sacudiu a cabeça.

— Eu confio no... julgamento de meu senhor.

— Lamento ter de fazer meu próximo pedido...

— Essa noite — disse ela. — Quando voltarmos à torre.

— Não é longe demais?

— É uma distância considerável, mas já consegui antes, durante as revoltas após o Massacre dos Aspectos, quando meu pai achou que o Reino poderia cair.

— Obrigado, minha senhora.

— Agradeça-me quando eu trouxer notícias de que tudo está em paz e em harmonia.

— Espero fervorosamente que assim seja. — *Espere o quanto quiser, zombaram suas dúvidas. Você sabe o que ela lhe dirá.*

A aurora despontava quando atravessaram as ruas de pedras da Torre Norte, e os portões do pátio abriram-se quando se aproximaram. Vaelin desmontou de Chama, lutando contra o cansaço, e chamou o Capitão Adal.

— Meu senhor. — O cumprimento do capitão foi curto, com um olhar sério que indicava que ele ainda estava irritado pela ameaça de dispensa.

— Soe o toque de concentração — disse-lhe Vaelin, subindo os degraus da torre. — Cada Guarda do Norte deve se apresentar aqui sem demora. Envie emissários aos eorhil e aos seordah. O Senhor da Torre pede todos os guerreiros que eles possam mandar.

— Meu senhor...?

— Apenas faça isso, Adal, por favor — disse Dahrena, passando por ele e seguindo para a escadaria. — Precisarei de algumas horas — gritou ela a Vaelin antes que ele sumisse.

Na falta de outro lugar onde descansar, Vaelin jogou-se na Cadeira do Senhor, fazendo uma careta ao ouvir o alarido de ordens gritadas conforme Adal cuidava dos preparativos. *Eu consigo fazer tudo de novo?*, ponderou. Tinha o

embrulho de lona sobre os joelhos, que parecia mais pesado agora.

— Vaelin? — Alornis estava parada à sua frente, com um xale nos ombros e chinelos quentes contra o frio do piso de pedra. Tinha os olhos arregalados pela incerteza e seu olhar era constantemente atraído para a agitação do lado de fora. Vaelin notou que os dedos da irmã estavam manchados de tinta seca.

Alornis aproximou-se quando ele estendeu a mão, abaixando-se para apoiar-se nos joelhos do irmão.

— O que está acontecendo? — perguntou ela em voz baixa.

— Parece ser mais uma prova de que minha mãe era uma mulher muito sábia. — Ele sorriu quando a irmã franziu o rosto, afastando os cabelos que caíam nos olhos dela. — Há sempre outra guerra.

— O palácio está em ruínas — disse Dahrena, pálida e com os olhos vermelhos após chorar. Contudo, sua voz estava nítida e sem qualquer tremor. — Corpos apinham as ruas. Navios volarianos dominam o porto. Pessoas aglomeram-se nas docas, centenas, acorrentadas.

Vaelin reuniu um conselho em seus aposentos no andar superior. O Capitão Adal estava junto à janela, com os braços cruzados. O Irmão Kehlan, convidado por insistência de Dahrena, estava sentado ao seu lado, com o semblante carregado de preocupação. Também estava presente, a convite de Vaelin, o Irmão Hollun, da Quarta Ordem, que segurava um maço de pergaminhos, com os olhos arregalados com um medo evidente enquanto encarava Dahrena. Ela recusara a sugestão de Vaelin para que tentasse manter seu dom em segredo.

— Depois do que vi, receio que segredos pouco importam agora. Além disso, há muito tempo suspeito de que a maioria já sabe.

O Irmão Harlick estava sentado em um canto. Apesar de ter sido nomeado arquivista da torre, ele não tomava notas da reunião, mas Vaelin sabia que o homem se lembraria de cada palavra dita ali e poderia transcrevê-las mais tarde. Alornis estava sentada ao lado de Vaelin, com as mãos firmemente entrelaçadas para ocultar o tremor que começara na noite anterior. *Ela está preocupada com Alucius, pensou ele. E com Mestre Benril.*

— A Guarda do Reino? — perguntou a Dahrena.

— Não vi sinal dela, meu senhor. Claramente a Guarda da Cidade resistiu em vão em vários lugares.

— O Rei? A Princesa Lyrna?

— Permaneci sobre o palácio tanto quanto pude e vi apenas cadáveres e ruínas enegrecidas.

Vaelin assentiu, e ela se sentou. O Irmão Kehlan pegou sua mão quando Dahrena abaixou a cabeça, triste e cansada.

— Capitão — disse Vaelin. — Qual é o tamanho de nossas forças?

— Mais de dois mil responderam à convocação, meu senhor. O restante deve chegar dentro de sete dias. A Guarda do Norte à disposição conta com três mil homens e estará inteira quando as companhias mais afastadas se apresentarem. Isso pode levar mais de duas semanas, dadas as distâncias

envolvidas.

— Não é o bastante — disse Dahrena. — O exército que vi deve ser cinco ou seis vezes maior do que nossas forças, mesmo se os seordah e os eorhil responderem ao nosso chamado.

— Expanda a concentração — disse Vaelin a Adal. — Todos os homens em idade para lutar, inclusive mineiros e pescadores.

Adal assentiu lentamente.

— Assim farei, meu senhor. — Ele rangeu os dentes, parecendo hesitante.

— Algum problema, Capitão? — perguntou Vaelin.

— Há alguns resmungos, meu senhor. Entre os homens.

— Resmungos?

— Eles não querem ir — disse o Irmão Kehlan quando Adal não respondeu. — Metade dos homens nasceu aqui e jamais viu o Reino. A outra metade prefere não ver o Reino novamente. Eles perguntam, não sem razão, por que deveriam lutar por uma terra que não enviou qualquer ajuda quando enfrentamos a Horda. Não é a guerra deles.

— Será a guerra deles quando os volarianos chegarem aqui — disse Dahrena antes que Vaelin pudesse dar vazão à sua raiva. — Vi as almas desses atacantes. Elas ardem de cobiça e desejo. Eles não irão parar em Varinshold, em Cumbrael ou em Nilsael. Eles virão aqui e tomarão tudo o que temos, e qualquer um que não matarem será feito escravo.

Vaelin respirou fundo para se acalmar.

— Talvez se a senhora falasse com os homens — pediu ele. — Sinto que suas palavras terão bastante peso.

Ela assentiu.

— É claro, meu senhor.

Vaelin virou-se para o capitão.

— E qualquer outro *resmungo* deve ser suprimido com firmeza. Eu governo aqui pela Palavra do Rei, não pelo consentimento dos homens. A guerra deles é a que eu digo que é.

— A questão numérica ainda é pertinente, meu senhor — disse o Irmão Hollun. Ele havia escrito alguns números em um pedaço de pergaminho e mostrou-os a Vaelin.

— Apenas me diga — ordenou Vaelin ao irmão rotundo.

— Com uma concentração expandida, calculo que teremos talvez vinte mil homens armados, um número no mínimo dobrado pelos eorhil e os seordah. Temos uma belonave no porto e uma frota mercantil de pouco mais de sessenta navios, metade dos quais encontra-se no mar. Para transportar tantos homens e cavalos até o Reino, com armas e suprimentos, serão necessárias pelo menos quatro viagens de ida e volta.

— Se formos poupados de tempestades — acrescentou o Capitão Adal.

— Isso é irrelevante — disse Vaelin. — Não navegaremos, marcharemos.

Dahrena ergueu lentamente a cabeça.

— Há apenas uma rota terrestre dos Confins até o Reino.

Ele decidira quando examinara o mapa mais cedo, sentindo uma nota nítida de confirmação vinda da canção do sangue quando seu olhar passou pelo

aglomerado de símbolos que compunham a Grande Floresta do Norte. A nota evocara uma lembrança, uma mulher cega em uma clareira em um distante dia de verão.

— Eu sei.

Eles montaram um acampamento do lado de fora da cidade para o exército crescente, onde os homens se juntavam às suas companhias designadas com uma facilidade experiente. O Senhor da Torre Al Myrna insistira em quatro concentrações por ano para garantir que a disciplina não fosse relaxada. Os novos recrutas formavam um grupo misto de artesãos, mineiros e trabalhadores, muitos abertamente ressentidos pela interrupção em suas vidas, embora o Capitão Adal tivesse acabado com quaisquer sinais de motim e os discursos frequentes de Dahrena para cada grupo de recém-chegados ajudassem muito a mitigar quaisquer dúvidas sobre a necessidade de uma concentração.

— Muitos se perguntam o que o Senhor da Torre Al Myrna teria feito — dizia ela. — Digo a vocês, como filha dele, que o caminho teria sido o mesmo. Precisamos lutar!

Adal mandou que a Guarda do Norte treinasse os recrutas e selecionou aqueles que haviam se distinguido na batalha contra a Horda, tornando-os sargentos ou capitães. A falta de equipamentos era uma preocupação, embora cada ferreiro, alfaiate e sapateiro de Torre Norte estivesse trabalhando à exaustão para produzir tudo de que um exército precisava. Vaelin sabia que mais homens chegavam a cada dia, mas a necessidade de dar início à marcha era um incômodo constante. *Varinshold caiu em um dia. Onde eles atacarão a seguir?* Dahrena oferecera-se para visitar o Reino caso fosse necessário, mas o tamanho da fadiga que lhe acometera após a primeira incursão convenceu Vaelin de que seria melhor que ela poupasse suas forças.

— Depois que atravessarmos a floresta você voará novamente — disse ele.

— O senhor tem certeza de que nos concederão passagem? — perguntou Dahrena enquanto percorriam o acampamento; Vaelin estava determinado a ser visto pelo maior número possível de homens. — Meu pai foi o único súdito que recebeu permissão para entrar lá, e mesmo assim não podia levar armas ou escolta.

Vaelin apenas assentiu e seguiu em frente; seu olhar foi atraído por dois homens que praticavam com espadas de madeira no meio de um círculo de espectadores. O homem mais alto desviou a vara do oponente para o lado e derrubou-o com uma combinação de golpes calmamente executada. Ele ajudou o recruta derrotado a levantar-se, abrindo os braços com um sorriso largo. Era um sujeito corpulento, com músculos definidos reluzindo na pele lustrosa de suor e cabelos longos que chegavam ao meio das costas nuas.

— Quatro! Quem é o próximo?

Apesar da habilidade evidente, o homem era jovem, mal tinha vinte anos pela estimativa de Vaelin, com a presunção confiante da juventude.

— Covardes! — disse ele ao público com uma risada quando ninguém se

prontificou. — Vamos! Três moedas de prata para o homem que me derrotar! — Ele riu de novo, mas se recompôs ao avistar Vaelin entre a multidão. Um sorriso surgiu em seu rosto apenas por um instante, fazendo-lhe apertar os olhos no momento em que a canção do sangue contava uma verdade indesejável para Vaelin.

— O que acha, meu senhor? — chamou o jovem, erguendo a vara de madeira em saudação. — Gostaria de dar a honra de uma singela troca de espadas a um simples construtor de barcos?

— Uma outra hora — disse Vaelin, virando-se.

— Vamos, vamos, meu senhor — chamou o jovem mais uma vez, com uma leve aspereza na voz. — O senhor não quer que esses bons homens achem que está com medo. Muitos já se perguntam por que o senhor não carrega uma espada.

Um guarda adiantou-se para repreender o homem, mas Vaelin fez sinal para ele recuar.

— Como se chama, senhor? — perguntou ao jovem, entrando no círculo e tirando o manto.

— Davern, meu senhor — respondeu o homem com uma mesura.

— Construtor de barcos? — Vaelin entregou o manto a Dahrena e abaixou-se para recolher a espada de madeira caída no chão. — Não se consegue habilidades como as suas manuseando uma enxó.

— Todos os homens devem ter interesses além do seu trabalho, o senhor não acha?

— De fato, acho. — Vaelin colocou-se diante dele, olhando-o nos olhos. Davern escondia bem, mas Vaelin viu o ódio profundo que o consumia.

Quando Davern piscou, Vaelin ergueu a vara, fingiu golpear a cabeça do jovem, evitou a apara e passou debaixo de sua guarda, desferindo uma única estocada no meio do peito do homem. Davern cambaleou para trás, balançando os braços enquanto tentava manter o equilíbrio, e desabou no chão, para alegria da multidão. Ouviu-se o tilintar das moedas entre as gargalhadas, conforme os homens pagavam as apostas.

— Não olhe nos olhos de um homem — disse Vaelin a Davern, estendendo-lhe a mão. — A primeira lição que meu mestre me ensinou.

Davern ignorou a mão e levantou-se. Todos os sinais de jovialidade haviam desaparecido de seu rosto.

— De novo. Talvez eu lhe ensine uma lição.

— Acho que não. — Vaelin jogou a vara para o guarda que se aproximara. — Dê a esse homem o cargo de sargento. Coloque-o para ensinar seus irmãos a usarem a espada.

— A oferta se mantém de pé, meu senhor! — gritou Davern às suas costas quando Vaelin pegou o manto com Dahrena e seguiu em frente.

— Tenha cuidado com aquele homem — advertiu ela. — Creio que ele pretende lhe fazer mal.

— Não sem motivo — retorquiu Vaelin em um murmúrio.

Vaelin encontrou Alornis ao lado de sua tenda ao retornar da ronda diária. Havia optado por viver entre os homens, armando uma tenda nos limites do acampamento. O pincel de sua irmã estava ocupado na tela sobre o cavelete. Ela mesma o construía com ferramentas emprestadas pelo carpinteiro da torre; era um instrumento engenhoso, de três pernas com dobradiças, que podia ser facilmente dobrado em um único bloco com menos de um metro de comprimento. Alornis tornara-se parte do acampamento, sempre com o saco de pincéis sobre o ombro e o cavelete debaixo do braço, parando para pintar quando algo atraía sua atenção. A pintura mais recente mostrava o acampamento inteiro, cada tenda e cercado, retratado com uma precisão que Vaelin ainda achava inquietante.

— Como você faz isso? — perguntou ele, olhando por sobre o ombro da irmã.

— Da mesma forma que você faz o que faz. — Quando ele se sentou em um banco próximo, Alornis virou-se, mergulhando um pano em algum tipo de solução alcoólica e limpando o pincel. — Quando marchamos?

Marchamos? Vaelin ergueu as sobrancelhas para ela, mas preferiu ignorar a pergunta. Já haviam discutido o suficiente sobre aquilo.

— Dentro de outra semana. Talvez mais.

— Passaremos pela floresta até o Reino. Imagino que você tenha um plano.

— Sim. Pretendo derrotar os volarianos e voltar para casa.

— Casa? É como você se sente sobre este lugar?

— Você não? — Ele olhou para a cidade e a torre que se erguia ao longe, delineada pelo escuro mar setentrional. — Tenho pensado assim desde que chegamos aqui.

— Também gosto daqui — respondeu Alornis. — Não esperava achar o lugar tão interessante, com tantas cores, mas não é o meu lar. Meu lar é uma casa em Varinshold. E, se a Senhora Dahrena estiver certa, o mais provável é que agora seja apenas uma casca queimada. — Ela desviou o olhar por um momento, apertando os olhos para segurar as lágrimas que denunciavam seu medo. Quanto tornou a falar, seu olhar estava determinado, e ela repetiu as palavras que dissera várias vezes no decorrer dos últimos dias. — Não serei deixada para trás. Pode me amarrar ou pode me trancar em uma masmorra. Encontrarei um jeito de seguir vocês.

— Por quê? — perguntou ele. — O que acha que encontrará em Varinshold além de perigo, morte e sofrimento? Será guerra, Alornis. Seus olhos podem encontrar beleza em tudo o que vê, mas não há beleza para ser encontrada na guerra, e prefiro poupá-la de tais cenas.

— Alucius — disse ela. — Mestre Benril... Reva. Eu preciso saber.

Reva... Seus pensamentos haviam se voltado para ela muitas vezes, ouvindo a canção ressoar em cada ocasião; era uma nota que ele conhecia bem, a mesma nota que ouvira na noite em que os assassinos foram em busca da Aspecto Elera, a nota que o impelira pela Martishe em busca de Flecha Negra e pelo Forte Alto em busca de Hentes Mustor, implacável em seu significado. *Encontre-a.* Resistira ao impulso de cantar e de procurá-la, temendo ficar preso

novamente na visão, dessa vez para sempre.

— Assim como eu — disse ele. — Apresente-se ao Irmão Kehlan pela manhã. Tenho certeza de que ele ficará feliz por ter mais ajuda.

Ela sorriu e aproximou-se para beijar-lhe a testa.

— Obrigada, irmão.

Vaelin convocava um conselho de capitães todas as noites, examinando o progresso no treinamento e no recrutamento. Seus números haviam aumentado para mais de doze mil homens em sete dias, embora apenas metade pudesse ser considerada como soldados.

— Teremos de treinar durante a marcha — disse Vaelin quando Adal pediu um adiamento de um mês. — Cada dia passado aqui custa vidas no Reino. O Irmão Hollun informou que o suprimento completo de armas e vestimentas estará pronto em apenas mais cinco dias. Parece que um mercador mantinha um armazém cheio de alabardas e cotas de malha como um investimento especulativo. Assim que cada homem estiver armado e protegido por uma armadura, marcharemos.

Ele o dispensou pouco depois, mas Dahrena já aguardava com um maço de documentos nos braços.

— Petições? — perguntou Vaelin.

Ela deu um sorriso franco, como se pedisse desculpas.

— Chegaram mais todos os dias.

— Deixarei de bom grado ao seu julgamento, se puder separar aquelas que precisam de minha assinatura.

— Estas *são* as que precisam de sua assinatura.

Vaelin gemeu quando ela colocou o maço de pergaminhos na mesa do mapa.

— Seu pai realmente fazia tudo isso sozinho?

— Ele lia cada petição. Quando seus olhos começaram a falhar, ele me fazia lê-las em voz alta. — Ela passou os dedos pelos documentos. — Eu... poderia fazer o mesmo para o senhor.

Vaelin suspirou e a encarou.

— Eu não sei ler, minha senhora, como suponho que tenha deduzido no nosso primeiro encontro.

— Não quero criticar. Apenas ajudar.

Ele estendeu a mão e pegou o primeiro rolo de pergaminho, desenrolando-o e vendo apenas uma confusão de símbolos na página.

— Minha mãe tentou me ensinar, mas sempre fui uma criança tão agitada, incapaz de ficar sentada em uma cadeira por mais do que alguns momentos, e mesmo assim apenas se fosse para comer. Quando ela me forçava a tentar, eu simplesmente não conseguia compreender as letras. O que ela via como poesia ou história eram apenas rabiscos sem sentido para mim, e as letras pareciam saltar de um lado para o outro na página. Ela continuou tentando durante algum tempo, até que por fim aprendi a escrever meu nome. Então, a doença a levou, e

depois veio a Ordem. Há pouca necessidade de letras na Ordem.

— Li sobre outras pessoas que têm dificuldades similares — disse Dahrena. — Creio que pode ser superada com certo esforço. Eu ficaria feliz em ajudar.

Vaelin ficou tentado a recusar, afinal tinha tão pouco tempo para lições, mas a sinceridade na voz dela o fez pensar. *Ganhei a estima dela, compreendeu. O que ela vê em mim? Um eco de seu pai? De seu falecido esposo seordah? Mas ela não vê tudo.* Seu olhar foi atraído para o embrulho de lona guardado no canto da tenda, ainda enrolado apesar de todas as novidades angustiantes. Ele se sentia relutante a cada vez que os seus dedos tocavam a corda. *Ela ainda não me viu matar.*

— Talvez por uma hora a cada noite — disse ele. — A senhora poderia me ensinar. Seria uma distração bem-vinda após a marcha do dia.

Dahrena sorriu e assentiu, tirando o rolo de pergaminho de suas mãos.

— “A Honorável Guilda de Artesãos” — começou ela — “toma a liberdade de informar o Senhor da Torre sobre os preços escandalosos que estão sendo cobrados por arrendatários na margem ocidental para manter o suprimento de lâ...”

Um acampamento à noite era sempre o mesmo, independentemente do exército ou da guerra. Fosse em um deserto, em uma floresta ou em encostas de montanhas, as cenas, os cheiros e os sons jamais mudavam. Ouvia-se música em meio à cidade de lona, pois todo exército tem sua cota de músicos, e vozes erguiam-se em risos ou com raiva à medida que os homens se reuniam para jogar. Aqui e ali, grupos mais calmos de amigos íntimos juntavam-se para falar de casa e dos entes queridos de que tinham saudades. Vaelin sentia certo consolo na familiaridade de tudo aquilo, certa segurança. *Eles se tornaram um exército, concluiu ele, caminhando sozinho ao longo dos limites do acampamento, para além do brilho das inúmeras fogueiras. Lutarão como um?*

Parou algum tempo depois, virando-se para observar uma silhueta irregular de uma árvore a pouca distância dali. *É habilidoso com uma lâmina, mas seus passos não são muito leves,* pensou ele quando a nota de aviso da canção do sangue começou a aumentar.

— Quer conversar comigo, Mestre Davern? — gritou ele para as sombras.

Houve uma pausa seguida por um xingamento abafado. Um momento depois, Davern, o construtor de barcos, surgiu no meio da escuridão. Tinha a espada embainhada ao seu lado, segurando o punho com firmeza. Vaelin podia ver um leve brilho de suor no lábio superior do homem, mas sua voz soou controlada.

— Vejo que continua a andar desarmado, meu senhor.

Vaelin ignorou o comentário.

— Você ensaiou isso?

O rosto de Davern sofreu um abalo visível.

— Não compreendo...

— Você pretende me dizer que seu pai era um homem bom. E que quando o matei destruí a vida de sua mãe. Aliás, como ela está?

A boca de Davern crispou-se quando ele lutou para controlar um rosnado. O momento prolongou-se, e Vaelin sentiu o desejo do homem de abandonar aquela encenação.

— Ela teve ódio por você até o dia de sua morte — disse o homem por fim. — Atirou-se no mar quando eu tinha doze anos.

A lembrança retornou em uma torrente de sensações indesejadas. *A chuva forte e gelada, a areia manchada de sangue, o sussurro de um moribundo: "Minha esposa..."*

— Eu não sabia — disse ele a Davern. — Sinto muito...

— Não vim atrás de suas desculpas! — O jovem deu um passo adiante, arreganhando os dentes.

— Então veio atrás de quê? — perguntou Vaelin. — Do meu sangue para lavar sua dor? Reconstruir as vidas despedaçadas? Você realmente acha que é o que conseguirá aqui, e não apenas a força?

— Eu vim atrás de justiça... — Davern avançou mais, levando a mão livre à bainha, pronto para sacar a espada e detendo-se quando Vaelin deu uma risada.

— Justiça? Certa vez, fui até um velho manipulador para que ele me concedesse justiça. Ele concedeu, e tudo o que tive de lhe dar foi minha alma. Tudo isso eu fiz por você e por sua mãe. Erlin não lhe contou?

— Minha mãe disse que ele mentia. — Havia uma leve nota de incerteza no tom de Davern, mas o rosnado permaneceu ali, enquanto a nota de aviso ficava mais alta. *Um ódio alimentado durante uma vida inteira não pode ser desfeito com algumas palavras.*

— Erlin tentou aplacar a raiva dela com mentiras — prosseguiu Davern. — Desviar-me de minha causa, e minha causa é justa.

— Então é melhor você me matar agora e acabar com isso. — Vaelin estendeu as mãos. — Já que sua causa é justa.

— Onde está sua espada? — perguntou Davern. — Pegue sua espada e vamos resolver isso.

— Minha espada não é para gente como você.

— Maldito! Pegue sua esp...

Ouviu-se um leve estalo vindo das árvores, não mais alto do que um graveto se partindo.

Vaelin atirou-se sobre Davern, agarrando-o pela cintura; a espada soltou-se parcialmente da bainha quando caíram no chão. O ar tremeu a uns trinta centímetros acima de suas cabeças.

Davern debateu-se, chutando enquanto Vaelin rolava para longe. Mais estalos vindos das árvores.

— Role para a direita! — gritou ele ao jovem, movendo-se para a esquerda enquanto pelo menos dez flechas se cravavam na terra ao redor.

— O quê? — gritou Davern, confuso, levantando-se aos tropeços.

— Abaixo-se! — ordenou Vaelin com um sussurro feroz. — Estamos sendo

atacados.

Após outro estalo, Davern jogou-se no chão; a flecha formou um risco negro contra o céu escuro.

Não é ele, compreendeu Vaelin, com os olhos fixos no vazio infinito das árvores. *O aviso da canção não era para ele.*

— Corra para o acampamento — disse Vaelin a Davern, tirando o manto. — Avise aos outros.

— Eu... — Davern olhou freneticamente ao redor, ainda deitado no chão. — Quem?

— Arqueiros, ao que tudo indica. — Vaelin jogou o manto para o alto, vendo-o dançar ao ser trespassado pelas flechas. — Corra para o acampamento!

Vaelin levantou-se com um pulo e correu para as árvores, contando até três e atirando-se no chão quando outra sarraivada passou sibilando sobre ele. Levantou-se e correu de novo, ziguezagueando até avistar o primeiro atacante, uma figura encapuzada no capim longo a menos de três metros de distância, com a corda do arco parcialmente retesada. Vaelin disparou na direção dele, jogou-se no chão e rolou; a flecha errou o alvo por centímetros. De pé, desferiu um golpe com a mão aberta no queixo do arqueiro, derrubando-se no mesmo instante. Outro homem atacou pela esquerda, trocando o arco por uma faca de lâmina longa. Vaelin pegou o arco do homem caído e girou-o em movimento amplo, fazendo a vara chocar-se com a cabeça do atacante que se aproximava. O homem cambaleou para trás, desferindo golpes furiosos. Vaelin permaneceu imóvel por um segundo e então mergulhou para o lado quando uma flecha zuniu e cravou-se no peito do homem cambaleante.

Outro arqueiro ergueu-se diante dele quando correu para a direita, com o arco completamente retesado. *Três metros*, calculou Vaelin. *Longe e perto demais*. Uma sombra surgiu atrás do arqueiro, abatendo-o com um único golpe após um lampejo prateado de metal. Davern deu as costas ao cadáver quando uma figura encapuzada correu em sua direção, brandindo um machado com lâmina em forma de crescente. Davern abaixou-se para desviar do golpe e desferir outro contra o flanco do homem, mas ele claramente não era um amador, bloqueando a lâmina com a haste do machado e atingindo o jovem com uma bofetada que o derrubou.

Longe demais, pensou Vaelin novamente, correndo em direção à figura encapuzada no momento em que ela erguia o machado para o golpe fatal.

Algo inumano rugiu na escuridão e uma grande sombra atravessou o caminho de Vaelin como um raio, levando o homem com o machado. Ouviu-se o som de cascos batendo no solo antes que um cavaleiro surgisse das sombras, girando o cajado longo depois de jogar no chão uma figura encapuzada. Mais rugidos, gritos de terror e o som de pés correndo... Então, gritos misericordiosamente curtos, cinco, um depois do outro.

— Irmão — disse Nortah, parando o cavalo ao lado de Vaelin, com os olhos arregalados de preocupação e os cabelos louros esvoaçando ao vento. — Lohren teve um sonho.

Na manhã seguinte, quando Vaelin chegou, Davern estava saindo da tenda do curandeiro com o nariz coberto por uma grande bandagem e um hematoma colorindo a carne ao redor.

— Quebrado, então? — perguntou Vaelin.

Davern lançou-lhe um olhar furioso e não respondeu.

— Preciso lhe agradecer — continuou Vaelin. — Ou você só me salvou para me matar mais tarde?

— *Iss nam muta bada* — disse Davern.

— Perdão?

Davern corou, passou a língua pelos lábios e tentou novamente, com lenta determinação.

— *Iss não muda nada.*

— Ah... — Vaelin assentiu e passou por ele. — Bom saber. Você tem homens para treinar, Sargento.

Dentro da tenda, Vaelin encontrou Alornis, aplicando um cataplasma no rosto de um homem corpulento com uma cabeleira negra e um hematoma no maxilar que fazia o machucado de Davern parecer insignificante. Ele estava sentado em um banco, flanqueado pelo Capitão Adal e por um guarda, com punhos e tornozelos presos em grilhões. As correntes tilintaram quando ele se contorceu na direção de Vaelin, com o rosto tomado pelo ódio e saliva saindo de sua boca ao tentar dar voz às ameaças. Alornis deu um passo para trás, retraindo-se diante da exibição de fúria.

— O maxilar dele está quebrado — disse o Irmão Kehlan, que triturava ervas em um almofariz do outro lado da tenda. — Quem diria que o professor teria um braço tão forte?

— Eu. — Vaelin foi até Alornis e tocou-lhe o braço para tranquilizá-la. — Está assustando minha irmã, senhor — disse ele ao homem acorrentado.

O homem grunhiu algo para ele, cuspidando mais, acertando um perdigoto no rosto de Vaelin.

— Silêncio! — berrou Adal, dando uma bofetada na nuca do homem.

— Basta! — exclamou Kehlan. — Não haverá tortura nessa tenda.

— Tortura, irmão? — zombou Adal, abaixando-se para sussurrar no ouvido do homem. — Acho que vou esperar que ele se recupere. Não quero que morra rápido demais.

— Prenda-o no mastro principal e deixe-o — disse Vaelin. Adal assentiu, relutante, amarrando o homem ao mastro e partiu com seu companheiro.

— Você também, irmão — disse Vaelin a Kehlan.

— Eu não quero tortura — insistiu o velho irmão.

— Venha, irmão. — Alornis foi até ele e puxou-o na direção da saída da tenda. — Sua Senhoria está acima dessas coisas. — Ela ergueu uma sobrancelha questionadora para Vaelin. Ele assentiu com a cabeça, e Alornis deu um sorriso antes de sair.

— Você foi o único sobrevivente — disse Vaelin ao homem acorrentado,

colocando um banco diante dele e sentando-se. — O sujeito que atingi também teria sobrevivido, mas a gata guerreira do meu irmão nem sempre é contida com facilidade.

O homem apenas manteve o olhar maligno. *Algum medo, mas muito mais ódio*, concluiu Vaelin pela canção.

— Dez cumbraelinos chegaram em um navio três semanas atrás — disse ele. — Caçadores por profissão, o que explica os arcos. Vieram para os Confinos em busca de ursos. As peles e as garras valem muito e estão cada vez mais escassas no Reino. Era uma boa história.

O mesmo medo, o mesmo ódio, um pouco de divertimento.

— Ouro ou deus? — prosseguiu Vaelin.

Mais medo misturado com incerteza. O homem franziu o rosto e suas emoções confundiram-se por um segundo, optando por manter uma sensação de desprezo.

— Deus, então — concluiu Vaelin. — Servos do Pai do Mundo que vieram para o norte pela glória de matar o Lâmina Negra.

A confusão aumentou, o medo cresceu... E havia algo mais, um eco... Não, um odor, leve, mas pungente, fétido e familiar, enterrado no fundo da memória desse homem, tão fundo que ele sequer sabia que estava lá.

— Onde ele está? — perguntou Vaelin, chegando mais perto e olhando o arqueiro nos olhos. — Onde está o bastardo da bruxa?

Perplexidade e desprezo. Ele acha que sou louco, mas há também... desconiança, uma lembrança indesejável.

— Um homem que não é um homem — prosseguiu Vaelin em voz baixa. — Algo que usa outros homens como máscaras. Posso sentir o cheiro em você.

Uma pontada de medo mesclada com reconhecimento.

— Você o conhece. Você o viu. Onde ele está? Um arqueiro como você?

Apenas medo.

— Um soldado?

Apenas medo.

— Um sacerdote?

Terror, aumentando como óleo derramando sobre uma chama... Um sacerdote, então... Não, nenhuma nota de reconhecimento. Não é um sacerdote, mas ele conhece um sacerdote, presta contas a um sacerdote.

— Seu sacerdote o enviou para cá. Você devia saber que ele o estava enviando para morrer. Você e seus irmãos.

Raiva e aceitação. Eles sabiam.

Vaelin suspirou e levantou-se.

— Não tenho muita familiaridade com os Dez Livros, como você pode imaginar, mas tenho uma amiga que poderia recitá-los em detalhes. Vamos ver se entendi bem. — Ele fechou os olhos, tentando lembrar-se de uma das muitas citações de Reva. — “Não pode haver tolerância das Trevas entre os amados. Um homem não pode conhecer o Pai e conhecer as Trevas. Ao conhecer as Trevas, ele abre mão de sua alma.”

Vaelin olhou para o homem amarrado, sentindo exatamente o que esperara sentir. *Vergonha.*

— Você olhou nos olhos dele e viu um estranho — disse ele. — O que ele era antes?

O homem desviou o olhar; seus olhos estavam turvos, mas suas emoções eram mais controladas agora. *Vergonha e aceitação*. Ele grunhiu, balançando a cabeça ao forçar o som pela boca mutilada, projetando saliva enquanto repetia a mesma palavra distorcida, irreconhecível a princípio, mas que adquiriu significado com a repetição.

— Lorde.

— Coloque-o em uma barcaça para os povoados na costa norte — disse Vaelin a Adal. — Ele deve ser levado para dentro da floresta, a uma boa distância, e libertado com seu arco e uma aljava de flechas.

— Por quê? — perguntou Adal, perplexo.

Vaelin partiu na direção de sua tenda.

— Ele é um caçador. Talvez encontre um urso.

Nortah estava esperando com Dança da Neve e Alornis quando ele chegou à tenda. A grande gata ronronava alto, satisfeita, enquanto ela passava a mão sobre o pelo espesso na barriga do animal.

— Ela é tão linda.

— Sim — concordou Nortah. — Uma pena que não haja mais machos para que ela pudesse ter bebês lindos.

— Deve haver em algum lugar — disse Alornis. — A raça dela deve ser sido criada a partir de um ancestral selvagem.

— Nesse caso, estarão muito longe, do outro lado do gelo — disse Vaelin, aceitando o copo d'água que Nortah lhe passou.

— Ele lhe contou alguma coisa? — perguntou o irmão.

— Mais do que ele queria, mas menos do que eu gostaria. — Ele olhou para a bolsa que Nortah havia trazido, notando a espada encostada nela.

— Presente da Senhora Dahrena — explicou Nortah. — Um presente que pedi. Um homem precisa ter uma arma se vai cavalgar para a guerra.

— A guerra não é mais da sua alçada, irmão. Não enviei recrutador até Ponta de Nehrin por uma razão. Seu lugar é com sua família.

— Minha esposa acredita que nossa família só estará segura se nós auxiliarmos sua causa.

— Nós?

— Venha. — Nortah deu um tapa leve em seu ombro. — Há algumas pessoas que eu gostaria que você conhecesse.

Ele levou Vaelin até quatro pessoas que esperavam nos arredores do acampamento, uma das quais Vaelin já conhecia. Artesão estava parado, olhando para o chão; sua expressão geralmente plácida e afável havia sido substituída por um semblante de profundo descontentamento, contorcendo as mãos constantemente ao lado do corpo.

— Por que você o trouxe? — perguntou Vaelin a Nortah. — Ele não foi feito para isso...

— Eu não o trouxe. Ele simplesmente veio, ignorando todos os pedidos para que voltasse para casa. Ele gostaria de um pouco de linho ou barbante. Qualquer coisa que ele possa trançar, na verdade.

— Irei providenciar.

— Essa é Cara — disse Nortah, apresentando a garota esbelta que estava ao lado de Artesão. Ela tinha talvez dezesseis anos e olhos escuros arregalados, despertando a lembrança de uma garotinha espiando por detrás do manto do pai na Cidade Caída.

— Meu senhor — disse a garota em voz baixa, sem deixar de olhar para todos os lados do acampamento. Apesar da timidez, a saudação da canção do sangue foi forte. *Qualquer que seja seu dom, ela tem poder*, concluiu Vaelin.

— E Lorkan. — Houve uma nota de relutância na voz de Nortah quando indicou o jovem parado ali perto. Era alguns anos mais velho que a garota e também magro, mas não possuía a reticência dela.

— Uma honra considerável, meu senhor! — Ele cumprimentou Vaelin com uma longa mesura e um sorriso radiante. — Jamais pensei que alguém tão humilde quanto eu poderia vir a se considerar um companheiro do grande Vaelin Al Sorna. Ah, minha querida mãe choraria de orgulho...

— Está bem — disse Nortah, interrompendo-o. — Fala demais, mas ele tem suas serventias.

O último membro do grupo era o mais imponente, um homem grande semelhante a um urso, com uma barba farta e uma cabeleira grisalha.

— Marken, meu senhor — apresentou-se o homenzarrão com um sotaque nilsaelino.

— Ele pode ajudar — disse Nortah. — Com essa falta de informações.

Os corpos foram colocados em uma tenda na beira do acampamento; os poucos objetos de valor que possuíam foram entregues como pagamento aos soldados que ficaram com o trabalho pouco agradável de enterrá-los de acordo com os costumes cumbraelinos. Marken andou até o corpo que encontrava-se mais perto, um homem corpulento, como os arqueiros costumam ser, cuja última careta de terror fora congelada e desfigurada por uma gata guerreira que arrancou parte de seu rosto com as garras. Marken pareceu não se incomodar com a cena macabra, agachando-se e tocando a testa do cadáver com a palma da mão. Ele fechou os olhos por um segundo e então sacudiu a cabeça.

— Tudo confuso. Já estava meio louco muito antes do ataque de Dança da Neve.

Seguiu em frente, tocando cada cadáver e parando no quarto homem, que, julgando pelas rugas no rosto, era o mais velho do grupo.

— Melhor — disse ele. — Tudo um pouco vermelho e anuviado, mas é são, de certa forma. — Ergueu os olhos para Vaelin. — Meu senhor tem algum interesse em particular? Tornará as coisas mais fáceis.

— Um sacerdote — disse Vaelin. — E um lorde.

Marken assentiu, colocou as duas mãos na cabeça do morto e fechou os

olhos. Permaneceu nessa mesma posição por algum tempo, imóvel e respirando devagar, com o rosto plácido sob a barba. Vaelin se perguntou se ele ainda estaria presente no próprio corpo ou se, como Dahrena, era capaz de voar para além de si mesmo, com a diferença de que mergulhava na mente de um cadáver em vez de pairar sobre a terra.

Por fim, o homenzarão abriu os olhos com um gemido de dor, afastando-se do cadáver, com acusação no olhar que lançou a Vaelin.

— Meu senhor poderia ter me avisado sobre a natureza da coisa que procurava.

— Minhas desculpas — retorquiu Vaelin. — Isso significa que você a encontrou?

— O cabelo é um pouco mais espesso nas laterais da cabeça — disse Marken a Alornis, apontando para o esboço dela. — E a boca não é tão larga.

Alornis acrescentou alguns traços fluidos à imagem com o lápis de carvão e molhou o dedo para borrar algumas linhas.

— Assim?

— Sim. — A barba de Marken abriu-se, revelando dentes brancos. — Minha senhora é mais dotada que todos nós.

— É ele? — perguntou Vaelin quando Alornis lhe entregou o esboço de um homem de rosto largo e barbado, calvo e com olhos estreitos. Ele se perguntou se Alornis cedera à preferência de Mestre Benril por licenças artísticas ao acrescentar uma curva cruel à boca.

— É o mais próximo que uma lembrança permite, meu senhor — disse Marken. — Essa é a máscara da coisa, sem dúvida.

— Você a sentiu? Quando a viu na memória do morto?

— Eu a vi por trás da máscara. Sempre vemos mais do que imaginamos, mas essas imagens perduram. — Ele bateu com um dedo grosso na lateral da cabeça. — Especialmente quando vemos algo que não compreendemos.

— Você tem um nome para esse rosto?

A barba de Marken eriçou-se quando uma expressão de desculpas surgiu em seu rosto.

— Meu dom é limitado ao que eles veem, meu senhor. O que escutam está fora do meu alcance.

Vaelin colocou o esboço ao lado de outro que Alornis já havia completado, que exibia um homem mais jovem e belo, embora sua irmã achasse que o nariz e o queixo estivessem um pouco afilados demais.

— E esse é o sacerdote?

— Não posso dizer com certeza, mas é a ele que o morto e os outros tratavam com deferência. Sua lembrança mais vívida, além do ataque de Dança da Neve sobre ele, era ouvir esse homem falando. Estavam em uma doca em algum lugar, prestes a embarcar em um navio.

Vaelin olhou para os dois esboços por um longo tempo, esperando uma nota da canção, mas não ouviu nada.

— Devo levar mestre Marken até a tenda das refeições? — perguntou Alornis, quebrando sua concentração.

— Sim, é claro. — Vaelin deu um sorriso de gratidão a Marken. — Obrigado, senhor.

— Estamos aqui para ajudar, meu senhor. — O homenzarrão levantou-se com um gemido, esfregando as costas. — Mas eu preferia que essa guerra tivesse vindo alguns anos atrás.

Vaelin encontrou Nortah perto dos alvos que haviam sido alinhados ao longo da margem do rio. Ele havia trazido seu próprio arco, uma arma eorhil similar aos antigos arcos que usavam na Ordem. Parecia que sua habilidade havia aumentado desde que serviram juntos; as flechas voavam na direção do alvo com velocidade e precisão infalíveis, e os outros arqueiros pararam para assistir ao espetáculo.

— Você atraiu um público — observou Vaelin.

Nortah olhou para os espectadores e disparou sua última flecha no meio do alvo.

— Um público não muito grande. Você não tem muitos arqueiros nesse pequeno exército.

— A maioria são caçadores e alguns são Guardas do Reino veteranos vindos dos povoados — concordou Vaelin. — O que acha de ser capitão deles? Talvez escolher algumas mãos extras entre os recrutas.

— Como meu senhor ordenar.

— Não ordeno nada a você, irmão. Na verdade, estou muito tentado a mandá-lo para casa.

A expressão de Nortah tornou-se sombria. Ele virou o arco de cabeça para baixo e apoiou as mãos na ponta.

— Não foi só Lohren que teve um sonho, irmão. Ela apenas sonhou com você enfrentando muitos homens com arcos. Ela achou tão empolgante... Sella... Sella sonhou com nossa morte. Eu, Lohren, Artis e os gêmeos que ainda não nasceram. Todos nós capturados, torturados e mortos diante dos olhos dela enquanto Ponta de Nehrin queimava. Se você tivesse ouvido os gritos dela, saberia por que ela me enviou e por que eu vim, embora nada do que estamos prestes a fazer me agrade.

— Você consegue... — Vaelin hesitou. — Acha que ainda será capaz de matar?

Nortah ergueu uma sobrancelha e, por um instante, o professor barbado desapareceu, substituído pelo jovem mordaz com a língua afiada.

— Você será? *Eu* tenho uma espada nova e brilhante. A sua espada parece estar embrulhada e escondida do mundo.

Talvez eu tema libertar algo pior do que um exército invasor. Vaelin não disse o que estava pensando e mudou de assunto.

— Esses seus companheiros... Conheço o poder de Artesão e vi o que Marken pode fazer. E quanto aos outros dois?

— Cara pode invocar as chuvas, mas é melhor pensar muito bem antes de pedir que ela faça isso. O efeito é... dramático, mas as consequências são imprevisíveis.

— E o garoto?

— Lorkan não pode ser visto.

Vaelin franziu o rosto.

— Eu posso vê-lo.

Nortah apenas sorriu.

— É... difícil de explicar. Sem dúvida haverá muitas oportunidades para uma demonstração.

— Sem dúvida. — Vaelin estendeu o braço e apertou a mão do irmão, sentindo o aperto forte e caloroso. — Fico feliz por você estar aqui, irmão. Não demore para escolher seus homens. Amanhã marcharemos para o Reino.

CAPÍTULO TRÊS

Lyrna

Água... Caindo... Sons lentos e regulares causando eco.

Estou em uma caverna? Posteriormente, ela se lembraria que esse fora seu primeiro pensamento coerente como Rainha do Reino Unificado. O segundo pensamento fora o fato de que agora era rainha. O terceiro seria um pranto silencioso de desespero diante da agonia gravada em sua mente, trazendo à tona o horror e fazendo-a se debater e gritar... *As chamas brotando das mãos da volariana, Malcius, Ordella, Janus, a pequena Dirna, o fedor da pele e do cabelo dela queimados...* Ela engasgou quando o grito foi silenciado. Havia algo em sua boca, algo duro e firme preso entre seus dentes. Ela tentou arrancá-lo, mas suas mãos não lhe obedeciam, presas de alguma forma. Ocorreu-lhe que devia abrir os olhos.

Escuridão rompida por um tênue raio de luz e formas nebulosas amontoadas em catacumbas. Uma caverna, afinal. *Mas por que está balançando assim? E por que há correntes penduradas no teto?*

Um movimento convulsivo atraíu seu olhar, assim como o som de alguém com ânsias chegando-lhe aos ouvidos junto com o jorro de vômito. O silêncio retornou, exceto por um choramingo baixo, um tilintar ocasional de elos de metal e rangidos de madeira.

Não era uma caverna. Era um navio.

— Então, a gritadora acordou — murmurou uma voz irritada nas sombras à sua esquerda.

Ela olhou para as sombras, procurando um rosto, e viu apenas a silhueta tênue de uma cabeça raspada, atarracada e reluzindo à luz que vinha de cima. Houve um grunhido quando a cabeça atarracada inclinou-se.

— Não parece tão louca agora. Uma pena. Logo vai desejar que estivesse.

Lyrna tentou falar, mas as palavras ficaram presas por o que quer que cobrisse sua boca, mantida no lugar por tiras de couro em volta da cabeça. Olhou para as mãos e viu um leve brilho de metal velho nos pulsos. Deu um puxão, mas as correntes se retesaram e os grilhões lhe esfolaram a pele.

— O capataz achou você um estorvo — disse a voz — Queria jogá-la no

mar. O mestre não permitiu. Meu volariano não é bom, mas acho que ele disse algo sobre raça de procriação.

Lyrna não notou malícia na voz; era apenas uma observação indiferente. Ela contorceu o rosto quando a dor voltou e fechou os olhos quando as lágrimas começaram a escorrer, sentindo a agonia das queimaduras percorrerem em ondas seu couro cabeludo e seu rosto. *A pele e o cabelo dela queimando...*

Entregou-se aos soluços que a sacudiam, caiu sobre as tábuas úmidas e estremeceu, sofrendo e sentindo a saliva escorrer em volta da mordança. Podiam ter se passado horas, ou mesmo dias, até ser dominada pela exaustão. Sempre foi grata por não ter encontrado sonhos à espreita no vazio que a engoliu.

Ela acordou com um sobressalto quando alguém a puxou pela mordança, forçando seu pescoço ao arrastá-la e colocá-la de joelhos, erguendo os olhos para um homem muito grande em um colete de couro preto. Ele se inclinou para perto e olhou-a nos olhos, avaliando-a. O homem grunhiu, satisfeito, e levou as mãos para trás da cabeça dela, desamarrando as tiras e removendo a mordança. Lyrna tossiu, com ânsias de vômito e arfando, mas foi silenciada quando o homem envolveu seu rosto com a mão, fazendo-a olhar em seus olhos.

— Não... gritar — disse ele com dificuldade na língua do Reino. — Você. Não mais gritar. Ou... — Ele ergueu algo longo e enrolado na outra mão, com um punho de ferro. — Entender?

Lyrna conseguiu mover minimamente a cabeça para assentir.

O homem grunhiu e largou-a, chapinhando as botas na água salgada ao se afastar. Parou para cutucar com o punho do chicote uma forma encolhida e soltou um xingamento cansado, agachando-se para abrir os grillhões com a chave que levava pendurada no pescoço e berrando algo por sobre o ombro. Dois homens, não tão grandes, saíram das sombras para erguer a forma entre eles, carregando-a na direção dos degraus acima da cabeça de Lyrna, a única parte do portão completamente banhada pela luz que vinha do convés. Lyrna teve o vislumbre de um rosto pelos vãos dos degraus enquanto subiam com o corpo; era uma mulher com feições flácidas e pálidas na morte, mas Lyrna teve a sensação de que ela fora bonita.

O homem que Lyrna intuía ser o capataz encontrou mais dois corpos entre as várias formas encolhidas, que também foram arrastados para cima, presumivelmente para serem lançados ao mar. Ela não sabia dizer quantos outros estavam presos ali, pois os recantos mais distantes do porão estavam envoltos em sombras, mas contou mais de vinte pessoas à vista. *Um espaço de dez metros, ocupado por vinte pessoas. Um típico navio de escravos volariano tem setenta e cinco metros de comprimento. Deve ter umas cento e cinquenta pessoas nesse porão.*

Ouviu-se o som de chaves na penumbra, seguido por um soluço assustado. O capataz reapareceu, puxando uma figura cambaleante às suas costas, uma garota esbelta e jovem, com cabelos negros cobrindo-lhe o rosto, cujo choro era audível ao ser levada para cima.

— É a terceira vez para ela — disse a sombra ao seu lado. — Esse navio não é um bom lugar para alguém bonito. Sorte a nossa, hein?

Lyrna tentou falar, mas as palavras grudaram em sua garganta ressecada. Ela tossiu, acumulou na boca a umidade que pôde e tentou outra vez.

— Quanto tempo? — perguntou ela com a voz rouca. — Desde Varinshold.

— Quatro dias, pelas minhas contas — respondeu a voz — O que nos coloca a talvez trezentos e vinte quilômetros no Boraelino.

— Você tem um nome?

— Já tive. Nomes não importam aqui, minha senhora. Você é uma senhora, não é? Esse vestido e essa voz não vêm das ruas.

Ruas. Ela havia corrido pelas ruas, gritando, sentindo a dor dissipar qualquer razão ao fugir do palácio onde tudo era chamas e morte, correndo e correndo...

— Meu pai foi um m-mercador — disse ela, com um tremor em cada palavra pronunciada. — Meu marido também, mas eles esperavam subir de posição um dia, pelas boas graças do Rei.

— Duvido que alguém suba de posição agora. O Reino caiu.

— O Reino inteiro? Em apenas quatro dias?

— O Rei e as Ordens são o Reino. E agora se foram. Vi a Casa da Quinta Ordem em chamas quando fui levado para as docas. Tudo se foi.

Tudo se foi. Malcius, as crianças... Davoka.

Seu olhar foi atraído para cima ao ouvir alguém descendo os degraus. Um dos criados não tão grandes do capataz levou um jovem magro para o porão, prendendo-o em um conjunto de algemas a alguns metros de Lyrna.

— Outro rosto bonito e popular — murmurou o homem de cabeça raspada.

— A necessidade é a mãe da resignação, irmão — retorquiu o jovem em um tom suave que soou desagradável aos ouvidos de Lyrna. Ela tinha de concordar que ele era bonito, com feições delicadas que lhe lembravam Alucius, antes da guerra e da bebida.

— Degenerado imundo — disse o homem.

— Hipócrita. — O jovem sorriu para Lyrna. — Vejo que nossa senhora gritadora recobrou a consciência.

— Não é uma senhora, afinal — retorquiu a voz grave. — Apenas a esposa de um mercador.

— Ah, que pena. Eu adoraria ter uma companhia nobre. Não importa. — O jovem curvou-se para Lyrna. — Fermin Al Oren, senhora. Às suas ordens.

Al Oren. Não era um nome conhecido.

— Sua f-família possui propriedades em Varinshold, meu senhor?

— Infelizmente, não. Meu avô perdeu tudo no jogo, deixando minha pobre mãe viúva e desamparada e obrigando-me a restaurar nossa fortuna através de artimanhas e de charme.

Lyrna assentiu. *Um ladrão, então.* Ela se virou para o homem de cabeça raspada.

— Ele o chamou de irmão.

O rosto sombreado nada disse, mas Fermin respondeu em seu lugar.

— Meu amigo não está mais nas graças dos Finados, senhora. Foi expulso e colocado entre os miseráveis por seu atroz atentado contra a...

O homem saltou para frente, esticando as correntes; a luz entrecortada revelou feições brutas e um nariz deformado.

— Cale a boca, Fermin! — ordenou ele com um rosnado.

— O que você pode fazer? — perguntou o ladrão nobre com uma risada. — Com o que você pode me ameaçar agora, Iltis? Não estamos mais lutando por restos nas galerias.

— Vocês estiveram nas masmorras juntos — compreendeu Lyrna.

— Estivemos sim, senhora — confirmou Fermin, sorrindo para Iltis, que voltara a se encolher na penumbra. — Nossos anfitriões vieram atrás de nós na manhã seguinte à queda da cidade e mataram os guardas que haviam sido tolos o bastante para ficarem e a maioria dos prisioneiros, mas preservaram os fortes e... — Ele piscou para Lyrna. — Os bonitos.

Escrava, pensou Lyrna, agachando-se para olhar para suas correntes. *Sou uma rainha escrava*. O pensamento provocou uma risada baixa e aguda, ameaçando transformar-se em gritos. Lyrna a engoliu e concentrou-se nos ferros, passando os dedos por metade de um aro fundida a uma placa de ferro, presos à viga de carvalho por dois pinos resistentes. Ela não conseguiria soltá-lo. O único modo de soltar os grilhões era roubar a chave do capataz.

— Você tem um nome, senhora? — perguntou Fermin quando ela se recostou em uma das vigas que sustentavam os degraus.

Rainha Lyrna Al Nieren, Filha do Rei Janus, Irmã do Rei Malcius, Governante do Reino Unificado e Guardiã da Fé.

— Nomes não importam aqui — disse ela em um sussurro.

No dia seguinte, o capataz não encontrou mais cadáveres, o que pareceu um sinal para começar a alimentá-los melhor, trocando a papa rala por um mingau grosso com frutas silvestres. *Livraram-se dos fracos*, concluiu Lyrna. *E escravos famintos são inúteis.*

Ela observava com atenção o capataz durante suas visitas, mantendo os olhos na chave pendurada no pescoço do homem, que pendia quando ele se abaixava para examinar seu gado, mas nunca ficava baixa o suficiente para ser agarrada. *Mesmo que eu pudesse pegá-la, ele me dominaria antes que eu pudesse usá-la*. Ela olhou para onde Iltis comia ruidosamente seu mingau, passando os dedos grossos no fundo da tigela para pegar os restos e lambendo-os com prazer. *Quarta Ordem*, concluiu. *Um dos brutos Fervorosos de Tendris. Não é tão fácil dominá-lo.*

Ela abaixou os olhos quando o capataz parou ao seu lado e inclinou-se para soltá-la.

— De pé! — ordenou ele, empurrando-a com o punho do chicote.

Lyrna levantou-se, balançando nas pernas vacilantes, e sentindo os músculos estremecerem com câibras. O capataz a puxou para a luz, segurando seu rosto e virando a cabeça de um lado para o outro, apertando os olhos enquanto a examinava, crispando o lábio com aversão.

— Dano demais — murmurou ele em volariano. — Nem mesmo a

tripulação vai querer foder olhando para esse rosto. — Sem hesitar, ele enfiou a mão por baixo da saia dela, apertando-a com as mãos ásperas e explorando seu corpo. Lyrna segurou o vômito e permaneceu o mais imóvel possível. — Ou talvez sim — ponderou o capataz, erguendo-a e desamarrando-lhe o corpete, explorando os seios dela com as mãos e os olhos.

Não grite, pensou Lyrna, fechando os olhos e rangendo os dentes quando o homem passou o polegar pelo seu mamilo. *Não grite*.

— Também não é burra — disse o capataz, virando mais uma vez para si o rosto de Lyrna. — O que você era? Uma prostituta de um homem rico? Uma filha estimada em uma casa abastada? — Ele procurou sinais de compreensão no rosto dela enquanto falava. Lyrna o encarava com os olhos arregalados, em parte por causa do medo.

O capaz grunhiu, recuou e gesticulou com o chicote.

— Senta!

Lyrna escorregou para as tábuas e ele prendeu os grilhões, deixando-a com a tarefa de arrumar o corpete como desse enquanto subia os degraus com passos firmes. *Davoka teria aberto a barriga dele e rido quando as tripas saltassem para fora. Smolen o teria decapitado em um piscar de olhos. O Irmão Sollis teria...*

ELES NÃO ESTÃO AQUI!

Ela respirou fundo, controlando o tremor das mãos e inclinando-se para amarrar o corpete com cuidado. *Você não tem protetores aqui. Nenhuma criada para ajudá-la. Deve cuidar de si mesma.*

As noites eram os piores momentos, quando os outros prisioneiros eram acometidos por horrores, chamando entes queridos perdidos enquanto dormiam ou implorando para serem soltos. Lyrna dormia pouco, inquieta, acordando com frequência por causa das dores e das lembranças. Naquela noite, fora a volariana novamente, mas, em vez de chamas, brotava água dos seus braços em grandes torrentes que enchiam a sala do trono...

Lyrna agachou-se em sua posição costumeira, esperando o coração se acalmar. Os sonhos eram vívidos, sem dúvida porque ela se forçara repetidas vezes a examinar cada faceta do que testemunhara na sala do trono, percebendo pela primeira vez que sua espantosa memória podia ser tanto uma maldição quanto uma dádiva. Não se poupava de nada, lembrando-se de cada palavra dita pelo Irmão Frentis, de cada nuance de expressão, de cada lambida das chamas.

Ele foi impecável, pensou Lyrna. *Perfeito em todos os sentidos. Não parecia nem um pouco uma encenação. Um homem abalado, nobre e humilde, retornando para casa depois de um épico de sofrimentos. A mulher também era a imagem perfeita da tímida escrava fugida. Tudo desapareceu no momento em que meu irmão morreu. E a fúria dela quando matei Frentis. Não havia encenação ali. Seus pensamentos demoraram-se no rosto da mulher, vendo a tristeza e a fúria quando o sangue começou a escorrer de seus olhos. Inesperado*, concluiu Lyrna. *Frentis não deveria morrer. Não era parte do plano. O que levantava outra pergunta. Para o que mais ela precisava dele? Ou era apenas a fúria de uma mulher que perdera*

o amante? As palavras da Mahlessa lhe vieram à mente, como costumava acontecer quando ela ponderava sobre o mistério de tudo o que havia acontecido. *Jamais houve mais do que três... A irmã dela... É melhor que você jamais a encontre.* Seria possível? Ela havia sobrevivido a um encontro com o terceiro agente malicioso de quem a Mahlessa falara?

Um novo espasmo de dor percorreu seu couro cabeludo, fazendo-a sufocar um grito. Talvez sobreviver não fosse a palavra certa. *Uma montanha de perguntas e nenhuma resposta. Nenhuma evidência. Mas terei minha evidência, não importa quantos anos leve... Não importa quanto sangue eu tenha de derramar para consegui-la.*

Seus olhos foram atraídos por um movimento à sua esquerda. Era Fermin, inclinando-se para frente com a mão estendida na direção do convés, movendo o dedo de um lado para o outro enquanto sorria para algo entre seus pés. Lyrna acompanhou seu olhar e viu um pequeno rato preto nas tábuas, olhando para o dedo que se mexia, movendo a cabeça com precisão exata, como se estivesse sendo puxado por uma corda invisível.

As correntes de Lyrna fizeram um ruído baixo quando ela se inclinou para frente para ver melhor. Fermin ergueu a cabeça, sobressaltado, sem qualquer expressão de humor. Seus dedos contraíram-se e o rato correu para as sombras. Ele desviou o olhar quando Lyrna continuou a encará-lo, ouvindo as palavras da Mahlessa ressoarem em sua mente como um toque triunfal de clarim. *Confie no encantador de feras quando os grilhões a prenderem.*

— Então, meu senhor, que espécie de ladrão você era? — perguntou ela a Fermin na manhã seguinte.

Desta vez, ele parecia relutante em olhá-la.

— Uma espécie ruim, dada minha captura.

— Quando você foi... levado para cima... — insistiu ela. — Deve ter notado o tamanho da tripulação desse navio.

O homem olhou para Lyrna.

— Por que isso lhe interessaria, senhora?

Ouviu-se um chacoalhar de correntes quando Iltis se moveu atrás dela, como Lyrna esperava.

— Deseja ser um escravo? — perguntou ela. — Usado pelo resto dos seus dias? Que destino acha que terá no império deles?

— Um destino melhor do que ser jogado no mar. Vou chupar cada pau que empurrarem para mim e mostrar a bunda para mais mil. Não tenho vergonha, tenho medo. Pretendo viver, senhora sem nome. — Ele se virou para o outro lado. — Planeje o quanto quiser. Não quero saber.

— Esqueça-o — disse Iltis com um resmungo. — Um covarde não terá nenhuma serventia para nós.

Lyrna virou-se para ele.

— Nós, irmão?

— Não brinque comigo, mulher. Vejo seus olhos examinando cada canto

desse porão. O que você viu?

Lyrna virou-se para ele, arrastando-se e chegando tão perto quanto podia, e falou em voz baixa, mas ainda alto o bastante para que Fermin a ouvisse.

— Venho de uma família de mercadores, como sabe. Fazíamos negócios com navios volarianos. Um navio desse tamanho tem uma tripulação de quarenta homens, cinquenta no máximo.

Iltis franziu o rosto.

— E daí?

— Deve haver pelo menos cento e cinquenta pessoas nesse porão. As chances são de três para uma, se pudermos soltá-las.

— Muitos estarão fracos demais para lutar, e metade dos prisioneiros são mulheres.

— Dê a uma mulher uma boa razão e ela enfrentará cem homens. E um homem fraco torna-se forte quando estimulado pelo medo e pelo ódio.

O homem ao lado de Iltis mexeu-se e ergueu a cabeça. Iltis lançou-lhe um olhar severo.

— Uma palavra e você nem acordará.

O homem sacudiu a cabeça, sentando-se e arrastando-se para perto. Ele era robusto, apesar de não ser tão grande quanto Iltis, com um maxilar proeminente e cicatrizes em ambas as faces, sugerindo que era um soldado ou um fora da lei.

— Dê um jeito de tirar essas correntes — disse ele. — E rasgo as gargantas de uma dúzia dos malditos com minhas próprias mãos.

Fora da lei, concluiu Lyrna.

Iltis encarou por um momento o rosto determinado do fora da lei e virou-se novamente para Lyrna.

— A chave do capataz. Você consegue pegá-la?

Não.

— Sim, mas precisamos ser pacientes e esperar pela hora certa. Falem com aqueles ao redor. Falem em voz baixa, mas os avisem para se prepararem.

— Como sabemos se podemos confiar em todos? — perguntou Iltis. — Alguns podem nos vender em troca de tratamento melhor ou de uma promessa de liberdade.

— Não temos escolha — disse Lyrna, lançando um olhar sobre o ombro para Fermin, que estava encolhido e de costas para eles, com os punhos cerrados. — Precisamos arriscar.

A mensagem foi passada de prisioneiro a prisioneiro e perguntas foram sussurradas de um lado para o outro durante o dia inteiro. Estavam com medo, mas nenhum se recusou, com exceção de Fermin, nem contou nada ao capataz. *No fundo, ainda são livres*, pensou Lyrna. *Ainda não foram transformados em escravos.*

Ela fez com que as perguntas fossem passadas à garota esbelta que era levada para cima com mais frequência. *Quantos homens na tripulação? Quantos estão armados?* Quando a menina foi novamente levada do porão, seu cabelo

estava afastado do rosto; as lágrimas ainda escorriam, mas seus olhos estavam iluminados por uma luz determinada. Ela voltou ao porão com as respostas. *Trinta tripulantes. Quinze guardas posicionados em volta da entrada do porão e trabalhando em turnos de cinco por vez.*

Lyrna esperou Iltis adormecer e falou outra vez com Fermin. Ele estava virado para o casco, de olhos fechados e com a testa um pouco franzida, como se tentasse ouvir algum som baixo. Lyrna prestou atenção e ouviu um ruído distante e ritmado.

— Canto de baleia — disse ela.

Fermin ergueu as sobrancelhas, e um sorriso sombrio surgiu em seus lábios.

— Não por muito tempo.

O canto da baleia foi interrompido e, um momento depois, o casco reverberou com o eco de um impacto esmagador.

— Tubarões-vermelhos — disse Fermin. — Estão sempre com fome.

— Você consegue ouvir a fome que sentem?

Fermin virou-se para ela, com o rosto fechado mais uma vez.

— Eu sei o que você é — disse Lyrna. — Encantador de feras.

— E eu sei que você não é filha de um mercador. O capataz acertou? Prostituta de um homem rico? Sei que você compreendeu cada palavra que ele disse.

— Prostitutas são pagas. Escravos, não.

— O que você quer de mim?

— Que faça o que sabe fazer. Roubar. Na verdade, que faça com que seu amiguinho roube para você.

— A chave do capataz.

— Exatamente.

— Libertamos todos e atacamos o navio. Esse é seu grande plano?

— Se você tiver outro, eu gostaria muito de ouvi-lo.

— Tenho um plano, meu próprio plano. Sabe, é o mestre dessa bela embarcação quem me chama. Ele é um homem de posses consideráveis e possui uma grande propriedade perto de Volar, onde mantém uma ala dedicada à sua coleção homens jovens de todos os cantos do mundo. Serei seu primeiro homem do Reino, mimado e cuidado enquanto você estará botando bebês para fora todos os anos até seu ventre secar.

— É essa sua ambição? Ser mantido como um animal de estimação até ficar velho demais para interessá-lo?

— Seguirei meu caminho muito antes, não se preocupe. Um império inteiro a ser explorado, tantos tesouros para roubar.

— Deixando tudo para trás? Sua cidade, sua mãe?

Lyrna viu que havia atingido o alvo pelo modo como a boca do homem crispou-se, revelando uma dor reprimida.

— E quanto à sua mãe? — insistiu Lyrna. — Você sabe o que aconteceu com ela quando a cidade caiu?

Ele se balançou para frente e para trás, abraçando os joelhos e parecendo muito novo.

— Não — respondeu ele em um sussurro.

— Você disse que a sustentava. É por isso que começou a roubar, não? Por ela. Não quer saber se ela ainda está viva?

— Como saber se alguém ainda está vivo lá? Como saber se alguém permanece livre?

— Eu sei que sim. E acho que você também sabe.

— Quando a Guarda da Cidade me pegou, ela subornou o senhor das masmorras para garantir que eu fosse alimentado. O Rei permite alguns confortos nas masmorras, se você puder pagar por eles. Pelo menos, ele costumava permitir. — Ele fechou os olhos, apertando mais os joelhos. — Ela está morta. Eu sei.

— Com todo o seu coração? Porque eu sei com todo o meu coração que ainda há pessoas livres em nosso Reino e que elas estão lutando enquanto sofremos aqui.

Fermin abriu os olhos e Lyrna viu o brilho de lágrimas.

— Você não é uma prostituta — disse ele em uma voz embargada. — Nenhuma prostituta fala assim.

— Ajude-nos. Tomaremos esse navio e navegaremos de volta ao Reino. Ajudarei você a encontrá-la. Tem minha palavra.

Ele rangeu os dentes, soltando a respiração em um sibilo.

— Sempre usei doninhas — disse Fermin após um momento. — Ratos não são apropriados para roubos. Precisarei de mais tempo até o vínculo ser forte o suficiente para uma tarefa tão complexa.

— Quanto tempo?

— Pelo menos três dias.

Três dias. Um atraso indesejável, mas Volaria ainda estava muito longe, e mais três dias de uma dieta melhorada só poderia ajudá-los quando chegasse a hora. Ela assentiu.

— Obrigada.

Ele deu um leve sorriso.

— Espero que haja alguns marinheiros no meio dessa gente ou correremos um grande risco de ficar à deriva em um vasto oceano.

O rato largou a frutinha na frente de Fermin, sentando, olhando para cima com olhos brilhantes e crispando os bigodes. Fermin sorriu com ternura para o roedor e piscou, vendo o rato correr como um borrão. O animal retornou poucos momentos depois trazendo outra frutinha, acrescentando-a à pilha cada vez maior aos pés de Fermin.

— Não gosto disso — sussurrou Iltis. Seu rosto estava envolto em sombras, mas Lyrna sabia que ele estava tenso e desconfiado. — O uso das Trevas é uma negação da Fé.

Lyrna ficou tentada a responder que nenhum dos catecismos originais fazia qualquer menção às Trevas e que as restrições a elas só apareceram nas Leis do Reino após a época da Mão Vermelha. Contudo, duvidava de que Iltis fosse o tipo de homem para quem discussões racionais tivessem muito significado.

— Não temos escolha — sussurrou ela. — Não há outra maneira de pegar a chave.

— Ela tem razão — disse o fora da lei com cicatrizes no rosto. — Eu daria minha alma ao deus cumbraelino para sair desse buraco.

Iltis grunhiu, curvando o corpanzil para frente com raiva.

— A heresia vem com facilidade aos fracos de Fé. Minha crença jamais vacilou.

— Se não pegarmos a chave, você terá anos de escravidão para testar a sua preciosa Fé — retorquiu o fora da lei, fazendo Iltis soltar um rosnado.

— Isso não está ajudando — disse Lyrna.

Iltis rangeu os dentes e relaxou o corpo contra o casco, mais uma vez perdido nas sombras.

— Compreende sua parte no plano? — perguntou Lyrna ao fora da lei.

Ele assentiu.

— Chegar até a cana do leme e matar o timoneiro. Três dos homens mais fortes estarão comigo.

— Ótimo. — Ela se virou para Iltis. — Irmão?

— Assim que os grillhões forem retirados, esperar que os guardas venham para a inspeção noturna. Estrangulá-los com nossas correntes e pegar suas armas. Levlar cinco homens e matar os outros no convés. A cabine do capataz fica na popa ao lado da cabine do mestre. Matar o capataz primeiro, depois o mestre.

— Vou liderar os outros contra a tripulação — disse Lyrna. — Tentar empurrá-los na direção da amurada a bombordo e mantê-los encurralados. Precisaremos de ajuda para matá-los, então sejam rápidos.

— Teremos sorte se metade de nós estiver respirando no final — disse o fora da lei.

Teremos sorte se um quarto de nós estiver respirando no final, pensou ela.

— Eu sei. Os outros sabem?

— Eles sabem. — O homem engoliu em seco e forçou um sorriso. — Melhor um cadáver livre do que um escravo vivo, hein?

Fermin anunciou na noite seguinte que seu rato estava pronto; o animal estava tão completamente sob seu controle que sentava-se em suas mãos, olhando em frente com uma imobilidade inquietante.

— Ele é astuto — disse Fermin. — Não tão astuto quanto uma doninha, mas mesmo assim esperto o suficiente para a fuga que planejamos.

Lyrna sentiu uma nova onda de dor em sua cabeça, fazendo-a se contrair. A dor mudara no decorrer dos últimos dois dias, tornando-se mais concentrada em certos lugares, sem dúvida onde as chamas a haviam queimado mais profundamente. Somava-se à dor uma bola de náusea em suas entranhas. Os lonaks tinham uma palavra para isso: *arakhin*, a fraqueza que se sente antes da batalha.

— Então vamos começar — disse ela.

Fermin colocou o rato no chão, e o animal correu prontamente na direção dos degraus, escalando um por um até sumir de vista. Fermin reclinou-se e fechou os olhos. Lyrna respirava devagar, no mesmo ritmo, conforme os momentos se prolongavam, tentando acalmar o enjoo que aumentava em sua barriga e sentindo o silêncio pesado à sua volta enquanto os outros esperavam. Observou o rosto de Fermin, com os olhos fechados, notando estremecimentos ocasionais e imaginando o que significariam. *Ele vê pelos olhos do rato?*, pensou quando um leve sorriso surgiu nos lábios do ladrão.

— Ele pegou a chave — sussurrou ele, fazendo o coração de Lyrna dar um pulo. — Isso mesmo, pule para baixo, então volte para o po... — Seus olhos abriram-se de repente e um espasmo de dor o sacudiu da cabeça aos pés. Ele convulsionou e dobrou-se, vomitando.

— Fermin! — gritou Lyrna. — Qual é o problema? O que aconteceu?

O som pesado de passos no convés ecoou pelo porão, e todos os olhos ergueram-se para acompanhar seu avanço. Os passos pararam, houve uma pausa e, então, algo pequeno caiu no quadrado de água salgada que ficava abaixo dos degraus e era iluminado pela lua, algo com pelo negro e dorso partido.

Fermin parou de vomitar, endireitou-se e olhou o casco, franzindo o rosto ao tentar se concentrar.

O capataz desceu lentamente os degraus, deslizando a ponta do chicote pela madeira ao entrar sem pressa, parando sob o luar e empurrando o rato morto com a bota.

— Mas que interessante... — murmurou ele em volariano.

Fermin soltou um gemido de dor, respirando com dificuldade. O suor brilhava em sua pele enquanto continuava a fitar o casco.

— Magia — disse o capataz na língua do Reino, erguendo a cabeça. — Um aqui, com magia. Quem? — O chicote foi desenrolado com um movimento ágil, deslizando pelas tábuas como uma cobra. — Todos aqui, trocar por um com magia. — Ele foi até o fora da lei, encarando-o. — Entender?

O fora da lei estava tremendo, com um medo tão absoluto que parecia certo que ele revelaria qualquer segredo. Em vez disso, ele fechou os olhos e sacudiu a cabeça. *Melhor um cadáver livre do que um escravo vivo.*

O capataz encolheu os ombros e recuou, dando as costas ao homem. Então, girou com a velocidade de uma cobra, movendo o chicote rápido demais para que os olhos o acompanhassem, e a pele da face já marcada do fora da lei abriu-se quando o estalo reverberou pelo porão.

— Quem? — perguntou outra vez o capataz, passando os olhos pelos prisioneiros e vendo o fora da lei soluçar de dor.

Fermin deu uma arfada audível, perdendo a força enquanto mais suor escorria pelas suas costas, atraindo o olhar do capataz. Quando ele começou a andar na direção do ladrão, Lyrna sacudiu suas correntes, erguendo-se os poucos centímetros que elas permitiam e falou em volariano:

— Sou eu! Eu tenho a magia!

O capataz apertou os olhos e aproximou-se dela com um sorriso discreto nos lábios.

— Eu deveria ter adivinhado — disse ele em volariano. — É raro encontrar,

mas costumam ser os mais espertos. — Ele ergueu a chave que ficava na corrente em volta do pescoço. — Mandou seu amiguinho atrás disso. Astuta. Quase funcionou. Mas agora terei de matar dez prisioneiros como exemplo. Não você, é claro. Você vale mil deles. Mas pode escolher.

Ele voltou para o quadrado enluarado e abriu os braços com uma risada.

— Escolha, sua vadia queimada! Quais desses quer ver mor...

O navio deu um solavanco e derrubou-o; as tábuas do casco atrás dele se partiram e a água começou a entrar em minúsculas fontes. O capataz cambaleou para frente e caiu sobre Iltis e o fora da lei. Por um momento, ele olhou boquiaberto para o irmão grande, a perplexidade estampada no rosto. Iltis jogou a cabeça atarracada para frente, chocando-se com o nariz do capataz, quebrando ossos e fazendo seu sangue jorrar. O capataz cedeu ao mesmo tempo em que o fora da lei girava, passando as pernas em volta do diafragma do volariano e segurando-o no lugar enquanto Iltis continuava a cabeceá-lo. Mais ossos quebrados, mais sangue.

— A chave! — gritou Lyrna.

Iltis olhou para ela; o sangue escorria pelo rosto, e piscou quando a fúria diminuiu e a compreensão regressou. Com a ajuda do fora da lei, virou o capataz e bateu à procura da chave.

— Não posso... — disse Fermin em um murmúrio exausto. Lyrna virou-se e o viu caído, com sangue escorrendo do nariz e dos olhos. — Não posso detê-lo... Vocês precisam ser rápidos.

— Peguei! — gritou Iltis, puxando a chave na direção dos seus grilhões, tentando enfiá-la no fecho com os dedos grossos.

Algo chocou-se mais uma vez com o casco, e mais tábuas se partiram, jorrando mais água e aumentando o nível em volta de seus pés. Iltis praguejou quando a chave escapou de seus dedos, rodopiando no ar e caindo aos pés de Lyrna. Ela se agachou e enfiou as mãos na água, procurando enquanto o pânico ameaçava privá-la de toda a razão... Ela sentiu o metal liso sob a ponta dos dedos, agarrou a chave com força e ergueu-a até os grilhões, controlando o tremor das mãos enquanto girava o fecho para encaixá-la. *Devagar. Não se apresse.* A chave entrou no fecho, girou e os grilhões caíram no chão.

Lyrna levantou-se, ignorando a dor que queimava em cada músculo e passando os olhos pelos rostos que não estavam ocultos pelas sombras. Ela viu terror, desespero e súplica em cada olhar. *Os degraus estão perto, e esse navio logo vai afundar...*

Ela soltou Iltis e o fora da lei.

— Vigiem os degraus!

— E quanto a tomar o navio? — perguntou o fora da lei.

Lyrna lançou um olhar rápido para o casco partido e passou para o próximo prisioneiro, uma mulher que parecia ter a mesma idade que ela e que soluçava de gratidão.

— Logo não vai haver navio para tomar — disse ela, ajudando a mulher a se levantar. — Ela soltou o próximo homem na fila e entregou-lhe a chave. — Solte os outros. Depressa.

Foi até Fermin e encontrou-o quase desmaiado, embora o sangue tivesse

parado de escorrer.

— Acorde! — Lyrna deu um tapa no rosto do ladrão. — Acorde, meu senhor!

O foco retornou ao olhar de Fermin e ele grunhiu em protesto quando ela o ergueu.

— O que é? — perguntou ela. — O que você fez?

— Eles estão sempre com fome — disse ele em um sussurro.

O navio inclinou-se, e os prisioneiros gritaram alarmados quando algo raspou o casco, vendo o nível da água subir cada vez mais. Um guarda desceu a escada a trote, provavelmente à procura do capataz, e parou aturdido ao ver Iltis e o fora da lei. O volariano virou-se para gritar algo para os companheiros acima, mas o fora da lei passou suas correntes em volta das pernas do homem antes que ele pudesse falar, fazendo-o bater com o rosto na madeira e arrastando-o pelos últimos degraus. Iltis segurou o guarda debaixo da água que subia, mantendo-o submerso até ele parar de se debater.

— Veja se ele tem outra chave — disse Lyrna.

Iltis vasculhou o cadáver, mas ergueu as mãos com um gesto impotente.

Lyrna passou os olhos pelos cativos; talvez vinte já estivessem livres, mas a água continuava a subir.

— Você consegue mantê-lo ocupado? — perguntou ela, desesperada, a Fermin. — Até que todos estejam soltos?

Ele sorriu, revelando dentes manchados de sangue.

— Dei tudo o que eu tinha para dar...

O casco explodiu, esguichando uma imensa fonte de água, e uma grande cabeça triangular despontou, com mandíbulas incredivelmente largas revelando fileiras e mais fileiras de dentes pontiagudos. As mandíbulas fecharam-se sobre dois prisioneiros, cortando-os como uma foice corta feno e avermelhando a água. A cabeça debateu-se de um lado para o outro, quebrando mais madeiras. O navio inteiro estremeceu com a força e, então, a cabeça desapareceu.

— Eu o convenci de que somos uma baleia — disse Fermin a Lyrna, com água quase nos ombros. Ele a olhou nos olhos. — O nome da minha mãe é Trella. Lembre-se de sua promessa, minha Rainha.

As mãos grandes de Iltis a agarraram e puxaram-na na direção dos degraus quando a água subiu para cobrir a cabeça de Fermin. Iltis empurrou Lyrna escada acima para o convés. A confusão era total; alguns prisioneiros moviam-se desorientados, e a parte da tripulação que não estava paralisada tentava lançar os barcos ao mar, sem dar ouvidos às ordens gritadas por um homem alto em um manto negro.

— Precisamos de um barco — disse Lyrna.

Iltis assentiu e saiu em direção ao barco mais próximo, golpeando com suas correntes e lutando ao lado do fora da lei enquanto abriam caminho à força e os prisioneiros restantes seguiam em um grupo compacto. Alguns membros da tripulação lutaram, outros fugiram, mas a maioria simplesmente ficou parada.

Lyrna encontrou um dos guardas de joelhos, explorando com os dedos crispados o rasgo deixado por Iltis em sua testa. Ela puxou a espada curta da

bainha do homem e rumou para onde o homem alto em seu manto negro gritava ordens inúteis com uma voz rouca. Ele estava de costas para Lyrna, de modo que não pôde se defender quando ela o trespassou com a lâmina. O volariano gritou de espanto e dor ao cair de joelhos.

— Eu gostaria que você soubesse — disse ela em volariano, aproximando a boca do ouvido do homem — que, a partir desse dia, cada momento de minha vida será usado para reduzir seu império a pó e cinzas. Mandarei lembranças à sua coleção quando incendiar sua propriedade, mestre.

Lyrna deixou a espada cravada nas costas do homem e correu para o barco. A tripulação estava preocupada apenas em se salvar, dando liberdade aos prisioneiros para içar um barco e empurrá-lo para a água, uma tarefa facilitada pelo fato de o mar já estar quase na altura da amurada. O fora da lei pulou no barco e estendeu a mão para ajudar uma prisioneira a embarcar, a garota esbelta que fora tão popular entre a tripulação. Lyrna notou que as unhas dela estavam ensanguentadas e quebradas.

O navio estremeceu mais uma vez antes que o mar inundasse completamente o convés. Lyrna se viu erguida por Iltis e empurrada para o barco, agarrando-se a um cunho e sendo puxada para dentro pelo fora da lei com a ajuda dos outros. Iltis subiu pela amurada e jogou-se para dentro do barco, aterrissando entre os sobreviventes. Lyrna contou cinco pessoas, todas esfarrapadas, exaustas e olhando para ela.

Não é exatamente um reino, pensou ela, examinando o barco enquanto subiam e desciam aos caprichos do mar. Ela olhou por sobre o ombro e viu o mastro do navio sumir sob as ondas em meio a inúmeros escombros.

— Temos algum remo?

CAPÍTULO QUATRO

Frentis

Eles emboscaram quatro Espadas Livres na estrada para o norte, que tiveram a infelicidade de desmontar para mijar perto do capim alto onde eles estavam deitados. A lança de Davoka atingiu um e a espada de Frentis matou dois. Rateiro e Draker empurraram o quarto homem para o chão quando ele tentou montar de novo em seu cavalo, porrete e faca subiam e desciam em um frenesi, discutindo depois sobre quem ficaria com as botas do volariano. Davoka cobriu-se com um colete manchado de sangue, que tirou do homem que matara, e Frentis pegou o boldrié e a bainha de outro homem, trocando a arma longa usada pela cavalaria volariana por sua própria lâmina asraelina. Também encontrou algumas bandagens nos alforjes, usando-as para enfaixar o ferimento provocado pela faca, que começara a arder com uma persistência cada vez maior, deixando-lhe a testa suada e acrescentando uma turvação indesejada à sua visão.

A luz do dia surgia quando montaram e cavalgaram para oeste. Arendil subiu na garupa de Davoka e Rateiro e Draker demonstraram sua falta de experiência no cavalo ao seguirem balançando atrás. Frentis achava que eles fugiriam assim que chegassem à praia, mas, por alguma razão, eles ficaram, talvez por temerem sua vingança, embora ele suspeitasse de que essa súbita lealdade tivesse mais a ver com os volarianos que pareciam estar por toda parte. Passaram por mais duas patrulhas em uma hora, distantes demais para serem uma ameaça, mas então avistaram um regimento completo de cavalaria em uma colina oitocentos metros adiante.

— Isso é inútil, irmão — disse Rateiro. — A estrada está repleta desses desgraçados.

Ele tinha razão. Com a rota mais direta até a Casa da Ordem tomada, havia apenas uma opção.

— A Urlish — disse Frentis, virando o cavalo em direção a um grande aglomerado de árvores ao norte. — Dez quilômetros até o rio. Podemos segui-lo até a Casa da Ordem.

— Não gosto da floresta — resmungou Draker. — Tem ursos lá.

— Melhor enfrentar ursos do que aquele bando — disse Rateiro, batendo com os calcanhares nos flancos do cavalo. — Vamos, pangaré maldito!

Frentis saiu a galope, ouvindo um som agudo da direção da cavalaria volariana, similar ao som de uma corneta de caça. Eles haviam sido vistos. As árvores adensaram-se, forçando-os a diminuir a velocidade, e o solo tornou-se tão irregular que foram obrigados a caminhar. Frentis prestou atenção a sinais de que estivessem sendo seguidos, mas ouviu apenas a canção da floresta. *Provavelmente concluíram que não valíamos o esforço.*

Ele removeu os alforjes do cavalo e deu um tapa nas ancas do animal, fazendo-o disparar a trote para o meio das árvores.

— Vamos andar a partir daqui — disse aos outros.

— Graças à Fé! — gemeu Draker, desmontando e esfregando o traseiro.

— A casa para onde vamos — disse Davoka. — É o lar dos mantos azuis?

— Isso mesmo. — *Meu lar*, pensou Frentis.

— Esses novos merim her parecem saber muito — prosseguiu Davoka. — Eles vão saber sobre sua Casa, sua Ordem.

— Sim. — Frentis colocou um alforje no ombro e começou a caminhar para o norte.

— Então vão atacá-la — insistiu a lonak, caminhando ao lado dele. — Ou já a atacaram.

— Então é melhor não perdermos tempo. — O ferimento em seu flanco ardeu, fazendo-o sibilar, mas ele continuou andando.

Chegaram ao rio por volta de meio-dia, onde pararam para um breve descanso. Draker e Rateiro desabaram na margem com uma torrente de xingamentos. Frentis tirou a camisa e começou a trocar a bandagem de seu ferimento. Davoka aproximou-se para olhar e franziu o nariz ao sentir o cheiro, dizendo algo em sua própria língua.

— O quê? — perguntou Frentis.

— Ferida está... — Ela procurou a palavra certa. — Doente, mais doente.

— Inflamando — completou ele, passando os dedos com cuidado pelo corte inchado e inflamado, de onde ainda escorria um pouco de sangue, e sentindo a carne ao redor coberta por linhas de um vermelho mais intenso. — Eu sei.

— Eu curo — disse ela, olhando ao redor para a vegetação rasteira. — Preciso encontrar as plantas certas.

— Não há tempo — disse-lhe Frentis, jogando fora a bandagem usada e pegando outra no alforje.

— Eu faço. — Davoka pegou a bandagem e enrolou-a em volta do diafragma dele, amarrando-a firme. — Não deveria deixar assim. Logo mata você.

Morto por uma princesa, pensou ele. *Um fim apropriado.*

— Precisamos seguir em frente — disse ele, levantando-se.

Seguiram o rio para oeste, mantendo-se afastados da margem e sob o abrigo das árvores. Passado algum tempo, avistaram uma barçaça sendo levada pela correnteza, com cordas e blocos soltos e a vela caída sobre o convés. Não havia sinal de tripulação.

— O que significa? — perguntou Arendil.

— Estamos perto da Casa — disse Frentis. — Barcaças raramente vêm tão longe, a não ser para trazer suprimentos.

Passou-se outro quilômetro e meio até avistarem uma coluna de fumaça negra erguendo-se acima das árvores, fazendo com que Frentis saísse correndo. Davoka gritou, mas ele continuou a correr, sentindo o ferimento arder como brasa e a visão embaçar. Ele parou ao avistar o primeiro corpo, um homem em um manto azul encostado em uma árvore, com o rosto branco como mármore. Frentis foi até ele e examinou-lhe o rosto, mas viu apenas um estranho. *Jovem, provavelmente recém-confirmado*. O irmão tinha uma espada ao alcance da mão direita, com a lâmina escura com sangue seco, e o peito coberto pelo próprio sangue. A terra debaixo dele fora umedecida pelo líquido.

— O que é a morte? — sussurrou Frentis. — A morte é apenas uma passagem para o Além e a união com os Finados. É tanto início quanto fim. Tema-a e abraça-a.

Desequilíbrio-se um pouco ao levantar-se, enxugou o suor que caía nos olhos e continuou com passos vacilantes. Encontrou mais corpos de Kuritai espalhados pela floresta; eram pelo menos doze, alguns ainda se movendo apesar dos ferimentos, mas rapidamente despachados com a ponta de sua espada. Cem metros adiante, Frentis encontrou outro irmão, um homem alto com duas flechas cravadas no peito. Mestre Smentil, o jardineiro sem língua. *Você sempre deixou eu me safar*, pensou Frentis, lembrando-se de suas missões para roubar maçãs do pomar. *E elas eram sempre tão doces*.

Seu olhar foi atraído por uma cena estranha. Era outro Kuritai morto, mas, em vez de caído no chão da floresta, ele estava empalado no toco de um galho de árvore e pendurado a pelo menos três metros do chão, acima de uma crescente poça de sangue.

Frentis cambaleou quando uma nova pontada de dor e febre percorreu seu corpo. Desviando o olhar do espetáculo sangrento do homem empalado, ele seguiu em frente, mas conseguiu dar apenas alguns passos antes de a dor colocá-lo de joelhos à força. *Não!* Tentou arrastar-se, vendo mais corpos com mantos azuis à frente. *Preciso ir para casa*.

— Irmão? — A voz era baixa, cautelosa e familiar.

Frentis rolou, arfando, com os olhos ofuscados pelo sol que atravessava as folhas acima. A luz diminuiu quando avistou uma sombra muito grande.

— Se eu fosse um homem desconfiado, poderia ver algum significado em seu retorno para nós justamente nesse dia — disse Mestre Grealin.

A sombra desapareceu, e Frentis sentiu-se ser levantado, sua cabeça caindo para os lados, e carregado para longe dali.

Estava escuro quando ele despertou sobressaltado ao sentir dedos tocarem seu ferimento.

— Fique deitado — disse Davoka. — Vai tirá-los do lugar.

Ele relaxou, sentindo um leito de plantas macias sob as costas e olhando

para uma proteção de tecido no alto.

— O manto do homem gordo dá um bom abrigo — disse Davoka, limpando as mãos e sentando-se. Frentis olhou para o ferimento e grunhiu ao ver a massa de vermes brancos que se mexia sobre ele.

— Florestas estão cheias de coisas mortas e podres — disse Davoka. — Os vermes brancos só comem carne morta. Eles limpam o ferimento em mais um dia. — Ela colocou uma das mãos na testa dele, balançando a cabeça, satisfeita. — Não tão quente. Bom.

— Onde... — Frentis tossiu e engoliu em seco. — Onde estamos?

— Mais para dentro da floresta — respondeu a lonak — A mata é fechada aqui.

— O homem gordo? Ele é o único?

Ela assentiu sem qualquer expressão no rosto.

— Eu digo a ele que você acordou.

Os anos não haviam ajudado a diminuir a cintura de Mestre Grealin, apesar de seu rosto parecer encovado quando se sentou ao lado de Frentis, com malares proeminentes e olhos fundos.

— O Aspecto? — perguntou Frentis sem preâmbulos.

— Morto ou capturado, imagino. A tempestade veio rápido demais, irmão, e com o regimento perseguindo sombras em Cumbrael... — Ele estendeu as mãos.

— Quem você viu tombar?

— Mestre Haulin e Mestre Hutil foram abatidos nas muralhas, embora certamente tenham dado trabalho aos invasores. Vi Mestre Makril e seu cão atacarem o batalhão que atravessou o portão, mas a essa altura o Aspecto já havia ordenado que fugíssemos, e eu estava correndo para as galerias. Uma passagem foi construída séculos atrás para uma emergência, indo das galerias até a Urlish. Mestre Smentil, alguns irmãos e eu conseguimos atravessá-la, mas eles nos pegaram do outro lado.

Frentis ficou espantado pela ausência de emoção no tom de Grealin; sua voz era nítida e distante, como se estivesse contando uma de suas inúmeras histórias sobre a Ordem.

— Eles também mataram os garotos — disse ele, soando mais intrigado do que ultrajado. — Todos os homenzinhos lutaram como gatos selvagens até o fim. — Um sorriso discreto e afetuoso surgiu em seus lábios gordos, e então ele se calou.

— Isso significa que o senhor agora é Aspecto? — perguntou Frentis após um momento.

— Você sabe que Aspectos não são escolhidos por maior tempo de serviço. E não creio que eu seja exatamente o melhor exemplo do espírito da Ordem, não concorda? Mas isso significa que, até que possamos nos juntar aos nossos irmãos no norte, somos tudo o que resta da Ordem nesse feudo.

— O senhor estava certo. — Frentis parou para tossir, aceitando o cantil que Grealin lhe passou e tomando um pouco de água.

— Certo? — perguntou o mestre. — Sobre o quê?

— Sobre meu retorno justamente nesse dia. Minha presença aqui não é uma

coincidência.

Um lampejo da velha perspicácia reluziu no olhar de Grealin.

— Tenho a impressão de que você está prestes a me contar uma história muito interessante, irmão.

— A lonak e os outros... — disse Grealin algumas horas depois, quando a floresta já estava completamente escura, com exceção do brilho da fogueira do lado de fora do abrigo. — Imagino que você não tenha dito a eles nada sobre seu papel forçado no triste fim de nosso Rei?

— Eu disse a eles que foi uma assassina, uma assassina que matei. Mestre, não busco perdão pelo meu crime...

— O crime não foi seu, irmão. E não vejo que bem pode vir de uma tentativa equivocada de honestidade. Entregue-se à sua culpa quando essa guerra estiver vencida.

— Sim, Mestre.

— Essa mulher com quem você viajou... Tem certeza de que ela está morta?

O sorriso vermelho, o amor brilhando em seus olhos antes que ele arrancasse a lâmina... Amado...

— Absoluta.

Grealin calou-se, perdido em seus pensamentos por vários minutos. Quando tornou a falar, foi em um murmúrio de reflexão.

— Ela roubou um dom...

— Mestre?

Grealin piscou e virou-se para Frentis com um sorriso.

— Descanse, irmão. Quanto mais cedo se curar, mais cedo poderemos planejar nossa guerra, hein?

— O senhor pretende lutar?

— Esse é o dever de nossa Ordem, não?

Frentis assentiu.

— Fico feliz por concordarmos.

— Com sede de vingança, irmão?

Frentis sentiu um sorriso surgir nos lábios.

— Muita, Mestre.

Ele soube que era um sonho pelas batidas lentas e controladas do seu coração, livres de ódio ou de culpa, o coração de um homem satisfeito. Estava parado em uma praia, observando as ondas quebrarem na areia. Gaivotas voavam baixo sobre as águas e um frio cortante no ar castigava sua pele, mas mesmo assim era agradável. Havia uma criança brincando na beira da água, um menino de talvez sete anos. Perto da criança estava uma mulher esbelta, próxima o bastante para detê-la se ela se aventurasse perto demais das ondas. O rosto dela estava virado

para o outro lado, com os longos cabelos negros emaranhados ao vento e um xale de lã nos ombros.

Ele se moveu na direção da mulher, tocando levemente os pés na areia e mantendo-se abaixado. A mulher continuou olhando para o menino, aparentemente alheia à sua aproximação, mas rodopiou quando ele chegou perto, agarrando o braço que pretendia passar em volta do pescoço dela e derrubando-o na areia com um chute.

— Um dia — ele disse com uma expressão fechada.

— Mas não hoje, amado — retorquiu ela com uma risada, ajudando-o a se levantar.

A mulher encostou-se nele e beijou-o levemente nos lábios, virando-se para o menino quando ele a envolveu em seus braços.

— Eu disse que ele seria lindo.

— Disse, e tinha razão.

Ela estremeceu com o vento, aninhando-se mais nos braços dele.

— Por que você me matou?

Lágrimas escorreram pelo rosto dele e o coração satisfeito desaparecera, substituído por algo feroz e ávido.

— Por causa de todas as pessoas que matamos. Por causa da loucura que vi nos seus olhos. Porque você a negou.

Ela perdeu o fôlego quando os braços dele a apertaram com força, quebrando as costelas. Uma onda tocou o menino que começou a pular na água, rindo e acenando para os pais. A mulher riu e tossiu sangue.

— Você já teve um nome? — perguntou Frentis.

Ela convulsionou em seus braços, e ele soube que a mulher estava mais uma vez dando seu sorriso vermelho.

— Ainda tenho, amado...

Frentis foi acordado por gritos, rolou da cama feita de samambaias e sentiu cada músculo gemer em protesto. Olhou para o ferimento, vendo que estava enfaixado e que não havia sinais de vermes. Ele estava tonto e sentia uma sede monstruosa, mas a febre havia passado; sua pele estava fria e sem suor. Vestiu o colete que tirara do homem morto e saiu do abrigo.

— O irmão eu conheço — gritava Rateiro com Mestre Grealin. — Você, gordo, eu não conheço. Não me dê merda nenhuma de ordem.

Frentis achava impressionante que o mestre ainda não tivesse mandado o ladrão para o chão. Em vez disso, ele assentiu com paciência e entrelaçou as mãos.

— Não são ordens, meu bom camarada. Apenas uma observação...

— Ah, não me encha com as palavras grandes...

A bofetada de Frentis atingiu Rateiro na lateral da cabeça e o derrubou.

— Não fale assim com ele — disse ele, virando-se para Grealin. — Problemas, Mestre?

— Achei que seria bom fazermos algum reconhecimento das redondezas —

respondeu Grealin. — Uma caminhada breve para termos certeza de que estamos realmente sozinhos aqui.

Frentis assentiu.

— Eu vou, Mestre. — Ele fez uma mesura curta, mas formal para Davoka, que estava ocupada esfolando um coelho recém-capturado junto à fogueira. — Minha senhora embaixadora, gostaria de uma caminhada?

A lonak encolheu os ombros, entregou o animal parcialmente esfolado a Arendil e pegou a lança.

— Como eu lhe mostrei. Mantenha o pelo — disse ela ao rapaz.

— As palavras de Mestre Grealin devem sempre ser respeitadas — disse Frentis a Rateiro, que estava emburrado e esfregava a cabeça. — E suas ordens precisam ser obedecidas. Se não puder fazer isso, sinta-se livre para partir. A floresta é grande.

— Seu sono é agitado — comentou Davoka ao partirem para leste. Além da espada, Frentis carregava um arco da Ordem que Arendil tivera a perspicácia de recuperar de um dos irmãos mortos, apesar de sua inteligência não ter se estendido à aquisição de mais do que três flechas.

— A febre — retorquiu Frentis.

— Quando dorme, você fala uma língua que não conheço. Soa como os latidos dos novos merim her. E a sua febre já passou.

Volariano. Tenho sonhado em volariano.

— Viajei muito — disse ele. — Desde a guerra.

Davoka parou e virou-se para ele.

— Chega de conversa. Você conhece essas pessoas. Sua chegada causou celebração, seguida de morte e fogo. Agora você fala como eles em seus sonhos. Você é parte disso.

— Sou um irmão da Sexta Ordem e um servo leal da Fé e do Reino.

— Meu povo tem uma palavra para isso, *garvish*. Sabe o que significa?

Frentis sacudiu a cabeça, cada mais vez mais ciente do modo como a mulher segurava a lança, tensa e a postos, com uma distância calculada entre as mãos.

— Alguém que mata sem propósito — disse ela. — Não um guerreiro, não um caçador. Um matador. Olho para você e vejo *garvish*.

— Sempre tive um propósito — retorquiu Frentis. — *Apenas não era o meu próprio.*

— O que aconteceu com minha rainha? — perguntou a lonak, apertando mais a lança.

— Ela era sua amiga?

A boca da lonak crispou-se ao conter algo intenso e doloroso. *Carrega alguma culpa também*, deduziu Frentis.

— Minha irmã — respondeu Davoka.

— Então lamento por você e por ela. Eu já lhe disse o que aconteceu. Ela foi queimada pela assassina e fugiu.

— A assassina que só você viu.

Amado...

— A assassina que matei.

— Vista e morta apenas por você.

— O que você acha que sou? Um espião? Com que propósito eu traria você e o garoto para se esconderem em uma floresta?

A lonak relaxou um pouco, apertando menos a lança.

— Sei que você é *garvish*. Fora isso, veremos.

Continuaram para o leste por cerca de quatrocentos metros e então viraram para o norte, dando a volta em um amplo arco até as árvores começarem a rarear.

— Conhece essa floresta? — perguntou Davoka.

— Costumávamos treinar aqui com frequência, mas nunca tão dentro da floresta. Acho que nem os mateiros do Rei adentram a floresta mais do que o necessário. Há muitas histórias sobre pessoas que se aventuraram nas profundezas da mata e desapareceram, engolidas pelas árvores e vagando até caírem vítimas da fome.

Davoka deu um grunhido irritado.

— Nas montanhas dá para ver. Aqui apenas verde e mais verde.

Pararam ao mesmo tempo quando um som distante, mas nítido, chegou-lhes aos ouvidos. Um homem gritando de dor.

Eles trocaram um olhar.

— Deixamos o acampamento em risco — disse Davoka.

Frentis colocou uma flecha na corda e correu.

— A guerra é sempre um risco.

Os gritos tornaram-se uma lamúria dolorosa à medida que se aproximavam, substituída então por uma cacofonia selvagem e constante de rosnados que despertaram lembranças em Frentis. Ele diminuiu o passo até caminhar, avançando agachado e mantendo-se em meio à vegetação mais densa. Ergueu uma das mãos como sinal para pararem e levantou a cabeça, dilatando as narinas e sentindo um odor pungente na brisa, avivando ainda mais suas lembranças. *Contra o vento*, pensou. *Ótimo*.

Deitou-se no chão da floresta e arrastou-se adiante. Davoka moveu-se ao seu lado com a mesma discrição até a cena esperada surgir através da folhagem. O cão era imenso, com quase um metro de altura, coberto de músculos, com um focinho largo e bruto e orelhas pequenas e achatadas. Rosnava enquanto se alimentava, parando ocasionalmente para ameaçar morder os outros três cães aglomerados ao redor, com mandíbulas vermelhas e pingando sangue.

Arranhão, pensou Frentis, percebendo a tolice do pensamento com aborrecimento. O animal não era do tamanho de Arranhão e o focinho quase não possuía as cicatrizes pelas quais seu velho amigo recebera esse nome. Costumava perguntar-se com frequência o que teria acontecido com o cão, supondo que havia sido perdido ou quando Vaelin se sacrificou em Linesh. Onde quer que estivesse, aquele ali não era Arranhão. Aquela era o líder de uma matilha e havia acabado de matar.

— Por favor!

Frentis ergueu a cabeça ao ouvir o grito vindo de cima e deparou-se com o rosto de uma garota, um rosto oval e pálido, com olhos arregalados e aterrorizados, emoldurado por folhas escuras de carvalho.

O líder da matilha parou de comer para soltar um grunhido intrigado ao ouvir um novo som, erguendo o focinho e dilatando as narinas. Havia algo rosado e vermelho pendurado na boca do animal, e Frentis demorou um momento para perceber que era uma orelha humana.

— Ah, por favor! — gritou outra vez a garota. O líder da matilha soltou um ganido alto e rascante, fazendo seus irmãos se aproximarem correndo e circundarem o carvalho a apenas cinco metros de onde Frentis e Davoka estavam deitados. O carvalho era antigo e alto, com um tronco grosso e nodoso. Não era obstáculo para o cão de escravos. Frentis já havia visto Arranhão subir até a metade de uma bétula sem nem parar pelo caminho.

Ele ergueu a cabeça dos arbustos e olhou ao redor. *Nenhum volariano ainda, mas logo apareceriam para ver o que os cães pegaram.*

— Não deixe que se aproximem — disse a Davoka e levantou-se.

Ele esperou o primeiro cão saltar para o tronco e acertou uma flecha em suas costas, fazendo a fera desabar no chão com um ganido baixo. Os outros viraram-se, rosnando; o líder da matilha investiu contra eles e os outros dois começaram a flanqueá-los. *Arranhão sempre foi tão esperto*, lembrou-se Frentis.

Esperou o líder da matilha aproximar-se até ter certeza de que o abateria e acertou uma flecha no olho do cão. O impulso do animal o manteve em movimento quando a ponta da flecha atingiu seu cérebro e as patas cederam, tropeçando e rolando na direção de Frentis. Ele saltou sobre o corpo, largou o arco e sacou a espada, golpeando o cão que avançava pelo lado e cortando-lhe o focinho. O animal empinou, sacudindo a cabeça furiosamente de um lado para o outro, ainda rosnando de fúria, mas tombou morto quando a lança de Davoka atravessou suas costelas.

A lonak arrancou a arma do corpo do animal e girou-a na direção do cão restante, que agora estava confuso, piscando e começando a se encolher, quando Davoka atacou.

— Espere! — gritou Frentis, tentando contê-la, mas a lança da lonak já havia trespassado o pescoço do animal.

— Estranho — comentou ela, limpando a lâmina da lança no pelo do cão. — Primeiro, ataca feito um macaco das rochas enfurecido, mas depois se encolhe feito um filhote doente.

— Está... na natureza deles. — Seu olhar foi atraído pela garota, que pulava dos galhos do carvalho. Ela aterrissou sobre os pés descalços e correu até os dois, com terror ainda estampado no olhar. Tinha talvez catorze anos e trajava um vestido fino, mas bastante sujo, e seus cabelos pareciam exibir um penteado nobre.

— Obrigada, obrigada, obrigada! — Ela se atirou sobre Frentis, abraçando-o com força. — Os Finados devem ter enviado você.

— Ahn... — disse Frentis, sem saber o que fazer. A guerra, os fossos e a longa jornada de assassinatos não o haviam preparado para aquele tipo de situação. Ele tocou a garota levemente nos ombros. — Pronto, pronto.

Ela continuou a soluçar em seu peito até Davoka aproximar-se e puxá-la. A garota teve um sobressalto ao ver a lonak, afastando-se e protegendo-se atrás de Frentis.

— Ela é uma estrangeira! — sussurrou ela. — É uma deles!

— Não — disse-lhe Frentis. — Ela é de outro lugar. É uma amiga.

A garota soltou uma lamúria desconfiada e continuou agarrada à manga de Frentis.

— Há mais com você? — perguntou ele.

— Apenas Gaffil. Fugimos do carroção. Ele acertou um dos homens com o chicote e corremos.

— Gaffil?

— O camareiro da Senhora Allin. Ele deve estar por aqui. — A garota afastou-se e ergueu a voz — Gaffil! — Ela se calou quando Davoka apontou a lança para algo na vegetação, algo destruído e que poderia ter sido um homem.

— Oh... — disse a garota em voz baixa e desmaiou.

— Você carrega ela — disse Davoka.

O nome dela era Illian Al Jervin, terceira filha de Karlin Al Jervin, recentemente favorecido pelo Rei pela qualidade de seu granito.

— Granito? — perguntou Davoka, franzindo o rosto.

— Pedra — explicou Frentis. — É usada para construir coisas.

— O Rei adora construir! — disse Illian. — E as pedreiras do meu pai fazem as melhores pedras.

— Pedreiras não fazem pedras — escarneceu Arendil, mexendo na panela sobre a fogueira. — Você tira pedras delas.

— E o que você sabe? — Illian virou-se para ele. — Você é um renfaelino. E um plebeu, pelo que vejo.

— Então está vendo mal — respondeu Arendil no mesmo tom. — Meu avô é o Barão Hughlin Banders...

— Basta! — disse Frentis. — Senhora Illian, a senhora falou sobre um carroção.

Ela fez uma careta para Arendil e continuou sua história.

— Eu estava visitando a Senhora Allin. Ela costuma me convidar quando meu pai se ausenta. Vimos a fumaça sobre a cidade, e então aqueles homens apareceram. Aqueles homens horríveis, com chicotes e cães... — Ela se calou e começou a fungar.

— Vocês foram capturados? — perguntou Frentis.

— Todos nós, menos os criados mais velhos e a Senhora Allin. Eles m-mataram todos, e na nossa frente. Fomos acorrentados e colocados em carroções. Já havia outras pessoas nos carroções. Muitos eram plebeus, mas também havia pessoas de qualidade.

— Quantas? — perguntou Frentis, optando por ignorar o esnobismo inconsciente da garota.

— Quarenta, talvez cinquenta. Estávamos no caminho para a cidade, e

qualquer um que gritasse ou mesmo olhasse para eles de um jeito errado era chicoteado. Havia uma mulher no carroção ao lado, que havia sido capturada antes de virem atrás de nós. Um dos homens a t-tocou. Quando ela cuspiu nele, cortaram sua garganta. O marido estava acorrentado ao lado da mulher. Ele gritou até eles o espantarem e o deixarem desacordado.

— Como vocês conseguiram escapar, minha senhora? — perguntou Mestre Grealin.

— Gaffil tinha um pequeno alfinete na bota e o usou para fazer alguma coisa com os fechos nas correntes, e elas se soltaram.

— *Ele* teria sido útil — murmurou Rateiro.

— Ele soltou todos no carroção e mandou que esperássemos até chegarmos mais perto das árvores. Quando chegamos, ele acertou um dos homens com as correntes e corremos. Havia dez ou doze fugitivos quando começamos a correr, mas logo éramos apenas Gaffil e eu. Então ouvimos aqueles cães. — Ela se calou, com o rosto tenso ao segurar mais lágrimas.

— Havia guardas também? Fora os homens com chicotes? — perguntou Frentis. — Ou soldados?

— Havia alguns homens a cavalo com espadas e lanças. Talvez seis ou sete. Frentis sorriu e gesticulou para a panela.

— Coma, minha senhora. Deve estar com fome.

Ele acenou com a cabeça para Mestre Grealin e Davoka, que se afastaram até as árvores.

— Dois ladrões e duas crianças — disse Grealin. — Mais um homem gordo. Não é um exército que impressione, irmão.

— Exércitos precisam de recrutas — observou Frentis. — E, graças à nossa senhora, sabemos onde encontrar alguns.

— Devem estar a quilômetros a essa altura — disse Davoka.

— Duvido. Um traficante de escravos não deixaria seus cães para trás.

Eles arrastaram os corpos dos cães por três quilômetros para o norte antes de retornarem ao acampamento. Encontrar o rastro dos homens que procuravam os animais não foi particularmente difícil, mas manter Rateiro e Draker quietos o suficiente para seguirem sem serem detectados era muito mais complicado.

— Vê? — disse Davoka em um sussurro raivoso, pegando um graveto quebrado caído no chão da floresta. — Madeira é seca. Pisa nela e ela quebra. — Ela jogou o graveto para Draker. — Olhe onde pisa.

Estava quase anoitecendo quando encontraram os homens, acampados nas margens menos densas da floresta. Mestre Grealin esperou com Illian e Arendil enquanto Frentis conduziu os outros adiante.

— Esperem até me virem — sussurrou ele para Rateiro e Draker, fazendo sinal para Davoka segui-lo enquanto dava a volta pela direita. Os quatro carroções estavam dispostos em um quadrado, com fileiras de pessoas encolhidas e acorrentadas. Havia seis guardas no perímetro e cinco traficantes de escravos sentados em volta de uma fogueira, um deles chorando abertamente.

Estão confiantes demais, concluiu Frentis, notando o andar casual dos guardas entre os carroções. *Não deveriam ter entrado tanto na floresta.*

Ele se esgueirou para trás do guarda que estava mais perto, esperou até que seu compatriota mais próximo desaparecesse atrás de um carroção e cortou a garganta do homem com a faca de caça. *Espada Livre mercenário*, concluiu pelo equipamento desigual do volariano.

Frentis chamou a atenção de Davoka e apontou para o guarda seguinte, sentado sobre a roda do carroção, de costas para as árvores e passando a lâmina de sua espada curta em uma pedra de amolar. Frentis não esperou pelo espetáculo e moveu-se até os carroções, perto o bastante para ouvir a conversa dos traficantes de escravos.

— Criei meus cachorros desde filhotes — dizia o homem que chorava. — Eu mesmo os treinei.

— Anime-se — disse um dos seus companheiros com um sorriso solidário. — Vá foder um dos garotos que encontramos. Isso sempre me alegra.

— Quando eu encontrar quem matou meus filhotes — prosseguiu o choroso —, pode apostar que vou foder muito. — Ele brandiu uma adaga longa. — Com isto.

Ouviu-se um grito vindo do outro lado do acampamento, seguido pelos sons de uma luta desordenada; Rateiro e Draker não haviam conseguido permanecer escondidos. Frentis desembainhou a espada, manteve a faca de caça na mão esquerda e saiu de trás do carroção.

— Como compensação por sua perda, vou matar você por último — disse ele ao homem com a adaga longa.

— Sem mexer! — disse Davoka a Draker enquanto dava pontos no corte que ele recebera no braço. O homenzarrão ranguu os dentes e choramingou, tremendo enquanto a agulha fazia seu trabalho.

— Bem feito, seu desajeitado — disse Rateiro. Ele exibia um hematoma roxo na face e tinha os nós dos dedos bastante esfolados depois de espancar um dos traficantes de escravos quase até a morte. Os prisioneiros libertados aproximaram-se para terminar o serviço.

Haviam resgatado trinta e cinco pessoas, nenhuma aparentando ter mais de quarenta anos; eram homens e mulheres em número igual, além de algumas crianças que mal haviam chegado à adolescência. Havia também uma quantidade decente de armas e saques acumulados pelos traficantes de escravos, pelos quais os prisioneiros começaram a brigar imediatamente.

— Isso pertencia à minha velha mãe! — insistia uma jovem que abraçava com força um vaso antigo.

— Isso pertencia à casa da Senhora Allin, como você bem sabe — repreendeu Illian. Ela puxou a manga de Frentis quando ele passou ao seu lado. — Essa criada está tentando roubar de sua patroa.

Frentis parou e olhou com firmeza para a jovem que segurava o vaso. Após um momento, ela engoliu em seco e o entregou. Ele girou o vaso nas mãos,

notando a complicada decoração, uma ave exótica de alguma espécie que voava sobre uma selva, lembrando-lhe a região ao sul de Mirtesk — Bonito — disse ele, jogando o vaso contra a árvore mais próxima.

— Apenas armas, ferramentas, roupas e comida — disse Frentis, erguendo a voz e calando aqueles que brigavam pelos itens. — Isto é, se vocês quiserem ficar conosco. Esse Reino está em guerra, e qualquer um que ficar será um soldado nessa guerra. Se preferirem, agarrem o que puderem carregar e corram, mas eu ficaria surpreso se não acabassem em outro carroção de escravos em poucos dias. Esse é um Reino livre, então deixo a escolha para vocês.

Seguiu em frente, mas parou ao avistar um homem vasculhando uma pilha de armas amontoadas. Era magro, com cabelos longos que escondiam seu rosto, mas havia algo familiar em seus movimentos, mancando enquanto revirava a pilha. O homem parou ao reconhecer algo, afastando os cabelos ao se ajoelhar para recolher o que encontrara.

— Janril! — Frentis correu até ele e estendeu a mão para o antigo corneteiro dos Lobos Corredores. — Pela Fé, é bom vê-lo de novo, Sargento!

Janril Norin não tirou os olhos das armas e ergueu uma espada. Era uma lâmina renfaelina, simples, mas útil. Janril sentou-se e segurou o punho da arma, deslizando os dedos pela lâmina. Frentis notou os vários hematomas que ele tinha no rosto estreito. *Cortaram sua garganta... Ele gritou até eles o espancaram e o deixaram desacordado...*

— Janril — sussurrou Frentis, agachando-se ao lado do menestrel. — Eu...

— Estávamos dormindo quando nos encontramos — disse Janril em um tom apático. — Eu não havia colocado uma sentinela, não achei que precisaríamos de uma estando tão perto da capital. Essa espada estava debaixo da nossa cama, bem aconchegada e enrolada em um cobertor. Mal toquei nela quando nos arrastaram para fora. O Sargento Krelnik me deu no dia em que deixei os Lobos Corredores. Disse que todos os homens precisavam de uma espada, fossem eles menestréis ou soldados. Aparentemente ele pegou essa espada na noite que atacamos o Forte Alto. Não sei por que a guardou por tanto tempo. Não é lá essas coisas, não é?

Janril voltou o olhar para Frentis, que soube que estava olhando para os olhos de um louco.

— Vocês mataram todos? — perguntou o menestrel.

Frentis assentiu.

— Eu quero mais.

Frentis tocou a lâmina da espada.

— Você terá.

CAPÍTULO CINCO

Reva

— A Guarda do Reino inteira? — perguntou Sentes.

O cavaleiro assentiu, segurando um copo de conhaque com a mão trêmula. Era sua terceira dose, mas parecia que a bebida pouco servia para lhe acalmar os nervos.

— Exceto os regimentos que não estão aquartelados no litoral ou nas fronteiras, meu senhor. Quarenta mil homens ou mais.

Reva observou o tio afundar-se na cadeira. Fora a Senhora Veliss e o cavaleiro, eles estavam sozinhos na Câmara do Senhor.

— Como é possível? — perguntou Veliss ao homem.

— Eles eram tantos, minha senhora. E os cavaleiros... — Ele sacudiu a cabeça, calando-se e engolindo mais conhaque. — Caíram sobre nosso flanco e dizimaram dois regimentos inteiros antes que soubéssemos o que estava acontecendo. A essa altura, os volarianos já atacavam com força total.

Sentes permaneceu em silêncio, sentado em sua cadeira, e a Senhora Veliss parecia incapaz de formular outra pergunta, passando uma das mãos não muito firmes pela testa.

— Deixe-me ver se entendi bem — disse Reva quando o silêncio se arrastou. — A Guarda do Reino saiu de Varinshold dois dias antes da invasão. Correto?

O cavaleiro assentiu.

— O Senhor da Batalha mandou todos vocês voltarem e, um dia depois, quando estão enfrentando os volarianos, o Senhor Feudal Darnel aparece no horizonte com seus cavaleiros.

— Pensamos que ele havia chegado para ajudar, embora só os Finados saibam como ele pode ter chegado tão rápido.

— Está dizendo que o Senhor Feudal Darnel é um traidor? — interrompeu Veliss. — Que ele liderou seus homens contra o exército do Rei?

— Estou, minha senhora. E quanto ao Rei... Alguns refugiados de Varinshold na estrada disseram que ele está morto.

Reinou o silêncio, e Reva indagou-se sobre sua falta de animação. *O Rei do*

Domínio Herético está morto e tudo o que sinto é medo.

— Não houve sobreviventes? — insistiu Veliss. — O Senhor da Batalha?

— Foi visto pela última vez investindo sozinho contra as fileiras volarianas — respondeu o cavaleiro. — Quanto a sobreviventes, o Lorde Comandante Caenis havia reunido os Lobos Corredores e alguns outros regimentos na retaguarda, mas eles estavam sobrecarregados quando os vi pela última vez. Meu Lorde Comandante enviou cinco homens para trazer notícias até aqui. Fui o único a sobreviver.

— Obrigado — disse Sentes em voz baixa. — Deixe-nos para que possamos ponderar sobre suas notícias, por favor. Alojamentos serão providenciados.

O cavaleiro assentiu e levantou, mas então hesitou.

— Há algo que precisa saber, meu senhor. As histórias que ouvi na estrada não deixam dúvidas sobre a natureza de nosso inimigo. Esses volarianos não vêm apenas para conquistar, mas em busca de escravos e de sangue. Não há acordo com eles.

A Senhora Veliss gesticulou para a porta com um sorriso cortês, acompanhando o homem.

— Lorde Darnel parece ter encontrado motivos para uma traição — comentou ela quando a porta foi fechada.

— Darnel é um tolo que glorifica a si mesmo — retorquiu o Senhor Feudal sem muita emoção. — Apesar de eu jamais ter pensado que sua ambição vã o levaria a isso. Pergunto-me o que prometeram a ele.

— Eu disse ao capitão da guarda para enviar batedores para o norte — disse Reva. — Se eles vierem, devemos ser avisados.

— Eu realmente duvido que seja uma questão de “se”. — Ele se virou para Veliss, que estava parada com uma das mãos sobre a boca e os olhos distantes. — Nenhum conselho para mim, minha mais confiável conselheira?

Veliss engoliu em seco e olhou para Reva.

— Minha herdeira merece ouvir seus conselhos sensatos e sinceros, não acha? — perguntou Sentes a ela.

— Há dois quilos e meio de ouro guardados no porão dessa mansão — disse Veliss. — Cavalos velozes nos estábulos e um porto movimentado a uma hora de cavalgada ao sul.

Reva levantou-se e avançou na direção da mulher com os punhos cerrados.

— Ele merece um conselho sincero — protestou Veliss, recuando.

— Reva! — gritou Sentes antes que ela alcançasse a asraelina. — Deixe-a em paz!

— Apenas uma meretriz, afinal — disse Reva, recuando e lançando um olhar furioso para Veliss.

— Em reconhecimento por seu serviço a esse feudo, que foi bom e fiel, você pode levar quinhentos gramas daquele ouro e um cavalo veloz e partir sem recriminações — disse Sentes a Veliss.

O rosto de Veliss ficou vermelho.

— Você sabe que não farei isso — disse ela com raiva.

— Mas gostaria que eu fizesse?

— Eu gostaria que você vivesse. Ouviu o que o soldado disse. Se a Guarda

do Reino não pôde resistir a eles, que chance nós temos?

Sentes levantou-se da cadeira e andou até a longa janela nos fundos da câmara, onde parou e olhou para o terreno da mansão e para os telhados que brotavam acima dos muros da propriedade.

— Sabia que essa cidade jamais foi capturada? Meu avô a defendeu contra o pai de Janus durante um verão inteiro. Por fim, os sitiadores ficaram mais famintos e doentes do que os sitiados e retornaram para Asrael, deixando metade de seu exército para trás. Janus, sempre mais sábio do que o pai, sequer tentou tomar essa cidade. Ele sabia que bastava continuar devastando o feudo.

— O que impedirá os volarianos de fazerem o mesmo? — perguntou Veliss.

— Nada. Absolutamente nada. — Sentes deu as costas à janela e sorriu para Reva. — Você, minha maravilhosa sobrinha, também tem permissão para pegar...

— O que pretende, tio? — interrompeu Reva antes que ele pudesse terminar.

Uma expressão diferente surgiu no rosto de Sentes ao olhar para a sobrinha, um sorriso estranho de contentamento nos lábios avermelhados pelo vinho. *Orgulho*, percebeu Reva após um segundo. *Ele tem orgulho de mim*.

— Quando desfrutei da hospitalidade da corte do Rei Janus pela primeira vez — disse o Senhor Feudal após um momento —, antes de desenvolver meu gosto pelo vinho e por outros prazeres, eu gostava de jogos. Especialmente dos jogos de cartas. Eles têm um jogo complexo em Asrael, chamado Blefe do Guerreiro, em que a vitória depende em grande parte da aposta que se faz. Se apostar demais, seus oponentes saberão que você tem a mão melhor; se apostar muito pouco, eles perceberão seu blefe. Devo ter jogado mil partidas e posso dizer que enriqueci bastante no processo. Em determinado momento, ficou difícil encontrar alguém que quisesse jogar comigo e encontrei outras distrações.

— E quanto você pretende apostar agora? — perguntou Veliss.

— O jogo tem esse nome devido à mão em particular, formada pelo Senhor das Lâminas e pelas cinco outras cartas do naipe marcial. Ainda que cada jogador tenha cartas de maior valor, o jogo é seu se tiver o Blefe do Guerreiro. — Ele andou até Veliss e a abraçou. Reva notou como os punhos da mulher se fecharam sobre a túnica dele, com os nós dos dedos brancos. Sentes recuou e beijou-a suavemente no rosto. — Pretendo apostar tudo, pois suspeito que o Senhor das Lâminas está no alto do nosso baralho.

O comandante da Guarda da Cidade estava empertigado, com o peitoral da armadura reluzindo e as costeletas grisalhas alisadas. Atrás dele estavam enfileirados os seiscentos homens da guarda, todos com armaduras polidas e igualmente empertigados. Ao lado estavam cerca de quatrocentos homens que compunham a Guarda da Casa do Senhor Feudal, todos com pelo menos um metro e oitenta de altura, como mandava a tradição. *Mil homens para defender uma cidade*, pensou Reva quando o tio subiu na traseira de uma carroça. *Não será suficiente*. Por mais que já tivesse lutado, ela nunca havia estado em uma

batalha, de modo que não tinha experiência para embasar sua conclusão lúgubre, mas a história do cavaleiro havia deixado pouco espaço para otimismo.

O toque para a concentração soara menos de uma hora antes no campo de exercícios ao lado do quartel. Os rumores já corriam: a passagem do cavaleiro pelo portão não passara despercebida, de maneira que muitos daqueles homens sem dúvida suspeitavam de que havia problemas a caminho, mas ainda assim cada rosto revelava apenas a disciplina estoica dos soldados com muito tempo de serviço. O vento soprava forte, levantando poeira e fazendo os mantos e os estandartes esvoaçarem, e seu tio foi obrigado a gritar para ser ouvido.

— A guerra vem até nós! — gritou ele. — Sem ser procurada e sem ser justa, trazida às nossas praias pela raça mais imunda a que esse mundo já deu origem. Não imploro por sua lealdade e não pretendo persuadi-los. Digo-lhes apenas que devem permanecer aqui e enfrentar o que surgir ou encarar a morte, se tiverem sorte, ou a escravidão, se não tiverem. Nosso inimigo não traz outros presentes. Dou-lhes esse dia para que descansem. Vão para casa e fiquem com suas famílias. Olhem nos rostos de suas esposas e saibam que serão estupradas, olhem para seus filhos e vejam cadáveres. Olhem para essa cidade e vejam uma casca queimada e destruída. Então, pela manhã, decidam se ficarão comigo e com minha valente sobrinha enquanto defendemos a cidade.

Ele se virou para descer da carroça, parando, surpreso, quando vozes se ergueram das fileiras, a princípio poucas, mas logo aumentando até um grande brado ser dado por todos os soldados presentes, com punhos e espadas erguidos e sacudidos. Reva passou os olhos pelos rostos que gritavam nas fileiras, vendo principalmente medo e suor, mas também algo mais. *Não é coragem. Desespero ou esperança? Eles encontram esperança nas palavras de um bêbado.*

O comandante da Guarda da Cidade avançou e bateu continência.

— Lorde Arentes? — perguntou Sentes.

— Sei que falo pelos meus homens, meu senhor — disse o homem em um tom formal, com as costas tão empertigadas quanto antes. — Não precisamos de um dia para refletir. A defesa dessa cidade necessita de cada hora disponível.

— Como queira. Sem dúvida, você terá pedidos a fazer no devido tempo. — Ele estendeu uma das mãos para Reva. — A Senhora Reva ficará ao seu lado durante os preparativos. Quaisquer pedidos serão feitos por intermédio dela.

O velho guarda lançou um breve olhar de avaliação para Reva, rápido demais para que se pudesse julgar sua reação, mas ela ouviu certa tensão no tom do homem quando respondeu ao seu tio.

— Como meu senhor desejar.

Sentes inclinou-se para beijá-la no rosto e sussurrou:

— Fique de olho nesse urubu velho por mim.

— Eu gostaria que Arken me auxiliasse — disse ela quando o tio se afastou.

— Vou mandá-lo para cá. — Ele partiu na direção de sua carruagem, deixando-a com o Lorde Comandante.

— Pensei em inspecionar as muralhas, minha senhora, se quiser me acompanhar — sugeriu o homem.

As muralhas eram feitas de grandes blocos de granito mais altos do que Reva e mantidos no lugar pelo próprio peso.

— Estão inteiras há quatrocentos anos, minha senhora — disse o Lorde Comandante Arentes em resposta à pergunta dela. — Há algumas rachaduras nas pedras mais baixas, mas ainda aposto a segurança da cidade na força dessas muralhas.

Reva lembrou-se de uma das histórias sobre os feitos de Al Sorna durante a guerra no deserto. Os detalhes eram vagos, e o próprio Al Sorna havia simplesmente ignorado ou se recusado a responder qualquer pergunta feita por ela sobre aquela época, mas tinha algo a ver com os alpiranos enviarem grandes máquinas contra a cidade que ele capturara.

— Não há máquinas? — perguntou Reva. — Aparelhos capazes de derrubar essas muralhas?

Arentes deu uma risada indulgente enquanto caminhavam ao longo das ameias, onde seus homens estavam ocupados armazenando armas.

— Não essas muralhas, eu lhe asseguro. Com tempo suficiente, um castelo pode cair diante de armas de cerco, mas as muralhas de Alltor resistiram contra as maiores máquinas que o engenho asraelino pôde elaborar. Não, a batalha será vencida aqui. — Ele bateu com a mão aberta em uma das crenas que formavam as ameias. — Para tomar essa cidade, eles terão de escalar as muralhas, e quando fizerem isso... — Ele fungou, apertando os olhos. — Bem, eles descobrirão que não estão enfrentando asraelinos.

— Eu sou asraelino — disse Arken. — E acredito que pelo menos outros duzentos vivam aqui.

— Então, meu jovem, espero fervorosamente que eles lutem melhor do que a Guarda do Reino.

Arken respirou fundo antes de retrucar, mas Reva fez um sinal para que ele se calasse.

— Dizem que o exército volariano é imenso — disse ela. — E nós mal temos mil homens.

— Sim — admitiu Arentes com um suspiro. — Eu pediria que seu tio convocasse todos os homens em idade de lutar para auxiliarem na defesa. Além de todos que pudermos reunir de todos os cantos do feudo enquanto houver tempo.

— E quanto às suas famílias? Eles irão trazê-las para cá?

— Dificilmente. Cercos não são vencidos apenas com batalhas, mas também com fome. Quanto menos bocas para serem alimentadas dentro das muralhas, melhor.

— Então vamos simplesmente deixá-las desprotegidas para enfrentar a escravidão e a morte enquanto seus homens lutam por nós?

— Isso é guerra, Senhora Reva. E os cumbraelinos sabem suportar o custo da guerra.

— Você não irá suportá-lo — observou Arken. — Estará a salvo atrás dessas muralhas intransponíveis.

Arentes empertigou-se.

— Minha senhora, duvido que Sua Senhoria permita que a senhora mantenha esse plebeu asraelino ao seu lado apenas para insultar aqueles superiores a ele.

Esse homem é um tolo pomposo, concluiu Reva. Ela inclinou a cabeça, sorrindo.

— Perdão, meu senhor. Vamos completar a inspeção?

Ao anoitecer, a Senhora Veliss havia somado mais de três mil homens às fileiras, sendo que cerca da metade possuía arcos longos ou armas variadas. Mensageiros foram enviados a todos os cantos do feudo com ordens para que os homens em idade de lutar se apresentassem em Alltor em três semanas. Por insistência de Reva, um parágrafo havia sido acrescentado à mensagem, oferecendo proteção dentro das muralhas da cidade para qualquer um que o desejasse. Veliss protestara, repetindo as objeções de Lorde Arentes, mas o Senhor Feudal não lhe deu ouvidos.

— Se não pudermos oferecer proteção ao nosso povo, que valor ele verá em nós? — perguntou ele, apesar de Reva detectar certa maquinação em seu olhar enquanto falava, fazendo-a se perguntar se ele não tinha um propósito maior.

Todos os dias, lenhadores traziam freixos e salgueiros recém-cortados das florestas ao redor para a fabricação de flechas, e os ferreiros trabalhavam duro para produzir milhares de pontas. Alimentos foram estocados, deixando os armazéns no quadrante dos mercadores tão cheios de grãos que o terreno da mansão foi usado como espaço extra de armazenamento. Uma mensagem do Senhor Feudal ao Leitor, solicitando o uso das galerias da catedral para o mesmo propósito, recebeu uma resposta brusca: “A Casa do Pai não é um galpão.”

Na verdade, o cerco iminente pareceu não afetar muito a rotina do Leitor. Ele e seus bispos ainda realizavam a procissão diária pela praça, embora nem tantos estivessem inclinados a ajoelhar-se, ocupados com a infinidade de tarefas designadas pela Senhora Veliss. As cerimônias do Leitor também foram mantidas sem interrupção, frequentemente diante de bancos quase vazios, apesar de algumas pessoas relatarem que seus sermões estavam mais fervorosos e instigantes.

— Ele nem menciona a guerra — disse um Guarda da Casa a Reva enquanto ela e Arken o ajudavam a carregar fardos de flechas até o alto das ameias. — Parece preferir o Sexto Livro.

O Livro do Sacrifício.

— Alguma passagem em particular? — perguntou ela.

— Ah, o que foi que ele citou da última vez? — O guarda colocou um fardo na pilha crescente acima do portão principal. — Aquela fala sobre como os filhos de Alltor recusaram-se a deixá-lo quando a multidão foi atrás dele.

— “As lâminas dos não amados brilharam ao luar” — citou Reva. — “O sangue dos martirizados brilhou ainda mais.”

— Sim, foi essa mesma. Não posso dizer que me importo muito, mas minha

esposa insiste para irmos. O último Leitor, sim, era um homem que se podia ouvir o dia inteiro. Ele realmente fazia os livros cantarem.

Recrutas começaram a chegar em grande número ao final da primeira semana. No início, eram cerca de cem por dia, chegando a mais de quatrocentos dentro de dez dias, muitos trazendo suas famílias. A maioria dos homens mais velhos carregava arcos longos, enquanto os mais jovens geralmente traziam espadas ou alabardas já usadas por seus pais, embora muitos não tivessem mais do que foices ou qualquer ferramenta agrícola com uma lâmina afiada. Alguns não tinham armas, e Sentes se viu obrigado a esvaziar a sala de espadas da mansão para suprir a demanda.

— Acho que vou ficar com esta — disse ele, erguendo a espada do avô enquanto as outras eram levadas pelos portões para serem distribuídas. — Para matar alguns volarianos, hein? — Ele fez alguns movimentos desajeitados com a espada sob o olhar de Reva.

— Tenho certeza de que vou matar o suficiente por nós dois, tio — disse ela.

— Não vai, não. — O tom dele era enfático. — Você ficará comigo e com a Senhora Veliss enquanto durar o cerco.

Reva olhou boquiaberta para ele.

— Eu não vou...

— Você vai ficar, Reva! — Era a primeira vez que o tio erguia a voz com ela e Reva não pôde deixar de dar um passo para trás diante da raiva no rosto dele. Ao ver o quanto ela se alarmara, Sentes se acalmou. — Desculpe-me.

— Eu luto — disse Reva. — É o que eu faço. É tudo o que sei fazer. Tudo o que posso oferecer a você e a essas pessoas.

— Não. Você oferece mais do que lutar. Você oferece esperança de que esse feudo sobreviverá àquilo que está vindo para destruí-lo. E essa esperança não pode morrer. Eu já presenciei batalhas, Reva. A guerra não escolhe favoritos. Ela ceifa a vida dos fortes e dos fracos, dos habilidosos e dos desajeitados. — Ele estendeu a mão e ela a pegou. — Dos velhos e dos jovens. Preciso de sua palavra de que ficará comigo e com a Senhora Veliss.

Ele segurava a mão dela com gentileza, mas de forma insistente.

— Como quiser, tio.

Ele apertou a mão da sobrinha e virou-se para a mansão.

— O Senhor das Lâminas — disse ela. — Tem tanta certeza assim de que ele virá?

— Você não? Você o conhece melhor do que eu.

— Os Confins ficam a muitos quilômetros daqui e tudo o que o povo desse feudo já ofereceu a ele foi medo e ódio. Por que ele viria? E quem sabe o que se encontra entre eles e nós?

Sentes passou o braço pelos ombros de Reva ao atravessarem os jardins. Fileiras de sacas de grãos erguiam-se em ambos os lados, onde antes ficavam as plantas aparadas em formas de animais e cortadas dias antes.

— Quando o Forte Alto caiu, encontrei Al Sorna agachado sobre o corpo de

seu pai, recitando um dos catecismos de seu povo. Por algum motivo, ele parecia genuinamente perturbado. Ele também ordenou que os corpos dos homens de seu pai recebessem um enterro apropriado sob o olhar do Pai. Qualquer que seja o ódio que nosso povo possa ter por ele, não creio que ele o retribua. Ele virá, não tenho dúvida. Só precisamos nos assegurar de que haja algo aqui para salvar quando vier.

Reva passou a treinar com os Guardas da Casa na maioria das tardes, quando dois ou três a atacavam de uma vez com espadas de madeira enquanto ela aparava cada golpe e desferia os seus próprios em uma dança. Nenhum dos homens parecia se ofender por ser derrotado por uma adolescente; na verdade, pareciam encorajados pela habilidade dela, na qual alguns até mesmo viam algo divino.

— O Pai guia sua espada, minha senhora — disse o sargento mais experiente após Reva fazer mais dois de seus homens se chocarem. O nome dele era Laklin, um robusto veterano de batalhas contra foras da lei e rebeldes e um sobrevivente do Vau da Água Verde. Foi o primeiro cumbraelino que Reva conheceu, além do Leitor, que chegava perto de igualar seu conhecimento dos Dez Livros. — “Os amados não precisam temer o curso da guerra ou as espadas de homens vis, pois o Pai não permitirá que sejam derrotados”.

Nem permitirá que levem a guerra aos não amados, pensou Reva, completando a citação, mas achando melhor não a dizer em voz alta.

Seu olhar foi atraído para a margem do campo de exercícios, onde uma nova companhia de recrutas dava seus nomes a uma atormentada Senhora Veliss. Ela era vista com frequência pela cidade, seguida por dois assistentes sobrecarregados com numerosos rolos de pergaminhos e livros de registro, assinando permissões em nome do Senhor Feudal e mantendo registros de homens e suprimentos, todos meticulosamente transcritos todas as noites para um único volume com encadernação de couro. Mais de uma vez, Reva a encontrara deitada sobre o livro na biblioteca, roncando baixo. Ela notou a desconfiança no rosto da mulher ao anotar o nome do homem diante dela, um arqueiro que liderava uma companhia de cerca de uns trinta homens. *Bren Antesh*, lembrou-se Reva. *Cumprindo sua palavra*.

Reva curvou-se para o sargento e pediu licença, indo até Veliss, que encarava Antesh com firmeza.

— Nenhum outro nome? — perguntou ela, enfática.

Antesh pareceu intrigado ao sacudir a cabeça.

— Que outro nome eu teria, minha senhora?

— Alguns me vêm à mente — respondeu Veliss.

— Capitão Antesh, não? — perguntou Reva. — Meu tio ficará feliz ao ver que você cumpriu sua promessa.

O arqueiro lançou-lhe um olhar rápido de avaliação e fez uma longa mesura.

— Devo estar falando com a Senhora Reva.

— Está. Se a Senhora Veliss terminou, posso mostrar-lhe seu lugar nas muralhas.

Veliss puxou-a gentilmente para um canto.

— Não confie nesse homem — disse ela em voz baixa. — Ele não é quem diz ser.

Reva franziu o cenho.

— Ele veio em resposta ao chamado do Senhor Feudal, cumprindo uma promessa solene. Esses não parecem ser os atos de um homem indigno de confiança.

— Apenas tenha cuidado perto dele, querida. — A voz de Veliss perdeu o tom suave quando ela segurou a mão de Reva. — Você sabe muito, mas não o suficiente. Nem de longe.

A intensidade no olhar e na voz dela acelerou o coração de Reva.

— Eu sei que esse homem veio lutar pelo povo desse feudo — disse ela, soltando-se. — Ele e outros milhares. Não há sacos de ouro ou cavalos velozes para oferecer a eles.

— Você sabe por que eu disse isso.

— Sei que temos pouco tempo para perder com suas suspeitas. Que posição você tem para eles?

Veliss suspirou e tirou uma carta dobrada e selada, guardada entre o maço de documentos que carregava.

— Parece que seu tio antecipou o retorno do capitão. Ele será nomeado Lorde Comandante dos Arqueiros. Ele escolherá seu próprio lugar.

— Lorde Antesh — ponderou o arqueiro enquanto Reva percorria as muralhas com ele. — Pelo menos minha esposa ficará satisfeita. Talvez eu compre aquele pasto sobre o qual ela tanto fala.

— Sua esposa não está com você? — perguntou Reva.

— Eu a mandei com as crianças para Nilsael. Seguirão para Porto Gélido e, caso a cidade seja tomada, continuarão até os Confins do Norte, onde acredito que serão bem-vindas.

— O Senhor da Torre tem uma dívida com você.

— O Senhor da Torre vai recebê-las por precisarem de abrigo, pois essa é a natureza dele. Qualquer dívida entre nós foi encerrada com a guerra.

— Meu tio está certo de que ele virá em nosso auxílio.

O arqueiro deu uma risada baixa.

— Então tenho pena dos volarianos que ainda estejam aqui para enfrentá-lo.

— Ele foi até uma parte da muralha que batia na altura do seu peito, entre as crenas, com perspicácia evidente nos olhos escuros ao observar o passadiço que saía do portão principal. — É fácil entender por que esse lugar nunca foi tomado. Tem apenas uma faixa muito estreita de marcha e as águas ao redor são fundas demais para serem vadeadas.

— O Lorde Comandante Arentes tem certeza de que tudo será resolvido nas muralhas.

— Não parece muito convencida, minha senhora.

— Varinshold caiu em uma única noite. A maior cidade do Reino foi tomada, o Rei está morto e seu exército foi derrotado em poucos dias. Sei pouco sobre exércitos e guerras, mas imagino que tais feitos exijam preparação e planos elaborados ao longo de meses ou anos.

Havia surpresa no olhar que o arqueiro lançou a Reva, mas também certa dose de alívio.

— Fico feliz em ver que o Senhor Feudal teve grande discernimento ao escolher sua herdeira, minha senhora. Acredita que os volarianos tenham planos elaborados há muito tempo para nós?

— Nem todos sabem, mas houve um atentado contra a vida de meu tio no dia em que você fez sua petição. Se os assassinos tivessem sido bem-sucedidos, o feudo estaria entregue ao tumulto e não haveria ninguém para organizar a defesa.

— Esses assassinos devem ser um bando bastante desajeitado para falharem dessa forma.

— De fato.

— Se minha senhora estiver correta, então o plano dos volarianos fracassou, e eles não têm muita opção além de nos sitiarem.

— Talvez. Ou talvez eles ainda tenham outros planos para nós. Diga-me, o que você sabe sobre os Filhos do Lâmina Fiel?

O olhar de Antesh anuviou-se, e ele se virou para o rio.

— Seguidores fanáticos de seu finado pai, pelo que ouvi dizer. Encontraram pouco apoio nos condados do sul. As pessoas são mais pragmáticas em suas devoções por lá. Acha que estão envolvidos?

— Eu sei que estão. — Ela parou, observando-o enquanto Antesh esquadrinhava o rio de margem a margem, calculando as distâncias com os olhos de arqueiro. — Por que a Senhora Veliss o cumprimentou com tamanha desconfiança? — perguntou Reva.

— Não por qualquer lealdade aos Filhos, posso lhe assegurar. — Antesh olhou novamente para ela e ergueu as sobrancelhas ao notar o arco de olmo que ela carregava. — Pelo Pai, minha senhora. Onde encontrou isso?

Reva pegou o arco e encolheu os ombros.

— Comprei de um pastor bêbado.

Antesh estendeu a mão.

— Posso?

Reva entregou-lhe o arco e franziu o rosto enquanto o arqueiro examinava a vara, passando os dedos sobre os entalhes. Um sorriso surgiu-lhe nos lábios ao dedilhar a corda.

— Pensei que todos estivessem perdidos.

— Conhece esse arco? — perguntou ela.

— Somente por sua reputação. Tive a oportunidade de usar um arco semelhante quando eu era criança. A flecha mais reta que já disparei. — Ele sacudiu a cabeça e devolveu o arco. — A senhora realmente não sabe o que é isso?

Reva foi obrigada a sacudir a cabeça.

— O pastor contou uma história fantástica sobre uma guerra antiga. Eu não estava prestando atenção.

— Bem, talvez houvesse alguma verdade na história, pois os cinco arcos de Arren foram perdidos na guerra, a guerra que colocou esse feudo dentro do Reino, na verdade. Minha senhora, o que tem nas mãos é uma verdadeira lenda de Cumbrael.

Reva olhou para o arco. Havia admirado com frequência a maestria dos entalhes e sabia que era uma arma de poder considerável, mas uma lenda? Ela começou a suspeitar de que estava sendo alvo de alguma piada, uma peça aplicada por um veterano em um recruta impressionável.

— É mesmo? — perguntou ela, duvidosa e com uma sobrancelha erguida.

No entanto, Antesh não demonstrou qualquer sinal de brincadeira em sua resposta.

— Sim. — Franzindo a testa, ele se afastou da muralha e olhou-a com intensidade, da cabeça aos pés. — Sangue dos Mustor carregando um arco de Arren — disse ele em voz baixa.

Antesh piscou após um momento, dando-lhe as costas e pegando o próprio arco.

— Preciso tratar de minhas tarefas como lorde, minha senhora.

— Eu gostaria de saber mais — gritou Reva às suas costas enquanto ele se afastava. — Quem é esse Arren?

O arqueiro apenas ergueu uma das mãos em um aceno cortês e seguiu em frente.

Dois cavaleiros enviados como batedores retornaram no dia seguinte, exaustos, e relataram sua história ao Senhor Feudal e aos capitães reunidos na Câmara do Senhor.

— As regiões fronteiriças estão em chamas, meu senhor — disse o mais velho. — Há pessoas fugindo para o sul e histórias de matanças e crueldades são contadas por toda alma que interpelamos. Ouvimos muitos rumores fantásticos, mas parece óbvio que o Rei está mesmo morto e que Varinshold caiu junto com a maior parte de Asrael, se não com todo o feudo.

— Alguma notícia da Princesa Lyrna? — perguntou o Senhor Feudal. — Ouvi dizer que ela estava em uma insana missão de paz entre os lonaks.

O soldado sacudiu a cabeça.

— Parece que ela retornou no dia em que a frota volariana atacou, meu senhor. Dizem que o palácio queimou, levando consigo cada Al Nieren.

— Você viu algum Guarda do Reino? — perguntou a Senhora Veliss.

— Apenas alguns desgarrados, minha senhora. Homens esgotados, de olhar aterrorizado, sem armadura e armas, fugindo para o sul o mais rápido que podiam. Encontramos uma companhia mista ontem que parecia ainda possuir algum espírito combativo, mas eram apenas uns cem homens. Dissemos a eles que rumassem para cá.

— Os volarianos? — perguntou o Senhor Feudal. — Vocês os viram?

O homem assentiu.

— Apenas a vanguarda, meu senhor. Calculo que estivessem vinte quilômetros ao sul da fronteira seis dias atrás. Estimo que tenham mais de três mil cavaleiros e o dobro de homens em infantaria leve movendo-se para o sul a uma boa velocidade.

— Agora somos cerca de treze mil, meu senhor — observou Lorde Arentes. — O que nos dá uma vantagem temporária.

— Nossos homens treinados não chegam à metade desse número — disse Antesh. — E temos somente algumas centenas de cavaleiros. Não podemos medir forças com eles em campo aberto.

— E não iremos — disse Sentes, com firmeza, quando Lorde Arentes respirou fundo para falar novamente. — Obrigado, meus soldados — disse ele aos seus dois batedores. — Comam algo na cozinha. Digam ao cozinheiro que ordenei que ele lhes sirva o vinho tinto do Vale Malten.

— A vanguarda — disse a Senhora Veliss após os soldados retirarem-se. — Talvez um quinto do exército volariano?

— Mais provável que seja um décimo — disse Antesh. — Mesmo que apenas metade das histórias de Asrael seja verdadeira, a força necessária para conquistar o feudo inteiro deve ser imensa.

— Eles não precisam proteger o flanco setentrional graças à traição de Lorde Darnel — disse Sentes. — Precisarão guarnecer as cidades que tomaram e alocar tropas para varrer o interior, mas não devemos nos iludir. A força que chegará aqui será muito maior do que a nossa. — Ele se virou para Antesh. — O que levanta uma questão: temos flechas para todos eles?

— Estimo que precisemos de pelo menos quatro vezes a quantidade já estocada, meu senhor — respondeu o arqueiro, com uma expressão pesarosa.

— Os flecheiros já estão trabalhando à exaustão — disse a Senhora Veliss. — Também recrutei cada marceneiro da cidade.

— Recrute mais — disse o Senhor Feudal. — De agora em diante, cada par de mãos ociosas não receberá rações até que comece a fazer flechas. Lorde Arentes, envie metade dos seus homens para a floresta e traga cada árvore e muda que conseguirem cortar.

— Não é apenas a madeira, meu senhor — disse Antesh. — Precisamos de ferro para as pontas.

— Esta cidade está coberta de ferro — disse Sentes. — Vejo ferro em cada janela, cada grade e cada cata-vento. Revire esta mansão e pegue todos os potes, painéis e ornamentos de que precisar. Depois revire a cidade. — Ele parou para respirar fundo, com o rosto subitamente pálido.

— Tio? — perguntou Reva, indo até ele.

Sentes sorriu e deu tapinhas nas mãos que Reva colocara em seu braço.

— Seu tio está velho e cansado, minha maravilhosa sobrinha. — Ele segurou as mãos dela e levantou-se, e Reva sentiu o tremor em seu aperto. — E não bebe há horas — acrescentou para os capitães reunidos, provocando risadas tensas. — Vocês têm suas ordens, meus senhores e lordes. Tratem de cumpri-las, por favor.

Reva e a Senhora Veliss o ajudaram a subir as escadas até seus aposentos.

— A garrafa azul, minha senhora, por favor — disse ele a Veliss. A mulher entregou-lhe a garrafa, que ele levou à boca, esvaziando-a e sorrindo. Então, dobrou-se com o rosto contorcido de dor, deixando a garrafa vazia cair no tapete.

— Vou buscar o Irmão Harin! — exclamou Veliss, saindo às pressas do quarto.

Reva ajoelhou-se diante do tio e segurou mais uma vez suas mãos trêmulas.

— O que é isso? — perguntou ela. — O que lhe aflige?

Ele expirou ao se recostar, arfando, mas sorrindo.

— Minha vida, Reva. Minha vida me aflige.

O rosto do Irmão Harin estava sério quando ele fechou a porta às suas costas, virando-se para Veliss e Reva, que aguardavam notícias no corredor.

— Eu dobrei a dose dele — disse o curandeiro. — E dei-lhe um frasco de flor rubra, que deve aliviar a dor.

— Você disse que o curativo lhe daria mais alguns anos — disse a Senhora Veliss.

— Anos tranquilos, minha senhora. Não anos de guerra. A exaustão não ajuda em sua condição.

— Que condição? — perguntou Reva.

Harin olhou para Veliss, que fez um aceno tenso com a cabeça.

— Seu tio bebeu muito vinho ao longo da vida, minha senhora — disse o irmão. — Na verdade, é inacreditável ter bebido tanto e ainda estar vivo.

— Ele ainda não tem sessenta anos — disse ela em um sussurro.

— O álcool faz coisas desastrosas às entranhas de um homem — explicou Harin. — Em particular ao fígado.

— E se ele parasse? — perguntou Veliss. — Parasse completamente. Nada mais de vinho. Nunca mais.

— Isso o mataria — respondeu Harin. — Seu corpo necessita de bebida, embora ela o esteja matando.

— Quanto tempo? — perguntou Reva.

— Com descanso, talvez seis meses, no máximo.

Seis meses... Eu o conheço há apenas três meses.

— Obrigada, irmão — disse ela, sentindo uma lágrima lenta escorrer pelo seu rosto. — Deixe-nos agora, por favor.

O irmão fez uma mesura.

— Virei amanhã.

Veliss aproximou-se de Reva, tocando-lhe a mão com os dedos.

— Ele não queria que você soubesse...

Reva afastou a mão e enxugou a lágrima que corria no rosto. *Chega*, decidiu ela. *Chega de chorar.*

— Os estoques de grãos — disse ela sem emoção. — Quanto tempo eles vão durar?

Veliss hesitou, então falou com uma voz nítida, na qual se ouvia apenas o

mais leve tremor.

— Dado o aumento da população, talvez quatro meses. E somente se forem cuidadosamente racionados.

— Envie a Guarda da Casa. Cada pedaço de comida, vaca, porco e galinha a menos de oitenta quilômetros da cidade devem ser trazidos para cá. Todas as plantações que não tiveram colheitas serão queimadas e os poços devem ser estragados. Qualquer coisa que possa auxiliar nosso inimigo será destruída.

— Há pessoas trabalhando naquelas fazendas...

— Elas encontrarão abrigo aqui, como o Senhor Feudal prometeu. Ou podem tentar a sorte com os volarianos.

Ela andou até a porta dos aposentos do Senhor Feudal.

— Quero falar com meu tio. Sozinha.

Ele estava sentado à sua mesa, com uma taça de vinho ao lado e a espada do avô encostada por perto. A pena em sua mão movia-se sobre uma folha de pergaminho.

— Meu testamento — disse ele quando Reva fechou a porta. — Acho que está na hora.

— Veliss pode ficar com os livros — disse ela.

— Na verdade, há um pedaço de terra ao norte do qual ela sempre gostou. Uma bela casa, com jardins bem cuidados.

— Por que não me contou?

Ele suspirou, deixando a pena de lado e virando-se para Reva.

— Eu tinha medo de que você fugisse — respondeu Sentes. — E eu não a teria culpado.

— E ainda assim você me amaldiçoa com tudo isso.

Ele tomou um gole do vinho.

— Sabia que, de acordo com os números de Veliss, sou o senhor mais bem-sucedido que já se sentou na Cadeira? Na história desse feudo, nenhum outro senhor produziu tanto vinho, gerou tanta riqueza ou esteve à frente de um período de tamanha paz e harmonia. E serei celebrado por isso quando morrer? É claro que não. Serei sempre o mulherengo bêbado com um irmão louco, mas você, Reva, você será a salvadora de Cumbrael. A grande guerreira, abençoada pelo Pai do Mundo, que abriu os portões da cidade e abrigou todos dentro dessas muralhas contra uma tempestade vil e ímpia. Eu achei que levaria anos até que você conquistasse os corações do povo. Graças aos volarianos, levará meses.

Reva sacudiu a cabeça em um contentamento sombrio.

— Eu pensava que Veliss era a maquinadora. Era você, no final das contas.

Sentes voltou um gemido dolorido.

— Tente não odiar seu velho tio. Eu não gostaria de levar tal pensamento comigo para os Campos.

Reva foi até ele, colocou as mãos em seus ombros e beijou-lhe a cabeça.

— Eu não o odeio, seu velho bêbado.

Os primeiros volarianos chegaram três dias depois, quando uma tropa de

cavalaria surgiu no horizonte por volta do meio-dia, permanecendo à vista por não mais do que alguns minutos. Reva ordenou que batedores saíssem em perseguição e que cavaleiros fossem enviados para apressar quaisquer refugiados em direção à cidade e chamar os grupos que haviam saído para recolher alimentos e materiais. Os batedores retornaram no mesmo dia; a vanguarda volariana estava a menos de vinte e cinco quilômetros de distância. Reva esperou até que as últimas pessoas esfarrapadas tivessem passado pelos portões, quando já estava escuro, antes de ordenar que fossem fechados.

— Devemos buscar o Senhor Feudal? — perguntou Antesh quando estavam no alto do bastião sobre o portão principal, olhando para o passadiço e a escuridão mais além.

— Deixe-o dormir — respondeu Reva. — Desconfio de que haverá muito a ser feito pela manhã.

Eles chegaram quando o sol se erguia sobre as colinas ao leste, primeiro a cavalaria, deslocando-se para a planície do outro lado do passadiço em um ritmo tranquilo e com fileiras organizadas. A infantaria veio logo atrás, disposta em batalhões na dianteira, marchando com uma uniformidade inquietante; as formações que os seguiam eram mais abertas, com um ritmo menos regular. O exército volariano organizou-se com a precisão e a velocidade conseguidas apenas com anos de treinamento, com a cavalaria nos flancos, a infantaria disciplinada no centro e formações mais livres atrás.

— Soldados-escravos na fileira dianteira — disse Veliss. — Eles os chamam de Varitai. Atrás vêm os soldados recrutados, chamados Espadas Livres. Li sobre isso em um livro — acrescentou ela em resposta ao rosto franzido e intrigado de Reva.

— Eles têm escravos no exército? — perguntou ela.

— Volaria é feita de escravos — respondeu seu tio. — É para isso que eles vieram. — Ele usava um manto pesado e apoiava uma das mãos no ombro de Reva, respirando com dificuldade, embora os olhos vermelhos ainda estivessem brilhantes.

— Não há máquinas — observou Antesh. — Nem escadas.

— Tudo ao seu tempo — disse Sentes. — Embora eu suspeite de que eles estejam prestes a tentar nos apavorar.

Reva acompanhou seu olhar e viu um cavaleiro deixar as fileiras volarianas e galopar ao longo do passadiço. Ele parou a oitenta metros do portão e ergueu a cabeça para eles; seu longo manto esvoaçava ao vento. Era um homem alto, com um peitoral preto laqueado, segurando um rolo de pergaminho nas mãos. Seu olhar encontrou o Senhor Feudal, e ele fez uma mesura curta, com um sorriso de desprezo ao desenrolar o pergaminho.

— “Senhor Feudal Sentes Mustor” — disse ele na língua do Reino, com sotaque, lendo o texto. — O senhor é ordenado a entregar suas terras, cidades e posses ao Império Volariano. Sua submissão pacífica a essa ordem garantirá um tratamento justo e generoso para o senhor e seu povo. Em troca de sua cooperação na supervisão da transferência de poder às autoridades volarianas, o senhor receberá...

— Lorde Antesh — disse Sentes. — Não vejo nenhuma bandeira de trégua.

E o senhor?

Antesh apertou os lábios e sacudiu a cabeça.

— Não posso dizer que vejo, meu senhor.

— Pois bem.

— Transporte ligeiro a qualquer terra de sua escolha — dizia o volariano com o pergaminho erguido diante dos olhos. — Além de cinquenta quilos de ou...

— Ele engasgou quando a flecha de Antesh atravessou o pergaminho e seu peitoral. O homem caiu do cavalo e permaneceu imóvel, com o pergaminho preso ao seu peito.

— Certo — disse o Senhor Feudal, virando-se. — Avise-me quando o resto chegar aqui.

CAPÍTULO SEIS

Vaelin

Ele achou impossível adivinhar a idade da eorhil. Sua melhor estimativa era entre cinquenta e setenta anos. O rosto da mulher tinha muitas rugas, os lábios estavam rachados pela idade e as longas tranças eram grisalhas, mas ela tinha uma magreza e uma força que evidenciavam uma vitalidade perene, e mantinha as costas retas ao sentar-se com as pernas cruzadas diante da fogueira, mostrando os braços cobertos de músculos nodosos. Atrás dela, a grande concentração de guerreiros eorhil aguardava, alguns desmontados, a maioria ainda nas selas; mais de dez mil cavaleiros haviam respondido ao chamado do Senhor da Torre. O nome da mulher eorhil, traduzido por Insha ka Forna, era raro entre sua gente, pois era formado por apenas uma palavra: Sabedoria.

— Você pede muito, homem da torre — advertira a jovem eorhil. — Desde guerra com o povo-fera que não vinham tantos. Mas eles conheciam velho homem da torre, eles não conhecem você. Sabedoria vai decidir.

Haviam passado boa parte da tarde sentados daquela forma, enquanto a mulher olhava para ele através da fumaça que subia da fogueira. Vaelin não ouviu nota alguma da canção do sangue; a eorhil não possuía dom, pelo menos nenhum dom que pudesse ser reconhecido. A marcha de dez dias os levava até o lago que os eorhil chamavam de Lágrima de Prata, uma pequena e plácida extensão de água que reluzia em meio à vastidão das planícies, onde eles agora esperavam com todos os seus guerreiros.

— Al Myrna queria uma vida tranquila — disse Sabedoria por fim, em uma impecável língua do Reino, sobressaltando Vaelin com a súbita quebra do silêncio. — Um homem com muitas batalhas em seu passado, cansado de guerras. Nossa confiança nele baseava-se nesse cansaço. São os homens enérgicos que anseiam pela guerra, e você, Vaelin Al Sorna, é um homem de considerável energia.

— Talvez — retorquiu ele. — Mas também vi batalhas suficientes. Para mim, é doloroso conduzir tantos mais uma vez para a guerra.

— Então por que conduz?

— Por que qualquer homem sensato vai para a guerra? Para preservar o que é bom e destruir o que não é.

— Os volarianos buscam destruir sua terra natal, mas ela fica longe daqui.

— Sua irmã da floresta viu os corações dessas pessoas. Elas não pararão em minha terra natal. E eu vi o que fizeram com o povo do gelo. Elas tomarão tudo o que puderem dos seordah, dos lonaks e de vocês.

— Se entregarmos nossos guerreiros, as promessas radiantes de nossa juventude, quantos retornarão?

— Eu não sei. Muitos morrerão, não nego. O que sei é que os eorhil terão de enfrentar os volarianos, seja nessas planícies, seja no meu reino.

— Vocês precisam atravessar a floresta para chegar até seu reino. Espera que os seordah permitam isso?

— Espero que eles deem ouvidos às palavras de uma cega.

Sabedoria teve um sobressalto, empertigando-se e apertando os olhos.

— Você a viu?

— E falei com ela.

A boca da eorhil crispou-se, e ele compreendeu que ela estava lutando contra o medo. A mulher levantou-se, murmurando:

— Nós lhe demos o nome errado. — Ela começou a voltar para o meio de sua gente, dizendo as últimas palavras por sobre o ombro. — Nós cavalgaremos com você.

— Sabedoria — leu Vaelin lentamente, pronunciando cada sílaba com cuidado.

— Ótimo — disse Dahrena. — E essa? — Ela apontou para a palavra seguinte.

— Conn-coordou?

Ela sorriu.

— Muito bem, meu senhor. O senhor não precisará mais de mim em apenas algumas semanas.

— Duvido muito, minha senhora.

Vaelin reclinou-se na cadeira, bocejando. O treinamento à noite havia sido difícil. Homens demais ainda tropeçavam, com pouca noção da diferença entre direita e esquerda, e a falta de jeito fora piorada pelo cansaço da marcha durante o dia, mas não havia outra escolha se desejavam ter alguma esperança ao enfrentar um inimigo disciplinado.

Haviam partido do lago quatro dias antes. Os eorhil iam à frente e faziam o reconhecimento, protegendo os flancos enquanto rumavam para o sul em direção à floresta, agora a menos de uma semana de marcha. Dahrena estava aflita por ainda não terem encontrado nenhum seordah, mas Vaelin disse-lhe para não se preocupar, colocando mais certeza em seu tom do que realmente sentia. *Apenas direi a eles que encontrei uma cega de séculos atrás e eles abrirão os braços para nos receber?*, perguntou-se. *Acha mesmo que será tão fácil assim?*

Porém, a canção do sangue não havia mudado, indicando a mesma rota para o Reino. Então, ele marchava seu exército, treinava-o por duas horas pela manhã e por duas horas à noite, aguentava os resmungos e as dúvidas de seus capitães e passava uma abençoada hora antes de dormir aprendendo a ler com a

Senhora Dahrena.

Vaelin estava encontrando mais alegria nas palavras conforme aprendia; a poesia que sua mãe tentara lhe ensinar era agora revelada, o vazio dos catecismos tornava-se flagrante e óbvio quando colocados por escrito. Aquilo lhe trouxe uma apreciação mais profunda pelo dom do Irmão Harlick, entendendo o poder e a beleza de ter uma biblioteca inteira na cabeça.

Dahrena estava sentada à mesa que dividiam, acrescentando palavras finais ao tratado que formalizava a aliança dos eorhil à sua causa, incluindo uma não solicitada concessão perpétua de posse sobre as planícies setentrionais. O tratado precisaria ser validado pelo monarca do Reino Unificado, supondo que pudessem encontrar um. Vaelin ordenara que o Irmão Harlick preparasse uma lista das pessoas com reivindicação legítima ao trono caso a linhagem Al Nieren se mostrasse extinta. A lista continha apenas quatro nomes.

— O Rei Janus perdeu boa parte da família para a Mão Vermelha — explicou Harlick — Muitos sobreviventes pereceram nas Guerras de Unificação. Esses são os únicos parentes de sangue ainda vivos no Reino, até onde sei, visto que faz muitos anos que não vivo lá.

— Alguém em destaque? — perguntou Vaelin.

Harlick examinou a lista.

— Lorde Al Pernil é um famoso criador de cavalos, supondo-se que ainda esteja vivo. Meu senhor, talvez seja preciso considerar a possibilidade de que não haja um herdeiro vivo para o trono do Reino Unificado. Se for esse o caso, outras opções terão de ser consideradas.

— Opções?

— O Reino não é o Reino sem um monarca. E, em uma época caótica, as pessoas voltar-se-ão para o homem mais forte em busca de liderança, independentemente de sangue ou posição.

Vaelin examinou o rosto do homem, imaginando se algum novo plano já se espreitava por trás de seus olhos.

— Mais uma intenção honesta e altruísta, irmão?

— Meramente as observações de um homem informado, meu senhor.

— Bem, restrinja suas observações ao que eu perguntar.

Vaelin foi até a mesa do mapa, onde seus olhos recaíram sobre Alltor, notando a canção do sangue ressoar como sempre fazia quando seus pensamentos se voltavam para Reva. Houvera uma mudança recente no tom, um contraponto ominoso à compulsão usual. *Eles estão indo atrás dela*, concluiu. *E ela não fugirá.*

— A população de Alltor? — perguntou a Harlick

— O censo do Rei, feito dez anos atrás, estimou um total de cerca de 48 mil almas — respondeu o irmão sem hesitar. — Apesar de que, em épocas de cerco, espera-se que esse número dobre. — Ele fez uma pausa. — Estamos indo para Alltor?

— Tão rápido quanto os homens puderem suportar.

— A distância...

Vaelin sacudiu a cabeça.

— Não importa. Marcharemos para Alltor, mesmo que seja para vermos

apenas ruínas. Isso é tudo por ora, irmão.

Uma linha escura e irregular foi avistada no horizonte após mais quatro dias de marcha, adensando-se conforme marchavam e transformando-se em uma muralha de árvores que estendia-se até onde a vista alcançava. Vaelin ordenou que o exército acampasse a oitocentos metros da floresta e curvou-se para Dahrena.

— Permita-me escoltá-la para casa, minha senhora.

Nortah aproximou-se em seu cavalo, acompanhado por Dança da Neve.

— Deveríamos ir também — disse ele. — A presença de uma gata guerreira pode prevenir ataques contra sua intrusão.

— É mais provável que provoque ataques — disse-lhe Dahrena. — Seja como for, meu povo não nos fará mal. Tenho certeza. — Vaelin detectou cautela no rosto dela quando olhou para a floresta, indicando falta de convicção nas próprias palavras.

— E se vocês não voltarem? — perguntou Nortah.

Vaelin quis dar uma resposta irreverente, mas optou por algo mais razoável ao ver a inquietação de Dahrena.

— Então, eu o nomeio meu sucessor, irmão. Leve o exército de volta para a torre e prepare-se para o cerco.

— Acha que essas pessoas seguirão um simples professor?

— Um professor com uma gata guerreira. — Vaelin sorriu e saiu a galope com Chama.

A canção do sangue intensificava-se à medida que se aproximavam dos limites da floresta, não em alerta, mas em boas-vindas. Uma nota baixa de satisfação soou quando se viram cercados pelas árvores e pelo ar fresco repleto dos inúmeros odores exalados pela floresta. Dahrena puxou as rédeas do cavalo, desmontou, ergueu o rosto para a copa das árvores e fechou os olhos com um leve sorriso nos lábios.

— Senti sua falta — disse ela em voz baixa.

Vaelin desmontou e deixou Chama pastando entre o capim alto, esquadrinhando as árvores, onde encontrou um homem parado entre dois olmos, observando-o com uma testa bastante franzida.

— Hera! — Dahrena deu um grito alegre e correu até o seordah, pulando para abraçá-lo.

O homem não parecia tão alegre quando ela recuou, com um sorriso de boas-vindas forçado. Tinha cabelos longos com várias mechas grisalhas, afastados de um rosto com nariz aquilino que avivou a memória de Vaelin.

— Hera Drakil — disse ele, movendo-se na direção do homem. — Amigo do Senhor da Torre Al Myrna. Eu...

— Sei quem você é — disse Hera Drakil com um sotaque carregado. — Beral Shak Ur, embora eu esperasse estar caçando na era dos sonhos quando sua sombra caísse sobre essa floresta.

— Eu venho com amizade...

— Você vem com guerra, como todos os marelim sil. — O seordah colocou a mão afetuosa no rosto de Dahrena e virou-se. — Venha. A pedra aguarda.

Havia doze chefes seordah à espera, cinco mulheres e sete homens, todos em idades similares à de Hera Drakil, que se sentara no meio da fileira que formavam. Ele havia conduzido Dahrena e Vaelin até uma pequena clareira alguns quilômetros para dentro da floresta, no centro da qual erguia-se um pedestal de pedra. A forma e a altura da pedra lembravam Vaelin da pedra na Martishe, mas sem as ervas e trepadeiras, com o granito entalhado aparentemente imaculado pelo tempo ou pelas intempéries. Nas árvores além, ele podia ver muitos outros seordah, rostos ocultos nas sombras, notando os arcos e os porretes de guerra entre as silhuetas que se mexiam. *Guerreiros*, pensou ele. *Esperando por algo*.

Vaelin e Dahrena estavam sentados diante dos doze chefes e não viram receptividade em nenhum olhar. Um dos seordah, uma mulher com uma pena de corvo no cabelo, disse alguma coisa.

— Nós não lhe demos permissão para entrar — traduziu Dahrena. — E, ainda assim, aqui está você. Ela está pedindo um motivo para não o matar.

— Vim em busca de ajuda — respondeu Vaelin enquanto Dahrena traduzia suas palavras aos chefes. — Um grande e terrível inimigo atacou meu povo. Logo eles virão à floresta, trazendo fogo e tormento...

Hera Drakil ergueu uma das mãos, e Vaelin calou-se quando o seordah falou na própria língua.

— Seu povo não conseguiu tirar a floresta de nós — relatou Dahrena. — Apesar de terem tentado. Por que deveríamos temer esses recém-chegados se não tememos vocês?

— Meu povo viu a sabedoria de manter a paz. Nosso inimigo não possui tal sabedoria. Perguntem à sua irmã. Ela viu os corações deles.

Os olhares dos chefes voltaram-se para Dahrena, que assentiu e falou demoradamente na língua seordah, sem dúvida relatando o que seu dom havia revelado sobre o destino de Varinshold e a natureza dos volarianos.

— Vocês enfrentam um adversário cruel — traduziu ela quando um dos outros chefes respondeu, um homem rijo com uma cauda de raposa pendurada no pescoço. — Mas é seu adversário, não nosso. As guerras dos marelim sil não são nossas.

Vaelin parou e ponderou sobre como explicaria aquilo que esperava que botasse fim às dúvidas deles.

— Fui chamado de Beral Shak Ur por Nersus Sil Nin. Digo a verdade quando afirmo que vi e falei com a mulher cega. Ela abençoou o rumo da minha vida. Alguém aqui pode dizer o mesmo?

Ele viu alguns lampejos de incerteza nos rostos dos chefes, mas não choque ou medo. Nenhum dos chefes havia mudado de opinião.

— Se a mulher cega o abençoa, ela o ouvirá — relatou Dahrena, traduzindo as palavras de Hera Drakil quando ele apontou por sobre o ombro de Vaelin.

Vaelin virou-se e olhou para a pedra por um momento, levantando-se.

— Você não precisa fazer isso. — Dahrena andou até a pedra, parando ao lado de Vaelin e olhando para a superfície plana e lisa com uma moosa perfeitamente circular no centro. — Deixe-me falar com eles. Com o devido tempo, eles escutarão.

— Quem sou eu para negar a eles um espetáculo? — perguntou Vaelin. — Um espetáculo pelo qual suspeito que esperam há muito tempo.

— O senhor não compreende. Os seordah vêm até essa pedra há gerações, geralmente os velhos, os enfermos e alguns loucos. Todos vêm para tocar na pedra e buscar o conselho da mulher cega. A maioria apenas toca a pedra, espera por algum tempo e então parte, desapontada, mas alguns, apenas uns poucos... Alguns ela toma e deixa seus corpos vazios.

— Exceto você — disse ele. — Você disse que a viu.

— Depois da morte de meu esposo... — Dahrena se virou para a pedra com os olhos anuviados por lembranças pesadas. — Minha tristeza era tamanha que não me importava viver ou não. Vim aqui à procura de alguma resposta, alguma razão. Se isso me fosse negado, eu aceitaria a morte de bom grado. A mulher cega... Ela me mostrou algo pelo qual viver. — Dahrena estendeu a mão, mantendo-a acima da superfície da pedra, mas sem tocá-la. — A pedra me devolveu ao meu corpo porque a cega assim o quis.

— Então, vamos esperar que ela me ache igualmente digno — disse Vaelin, aproximando-se.

O granito estava frio sob sua palma, mas Vaelin não sentiu mais nada nem notou nenhuma mudança na canção. Ao erguer os olhos, Dahrena e os seordah haviam desaparecido. Era noite, e uma mulher estava sentada junto a uma fogueira, com o rosto virado para o outro lado, mas ele soube imediatamente quem era.

— Nersus Sil Nin — saudou-a Vaelin, caminhando até a fogueira. A mulher estava mais velha do que ele se lembrava, com rugas fundas na carne ao redor dos olhos de mármore vermelho e cabelos inteiramente brancos. Ela piscou e ergueu a cabeça para Vaelin.

— Você está mais velho — disse ela. — E sua canção está mais forte.

— Você disse que eu devia aprendê-la bem.

— Eu disse? Isso foi há tanto tempo. Houve tantas visões desde então. — A mulher estendeu a mão para a pilha de lenha aos seus pés e jogou alguns galhos nas chamas. — Ainda serve à sua Fé? — perguntou.

— Minha Fé era uma mentira. Embora eu ache que você já soubesse.

— Uma mentira é mesmo uma mentira se acreditarem nela com sinceridade? Seu povo tentou compreender os muitos mistérios do mundo com sua Fé. Equivocada, talvez, mas baseada em uma verdade ainda não revelada por completo.

A coisa que vivia em Barkus, a crueldade de sua risada.

— Uma alma pode ser aprisionada no Além.

— Não todas as almas, apenas aquelas com um dom. Esse poder, esse fogo que arde em você e em mim, não some quando nossa vida termina.

— E o que acontece quando esse poder vai para o vazio?

Os lábios idosos formaram um sorriso.

— Suspeito que descobrirei em breve.

— Algo vive lá, no vazio. Algo que pega essas almas e deturpa-as, fazendo-as servir aos seus propósitos, enviando-as para possuir os corpos de outros dotados.

As sobrancelhas dela ergueram-se com uma leve surpresa.

— Então aquilo cresceu, afinal.

— O que cresceu? O que vive lá?

A mulher voltou os olhos vazios para ele, com o rosto cheio de pesar.

— Eu não sei. Tudo o que sei é que aquilo *necessita*. Anseia.

— Pelo quê?

Ela respondeu com uma certeza que tornava redundantes quaisquer dúvidas:

— Morte.

— Sabe como derrotar isso?

Ela fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Sei que aquilo precisa ser combatido, se você se importa com esse mundo e as pessoas que vivem nele.

Vaelin ergueu os olhos para um pequeno pedaço do céu noturno visível através dos galhos acima, vendo as sete estrelas da Espada. Se estavam tão altas no céu, era início do outono ali, mas quantos anos antes de sua época era um mistério insondável.

— Já aconteceu? — perguntou ele. — Meu povo já chegou para tomar essa terra?

— Estarei morta há muitos anos quando seu povo vier, mas tive visões suficientes para ser grata por isso.

— E o futuro? O futuro dessa terra?

A mulher olhou para o fogo por algum tempo, e Vaelin desconfiou que ela não responderia, mas, por fim, ela falou:

— Você está no ponto mais distante que já vi, Beral Shak Ur. Depois de você, não há futuro. Nenhum futuro que eu possa ver.

— E ainda assim quer que eu lute?

— Meu dom não é absoluto. Muitas coisas permanecem ocultas. Além disso, o que mais você poderia fazer? Perder as esperanças e sentar para esperar pelo fim?

— Seu povo precisa ser persuadido a me conceder passagem pela floresta. O que digo a eles?

Ela franziu a testa, parecendo divertida.

— Diga-lhe que eu disse que devem conceder passagem. Isso pode ajudar.

— E será suficiente?

A expressão franzida transformou-se em uma risada mordaz e curta.

— Não faço a menor ideia. O povo que você encontrou nessa floresta pode falar minha língua e partilhar do meu sangue, mas não é meu povo. Aqueles que vêm tocar a pedra são sombras de uma grandeza e de uma beleza passadas. Eles formam tribos e continuam suas rixas intermináveis com os lonaks. Mito e lenda substituíram conhecimento e sabedoria. Eles se esqueceram de quem eram e

permitiram a si mesmos serem diminuídos.

— Se eles não se juntarem a mim, até mesmo essa sombra de grandeza desaparecerá, junto com qualquer chance de algum dia ser reconstruída.

— O que está quebrado assim permanece. É assim que as coisas são. — Ela se virou para a pedra. — Nós não esculpimos esses veículos de memória e tempo. Eles já estavam aqui muito antes de nós. Apenas adivinhamos seu uso, e, mesmo assim, mostram-se instáveis, tomando as mentes daqueles que acham indignos. Outrora, um povo muito maior do que os seordah criou maravilhas e construiu cidades que cobriam toda essa terra. Agora, mesmo seu nome está perdido para sempre. — Ela se virou novamente para a fogueira e calou-se, com feições abatidas pela fadiga. — Eu esperava que nosso último encontro fosse alegre e que você viesse com histórias de uma esposa e uma família, de uma vida longa e pacífica.

Vaelin estendeu a mão em direção à mulher, sabendo que não sentiria nada, mas a deixou pairar ali por um momento.

— Lamento desapontá-la.

Ela nada disse e Vaelin sentiu que a visão da mulher estava desaparecendo e voltou para a pedra, entendendo a mão. Então, hesitou.

— Adeus, Nersus Sil Nin.

A mulher não se virou.

— Adeus, Beral Shak Ur. Se vencer a guerra, retorne à pedra. Talvez encontre alguém novo com quem falar.

— Talvez. — Vaelin pressionou a palma da mão na pedra, vendo a luz do dia retornar em um instante, dissipando o frio noturno. Ele respirou fundo e forçou um tom de autoridade na voz ao se virar para os seordah. — A mulher cega disse que...

Vaelin calou-se quando viu que todos os doze chefes seordah estavam de pé e olhavam para algo ao seu lado. Dahrena estava parada ali perto, com os olhos arregalados. Ele se virou e a canção ressoou.

O lobo estava sentado, encarando-o com o escrutínio de olhos verdes dos quais se lembrava tão bem. Na verdade, ele não se lembrava de o animal ser tão grande assim, chegando pelo menos à sua altura. Passado um momento, o lobo lambeu os lábios e ergueu o focinho, soltando um grande uivo que subiu ao céu, alto o bastante para abafar qualquer outro som e preencher os ouvidos de todos os presentes ao ponto de sentirem dor.

O animal abaixou o focinho, cessando seu uivo e, por uma batida de coração, o silêncio reinou na floresta. Então, surgindo das árvores em um raio de quilômetros, veio o uivo de resposta de cada lobo da Grande Floresta do Norte. O som continuou quando o lobo avançou, aproximando a grande cabeça do peito de Vaelin e dilatando as narinas ao farejá-lo. Ele podia ouvir a canção do animal, uma melodia diferente daquela que ouvira no dia em que Dentos morrera, uma música estranha ao ponto de ser desconcertante, mas com uma nota nítida e inconfundível. *Confiança. Ele confia em mim.*

O lobo encostou o focinho na mão de Vaelin e lambeu-a uma vez. Então, virou-se e afastou-se aos pulos, como um borrão prateado nas árvores, que logo sumiu. O grande uivo desapareceu com ele.

Hera Drakil e os outros seordah avançaram, formando um círculo ao redor de Vaelin. Os guerreiros envoltos em sombras saíram das árvores para cercá-lo, homens e mulheres em idade de lutar, todos empunhando seus porretes de guerra à frente como um só. Hera Drakil ergueu o próprio porrete, apontando-o.

— Amanhã, cantarei minha canção de guerra ao nascer do sol e irei guiá-lo através dessa floresta — disse o chefe seordah.

— Nenhuma fogueira deve ser acesa, nenhuma lenha deve ser cortada, nenhum animal deve ser caçado. Todos os homens permanecerão com suas companhias e não se afastarão da linha de marcha. Andaremos somente por onde os seordah ordenarem.

Vaelin viu alguns de seus capitães trocarem olhares preocupados, notando a maior inquietação no rosto de Adal.

— E a punição para transgressões, meu senhor? — perguntou ele.

— Punições não serão necessárias — respondeu Vaelin. — Os seordah farão com que essas regras sejam cumpridas. Eles deixaram isso bem claro.

— Eu seria negligente, meu senhor, se não relatasse o humor dos homens — prosseguiu Adal. — Discordâncias são rapidamente contidas, mas não podemos segurar todas as línguas.

— O que é agora? — Vaelin passou uma das mãos pelo cabelo, sem esconder o cansaço. O encontro com Nersus Sil Nin o deixara preocupado e a escassez de informações que ela pôde transmitir deixara uma incerteza incômoda. Além disso, ele estava começando a perceber por que nunca gostara de estar no comando. *Eles estão sempre tão descontentes.* — Botas duras demais? Treinamento muito puxado?

— Eles estão com medo da floresta — disse Nortah. — Não que eu os culpe. Ela me deixa apavorado e ainda nem entrei nela.

— Entendo — disse Vaelin. — Bem, qualquer homem covarde demais para caminhar por entre algumas árvores tem minha permissão para partir. Assim que entregarem armas, botas, suprimentos e qualquer pagamento que tenham recebido até agora, eles podem voltar para casa, esperar que uma frota volariana apareça e desfrutar do espetáculo de matança que se seguirá. Talvez assim eles reflitam sobre o verdadeiro preço cobrado pela covardia. — Ele apoiou os punhos cerrados na mesa do mapa, suspirando por entre os dentes. — Ou você pode me dar uma lista dos descontentes mais barulhentos e providenciarei para que sejam açoitados.

— Eu falarei com eles — disse Dahrena enquanto os capitães se remexiam em um silêncio desconfortável. — Para acabar com alguns medos.

Vaelin assentiu em silêncio e gesticulou para que o Irmão Hollun apresentasse seu relatório diário sobre o estado dos suprimentos.

— O que ela lhe contou? — perguntou Dahrena quando os capitães foram dispensados. Do lado de fora da tenda, ouvia-se o barulho do acampamento sendo levantado enquanto o exército se preparava para marchar floresta adentro. — Para ter lhe deixado tão mal-humorado.

— Foi o que ela não me contou — respondeu Vaelin. — Ela não tinha respostas, minha senhora. Nenhuma palavra de grande sabedoria para guiar nosso caminho. Era apenas uma velha cansada, suportando sua última visão de um futuro que ela odeia.

Dahrena nada disse por um momento, mas seu olhar se deteve no rosto dele. Vaelin percebeu que ela fazia isso desde que haviam voltado da floresta.

— O lobo — disse ela. — O senhor já o viu antes.

Ele assentiu.

— Eu também. Quando eu era muito pequena, na noite em que meu pai me encontrou, o lobo me abençoou com sua língua... — O olhar dela estava distante, quase como em um transe. Dahrena piscou, sacudia a cabeça e levantou-se. — É melhor eu ir e fazer alguns discursos.

No fim, ninguém se recusou a entrar na floresta; mais uma vez, as palavras de Dahrena tiveram peso suficiente para assegurar a lealdade do povo. *Eles a amam*, concluiu Vaelin, vendo a facilidade com que ela se movia entre os homens, o riso que ela compartilhava, parecendo capaz de lembrar-se de cada rosto e de cada nome sem esforço. Vaelin sabia que não possuía aquele dom; a maioria dos homens que o seguiram o fizeram por dever ou medo. Ele só podia esperar que o amor por Dahrena e o medo em relação a ele fossem suficientes quando finalmente encontrassem os volarianos.

A Guarda do Norte foi a primeira a entrar na floresta, desmontada e guiando os cavalos por entre as árvores, com dezenas de guerreiros seordah por todos os lados observando-os em um silêncio austero. Vaelin conduziu o Primeiro Regimento de Infantaria em seguida. Ele havia dividido o exército em dez regimentos de cerca de mil homens cada, numerados na mesma ordem, embora tenha deixado que escolhessem os próprios estandartes. O Primeiro Regimento era composto principalmente por mineiros, que adotaram um estandarte que exibia picaretas cruzadas sobre um fundo azul. Eram liderados pelo Capataz Ultin, de Fenda do Saqueador, ainda que com muita ajuda de um sargento da Guarda do Norte.

— Eu, andando pela grande floresta... — disse ele, espantado, olhando ao redor com os olhos arregalados. — E conduzindo um regimento ao lado de Sua Senhoria. E meu velho pai dizia que eu nunca faria mais do que esvaziar o penico do capataz.

— Há quanto tempo deixou Renfael, Capitão? — perguntou Vaelin.

— Por favor, apenas Ultin, meu senhor. Nem os rapazes conseguem se manter sérios quando me chamam de capitão. — Ele olhou para seus homens. — Não é mesmo, seus cães desrespeitosos?

— Vai se catar, Ultin — respondeu um dos homens na fileira dianteira. Ele empalideceu um pouco sob o olhar de Vaelin e abaixou rapidamente os olhos. Vaelin segurou a repreensão que faria ao ver o suor brotar na testa do homem e o medo nos rostos de seus companheiros, cujos olhos percorriam sem cessar as árvores.

— Mais de quinze anos, meu senhor — disse Ultin. — Desde que deixei a velha pocilga que eu chamava de lar. Não posso dizer que sinto muita falta. Era apenas uma aldeia mineradora ruim, cheia de gente ruim que recebia um salário ruim de um senhor ruim. Certo dia, um funileiro me falou sobre os Confins e disse que um mineiro podia ganhar quatro vezes mais lá, se não se importasse com o frio e os selvagens. Embarquei em um navio assim que consegui dinheiro suficiente para uma passagem. Nunca mais pensei em voltar. Até agora.

Se houver algo pelo qual voltar, pensou Vaelin.

Cada regimento havia recebido um guia seordah; Hera Drakil conduziu o Primeiro Regimento, limitando sua comunicação a apontar ou erguer uma das mãos como sinal para pararem. Ele parecia ainda mais relutante em falar com Vaelin do que estivera durante seu primeiro encontro, evitando o olhar dele e falando na própria língua, forçando Dahrena a continuar como tradutora. *O lobo,* deduziu Vaelin. *Eles não gostam de sentir medo em sua própria floresta.*

O chefe seordah conduziu-os até uma clareira ao lado de um córrego raso, onde acampariam naquela noite. De acordo com as ordens de Vaelin, nenhuma fogueira foi acesa e os homens foram obrigados a encolherem-se em seus mantos e a comer biscoitos duros e frios com um pouco de carne defumada. Houve pouca conversa e nenhuma cantoria. Os homens tinham sobressaltos frequentes ao ouvirem os sons da floresta.

— O que é isso? — perguntou Ultin em um sussurro quando uma lamúria tênue vinda da escuridão ao redor chegou até eles.

— Gato selvagem — disse Dahrena. — Procurando a companhia de alguma fêmea.

Vaelin encontrou Hera Drakil empoleirado em um grande rochedo no meio do córrego. A água era rasa, mas o barulho de suas botas na água era sinal mais do que suficiente de quaisquer visitantes. Os olhos do seordah estreitaram-se ao ver Vaelin. Hedra Drakil não o cumprimentou e continuou a soltar o arco, uma arma de vara plana com um centro grosso envolto em couro. Vaelin notou que as flechas do homem tinham pontas de algum tipo de material escuro e brilhante.

— É possível perfurar armaduras com essas flechas? — perguntou ele.

Hera Drakil pegou uma das flechas e ergueu-a; o luar caiu sobre a ponta e Vaelin viu que eram feitas de vidro, e não de pedra.

— Da região das colinas — disse o seordah. — É preciso lutar com os lonaks para consegui-lo. Atravessa qualquer coisa se você chegar perto o bastante.

— E isso? — Vaelin acenou com a cabeça para o porrete de guerra que se encontrava à mão. Tinha cerca de um metro de comprimento, com uma curvatura dupla como o cabo de um machado, uma empunhadura entalhada e uma cabeça cega que lembrava a lâmina deformada de uma pá. Um cravo sinistro de vinte e cinco centímetros saía da madeira pouco abaixo da cabeça. — Aguenta o golpe de uma espada?

— Por que não tentar? — O seordah o olhou de cima a baixo. — Só que você não tem uma espada. — Ele deixou o arco e pegou o porrete, estendendo-o para Vaelin, que pegou a arma e experimentou dar alguns golpes, achando o porrete leve, com uma empunhadura confortável. Ele não conhecia aquele tipo de madeira, escura e lisa, cuja textura mal podia ser sentida sob os dedos.

— Coração-negro — explicou Hera Drakil. — A madeira é macia quando é cortada e modelada, mas fica dura como rocha quando é colocada no fogo. Não vai quebrar, Beral Shak Ur.

Vaelin inclinou a cabeça e devolveu o porrete.

— Você não perguntou sobre o que a mulher cega me disse.

— Ela disse que devíamos nos juntar a você. As visões dela são conhecidas pelos seordah.

— Mas vocês iam negar as palavras dela.

— Seu povo não tem deus, nem o meu. A mulher cega viveu há muitos anos e teve visões do futuro. A maioria se concretizou, algumas não. Somos guiados por ela, mas não a veneramos.

— O que vocês veneram?

Pela primeira vez, o rosto do seordah exibiu algum sinal de divertimento e um sorriso apareceu em seus lábios.

— Você está de pé naquilo que veneramos, Beral Shak Ur. Vocês chamam esse lugar de grande floresta, mas nós o chamamos de Seordah, pois ele é nós e nós somos ele.

— Vocês terão de sair daqui para enfrentar nosso inimigo.

— Já fiz isso antes, quando fui ver sua terra com o último Senhor da Torre. Vi muitas coisas lá, mas nenhuma era bonita.

— O que você verá dessa vez será ainda menos bonito.

— Sim. — O seordah colocou o porrete de lado e recostou-se no rochedo, fechando os olhos. — Será.

CAPÍTULO SETE

Lyrna

— Está ali de novo! — exclamou Murel, apontando, alarmado, e fazendo o barco balançar ao correr para a proa. — Estão vendo?

Lyrna avistou a grande barbatana antes que desaparecesse mais uma vez sob as águas. *Estão sempre com fome.*

— Talvez ele goste de nós — sugeriu o fora da lei com cicatrizes no rosto. Ele se chamava Harvin e dizia já ter comandado um bando de trinta homens. Sua captura e seu aprisionamento haviam sido resultado de uma traição amorosa por parte de uma bela nobre, uma história que Iltis recebeu com verdadeiro desdém.

— É mais provável que você tenha sido vendido por uma prostituta de taverna a quem esqueceu de pagar. — Eles discutiam constantemente, quase sempre chegando à beira da violência, e Lyrna desistira de tentar acalmar seus ânimos. Se um matasse o outro, pelo menos as rações durariam por mais tempo.

— O bicho apaixonou-se pelo belo rosto do irmão quando arreventou o porão do navio — continuou Harvin. — Não conseguiu ficar longe.

— Seu verme criminoso! — gritou Iltis.

Lyrna virou-se para o outro lado, quando a discussão deu início ao seu inevitável acirramento, esquadrinhando as ondas com os olhos à procura de algum sinal do tubarão. Quatro dias à deriva no oceano, acompanhados apenas por um tubarão-vermelho. Ela se perguntava por que o animal não virava o barco e os devorava. Se o tubarão podia afundar um navio, por que não um barco? Os pensamentos de Lyrna continuavam voltando ao último sorriso de Fermín, aos seus dentes ensanguentados. *Dei tudo o que eu tinha para dar...*

Murel empertigou-se ao seu lado quando a barbatana reapareceu, levando as pontas dos dedos cobertos de feridas à boca. O animal estava mais perto dessa vez, circundando a embarcação em meio às ondas. Murel fechou os olhos e começou a recitar o Catecismo da Fé. Lyrna passou um braço pelos ombros da garota quando viu a barbatana aproximar-se, ficando cada vez maior, e Iltis e Harvin esqueceram-se subitamente da discussão. A barbatana mudou de rumo quando estava a apenas vinte metros do barco, onde o corpo de listras vermelhas do tubarão emergiu da água e um imenso olho negro cintilou sobre as ondas por

um momento. Murel abriu os olhos, choramingou e tornou a fechá-los. O tubarão deu uma batida rápida com a cauda e desapareceu sob a superfície.

— Ele foi embora — disse Lyrna a Murel, que soluçava. — Vê?

A garota só conseguiu sacudir a cabeça e entregar-se à exaustão causada pelo medo, apoiando a cabeça no colo de Lyrna.

A princesa olhou para seu pequeno reino de madeira com cinco almas famintas e perguntou-se mais uma vez se teria sido mais misericordioso abandoná-los no porão do navio. Eles haviam recuperado alguns suprimentos armazenados em barris que encontraram boiando no mar na manhã seguinte ao naufrágio, na maior parte peixes conservados em salmoura. Lyrna engasgou ao experimentá-los pela primeira vez, mas a fome logo superou as náuseas. Seu maior medo era a falta de água doce, mas ele desapareceu debaixo do peso das chuvas que ameaçavam afundar o barco diariamente, forçando-os a se livrar continuamente da água doce, ainda que não passassem sede. Os remos consistiam em duas tábuas curtas quebradas do convés do navio; o fora da lei e Iltis haviam passado boa parte do primeiro dia remando para oeste até que um jovem quieto chamado Benten, um pescador de Varinshold e o único marinheiro ali, apontou para as estrelas vespertinas e calculou que estavam uns oitenta quilômetros a leste do ponto de partida da noite anterior.

— Significa que estamos uma boa distância ao sul de Varinshold — disse ele. — As correntes do Boraelino seguem para leste nessas partes. Remem o quanto quiserem, mas não fará nenhuma diferença.

Leste. O que significava Volaria, caso a comida durasse tanto tempo, o que era improvável. Lyrna lera histórias marítimas suficientes para saber a que extremos a fome podia levar pessoas desesperadas, e o conto do *Espectro do Mar* tinha lugar de destaque em sua mente. Essa embarcação havia sido uma das primeiras belonaves de seu pai, construída a um custo considerável, e alguns diziam que fora o melhor navio que já zarpara de um porto do Reino. A belonave desaparecera durante uma tempestade ao longo da costa setentrional durante a segunda década do reinado de Janus e fora considerada perdida por meses, mas acabou sendo encontrada à deriva por pescadores renfaelinos ao sul. Encontraram apenas um tripulante a bordo, um louco que só falava sandices e que roía o fêmur de um dos seus companheiros, junto com uma pilha de crânios alinhada no convés. Por ordens de seu pai, o *Espectro do Mar* foi incendiado e afundado, pois nenhum marinheiro tornaria a colocar os pés naquela embarcação.

Murel mexeu a cabeça no colo dela, e Lyrna percebeu que a garota estava dormindo; gemidos baixos de dor deixavam seus lábios entreabertos à medida que os sonhos a faziam reviver os tormentos que suportara no navio. Lyrna resistiu ao impulso de acariciar-lhe os cabelos, sabendo que qualquer toque provavelmente provocaria gritos. *Sinto muito*, pensou ela quando as pálpebras de Murel estremeçeram e ela se mexeu. *Parece que não vou destruir o Império Volariano, afinal.*

O barco balançou de novo; Lyrna ergueu a cabeça e viu Benten na proa, protegendo os olhos da luz do sol enquanto olhava para leste.

— O tubarão? — perguntou Lyrna.

O jovem pescador continuou observando por um momento e então se empertigou, virando-se para ela com uma expressão grave no rosto.

— Uma vela.

Todos os outros voltaram-se para a mesma direção, e o barco ameaçou virar com o movimento.

— Volariano? — perguntou Iltis.

— Pior — respondeu Benten. — Meldeneano.

O capitão meldeneano apoiou os braços na amurada e olhou para eles com uma leve curiosidade e com considerável desprezo.

— Acho que prefiro vê-los escravizados, marinheiros de água doce. Parece apropriado.

Iltis brandiu as correntes que mantivera consigo, provavelmente, suspeitava Lyrna, para matar Harvin caso fosse necessário.

— Não somos mais escravos. Fomos libertados por nossas próprias mãos.

— E o navio? — perguntou o capitão.

— Afundou junto com nossos captores.

— E com qualquer coisa de valor que pudessem estar levando. — Ele passou os olhos pelo barco, detendo-se primeiro em Murel e, então, notando as cicatrizes de Lyrna. — E que serventia eles tinham para você, minha linda? — perguntou ele com um sorriso.

Lyrna controlou a raiva, sabendo que se eles fossem embora isso significaria a morte para todos naquele barco.

— Sou bem instruída — respondeu ela, ciente de que a verdadeira razão só provocaria mais risadas. — E falo muitas línguas. O mestre queria uma tutora para suas filhas.

— É mesmo? — perguntou o capitão, continuando a falar em alpirano. — Você leu *Os Cantos de Ouro e Pó*?

— Li. — *E quase conheci o autor.*

— Onde se encontra a essência da razão?

— No conhecimento, mas somente quando unido à compaixão. — *Uma palavra que espero ter algum significado para você*, pensou Lyrna.

O capitão apertou um pouco os olhos.

— E volariano? — perguntou ele, retornando à língua do Reino.

— Sim.

— Lê tão bem quanto fala?

— Leio.

O homem gesticulou para sua tripulação.

— Tragam-na a bordo. Deixem os outros.

— Não! — gritou Lyrna. — Todos nós. Seja para o que for que precise de minhas habilidades, só ajudarei se levar todos nós.

— Você não está em posição de negociar, minha linda queimada — retorquiu o capitão com uma risada. — Porém, para demonstrar minha generosidade, também vou ficar com a bonita.

Um dos tripulantes parados na amurada empertigou-se e apontou um dedo, soltando um grito alarmado. Lyrna virou-se e viu a cabeça do tubarão surgir na superfície a menos de cinquenta metros. O animal rolou para o lado com a boca aberta, mostrando os dentes. Os meldeneanos começaram a trabalhar no cordame imediatamente enquanto o capitão berrava ordens, olhando consternado para Lyrna. Ela colocou um pé na lateral do barco.

— Todos nós — gritou ela para o homem. — Ou eu pulo.

Eles levaram os outros para o porão; Iltis e Harvin entregaram com relutância suas correntes ao verem tantos sabres desembainhados. O capitão empurrou Lyrna para sua cabine, um espaço apertado cheio de mapas e baús trancados, colocou um pequeno baú sobre uma mesa baixa pregada no assoalho, girou uma chave no cadeado pesado e ergueu a tampa. Ele tirou um rolo de pergaminho com o selo rompido e entregou-o a Lyrna.

— Leia.

Ela desenrolou e passou os olhos pelo pergaminho, assimilando o conteúdo em poucos segundos, mas decidiu que seria melhor se demorar um pouco em sua tradução. Aquele homem tinha um olhar ávido demais para o gosto dela.

— Do Conselheiro Arklev Entril para o General Reklar Tokrev — começou ela, com uma voz lenta e arrastada. — Oficial em comando da Vigésima Unidade do Exército Imperial Volariano. Saudações, honorável cunhado. Suponho que caibam aqui congratulações, embora um relato completo de sua inevitável vitória ainda não tenha chegado a nós, é claro. Por favor, transmita minha mais sincera afeição à minha honorável irmã...

— Basta — disse o capitão. Ele pegou um pequeno livro com capa de couro guardado no baú e trocou-o pelo pergaminho. — Este.

Lyrna folheou as primeiras páginas e conteve um sorriso enviesado, optando por franzir a testa de forma intrigada.

— Isso... não faz sentido.

O capitão apertou ainda mais os olhos.

— Por quê?

— As letras estão fora de ordem e misturadas com números. Talvez seja alguma espécie de código.

— Você conhece essas coisas?

— Meu pai usava códigos em seus negócios. Ele era um mercador e estava sempre preocupado que os concorrentes descobrissem seus preços...

— Consegue decifrar? — interrompeu o homem.

Lyrna encolheu os ombros.

— Com o devido tempo, talvez seja possível...

O capitão deu um passo adiante, atacando-a com seu hálito.

— Acredite, tempo é um luxo ao qual você não pode se dar.

— Eu precisaria descobrir a chave.

— Chave?

— Todos os códigos têm uma chave, uma base para a cifra. Provavelmente

poucos conhecem...

O capitão a agarrou pelo braço e empurrou-a para fora da cabine, atravessando o convés em direção ao porão e ainda segurando o livro. Lyrna foi levada para além de onde os outros se encontravam agachados nas sombras e cercados por tripulantes, recebendo um olhar assustado de Murel. O capitão parou diante de uma porta trancada perto da popa, guardada por um tripulante.

— Abra — ordenou o capitão.

A porta foi aberta, liberando um fedor intenso; os sentidos de Lyrna foram assaltados por uma mistura de excrementos, urina e suor. Ela controlou a ânsia de vômito quando o capitão a empurrou para dentro da câmara. Um homem estava encolhido no canto escuro da cabine, de cabelo longo e seboso, trajando os restos esfarrapados de um uniforme e manchado com sua própria imundície. Seus punhos e tornozelos estavam presos por grilhões pesados. Pelo fedor, Lyrna supôs que o homem estava ali havia vários dias.

— Se ele se mover, bata nele — rosnou o capitão para o tripulante, que puxou um porrete e aproximou-se. — Esse aí se mexe feito uma cobra. Enfiou um estilete no olho do único homem de minha tripulação que falava sua língua imunda. — O capitão cutucou as costelas do homem fedorento com o bico da bota, provocando uma afada dolorida. Ele recuou e virou a cabeça para Lyrna. — Se alguém conhece essa chave, é ele.

Lyrna agachou-se e aproximou-se do prisioneiro, mais do que ciente da proximidade do guarda, vendo o brilho do punho de bronze da adaga enfiada em sua bota. O homem apertou os olhos quando ela se aproximou, e a princesa teve a impressão de que havia um rosto bonito por baixo da sujeira e do sangue seco.

— Agora manda monstros para me importunarem — murmurou ele.

— Como você veio parar aqui? — perguntou Lyrna na língua do homem.

— Eles encontraram um monstro esperto — retorquiu ele. — Diga a esse cão pirata que é melhor ele me matar, pois quando nossa frota o encontrar...

— Se você quiser viver, cale a boca e faça o que eu mandar — disse Lyrna no tom mais calmo que conseguiu. — Acredite quando digo que sua vida não tem valor algum para mim e que rirei quando eles o jogarem aos tubarões. Porém, se eu não conseguir vencer o pirata de que você está cooperando, eles provavelmente me jogarão logo atrás de você. Agora, como você veio parar aqui?

O homem inclinou a cabeça para ela, ponderando, e Lyrna detectou uma mente afiada por trás do sorriso arrogante. *Como Darnel, mas com um cérebro*, pensou ela. *Não é uma perspectiva agradável.*

— Traição — disse ele. — Engodo. As mentiras de um escravo, e apenas um tolo confia em um escravo. Ele me prometeu uma ilha de riquezas. Roubadas pelo maior pirata meldeneano que já existiu e que há muito se pensava ser uma lenda. Mas ele tinha um mapa e estava disposto a trocá-lo por sua liberdade. Era um desvio de apenas alguns dias e não vi que mal faria.

— Mas, quando chegou à ilha, você encontrou esse bando à sua espera em vez do tesouro lendário.

Ele assentiu, cansado.

— Tem razão — disse ela. — Você é mesmo um tolo.

O volariano tentou avançar em direção a ela e chacoalhou as correntes, parando quando o guarda chegou mais perto e colocou um porrete sob seu queixo.

— Não contarei nada a eles — disse o volariano, lançando um olhar furioso para Lyrna.

— Ele disse que quer transporte até um porto alpirano — disse ela ao capitão na língua do Reino. — Em troca da chave do código.

O capitão cutucou o guarda, que recuou com o porrete.

— Bem, estou me sentindo generoso — disse ele, coçando a barba. — Então, começarei com a mão esquerda dele, uma junta de cada vez. Diga-lhe que é o único pagamento que receberá.

— Você não precisa contar nada a eles — disse Lyrna ao volariano. — Apenas finja que contou. — Ela chegou mais perto, erguendo o livro com capa de couro. — Ele quer a chave para esse código. Se eles pensarem que você a tem, posso fingir que sou capaz de decifrá-lo. De qualquer forma, isso levará tempo, talvez o bastante para sua frota nos encontrar.

— Ansiosa para ser uma escrava, é?

— Já fui uma vez. Não era tão ruim se comparado a essa gente. Os volarianos não chegavam perto de mim por causa do meu rosto, mas esses cães não são tão exigentes.

— Por que eles não me matariam quando meu papel nessa farsa terminar?

— Eu direi a eles que precisam mantê-lo vivo, que o código é complexo e que precisarei de mais ajuda.

— Por que eu confiaria em você?

— Porque não contarei que têm nas mãos o filho de um conselheiro. — Ela lançou um olhar penetrante para a camisa vermelha e esfarrapada que o homem usava, cujo emblema bordado a ouro no peito era idêntico ao selo no pergaminho que o capitão lhe mostrara. — Um belo prêmio a ser levado de volta às Ilhas. Acha que a carreira de seu pai resistirá à tamanha vergonha? Ou a sua?

O volariano ergueu a cabeça e fitou-a intrigado.

— Quem é você, mulher monstruosa?

— Apenas uma escrava fugida tentando permanecer viva.

Ele olhou para Lyrna em silêncio por vários momentos, com o semblante tomado pela raiva, mas fora isso impassível.

— Mostre-me o livro — disse o volariano por fim.

Lyrna abriu o livro e inclinou-se para mais perto dele, percorrendo o texto com um dedo.

— Ouvi dizer que só os volarianos que possuem mais de cem mil escravos têm permissão para usar vermelho — sussurrou ela.

— Ouviu bem — sussurrou o homem em resposta, balançando a cabeça como se concordasse com algo enquanto a princesa olhava para o texto com mais atenção.

— Você é jovem para ter acumulado tamanha fortuna. — Ela ergueu as sobrancelhas em aparente compreensão.

— Presente de meu pai quando atingi a maioridade. — O tom dele era de consentimento relutante. — Um terço de seus bens. Ele me deixou escolher as

escravas de prazeres. — O homem olhou de soslaio para Lyrna, percorrendo as queimaduras com os olhos. — Lamento desapontá-la, minha cara, mas não creio que terei um lugar para você.

Lyrna assentiu uma última vez, sentou-se e fechou o livro.

— Obrigada — disse ela.

— Eu cumpro meus acordos — retorquiu ele no mesmo tom.

— Não, eu quis dizer que agradeço por tornar isso mais fácil.

O volariano franziu o rosto.

— O qu...

Lyrna girou, agarrou a adaga guardada na bota do guarda e cravou-a no peito do volariano. *O meio*, dissera Davoka. *Sempre mire no meio do peito e encontrará o coração.*

Lyrna perdeu o ar quando o capitão a jogou no chão, avançando com uma adaga que puxara.

— Sua vadia traíçoeira! — Ela tentou respirar quando o homem a levantou, forçando-a contra a parede da cabine com a adaga encostada em sua garganta. — E dizem que meu povo é que não é digno de confiança.

— Você... — Ela tossiu e encheu os pulmões de ar. — Você pode confiar em mim! Acredite!

— Acredito que você vai me apunhalar ou vai apunhalar meus homens quando dermos as costas.

— Você pode confiar em mim para traduzir o livro.

— Que prova eu tenho disso? Tudo o que vi foi você trocar algumas palavras inúteis com aquele miserável antes de esfaqueá-lo.

Lyrna o olhou nos olhos.

— Você foi enviado para ir atrás do navio dele.

O capitão aproximou-se ainda mais, cortando sua pele com a ponta da adaga.

— Como é?

— Para ir atrás desse livro. Os Senhores Marinheiros o enviaram para capturar o navio dele e o livro.

O rosto do capitão se crispou, e ela o viu engolir as palavras seguintes. Ele recuou um passo, com a adaga a postos.

— Você vê demais, linda queimada.

Lyrna falou depressa, cuspidando as palavras sem interrupção.

— Vinte e oito barras de ouro com o emblema da Casa Entril, vinte barris de vinho de Eskethia, uma espada curta cerimonial com um poema de agradecimento gravado pelo Conselho Governante para o General Tokrev em reconhecimento por sua vitória... — Ela perdeu o fôlego e olhou para o capitão, notando a hesitação na mão que segurava a faca. — Foi o que você encontrou no porão deles, não foi?

— Como você...?

— Está listado no livro, na primeira página.

— Você só olhou para a página por um segundo.

— Foi o suficiente.

— Estava em código.

— É uma matriz de substituição baseada em uma ordem numérica decrescente. Não é particularmente difícil se souber como decifrá-la. E agora sou a única pessoa nesse navio, e desconfio que nessa parte do mundo, que sabe lê-la.

O capitão pegou o livro que havia enfiado no cinto e o estendeu.

— Então leia.

Lyrna empertigou-se, esperando sua respiração voltar ao normal.

— Não.

— Eu já lhe disse que você não está em posição...

— De negociar? — Ela sorriu. — Ah, creio que estou.

Os homens resgatados do barco receberam um canto do porão, além de roupas novas e comida. Lyrna e as duas outras mulheres, Murel e Orena, dividiram a cabine do imediato.

— Tem certeza? — perguntou Murel em um sussurro.

Lyrna estendeu a mão para um pequeno espelho que vira a garota tentar esconder.

— Sim.

A parte de trás do espelho era feita de prata e ornamentada com entalhes à moda dos artesãos alpinos dos portos setentrionais, mostrando um homem lutando com um leão. Lyrna passou os dedos pela imagem por um momento e, então, virou o espelho.

Ela sempre se perguntou por que não houve gritos, lágrimas ou um ataque histerico. Ela sentiu tudo isso em uma tormenta crescente e dilacerante de angústia e dor, mas tudo o que fez foi permanecer sentada e olhar para a estranha queimada no espelho. A maior parte de seu cabelo havia sumido e o couro cabeludo era um relevo sarapintado de carne vermelha e rosada. As chamas haviam atingido a parte de cima de seu rosto, as cicatrizes subiam a partir do osso do nariz e a linha de carne queimada curvava-se em diagonal desde o malar esquerdo até o lado direito do maxilar, como uma máscara que não servia direito e era usada para assustar crianças na Noite dos Guardiões.

Não sou nenhuma rainha, pensou ela, fitando os olhos da estranha queimada. *Que artista pintará meu retrato? E o que direi para os cunhadores gravarem nas moedas?* Aquele pensamento a fez rir, causando um sobressalto em Murel, que sem dúvida perguntava-se se ela havia enlouquecido.

Lyrna lhe devolveu o espelho.

— Obrigada.

— O que aconteceu no porão? — perguntou Orena, uma mulher magra com cabelos e olhos castanho-escuros. Os abusos que sofrera no navio eram evidentes nos hematomas em seu pescoço, mas estava menos traumatizada do que Murel. No entanto, era esperta o bastante para ter medo.

— Eu matei um volariano — respondeu Lyrna, não vendo muito sentido em mentir.

— Por quê?

— Para garantir nosso lugar nesse navio.

— E para onde exatamente esse navio está indo?

— Para as Ilhas Meldeneanas. De lá podemos voltar para o Reino.

— Em troca de quê?

Lyrna ergueu o livro colocado sobre a cama, folheando as páginas centrais.

— De um pequeno serviço. Não se preocupem... O capitão disse que nenhuma de nós será tocada se eu realizar esse serviço de forma adequada.

— Não tenho tanta certeza — murmurou a mulher, andando de um lado para o outro da cabine com os braços cruzados. — Esses piratas... Não gosto do jeito como olham para a gente. Os traficantes de escravos foram ruins o suficiente. Nunca pensei que sentiria saudade daquele tolo gordo que arranjei como marido.

Murel atirou-se na cama.

— Se ele era gordo e tolo, por que se casou com ele? — perguntou.

Orena olhou para a garota com uma expressão intrigada.

— Ele era rico.

Lyrna concentrou-se no livro enquanto elas conversavam. A maior parte do texto consistia em minúcias enfadonhas de correspondências militares, listas de suprimentos, caminhos pelos quais se esperava que o exército avançasse. Ela notou que os volarianos possuíam planos extensos para a ocupação de todos os feudos, exceto Renfael, recordando-se das palavras finais de Darnel em seu último encontro. *Que a Fé me ajude, mas eu tive de tentar.*

Será possível que o tolo finalmente me deu um motivo para enforcá-lo?, perguntou-se, concluindo que essa era uma questão para outra hora. *Os Senhores Marinheiros enviaram seus melhores homens atrás desse livro. Precisa haver uma razão.*

O autor do texto fora astuto o bastante para não confiar exclusivamente no código. Alguns topônimos haviam sido substituídos. Lyrna conseguiu identificar O Ninho como Varinshold, graças à descrição do traçado das ruas, e Cesto da Gávea era obviamente Alltor, afinal, que outra cidade ficava em uma ilha? Outros eram menos óbvios. Poleiro das Gaivotas não possuía quase nenhuma descrição, assim como Toca do Corvo, mas a menção de minas a fez suspeitar que se tratasse dos Confins do Norte. *Tenho pena dos coitados enviados para capturá-los,* pensou ela. Contudo, a descrição mais longa era do Covil da Serpente, um lugar complicado com numerosos portos e canais marítimos. A descrição também era seguida por um extenso plano de ataque.

É imperativo, leu Lyrna, que o máximo de navios seja reunido para o ataque ao Covil da Serpente após o cerco e a pacificação bem-sucedidos do Ninho. O ataque deve ocorrer antes da chegada das tempestades de inverno. O Almirante Karlev assumirá o comando das esquadras de assalto, sendo primordial negar ao inimigo o uso de seus portos...

Ela se levantou da cama, foi até a porta e abriu-a. O guarda do lado de fora adiantou-se, já com uma das mãos no punho do sabre. Era o mesmo que vigiara

o volariano e que parecia determinado a não chegar perto demais.

— Preciso vê-lo — ela disse.

— Espero que você cumpra nosso acordo — disse Lyrna ao capitão em sua cabine —, mas acho que concordará que é melhor que eu divida essa informação imediatamente.

Ele não precisou de muita persuasão; na verdade, Lyrna pareceu confirmar uma suspeita que o homem tinha havia tempos. O capitão ordenou que todo o peso extra do navio fosse lançado ao mar, até mesmo as barras de ouro capturadas dos volarianos, e que todas as velas fossem içadas. Devido às correntes predominantes, eles foram obrigados a virar para o sul antes de rumarem para leste, e o capitão fez a tripulação trabalhar ao máximo.

— O que está acontecendo? — perguntou Iltis a Lyrna quando os fugitivos se aglomeraram em volta dela no porão.

— Os volarianos pretendem atacar as Ilhas Meldeneanas — respondeu ela. — Estamos rumando depressa para lá para avisá-los.

— E nosso destino quando chegarmos? — perguntou Harvin.

— O capitão deu sua palavra de que seremos libertados. Tenho razão para confiar nela.

— Por quê?

— Porque ele precisará de mim para convencer os Senhores Marinheiros.

O tempo ruim chegou dois dias mais tarde, e o capitão recolheu a menor quantidade possível de velas quando o mar se ergueu em grandes ondas e o vento ameaçou arrancar a tripulação do cordame. As constantes arfadas do navio deram ânsias de vômito à maioria dos compatriotas de Lyrna, deixando apenas ela e Benten imunes.

— Já navegou antes, minha senhora? — perguntou o jovem pescador durante uma leve calmaria enquanto os outros se curvavam por sobre a amurada e Harvin erguia a cabeça entre as golfadas para proferir os xingamentos mais pitorescos que Lyrna já ouvira.

— Filhos da puta fodedores de porco! — praguejava ele para o divertimento da tripulação.

— Não sou uma senhora — disse ela a Benten. — E, antes de tudo isso, minhas experiências de navegação consistiam em algumas viagens de barça pelo Rio Salgado. — *A última com minha sobrinha e meu sobrinho, antes da viagem para o norte. Janus avistou uma lontra subindo para a margem com uma truta recém-capturada debatendo-se na boca do animal, e o menino bateu palmas e pulou de alegria...*

— Minha senhora? — perguntou Benten, com um tom de preocupação na voz.

Lyrna levou uma das mãos aos olhos e encontrou-os úmidos.

— Dona — corrigiu ela. — Apenas a filha de um simples mercador.

— Não. — O jovem pescador sacudiu lentamente a cabeça, mas com firmeza. — Isso a senhora certamente não é.

A tempestade terminou após seis dias inteiros de fúria e todas as velas foram içadas aos seus lugares para pegarem o vento oeste enquanto o sol secava o convés. Lyrna passou a usar um lenço sobre o couro cabeludo, pois o calor do sol fazia suas cicatrizes doerem. Isso levaria a um incidente quase desastroso quando um dos tripulantes fez-lhe uma mesura escarnecedora, presenteando-a com um lenço maior.

— Para seu rosto, senhora — explicou ele.

Iltis riu, soltando uma gargalhada estrondosa ao atravessar o convés e estender uma das mãos para congratular o meldeneano, que foi tolo o bastante para apertá-la.

— Como ele vai trabalhar no cordame com os dois braços quebrados? — perguntou o capitão pouco tempo depois. A luta fora breve, porém brutal, e o tripulante que Iltis atacara parecera um peixe que acabara de ser fígado debatendo-se no convés enquanto o irmão, Harvin e Bente trocavam socos com os companheiros do homem. O capitão berrou uma ordem quando um dos tripulantes sacou seu sabre.

— Um dos nossos é marinheiro — respondeu Lyrna. — Ele pode assumir o lugar do homem.

Lyrna teve a impressão de ver algo forçado na ira do capitão e notou o modo seco como tratou os tripulantes feridos, evidenciando uma consideração que já não era muito grande.

— É melhor que assuma mesmo — rosnou ele, afastando-se e pisando com firmeza para repreender o timoneiro por deixar que a proa se desviasse em demasia da direção certa.

Lyrna encontrou Iltis sendo cuidado por Murel no porão, que deslizava com as mãos esguias um pano avermelhado pelos seus machucados. A princesa não disse nada, mas deu um beijo na cabeça atarracada do homem. A expressão desapareceu em um instante, mas ela julgou ter visto um sorriso se crispar nos lábios dele antes que ele resmungasse e virasse para o outro lado.

Lyrna adquiriu o hábito de demorar-se no convés ao cair da noite. Orena e Murel tinham uma tendência a tagarelar durante horas até caírem no sono, geralmente sobre questões de menor importância. Lyrna desconfiava de que havia uma futilidade deliberada na conversa das mulheres, um modo de evitar o trauma recente ao falar de amores antigos e travessuras de moças, um trauma que ela não compartilhava graças às suas queimaduras. Ela não tinha nada contra as distrações das duas mulheres, mas havia descoberto que precisava do silêncio

relativo da proa para dar continuidade à sua incessante análise das evidências.

A princípio, qualquer reflexão ligava-se aos eventos da sala do trono, um horror que dominava todos os seus pensamentos, resultando em conclusões inquietantes. *Um plano elaborado ao longo de anos, concluiu. Para preparar um assassino perfeito. E quem imaginaria que Al Telnar morreria como herói?* Lyrna sentiu uma vergonha momentânea ao pensar em suas muitas rejeições bruscas às investidas do lorde ao longo dos anos. Ele obviamente fora um homem melhor do que ela julgara, enfrentando corajosamente o fogo das Trevas para salvá-la sem se importar com a própria vida. Porém, herói ou não, ela não conseguia deixar de pensar que o homem teria sido um marido terrível.

Lyrna começou a perceber que se concentrar em um único evento estava obstruindo a análise de outras evidências. Lembrou-se de um trecho de *A Sabedoria de Reltak*: “Cuidado com a tentação de conclusões precipitadas. Não se perca na resposta que deseja até que saiba tudo o que precisa saber.”

Conquistar uma cidade como Varinshold exigiria um exército de milhares, ponderou. Mesmo com a Guarda do Reino ausente... A Guarda do Reino ausentara-se a apenas alguns dias da invasão. Um extraordinário infortúnio ocasionado por um ataque ao Senhor da Torre Sul... Lyrna esforçou-se para recordar cada fragmento dos detalhes que ouvira sobre o atentado contra a vida do Senhor da Torre. *Dois assassinos, fanáticos cumbraelinos... Dois assassinos.*

Na ausência de outras evidências, deveria considerar aquilo mera desconfiância, mas se permitiu uma certeza. *O Irmão Frentis e a mulher volariana. Eles haviam trabalhado bastante.* Surpreendentemente, ela sentia certo arrependimento pela morte de Frentis. *Quantas outras evidências eu poderia ter arrancado se ele tivesse sobrevivido? Mas ela está viva, sem dívida matando cada vez mais enquanto seus compatriotas devastam minhas terras.*

Lyrna olhou para as próprias mãos e notou que tinha os punhos cerrados, como estavam quando apunhalou o volariano. Lembrou-se do tremor da adaga em sua mão quando o coração do homem bateu uma última vez em uma convulsão após a lâmina tê-lo perfurado. *Ela sabe matar, ponderou. Mas agora eu também sei.*

CAPÍTULO OITO

Frentis

O Espada Livre ergueu a lâmina contra o luar, olhando com admiração para o gume e sorrindo um pouco ao notar as chamuscas cinzentas no metal. Um prêmio realmente valioso.

— Isso não lhe pertence — disse-lhe Frentis, saltando por sobre a ameia.

Um Kuritai poderia ter conseguido aparar o golpe, mas aquele homem não possuía o reflexo sobrenatural necessário. A faca de caça atingiu sua garganta, sufocando qualquer grito que pudesse tentar dar, e Frentis o segurou no chão até que o corpo parasse de estrebuchar. Agachou-se, olhando para o pátio embaixo e avistando apenas alguns volarianos andando de um lado para o outro diante de entradas familiares, todos eles Espadas Livres. *Kuritai são valiosos demais para serem desperdiçados como guardas*, pensou ele.

Seus olhos percorreram a Casa da Ordem, absorvendo cada canto, telha e tijolo exatamente como se lembrava, com uma diferença importante: não havia figuras em mantos azuis percorrendo as muralhas naquela noite, apenas uma infestação de volarianos.

Frentis pegou o manto do homem morto, trocando a espada da Ordem por sua própria e caminhou tranquilamente em direção ao guarda mais próximo, matando-o com uma faca arremessada quando o homem chegou perto o suficiente para ver seu rosto. Ele completou o percurso das muralhas em uma hora, matando cada guarda que encontrava, sendo que apenas um fora capaz de resistir um pouco, um sargento veterano de pele bronzeada, provavelmente do império meridional, que encontrara na casa da guarda. O homem conseguiu aparar os golpes de Frentis uma ou duas vezes, gritando pela ajuda de seus companheiros mortos antes que a lâmina de prata estelar desviasse de sua espada curta para atravessar seu peitoral e cravar-se em sua barriga. Frentis matou-o com a faca de caça e escondeu-se em uma sombra, esperando que alguém aparecesse em resposta aos gritos do sargento. Ninguém apareceu.

Ele saiu do esconderijo e tirou uma tocha de um suporte, subindo nas ameias e agitando-a três vezes. Dentro de segundos, eles surgiram das árvores, mais de cem sombras correndo para o portão, guiados pelo vulto alto de Davoka.

Frentis seguiu para o pátio, onde removeu a grande tábua de carvalho que mantinha os portões fechados. Não esperou pelos outros, buscando a entrada que levava às galerias e descendo rapidamente os degraus. A porta pesada que levava ao depósito da Ordem estava sendo vigiada por dois Kuritai, o que indicava que os volarianos mantinham ali algo que consideravam ter algum valor. Frentis não viu muito sentido em continuar sendo sorrateiro e tirou o manto roubado, avançando com a espada em uma das mãos e a faca de caça na outra. Como esperado, os guardas não demonstraram qualquer sinal de alarme e sacaram suas armas, entrando em uma formação dupla de batalha que ele reconheceu das lutas nos fossos, um atrás do outro, o homem à frente agachado e o homem atrás de pé.

A luta acabou em seis movimentos, um a menos do que sua melhor performance nos fossos. Uma esquiwa na direção do homem à frente, saltar e golpear o homem de trás, forçando-o ao bloqueio, chutar seu peito fazendo-o cambalear, aparar a estocada do homem agachado, abrir seu pescoço com um golpe circundante para trás e arremessar a faca de caça no olho do outro homem ao se chocar contra a parede.

Frentis recuperou a faca, pegou as chaves penduradas no gancho na parede e abriu as portas. As galerias estavam tão escuras quanto ele se lembrava e apenas a tênue luz das tochas brilhava nas profundezas. Ele avançou com cuidado, mantendo-se agachado e atento a qualquer som, mas ouvia apenas a respiração pesada de um homem com dor.

Eles estavam acorrentados à parede, com os braços erguidos e grilhões nos pulsos. O primeiro estava morto e pendia flácido e inerte, com o peito coberto por marcas de tormentos recentes. *Mestre Jestin, que jamais forjará outra espada.* Frentis resistiu à tristeza e seguiu em frente, encontrando outros cadáveres torturados, a maioria de irmãos. Ele reconheceu Mestre Chekril entre eles, o que fez com que se perguntasse sobre o destino dos cães da Ordem.

Pensou que o prisioneiro ao lado dele também estivesse morto, um homem magro de meia-idade, com a cabeça caída e o torso nu coberto por sangue seco, e teve de sufocar um grito quando o homem se contorceu, sacudindo as correntes e encontrando o rosto de Frentis com um olhar desvairado.

— Mortos — disse Mestre Rensial. — Os estábulos queimados. Todos os meus cavalos mortos.

Frentis agachou-se ao seu lado, vendo os olhos ensandecidos fixos no seu rosto.

— Mestre, sou o Irmão Frentis...

— O garoto. — Rensial balançou a cabeça. — Eu sabia que ele estaria esperando.

— Mestre?

Rensial virou a cabeça para os lados, esquadrinhando a escuridão ao redor com um olhar maniaco.

— Quem imaginaria que o Além seria tão escuro?

Frentis levantou-se e experimentou cada chave até abrir os grilhões do mestre, passando um braço em volta do seu peito para ajudá-lo a erguer-se.

— Não estamos no Além. Estou aqui para levá-lo embora. Sabe onde

colocaram o Aspecto?

— Ele se foi — gemeu Rensial. — Ele se foi para as sombras.

Frentis parou ao avistar um retângulo estreito de luz tênue na escuridão vazia. *Os aposentos de Mestre Grealin*. Cavaletes de armas; provavelmente haviam sido saqueados, mas valia a pena dar uma olhada. Ele ajudou o mestre cambaleante até a parede, onde teve de deixá-lo escorregar para o chão.

— Um momento, Mestre.

Frentis desembainhou a espada e foi até a porta, abrindo-a por completo com o bico da bota. Um homem magro estava ajoelhado no chão ao lado de uma mesa com um cadáver; o sangue escorria pela beira da mesa para o chão.

— Por favor — sussurrou em volariano o homem ajoelhado.

Frentis notou o sangue fresco que lhe cobria os braços, ignorou o homem, que continuava a implorar, e aproximou-se do cadáver. Ele havia sido um homem robusto; a carne parcialmente retalhada do peito era coberta por pelos e as partes da cabeça não desfiguradas por queimaduras triangulares evidenciavam que possuíra uma cabeleira espessa. Suas feições, em grande parte um amontoado de hematomas roxos, haviam sido largas e, como Frentis se lembrava, um tanto brutas, exceto quando rastreava, ocasiões em que suas feições se tornavam vívidas. Os olhos, agora desaparecidos das órbitas, brilhavam com um tipo de agudeza que apenas um lobo podia igualar.

— Então ele não morreu quando o portão caiu — murmurou Frentis. Ele olhou ao redor do quarto onde Mestre Grealin vivera e mantivera seus meticulosos registros sobre cada arma, grão e pedaço de tecido que a Ordem possuía. Todos os livros de registro haviam desaparecido, substituídos por ferramentas de metal alinhadas, reluzentes e bastante afiadas.

— Por favor — soluçou o homem com as mãos ensanguentadas, enquanto uma poça se espalhava pelo chão de pedra onde estava ajoelhado. — Só faço o que me ordenam.

— Por que fizeram isso com ele? — perguntou Frentis.

— O batalhão perdeu muitos Espadas Livres para esse homem, inclusive o sobrinho do comandante.

— Você é um escravo — observou Frentis.

— Sou. Só faço o que...

— Sim. Você já disse. — O tumulto de batalha chegou até eles pelas galerias quando a guarnição de Espadas Livres finalmente percebeu o perigo que corria.

Frentis andou até a porta.

— Onde está alojado o comandante desse batalhão?

O comandante havia ocupado o antigo quarto de Mestre Haunlin, que fortuitamente tinha vista para o pátio. Frentis deixou as janelas abertas para que os prisioneiros pudessem ouvir o escravo fazer seu serviço. Os únicos doze sobreviventes de uma guarnição de mais de duzentos, a maioria ferida, estavam ajoelhados no pátio. Havia sido deixados ali enquanto ele visitava os cães, e, ao

retornar, Frentis encontrou em todos um gratificante nível de terror.

— Seu comandante não cooperou muito — disse-lhes Frentis, fazendo alguns sobressaltarem-se ao ouvir a própria língua. — O homem que liderava nossa Ordem chama-se Aspecto Arlyn. Sabemos que ele estava aqui quando o portão caiu. Vou poupar o primeiro homem que me contar onde ele está.

Ouviu-se um som vindo do alto, que Frentis ouvira muitas vezes nos fossos; a castração sempre provoca um grito singularmente agudo.

Um dos volarianos convulsionou e vomitou, respirando fundo para falar, mas o homem ao seu lado foi mais rápido.

— Está falando do homem alto?

— Sim — respondeu Frentis. Todos os prisioneiros começaram a falar ao mesmo tempo, calando-se quando os guerreiros que os cercavam aproximaram-se com as espadas erguidas. Frentis parou na frente do homem que falara primeiro. — O homem alto.

— U-um oficial da equipe do general o levou d-de volta para a cidade. Logo depois que capturamos a fortaleza.

— É uma casa. — Frentis ergueu o homem, arrastando-o na direção do portão e passando por Janril Norin no caminho, que aguardava com sua lâmina renfaelina apoiada no ombro. — Não demore muito — ordenou Frentis.

Ele arrastou o homem pelo portão quando os gritos recomeçaram no pátio, sacando a faca e cortando as amarras do volariano.

— Volte para a cidade e diga à sua gente o que aconteceu aqui.

O homem ficou parado, olhando para ele em choque por um momento, antes de se virar e sair correndo aos tropeços, caindo várias vezes antes de desaparecer. Frentis perguntou-se se deveria ter explicado a ele que estava correndo na direção errada.

Davoka permaneceu calada durante a maior parte do trajeto de volta para o acampamento, evitando o olhar de Frentis. *Garvish*, pensou ele com um suspiro.

— Eu sei o que os lonaks fazem com seus prisioneiros — disse ele quando o silêncio se tornou incômodo.

— Alguns lonakhim — retorquiu ela. — Não eu. — Ela olhou para a forma magra do escravo que os acompanhava, tropeçando pelo caminho e esperando, de olhos arregalados, a morte a qualquer momento. — Que jogo você fará com ele?

Frentis deu uma risada curta.

— Jogo não, trabalho.

— Você não é garvish — Frentis a ouviu dizer quando seguiu na frente. — Você é pior.

Mestre Grealin recebeu-os de braços abertos e com um sorriso largo no rosto, dando um abraço caloroso em um confuso Rensial.

— Meus cavalos queimaram — disse o mestre louco a Grealin, com grave sinceridade.

O homenzarrão deu um sorriso triste ao soltar seu irmão.

— Arranjaremos outros cavalos para você.

— Mais de duzentos mortos — relatou Frentis a Grealin pouco tempo depois.
— Uma grande quantidade de armas apreendidas, além de armaduras variadas, comida e alguns arcos. E nossos novos recrutas, é claro. Perdemos quatro.

— O valor de uma surpresa jamais deve ser subestimado — observou o mestre.

Eles estavam sentados na margem do rio, a pouca distância do acampamento que agora era o lar de mais de trezentas almas. Eles vinham reunindo refugiados e escravos libertos nas últimas semanas; alguns optavam por seguir em frente quando ficava claro que era esperado que lutassem, mas a maioria ficava. Ainda assim, sua força de combate mal chegava a cem pessoas, pois o restante era jovem, velho, doente ou incapaz de empunhar uma arma contra os volarianos. Antes da última noite, suas vitórias haviam sido pequenas, limitadas a ataques à caravanas de traficantes de escravos e a comboios de abastecimento volarianos.

— Eles virão — disse o mestre. — Agora provamos ser mais do que um estorvo.

— Como sabíamos que eles viriam. Mestre, sobre o Aspecto...

Grealin sacudiu a cabeça calva.

— Não.

— Conheço muitos modos de entrar...

— Teríamos de vasculhar uma cidade inteira atrás de um homem que, até onde sabemos, pode estar sofrendo no porão de um navio de escravos no meio do oceano. Sinto muito, irmão, mas não. Essas pessoas precisam de seu campeão, agora mais do que nunca.

O escravo estava sentado onde Frentis o deixara, calado e imóvel ao lado do abrigo que Davoka e Illian dividiam. A garota olhava para o homem com franca curiosidade enquanto mexia a panela pendurada sobre a fogueira. O aroma no ar convenceu a Frentis de que seus talentos, quaisquer que fossem, não estavam na culinária.

— Irmão! — exclamou ela, animada, ao ver Frentis caminhando para a própria tenda e desfazendo a espada presa às costas. — Outra vitória. O acampamento inteiro só fala sobre o ataque. Você matou mesmo dez dos animais?

— Não sei — respondeu ele com sinceridade.

— Leve-me da próxima vez — disse Arendil com uma voz emburrada, cutucando a fogueira com um graveto. — Matarei mais de dez.

— Você não conseguiria matar um camundongo — disse Illian com uma risada.

— Sou um escudeiro treinado da Casa Banders — retorquiu o garoto. — E sou desonrado ao ficar aqui com você enquanto meus companheiros obtêm uma vitória gloriosa.

— O acampamento precisa ser protegido — disse-lhe Frentis em um tom

que indicava que ele já ouvira o bastante sobre aquele assunto.

Ele pegou uma tigela e serviu-se com um pouco da sopa na panela, indo agachar-se ao lado do escravo.

— Tome — disse ele, segurando a tigela diante do rosto do homem.

O escravo aceitou a oferta e tomou a sopa com uma obediência mecânica, levando-a aos lábios e engolindo o conteúdo pouco saboroso sem qualquer sinal de relutância.

— Você tem um nome? — perguntou Frentis quando ele terminou.

— Tenho, mestre. Número Trinta e Quatro.

Escravo numerado. Um especialista treinado desde a infância para uma tarefa específica. *Esse homem não pode ter mais de 25 anos, mas aposto que já tirou mais vidas do que eu, e nenhuma delas rapidamente.*

— Não sou um mestre — disse ele a Trinta e Quatro. — E você não é mais um escravo. Você é livre.

O rosto do escravo não revelou qualquer alegria diante da notícia e havia apenas perplexidade em sua expressão quando respondeu com uma entonação estranhamente afetada.

— A liberdade, uma vez perdida, não pode ser recuperada. Aqueles que não nascem livres são escravizados pela fraqueza de seu próprio sangue. Aqueles escravizados em vida renunciam à liberdade por virtude de sua própria fraqueza.

— Isso parece ser algo que você leu — observou Frentis.

— *Codicilos do Conselho Governante*, Volume Seis.

— Bem, esqueça o Conselho e o império. Você está bem longe de sua terra e não há escravos nesse Reino.

Trinta e Quatro o olhou com cautela.

— Não me trouxe aqui para se vingar?

— Você só faz o que lhe ordenam desde que tem idade para se lembrar, estou certo?

Trinta e Quatro assentiu, enfiando a mão por dentro da túnica e tirando um pequeno frasco de vidro preso a uma corrente pendurada em seu pescoço.

— Isso atenua a dor... a minha dor. É como faço o que faço.

Frentis olhou para o líquido amarelo-claro dentro do frasco e sentiu um eco do domínio lhe percorrer o peito.

— E se você parar de tomar?

— Eu... sinto dor.

— Você é um homem livre agora e pode tomar ou não. Pode ficar conosco ou partir.

— O que quer de mim?

— Você possui habilidades. Elas nos serão úteis.

Davoka apareceu, largando ao lado da fogueira um saco de grãos que pegara na Casa da Ordem e fechando o rosto ao ver o escravo. Ela aceitou uma tigela de sopa oferecida por Illian, levou uma colher do líquido à boca e cuspiu-o imediatamente.

— Você não cozinha mais — disse ela a Illian, pegando a panela de sopa e despejando o líquido sobre algumas samambaias. Ela foi até a tenda, retornou com uma faca volariana que apanhara e jogou-a para a garota. — Você aprende

a caçar. Arendil, faça mais sopa.

Illian olhou para a faca em sua mão com alegria, sacudindo-a para Arendil com um riso de escárnio.

— Venha, vamos ver as armadilhas — disse Davoka, pegando a lança. Ela parou ao lado de Frentis e franziu o rosto para Trinta e Quatro. — Encontre outro lugar para ele — disse ela em voz baixa. — Não quero que fique perto das crianças.

Ela partiu com Illian.

— Não sou uma criança — disse a garota. — Terei idade suficiente para casar daqui a um ano e meio.

Arendil mirou um chute na panela, resmungando:

— Sou herdeiro de sangue do Senhor Feudal de Renfael, sabia?

Frentis levantou-se e fez sinal para Trinta e Quatro acompanhá-lo.

— Permita-me lhe mostrar algo.

Janril estava sentado diante do prisioneiro, passando sua espada ao longo de uma pedra de amolar. O volariano era grande, com músculos impressionantes nos braços puxados para trás e presos ao tronco de um olmo por uma corda resistente. Seu rosto era uma mistura de cortes e hematomas, com um dos olhos fechado de tão inchado e os lábios cobertos por ferimentos recentes.

— Alguma coisa? — perguntou Frentis a Janril.

O sargento sacudiu lentamente a cabeça, apertando os olhos ao ver Trinta e Quatro.

— Talvez ele possa ajudar — disse Frentis.

Janril sacudiu os ombros e levantou-se para chutar os pés do homem amarrado, que ergueu a cabeça subitamente, movendo o olho bom de um lado para o outro, alarmado, até a compreensão retornar e se transformar em desafio.

— Ele estava usando aquilo quando o capturamos. — Frentis apontou para o medalhão pendurado no pescoço de Janril, um disco de prata com a imagem em relevo de uma corrente e um chicote. — Acreditamos que possa ser um homem de certa importância.

— O símbolo de mestre de guilda — disse Trinta e Quatro. — Ele comanda cinquenta capatazes. Já vi esse homem antes, quando a frota estava sendo reunida. Creio que presta contas ao General Tokrev.

— É mesmo? — disse Frentis, movendo-se para que o prisioneiro pudesse ver Trinta e Quatro. — Isso é interessante.

O olho bom do homem arregalou-se consideravelmente ao avistar o escravo.

— Nosso novo recruta tem algumas perguntas a fazer — disse Frentis ao mestre de guilda.

Eles os deixaram sozinhos durante algum tempo. Trinta e Quatro ficou agachado ao lado do mestre de guilda enquanto o homem falava, ouvindo as palavras brotarem dos lábios feridos sem nenhuma hesitação. O torturador sequer tocou nele.

— Uma grande caravana retornará da província ao norte daqui a três dias — relatou Trinta e Quatro pouco tempo depois. — O senhor daquela terra tinha uma lista de súditos que acha que dariam bons escravos.

Mestre Grealin empertigou-se quando Frentis relatou a ele as palavras do torturador.

— Lorde Darnel está cooperando com o povo dele?

Trinta e Quatro encolheu levemente os ombros quando Frentis transmitiu a pergunta.

— Não sei quem é essa pessoa.

Isso foi planejado há muito tempo, pensou Frentis com uma careta.

— O que mais? Alguma notícia do nosso Aspecto?

Trinta e Quatro sacudiu a cabeça.

— Ele não sabe nada sobre isso. A única preocupação dele é com escravos e lucro.

— Esse homem ainda terá alguma serventia?

— Ele possui números, cifras sobre os escravos embarcados para o império, possivelmente os lucros dos investimentos de seu mestre.

— Arranque o que puder dele. Especialmente sobre esse general a quem ele presta contas. Quando tiver certeza de que conseguiu tudo, entregue-o ao Sargento Norin.

— Eu prometi a ele uma morte rápida. Ele implorou.

— Uma promessa feita a um animal não vale nada — disse Janril quando Frentis explicou. Fazia dias que ele não falava tantas palavras.

— Você vai ficar? — perguntou Frentis a Trinta e Quatro.

O homem magro pegou o frasco que trazia pendurado ao pescoço e tirou a rolha, com as mãos tremendo ao hesitar, e então despejou o conteúdo no chão.

— Vou, mas tenho uma condição.

— Deixe que você cuide da morte do traficante de escravos.

Trinta e Quatro sacudiu a cabeça.

— Não. Eu quero um nome.

— Seu papel — disse Frentis a Illian e Arendil, deitado ao lado do garoto em meio ao capim alto. — Repitam para mim.

Arendil revirou os olhos, irritado, mas Illian respondeu com uma avidez afetada.

— Devemos caminhar pela estrada, cambaleando como se estivéssemos feridos. Quando a caravana aparecer, nós nos sentamos e esperamos.

Frentis examinou-os uma última vez, convencendo-se de que o sangue seco de coelho e as roupas esfarrapadas bastariam.

— E quando começar?

Arendil respondeu primeiro, atraindo um olhar intenso de Illian.

— Vamos até os carroções e libertamos os prisioneiros. — Ele ergueu uma das chaves que haviam recebido. A experiência já havia revelado que os traficantes de escravos tinham preguiça de trocar seus fechos e que as chaves que haviam apreendido abririam a maior parte dos grilhões.

— Davoka correrá até vocês assim que o ataque começar. Não saiam do lado dela.

Ele vislumbrou o olhar severo de desaprovação da lonak, que se encontrava a alguns metros de distância, e evitou-o; trazer as crianças não havia sido ideia dela.

— Pensei que as crianças lonaks aprendiam a guerrear desde cedo — dissera Frentis quando ela protestara no acampamento.

— Eles não são lonakhim — retorquiu ela. — Os dois só conheciam o conforto até o ataque.

Frentis sabia que a lonak tinha um motivo mais sério e que seus olhos viam outra alma acostumada demais ao conforto quando olhava para as crianças, especialmente para Illian.

— A guerra logo chegará a essa floresta — disse ele. — Os jogos terminaram. Eles precisam estar preparados.

Um assobio curto e agudo soou ao norte, fazendo os guerreiros se afundarem ainda mais no capim. Frentis virou-se para os dois jovens que pretendia expor ao perigo.

— Está na hora.

Eles desempenharam bem seus papéis, apesar de os tropeços de Illian terem sido um tanto elaborados e os passos de Arendil parecerem um pouco rígidos. A caravana surgiu no topo de uma colina baixa algumas centenas de metros ao norte, escoltada por um destacamento inteiro da Cavalaria Livre. O oficial que vinha à frente da coluna ergueu uma das mãos ao avistar os dois jovens na estrada e a caravana parou. Frentis observou o capitão volariano esquadrihar os campos ao redor. Ele gritou uma ordem a um de seus sargentos após um momento e uma tropa de quatro cavaleiros cavalgou em frente, parando a poucos metros dos refugiados ensanguentados, ambos bonitos demais para serem mortos imediatamente.

Frentis segurou seu arco com força e levantou-se, seguido pela pequena companhia de arqueiros. A saraivada carecia de perícia, mas foram disparadas flechas suficientes para abater os quatro cavaleiros em um instante. Davoka levantou-se com um pulo e correu para a estrada. Frentis saiu em disparada com seus vinte arqueiros na direção da caravana.

O capitão volariano era evidentemente experiente, dispondo a companhia dianteira em uma formação de escaramuça antes dar início ao ataque, fazendo cerca de trinta cavaleiros avançarem sobre eles a todo galope com as espadas apontadas.

Frentis parou, preparando outra flecha e erguendo a mão, com os olhos fixos na grande rocha branca que colocara na beira da estrada mais cedo. Quando o primeiro cavaleiro chegou ao marco, ele abaixou a mão.

Eles saíram dos esconderijos em ambos os lados da estrada, mais de vinte

monstros rosnando e saltando, com latidos que mais pareciam rugidos enquanto avançavam contra a cavalaria. Cavalos e homens gritaram em pânico quando os monstros saltaram para arrancar cavaleiros de suas selas, fechando as mandíbulas e sacudindo as presas que se debatiam. Espadas desferiam golpes para todos os lados em meio ao tumulto em breves e inúteis lampejos de resistência.

Frentis esperou os gritos pararem antes de chegar mais perto. Tanto sangue havia sido derramado tão rapidamente que parecia haver uma névoa vermelha pairando sobre a carnificina. Vários arqueiros tiveram ânsia de vômito e afastaram-se dos horrores que cobriam a estrada.

A fera estava sentada sobre o que restava do capitão volariano, lambendo a pata avermelhada. Ao ver Frentis, o animal soltou um ganido baixo e agachou-se, aproximando-se de mansinho para lambar sua mão.

— Retalhador — disse Frentis, agachando-se para abraçar o velho companheiro. — Quem é um bom garoto, hein? Quem é um garoto muito bom?

Houve uma luta breve, porém difícil, ao redor dos carroções; os guardas mercenários e a retaguarda da cavalaria resistiram com afinco, mas não era nada que Davoka e os outros não pudessem superar, embora tenham perdido mais cinco guerreiros no confronto. Frentis encontrou Davoka segurando Illian, que se debatia nos braços da lonak enquanto chutava e cuspiam o corpo de um capataz que tinha uma faca cravada no peito. Os palavrões que saíam da boca da garota fizeram Frentis suspeitar de que a criação dela não havia sido tão protegida quanto ele havia imaginado. Por fim, ela se cansou, relaxou nos braços de Davoka e soluçou enquanto a lonak a aninhava.

— Desculpe — sussurrou Illian. — Ele me tocou, entende? Ele não deveria ter tocado em mim.

Arendil estava ocupado à beira da estrada, soltando os grilhões de uma fileira de cativos. O garoto tinha um pequeno corte na testa, mas fora isso estava ileso. Frentis passou os olhos pelas pessoas libertadas e viu que se tratava da mesma mistura usual de homens e mulheres, em sua maioria jovens escolhidos pela beleza ou pela força. Paradoxalmente, os escravos escolhidos pelos volarianos eram os recrutas mais adequados para seu exército em expansão.

— Ermund! — exclamou Arendil, fitando uma figura entre os cativos inquietos, um homem de ombros largos com cicatrizes no nariz e marcas recentes de chicotadas nas costas. O homem olhou confuso para o garoto quando ele se aproximou.

— Arendil? Estou sonhando?

— Não é sonho, caro senhor. Como veio parar aqui? Minha mãe, meu avô...

O homem cambaleou um pouco, e Frentis ajudou o garoto a ampará-lo e encostá-lo na roda de um carroção, passando-lhe um cantil.

— Esse é Ermund Lewen — disse Arendil a Frentis. — O primeiro cavaleiro de meu avô.

— Os cães de Darnel foram até a propriedade — disse o cavaleiro após beber bastante água. — Eram quinhentos ou mais. Muitos para se enfrentar. Por insistência minha, seu avô pegou sua mãe e fugiu. Meus homens e eu... Nós os seguramos durante algum tempo. Foi algo espetacular de se ver... — O cavaleiro começou a cabecear e seus olhos fechavam-se de exaustão.

— Vou encontrar um cavalo para ele — disse Frentis, tocando no ombro de Arendil e seguindo seu caminho.

Alguns cavalos haviam sobrevivido aos cães e à batalha. Frentis ordenou que fossem reunidos e levados ao acampamento, já que Mestre Rensial precisava muito de uma distração. Quando não ficava simplesmente olhando para o vazio, o mestre louco listava o nome de cada cavalo que treinara para qualquer um ao seu redor. Entretanto, lembrar-se do nome dele parecia estar além de suas capacidades; ele era sempre “o garoto”.

Frentis segurou as rédeas de um dos cavalos, um belo garanhão com uma pelagem negra e sedosa; o animal estava dilatando as narinas, sentindo o cheiro dos cães que ainda se alimentavam dos cadáveres a pouca distância dali. Após acalmar o cavalo com um sussurro, levou-o até o cavaleiro inconsciente, parando ao avistar Janril Norin andando de um lado para o outro ao longo de uma fileira de seis sobreviventes volarianos, brandindo casualmente a espada enquanto se dirigia a eles.

— Alguém aqui sabe cantar? Está faltando música em nosso acampamento, e eu gostaria de algum entretenimento essa noite. — Ele parou e virou-se para os volarianos, abaixando a ponta da espada e deixando um corte no rosto do primeiro homem da fileira. — Cante!

Frentis aproximou-se quando o homem ergueu os olhos perplexos e aterrorizados para Janril, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Eu mandei cantar, seu porco filho de uma puta — sussurrou Janril, encostando a espada na orelha do homem. — Eu costumava cantar e minha esposa dançava...

— Sargento — disse Frentis.

Janril virou-se para ele com uma leve expressão de irritação.

— Irmão?

— Não temos tempo para isso. — Ele indicou com a cabeça o terceiro prisioneiro na fileira. — Aquele ali é um alferes. Ele pode saber algo. Leve-o de volta para ser interrogado. Mate os outros e seja rápido.

Janril o encarou por um segundo, com o rosto impassível, e então assentiu lentamente.

— Como quiser, irmão.

— Não sabíamos por que Darnel resolvera agir naquele momento — disse Ermund, com o rosto vermelho-claro iluminado pela fogueira. Arendil estava sentado ao lado dele, com a testa franzida de preocupação. Ao lado do garoto,

Illian acariciava um cão que apoiara a cabeça em seu colo. A garota havia demonstrado certo nervosismo quando Retalhador e o resto da matilha juntaram-se a eles ao redor da fogueira e uma cadela jovem, apenas levemente menos imensa do que os outros, colocara a cabeça em seus joelhos, erguendo os olhos à espera de um carinho.

— Ela gosta de você — explicou Frentis. Retalhador estava sentado à sua esquerda e um de seus muitos filhotes estava à sua direita. Os cães, chamados pelo falecido Mestre Chekril de cães da Fé, de acordo com Grealin, eram apenas um pouco menores do que Arranhão, seu antepassado havia muito desaparecido, com pernas mais longas e focinho mais estreito. Contudo, a lealdade e a obediência inquietantes do cão de escravos ainda permaneciam fortes na linhagem, embora fosse um tanto mais fácil controlar esses animais.

— Só soube da invasão após ter sido capturado — prosseguiu Ermund. — Vi algumas cenas horríveis na estrada, acreditem. Darnel não demorou a acertar as contas com aqueles que o irritavam.

— O povo uniu-se a ele nessa traição? — perguntou Mestre Grealin.

— Dificil dizer, irmão... Passei todo esse tempo na traseira de um carroção — respondeu Ermund. — Sei que seus cavaleiros permanecerão leais. Ele costuma escolher homens que pensam de forma similar, broncos cruéis motivados pela ganância e não pela honra. Mas conheço o temperamento de nossa gente. Darnel nunca foi popular. Não creio que se aliar a invasores estrangeiros fará com que seja mais estimado.

— Meu avô — disse Arendil. — Tem alguma ideia de onde ele pode ter ido?

— Nenhuma, meu garoto. Porém, se eu fosse ele, seguiria para o Passo Skellan e buscaria refúgio com a Ordem.

— A guarnição no passo não é mais a mesma — disse Grealin. — O Aspecto Arlyn foi obrigado a reduzir o tamanho da guarda nos últimos anos. Não podemos esperar grandes reforços por parte do Irmão Sollis.

— Lutamos sozinhos — comentou Davoka.

— Não sozinhos — disse Frentis. — O Senhor da Torre dos Confins do Norte virá. E, quando vier, retomaremos esse Reino.

Davoka franziu o rosto diante dos murmúrios de consentimento dos outros em volta da fogueira.

— As vastidões do norte ficam muito longe. E esse Senhor da Torre não pode ter mais homens do que os volarianos.

Illian deu uma risada baixa.

— Lorde Vaelin poderia vir até sozinho e essa guerra ainda seria vencida em um dia.

Davoka simplesmente ergueu as sobranceiras e deixou o assunto morrer.

— Devemos resistir — disse Frentis. — Manter acesa a chama do desafio até ele vir.

— E matar quantos pudermos — comentou Janril. Ele estava de pé fora do círculo, com o rosto apenas parcialmente iluminado pela luz do fogo, olhando atentamente para Frentis. — Certo, irmão?

Retalhador ergueu a cabeça, sentindo algum vestígio de ameaça no tom do

menestrel e formando um rosnado baixo em sua garganta. Frentis acalmou o cão coçando-lhe as orelhas.

— Tem toda a razão, Sargento.

Trinta e Quatro surgiu da escuridão, assustando Illian. O torturador parecia materializar-se do nada com uma habilidade espantosa. Ainda não havia escolhido um nome, algo que não causava muito problema, pois poucos no acampamento sabiam sua língua ou queriam falar com ele.

— O alferes foi teimoso — relatou. — Mas não em demasia. O dano foi mínimo.

— Que informações você conseguiu? — perguntou Frentis, fazendo sinal para que o homem se sentasse.

Trinta e Quatro escolheu um lugar entre Davoka e Frentis, aparentemente alheio ao desconforto palpável da lonak com tal proximidade.

— Eles sabem sobre você, sobre esse grupo. Os Espadas Livres o chamam de Irmão Vermelho. Planos estão sendo feitos para tirá-los dessa floresta. O general ofereceu 10 mil quadrados pela sua cabeça.

— Nada inesperado — disse Frentis. — O que mais?

— Capturar a cidade e derrotar seu exército está saindo mais caro do que haviam planejado. Estão aguardando a chegada de novas tropas vindas de Volaria. A maior parte do exército ruma para o sul. O senhor da província do sul recusou-se a discutir com eles e a cidade encontra-se sitiada.

— Darnel se vende enquanto Mustor resiste — comentou Mestre Grealin quando Frentis traduziu as notícias. — A guerra sempre vira o mundo de pernas para o ar.

Frentis percebeu a expressão insistente de Davoka.

— Algo sobre a rainha? — perguntou a Trinta e Quatro.

— Ele acredita que o Rei e sua família estejam mortos. Não há ordens para perseguir a rainha.

— Isso é tudo?

— Ele sente saudades da esposa. Seu primeiro filho nasceu no inverno.

— Que triste. — Frentis virou-se para Janril. — Ele já terminou com o prisioneiro.

Um leve sorriso apareceu no rosto do menestrel antes que ele sumisse na escuridão. Frentis coçou o pelo atrás do pescoço de Retalhador, sentindo os músculos duros por baixo. *Nós fomos transformados em monstros, meu garoto*, pensou ele. *Mas em que estou transformando-os?*

CAPÍTULO NOVE

Reva

Os corpos apinhavam-se no passadiço, formando um tapete de formas negras imóveis que lembrava a Reva um campo de pardais mortos próximo ao celeiro após a caçada anual dos aldeões. Havia escadas entre os corpos, mas nenhuma chegara a menos de vinte metros da muralha. Ela contou cerca de quatrocentos mortos, todos abatidos pelos arqueiros de Lorde Antesh no dia seguinte à chegada da vanguarda volariana. Desde então, os invasores evitaram fazer outro ataque direto, contentando-se em erguer fortificações e patrulhar a região ao redor.

— Eles estão esperando — dissera seu tio, sentado junto à lareira na biblioteca, com um cobertor grosso cobrindo-lhe os joelhos e a garrafa azul e a flor rubra à mão. — E por que não esperaríamos? Não vamos a lugar algum.

Como o Irmão Harin havia previsto, Sentes piorava a cada dia, com as faces mais encovadas, a pele cada vez mais pálida, cada osso e veia das mãos quase à vista sob uma camada de pele esbranquiçada. *Mas seus olhos ainda são tão brilhantes*, pensou Reva.

Até aquele momento, ela mantivera sua promessa, ficando ao lado do tio e ignorando o desejo desesperado que sentiu de correr para a muralha quando as cornetas soaram no segundo dia, andando pela mansão como uma gata selvagem até receber notícias de que o ataque fora repellido com facilidade. Naquele dia, porém, ele cedeu, pois os volarianos atacavam em massa e ele nem sequer tivera forças para vê-los com os próprios olhos.

— Meus senhores — cumprimentou Reva, dirigindo-se a Antesh e Arentes quando eles se curvaram para ela e Veliss no alto das ameias da casa da guarda.

— Temos uma contagem? — perguntou Veliss.

— Achei melhor não, minha senhora — respondeu Antesh. — Números altos podem enervar os homens quando espalhados constantemente.

Reva aproximou-se das ameias, avistando o exército volariano. As tendas estendiam-se para dentro da neblina matutina, parecendo mais uma cidade do que um acampamento. Pelo menos dois mil soldados de infantaria marchavam através da planície e outros desciam a colina a oeste em um desfile interminável. Contudo, o que mais atraiu a atenção de Reva foram as altas estruturas de

madeira que estavam sendo construídas atrás das fortificações dos volarianos.

— São as máquinas deles? — perguntou ela.

— Ainda não vimos sinal de tais engenhos, minha senhora — respondeu Lorde Arentes. — São torres. Eles pretendem empurrá-las até as muralhas sobre grandes rodas.

— Preparei flechas incendiárias — disse Antesh. — E um bom suprimento de potes de óleo.

— Parece que eles estão construindo muitas torres — observou Arken. Ele passara a usar um colete de couro, como Antesh, e carregava seu próprio arco longo e sua aljava de flechas.

— Então teremos bastantes alvos, jovem senhor — disse-lhe Antesh. Apesar da aparente confiança, Reva detectou alguma tensão no tom do arqueiro. *Ele não é burro*, pensou, desconfiando de que o Lorde dos Arqueiros fora até meticuloso ao contar as tropas volarianas.

— Para quando podemos esperar o ataque? — perguntou ela.

— Imagino que assim que as torres fiquem prontas — respondeu Antesh. — Duvido que queiram prolongar esse cerco. Eles têm um reino inteiro para conquistar e não vão querer tantos homens presos aqui por mais tempo do que o necessário.

Reva tornou a olhar para as estruturas, tendo a impressão que haviam ficado mais altas no pouco tempo desde que subira à casa da guarda. Ela tirou o manto, revelando uma cota de malha leve que encontrara no arsenal quase vazio da mansão, e afivelou o boldriê em volta do peito, mantendo a arma atravessada em suas costas, com o punho acima do ombro direito para ser sacada rapidamente, como Al Sorna a ensinara. Estendeu a mão para Arken, e o garoto lhe passou o arco de olmo e a aljava com flechas de ponta de ferro.

— Reva... — começou Veliss.

— É bom você voltar para ficar com meu tio — disse-lhe Reva. — Meu lugar agora é aqui.

Veliss olhou para o exército volariano e para ela.

— Você prometeu a ele.

— Ele entenderá. — Ao ver Veliss abraçar-se, Reva percebeu que ela estava contendo as lágrimas. Então, aproximou-se e segurou a mão da conselheira. — Fique perto dele. Voltarei quando as muralhas estiverem seguras.

Veliss respirou fundo e ergueu a cabeça, com os olhos brilhantes ao forçar um sorriso.

— Outra promessa?

— Essa promessa eu cumprirei.

Veliss retribuiu o aperto de mão, mantendo-o firme ao levar as mãos de Reva aos lábios. Depois de um beijo suave e caloroso, ela partiu, virando-se e descendo os degraus sem olhar para trás.

— Meus senhores. — Reva virou-se para Antesh e Arentes. — Eu gostaria de inspecionar as muralhas mais uma vez.

Eles atacaram naquela noite, talvez apostando que a escuridão ofereceria alguma proteção contra as flechas. Nesse caso, foi uma esperança vã. Antesh preparara fardos de vime embebidos em piche, que foram lançados das muralhas e acesos com flechas incendiárias, fornecendo uma vista nítida das torres arrastadas pelo passadiço. Cada torre possuía uma longa proteção que se estendia da parte de trás da estrutura, sob a qual homens esforçavam-se para empurrar a torre adiante, marchando a um passo ritmado. Antesh conteve a saraivada até que a primeira torre estivesse a menos de cinquenta metros do portão. Ao seu comando, os potes de óleo foram arremessados, estilhaçando-se na parte da frente da torre, seguidos por uma saraivada de flechas incendiárias, fazendo o óleo de lamparina pegar fogo imediatamente.

A torre continuou a ser empurrada por vários metros; Reva esticou o pescoço para ver melhor a proteção na parte de trás do monstro, avistando pernas que davam prosseguimento às pisadas ritmadas. Ela tirou o arco do ombro, colocou uma flecha na corda e puxou, mirando com cuidado. A flecha voou para o meio da massa de pernas na extremidade da proteção, e Reva teve a satisfação de ver uma figura caída alguns segundos depois. O homem rolou, segurando a perna, antes que várias flechas o prendessem ao chão. Os arqueiros ao redor não tardaram a seguir o exemplo dela, e logo a torre deixou um rastro de homens feridos enquanto as chamas envolviam a parte superior da estrutura. A torre parou a uns vinte metros da muralha, perto o suficiente para que se ouvissem os gritos dos homens queimando dentro dela, e então a estrutura pareceu convulsionar como um enorme animal ferido, expelindo homens que tentavam fugir, a maioria morta pelos arcos longos antes que pudesse correr mais do que alguns metros. Um brado de comemoração subiu das muralhas quando a torre sucumbiu, devorada pelas chamas.

— Comemorem depois! — berrou Antesh, apontando para a torre seguinte, que tentava contornar sua incandescente irmã. — Joguem alguns potes naquela coisa.

A segunda torre não teve um destino melhor do que a primeira, incendiada e dilacerada antes que chegasse à muralha, e os homens que a operavam também tombaram sob a chuva de flechas. Reva viu alguns homens pularem no rio em uma tentativa de escapar da torrente de flechas com ponta de ferro. A terceira torre aproximou-se, chegando a uma distância de dez metros antes que o fogo e as flechas detivessem seu avanço.

— Escadas! — gritou alguém à esquerda. Reva olhou para o passadiço e viu centenas de homens atravessarem a linha das torres com escadas erguidas sobre as cabeças. Ao chegar ao fim do passadiço, eles dividiram-se em dois grupos e correram junto às muralhas por quase oitenta metros enquanto dezenas de seus homens eram abatidos pelos arqueiros. Então, eles se viraram e investiram com as escadas erguidas. Aqueles homens possuíam uma estranha indiferença pela própria segurança, mal parecendo notar que tantos de seus companheiros morriam à sua volta ou caíam das escadas. *Varitai*, lembrou-se Reva das palavras de Veliss. *Soldados-escravos sem vontade própria*.

Um leve zumbido de deslocamento no ar serviu de aviso para Reva abaixar quando uma flecha passou acima de sua cabeça. Um arqueiro próximo não teve

tanta sorte, sendo arrancado da muralha por uma flecha cravada em seu rosto. Reva arriscou uma olhada por sobre a muralha e avistou um aglomerado de homens com arcos na extremidade do passadiço, disparando flechas contra os defensores com velocidade e precisão mecânicas. Tal como os homens nas escadas, eles não demonstravam medo.

Lorde Antesh reuniu dezenas de arqueiros em um grupo compacto, mandando que se abaixassem com as flechas preparadas, e que se levantassem e disparassem ao mesmo tempo, fazendo com que enxames de pontas de ferro caíssem sobre os arqueiros volarianos em saraivadas sucessivas até não restar nenhum. Os Varitai também foram despachados rapidamente e nenhum conseguiu subir mais do que até a metade das escadas antes de ser abatido. As escadas eram empurradas para longe das muralhas e caíam sobre as pilhas de corpos.

As quatro torres restantes avançaram com dificuldade pelo solo repleto de cadáveres, tentando passar à força pelos restos queimados das outras torres, mas encontrando apenas o caminho bloqueado e parando por completo.

— Com calma e precisão, rapazes! — gritou Lorde Antesh enquanto as flechas voavam. — Não vamos desperdiçar os disparos.

Dentro de uma hora, todas as quatro torres restantes estavam queimando e os ocupantes sobreviventes fugiam pelo passadiço. As muralhas irromperam em celebração, e Reva viu-se alvo de vários tapas nas costas enquanto os homens erguiam os arcos, bradando ou gritando insultos indecentes aos volarianos.

— Não foi tão difícil, não é? — comentou Arken. Seu rosto estava sujo por uma mistura de fumaça e suor e não restara nenhuma flecha na aljava. Reva foi até a muralha e olhou para os inúmeros corpos que apinhavam a estrada estreita que circundava a cidade, avistando poucos feridos ainda se arrastando e soltando gemidos perdidos em meio à comemoração. *Escravos*, pensou ela. *Gastos como algumas moedas de cobre em uma aposta que não se espera vencer*. Ela ergueu o olhar para as incontáveis fogueiras em meio ao acampamento volariano, ciente de que quem quer que tivesse comandado aquele espetáculo inútil estaria olhando para a carnificina e maquinando um novo estratagema para o dia seguinte.

Reva sentiu um formigamento na mão, justamente onde Veliss a beijara. Na verdade, estava formigando desde então, embora só tivesse percebido agora.

— Estarei na mansão — disse a Arken. — Procure-me quando eles voltarem.

Sentes estava terrivelmente mal-humorado quando ela chegou, embora Reva suspeitasse que isso tinha mais a ver com o sacerdote de nariz quebrado que se encontrava diante dele na Câmara do Senhor do que com sua promessa não cumprida.

— O que isso significa? — perguntou o Senhor Feudal com a voz rouca, sacudindo um pedaço de pergaminho. Veliss colocou uma das mãos em seu ombro, tentando tranquilizá-lo, enquanto ele olhava furioso para o sacerdote.

— As palavras do Santo Leitor são perfeitamente claras, meu senhor —

disse o sacerdote, lançando um olhar cauteloso a Reva enquanto ela se colocava ao lado do tio. — Seu discernimento, uma dádiva do próprio Pai, permitiu-lhe reconhecer a causa de nossa atual situação. Nossos inumeráveis pecados atraíram Sua ira e os animais ímpios do lado de fora de nossas muralhas são Sua punição.

— “O Pai do Mundo tudo vê, tudo sabe e a tudo perdoa” — citou Reva. — “Negar a si mesmo Seu amor é Sua única punição.”

O sacerdote não olhou para ela e dirigiu-se ao Senhor Feudal.

— Nosso caminho é claro, meu senhor. Para assegurar o perdão do Pai, devemos nos livrar de nossos pecados. — Ele lançou um olhar penetrante a Veliss. — De todos os nossos pecados. Essa cidade foi construída em homenagem ao maior profeta do Pai, mas permitimos a mácula de almas ímpias dentro de suas muralhas...

— Seu Leitor — interrompeu Sentes, com um pequeno filete de baba pendendo do lábio inferior — fica sentado na catedral rabiscando bobagens e recusando nossos pedidos para ajudar as pessoas dessa cidade que estão se defendendo da escravidão e do assassinato! — Ele se calou, contorcendo o rosto quando uma nova pontada de dor percorreu seu corpo. Reva passou a mão pelas costas dele e tirou gentilmente o pergaminho de suas mãos trêmulas.

— “Todos os hereges que se encontram dentro da cidade devem ser reunidos para o julgamento do Pai.” — Enquanto lia, ela andava lentamente até o sacerdote. — “O Santo Leitor testemunhará em pessoa a aceitação do amor do Pai por esses hereges. Qualquer um que se mostre incapaz ou que se recuse a abandonar sua heresia será entregue aos seus companheiros hereges do lado de fora das muralhas.”

Reva olhou para o sacerdote e viu que o homem desviava o olhar, com o nariz deformado levemente arrebicado.

— Isso vai nos salvar, então? — perguntou ela.

— As palavras do Leitor são para o Senhor Feudal...

O sacerdote calou-se quando ela rasgou o pergaminho em dois e largou os pedaços no chão.

— Saia daqui — disse Reva. — E se você incomodar meu tio com mais baboseiras desse velho tolo, veremos o que os hereges que estão do lado de fora dessas muralhas farão com duas almas tão devotas quanto vocês.

O sacerdote engoliu uma resposta insensata e virou-se para ir embora.

— E diga a ele — gritou Reva às costas do homem que se afastava — que, quando isso acabar, é melhor que ele revele o nome daquele desgraçado que me criou. Diga isso a ele.

— Foi horrível? — perguntou Veliss. Elas estavam na biblioteca enquanto seu tio dormia no andar de cima. A visita do sacerdote dera início a uma arenga que o deixara exausto e tomando vários goles de flor rubra. Veliss ficou ao seu lado até ele adormecer.

Reva tirara a cota de malha, impressionada ao perceber como a peça de

armadura podia cheirar tão mal depois de poucas horas. Ela se deitou em um divã ao lado da lareira e Veliss sentou-se na frente dela com um olhar atento, como se procurasse sinais de ferimentos.

— Nós os repelimos — respondeu Reva. — Perderam muitos homens, mas voltarão amanhã.

— Já vi muito sangue — disse Veliss. — Também derramei um pouco de sangue na minha época. Mas nunca vi uma guerra.

Reva pensou nos Varitai arrastando-se, quase mortos, enquanto milhares comemoravam suas mortes.

— É horrível.

— Você não precisa lutar, Reva. Essas pessoas precisam de você... E o risco...

— Eu preciso lutar. E lutarei. — Ela observou o rosto abaixado de Veliss por um momento, percebendo que o preferia quando ela sorria. — Eu disse certas coisas a você... — disse Reva. — Coisas grosseiras...

— Já ouvi coisas piores, acredite. Puta, vadia, mentirosa... espiã. E todas elas eram verdade. Então não se preocupe com meus sentimentos, querida.

— Por que ficou? Você podia estar bem longe a essa altura, e rica, ainda por cima.

— Eu não podia deixá-lo, não agora.

Reva sentou-se, massageando o braço dolorido. Atirar com o arco de olmo era cansativo, mas ela só sentia os efeitos do esforço quando a exaltação da batalha desaparecia.

— Há quanto tempo você está com ele? — perguntou a Veliss.

— Nós nos conhecemos anos atrás, em Varinshold, quando ele era apenas um convidado da corte do Rei. Era um cliente regular e generoso, então fiquei triste ao vê-lo ser chamado para ocupar a Cadeira. Dois anos depois, quando tive uma... razão urgente para partir de Varinshold, achei que poderia ser bem-recebida aqui ou pelo menos conseguir dinheiro suficiente para comprar uma passagem para algum país estrangeiro. Ele se mostrou mais receptivo do que eu esperava e aberto a alguns conselhos sensatos.

— Você fará o mesmo por mim quando chegar a hora?

Veliss a olhou e falou em voz baixa.

— Acho que você sabe que eu faria praticamente qualquer coisa que você pedisse, querida.

Reva desviou o olhar, concentrando-se em massagear o bíceps com os dedos.

— Seu tio e eu... — continuou Veliss. — Nós não... Não ficamos juntos há muito tempo. A bebida afetou mais do que seu fígado, e os meus, hã, interesses não profissionais sempre estiveram outro lugar, interesses que ele sempre permitiu que eu satisfizesse, desde que com a devida discrição. Não haveria traição, se é esse o problema.

Pecadora imunda e sem Pai...

— O Livro da Razão — disse Reva. — Ele relata como o Pai criou o homem e a mulher para que o amor entre eles fosse um reflexo de Seu próprio amor por toda a humanidade. O Livro das Leis decreta que o casamento é uma

união entre um homem e uma mulher. O Livro do Julgamento determina que qualquer profanação desse elo é um pecado contra o amor do Pai.

— Apenas palavras, querida — disse Veliss. — Apenas um monte de palavras antigas. Eu a vejo, Reva, vejo onde seus olhos se demoram, embora você tente esconder.

Reva esfregou o dorso da mão, tentando livrar-se do formigamento que pareceu voltar com força.

— Ele tentou arrancar isso de mim com surras — sussurrou ela, fechando os olhos. — Mas estava enterrado muito fundo, como uma mancha que não quer sair.

— Uma mancha? — Ela sentiu Veliss sentar-se ao seu lado e pegar sua mão enquanto o formigamento ardia. — Não é uma mancha. É lindo. É uma dádiva. — O hálito dela percorreu a pele do pescoço de Reva, suave e quente, e seus lábios deixaram outro formigamento em sua carne.

O som de portas sendo escancaradas chegou aos ouvidos de Reva, que levantou-se, deixando o abraço de Veliss e virando-se quando Arken entrou correndo na sala.

— Eles voltaram!

Dessa vez, eles usavam escudos, grandes pranchas de madeiras pregadas umas nas outras e erguidas por estacas presas em cada extremidade, largos o suficiente para dez Varitai abrigarem-se enquanto marchavam na direção das muralhas com seu passo estranhamente uniforme. O sol estava nascendo, revelando a disposição da batalha volariana e fazendo com que Reva estimasse que a primeira onda de ataque era composta por mais de três mil homens. Antesh ordenara que os arqueiros atacassem pelos flancos em vez de desperdiçarem flechas disparando contra os escudos. Pelo menos um quinto da força atacante pereceu no passadiço, caindo no chão ou no rio à medida que os arqueiros encontravam os alvos com sua precisão terrível.

Ao alcançarem as muralhas, eles tentaram atacar em três pontos, levantando as escadas e os escudos constantemente castigados pelas pedras pesadas arremessadas do alto. Reva posicionou-se nas ameias, levantando-se para disparar contra qualquer atacante que deixasse a proteção dos escudos e passando a mirar nos homens nas escadas quando começaram a subi-las. Ela esperava os volarianos chegarem a uns seis metros acima do solo antes de derrubá-los, com sorte sobre as cabeças de seus companheiros. Ela parou de contar ao chegar a seis.

— Meu senhor! — gritou um homem para Antesh, vindo correndo da parte da muralha voltada para o oeste. — O rio!

Reva e Arken seguiram Antesh, que correu para ver o perigo. Os defensores das muralhas a oeste assistiam e apontavam para cerca de cinquenta balsas que atravessavam as águas escuras do Ferrofrio carregadas de volarianos com escudos e impelidas adiante por varas longas. Pelo movimento constante dos ocupantes das balsas, Reva supôs que eram homens livres, e não Varitai. *Logo*

serão cadáveres livres, pensou ela.

— Espalhe seus homens em pelotões de dez — disse Antesh ao sargento da Guarda da Casa no comando daquela parte da muralha. — Cada um atacará uma balsa. Diga-lhes para mirarem nos condutores.

Ele ordenou que disparassem assim que balsas chegaram ao alcance e as flechas caíram sobre a massa de Espadas Livres em movimento, forçando-os a manterem os escudos erguidos.

— Peguei o desgraçado! — gritou Arken quando sua flecha atingiu o condutor na primeira balsa. Uma flecha de Reva abateu o homem que se adiantara para substituí-lo.

A chuva de flechas tornava-se mais intensa à medida que as balsas se aproximavam e os arqueiros podiam tirar proveito de brechas nas coberturas de escudos; a primeira balsa logo ficou à deriva, rodopiando na corrente e espalhando corpos que foram levados pelo rio. Outras duas balsas tiveram o mesmo destino, mas as restantes conseguiram chegar até a margem, embora tivessem lacunas consideráveis em suas fileiras.

Os Espadas Livres desembarcaram rapidamente e correram até certos pontos predeterminados para darem início ao ataque, perdendo cada vez mais homens para os arqueiros, mas havia volarianos demais para serem mortos, e, em pouco tempo, suas escadas já estavam apoiadas nas ameias. Os Espadas Livres tinham arqueiros misturados em suas fileiras, mantendo um fluxo constante de flechas nos pontos onde as escadas encimavam a muralha. Reva viu dois arqueiros serem atingidos ao subirem nas ameias para empurrar uma escada para longe.

— Prepare seus lanceiros — ordenou Antesh ao sargento da Guarda da Casa quando os volarianos começaram a subir.

Reva disparou uma última flecha contra um dos homens que subiam as escadas, agachou-se antes que pudesse ver o resultado e juntou-se ao sargento enquanto ele organizava seus lanceiros em grupos compactos. Arken ficou ao seu lado, empunhando o machado que escolhera no arsenal. Ela nunca teve muito sucesso ao tentar ensiná-lo a usar a espada.

Antesh manteve seus arqueiros na muralha tanto quanto pôde, causando baixas terríveis entre os escaladores, mas perdendo muitos mais para os arqueiros volarianos.

— Muito bem, recuar! — ele gritou, correndo até Reva e colocando cuidadosamente seu arco no topo da muralha interna. — Hora de dançar, minha senhora — disse a ela, desembainhando a espada.

Reva colocou o arco de olmo ao lado do arco longo.

— Ainda tenho algumas perguntas sobre isso — disse ela, batendo com um dedo nos entalhes do arco.

— Pergunte-me amanhã — ele disse com um breve sorriso.

O primeiro volariano a alcançar as ameias foi um sujeito grande, de feições morenas e brutas, com um pesado elmo de ferro, gritando em fúria e terror ao pular por sobre a muralha. Reva avançou depressa, abaixou-se e rolou para evitar o golpe frenético do volariano, desembainhando a espada no momento em que firmou os pés e desferindo uma estocada para cima sob o queixo do homem,

forçando a lâmina através da língua e do osso até o cérebro. Ela recolheu a espada, virou-se e golpeou o rosto do homem seguinte que tentava pular sobre as ameias. O volariano caiu, cego e em pânico, sobre os homens na escada, gritando e levando-os consigo ao mergulhar para a morte.

Mais volarianos surgiram perto de Reva, e os lanceiros avançaram com um grito, dando estocadas e matando em meio ao furor, transformando as ameias em uma confusão de homens que se debatiam. Um volariano chamou a atenção de Reva por um instante ao abater um lanceiro que corraera em sua direção, golpeando com uma espada curta em cada mão em meio à balbúrdia, matando rapidamente três homens. Ele usava uma armadura diferente, menos volumosa, com os braços expostos exceto por proteções nos punhos, e não usava elmo na cabeça raspada. Nenhuma emoção transparecia em seu rosto enquanto lutava, esquivando-se de estocadas, desferindo golpes mortais com uma precisão impassível e movendo-se com uma velocidade que beirava o sobrenatural.

Arken soltou um berro e investiu contra o homem com o machado erguido, sem dar ouvidos ao aviso de Reva. O homem habilidoso ergueu as duas espadas em uma apara cruzada quando o machado de Arken desceu sobre ele e chutou o peito do garoto, derrubando-o de costas e fazendo o machado escapar-lhe das mãos. Reva correu quando o volariano avançou para dar o golpe final, desferindo um golpe contra os olhos do homem e forçando-o a recuar. Não houve surpresa no rosto do volariano ao encará-la. O sangue escorria de um corte abaixo do olho e, quase sem pausa, ele desferiu um golpe cortante contra a cabeça de Reva e uma estocada na direção de sua barriga. Reva girou, bloqueando ambas as lâminas com uma apara vertical, apoiando um joelho no chão e golpeando a perna do volariano acima do tornozelo. Ele usava grevas grossas nas pernas, de modo que o talho não foi suficiente para aleijá-lo. O homem demonstrou pouca dor ou choque ao desferir um golpe descendente contra Reva, mas a ponta da espada curta estilhaçou-se no chão quando ela tornou a rodopiar, erguendo-se para cravar sua espada na base do crânio do volariano.

As espadas gêmeas bateram na pedra com um estrondo quando o homem habilidoso caiu de joelhos, convulsionando, enquanto Reva arrancava a espada de seu corpo, e caía com o rosto no chão.

Reva respirou fundo e procurou Arken, encontrando-o com as mãos no peito junto aos outros defensores e olhando para ela. Os volarianos pareciam ter desaparecido. Ela andou até a muralha e viu os homens batendo em retirada, alguns encolhidos atrás dos escudos enquanto tentavam alcançar o passadiço, outros simplesmente correndo às cegas para se salvar e sendo abatidos pelos arcos longos.

— Podemos descansar um pouco... — começou ela ao se virar, calando-se ao ver todos os seus guerreiros ajoelhando-se com as cabeças baixas. Reva olhou em volta, pronta para repreender o tio por ir até as muralhas, mas percebeu que ele não estava ali. Estavam se ajoelhando para ela, até mesmo Antesh e Arken.

— Não façam isso — disse ela em voz baixa.

Reva passou o resto da manhã ajudando a carregar os feridos para a casa de cura improvisada que o Irmão Harin estabelecera em uma estalagem próxima ao portão. O irmão, seus dois companheiros curandeiros da Quinta Ordem, uma mulher idosa e um homem de meia-idade, trabalhavam de forma incansável dando pontos em cortes, colocando ossos no lugar e ocasionalmente salvando homens do que Reva supunha serem ferimentos mortais.

— Talvez isso lhe interesse, minha senhora — disse Harin, erguendo um instrumento e aproximando-se do arqueiro que Reva vira ser atingido por uma flecha no rosto na noite anterior. A seta havia sido removida, mas a ponta ainda estava firmemente alojada nos ossos do rosto do homem. O irmão dera-lhe uma dose pesada de flor rubra, mas ele ainda choramingava de dor, olhando assustado para o instrumento na mão de Harin. — É chamada de lança mustoriana em homenagem ao seu finado pai.

O arqueiro encolheu-se quando Harin agachou-se para examinar o ferimento, um corte profundo em sua bochecha, limpo havia pouco tempo, mas de onde ainda saía sangue. Reva pegou a mão do homem e apertou-a, forçando um sorriso encorajador.

— Meu pai? — perguntou ela a Harin.

— Sim. Seu famoso ferimento de flecha foi praticamente idêntico ao desse camarada desafortunado. A ponta entrara tão fundo que tentar tirá-la com um corte teria sido fatal. O curandeiro que tratou dele foi obrigado a criar um novo instrumento. — Ele ergueu a longa sonda para Reva. — Vê a forma da extremidade? Estreita o bastante para ser encaixada na base de uma ponta de flecha. Quando conseguir encaixá-la — explicou ele, passando o polegar ao longo do meio da sonda, que se abriu em duas —, eu a estendo e agarro a ponta, o que permite uma retirada rápida e fácil.

— E indolor? — perguntou Reva.

— Ah, pela Fé, não — respondeu o irmão, inclinando-se sobre o arqueiro ferido e começando a guiar a sonda para dentro do ferimento. — Ouvi dizer que é terrivelmente doloroso. Segure os braços desse camarada, sim?

Ela encontrou Arken no bar da estalagem, onde a curandeira idosa envolvia seu peito em bandagens.

— Costelas quebradas — disse o garoto a Reva com um sorriso pesaroso. — Mas só duas.

— Aquilo foi estúpido — disse ela. — Escolha um alvo mais fácil da próxima vez.

— Nenhum deles é fácil, a não ser para você.

— Pronto — disse a curandeira, amarrando as bandagens. — Eu lhe daria um frasco de flor rubra para a dor, mas temos de racioná-la.

— Há algumas garrafas extras na mansão — disse Reva. — Mandarei que tragam para cá.

— A flor rubra é necessária para o tratamento de seu tio, minha senhora.

Ele não viverá o bastante para precisar de todas aquelas garrafas, ela pensou, estremeecendo um pouco com tal frieza.

— Ele... não gostaria de ver seu povo sofrendo. — Ela se virou para Arken e apertou a mão do garoto. — Descanse um pouco.

Reva encontrou Lorde Antesh em uma sala da casa da guarda discutindo com Lorde Arentes sobre como organizar os homens.

— A essa altura, eles já devem saber que se concentrar em um ou dois pontos não adiantará — disse ele com um ar de paciência forçada. — Da próxima vez, tentarão atacar em vários lugares ao mesmo tempo. O Pai sabe que eles têm homens suficientes.

— Precisamos resistir — retorquiu Arentes com uma fungada. — Manter nossos melhores homens concentrados para um contragolpe caso eles rompam nossas defesas.

— Se eles romperem nossas defesas, essa cidade estará perdida de qualquer forma, meu senhor.

Os dois calaram-se quando Reva se aproximou. Antesh tinha a mesma expressão estranha que ela notara quando ele e os outros homens curvaram-se para ela, mas Arentes estava mais cauteloso, talvez pouco disposto a acreditar nas histórias fantásticas que circulavam pelas muralhas, algo de que Reva gostou.

— Algum problema, meus senhores?

— O Lorde Arqueiro está tentando exercer seu poder nos meus homens, minha senhora — respondeu Arentes. — Eu recebi o comando da Guarda da Casa e da Guarda da Cidade. Muitos dos meus melhores homens foram levados para reforçar os... elementos amadores da defesa. Essa descentralização reduzirá nossa capacidade de conter um ataque sério.

— E os ataques que enfrentamos até agora não foram sérios? — escarneceu Antesh, já impaciente. — Minha senhora, esta cidade depende das forças que pudermos colocar nas muralhas. Se formos atacados em diversos pontos ao mesmo tempo...

Reva ergueu uma das mãos.

— Meus senhores, vejo méritos nos argumentos de ambos. — Ela se aproximou do mapa aberto na mesa entre eles. *Por que essa cidade tinha de ser tão grande?* — Se me permitem fazer uma sugestão... — Ela apontou para o quartel próximo ao centro da cidade. — Manter tantos homens aqui parece sem sentido. Se os volarianos conseguirem capturar uma parte da muralha, os soldados levarão muito tempo para chegar ao local de combate e repeli-los. Contudo, se a força for dividida em quatro, uma para cada quadrante da cidade, eles poderão correr para onde quer que a ameaça seja maior. Sugiro que a Guarda da Casa fique posicionada aqui, logo atrás do portão, e que a Guarda da Cidade seja dividida em três e posicionada ao critério de Lorde Arentes.

Antesh examinou o mapa por um momento e ergueu as sobrancelhas para Arentes. O velho comandante cofiou a barba pontuda e assentiu lentamente.

— Pode... haver certo mérito nesse estratagema. — Ele pegou o elmo que estava sobre a mesa e fez uma mesura curta. — É melhor eu ir tratar disso. Meu senhor, minha senhora, peça licença.

— Acho que ele gosta de você — disse Antesh quando Arentes partiu. — Há

certo brilho no olhar dele quando a senhora está por perto.

— Cuidado com a língua, meu senhor — disse-lhe Reva sem muita convicção. — Quantos perdemos hoje?

— Trinta e cinco mortos e vinte feridos. Não é uma troca ruim, considerando quantos corpos jazem do outro lado das muralhas.

— Esses escravocratas desperdiçam homens como se fossem milho barato. Como tamanha indiferença pode gerar lealdade?

— Lealdade e medo podem ser a mesma coisa, especialmente na guerra. — Ele fez uma pausa e uma expressão cautelosa surgiu-lhe no rosto. — Posso perguntar como vai a saúde do Senhor Feuda!

Reva não viu muito sentido em esconder os fatos.

— Ele está morrendo. Talvez consiga durar mais um mês, com a graça do Pai.

— Compreendo. Sinto muito, minha senhora. Ele... No fim, ele provou ser um homem melhor do que a maioria.

— O fim ainda não chegou. — Reva ergueu seu arco de olmo. — O senhor me deve uma história.

— Arren foi o melhor fabricante de arcos da história cumbraelina — disse Antesh. Eles estavam nas ameias, inspecionando a seção leste, onde Reva forçava-se a responder com acenos de cabeça às saudações respeitadas, tolerando os olhares e a reverência sussurrada. — Possivelmente o melhor fabricante de arcos em todo o mundo. Sua habilidade era tamanha e seus arcos eram tão impressionantes que alguns afirmavam que havia um toque das Trevas na confecção das armas. Na verdade, creio que ele era apenas um homem incrivelmente habilidoso que via uma profissão antiga como uma grande arte. Desde cedo, ele já fabricava arcos de grande poder, mas também de grande beleza.

Antesh ergueu o próprio arco, exibindo a madeira grossa alisada por anos de uso.

— O arco longo é poderoso e há alguma coisa agradável em sua simplicidade, mas Arren acrescentou elegância à arma, conseguindo decorar a madeira sem diminuir seu poder. Seus arcos custavam muito, naturalmente, mas ele era sensato o suficiente para trabalhar de graça quando o Senhor de Cumbrael aparecia. — Seu olhar recaiu sobre o arco de Reva.

— Ele fez esse arco para meu bisavô?

— Fez esse e mais quatro similares, todos decorados de forma diferente para refletir os vários interesses do senhor, como literatura, música e assim por diante. Seu arco parece ser o arco de caça. O senhor decretou que eles seriam seu presente às futuras gerações da família Mustor. Porém, todos se perderam em poucos anos, quando Janus começou a nos forçar a fazer parte de seu novo Reino. O próprio Arren morreu em um ataque à sua aldeia, embora seja contada uma história de que Janus queria capturá-lo vivo e que mandou executar os responsáveis por sua morte, mas quem pode dizer se é verdade?

Antesh parou e recostou-se na muralha, vendo em Reva a mesma expressão preocupada que surgira quando dissera a ela o que era aquele arco.

— E agora aqui está a senhora, a filha perdida da Casa Mustor, fazendo da batalha uma arte como Arren fez do arco uma arte, carregando um dos maiores tesouros de sua família encontrado por puro acaso. Uma vida de guerras, preservada por mera sorte, deu-me motivos para duvidar do olhar do Pai. Entretanto, minha senhora, a senhora me faz parar para pensar.

Reva parou ao lado dele e olhou para a margem oposta. Uma caravana se aproximava do acampamento volariano, com grandes carroções puxados por bois e escoltados por homens de preto a cavalo. Pararam após um momento, quando um dos cavaleiros desmontou e foi até o último carroção. Ele desapareceu por um instante e saiu puxando um jovem às suas costas. O homem tinha algo prendendo-lhe os pulsos, fazendo com que parecesse que estava implorando quando o cavaleiro o forçou a ficar de joelhos. Algo reluziu na mão do cavaleiro antes de o jovem cair para frente, um jorro vermelho escapando-lhe do pescoço. O cavaleiro abaixou-se para remover as correntes e tornou a montar no cavalo. A caravana seguiu tranquilamente em frente, deixando o cadáver para trás junto à margem.

— Eu também duvidei do olhar do Pai — confessou Reva. — Vi coisas horríveis, crueldades, mentiras... e traição. Mas também vi beleza, bondade e amizade. Se essa cidade cair, jamais verei qualquer uma dessas coisas de novo, nem qualquer um de nós. E tenho a sensação de que o olhar do Pai está voltado para cá. Não posso explicar, mas sei que está.

Reva observou a caravana parar nos limites do acampamento volariano sem passar completamente pela linha dos piquetes.

— Eles ainda não fortificaram a margem leste — disse a Antesh. — E nós temos barcos, não temos?

Antesh recusou-se a permitir que Reva fosse junto, chegando ao ponto de ameaçar entregar seu título e tornar-se um arqueiro comum se ela não concordasse. Ele enviou trinta homens em doze barcos, que deixaram a costa norte da cidade pouco depois da meia-noite. Os volarianos não haviam atacado naquela noite, de modo que tudo estava silencioso até os doze barcos retornarem, remando com força na direção da muralha leste e carregados de prisioneiros libertados enquanto o acampamento dos escravocratas ardia às suas costas. A maré estava amigável, e eles não tiveram de lutar contra a corrente, mas os volarianos forneceram perigo de sobra com as flechas que dispararam ao persegui-los. A maioria dos barcos conseguiu escapar, mas o último foi vítima de uma chuva de ferro. Havia libertado quarenta pessoas, cerca de metade pertencente à Guarda do Reino; os outros eram cumbraelinos, a maioria jovens, com óbvios sinais de maus tratos recentes nos olhares e nos rostos pálidos das mulheres.

Os homens também trouxeram um presente para Reva. Era um homem alto, trajando um colete de couro preto, com mãos grandes que evidentemente

preferiam estar segurando um chicote a estarem confinadas pelos próprios grilhões.

Ele recuou ao avistar Reva quando os homens o arrastaram para terra firme, com os olhos arregalados de medo e os lábios formando um sussurro trêmulo:

— *Elverah!*

— O que deseja que façamos, minha senhora? — perguntou o líder do ataque, um veterano de olhar firme que Antesh conhecera na guerra no deserto.

— Coloque-o no alto da casa da guarda — respondeu Reva. — Espere até o meio da manhã para ter certeza de que todos eles estejam acordados para ver e corte a garganta dele.

PARTE IV

Ele será reconhecido pela lâmina que carrega e pela habilidade provinda das Trevas com a qual empunha, pois ninguém que conhece o amor do Pai pode derrotar o Lâmina Negra, e ainda assim todos devem opor-se a ele.

— Os Dez Livros, Livro 4:
Profecia, vol. 7: Sonhos da Donzela

RELATO DE VERNIERS

Outro dia interminável e a cidade ainda não havia caído. Mais fumaça, mais feridos arrastando-se, mais fúria do general. Senti culpa posteriormente, mas devo confessar que comecei a odiar esses cumbraelinos tanto quanto ele, pois, se simplesmente sucumbissem à sua inevitável derrota, não haveria mais razão para eu estar naquele navio odioso sofrendo as crueldades engenhosas daquele homem.

Eu havia chegado à conclusão de que o general não era um homem verdadeiramente inteligente, mas astuto e manipulador, com um olhar perspicaz para perceber oportunidades, da mesma forma como fazem muitas crianças. Não, estou ainda mais convencido de que ele era mesmo um homem estúpido, mas o privilégio encarregara-se de dar-lhe uma educação, e um sadista educado sabe punir um estudioso. Fui obrigado a decorar os poemas completos de Kirval Draken, sem dúvida o pior poeta a escrever em volariano, ou em qualquer língua, na verdade, culpado de infligir as baboseiras mais sentimentais e sem métrica ao ouvido humano. Tive uma hora para decorar todos os quarenta poemas e recitá-los perfeitamente para o divertimento do general, na proa do navio, proclamando a ladainha enquanto o suor escorria pelo meu rosto e pelas minhas costas, pois ele prometera morte imediata caso eu cometesse um erro sequer.

— Os lábios de minha dama abriram-se como rosas e queimaram como fogo sobre os meus, choro minhas lágrimas de alegria e pesar, pois agora nosso amor disse adeus.

— Excelente! — aplaudiu o general, erguendo a taça de vinho. — Mais!

— Chega um herói com a espada nua, seu aço muito a brilhar...

Ele acenou para que eu me calasse quando um mensageiro aproximou-se, vindo da costa, subiu a bordo e entregou-lhe um pergaminho.

— Uma ruptura, hein? — disse ele ao mensageiro. — Já era hora.

— Sim, Honorável General. Meu comandante informa que, com reforços suficientes, a cidade será nossa ao anoitecer.

— Não. A reserva deve ser poupada para tomar o resto desse monte de esterco encharcado de chuva. Diga-lhe para interromper todos os ataques em

outros setores e concentrar-se na ruptura. E diga-lhe que é melhor garantir uma morte heroica se essa cidade não for minha até o anoitecer, pois não é assim que morrerá nas minhas mãos.

O general dispensou o mensageiro com um aceno e virou-se para mim.

— Sabe, escravo, creio que me esqueci de onde paramos. Vamos começar desde o início, sim?

O general obrigou-me a recitar tudo três vezes, cada linha horrível escrita por aquele volariano simplório e sem talento. Mesmo agora, tantos anos depois, ainda posso recitar Draken. Não é exatamente a pior das minhas cicatrizes, mas ainda assim é uma lembrança dolorosa.

Fui dispensado no início da tarde, mandado para minha cabine enquanto o general ocupava-se com outra escrava de prazeres até receber notícias da vitória. Joguei-me em meu catre, tremendo de exaustão e de medo, e teria vomitado se meu estômago tivesse algo para pôr para fora. Contudo, mesmo aquele pequeno descanso seria interrompido. A porta foi aberta e um dos escravos da senhora fez sinal para que eu o seguisse.

— Você está sendo chamado.

Ela estava em sua cabine, um espaço cavernoso revestido de tecidos de seda e com um conforto almofadado se comparado com minha prisão estreita. A mulher usava um vestido branco com um decote que descia até a curva suave de sua barriga. A saia mostrou-se transparente e reveladora ao andar até mim com passos um pouco vacilantes e uma taça de vinho levada aos lábios.

— Sem dúvida já sabe? — perguntou ela em um tom lento e calculado. — Que o grande cerco está quase no fim? Que o triunfo de meu honorável esposo está quase completo?

— Sei, senhora. Um grande dia.

Ela cuspiu o vinho na taça, tropeçando ao rir.

— Um grande dia! Sim, uma velha criança ganha um novo brinquedo. Realmente um grande dia. — Ela franziu o rosto, piscou e fez uma careta. — Não fico embriagada há mais de cinquenta anos. Acho que estou me lembrando por quê.

Cinquenta anos? Ela notou a confusão em meu rosto e tornou a rir, apenas um risinho, como uma garotinha com um segredo.

— Mais velha do que pareço, meu senhor. Quão mais velha você acha? — Ela se aproximou, fazendo-me lutar contra o desejo de recuar. — Seja honesto. Quantos anos você diria que tenho? — Ela colocou um dedo insistente em meu peito. — E ordeno que fale a verdade!

Respirei fundo, perguntando-me como um homem podia sentir tanto medo e ainda assim manter a calma.

— Não posso crer que minha senhora tenha mais do que trinta anos.

— Trinta? — Ela recuou, fingindo-se ofendida. — Fique sabendo que eu não tinha mais que 28 anos quando fiz meu acordo, e isso foi há mais de trezentos anos.

A mulher ficou parada, encarando-me em silêncio com os olhos apertados e bebendo mais vinho, fazendo-me ponderar se ela estava tão embriagada quanto aparentava.

— Nada a dizer? — perguntou ela após um momento.

— Perdoe-me, senhora, mas isso é impossível.

— Sim — murmurou ela, aproximando-se, encostando-se em mim e apoiando a cabeça em meu peito. — E, no entanto, aqui estou, com tantas lembranças. E ainda sou bela, não sou? Não me deseja, meu senhor? Ou sua mente ainda está dominada por sua poetisa morta?

A raiva retornou e a engoli, sabendo que aquele sentimento me trairia.

— Minha senhora é muito bela.

— Eu sou. Mesmo assim, você não me deseja. Eu sinto isso. E sei por quê. — Ela ergueu o olhar e examinou meu rosto. — Você o vê, não? Sente-o?

— Senhora?

— Meu cansaço. Quem teria imaginado que eu ficaria tão cansada? Tão completamente exausta. Você não acreditaria em quantos foram drenados para que me fossem dados tantos anos, tantas vidas desperdiçadas para manter uma velha nesse mundo, condenada a casar-se com um tolo homicida e a testemunhar suas carnificinas. Foi esse o acordo que fizemos, compreende? Poder por anos, embora apenas para aqueles que vestem o vermelho, é claro, e mesmo assim somente para alguns escolhidos. Isso nos transformou no verdadeiro poder. O Conselho é uma ficção conveniente. Nós, os eternamente jovens, e cada vez mais cansados, somos o poder real, pois agora eles clamam pelas nossas graças. Todos aqueles idiotas em roupas vermelhas imploram por uma chance de fazer o mesmo acordo. Pensamos que somos senhores de escravos. Somos tolos. Nós somos os escravos. A grande dádiva pela qual barganhamos foi a maior das correntes.

A mulher ergueu a mão em um movimento rápido e suave e senti o frio da lâmina de aço contra meu pescoço.

— Você me rejeita — disse ela com um tom magoado. — Deseja um cadáver que adorava livros quando poderia ter a mim. Sabe quantos amantes já tive? Quantos homens imploraram para dar um único beijo em meu pé?

— Beijarei de bom grado o pé de minha senhora — falei, pronunciando as palavras em voz baixa, pois a lâmina da faca estava apertada com força contra minha carne e senti uma gota de sangue escorrer pelo meu pescoço.

— Mas você não quer. Você quer sua vadia alpirana. Talvez eu o mande ao encontro dela. Você gostaria?

Nunca compreendi o que aconteceu, e tenho tentado com afinco há muitos anos, mas naquele momento todo o medo desapareceu e senti o grande e terrível cansaço que ela sentia. O que me lembro é que soube que minha morte era inevitável. A ira do marido dela ou o chicote do capataz me matariam no dia seguinte, ou, se eu tivesse muita sorte, no dia posterior.

Afastei-me dela, abrindo os braços enquanto gotas de sangue pingavam do corte superficial que ela fizera em mim.

— Não há poetisa alguma — confessei. — Nenhuma mulher. Mas eu amei, e o homem que amei morreu nas mãos do homem que agora espero com todo o meu coração que chegue aqui para matar a senhora e aquele miserável desprezível

que chama de esposo. A senhora me oferece um presente. Eu o recebo de bom grado, pois significa que não terei mais de suportar a ideia de respirar o mesmo ar que a senhora.

Ela me encarou por um longo tempo enquanto eu me espantava com as batidas controladas de meu coração. Isso é coragem?, pensei. É isso o que o Matador da Esperança sente quando cavalga para a batalha? Essa calma estranha?

— Eu costumo procurar distrações entre os escravos... Sinto que isso afasta o cansaço, ao menos por algum tempo. E você é tão talentoso. — Ela jogou a faca para longe, que caiu ruidosamente no chão. — Vá e escreva mais besteiras adulatoras — disse a mulher, jogando-se nas almofadas com um aceno cansado. — Provavelmente ganhará mais alguns dias.

Fui chamado ao convés quase duas horas mais tarde, quando minha calma recém-descoberta havia evaporado. Fornella estava sentada ao lado do marido, aparentemente sóbria e usando um elegante vestido de chiffon vermelho e preto. Olhou-me por uma fração de segundo e virou-se para o general.

— Suponho que os capatazes sejam devidamente educados?

O general parecia pensativo; o tempo que passara com a escrava de prazeres pouco servira para acalmá-lo.

— Deixe os detalhes comigo, minha amada — ele murmurou. — Sua família receberá a devida parte de qualquer um que encontrarmos, como sempre recebe. — Seu olhar recaiu sobre mim e o rolo de pergaminho que eu tinha nas mãos. — Seu relato mais recente, escravo escrevinhador?

— Sim, mestre.

— Bem, dê-me aqui. Vamos ver se você continuará a merecer minha indulgência. — Ele estava desenrolando o pergaminho quando um guarda avisou sobre a aproximação de outro mensageiro. — Finalmente. — Ele jogou o pergaminho sobre a mesa do mapa e empertigou-se com um ar calculado de reflexão estoica, posando como o comandante nobre sendo informado sobre sua vitória conquistada a duras penas.

— A bruxa foi capturada? — perguntou ele ao mensageiro, olhando para longe e falando em um tom quase desejoso. — Ou morreu? Imagino que tenha morrido em batalha. Estranho eu encontrar lugar em meu coração para admirar tal criatura...

— Perdão, Honorable General! — exclamou o mensageiro. Ele usava uma armadura de oficial da Cavalaria Livre, com o rosto tenso e coberto de suor. — Venho com notícias mais graves. Um cavaleiro foi encontrado por uma tropa de batedores essa manhã, o único sobrevivente do Décimo Segundo Batalhão de Espadas Livres. Parece que ele foi capturado e libertado. Ele traz notícias de um exército em marcha e em grande velocidade.

O general olhou para ele.

— Um exército? Que exército?

— O número estimado é de mais de 50 mil soldados. — O oficial tirou um

pedaço de pergaminho dobrado e guardado no cinto e o estendeu ao general. — Também entregaram ao homem uma mensagem para o senhor, Honorável General.

O general acenou para mim.

— Leia. Não falo essa língua horrível.

Peguei o pergaminho e o desdobrei.

— A mensagem está em volariano, mestre.

— Apenas leia.

Li rapidamente a mensagem e senti meu coração já disparado aumentar ainda mais o ritmo de suas batidas. Lancei um olhar furtivo para o pergaminho que eu lhe entregara antes, pensando se eu conseguiria recuperá-lo na confusão que se seguiria à leitura daquela mensagem.

— Ao comandante das forças volarianas atualmente sitiando a cidade de Alltor — falei, começando a ler o pergaminho, esperando que o general não tivesse notado minha leve hesitação. — O senhor está ordenado a desarmar-se, entregar todos os prisioneiros e preparar-se para que a justiça lhe seja aplicada por seus muitos crimes. Se cumprir essa ordem, seus homens serão poupados. O senhor, não. Assinado sob a Palavra do Rei, Senhor da Torre dos Confins do Norte, Vaelin Al Sorna.

CAPÍTULO UM

Vaelin

A beleza da floresta revelava-se à luz do dia; o sol pintava um cenário em constante mudança de clareiras rajadas, grandes árvores antigas e córregos de correntezas suaves que desaguavam em cachoeiras rasas e lagos de água cristalina. Vaelin sentiu o medo do exército diminuir um pouco conforme marchavam, conquistado pela majestade imaculada da floresta, inclusive estimulando algumas canções de marcha, embora o conteúdo geralmente obsceno parecesse não combinar com as árvores, como um xingamento sussurrado em um templo alpirano. A canção do sangue não ressoara desde o momento em que ele entrara no meio das árvores, mantendo-se baixa e melodiosa, com uma nota mais grave, não de aviso, e sim de respeito. *Tão antiga*, pensou consigo. *Muito mais antiga do que o povo que a venera.*

Depois de quatro dias, Hera Drakil informou que eles haviam percorrido cerca de metade do caminho, sendo aquela a extensão mais estreita de floresta entre o Reino e os Confins. Vaelin desistira de tentar avaliar quantos seordah viajavam com eles, e perguntar ao seu guia se provou inútil, pois os seordah não viam muito significado em números.

— Muitos — dissera o homem de rosto aquilino, encolhendo os ombros. — Muitos e muitos.

Embora seus soldados estivessem se acostumando com a floresta, outros recrutas de Vaelin não pareciam nem um pouco encantados.

— Falta muito? — perguntou Lorkan, esquecendo-se de sua cortesia efusiva. Havia uma ruga funda no meio de sua testa jovem e seus olhos tinham a aparência encovada resultante de uma dor constante. Marken e Cara pareciam um pouco menos desconcertados, mas ambos estavam inquietos quando se sentaram para comer o desjejum frio. Apenas Artesão parecia despreocupado, ocupando as mãos com o cânhamo que os seordah forneceram. Por alguma razão, ele abandonara as cestas para fazer um pedaço de corda resistente, que já tinha três metros de comprimento e aumentava a cada dia.

— Só mais quatro dias — disse Vaelin a Lorkan.

— Pela Fé, não sei se conseguirei suportar. — Ele esfregou os dedos nas têmporas. — Não consigo sentir, meu senhor?

— Sentir o quê?

— O peso — disse Cara, quebrando seu silêncio habitual. — O peso de um dom tão grande.

— O dom de quem? — perguntou Vaelin.

O olhar da garota indicava que ela estava se perguntando se ele tinha mesmo um dom.

— Da floresta, Lorde Vaelin. A floresta possui um dom próprio, que abrange cada árvore, galho e folha. — Ela entrelaçou as mãos e forçou um leve sorriso. — Imagino que vamos nos acostumar com ela. Os seordah parecem lidar com ela bem o suficiente.

Por que eles e não eu?, pensou Vaelin mais tarde. *Por que não sinto nada além de boas-vindas?*

— Porque ela o está recebendo — disse-lhe Dahrena naquela noite após a aula. — A floresta o conhece e vê sua alma.

— Você fala como se ela estivesse viva.

O olhar que ela lhe deu foi um eco mais severo do olhar de Cara.

— É claro que está viva. Uma vida ancestral nos cerca por todos os lados, por centenas de quilômetros, nada além de vida, respirando, sentindo e vendo. Ela vê o senhor e gosta do que vê.

— Ela lhe viu? Quando a senhora veio aqui pela primeira vez?

— Eu era apenas uma criança quando meu pai me encontrou. Achei que havia sido um sonho, com o lobo e a recepção da floresta... — Dahrena calou-se, voltando a amarrar penas a uma de suas flechas. Tal como os seordah, ela fazia as próprias flechas, movendo as mãos com habilidade e precisão inconscientes. Drakil dera um arco a Dahrena alguns dias antes, muito parecido com seu próprio arco, mas com pictogramas entalhados na vara; à primeira vista, eram representações grosseiras dos animais da floresta, mas possuíam uma clareza elegante quando examinadas de perto. Pela expressão de reverência no rosto dela ao aceitar o arco, Vaelin deduziu que a arma possuía um grande significado para ambos.

— Lembra-se de uma época anterior? — perguntou ele. — De sua infância entre seu povo?

— Os lonaks não são meu povo. Só consigo me lembrar de poucas palavras na língua deles. Lembro-me de uma aldeia em algum lugar nas montanhas. Algumas mulheres ríspidas e ligeiras com o dorso de suas mãos, mas também gentis em algumas ocasiões. Lembro-me de uma noite de chamas, gritos e sangue. Acho que eles morreram naquela noite. Havia um homem com uma faca, caminhando lentamente na minha direção, negro contra as chamas... Então, lá estava o lobo. Acho que ele matou o homem com a faca, apesar de não me lembrar do fato. O lobo veio e agachou-se diante de mim e senti um impulso de montar nele.

“Corremos por tanto tempo. Eu estava agarrada ao seu pelo e o ar gelado batia em meu rosto. Eu não estava com medo, e sim jubilante, mas fiquei triste quando paramos em algum lugar escuro e cercado por árvores. Desci das costas do lobo e ele me abençoou, cobrindo meu rosto com sua língua e dissipando o medo. Então, ele desapareceu. Meu pai me encontrou pela manhã. Foi a

primeira vez que os seordah permitiram que um marelím sil andasse pela floresta, e fui quase a primeira coisa que ele viu.”

Pelo tom de Dahrena, Vaelin deduziu que ela aceitara muito antes a conclusão à qual ele acabava de chegar. *Isso não é um acidente. Nós dois somos crianças do lobo.*

— Quantas vezes o viu? — perguntou ele.

— Apenas duas, incluindo o dia em que chegamos aqui. E o senhor?

— Quatro. — *Embora talvez tenha havido mais uma vez, quando o lobo estava vivendo na estátua...* — Ele sempre apareceu para me salvar, como salvou a senhora.

Os dedos de Dahrena ficaram imóveis, e Vaelin viu o medo dela, a mesma tensão que vira quando confrontaram Urso Sábio pela primeira vez.

— Para o quê?

— Não sei. Para isso, talvez, para uma guerra que precisasse de nós.

— Eu era tão nova quando ele me abençoou que só agora compreendo o que senti, a presença de um ser tão antigo que eu jamais poderia compreender realmente. Ele deve ter testemunhado inumeráveis disputas triviais entre os estranhos seres bípedes e sem pelos que perambulam pelo mundo e incontáveis guerras. Por que essa guerra é diferente?

Vaelin lembrou-se das palavras do Aspecto Arlyn sobre o destino do Reino quando questionara o apoio à guerra insana de Janus: *Ele certamente sucumbirá. Não mais uma vez a feudos rivais, mas à ruína completa, e a terra será devastada, as florestas queimarão até virarem cinzas e todos os povos, gente do Reino, seordah e lonaks, morrerão. O que mais você esperaria que fizéssemos?*

— Porque essa guerra levará o mundo dele assim como o nosso — respondeu Vaelin. — Acho que nós dois sabemos que enfrentamos outros inimigos além dos volarianos.

— Por isso a presença constante do bom irmão. — Dahrena olhou para o Irmão Harlick, que estava entretido em uma conversa animada com Alornis. Sua irmã parecia achar fascinante o inesgotável conhecimento do erudito e podia passar horas fazendo perguntas na vã esperança de deixá-lo sem respostas.

— Ele sabe muito mais do que divide conosco — disse Dahrena.

— Ele dividirá — assegurou-lhe Vaelin. — Se for preciso, arrancarei cada fração de conhecimento dele até ele perder o fôlego.

Vaelin passou a manhã seguinte viajando com os eorhil; o povo de cavaleiros conduzia suas montarias pelo meio das árvores com quase tanto desconforto quanto os dotados.

— Cavalos não conseguem ver o céu — disse Sanesh Poltar, passando uma das mãos pela cabeça de seu garanhão, que mexia as orelhas constantemente e tinha os olhos arregalados. — Não gostam. Eu também não.

— Os eorhil não são bem-vindos na floresta? — perguntou Vaelin.

Sabedoria deu uma risada baixa, caminhando ao lado do chefe de guerra.

— Nunca tivemos motivos para vir aqui. Os eorhil e os seordah falam

basicamente a mesma língua e trocam peles e armas, mas não somos o mesmo povo. Eles são da floresta. Nós somos das planícies.

— Os eorhil possuem histórias de uma época antes das planícies, antes da chegada dos marelim sil? — perguntou Vaelin.

Sanesh e Sabedoria trocaram um olhar jocoso.

— Nunca teve uma época antes das planícies — explicou Sanesh. — Eorhil sempre cavalgaram as planícies. Sempre irão cavalgar. Houve um tempo quando os seordah na floresta não eram tantos, é o que dizem os avós que falam de seus avós. Mas não sabíamos nada dos marelim sil até chegarem para cavar pedras nas colinas.

— Mas vocês sabem sobre a mulher cega? — perguntou Vaelin a Sabedoria.

Os dois eorhil calaram-se no mesmo instante; Sanesh seguiu pisando firme e puxando seu cavalo.

Sabedoria caminhou em silêncio durante vários minutos, com o rosto fechado. Quando tornou a falar, seu tom estava repleto de relutância.

— Há uma cidade, uma ruína nos limites do Domínio Lonak. Os eorhil não gostam do lugar e ficam longe dele. Os avós contam que sonhos perturbadores e loucura atingem qualquer um que se arrisque a ir lá. Fui uma menina curiosa, pois a curiosidade leva à sabedoria, embora eu ainda tivesse de ganhar meu nome. De modo que fui até lá, sozinha, e encontrei apenas os resquícios de algo que deve ter sido fabuloso em seu tempo. Acampeei entre as ruínas, e uma mulher veio até minha fogueira, uma seordah com olhos vazios, apesar de poderem me ver. Não fiquei com muito medo, pois se sabe que nascem mais dotados entre os seordah do que entre os eorhil. Ela disse que também viera de longe para ver aquelas ruínas e passamos a noite trocando as poucas informações que tínhamos sobre o lugar. Ela me indicou uma pedra entre os escombros, muito pequena, pequena o bastante para ser carregada com as mãos, na verdade, mas também perfeitamente quadrada, com a superfície lisa e intacta. Perguntei se ela queria a pedra, mas a mulher apenas sacudiu a cabeça. “Isso é para você”, disse ela. Então eu a peguei.

— A pedra a levou para outro lugar — disse Vaelin quando a velha calou-se mais uma vez.

Sabedoria sacudiu a cabeça.

— Não. A pedra me deu... conhecimento. Conhecimento demais, de uma vez só. Sua língua, a língua lonak, até mesmo as palavras ditas pelas pessoas que vamos enfrentar e muitas outras. Posso recitar cada catecismo da sua Fé e cada palavra dos Dez Livros do Pai do Mundo, nomear todos os deuses alpiranos e relatar cada lenda contada pelos lonaks. Não houve discernimento nem contexto, apenas conhecimento. Aquilo... doeu. Doeu tanto que desmaiei. Quando acordei, a cega havia desaparecido, mas não o conhecimento.

— Então você é dotada?

Ela sacudiu a cabeça e soltou um pequeno suspiro.

— Amaldiçoada, diriam alguns. Mais intrigada do que qualquer outra coisa. Aquela pedra, aquela pequena pedra perfeita, repleta de conhecimento sobre as pessoas desse mundo; mas era tão antiga, lapidada muito antes que qualquer uma

daquelas línguas fosse falada da maneira como é agora. Quem a fez? E por quê?

— Você ainda a tem?

A mulher ergueu a cabeça, procurando uma brecha nas copas das árvores, sem dúvida esperando vislumbrar o céu.

— Não — respondeu ela, sorrindo um pouco quando viu um pedaço de azul no céu. — Encontrei uma pedra maior e a despedacei até virar pó.

A floresta começou a rarear no dia seguinte; a diferença de espaço entre as árvores era notável e as clareiras tornaram-se mais numerosas, embora a vegetação ainda fosse densa em comparação com a Urlish. O humor dos homens melhorou ainda mais; a maior disponibilidade de espaço aberto permitia que mais regimentos acampassem juntos, dando-lhes uma bem-vinda sensação de segurança. Os encantos da floresta podiam ter conquistado muitos corações, mas o medo permanecia, sempre conscientes de que não pertenciam àquele lugar. O espaço relativamente aberto também permitiu que Vaelin tivesse uma noção melhor da quantidade de seordah ao ir de clareira em clareira.

— Deve haver mais de oito mil — opinou Nortah na reunião do conselho de capitães.

— São 10.872 — relatou o Irmão Hollun. — Considerando apenas aqueles que ficaram à vista por tempo suficiente para serem contados. Isso significa que temos pouco mais de 30 mil homens.

— Talvez devêssemos dar um nome ao exército — disse Nortah. — O Exército do Norte ou algo assim.

Vaelin olhou para o Capitão Adal, que pareceu concordar.

— Unir os homens sob um mesmo nome não fará mal à moral, meu senhor.

— Muito bem — disse Vaelin. — Pedirei que minha irmã elabore um estandarte, algo apropriadamente ameaçador. — Seus olhos esquadrinharam o mapa. — Os seordah nos informam que estamos a apenas um dia de marcha de Nilsael. Capitão Orven, junte seus homens e faça o reconhecimento do terreno a leste. Capitão Adal, envie uma companhia da Guarda do Norte para o oeste e outra para o sul. Devo ser informado sobre quaisquer forças volarianas de tamanho considerável em um raio de cinquenta quilômetros. — Ele olhou para Dahrena. — Precisaremos de um reconhecimento mais detalhado, é claro.

— Essa noite, meu senhor.

— Obrigado, minha senhora. — Vaelin afastou-se da mesa e dirigiu-se a todos. — Uma inspeção completa de equipamentos e armas será realizada pela manhã e marcharemos para o Reino em ordem de batalha. Certifiquem-se de que cada homem sob seu comando compreenda de que estamos marchando para a guerra e que provavelmente não tardaremos a encontrá-la. Se alguém estiver pensando em desertar, essa é a última chance, mas eu não aconselharia a voltarem pela floresta.

— Terra boa — comentou Sanesh Poltar, mais uma vez montado em seu cavalo e visivelmente mais feliz. O norte de Nilsael era mesmo apropriado para cavalgadas, com campos ondulantes de capim e colinas baixas em direção ao sul. — Quantos alces por aqui?

— Que eu saiba, nenhum — respondeu Vaelin. — Mas vocês encontrarão veados e cabras selvagens à medida que formos para o sul.

— Cabras — disse Sanesh, com desagrado. — É preciso a pele de dez cabras para fazer um abrigo. Um alce serve para dois abrigos.

O exército deixou a floresta organizadamente, com fileiras de homens movendo-se com a uniformidade costumeira, ainda que não exatamente no mesmo ritmo. Os dez regimentos de infantaria deslocavam-se em uma coluna compacta, dois regimentos lado a lado, com os eorhil em ambos os flancos e os seordah na retaguarda em uma grande massa de guerreiros; os vários clãs estavam reunidos, mas davam apenas a mais vaga impressão de organização militar. O novo estandarte do Exército do Norte tremulava na frente da coluna de infantaria, carregado pelo Capataz Ultin, que afastara outras mãos com determinação quando o recebera de Vaelin pela manhã. Alornis pedira ajuda aos alfaiates do exército para concretizar sua ideia, um grande falcão branco flanqueado por uma lança eorhil e um porrete de guerra seordah. Abaixo do falcão havia a oval vívida de um vitriolo azul.

— Talvez seja um pouco simplista — dissera ela ao mostrar o esboço ao irmão.

— Nada é simplista demais para soldados — disse-lhe Vaelin com um abraço.

Ele esperou até que o último seordah saísse da floresta e percorreu a massa escura de árvores com os olhos durante algum tempo, pensando se encontraria um par de olhos verdes brilhantes encarando-o. Não havia nada, apenas as árvores e as sombras que se adensavam, mas houve um murmúrio da canção do sangue, um nota solitária e incerta, mas com uma força ancestral suficiente para transmitir uma sensação de esperança.

— Boa sorte para você também — respondeu Vaelin com um sussurro antes de virar Chama para o sul.

Eles marcharam para o sul por quase 25 quilômetros, quando Vaelin mandou que parassem e erguessem piquetes com o triplo do tamanho usual. Os eorhil seguiram galopando, alguns gritando, alegres, por se verem livres das restrições da floresta; os bandos de guerra retornaram um a um ao cair da noite, alguns trazendo veados que haviam conseguido caçar. Os seordah acamparam na extremidade norte do exército, ficando o mais próximo possível da floresta. Sentaram-se em silêncio ao redor das fogueiras, e Vaelin viu apenas aceitação sombria nos rostos dos homens e das mulheres enquanto consertavam suas flechas e afiavam suas facas.

Ele encontrou Dahrena sentada diante do abrigo de Hera Drakil, com os

olhos fechados e o rosto imóvel. O chefe seordah estava sentado ao lado dela, parecendo tão preocupado quanto Vaelin.

— Certa vez, uma criança se perdeu — disse ele quando Vaelin se sentou junto à fogueira. — Tememos que ele tivesse sido pego por um gato selvagem. Depois de passar uma noite inteira sentada assim, Adra Dural me levou até o menino. Ele havia escorregado em uma pedra no rio e batido a cabeça. Sobreviveu, mas agora tem dificuldade para se lembrar do próprio nome.

— Adra Dural? — perguntou Vaelin.

— Espírito Voador. Do que mais poderíamos chamá-la?

Dahrena soltou um gemido baixo e abriu os olhos, contraindo-se com o frio súbito. Quando se aproximou da fogueira, Vaelin colocou uma pele sobre os ombros dela.

— A senhora ficou ausente por tempo demais — disse ele.

— Havia muito a ser visto — retorquiu ela, arfando. — O senhor estava certo sobre Alltor. A cidade ainda resiste e uma alma muito radiante aparece no alto das muralhas.

— E entre eles e nós?

— Volarianos estão se movendo em grandes grupos por Asrael e Cumbrael. Poucos em Nilsael, mas vi mais deixando Varinshold. Há outras almas na floresta ao norte da cidade, ardendo com intensidade, mas são escuras, algumas mais escuras do que os volarianos. Tive a sensação de que muitas mortes estavam ocorrendo lá. — Ela parou para tomar um gole de água do seu cantil. — O que restou da Guarda do Reino está rumando para o norte dos Picos Cinzentos, tentando alcançar a fronteira nilsaelina. Acho que são uma força de três mil homens. Suas almas estavam escuras de medo e pelo fardo da derrota. Vislumbrei um grande grupo de homens que se aproximavam do oeste de Nilsael, mas não pude permanecer mais tempo para descobrir suas identidades ou seus propósitos.

— Fez mais do que eu poderia pedir, minha senhora.

No perímetro leste do acampamento, o toque de uma corneta anunciou a aproximação de homens a cavalo. Vaelin levantou-se quando o Capitão Adal entrou a galope no acampamento, puxou as rédeas e bateu continência, com o rosto grave.

— Meu senhor, encontramos uma aldeia.

Os corpos haviam sido empilhados na praça da aldeia, todos despídos e lívidos, com os membros já enrijecendo no ar matutino. A maioria tinha as gargantas cortadas, mas alguns exibiam sinais de resistência.

— Idosos e crianças — observou Nortah. — Na maior parte.

— Eles matam o que não podem vender — disse Dahrena. Ela mantinha a voz controlada, mas lágrimas escorriam-lhe dos olhos enquanto olhava para as carcaças. — Como criadores livrando-se de gado ruim.

A aldeia havia sido saqueada; objetos de valor foram levados, mas as construções não foram destruídas. Fora um lugar bonito, com cabanas de taipa, telhados de sapé e um moinho de vento alto no topo de uma colina próxima, que ainda trabalhava, girando suas pás e alheio ao destino daqueles que o construíram.

— Acenda uma fogueira — disse Vaelin a Adal. — Peça para o Irmão Kehlan dizer as palavras apropriadas.

— Dança da Neve farejou algo — disse Nortah a Vaelin, apontando para a gata guerreira, que estava agachada e com as orelhas abaixadas, olhando para leste e para as marcas de carroções que se afastavam da aldeia.

— Eles têm um dia de vantagem sobre nós — observou Adal.

— Precisarei de apenas um dia — retorquiu Nortah, com uma pergunta no olhar para Vaelin.

— Do que você precisa?

— Um destacamento da Guarda do Norte deve bastar, além de Lorkan.

— E eu, irmão. — Vaelin agarrou as rédeas de Chama e montou na sela. — Eu quero ver o homem que não pode ser visto.

— Não sei se consigo... — As mãos de Lorkan tremiam ao segurar a faca e seus olhos brilhavam na penumbra antes do amanhecer. — Eu nunca...

Vaelin viu Nortah abaixar um pouco a cabeça, ciente de que estava lutando contra sua própria relutância.

— Nós já lhe pedimos alguma coisa? — perguntou ele ao jovem dotado. — Em todos esses anos em que você foi abrigado, alimentado, educado e tolerado, algum preço foi pedido?

— Professor, eu...

— Aqui. — Vaelin tirou a faca dele e guardou-a na bainha, estendendo-a com a lâmina para frente. — Segure-a assim e acerte-os com o punho da faca o mais forte que puder, mirando logo abaixo da orelha. Se não caírem na primeira vez, acerte-os outra vez.

Lorkan hesitou e então pegou a faca, virou-se e começou a andar em direção às fogueiras do acampamento volariano. Ele parou após alguns passos e virou-se para Nortah.

— Professor, se eu tombar, diga a Cara... — Calou-se e forçou um sorriso. — Diga-lhe que fui um herói. Ela não vai acreditar, mas talvez finalmente a faça rir.

O jovem continuou a caminhar, com o corpo esguio escuro contra o horizonte alaranjado, movendo-se sem qualquer tentativa de esgueirar-se ou esconder-se. Após Lorkan ter dado cerca de cinquenta passos, Vaelin ouviu Adal e os outros Guardas do Norte abafarem gritos de surpresa e perplexidade. Vaelin franziu o rosto, vendo apenas um jovem atravessando um campo.

— Não deve demorar muito agora. — Nortah colocou uma flecha na corda do arco e seguiu Lorkan. — Vamos cuidar dos escravos. Venha depressa quando ouvir o alvoroço.

— Ele será visto — disse Vaelin, indicando a sombra de Lorkan que se afastava.

— É mesmo? — Nortah sorriu por sobre o ombro. — Eu não o estou vendo. — Ele se afastou, agachado, com Dança da Neve esgueirando-se pelo capim ao seu lado.

— Ele tem razão, meu senhor — disse Adal em um sussurro. — O garoto simplesmente... desapareceu.

Eles aguardaram, vendo o horizonte escuro, as estrelas em um vazio sem nuvens e a meia-lua dando um tom azul-claro ao capim ondulante.

— Meu senhor? — Vaelin virou-se e viu Adal oferecendo-lhe o punho de uma espada, com a lâmina apoiada no braço.

— Não, obrigado, Capitão. — O embrulho de lona estava amarrado à sua sela, fechado com nós firmes. — Tenho a sensação de que não precisarei de uma espada essa noite.

Os gritos começaram logo depois, sendo abafados pelos rosnados de Dança da Neve. Vaelin saiu a galope com Chama, seguido pela Guarda do Norte, atravessando o terreno até o acampamento volariano em apenas algumas batidas de coração. Ele parou o cavalo no meio do acampamento e viu um cão de escravos ser arremessado pelos ares, deixando um rastro de sangue pela garganta dilacerada por Dança da Neve, que partiu em busca de outra vítima. Havia corpos caídos entre os carroções, vários perfurados por flechas, mas a maioria fora claramente atacada pela gata guerreira. Alguns volarianos tentaram atacar a Guarda do Norte com chicotes e espadas curtas, mas foram abatidos rapidamente, alguns soltando as armas e erguendo os braços em um pedido de misericórdia; contudo, as cenas vistas na aldeia haviam deixado os homens dos Confins sem nenhuma pena.

Vaelin encontrou Nortah ajudando Lorkan a libertar os escravos presos nos carroções. Eram pelo menos cem pessoas, o que indicava que os traficantes de escravos haviam visitado mais de uma aldeia. Quando as correntes foram removidas, algumas pessoas enlouqueceram, atacando qualquer volariano que pudessem encontrar, os vivos e os mortos, mas a maioria apenas perambulou, sentindo-se aturdida. Um dos homens libertados reconheceu Vaelin e ajoelhou-se imediatamente, expressando sua gratidão aos gritos, com lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto, e logo uma dúzia ou mais de pessoas esfarrapadas juntou-se a ele. Vaelin desmontou e foi até eles, erguendo as mãos para pedir silêncio.

— Eles responderam às nossas súplicas — disse o homem que o reconhecera, ainda ajoelhado. — Pedimos aos Finados que o enviassem, e eles enviaram.

Vaelin abaixou-se e colocou o homem de pé.

— Ninguém me enviou... — começou ele, mas, vendo a devoção plena nos olhos do homem, parou. A maioria dos outros prisioneiros havia se aproximado, olhando-o com uma intensidade inquietante, como se ele tivesse saído de um sonho. — Vim em resposta à necessidade do Reino — disse Vaelin a eles. — Ofereço apenas guerra e sacrifício a qualquer um que deseje se juntar a mim. Aqueles que não desejarem são livres para partir.

— Não iremos a lugar algum que não seja com meu senhor — disse o

homem que chorava, imitado pelos outros. Suas mãos agarraram os braços de Vaelin, frenéticas e desesperadas. — Estive com o senhor em Linesh. Eu sabia que o senhor não nos abandonaria. — Os outros cativos cercaram Vaelin, com vozes erguidas em reverência. — O senhor nos conduzirá para a liberdade... O Senhor da Torre é abençoado pelos Finados... Queremos justiça, meu senhor... Eles mataram meus filhos...

— Está bem! — Nortah avançou em meio à multidão, empurrando-os para trás com o arco. — Deem um pouco de espaço à Sua Poderosa Senhoria, seus tolos bajuladores!

A Guarda do Norte teve de intervir para liberar Vaelin da multidão adoradora, e o Capitão Adal levou Chama até seu lado para que ele pudesse montar e cavalgar para longe.

— Escolte-os de volta ao acampamento — disse ao capitão. — Armas para quem quiser.

— Até mesmo para as mulheres, meu senhor?

Vaelin lembrou-se do ódio assassino nos olhos de uma mulher que vira atacar repetidas vezes o cadáver de um volariano com suas correntes.

— Até mesmo as mulheres. Aquelas que não quiserem ou não puderem lutar podem cozinhar ou ajudar o Irmão Kehlan.

Ele partiu para o acampamento, acompanhado por Nortah e Lorkan, com Dança da Neve adiante, saltando e abanando a cauda ao rolar e pular pelo capim.

— Ela sempre fica assim depois de uma caçada — explicou Nortah.

— Você está... bem, irmão? — perguntou Vaelin, notando uma expressão assombrada familiar nos olhos de seu irmão.

— Achei que podia ter ficado mais fácil — respondeu Nortah com um breve sorriso. — Mas, mesmo sendo uma escória como aquela, ainda dói muito como sempre doeu.

— Não achei tão ruim — disse Lorkan, bebendo vinho de um cantil apreendido. Pelo modo como ele arrastava as palavras, Vaelin desconfiou de que ele já havia bebido mais. — Acertei o último sujeito como mandou, meu senhor. Bam, bam, atrás da orelha. Só que ele não caiu; apenas cambaleou um pouco e pegou a espada. — Vaelin notou as manchas marrom-avermelhadas nas mãos de Lorkan enquanto o jovem bebia mais um pouco. — Ele me viu. Sempre me veem quando os toco.

— Apenas aqueles que não são dotados — disse Vaelin. — Nós conseguimos vê-lo sempre. Para os outros, é como se você desaparecesse.

— Bem deduzido, meu senhor. — Lorkan curvou-se na sela. — Mas eu não desapareço, não de verdade. É mais como se eu passasse despercebido, como o zumbido de uma mosca ou a sombra de um pássaro no chão. Percorri as ruas de Torre Sul durante anos da minha infância, roubando à vontade. Eles me veem, mas não me veem, então posso roubar, a não ser que eu os toque, e parece que ultimamente tenho de matá-los. — Ele tornou a levar o cantil de vinho aos lábios, bebendo e quase caindo do cavalo até Nortah estender a mão para ampará-lo. — Não conte para Cara, Professor — disse o jovem. — O que eu fiz. Não quero que ela saiba.

Eles retomaram a marcha pela manhã, parando quando o Capitão Orven reapareceu a cavalo, ao meio-dia, com a confirmação do aviso de Dahrena sobre um grande exército que se aproximava pelo oeste.

— Vinte quilômetros desde essa manhã, meu senhor — disse ele. — Vimos apenas a poeira e alguns batedores, de modo que não posso dizer com certeza quantos são.

Vaelin ordenou que os regimentos formassem uma linha de batalha sobre uma colina baixa, voltados para oeste, com os eorhil em ambos os flancos e os arqueiros de Nortah dispostos em uma vaga fileira de escaramuça oitenta metros adiante. Os seordah aceitaram ficar na retaguarda sem demora, aglomerando-se em seus clãs ao redor do comboio de carga, uma flecha na corda de cada arco. Vaelin ficou no centro, com a Guarda do Norte à sua esquerda e os homens de Orven à sua direita, posicionados logo atrás dos mineiros do Capataz Ultin. Dahrena ficara ao seu lado, ignorando pacientemente a carranca de desaprovação de Adal.

Pouco se falava nas fileiras, e Vaelin lembrou-se de que a calma que precede a batalha tem uma tendência a acalmar a língua. Ele estava montado em Chama, observando a nuvem de poeira erguer-se por sobre as colinas a oeste enquanto a canção do sangue ecoava uma melodia plácida e desprovida de qualquer aviso. Vaelin esperou enquanto companhias de infantaria leve sem formação definida surgiam da poeira e aproximavam-se, com algumas tropas de cavalaria espalhando-se para proteger os flancos. Alinharam-se em uma fileira irregular a uns duzentos metros de distância, com um estandarte que exibia um machado dentro de uma roda com seis aros tremulando sobre o centro da formação.

— Abaixar armas! — ordenou Vaelin. — À vontade nas fileiras.

Os mineiros deram passagem quando ele conduziu Chama adiante e encetou um trote, erguendo uma das mãos para o homem que cavalgara da fileira nilsaelina para saudá-lo, um sujeito de rosto esguio e cabelo curto, com a orelha esquerda mutilada.

— Espero que tenha trazido mais homens, meu senhor — disse o Conde Marven. — Temo que isso nem de longe seja suficiente.

O Senhor Feudal Darvus Ezua era o ser humano mais velho que Vaelin se lembrava de ter conhecido, sentado em sua Cadeira do Senhor de espaldar alto, com as mãos ossudas agarrando os braços e encarando Vaelin com um escrutínio intenso que o lembrava o olhar atento de Janus. Vaelin e Dahrena estavam diante dele em uma grande tenda no centro do acampamento nilsaelino, onde o velho senhor era ladeado por seus netos gêmeos, que pareciam tentar se distinguir um do outro por meio de armaduras diferentes e capas que não combinavam. No entanto, ambos eram igualmente altos e louros, com rostos idênticos, e, Vaelin

notou, uma desconcertante tendência a piscar ao mesmo tempo. O Conde Marven estava em um canto da tenda, com uma expressão de neutralidade calculada.

— Esse pequeno passeio quase me matou, sabia? — disse o Senhor Feudal Darvus, com a voz áspera, mas ainda forte e distinta. — E os pobres coitados que tiveram de carregar minha liteira.

— A guerra sempre foi exigente, meu senhor — retorquiu Vaelin.

— Guerra? — O velho deu uma risada curta. — O que o faz pensar que estou aqui por isso?

— Fomos invadidos. Por que outro motivo o senhor traria seu exército?

— É importante fazer uma demonstração de força durante uma negociação. Fiz a mesma coisa quando me curvei a Janus, apesar de já estar duro feito uma pedra naquela época. Mesmo assim, o desgraçado asraelino me obrigou a me curvar.

— Devo supor que pretende negociar com os volarianos, meu senhor?

Vaelin sentiu a tensão de Dahrena ao seu lado e deu-lhe um tapinha tranquilizante no braço. Seus encontros com Janus lhe deram ampla experiência com velhos maquinadores. *Esse aqui gosta de fazer um espetáculo antes de propor seu verdadeiro acordo.*

— Por que eu não deveria? — contrapôs Darvus. — Darnel fez um acordo com os volarianos, e seu feudo continua intocado.

Vaelin tentou conter seu choque. *O Senhor Feudal de Renfael é um traidor?*

— Não sabia disso, não é? — disse o velho senhor, soltando outra risada e compreendendo imediatamente a expressão em seu rosto. — Você ficou fora por muito tempo, garoto. Darnel liderou seus cavaleiros contra a Guarda do Reino. Meus agentes me informaram que ele recebeu metade de Asrael e que está governando Varinshold nesse exato momento.

— Um traidor é um péssimo exemplo a se seguir, meu senhor — retorquiu Vaelin.

Uma raiva genuína tomou conta do rosto enrugado de Darvus.

— Meu povo recorre a mim em busca de proteção e sempre a forneci, engolindo cada insulto e humilhação lançados sobre mim pelos seus reis.

— É verdade que os volarianos não trarão insultos ou humilhações. Tudo o que trazem é morte e escravidão. Encontramos uma de suas aldeias ontem, onde os idosos e as crianças foram mortos e os outros, aprisionados. Nós os libertamos, e eles se juntaram a nós, todos dispostos a lutar e morrer para assegurar a liberdade desse feudo e desse Reino. Se precisa de um exemplo, sugiro que não procure outro.

Ele viu os gêmeos trocarem um olhar idêntico enquanto descrevia o que acontecera na aldeia, apertando os punhos das espadas. *Não é ideia deles, compreendeu Vaelin. Eles acham que as palavras do velho são genuínas.*

— Senhor meu avô — disse o gêmeo à esquerda —, sobre nossa discussão nessa manhã...

— Cale a boca, Maeser — disse o velho com rispidez. — E você, Kaeser. Sua querida e finada mãe sempre tinha um conselho sensato para mim, mas tudo o que vocês fazem é tagarelar sobre guerras, espadas e cavalos. — Ele olhou

para o jovem lorde até fazê-lo desviar o olhar. — A mãe deles casou-se com um cavaleiro renfaelino muito renomado — explicou ele a Vaelin. — Eu tinha um filho naquela época, então não vi nada de mal nesse casamento, mas o tolo conseguiu adoeecer e ir mais cedo para o túmulo, sem ter herdeiros, deixando-me com esses dois.

— Se me permite perguntar, meu senhor, o que o senhor quer? — questionou Vaelin. — Creio que nós dois sabemos que o senhor não tem intenção alguma de juntar-se ao nosso inimigo, e disponho de pouco tempo para negociações elaboradas.

Darvus reclinou-se na cadeira; sua pequena língua rosada apareceu entre os lábios por um momento. *Janus era uma coruja*, pensou Vaelin. *Parece que esse aqui é uma cobra.*

— Saiam! — berrou o Senhor Feudal aos seus netos, que se curvaram e deixaram a tenda com uma precisão tão sincronizada que parecia ensaiada. — Você não, Marven — acrescentou Darvus quando o conde se dirigiu à saída. — Eu gostaria de uma testemunha confiável para esse pequeno compromisso.

O olhar do velho senhor recaiu sobre Dahrena.

— Um oficial teve a recente oportunidade de encontrar um sujeito dos Confins. Um feitor de alguma cidade mineradora gelada, que parecia achar que havia sido maltratado durante uma dificuldade recente.

Vaelin ouviu Dahrena dar um suspiro baixo. *Idiss.*

— Infelizmente, o sujeito conseguiu embriagar-se e cair na baía de Porto Gélido — prosseguiu Darvus. — Mas não sem antes contar uma história interessante.

— Como expliquei, meu senhor, disponho de pouco tempo — disse Vaelin.

— Ouro — disse lentamente o velho, com o olhar ainda fixo em Dahrena. — Tem guardado segredos, minha senhora. — Ele se inclinou para frente, passando mais uma vez a língua pelos lábios. — Uma das lições que aprendemos em uma vida longa é que as oportunidades para o enriquecimento vêm e vão como a maré imprevisível, e Nilsael é sempre o último a pegar uma onda. Não desta vez. Desta vez, teremos nossa parte.

— Há boas razões para manter tal informação em sigilo — disse Dahrena. — Para seu feudo, assim como para os Confins.

— Não mais — retorquiu o Senhor Feudal. — Não com tantos lobos à porta e com tanta necessidade de tropas.

— O que o senhor quer? — perguntou Vaelin, com sua paciência chegando ao limite.

— Minha querida e finada filha, mãe sagaz de gêmeos idiotas, costumava dizer que o ouro é como a água, pois escorre por entre os dedos com muita facilidade. Não é o homem que escava o ouro que enriquece, e sim o homem que lhe vende a picareta. — Seus dedos ossudos tamborilaram nos braços da cadeira por um momento. — Todo o ouro extraído nos Confins do Norte deverá ser desembarcado e vendido em um porto nilsaelino.

— Isso é tudo? — perguntou Dahrena.

O velho sorriu e inclinou a cabeça.

— De fato é, minha senhora.

Cada grama de ouro será vendido dentro de suas fronteiras, pensou Vaelin. Qualquer mercador que quiser comprá-lo precisará vir até aqui, com todos os seus funcionários e seus navios, sem dívida trazendo mercadorias para serem negociadas. A cobra tornará seu feudo o mais rico do Reino dentro de uma geração. Janus teria ficado impressionado.

— Seus termos são aceitáveis, meu senhor — disse ele a Darvus. — Sujeitos à ratificação da Coroa.

— Da Coroa? — O velho deu outra risada, erguendo uma das mãos esqueléticas para apontar um dedo para Vaelin sem qualquer sinal de tremor. — Só resta uma cabeça que poderá usar a coroa, e ela está diante de mim nesse exato instante.

CAPÍTULO DOIS

Lyrna

O Capitão Belorath era um bom jogador de *keschet*, demonstrando ter um entendimento fundamental das muitas nuances do jogo ao mesmo tempo em que empregava estratégias sutis que o distinguiam como um adversário habilidoso. Lyrna o derrotou em vinte movimentos. Teriam sido quinze, mas ela achou melhor permitir que o homem mantivesse um pouco de sua dignidade diante da tripulação.

O capitão olhou furioso para ela, removendo rapidamente as peças restantes.

— De novo.

— Como quiser — disse Lyrna, removendo suas próprias peças. Apesar de toda a habilidade, o capitão não compreendia bem o elemento mais importante do *keschet*: a colocação das peças. Cada movimento resultava dessa aparente formalidade. Lyrna soube que venceria quando ele deixou de colocar piqueiros suficientes no lado esquerdo do tabuleiro para se oporem aos lanceiros que ela usaria dentro de seis movimentos. *O jogo começa quando você coloca sua primeira peça*, instruíra-lhe o seu pai tantos anos antes, quando ensinou a uma menina de cinco anos um jogo que confundia a maioria dos adultos. Um ano depois, ela o derrotou em uma batalha épica de 123 movimentos, que tornaria famosa caso houvesse mais alguém presente para testemunhar a partida. Foi a última vez que jogaram, e o tabuleiro e as peças desapareceram do quarto de Lyrna pouco tempo depois.

O capitão bateu seu imperador na terceira casa a partir da esquerda na primeira fileira, um arranjo usado para uma estratégia agressiva ou para ocultar defesa com ataque. Lyrna colocou um de seus arqueiros no meio da segunda fileira, continuando a construir uma formação padrão em resposta ao arranjo aparentemente complexo do capitão. *O Gambito do Imperador*, pensou ela com um suspiro mental enquanto tripulantes e cidadãos do Reino apostavam em volta do tabuleiro. As chances pareciam estar a favor dela. *Treze movimentos dessa vez.*

Ela conseguiu arrastar o jogo até dezessete movimentos, pois qualquer generosidade a mais teria sido muito óbvia.

— As Trevas — sussurrou um tripulante quando Lyrna tirou o imperador do capitão do tabuleiro.

— Trevas ou não, você me deve dois copos de rum, meu amigo — retorquiu Harvin com uma gargalhada.

Lyrna olhou para o mar calmo enquanto o capitão, com o rosto cada vez mais vermelho, tornava a remover suas peças. *Três dias e nem sinal de vento*, pensou ela, empertigando-se ao avistar algo familiar, uma imensa barbatana deixando um rastro impressionante nas águas plácidas antes de submergir.

O capitão mandara a tripulação para os remos quando o vento cessara, mas o calor daquela região forçava paradas frequentes para que a tripulação não se exaurisse demais e desmaiasse. Os cidadãos do Reino também tiveram sua vez nos remos, inclusive Lyrna, embora sua inexperiente falta de ritmo fosse mais um empecilho do que uma ajuda. Fora durante a pausa mais recente entre as remadas que o capitão pegara um tabuleiro de keshet e ordenara que o imediato jogasse com ele, derrotando-o em apenas quarenta movimentos, aparentemente um recorde no navio.

— Creio que nossa senhora consegue quebrar esse recorde — dissera Bente em um tom de total confiança.

— É mesmo? — O capitão franzira as sobrancelhas grossas para Lyrna, que esfregava os braços doloridos, apoiada em seu remo.

A princesa lançou um olhar severo para o jovem pescador. Não trocara uma única palavra com ele sobre o jogo, mas o jovem parecia confiar bastante em seu instinto.

— Eu sei jogar — disse ela, encolhendo os ombros.

A terceira tentativa do capitão foi melhor, trocando os ataques tradicionais por uma série complexa de subterfúgios à esquerda, aparentemente indiferente às perdas e disfarçando a aproximação gradual dos três ladrões em direção ao centro.

— Parabéns, Capitão — disse Lyrna com uma mesura cerca de trinta movimentos depois.

— Pelo quê? — rosnou ele, olhando para o imperador na mão dela.

— Por me proporcionar uma partida única. — Ela ergueu a cabeça quando uma brisa suave tocou as queimaduras ainda sensíveis na parte superior de sua bochecha. *É estranho sentir o vento sem que o cabelo fique desgrehado*, ponderou ela. — Creio que podemos continuar nossa viagem.

A brisa transformou-se em um vento oeste forte, conhecido pelos meldeneanos como Videira Frutífera, pois navios mercantes cheios eram frequentemente encontrados em seu trajeto. Contudo, o oceano parecia vazio.

— Nada como a guerra para tirar os navios do mar — disse o capitão, juntando-se a Lyrna na proa durante a costumeira vigília noturna da princesa.

— Pensei que veríamos pelo menos alguns navios alpiranos — disse ela.

— Se forem espertos, eles ainda ficarão atacadados por um bom tempo. A guerra transforma todos os marinheiros em piratas. — Ele se aproximou da figura entalhada na proa, uma mulher de dentes arreganhados e seios grandes implausíveis, com presas à mostra e mãos estendidas feito garras na direção das ondas. — Sabe quem é essa?

— Suponho que seja Skerva, a ladra de almas, em sua forma verdadeira. Ela foi enviada por Margentis, o deus-orca, para punir os homens por seus crimes contra o mar. Dizem que ela anda entre nós, disfarçada como uma donzela graciosa, à procura dos homens mais valentes para que possa se alimentar de suas almas.

O capitão passou a mão sobre o ombro de madeira de Skerva.

— Você já esqueceu alguma coisa que aprendeu?

— Não que eu saiba.

— Você deixa minha tripulação nervosa. Os homens de imaginação mais fértil se perguntam se você não é ela, presa de algum modo entre suas duas formas, esperando o momento certo para atacar.

— Não seria necessário que houvesse homens valentes com os quais eu pudesse saciar minha fome sobrenatural?

Lyrna o viu esconder um sorriso sob a barba antes de se virar para o mar.

— Seu amigo não ajuda.

A onda era alta, mas ainda assim ela conseguiu distinguir a barbatana do tubarão cortando o mar a bombordo.

— Isso é algo que realmente não sei explicar — disse ela com sinceridade.

— A tripulação comenta sobre o que seus marujos de água doce sussurram no porão. Eles falam de um encantador de feras.

O último sorriso de Fermin, seus dentes ensanguentados... Lembre-se de sua promessa, minha Rainha.

— Ele morreu para nos libertar — disse Lyrna. — Chamou o tubarão, de alguma forma. Talvez seja por isso que ele nos segue, um eco daquele chamado. Essas coisas estão além do meu conhecimento.

O capitão bufou.

— Um defeito, finalmente. — Seu júbilo desapareceu depressa e sua expressão tornou-se completamente séria. — As Ilhas estão a menos de uma semana de viagem.

— Onde os Senhores Marinheiros o aguardam. Cumprirei meu acordo. Prometo que eles me acharão convincente.

— Os Senhores Marinheiros são uma coisa, o Escudo é outra.

O Escudo das Ilhas. Os espiões de seu irmão haviam conseguido muitas informações sobre ele, espadachim e pirata famoso, encarregado da defesa das Ilhas.

— Acha que ele não acreditará em mim?

— A questão não é se ele vai acreditar, e, sim, se vai se importar. — O capitão gesticulou para o convés e o cordame. — *O Sabre do Mar* é dele. Ele supervisionou o nascimento do navio nos estaleiros. Cada prancha, prego e corda têm a mão dele e há uma boa quantidade de seu sangue no convés. Durante anos, ele singrou os mares com esse navio e capturou mais ouro e mercadorias do que

qualquer outro navio saído das Ilhas. E, no entanto, aqui estou eu, no comando dele enquanto o Escudo se esconde em uma rocha açoitada pelas ondas. Se a mão dele estivesse nesse timão, já estaríamos em casa. E duvido que você o derrotasse em vinte movimentos.

— Quinze. Eu estava sendo gentil. Por que esse seu grande capitão se esconde?

Belorath voltou-se para o mar, com a voz baixa e cheia de pesar.

— Porque fracassar é difícil para um grande homem, mesmo que o fracasso seja em providenciar a própria morte.

— “A quantidade estimada de escravos a serem obtidos é de 25 mil” — leu Lyrna. — “Esse número é baixo em relação à população total, mas a alta taxa de abate que se espera também deve ser considerada. O verdadeiro valor do Covil da Serpente está em seus portos e em quaisquer navios que nossas forças consigam capturar, visto que os ilhéus são selvagens incivilizados com habilidades surpreendentes nessa área.”

Os Senhores Marinheiros reunidos permaneceram sentados em silêncio enquanto ela falava, olhando-a estupefatos. Outros, como o homem sentado entre eles, pareciam acumular uma fúria crescente. Um homem rijo com aspecto de raposa cerrava repetidamente as mãos enluvasadas à medida que Lyrna falava.

— “Sabe-se que o Covil da Serpente possui uma frota para propósitos de defesa e pode-se esperar resistência intensa nessa área. Portanto, recomenda-se que uma divisão ataque o inimigo para atraí-lo para longe das Ilhas enquanto outra divisão desembarca com as tropas de invasão. Vide a Tabela 7 com sugestões sobre a disposição das forças terrestres...”

O homem rijo ergueu uma das mãos e Lyrna calou-se.

— Belorath — disse o Senhor Marinho ao capitão. — Você se responsabiliza pela veracidade do que diz essa mulher?

— Sim, Lorde Ell-Nurin.

O Senhor Marinho virou-se para Lyrna.

— Creio que tenha preparado uma tradução completa?

— Preparei, meu senhor. — Ela avançou e entregou-lhe um maço de pergaminhos.

— Que caligrafia notável você tem — observou Ell-Nurin, passando os olhos pela primeira página. — Para a filha de um mercador.

— Meu pai dependia de mim para escrever suas correspondências, pois era vítima de dor nos ossos.

— Conheço muitos mercadores de Varinshold. Ao contrário de meus conterrâneos, jamais fui um pirata e sempre fui bem-recebido por lá, desde que o porão de meu navio estivesse cheio de chá fresco, é claro. Diga-me, como se chamava seu pai? Talvez eu o tenha conhecido.

— Traver Hultin, meu senhor. Ele trabalhava com seda. — Um mercador real com uma filha real, um dos muitos homens a implorar as graças de seu pai ao longo dos anos.

— Já ouvi o nome — disse Ell-Nurin. — E a senhora?

— Corla, meu senhor. Apenas uma senhorita, não uma senhora.

— De fato. Imagino que deseje retornar ao Reino?

— Desejo, meu senhor. Assim como aqueles com quem escapei.

— As Ilhas nunca deixaram de cumprir um acordo. — Ele acenou com a cabeça para o capitão. — Cuide do transporte do grupo até o Reino quando terminarmos aqui. Por ora, senhorita, deixe-nos para que discutamos tais questões em particular, por favor.

Lyrna curvou-se e foi até a porta da câmara, ouvindo apenas algumas palavras antes que fechassem a porta às suas costas.

— Você mandou uma mensagem a ele? — perguntou Ell-Nurin.

— Um barco foi enviado assim que cheguei, meu senhor...

Os outros estavam esperando no cais, em uma variedade desigual de roupas meldeneanas e muito parecidos com os piratas que os haviam levado até ali. Eles se levantaram quando Lyrna se aproximou, com esperança, cautela e uma expectativa cautelosa em seus olhos.

— O capitão providenciará um navio para nós — disse ela. — Devemos partir com a próxima maré.

Harvin soltou um grito aliviado e abraçou Benten, enquanto Orena deu o primeiro sorriso desde que Lyrna a conheceu. Até mesmo Iltis parecia prestes a sorrir.

— Por quê? — perguntou uma voz baixa, e Lyrna virou-se para encontrar Murel afastada do grupo, olhando para o chão.

— O quê? — perguntou Orena.

— Por que voltar?

— É nosso lar — disse Harvin.

— Meu lar queimou com meus pais dentro — retorquiu Murel. — O que há lá para mim agora?

— O Reino foi invadido — disse Lyrna. — Nosso povo precisa de ajuda.

— Que ajuda posso dar? — perguntou a garota. — Não sei lutar. Só sei costurar e, mesmo assim, nunca fui muito boa.

— Vi você arrancar os olhos de um homem no navio — observou Harvin. — Acho que você luta bem o bastante.

— Ela está certa — disse Orena. — Tudo o que nos espera no Reino é guerra e morte, e já vi crueldades demais.

— E o que farão? — retorquiu Iltis. — Vão simplesmente esperar aqui até que a frota volariana chegue?

— Há outros portos — disse Murel. — O Império Alpirano, o Extremo Ocidente...

— Você está se esquecendo de uma coisa — disse Iltis em um tom ríspido, com uma expressão que beirava a raiva. — Temos uma dívida com essa mulher. Nós estaríamos na barriga daquele tubarão se não fosse por ela.

— E eu sou grata — disse Murel, com a voz levemente embargada ao

estender a mão para Lyrna. — De verdade. Mas sou apenas uma garota e já fui machucada o suficiente.

Rainha do Reino Unificado, pensou Lyrna. *E não consigo persuadir cinco súditos miseráveis a se arriscarem a meu serviço.* Ao ver Murel fungar, Lyrna lembrou-se da primeira vez que a vira, com o cabelo caído sobre o rosto enquanto a levavam do porão e os soluços chorosos.

— Sinto muito — disse ela, apertando a mão da garota. — Não pedirei que me acompanhem. Vocês precisam fazer suas próprias escolhas. Mas zarparei para o Reino, sozinha ou não.

— Não sem mim — afirmou Iltis. — Ainda não matei volarianos o suficiente. Nem de longe.

— Conte comigo, minha senhora — disse Benten. — Meu pai estará esperando por mim. Já não consegue lidar tão bem com as redes. — Pelo tom falho de sua voz, Lyrna soube que ele estava falando sobre um homem morto.

Iltis virou-se para Harvin.

— E quanto a você, fora da lei? Tem tanta coragem para lutar quanto tem para roubar?

— Você viu minha coragem no navio, irmão — respondeu Harvin, com um olhar sombrio, antes de se virar para Lyrna com uma expressão de desculpa no rosto, pegando a mão de Orena. — Mas eu tenho... uma responsabilidade agora.

Parece que não vejo tudo, afinal, pensou Lyrna.

— Você não precisa ir — disse Murel, ainda segurando a mão de Lyrna. — Venha conosco. Com você, podemos fazer qualquer coisa, ir a qualquer lugar... — A garota calou-se, arregalando os olhos ao notar algo além do ombro de Lyrna.

Ela se virou e viu o Senhor Marinho Ell-Nurin atravessando o cais com passos determinados, flanqueado por pelo menos vinte marinheiros armados. Ele parou a alguns metros do grupo enquanto os marinheiros se espalhavam em ambos os lados. Os três homens aproximaram-se para proteger as mulheres.

— Belorath demorou para relatar os detalhes de sua viagem — disse o Senhor Marinho. — Inclusive sua notável facilidade com o keschet. Traver Hultin também gostava de keschet e trabalhava principalmente com seda, mas ele contrabandeava chá e sua filha era gorda. Além disso, ele raramente deixava de falar sobre sua única ida ao palácio, quando conheceu a filha do Rei e ficou impressionado com o conhecimento que ela tinha sobre seu jogo favorito, embora ele não fosse um jogador muito bom, pelo que lembro.

Ell-Nurin colocou um joelho no chão, mantendo o olhar fixo no rosto de Lyrna.

— Em nome do Conselho dos Senhores Marinheiros, dou-lhe as boas-vindas às Ilhas Meldeneanas, Alteza.

Eles a colocaram em um quarto no último andar de uma construção alta com vista para o porto. Iltis adiantara-se para impedir que Lyrna fosse levada, seguido por Harvin e Benten, mas ela colocou uma das mãos em seu peito.

— Não, irmão.

— É verdade? — perguntou ele em um sussurro, percorrendo-lhe o rosto com os olhos. — Alteza?

Ela deu um tapinha em seu peito e sorriu.

— Não se demore aqui. Pegue os outros e parta para longe, como disse Murel. Pense nisso como minha primeira e última ordem real.

Eles a deixaram sozinha por quatro dias. Criados traziam comida, curvavam-se e saíam sem dizer uma única palavra. Mais tarde, criadas igualmente silenciosas trouxeram vestidos. Eram bonitos, mas simples e com cores discretas. *Adequados para uma execução?*, ponderou ela.

O Senhor Marinho Ell-Nurin apareceu ao anoitecer do quarto dia, enquanto as luzes do porto eram acesas e as múltiplas torres coroadas por estátuas de deuses e espalhadas pela cidade tornavam-se indistintas pontas de lança cinzentas. O Senhor Marinho estava sozinho e mais uma vez fez uma longa mesura, sem qualquer humor ou respeito falso, algo que despertou a gratidão de Lyrna.

— Tem tudo de que precisa, Alteza? — perguntou ele.

— Exceto minha liberdade.

— Uma questão importante que será resolvida em breve. Achei que a senhora gostaria de saber que seus súditos recusaram-se a partir. Foi-lhes oferecido transporte para o Reino de acordo com o que combinamos, mas eles se recusaram veementemente.

— Suponho que eles estejam ilesos?

— Nós os alojamos no andar de baixo e estão perfeitamente ilesos, asseguro-lhe. — O Senhor Marinho levantou-se e andou até a sacada, fazendo sinal para que Lyrna se juntasse a ele. Observaram a cidade que escurecia durante algum tempo, mas os olhos de Ell-Nurin voltavam frequentemente ao rosto dela. Passado um momento, Lyrna tirou o lenço e aproximou-se dele, inclinando a cabeça para exibir o espetáculo por completo.

— Por favor, meu senhor. Fique à vontade para dar uma boa olhada.

— Minhas... desculpas — disse ele. Lyrna recuou, tornando a amarrar o lenço. — Eu queria apenas confirmar... — Ele parou e fez uma careta, pouco à vontade. — Eu a vi uma vez. Foi depois da guerra. A senhora tinha ido até as docas de Varinshold para entregar as recompensas a um dos navios de seu irmão, que havia retornado de uma longa expedição.

— *O Asa Veloz* — recordou Lyrna. — Foi a primeira embarcação do Reino a navegar até a muralha de gelo meridional, embora tenha levado cinco anos.

— Um feito impressionante, mas realizado por marinheiros meldeneanos há quase vinte anos. — Ele se virou para a cidade conforme mais e mais luzes surgiam em meio às sombras vultosas. — O que acha da vista?

— É um lugar bonito. — Lyrna o olhou sem se virar. — O senhor está prestes a me contar sobre o crime terrível de meu pai e a grandeza de seu povo ao criar beleza das cinzas da destruição.

— As histórias sobre sua perspicácia claramente não são exageradas. Porém, eu também desejo perguntar se a senhora tem alguma explicação razoável para o que ele fez.

— Suas incursões estavam se tornando mais do que um simples incômodo — disse Lyrna. — Ele não podia permitir que o comércio do Reino fosse afetado, não enquanto planejava sua tão sonhada guerra.

— Então ele estava planejando a guerra desde aquela época? Nossa cidade foi incendiada por uma guerra que só ocorreria mais de uma década depois?

— Suspeito que ele a tinha planejado antes mesmo de dominar todo o Reino. Foi o ápice glorioso do seu reinado.

— A derrota absoluta foi gloriosa?

A derrota absoluta foi o principal.

— O sonho de um jovem transformou-se na aposta desesperada de um velho. Talvez possa me fazer a cortesia de responder uma pergunta minha, meu senhor. Como ele convenceu os Senhores Marinheiros a levarem seu exército até as praias do império?

— Com muito ouro, um navio cheio de vitríolo azul e a promessa de que Untesh seria nossa quando a guerra fosse vencida. Um dos portos mais ricos do Erineano entregue às Ilhas. O Conselho achou que valia a pena correr o risco e, caso o plano falhasse, eles teriam o prazer de testemunhar a ruína do exército que destruiu essa cidade. Permita-me acrescentar que todas essas decisões foram tomadas antes que eu recebesse meu título.

Ele permaneceu em silêncio por um tempo, com o rosto vulpino tomado por um misto de tristeza e preocupação.

— Vocês lutarão? — perguntou Lyrna.

— Que escolha temos?

— Várias. Vocês têm muitos navios. Reúna seu povo e fuja para terras alpiranas. O Imperador pode estar disposto a perdoar indiscrições passadas em troca de uma frota tão grande e competente. Ou naveguem para longe até uma terra nova. A tripulação do *Asa Veloz* falou sobre vastos litorais desocupados nas águas ao sul. Uma das ambições mais grandiosas de meu irmão era enviar colonizadores para lá, caso o Reino dispusesse de dinheiro suficiente para financiar isso algum dia.

— É isso o que dirá ao seu povo quando retornar para casa? Que deixem a terra de seus pais e simplesmente fujam?

— Isso significa que vocês pretendem me libertar?

— A época em que podíamos ser exigentes com nossos aliados já passou. Não ficamos ociosos desde o crime de seu pai. Sabendo que informações seguras são a melhor defesa, enviamos espíões a todos os portos do mundo conhecido.

— Daí a missão do Capitão Belorath para apreender o livro codificado.

— Exato. Não foi fácil colocar um agente tão perto do filho do conselheiro. Felizmente a cobiça dele foi vantajosa para nós. Também mantemos espíões em seu Reino, embora eu tenha certeza de que isso não a surpreende. Eles nos informam que a campanha volariana está longe de terminar. Alltor ainda resiste ao cerco, traficantes de escravos temem viajar para além das muralhas de Varinshold e os exércitos encontram plantações queimadas, gado morto e poços contaminados em todos os lugares aonde chegam. Parece que a senhora ainda tem alguma espécie de Reino, Alteza. Embora eu não possa dizer por quanto tempo.

— Então me leve até lá. Quando eu recuperar meu Reino, nossa força será sua. O senhor tem minha palavra.

— E acredito nela, mas parece que o tempo é nosso inimigo. — O Senhor Marinho tirou um pequeno rolo de papel fino guardado dentro da manga e entregou-o a Lyrna. Outro código, porém mais simples do que a cifra volariana.

— FV zarpou de Varinshold — ela leu. FV: Frota Volariana.

— Um pombo trouxe a mensagem essa tarde. Temos espiões, como eu disse. Foi enviada há dois dias.

— Quanto tempo até chegarem? — perguntou Lyrna.

— Com um vento bom, duas semanas.

— Meu senhor, se houvesse algo que eu pudesse fazer...

— E há, Alteza. — Seu olhar intenso estava repleto de convicção. — A senhora pode reparar o crime de seu pai e devolver o Escudo às Ilhas.

— Então essa é a Ilha de Wensel — comentou Harvin, olhando para a pequena saliência rochosa que surgia entre as ondas a oitocentos metros de distância. — Não parece ser muita coisa.

— Tenha algum respeito — disse Iltis, ríspido. — Você tem o privilégio de olhar para o local de nascimento da Fé.

— Não exatamente, irmão — disse Lyrna. — Apenas o lugar onde foram compostos os primeiros catecismos.

Iltis fez uma mesura, pedindo desculpas.

— De fato. Perdoe-me, minha Rainha.

Pare com isso, Lyrna quis dizer, percebendo que preferia muito mais quando o irmão era menos reverente. Todos haviam passado a agir de maneira similar desde que sua identidade tornara-se conhecida. Murel era a pior, calada ou gaguejando tanto que Lyrna sentia-se tentada a lhe dar um tapa.

— Não consigo ver nada — disse a garota, inclinando-se sobre a amurada e olhando para a rocha.

— A Casa da Ordem foi escavada na rocha — explicou Iltis. — É a mais antiga na história da Fé, onde estão guardados os catecismos originais. Até os meldeneanos respeitam sua sacralidade e deixam os irmãos em paz.

O *Sabre do Mar* havia ancorado após uma viagem de dois dias desde as Ilhas, e até aquela manhã o mar estivera calmo, mas as ondas começaram a aumentar à medida que se aproximavam da Ilha de Wensel. O Capitão Belorath advertira que as águas ao redor da Ilha eram sempre agitadas e que tantos recifes ocultos e correntezas conflitantes tornavam-nas bastante difíceis de serem navegadas. *Foi por isso que ele a escolheu?*, ponderou Lyrna, observando as ondas quebrarem-se contra a elevação rochosa. *Menos chances de visitantes?*

Belorath caminhou até ela e curvou-se.

— O barco está pronto, Alteza.

— Obrigada, Capitão. E o outro assunto que discutimos?

Ele assentiu e fez um sinal para um dos tripulantes, que trouxe um embrulho de lona e um pequeno baú de madeira, colocando-os aos pés de Lyrna com uma

mesura desajeitada. Lyrna ergueu os olhos para as cinco pessoas com quem sofrera tanto, percebendo que qualquer chance de amizade havia desaparecido. Sempre foi assim. *Essas coisas não são para nós, Lyrna*, dissera seu pai enquanto ela observava as outras crianças da corte correrem, brincarem e rirem. *Não somos eles, e eles não são nós. Eles servem, nós ordenamos e, ao ordenar, acabamos por servi-los.*

Lyrna agachou-se e desamarrou o embrulho, revelando três espadas de padrão asraelino. Levantou-se e fez sinal para os três homens, que avançaram para pegá-las.

— Normalmente, essa cerimônia é mais elaborada, e talvez possamos providenciar uma ocasião mais formal daqui a algum tempo, mas, por ora, meus senhores, vou fazer apenas uma pergunta. Respondam como acharem melhor, sem levar em consideração qualquer obrigação ou qualquer medo de recriminação. Juram servir ao Reino Unificado com essas espadas?

Eles já estavam ajoelhando antes mesmo que ela terminasse de falar. Lyrna ficou espantada ao ver que a espada de Iltis tremia um pouco quando o irmão a ergueu diante de sua cabeça abaixada.

— Juro, Alteza — respondeu ele, rapidamente imitado por Benten e Harvin.

— Vocês me honram — disse-lhes Lyrna. — Eu os nomeio Espadas do Reino. Todos os crimes e indiscrições anteriores estão perdoados pela Palavra da Rainha. — Ela se aproximou de Iltis. — Levante-se, irmão — disse Lyrna, vendo que ele continuava ajoelhado.

Iltis levantou-se, colocando-se em posição de sentido e engolindo em seco.

— Lorde Iltis... — Ela parou, percebendo que não sabia seu sobrenome.

— Adral, Alteza — disse o homenzarrão.

— Obrigada. Lorde Iltis Al Adral, eu o nomeio Protetor da Rainha, até a hora em que desejar retornar à sua Ordem, é claro.

— Essa hora jamais chegará, Alteza.

Lyrna sorriu e foi até Harvin.

— Não tenho sobrenome, su'Alteza — disse ele. — Pelo menos nenhum que eu saiba.

— Compreendo. Nesse caso, será chamado de Lorde Harvin da Corrente Partida, até que encontre um nome de que goste mais.

— Acho que já gosto bastante desse nome, su'Alteza.

— É apenas Alteza, meu senhor.

— Gaivota Cinzenta, Alteza — disse Benten quando Lyrna parou diante dele.

— Pescadores assumem o nome do barco de sua família. O barco pode afundar ou ser abandonado, mas o nome nunca muda.

— Lorde Benten Al Gaivota Cinzenta, então. O senhor e Lorde Harvin prestarão contas a Lorde Iltis. Sua única preocupação será minha proteção. O Reino precisa de uma cabeça para usar a coroa, e os senhores garantirão que eu não perca a minha.

Lyrna ergueu o pequeno baú e virou-se para as mulheres, que já estavam ajoelhadas. Abriu o baú e o estendeu para elas.

— Não é o que eu teria escolhido, mas servirão por ora. — Os dois anéis eram idênticos, aros simples de prata com pequenos vitríolos azuis, o melhor que

os joalheiros meldeneanos puderam oferecer em tão pouco tempo. — Uma rainha precisa de damas. Contudo, a estrada adiante é longa e cheia de perigos. Assim, pensem bem antes de responder. Ficarão ao meu lado?

Murel pegou o anel imediatamente, mas Orena foi mais hesitante.

— Minha Rainha — disse ela. — Minha vida antes... Não foi nobre. Eu não gostaria de manchar vossa patronagem com minha reputação.

— Creio que tais trivialidades tenham ficado para trás, minha senhora — disse Lyrna.

Orena piscou para afastar as lágrimas e aceitou o anel.

— Dunsá era o nome de meu marido. Eu gostaria de usar meu próprio nome, Vardrian.

— Senhora Orena Al Vardrian. Erga-se e assumo seu lugar.

Lyrna estendeu uma das mãos para Murel, que a pegou e beijou os dedos, chorando abertamente.

— H-Harten, minha Rainha.

— Senhora Murel Al Harten. — Lyrna pegou a garota pelos braços e levantou-a com gentileza, afastando o cabelo de seu rosto e beijando-lhe a testa. — A senhora realmente precisa parar de chorar.

O protetor da Ilha de Wensel recebeu-os na parte plana da rocha escavada que servia como doca. Era um irmão idoso da Primeira Ordem, trajando um manto que já fora branco e tornara-se acinzentado pela idade e pelo uso, combinando com a longa barba que pendia de seu queixo como uma corda esfiapada.

— De fato, são notícias graves, Alteza — disse ele quando Lyrna relatou o motivo de sua visita. O estado de seu rosto e as notícias sobre os problemas do Reino pareciam não o incomodar mais do que uma mudança súbita de tempo.

Ele se apresentou como Irmão Lirken ao conduzi-la pelos degraus entalhados até a Casa da Ordem, esculpida na rocha cerca de setecentos anos antes. Alguns outros irmãos a aguardavam e a cumprimentaram com mesuras, mas sem qualquer sinal particular de interesse. A maioria retornou à leitura de seus pergaminhos ou foi sentar-se em meditação silenciosa. Eram todos tão velhos quanto o Irmão Lirken, fazendo com que Lyrna se perguntasse como conseguiam manter-se em um lugar tão inóspito.

— Os lagos da rocha fornecem caranguejos e mexilhões em abundância — disse Lirken em resposta à sua pergunta. — E recolhemos algas marinhas na maré baixa. É surpreendentemente nutritiva se cozinhada da forma certa. Posso trazer um pouco se a senhora estiver com fome.

— Receio que eu deva recusar, irmão. — Lyrna olhou para os irmãos idosos na câmara. — Ele está aqui?

— Atheran Ell-Nestra não vive entre nós, Alteza. Só tivemos sua companhia em poucas ocasiões durante todos esses meses em que ele está aqui. Venha, eu a levarei até ele.

Lyrna seguiu o velho irmão através da Casa da Ordem e por uma trilha irregular ao longo de uma escarpa estreita até um promontório a cerca de cento

e cinquenta metros de distância.

— Aconselho a manter-se abaixada, Alteza — sugeriu Lirken. — As ondas às vezes passam por cima da escarpa.

Iltis, a única escolta que ela escolhera trazer, adiantou-se.

— Essa rota é traiçoeira, Alteza. Eu vou e trago-o até a senhora.

— Não, meu senhor. — Lyrna pisou na trilha, achando a rocha mais úmida do que gostaria. — Creio ser melhor que eu mesma vá. Espere por mim aqui. Acredito que o Irmão Lirken possa lhe mostrar os pergaminhos originais dos primeiros catecismos.

— De fato, posso — disse Lirken, subitamente entusiasmado. — É um estudioso, meu senhor?

O rosto de Iltis estava tão rígido quanto as rochas ao redor.

— Fui um irmão da Quarta Ordem. Não sou mais. Aguardarei aqui pelo retorno de minha rainha.

Lyrna conteve um sorriso diante do desconforto do velho irmão e partiu pela escarpa, mantendo-se abaixada como Lirken aconselhara. Ela estava na metade do caminho quando veio a primeira onda, quebrando-se nas rochas, erguendo uma cascata alta de espuma e batendo em Lyrna com força considerável enquanto ela se abaixava e se agarrava às pedras. Ela se levantou quando a onda recuou, completamente encharcada, e seguiu em frente com dificuldade. Foi obrigada a suportar mais duas ondas que quase a afogaram antes de chegar ao promontório.

Um caminho estreito escavado no pilar irregular levava a uma caverna no alto, onde se podia ver uma fina coluna de fumaça subindo pelo ar. O caminho era escorregadio devido ao musgo, e Lyrna tropeçou várias vezes antes de alcançar a caverna. A paisagem do oceano era impressionante àquela altura, podendo-se notar a curvatura da terra através de brechas ocasionais na neblina. Abaixo dela, o *Sabre do Mar* balançava nas ondas como um brinquedo. Raios de sol atravessaram as nuvens para banhar o pequeno planalto enquanto Lyrna torcia o lenço que fora obrigada a remover quando subia a escarpa, amarrando-o novamente na cabeça para se proteger do calor doloroso. Um barulho fez com que ela se virasse para a caverna, notando uma figura sombreada contra a tênue luz de uma fogueira no interior.

— Escolheu um poleiro desconfortável, meu senhor Escudo — disse ela. — Mas tem uma bela vista.

O homem que saiu da caverna era alto e tinha ombros largos, com longos cabelos louros esvoaçando ao vento enquanto a encarava em silêncio.

Tão bonito quanto os espíões disseram, pensou Lyrna, notando as belas feições sob a barba.

— Você sabe quem eu sou — disse o Escudo após um longo momento. — Quem é você?

— Rainha Lyrna Al Nieren do Reino Unificado. — Ela se curvou. — Ao seu serviço, meu senhor.

Olhos azul-claros percorreram seu rosto antes que ele virasse as costas e retornasse à caverna sem dizer uma palavra. Lyrna hesitou, sem saber se devia segui-lo, mas ele logo reapareceu trazendo uma xícara fumegante.

— Acabei de preparar um chá — disse ele, oferecendo-lhe a xícara. — O único luxo que não consigo largar.

— Obrigada. — Lyrna bebericou o chá, erguendo as sobranceiras nuas em apreciação. — Muito bom. Das províncias alpiranas meridionais, não?

— Sim, de fato. Uma das poucas terras cujos navios nunca ataquei. Em troca, eles entregavam um suprimento anual de chá nas Ilhas, apenas para mim. — Ele a observou beber mais chá, com os braços cruzados, sentindo o forte vento do mar em sua camisa púida. — Eu disse aos irmãos para mandarem embora o mensageiro enviado pelos Senhores Marinheiros — disse ele. — E agora eles mandam a senhora. Ou será que a senhora usurpou o trono de seu irmão e capturou as Ilhas?

— Meu irmão está morto. Morto por uma assassina volariana na noite em que o Reino foi invadido. Ela me queimou com seu fogo das Trevas, como pode ver.

— Uma coisa terrível. Minhas condolências.

— Seu povo logo precisará das suas condolências, pois a frota volariana navega para conquistar as Ilhas nesse exato momento.

— Eles são corajosos e possuem muitos navios. Tenho certeza de que assistirei a um grande espetáculo.

— O Senhor Marinho Ell-Nurin parece convencido da derrota se o senhor não voltar para liderá-los. O Capitão Belorath também. Ele navegou com o *Sabre do Mar* pelo Boraelino mais rápido do que qualquer navio já navegou para avisar sobre a invasão.

— Meu imediato sempre foi o melhor dos marinheiros. Mande-lhe meus cumprimentos, por favor.

Ela notou então a dureza no olhar do Escudo, a raiva que ardia dentro dele.

— Lorde Al Sorna é o maior guerreiro que já nasceu no Reino Unificado — disse Lyrna. — Uma derrota para ele não é desonrosa.

— Uma derrota implica que houve alguma disputa — retorquiu ele com tranquilidade, voltando-se para a caverna. — Aproveite o chá. Deixe a xícara quando for embora, pois só tenho uma.

A xícara estilhaçou-se na entrada da caverna quando o Escudo abaixou a cabeça para entrar, virando-se com os olhos apertados e vendo o semblante furioso de Lyrna.

— Parece que sofri muitas privações para chegar aqui e implorar a ajuda de um homem que sofreu não mais do que uma humilhação e prefere sentir pena de si mesmo enquanto seu povo enfrenta a ruína e a escravização — disse Lyrna.

— Humilhação? — perguntou ele, começando a rir. — É por isso que a senhora acha que estou aqui? Seu povo já a evitou, Alteza? Já desviaram o olhar sempre que possível, já ensinaram aos filhos insultos que eles mesmos não tinham coragem de dizer? Já viu homens com quem navegou durante anos cuspirem em sua sombra? Tudo porque fracassou em um assassinato esperado por uma geração. Eu não me exilei, eu *fui* exilado. Estou aqui porque não posso ir a nenhum outro lugar. Meu rosto é conhecido em todos os portos daqui até Volária e encontrarei uma merecida armadilha à minha espera em qualquer lugar onde

aportar.

— Não nos meus portos — disse Lyrna. — Perdoarei cada navio que o senhor atacou, cada pedaço de tesouro que já roubou. Até mesmo qualquer assassinato.

— Jamais cometi assassinato. Nunca matei um homem fora de uma luta justa. — Ele parou quando algo atraíu seu olhar para o mar. Lyrna virou-se e deparou-se com uma cena familiar. O tubarão-vermelho havia voltado e era possível ver seu corpo inteiro pela primeira vez circundando o *Sabre do Mar* com batidas lentas da cauda.

— Nunca vi um tubarão-vermelho chegar tão perto e não atacar — disse o Escudo.

— Se vier comigo, prometo uma história interessante que talvez possa explicá-lo.

Eles ficaram parados lado a lado, observando o tubarão durante algum tempo. O rosto do Escudo era indecifrável.

— Belorath disse que o senhor se culpa por não morrer — disse ela quando o tubarão mergulhou para as profundezas escuras. — E por isso está aqui. À espera da morte que lhe escapou.

— Nada me escapou. Eu fui punido. Al Sorna sabia que me deixar vivo era um destino muito pior do que simplesmente me matar.

— Conheço Lorde Al Sorna e ele não é cruel. Ele poupou um homem indefeso, nada mais.

Ell-Nestra deu uma leve risada.

— Eu vi os olhos dele, Alteza, ouvi suas palavras. Ele viu minha alma e soube que eu merecia a morte.

— Venha comigo e talvez o senhor a encontre. Viva e farei com que os estaleiros de Torre Sul construam para o senhor a melhor embarcação com que poderia sonhar, com um porão repleto de vitriolo azul.

— Fique com o vitriolo azul e o navio. Farei uma troca.

— Pelo quê?

Ele foi rápido demais, agarrando os braços de Lyrna e puxando-a para perto de si, pressionando seus lábios contra a boca dela. Ela gritou, sentindo a língua dele se mover quando seus lábios se abriram. A fúria tomou conta de Lyrna, e ela o mordeu. O Escudo a soltou, rindo e cuspidando sangue na pedra. Lyrna olhou para ele, furiosa, com o coração palpitando enquanto desejava que a faca de arremesso ainda estivesse pendurada em seu pescoço. Porém, tudo o que conseguiu fazer foi falar com voz áspera.

— E o senhor disse que Al Sorna era cruel.

— Não é crueldade, Alteza — retorquiu ele, arrastando um pouco as palavras, uma vez que sua língua continuava a sangrar. — E, sim, curiosidade. E ainda não foi saciada. — Ele fez uma mesura experiente e elegante. — Permita-me pegar meus parcos pertences e poderei me juntar à senhora.

CAPÍTULO TRÊS

Frentis

Illian provou ser muito melhor como arqueira do que como cozinheira. Seus braços não tinham a força necessária para um arco, de modo que Davoka deu-lhe uma besta, e as panelas do acampamento beneficiaram-se de sua perícia recém-descoberta, pois todos os dias ela retornava da caçada com vários pombos silvestres, faisões ou coelhos. A cadela da Fê raramente saía de seu lado desde aquela primeira noite em volta da fogueira, e Illian passara a chamá-la de Dente Negro devido ao canino manchado que o animal exibia sempre que rosnava.

— Hoje a caça foi escassa — disse ela, colocando um único faisão ao lado da fogueira. — Acho que já não há muitos animais nessa parte da floresta. — Ela voltou um olhar arrogante para Arendil. — Garoto, depene para mim, sim?

— Depene você mesma, ranhenta.

— Plebeu!

— Fedelha!

Frentis levantou-se e afastou-se enquanto os jovens continuavam a discutir, percorrendo o acampamento com os olhos. Janril Norin estava ensinando o manejo da espada a alguns recrutas mais jovens, a maioria garotos com no máximo quinze anos. Davoka treinava com Ermund, algo que agora fazia quase todos os dias, uma vez que o jovem cavaleiro havia recuperado as forças. Lutavam com bastões, e o som de madeira se entrecrocando ecoava na clareira ao girarem e dançarem. Frentis conhecia alguns costumes lonaks e se perguntava se Davoka não estaria testando um novo marido, a julgar pela intensidade da expressão dela ao lutar com Ermund.

Grealin estava sentado com Trinta e Quatro, e o torturador pronunciava com cuidado cada expressão que o mestre lhe ensinava na língua do Reino.

— Eu me chamo Karvil — disse ele em seu estranho tom ritmado, quase sem nenhum sotaque. Seus primeiros dias sem o analgésico haviam sido difíceis, fazendo o volariano estremecer e suar em seu abrigo, às vezes mordendo um graveto para abafar os gritos. À noite, ele raramente dormia por mais de uma hora, e Frentis permanecia ao seu lado enquanto o homem se contorcia e choramingava, com frequência tendo convulsões enquanto suplicava palavras

desesperadas em volariano. Frentis se perguntava se as súplicas eram dele ou de suas vítimas.

— Esse é o nome que você escolheu? — perguntou Frentis ao ex-escravo.

— Por ora — respondeu ele. — Estou tendo dificuldade para escolher. Pode me chamar de Trinta e Quatro se quiser.

Frentis seguiu em frente e encontrou Mestre Rensial com seu grupo pequeno, porém crescente, de cavalos. Ele havia cercado uma clareira estreita e afastada do acampamento, onde colocara os animais, passando com eles a maior parte do tempo, parando apenas para dormir ou comer o que Arendil ou Illian levavam até ele, mostrando-se tão incapaz de lembrar-se dos nomes deles quanto do nome de Frentis.

— Preciso de milho, garoto — disse o mestre, examinando os cascos de uma égua que haviam capturado alguns dias antes, um alto animal de caça montado por um volariano ricamente vestido que tomara a decisão insensata de procurar um javali para caçar na companhia de apenas uns poucos guardas. O interrogatório de Trinta e Quatro revelara que o volariano era filho de algum luminar imperial menos importante e que possuía apenas uma informação útil: Lorde Darnel estava no comando de Varinshold.

— Isso pode ser vantajoso — dissera Mestre Grealin. — O Senhor Feudal não é famoso por sua inteligência.

— É melhor não o subestimar, irmão — retorquira Ermund. — Um gato selvagem pode não saber discutir filosofia, mas saberá matar mesmo assim.

Frentis repetiu a mesma resposta que dera a Rensial muitas vezes antes.

— Estamos em escassez de milho, Mestre.

— O milho dá músculo — prosseguiu alegremente o mestre louco, andando até o cavalo seguinte, um garanhão veterano tomado da Cavalaria Livre. Seu focinho estava ficando grisalho, mas o animal ainda tinha uma força considerável nas patas musculosas e no pescoço. — Cavalo de guerra precisa de milho. Capim é ralo demais.

— Farei o possível para conseguir um pouco, Mestre — disse Frentis, como sempre costumava dizer. — Precisa de mais alguma coisa?

— Pergunte se Mestre Jestin pode forjar mais ferraduras. Três já os derrubaram. Quando você terminar, os arreios precisam ser limpos.

Frentis observou-o escovar o pelo do garanhão, vendo a devoção plena em seus olhos.

— Sim, Mestre.

Ele inspecionou os piquetes em seguida, parando para conversar com um antigo cabo da Guarda da Cidade, que estava no comando da vigia do lado sul.

— Nenhum sinal?

— Nenhum, irmão. E já se foi metade de um dia.

Draker e Rateiro haviam saído para um reconhecimento naquela manhã, por insistência própria, o que era incomum. Frentis suspeitava de que haviam saído para recuperar algum saque enterrado muito tempo antes em algum ponto

próximo da cidade e concluiu que eles não tinham muita intenção de retornar. Já era bastante surpreendente que tivessem permanecido por tanto tempo, assim como não evitarem o perigo quando eram levados em uma incursão.

Boa sorte para eles, concluiu, após esperar até o anoitecer. Devem estar na metade do caminho para Nilsael.

— Restou um pouco do conhaque que pegamos no ataque da semana passada — disse ele ao cabo, levantando-se do posto de vigia oculto. — Venha pegar sua parte quando seu turno terminar.

Ouviu-se um assobio curto, sinalizando um possível perigo, e Frentis abaixou-se imediatamente, olhando para as silhuetas indistintas das árvores. Após alguns segundos, foi possível ouvir o som de uma respiração pesada, e Draker surgiu pouco depois, cambaleando pelo caminho. As semanas de rações escassas e vida árdua haviam reduzido em muito o peso do fora da lei, mas ele ainda tinha dificuldade para manter uma velocidade decente ao tentar correr qualquer distância. O ladrão desabou ao ver Frentis emergir do esconderijo, tentando recuperar o fôlego.

— Emboscada — sussurrou ele, aceitando o cantil oferecido por Frentis e jogando água no rosto antes de tomar vários goles longos. — Eles nos pegaram. Aqueles soldados-escravos desgraçados e uns dois renfaelinos. Pela aparência, eram caçadores profissionais.

— Onde está o Rateiro? — perguntou o cabo.

— Mataram ele, ora. E fizeram isso bem devagar. Eles me deixaram para depois, mas escapei.

— Escapou? — perguntou Frentis.

— Afrouxei as cordas, ora. Todo fora da lei conhece o truque.

— Cordas? Eles não o acorrentaram?

Draker sacudiu a cabeça em silêncio.

Frentis ergueu a cabeça, com os ouvidos atentos à canção da floresta, concentrando-se para notar o sinal mais tênue... Lá estava, baixo, mas claro: latidos. *Cães de caça renfaelinos, não cães de escravos.*

— De volta para o acampamento! — ordenou ele, levantando Draker. — Alinham-se no flanco sul. Não temos tempo para fugir.

— Seu maldito idiota! — rosnou o cabo para Draker, que os seguia aos tropeções. — Trouxe o inimigo até nós!

Frentis atravessou o acampamento correndo, gritando ordens e mandando os grupos de combatentes assumirem suas posições. Ele havia ensaiado o que faria no caso de um ataque, mas jamais pensara que realmente aconteceria, sempre esperando que tivessem tempo para fugir antes que fossem pegos pela tempestade. Os combatentes moveram-se depressa após o choque inicial, pegando em armas e entrando em formação em suas fileiras irregulares.

— Arendil! Senhora Illian! — Eles correram para atender ao chamado, Arendil com a espada longa desembainhada, Illian com a besta e a aljava. — Haverá guerreiros habilidosos entre eles — disse Frentis a ela. — Homens que lutam bem, mas que não demonstram raiva ou medo. Suba em uma árvore e mate quantos puder. Arendil, mantenha-a a salvo.

O garoto demorou-se por um segundo para discutir, mas foi forçado a

seguir Illian, que saiu correndo no mesmo instante.

— É melhor que o senhor fique na retaguarda, Mestre — disse Frentis a Grealin quando o irmão corpulento parou ao seu lado, com a espada desembainhada. — Para termos um ponto de encontro caso eles rompam nossas defesas.

Grealin apenas ergueu uma sobrancelha, com uma expressão jocosa, e permaneceu onde estava. Ermund e Davoka logo se juntaram a ele.

— As crianças? — perguntou ela.

— Tão a salvo quanto pude deixá-las — respondeu Frentis. — Ataquem os Kuritai e fiquem perto de mim. Precisamos equilibrar a luta.

Draker surgiu ofegante, com seu porrete pesado nas mãos e um profundo arrependimento estampado no rosto.

— Sinto muito, irmão... — começou ele.

— Alguma hora tinha de acontecer — disse-lhe Frentis. — Encontrou seu saque?

Draker encolheu os ombros com pesar.

— Foi onde nos pegaram. Tinham encontrado nosso estoque. Dez odres cheios de sumo de flor rubra. Achamos que poderíamos ajudar os curandeiros.

Frentis não viu qualquer traço de mentira no rosto do ladrão. *Não é mais um ladrão, percebeu. É um soldado.*

— Pode me dar cobertura? — perguntou ele.

Draker ergueu o porrete em saudação.

— Será uma honra, irmão.

Frentis pegou o arco no ombro e colocou uma flecha na corda quando se fez um silêncio pesado no acampamento. Todos os olhos estavam voltados para a muralha de árvores.

— Talvez eles tenham perdido nosso rastro — sussurrou Draker.

Frentis segurou o riso e manteve o olhar fixo nas árvores. Não demoraram a aparecer, avançando em uma corrida constante, sem clarins ou gritos de guerra. Eram apenas cerca de cem homens silenciosos e inexpressivos correndo para lutar com uma espada em cada mão. *Custoso, pensou Frentis. Reunir tantos só para nós.*

— Atirem! — gritou ele. Os arqueiros levantaram-se de seus esconderijos para disparar a saraivada. Os Kuritai rolaram, esquivaram-se e saltaram quando as flechas voaram, e apenas meia dúzia tombou no caminho até os combatentes. Frentis conseguiu abater dois homens antes de jogar o arco para o lado e investir com a espada desembainhada.

Ele viu um Kuritai abrir caminho através de um aglomerado de combatentes e espadas que se moviam em borrões ao tentarem em vão repeli-lo. Frentis saltou sobre um combatente caído, aparou a espada esquerda do Kuritai e cravou sua lâmina mais longa no olho do homem, rápido demais para permitir um contragolpe. Outro volariano o atacou, com as espadas cruzadas como uma tesoura ao tentar decapitá-lo, e dobrou-se quando a lança de Davoka o atingiu no flanco e Ermund avançou para liquidá-lo com um golpe com a espada, segurando-a com as duas mãos.

Um grito atraiu o olhar de Frentis para a retaguarda, onde viu Draker

desferir um golpe com o porrete contra um Kuritai, mas o homem se abaixou e saltou para frente, estocando-o com a espada curta. Mestre Grealin moveu-se mais rápido do que Frentis pensou ser possível, e a lâmina da Ordem atingiu a coxa do escravo, derrubando-o. Draker urrou, enfurecido, e caiu sobre o homem, fazendo o porrete subir e descer em uma nuvem de sangue.

Frentis passou os olhos pela batalha e viu muitos corpos no chão e muitos Kuritai ainda de pé. Procurou o grupo que sofria o pior ataque e encontrou um aglomerado de homens e mulheres perto do centro do acampamento, cercado por todos os lados.

— Comigo! — gritou ele para Davoka, sacando uma faca e lançando-a contra o inimigo mais próximo. O homem cambaleou quando a faca cravou-se em seu braço nu e tentou arrancá-la, mas sua mão foi decepada diante de seus olhos. Frentis matou rapidamente mais dois homens, usando sua espada como um chicote de aço para aparar e golpear, abrindo caminho entre eles. Os combatentes uniram-se a ele, gritando e golpeando com suas armas variadas; Davoka e Ermund juntaram-se ao confronto, lutando de costas um para o outro, lança e espada em estocadas e retalhando em um frenesi incansável.

Não é o bastante, compreendeu Frentis quando os combatentes juntaram-se à sua volta, vendo os Kuritai avançarem por todos os lados. *Não libertei o suficiente para formar um exército de verdade.*

O estrondo de cascos atraiu sua atenção para os fundos do acampamento, onde ele viu Mestre Rensial investindo em meio às árvores sobre o garanhão veterano, abaixado na sela e com a espada estendida. Ele trespassou um Kuritai pelas costas, arrancando a lâmina ao passar a galope pelo cadáver, matou outro com um golpe cortante no ombro e atropelou mais um; o garanhão pisoteava os homens e deu um relincho agudo enquanto o Kuritai rolava debaixo dos seus cascos.

Um Kuritai avançou, correndo, e ajoelhou-se diante do cavalo que empinava enquanto correu e tomou impulso com os dois pés nas costas do homem, saltando na direção do insano mestre dos cavalos, com ambas as espadas erguidas acima da cabeça. O rosto de Rensial permaneceu impassível ao girar o cavalo para o lado, fazendo o Kuritai passar voando por eles, errando o alvo por centímetros. Ele aterrissou, rolou e virou-se para continuar o ataque, mas caiu morto quando um virote de besta trespassou seu pescoço; Davoka e Ermund atacaram e abateram seu companheiro em uma dança coordenada de lança e espada.

O olhar vazio de Mestre Rensial encontrou Frentis por um momento e, então, o mestre tornou a sair em disparada, investindo contra o aglomerado mais compacto de Kuritai, movendo sua espada em arcos prateados perfeitos que Frentis jamais pôde igualar no campo de treinamento. Ele viu mais três Kuritai caírem antes que o mestre desaparecesse.

O ataque de Rensial rendeu-lhes um breve intervalo enquanto os Kuritai se reagrupavam, e os combatentes sobreviventes juntaram-se a Frentis. *Tão poucos*, pensou ele quando se agruparam à sua volta, olhando para as tropas organizadas que se moviam para cercá-los mais uma vez. *Eu não deveria ter esperado tanto.* Ele levou os dedos à boca e deu um assobio agudo e alto. A resposta foi quase

imediate. Os latidos rosnados e rugidos dos cães da Fé ecoaram pela floresta quando seus cuidadores os soltaram e dispararam em meio às árvores até os Kuritai. Os volarianos perceberam o perigo e assumiram uma formação defensiva, agrupando-se em uma única companhia com sua inacreditável precisão, uma fileira agachando-se na frente e outra permanecendo de pé atrás, com as espadas curtas estendidas ao máximo. Uma fortaleza formidável e talvez inexpugnável de carne e aço.

Retalhador correu até eles e saltou, girando em pleno ar ao passar por sobre as cabeças dos homens e aterrissar no meio do círculo. Uma brecha surgiu nas fileiras um segundo depois, onde se pôde ver o cão retalhando carne e osso enquanto sua matilha corria para o buraco que ele abria. Frentis ergueu a espada e investiu, seguido pelos combatentes à medida que a coesão dos Kuritai era despedaçada. Ele desferiu um golpe nas pernas de um homem, inverteu a lâmina e cravou-a em seu peito, vendo os combatentes passando correndo por ele para juntarem-se à matança. Os Kuritai lutaram até o fim, é claro, sem sinal de pânico ou medo ao serem golpeados ou feitos em pedaços por presas e garras, levando consigo mais combatentes e cães antes que o último guerreiro finalmente desaparecesse sob uma dúzia de lâminas cortantes.

Frentis fez uma contagem enquanto os combatentes cambaleavam ao seu redor após a carnificina. *Restam menos de cinquenta, deduziu. E pelo menos um terço está ferido.*

Janril ainda estava vivo, cortando algo oculto sob as samambaias com golpes de espada lentos e metódicos. Ele parou e abaixou-se para recolher seu prêmio, erguendo uma cabeça enquanto o sangue jorrava do que restara do peixeço. O antigo menestrel riu ao sacudir a cabeça para cima e para baixo, abrindo e fechando a boca em uma paródia grotesca de fala. Frentis ficou envergonhado ao perceber que esperara que Janril encontrasse seu fim naquele dia. *Jamais haverá paz para alguém como ele.*

Ouviu-se um grito agudo vindo da retaguarda. Antes que qualquer um se movesse, Davoka ergueu a lança e correu naquela direção. *Illian.*

Frentis a seguiu e encontrou Mestre Grealin logo adiante; mais uma vez, o homenzarrão movia-se com uma velocidade surpreendente ao correr pela vegetação. Para além dele, Frentis viu Arendil enfrentando dois Kuritai, movendo sua espada longa em arcos fluidos ao repelir as espadas curtas, girando e abaixando-se conforme eles tentavam se aproximar. Ele viu Illian no meio dos galhos de um carvalho, abrindo as mãos e impotente. *Não há mais virotes.*

Arendil foi forçado a recuar depressa quando os Kuritai dobraram os esforços, golpeando alto e baixo ao mesmo tempo. Os pés do garoto encontraram a raiz de uma árvore e ele tropeçou, caindo de costas e vendo os Kuritai avançarem com as espadas erguidas.

Mestre Grealin parou a vinte metros da luta, abaixou a espada e ergueu a mão livre, estendendo os dedos... E os Kuritai voaram.

Foi como se algum punho enorme e invisível houvesse derrubado os homens com um golpe. Um Kuritai chocou-se contra o tronco do carvalho, curvando-se ao redor dele com força suficiente para triturar a sua coluna. O outro quase bateu no galho onde Illian estava empoleirada, e a garota soltou um grito quando o

volariano saiu rodopiando após o impacto e aterrissou a dez metros dali.

Davoka parou para observar Grealin por um momento, o medo e a aversão palpáveis em seu rosto.

— *Rova kha ertah Mahlessa* — disse ela em voz baixa antes de correr até os jovens.

Frentis foi até Grealin e notou uma expressão sombria de arrependimento no rosto do mestre e sua pele pálida e pegajosa, como se tivesse experimentado uma dor intensa.

— Achei que eu tinha imaginado — disse Frentis. — O volariano empalado no galho. Achei que tinha sido uma visão febril. Alguma outra surpresa para mim, Mestre?

Grealin deu um leve sorriso.

— Na verdade, meu título correto é Aspecto.

Frentis enviou Janril atrás dos caçadores renfaelinos com os dez combatentes mais capazes. Conforme instruídos, eles mataram os cães para apagar seu rastro e mantiveram vivo apenas um dos caçadores para ser interrogado. A resistência do homem não durou muito e alguns momentos na companhia de Trinta e Quatro provaram ter persuasão suficiente para soltar sua língua.

— Nosso senhor está convencido de que seu filho encontra-se nesta floresta — disse o homem, um sujeito esguio e de meia-idade, com a aparência calejada de um rastreador profissional. O sangue pingava sem parar dos dedos de sua mão esquerda devido aos espinhos de rosa que Trinta e Quatro enfiara sob suas unhas. — Prometeu pagar dez moedas de ouro se o encontrássemos, e vinte moedas se ele ainda estivesse vivo. Ele pagou pelos escravos com dinheiro do próprio bolso. Comprou-os do general volariano.

— Você caça sua própria gente por ouro? — perguntou Janril em um tom inexpressivo.

— Faça o que me mandam — lamuriou-se o homem, olhando para eles. — Sempre fiz. O Senhor Feudal Darnel não é um homem que deva ser irritado, não se você quiser continuar vivo.

— Eu também não sou — disse Frentis. — Diga-lhe isso quando o vir.

— Vai deixá-lo ir? — perguntou Janril, seguindo Frentis até onde Arendil ajudava a cuidar dos feridos.

— Deixe-o amarrado onde está quando levantarmos acampamento — disse Frentis. — Imagino que Lorde Darnel terá uma recompensa justa para esse fracasso.

— Ele merece morrer como um traidor, irmão — insistiu Janril, com um ardor incomum em seu tom.

— Não viu mortes suficientes por um dia, Sargento?

— Em se tratando de escória como ele, jamais verei o suficiente.

Frentis parou, encarando-o.

— Isso ajuda? Todas as mortes e torturas ajudam a afastar a cena da morte dela?

Os olhos de Janril estavam brilhantes e claros sob as sobrancelhas abaixadas.

— Nada conseguirá afastar aquilo. O que faço é em nome dela. Eu a honro com sangue.

— O nome dela? Qual era o nome dela? Ainda não ouvi você dizê-lo.

O sargento simplesmente o encarou, com uma leve incerteza nos olhos que mal podia ser vista através da loucura que o rondava.

— Deixe o caçador onde ele está e prepare-se para partir — ordenou Frentis. — Se não puder obedecer minhas ordens, vá embora e mate quantos quiser longe da minha vista.

Arendil estava ajudando Davoka a amarrar uma bandagem em volta do braço de Draker. A lonak era a única entre eles com alguma habilidade de cura apreciável.

— Achei que tinha dado cabo do maldito a porretadas e, então, ele me esfaqueia — disse o homenzarrão por entre os dentes. — Mas acabei com ele. Não parei até ver os miolos dele.

Davoka amarrou a bandagem e afastou-se com Frentis, falando em voz baixa:

— Dez vão morrer essa noite. O resto pode se recuperar com o devido tempo.

— Tempo é algo que não temos — disse Frentis. — Partimos dentro de uma hora.

A lonak assentiu gravemente e lançou um olhar cauteloso para Grealin, que estava sentado sozinho junto a uma pequena fogueira, encolhido em um manto como se estivesse congelado até os ossos.

— Ele também vai?

— Ele é um Aspecto da minha Fé e líder desse grupo. Não posso deixá-lo para trás.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Líder?

Frentis optou por ignorá-la e virou-se para Arendil, fazendo sinal para que o garoto se aproximasse.

— Então, quanto bem você conhece seu pai?

— Vinte moedas de ouro? — Arendil apertou os lábios, parecendo surpreso. — E meu avô sempre disse que o Senhor Feudal era mesquinho demais até mesmo para pagar uma prostituta de taverna.

— Por que ele quer você? — perguntou Frentis.

— Sou seu herdeiro. O único filho de sua semente imunda. — O desconforto do garoto era evidente, desviando o olhar e mexendo os pés. — Nunca o encontrei, mas sinto que ele sempre esteve presente, como uma sombra odiosa. E sei o que ele pretende. A necessidade de me reclamar tornou-se irracional. Às vezes, eu via minha mãe olhando para mim com o rosto franzido e de forma estranha, e eu sabia que ela não estava me vendo, e sim a ele. — Ele parou de

arrastar os pés, ergueu a cabeça e encontrou o olhar de Frentis. — Não serei capturado por ele, irmão. Prefiro morrer.

Corte um dedo e mande-o para o Senhor Feudal por meio do caçador. Provoque-o para que cometa um ato ainda mais imprudente. Ele sabia que o pensamento não era seu. Era *dela*. A mácula da união ainda era profunda, chegando até sua alma.

— Juro que isso não acontecerá — disse ele a Arendil, colocando uma das mãos no ombro do garoto. — Você lutou bem hoje. Vá ajudar sua senhoria a recolher as armas, sim?

Um breve lampejo de orgulho apareceu no rosto do garoto antes que corresse para encontrar Illian.

— Vaelin sabia? — perguntou Frentis, sentando-se diante do Aspecto da Sétima Ordem.

— Não até uma breve visita dele antes de partir para os Confins — respondeu o Aspecto. — Tivemos uma... discussão interessante. — A pele de Grealin ainda estava um tanto acinzentada, mas um tom rosado começava a retornar às suas amplas bochechas. Frentis lembrou-se do sangue e da exaustão que sempre dominavam a mulher após usar seu dom roubado.

— Sua habilidade... Dói quando a usa? — perguntou ele.

— Ela me exaure, na verdade. Tanto poder liberado de uma só vez tem suas consequências. Permaneço gordo por um motivo, irmão. Meu corpo torna as consequências mais suportáveis.

— Onde fica a Casa da sua Ordem?

— A Sétima Ordem não possui uma Casa. E não possui há quatro séculos. Somos como um fio tênue na estrutura da Fé e do Reino, e nosso trabalho é sempre oculto.

— Como o senhor estava oculto em nossa Ordem?

— Exato. Pareceu-me o esconderijo mais seguro. — As feições cansadas de Grealin formaram um sorriso sardônico. — Como os sábios se mostram tolos!

— Os irmãos que encontrei aquele dia... O Aspecto Arlyn os enviou com o senhor como proteção.

— Sim. E eles morreram seguindo a ordem dele.

— Para onde teria ido?

— Para o norte, para o Passo. Se o caminho estivesse bloqueado, para oeste até Nilsael e para os Confins. Em vez disso, acabei aqui com você e nosso bando heroico de rebeldes. Dará uma bela história um dia, não acha? Se restar alguém para contá-la.

É um homem derrotado, compreendeu Frentis, vendo as feições flácidas de Grealin e os olhos sem brilho.

— Essas pessoas recorrem a nós em busca de liderança — disse ele. — Em busca de esperança. Como um Aspecto da Fé, o senhor pode dar isso a elas.

— Meu único presente a elas é o medo. Veem o que sou e têm medo. A

lonak é apenas mais honesta do que os outros. Carregar um dom é conhecer o medo e o isolamento. Nosso lugar não é à luz do sol, mas nas sombras. É onde podemos melhor servir a Fé. É a lição mais difícil que minha Ordem já teve de aprender.

— Os costumes antigos ficaram para trás, Aspecto. Tudo mudou. Eles vieram e destruíram tudo. Cabe a nós decidir como juntar os pedaços.

— Pretende refazer o mundo, irmão? Está procurando por um objetivo nobre para lavar todo o sangue que derramou?

— Esse sangue não será lavado, mas isso não significa que preciso chafurdar nele.

— Então o que estamos fazendo aqui? Por que continuar a lutar nessa guerra desesperada? Todas essas pessoas vão morrer. Não há como conseguir uma vitória nessa floresta. — Ele abaixou os olhos, que se tornaram distantes. — Não há como conseguir uma vitória em lugar algum. Pensamos que havíamos ganhado, compreende? Desviado a tempestade quando Al Sorna revelou Aquele Que Aguarda... Mas tudo o que fizemos foi permitir que nosso olhar fosse atraído para uma ameaça enquanto outra crescia sem ser vista. Um exército inteiro cruzou o oceano para nos destruir. Quem imaginaria que ele seria tão pouco sutil após séculos de malícia?

— Ele?

Grealin ergueu a cabeça.

— Creio que sua amiga morta o chamava de Aliado. Os volarianos gostam de se entregar às suas ilusões. Eles podem ter se livrado de deuses e da fé há muito tempo, mas também trocaram a razão pela servidão.

— Quem é ele?

— Quem era ele pode ser uma pergunta mais pertinente, pois deve ter sido um homem. Um homem com um nome, com um povo, talvez até mesmo com uma família que amasse. Tudo isso se perdeu, naturalmente. São informações que nem mesmo os videntes mais dotados de minha Ordem conhecem. Não temos um nome para ele, apenas um propósito.

— Qual é esse propósito?

— Destruição. Especificamente nossa destruição, visto que parece haver algo a respeito dessa terra que inflama seu ódio. Ele já tentou antes, quando as grandes cidades ergueram-se e um povo muito mais sábio do que nós criou maravilhas. De alguma forma, ele conseguiu transformar tudo em ruínas, mas não o suficiente, pois algo escapou. E agora ele quer que isso desapareça.

Grealin calou-se; seus olhos ficaram mais uma vez embotados quando uma onda de exaustão tomou conta de suas feições.

Frentis levantou-se.

— Obrigado por salvar o garoto. Sei que foi custoso para o senhor. Partimos em uma hora. Eu ficaria grato se o senhor viesse conosco.

O Aspecto encolheu os ombros.

— Para onde mais eu iria?

CAPÍTULO QUATRO

Reva

— Significa “bruxa” — disse Veliss, olhando para o livro aberto em suas mãos.
— Derivação feminina da palavra “feiticeiro” em volariano antigo.

— *Elverah* — disse Reva, experimentando a palavra. — Soa bem.

— Eles acham que você é uma bruxa? — perguntou Arken.

— Hereges ímpios — disse Lorde Arentes, torcendo o nariz. — Confundem a bênção do Pai com as Trevas.

Reva abafou um gemido. *Ele também não.*

— Isso é bom — disse Sentes em seu lugar junto à lareira, com a voz já áspera e ofegante. — Significa que estão com medo.

— É bom que estejam — disse Arentes, sorrindo para Reva. — Minha senhora aplica a justiça do Pai sobre eles a cada vez que atacam nossas muralhas.

— E os Guardas do Reino que libertamos? — perguntou Reva a ele, ansiosa para mudar de assunto.

— Juntei-os com cerca de cem outros que já estavam nas muralhas, minha senhora — respondeu o comandante da guarda. — Eles reforçarão a seção sul. Ainda temos poucos homens lá.

— Ótimo. — Ela se virou para Veliss. — Suprimentos?

— Restam cerca de dois terços — respondeu a mulher. — Mas somente porque estamos racionando bastante. Houve reclamações, principalmente por parte das mulheres. Não é fácil ver os filhos chorarem de fome.

— Dobre as rações para as mulheres com filhos — disse Reva. — Também não gosto de ouvi-los chorar.

— A fome é a melhor arma do inimigo, minha senhora — observou Lorde Antesh. — Cada bocado que comemos deixa-os mais perto de pularem as muralhas.

— Estamos a menos de um mês do inverno — disse seu tio. — E eles não encontrarão muito para comer. Veremos quem morrerá de fome primeiro. — Ele começou a tossir e acenou com a mão, parecendo irritado. — Basta — disse Sentes com a voz sufocada quando a tosse cessou. — Deixem-me com minha sobrinha.

Os outros curvaram-se e caminharam para a porta. Veliss tocou brevemente na mão de Reva ao segui-los. Ela se sentou na frente do tio, notando o tremor nas mãos dele sobre o cobertor.

— Você sabe que só vai piorar — disse ele. — Crianças chorosas serão o menor problema.

— Eu sei, tio.

— Isso não estava nos meus planos — explicou ele, acenando vagamente com a mão. — Eu esperava que seu mandato fosse livre de guerras.

— A culpa não é sua.

— Tive um sonho na noite passada. Foi muito estranho. Com seu pai, meu pai e sua avó. Todos estavam aqui na biblioteca. Foi muito estranho, pois meus pais mal suportavam ficar na mesma sala... — Ele se calou, piscando, enquanto seu olhar ficava pesado.

— Tio?

Sentes fechou os olhos, e Reva aproximou-se para cobrir-lhe os braços com o cobertor. Ele ergueu a cabeça de repente, com os olhos brilhantes e alegres.

— Eles disseram que estavam orgulhosos de mim — sussurrou ele. — Por causa de você, Reva. Parece que finalmente fiz algo certo.

Reva sentou-se ao lado do tio, colocando a cabeça sobre seus joelhos, e ele passou as mãos frágeis pelo seu cabelo.

— Longo demais — ela o ouviu murmurar. — Mulheres cumbraelinas não usam o cabelo tão longo.

Eles apareceram na noite seguinte, atacando em vários lugares ao mesmo tempo, como Antesh previra. Os batalhões atravessavam o passadiço em ordem, protegidos por escudos por todos os lados; Varitai marchavam na frente com seu ritmo fora do comum, e Espadas Livres vinham atrás em fileiras não tão organizadas, mas tomando cuidado para se manterem sob os escudos. Antesh ordenou que todos abaixassem os arcos quando os volarianos chegaram ao fim do passadiço, preferindo não desperdiçar flechas. A coluna volariana dividiu-se em duas, e os batalhões avançaram com lenta determinação para cercar a cidade, sem deixar qualquer brecha em suas paredes protetoras.

— Os malditos aprendem rápido demais para o meu gosto — comentou Lorde Arentes. Ele bateu continência para Reva. — Assumirei o comando da seção oeste, minha senhora. Com sua permissão.

— É claro, meu senhor. Cuide-se.

O velho comandante fez uma mesura rígida e partiu. Reva observou a lenta aproximação dos batalhões por um momento, colocou uma flecha no arco e subiu no teto da casa da guarda.

— Minha senhora! — Antesh estendeu a mão, mas ela o afastou com um aceno brusco.

— Quero ver o quanto eles me temem — disse ela.

Os batalhões continuavam marchando, assumindo posições de acordo com um plano ensaiado, aparentemente alheios à bruxa odiosa que os observava com

um arco na mão. Foram os Espadas Livres que morderam a isca, como Reva esperava. Uma pequena fenda surgiu no teto de escudos de um batalhão que marchava para fora do passadiço com a intenção de dobrar à esquerda. Reva esperou o brilho de metal aparecer e deu um passo para o lado, ouvindo o sussurro áspero da flecha que passou ao lado de seu ouvido. Ela puxou a corda e disparou, atingindo a fenda. O batalhão de Espadas Livres convulsionou como um animal ferido e a confusão percorreu as fileiras enquanto sargentos gritavam por ordem, incapazes de impedir que mais brechas surgissem na muralha de escudos.

— Arqueiros, atirem! — berrou Antesh. Uma centena de arqueiros correu para a muralha, iniciando uma chuva furiosa de flechas. O batalhão seguiu em frente com dificuldade à medida que as flechas continuavam a voar, deixando um rastro de corpos e tentando recompor as fileiras, mas o estrago havia sido feito. O grupo convulsionou alguns segundos depois, desfazendo-se quando o pânico tomou conta dos homens remanescentes. Alguns correram para o passadiço, outros buscaram abrigo nos batalhões vizinhos. A maioria foi abatida em segundos, mas alguns mais ligeiros conseguiram escapar a salvo.

Reva colocou outra flecha no arco e manteve-se no alto da ameia, analisando as fileiras volarianas em busca de outra oportunidade. Ela ponderou se o ódio era uma força física e real, pois podia senti-lo subindo em sua direção como uma onda.

O último batalhão volariano posicionou-se diante da casa da guarda. Era menor do que os outros, com talvez trezentos homens, e as fileiras moviam-se com ainda maior precisão do que os Varitai. *Kuritai*, concluiu Reva.

Ela ergueu o arco acima da cabeça, riu e pensou no tio moribundo. *Parece que finalmente fiz algo certo.*

— Venham! — ela gritou para as fileiras silenciosas abaixo. — Estou esperando!

Pela manhã, Antesh enviou grupos para recolher flechas e armas entre os homens mortos. Reva quis ir com eles para que não pensassem que ela se esquivava das tarefas mais odiosas.

— Lorde Arentes calcula que mais de mil volarianos tenham sido mortos — comentou Arken. Ele parou para arrancar uma flecha do corpo de um Varitai parcialmente submerso na margem, pegando também a espada curta e a adaga do homem.

— Eles nos mantiveram bastante ocupados — concordou Reva. A noite fora um borrão de ataques sucessivos, fazendo-a correr de uma seção a outra da muralha conforme os volarianos tentavam romper as defesas. Chegaram perto de conseguir isso apenas duas vezes: na seção oeste e na seção sul. Na primeira, Varitai usaram arpéus para escalar a muralha enquanto a força principal de Espadas Livres tentava em vão subir por suas escadas. Lorde Arentes já havia

contido o ataque quando Reva chegou, vendo o velho comandante gritar ordens para a Guarda da Cidade enquanto sangrava por um corte na testa. Uma única investida com alabardas fora suficiente para repelir os volarianos, prenunciando outra fuga sob uma chuva flechas.

A incursão na seção sul mostrou-se mais séria. Reva havia lidado com o ataque dos Kuritai à casa da guarda empregando o simples recurso de encharcá-los com óleo de lamparina quando abandonaram os escudos para correr até a muralha girando os arpéus. Sucessivas saraivadas de flechas incendiárias fizeram com que a maioria dos atacantes despencasse no solo, em chamas, mas alguns conseguiram chegar ao topo da muralha, ainda pegando fogo ao executarem a dança letal de suas duas espadas, matando muitos defensores antes de serem abatidos. Reva estava ordenando que os corpos fossem jogados das ameias quando um mensageiro chegou correndo para informar que mais Kuritai se encontravam no topo da muralha sul.

Por meio do mensageiro, ela ordenou que os Guardas da Casa reforçassem o setor e correu para lá, seguida por Arken. Os Kuritai haviam se escondido entre a força principal de Espadas Livres, uma tática irritantemente astuta à qual Reva teria de prestar atenção no futuro. Eles haviam formado um aglomerado compacto na muralha sul, com corpos empilhados em ambos os lados, enquanto os defensores da Guarda do Reino reuniam-se para outro contra-ataque. Um sargento jovem que já exibia numerosos cortes nos braços nus e no rosto liderava o grupo.

— Mais uma tentativa, rapazes! — gritou aos seus homens. — Vamos pegar os desgraçados desta vez!

— Esperem — ordenou Reva, passando os olhos pelas compactas fileiras de Kuritai agachados e com suas expressões tipicamente impassíveis enquanto os Espadas Livres tentavam pular as ameias atrás.

— Preparem-se — disse ela à Guarda do Reino, avançando e pegando o arco de olmo pendurado no ombro. Reva permaneceu no mesmo lugar, mirando com determinação cuidadosa, a apenas quatro metros do inimigo mais próximo, matando um, e outro, e outro, enquanto as fileiras de Kuritai preenchiam as brechas com uma falta de hesitação inconsciente. Conseguiu matar mais dois antes que um dos Kuritai berrassem uma ordem e os volarianos investissem contra ela. Reva jogou o arco para o lado e levou a mão às costas para sacar a espada por cima do ombro no mesmo instante em que a Guarda do Reino atacava.

Ela teve dificuldade para recordar-se da ordem exata dos eventos que se sucederam. Lembrava-se de ter saltado e girado, e de ver um Kuritai tombar com a cabeça quase decepada, mas, na maior parte, lembrava-se apenas de uma confusão tingida de vermelho causada pelas lâminas entrecrocando-se e por corpos retalhados. O conflito terminou com a chegada dos Guardas da Casa, que investiram com as alabardas para matar os Kuritai restantes e empurrar os Espadas Livres por sobre a muralha.

Reva viu-se mais uma vez saudada, recebendo tapas nas costas dados pelos homens da Guarda do Reino. Ela estava cansada demais para rechaçá-los, e Arken teve de tirá-la do meio da multidão. Ela ficou feliz por vê-lo ileso, mas o

rosto do garoto tinha o aspecto pálido de alguém que matara pela primeira vez em um combate corpo a corpo.

Ela parou ao ver o jovem sargento da Guarda do Reino erguer à força um Espada Livre ferido; o volariano segurava o braço ferido, onde se via o brilho branco do osso.

— Onde está seu chicote agora, seu miserável de merda? — O sargento sacou uma adaga e cravou-a no ferimento, torcendo-a enquanto o homem gritava. — Onde está seu chicote agora, hein?

— Apenas o mate e acabe logo com isso! — ordenou Reva. — Coloque suas fileiras em forma. A noite ainda não acabou.

Lutaram por quase quatro horas, quando então o primeiro brilho da alvorada irrompeu sobre o largo rio. Durante a noite, mais e mais batalhões atravessaram o passadiço para tentar a sorte e cada vez mais corpos cobriram o solo à medida que os ataques fracassavam. Foi custoso; Arentes relatou baixas de mais de trezentos mortos e duzentos feridos, mas haviam resistido. Os volarianos sobreviventes enfim recuaram; os Varitai reagrupavam-se e recuperavam seus escudos enquanto os Espadas Livres se esqueciam da disciplina e corriam sob outra chuva de flechas, enquanto aumentava o número de mortos causados pelos arcos longos.

Gritos exaltados trouxeram Reva de volta ao presente, vendo um volariano vivo sendo arrastado até ela. Um Espada Livre, a julgar pelo seu medo evidente, que se transformou em terror abjeto ao vê-la.

— Sim — disse Reva. — A *elverah* está aqui.

O homem apenas a olhou, apavorado, com um mínimo resquício de lucidez nos olhos. *Esse jamais lutará novamente.*

— Minha senhora? — perguntou um dos arqueiros, com a adaga já sacada.

— Alguém aqui fala a língua dele?

Somente Veliss tinha conhecimento suficiente para comunicar-se com o homem, e mesmo assim só por escrito. Ela consultou seus livros para traduzir a mensagem de Reva e fez o homem recitá-la. Poderia ter sido mais fácil mandar uma mensagem escrita, mas ela queria que os volarianos ouvissem o medo na voz do homem quando relatasse suas palavras.

— A *elverah* tem muito poder e matará todos os que atacarem essa cidade. Mas ela também é misericordiosa. Seus comandantes desperdiçam suas vidas em ataques inúteis enquanto permanecem sentados em suas tendas. Qualquer um que depuser suas armas a partir de agora será poupado da vingança da *elverah*. Apenas a morte aguarda aqueles que permanecerem.

— Ele está dizendo direito? — perguntou Reva a Veliss enquanto o homem tropeçava nas palavras escritas em um pergaminho erguido diante dos seus olhos.

— Pelo que sei, sim.

Reva virou-se para Antesh.

— Faça-o ler dez vezes e então o deixe ir. Estarei com meu tio.

Eles não apareceram nas duas noites seguintes. O acampamento volariano cuidava de seus assuntos marciais, mas não havia sinal de preparação para outro ataque. Se mais torres ou balsas estavam sendo construídas, faziam-no fora de vista. Eles se exercitavam e enviavam patrulhas montadas, mas não tentaram mais atravessar o passadiço.

— Parece que pretendem nos matar de fome, afinal — comentou Antesh.

— Covardes desgraçados — disse Lorde Arentes. — Mais alguns ataques como o da outra noite e teríamos vencido esse cerco.

— Por isso estão tentando nos matar de fome. — O Lorde dos Arqueiros aproximou-se de Reva. — Poderíamos atacar, minha senhora. Uma ou duas investidas. Talvez isso os leve a outro ataque imprudente.

— Como queira — disse Reva. — Desde que seja pequeno e apenas com voluntários. De preferência homens sem famílias.

— Cuidarei disso, minha senhora.

Os dias seguintes foram tomados por uma rotina enfadonha de inspeções diárias, treinamento dos defensores para garantir que não amolecessem e leitura dos relatórios de Veliss sobre suprimentos que minguavam incessantemente.

— Já estamos na metade? — perguntou ela certa noite. — Como é possível?

— As pessoas parecem comer mais quando estão com medo — respondeu Veliss. — Além disso, acabamos com a carne fresca e com os animais nas primeiras semanas. Agora é apenas pão e um pouco de carne salgada. Lamento, querida, mas é preciso cortar a ração. E não só do povo, mas dos soldados também. Isto é, se quisermos sobreviver ao inverno.

Reva olhou para os números escritos com esmero no pergaminho de Veliss.

— Você aprendeu isso em algum lugar? — perguntou ela. — A arte da pena.

— Meu velho pai era o escriba da aldeia. Ele me ensinou o ofício, mas as... distrações femininas me levaram a Varinshold antes que eu pudesse me tornar uma aprendiz.

— Ele batia em você? Por isso você partiu?

Veliss riu.

— Pela Fé, não. Duvido que ele tenha levantado a mão para alguém, nem mesmo para minha mãe, embora a vaca traidora certamente merecesse. Ele era apenas um homenzinho gentil e enfadonho que não desejava ver nada além de sua aldeia. Eu queria mais.

O tio de Reva voltou a se mexer junto à lareira, murmurando algo enquanto dormia.

— Ele tem sonhado muito ultimamente — disse Veliss. — E fala sem parar sobre sua família quando está acordado. — Apesar do tom mordaz, Reva podia ver a preocupação no rosto da mulher e o pesar por um homem que ainda não estava morto. Ela resistiu ao impulso de pegar a mão de Veliss e levantou-se.

— Separe vinho suficiente para as necessidades dele — disse Reva. — E esvazie a adega. As garrafas serão dadas ao povo. Isso pode adoçar o amargor

do corte nas rações.

— Ou encher as ruas de bêbados desordeiros.

— Distribua um pouco de cada vez. Mais alguma visita do maldito Leitor?

— Não, o velho parece satisfeito em esbravejar em sua catedral. No entanto, as cerimônias andam bastante cheias, e minhas fontes me dizem que os discursos tornam-se mais bizarros e trágicos a cada dia. O julgamento do Pai está recaindo sobre nós e assim por diante. Pode ser um problema à medida se as coisas piorarem. — Reva detectou certo peso nas palavras de Veliss.

Ela olhou para o tio.

— Ele tinha algum plano para restringir o poder do velho?

— Ele preferia o jogo lento. Reunir informações e evidências de hipocrisia ou corrupção e esperar pelo momento certo para usá-las, como poder de barganha ou para substituir o Leitor por um clérigo mais tratável. Com sua chegada, finalmente tínhamos algo que poderia nos dar uma vantagem.

— Mas somente se conseguíssemos encontrar o sacerdote.

— Exato.

Reva foi até a janela e olhou para os coruchéus gêmeos. *Ele não está aqui, pensou. Não está na cidade. Eu sentiria seu cheiro se ele estivesse.*

— Diga aos seus amigos para continuarem vigiando — disse ela. — Por ora.

Reva foi despertada nas primeiras horas da manhã pelas sacudidas insistentes de Arken. Ela passara a dormir no divã da biblioteca entre os turnos na muralha, desejando permanecer perto do tio. Aparentemente, Veliss decidira dividir o divã com ela em algum momento da noite. A mulher estava pressionada contra ela, com um braço em volta de sua cintura e a cabeça encostada em seu ombro; suas madeixas castanho-escuras cobriam parcialmente o rosto de Reva. Ela cheirava a morango.

Reva desvencilhou-se depressa, pegando as armas e evitando o olhar de Arken. Porém, se viu algo inconveniente na cena, isso não transpareceu na voz do garoto.

— Está acontecendo alguma coisa no rio.

— O que são essas coisas? — perguntou Reva, olhando para os estranhos engenhos montados nos conveses dos navios ancorados no rio. Era difícil discernir as formas na neblina matutina que pairava sobre o Ferrofrio, mas eram largas e atarracadas, com ombros arredondados e braços grossos, agachadas como gigantes deformados.

Lorde Antesh olhava para os navios em um silêncio sombrio, e foi Arentes quem respondeu.

— Máquinas, minha senhora, mas são diferentes de todas que já vi.

O eco ténue de ordens gritadas percorreu o rio quando uma longa fileira de barcos surgiu na neblina que cobria a margem oposta, cada um transportando algo grande e redondo.

— Há uma pedreira apenas a dezesseis quilômetros ao sul — comentou Antesh em um tom reflexivo. — Não se pode incendiar uma pedreira. — Ele pegou o arco de vara grossa, colocou uma flecha na corda e ergueu-a em um ângulo alto, puxando a corda uns bons quinze centímetros atrás da orelha antes de soltá-la. A flecha descreveu um arco alto sobre o rio e caiu nas águas rápidas a pouco mais de nove metros do navio mais próximo.

— Que máquina pode lançar uma pedra mais longe do que o alcance de uma flecha? — indagou Arentes

— Parece que essas podem — respondeu Antesh. Seu olhar desviou-se das máquinas para a muralha. — As pedras provavelmente cairão entre a casa da guarda e o bastião oeste. Se forem espertos, tentarão múltiplas brechas.

— Esvaziem as ameias — disse Reva. Arentes partiu imediatamente, gritando ordens, e os defensores na muralha pararam de olhar para as máquinas, boquiabertos, e correram para as escadas.

— É melhor prepararmos defesas longe das muralhas — disse Antesh. — O que significará derrubar algumas casas para criar uma área de abate.

— Faça isso — disse Reva. — Diga à Senhora Veliss para emitir recibos por qualquer perda de propriedade. Ah, e dê aos desalojados o melhor vinho da adega do Senhor Feudal.

Ele fez uma mesura e partiu. Reva observou os barcos que seguiam até os três navios ancorados, ouvindo chicotes estalarem conforme escravos trabalhavam para arrastar pedras para os conveses. Um tinido baixo foi ouvido quando os braços das máquinas foram puxados para trás, chamando a atenção para figuras indistintas que se moviam no convés à medida que as pedras eram colocadas em seus lugares. Então, o silêncio. As máquinas estavam preparadas, mas permaneciam inertes. *O que eles estão esperando?*

Um dos arqueiros empertigou-se e apontou para algo rio acima. Reva parou ao seu lado e olhou para a neblina, avistando apenas uma sombra indistinta, uma vela quadrada e alta emergindo das brumas. Entretanto, o tamanho do navio logo foi revelado, mostrando-se o maior que ela se lembrava de ter visto, abrindo um sulco nas águas e formando ondas altas que foram se quebrar na margem. O convés do navio ficava pelo menos seis metros acima da água e numerosas figuras moviam-se por ele, ao redor de um toldo branco. Reva apertou os olhos e avistou algo parecido com a silhueta de uma figura alta parada sob a lona. *Veio assistir ao espetáculo, é?* Ela pegou o arco e imaginou se a extraordinária obra de Arren daria força suficiente a uma flecha para alcançar o volariano dali, mas soube que esse seria um gesto vazio de desafio e viu o ânimo dos defensores já despencando diante dos seus olhos.

Ouviu-se um chacoalhar de correntes e um estrondo na água quando o imenso navio ancorou, posicionado quase vinte metros atrás dos três navios com seus gigantes adormecidos. Uma flecha incendiária solitária descreveu um arco ao ser disparada do convés do grande navio, deixando um rastro de fumaça ao

cair na água. Foi o sinal para os gigantes se moverem, soltando os braços grossos para frente com um grande zunido e lançando pedras a princípio rápidas demais para serem acompanhadas com o olhar, que subiram alto o bastante para ficarem pequenas como cascalhos arremessados por uma criança irritada. As pedras pareceram pairar no céu por uma eternidade, como se tivessem sido congeladas pelo Pai do Mundo em resposta às milhares de preces que subiam das muralhas, mas, se foi esse o caso, Ele segurou-as apenas por um instante.

A primeira pedra não alcançou o alvo, colidindo na margem do rio com força suficiente para sacudir a muralha debaixo dos pés de Reva e levantar uma tromba-d'água alta o bastante para fazer chover sobre as ameias. A segunda pedra passou por cima da muralha, arrancando alguns pedaços da ameia interior antes de aterrissar com um estrondo nas casas além, provocando gritos e o som de centenas de tijolos caindo nas ruas.

Contudo, era evidente que os engenheiros que controlavam o terceiro gigante conheciam muito bem seu trabalho. A imensa esfera de pedra bateu pouco abaixo da beirada da muralha oeste, e a força da colisão fez com que Reva cambaleasse quando o impacto causou uma explosão de destroços. A pedra rolou pela muralha externa e caiu na margem abaixo, emitindo um baque surdo. Reva olhou para o local do impacto, esperando que as rachaduras na pedra comesçassem a se alargar imediatamente e que a seção inteira desmoronasse. Porém, a poeira assentou e a muralha resistiu.

Reva levantou-se e observou os braços dos gigantes puxados para trás e prontos para o próximo arremesso enquanto os engenheiros se ocupavam em ajustar a mira. *Bem*, pensou ela, *essas coisas precisam desaparecer.*

Dessa vez, Reva permaneceu firme diante das ameaças de renúncia de Antesh e das imprecizações feitas por Veliss com os olhos marejados.

— Tem de ser eu — disse ela simplesmente, sem mencionar a razão. *Ninguém mais pode ir. Ele não mandou outra pessoa contra as máquinas alpiranas durante a guerra no deserto, e eu também não mandarei.*

Os barcos foram preparados no canal estreito na muralha norte que dava acesso ao rio. Cinquenta homens escolhidos em dez barcos abarrotados de potes de óleo e flechas incendiárias. Assim como Reva, todos usavam preto, tinham fuligem espalhada por cada centímetro de pele exposta e haviam manchado todas as lâminas para ocultar seu brilho. Reva encontrou Arken na proa de seu próprio barco, sentado em silêncio e segurando o machado com as duas mãos. Pela posição de seus ombros, era evidente que removê-lo do barco exigiria uma força considerável.

— Espero que o tenha mantido afiado — disse Reva, sentando-se ao lado dele e indicando o machado com a cabeça.

— Parece que não importa — disse ele. — É só acertá-los com força suficiente que eles caem mesmo assim.

Ela lhe beijou a bochecha, vendo que não conseguia deixar de apreciar o rubor que tomou conta da pele de Arken, apesar de sentir uma pontada de culpa.

Não faça uma promessa que não poderá cumprir.

— Fique perto de mim.

Os barcos partiram do canal pouco depois da meia-noite. O céu estava nublado, poupando-lhes de serem vistos ao luar enquanto avançavam contra a correnteza, usando remos bastante engraxados para abafar o som. Seguiram rio abaixo por quase cem metros antes de virarem para oeste e recolherem os remos, deixando que a correnteza fizesse o trabalho enquanto permaneciam encolhidos dentro dos barcos. As máquinas continuavam a bombardear a muralha mesmo à noite, com navios bem iluminados por tochas para permitir que os engenheiros operassem os monstros. O som baixo de pedra contra pedra era como uma batida lenta de tambor conforme os timoneiros traziam os navios cada vez mais perto.

Reva levantou-se quando o navio mais próximo estava ao seu alcance, colocando a flecha na corda, procurando um alvo e encontrando um homem corpulento a bombordo, que dava marretadas em alguma parte da máquina. Foi uma tentativa ruim, pois o balanço da correnteza e o movimento para frente do barco desviaram sua mira, mas ela conseguiu cravar a flecha na coxa do engenheiro. O homem deu um grito e caiu no convés; seus companheiros ergueram-se, assustados e facilmente discerníveis à luz das tochas.

— Ataquem! — gritou Reva, pegando outra flecha e disparando. Os outros arqueiros levantaram-se e dispararam como um só, varrendo os engenheiros do convés em um instante. O timoneiro colocou o barco ao lado do navio e mais três embarcações aproximaram-se enquanto Reva agarrava uma corda e subia a bordo. O convés estava repleto de cadáveres e feridos, alguns severamente, outros não.

— Acabem com todos! — berrou ela, indicando a máquina com um gesto para os homens que traziam o óleo. — Queimem-na!

Eles começaram a trabalhar, e Reva foi até a amurada a estibordo para ver os outros barcos atacarem as máquinas restantes. Os arqueiros estavam de pé, com as cordas dos arcos puxadas, quando os toques de múltiplas cornetas ressoaram pela água. A grande sombra da belonave volariana foi iluminada quando tochas foram acesas de proa à popa, revelando uma multidão de arqueiros tomando o convés e o cordame.

— Abaixem-se! — gritou Reva, estendendo a mão para Arken. O garoto olhou para o enxame de flechas que se erguia do convés da belonave, boquiaberto, e atirou-se para encobri-la com o corpanzil. As flechas volarianas soaram como uma chuva de granizo ao caírem no navio, e Arken soltou um grito de dor, caindo sobre Reva e segurando-a no convés. Ela olhou por baixo do cotovelo do garoto e viu quatro homens seus presos às tábuas, perfurados da cabeça aos pés. Arken gemeu e tentou levantar-se.

— O rio! — sibilou Reva.

Arken agarrou-a e rolou-a consigo na direção da amurada a bombordo. Ele caiu quando outra saraivada de flechas desceu sobre o navio, mergulhando no rio, mas Reva continuou no convés, retraindo-se à medida que as flechas cravavam-se na madeira ao seu redor, uma a menos de três centímetros de sua mão esquerda, que estava agarrada à amurada. Ela parou para passar os olhos

pelo convés e não viu sobreviventes entre os homens que a haviam acompanhado até aquele navio ou entre os engenheiros que haviam atacado. No entanto, a máquina permanecia intacta, generosamente coberta pelo óleo jogado antes do ataque das flechas.

Reva olhou para o arco em sua mão direita, passando rapidamente o polegar sobre os belos entalhes. *Desculpe-me, Mestre Arren*. Ela jogou o arco no Ferrofrio, saltou novamente para o convés, agarrou uma tocha de um pilar e a arremessou contra a máquina, fazendo o óleo de lamparina queimar. Reva virou-se e atirou-se por sobre a amurada, ouvindo o zunido de inúmeras flechas antes de ser envolvida pelo frio. Permaneceu debaixo d'água tanto quanto ousava, sentindo o calor deixar seu corpo ao nadar com dificuldade em direção à cidade, emergindo para recuperar o fôlego e mergulhar novamente. Pareceu passar-se uma eternidade até sentir os juncos ao seu redor, agarrando-os para sair da água. Reva ficou deitada na margem, ofegando por um longo tempo e erguendo a cabeça para ver o navio e a máquina queimarem; entretanto, suas duas irmãs permaneciam intactas. Ela podia ver corpos na água, levados pela correnteza.

— Arken! — Reva forçou-se a ficar de pé e cambaleou ao longo da margem. — Arken!

Como se zombassem dela, as duas máquinas sobreviventes dispararam ao mesmo tempo, mandando pedras pelo vazio negro para explodirem na muralha acima de sua cabeça e forçando-a a desviar-se da chuva de alvenaria. Os destroços caíram na pilha de entulho abaixo da brecha cada vez maior na muralha. Não era uma barreira enorme, mas agora parecia mais uma montanha.

— Ela está aqui! — gritou alguém no alto da muralha. — A abençoada Senhora Reva está viva!

Ela ergueu a cabeça e avistou vários rostos pálidos nas ameias e um coro crescente de adulação subindo das muralhas à medida que a notícia de sua sobrevivência espalhava-se.

Eles acham que é uma vitória, compreendeu Reva, olhando mais uma vez para o rio. As luzes na belonave estavam se apagando uma a uma e a máquina em chamas ainda queimava, mas não com tanta intensidade. Uma frase do Livro da Sabedoria veio-lhe à mente: *A guerra transforma-nos em tolos*.

Arken foi encontrado perto do passadiço, com uma flecha cravada nas costas e inconsciente pelo frio e pela perda de sangue. Reva correu para a casa de cura após ser erguida até as ameias com a ajuda de uma corda longa. Os defensores aglomeraram-se em volta dela, dando voz ao seu apreço reverente, ficando de joelhos, rezando abertamente ao Pai ou simplesmente a encarando. De repente, ela os odiou, considerando aquela crença desesperada uma traição repugnante ao sacrifício que acabara de testemunhar. *O Pai não fez nada!*, queria dizer para repreendê-los. *Fui poupada por pura sorte. Não sou abençoada. Olhem os corpos flutuando no rio! Eu fiz aquilo!*

Nada daquilo podia ser dito em voz alta, é claro. Eles precisavam que Reva

fosse abençoada, precisavam achar que o olhar do Pai estava voltado para aquela cidade.

O Irmão Harin estava lavando o sangue em suas mãos quando ela chegou à casa de cura. Arken estava deitado de bruços em uma mesa; sua pele estava lívida, exceto pelos filetes vermelhos que escorriam de um ferimento parcialmente enfaixado nas costas. O garoto tinha os olhos fechados, mas Reva viu um movimento suave sob as pálpebras.

— Ele vai viver? — perguntou ela.

— Suponho que sim — respondeu Harin. — Sendo jovem e forte feito um boi.

Reva desabou aliviada, encostando-se na parede e escorregando para o chão. *Chega de lágrimas*, lembrou a si mesma quando sentiu os olhos úmidos.

Harin aproximou-se com um cobertor, erguendo-a com gentileza e enrolando-o em seus ombros.

— Isso não é bom, minha senhora — ele comentou, pressionando uma das mãos na testa de Reva. — Nem um pouco bom.

Ele a sentou junto à lareira com o cobertor em volta dos ombros; Reva agarrava uma caneca com um líquido escuro e fumegante enquanto o irmão dava pontos no ferimento de Arken.

— A cidade inteira está em polvorosa — disse ele, com os olhos fixos no trabalho. — Por ter levado a justiça flamejante do Pai às terríveis máquinas dos hereges.

— Duvido que você compartilhe de tais sentimentos, irmão — retorquiu Reva, bebericando a bebida e franzindo o rosto com uma aversão instantânea. — O que é isso?

— Amigo de Irmão. É sempre bom para afastar o frio se for aquecido por alguns minutos.

Ela se lembrou de como o poeta bêbado que vivia na casa de Alornis tragava aquela mistura como se fosse leite e sacudiu a cabeça espantada ao forçar-se a tomar outro gole.

— Isso deve me deixar tonta? — perguntou ela após um momento.

— Ah, sim.

— Então está funcionando. — Ela permaneceu sentada, sentindo o calor espalhar-se enquanto bebericava e a língua adormecer com o amargor da bebida. O Irmão Harin movia as mãos com uma destreza curiosa para um homem tão grande enquanto usava duas pinças para passar o categute pelas beiradas do ferimento de Arken. — Você é muito habilidoso, irmão.

— Ora, obrigado, minha senhora.

— Ele me contou sobre vocês, sabia? — Ela fez uma pausa para beber mais um pouco. — Sobre a Quinta Ordem. *Melhoresh* curandeiros do mundo, ele disse.

— Ele?

— Al Sorna. Lâmina Negra. Quem *maish*? — Reva levou a caneca aos lábios, perguntando-se como se esvaziara tão depressa. — Pensei que eu também podia, entende? Fazer o que ele fez. Só consegui que todos fossem mortos. Mas não eu. Eu tenho a bênção do Pai.

— Não sei sobre a bênção do Pai, minha senhora — disse o curandeiro em um tom brando. — Mas sei que esta cidade continua a resistir graças à senhora. Nunca se esqueça disso.

Ouviu-se um tumulto na porta e Veliss irrompeu na sala, suspirando aliviada ao ver Reva. Aproximou-se dela e tocou em seu rosto com gentileza e com os olhos arregalados de felicidade.

Reva soluçou e soltou um pequeno arrote.

— Ela está bêbada — disse Veliss a Harin em um tom acusador.

— E consideravelmente mais aquecida — retorquiu o irmão.

Veliss voltou o olhar para o corpo inerte de Arken.

— Apenas os dois?

— Infelizmente, sim. Lorde Antesh mandou vasculharem as margens, mas não teve sorte.

— Cinquenta *homensh* — disse Reva, arrastando as palavras e perguntando-se por que a sala parecia tão escura. — Nunca matei tantos de uma só vez.

— Você fez o tinha de fazer, querida. — Veliss passou um braço pelos ombros dela e levantou-a. — Vamos para casa. Seu tio está perguntando por você.

— Cinquenta *homensh* — sussurrou Reva quando o mundo começou desaparecer e seus olhos fecharam-se, pesados como chumbo. — Abençoada pelo Pai...

Sua cabeça doía mais do que ela imaginara ser possível, fazendo com que se perguntasse se o Pai havia colocado um machado invisível em sua cabeça como castigo por suas dúvidas pecaminosas. Os estrondos incessantes das pedras lançadas pelas máquinas não ajudavam em nada. A primeira coisa que Reva fez pela manhã foi examinar a brecha, flanqueada por quatro Guardas da Casa para que mantivessem afastados os habitantes mais fervorosos. Muitas vezes se ergueram enquanto ela passava pelas ruas, com gritos de agradecimento e puro espanto; alguns se ajoelhavam quando a viam, tal como ajoelhavam-se para o Leitor na praça. Aquilo era demais.

— Parem com isso! — exclamou Reva, parando perto de um casal idoso que se ajoelhará diante de uma loja de lã. Os dois continuaram a olhar fixamente para ela com uma reverência estupefata.

— O Pai a enviou a nós, minha senhora — disse a idosa. — A senhora faz com que Ele olhe por nós.

— O que faço é usar uma espada e um arco, um dos quais perdi ontem à noite. — Ela se curvou, segurando o cotovelo da mulher para levantá-la. — Não se ajoelhe por mim. Aliás, não se ajoelhe por ninguém. — Reva percebeu que outras pessoas estavam se aglomerando ao redor, arrebatadas, fixando os olhos em seu rosto. — Esta cidade não será defendida por ajoelhados. Ajoelhem-se agora, e as muralhas cairão, e as pessoas que as derrubarem farão com que vocês fiquem ajoelhados pelo resto de suas vidas.

A multidão permaneceu em silêncio à sua volta. Ela via reverência em

todos os rostos... exceto em um.

Havia uma mulher jovem com um bebê no colo no fundo da multidão, com o rosto taciturno de desespero e os malarres encovados pela falta de comida. O bebê em seus braços tocava-lhe o rosto com as mãos minúsculas. Reva atravessou a multidão, que abriu caminho com as cabeças baixas.

— Posso vê-lo? — perguntou Reva, colocando uma das mãos nos panos do bebê. A jovem assentiu lentamente e puxou o cobertor para o lado, revelando um rosto rosado e feliz, com as bochechas rechonchudas. Covinhas se formaram quando a criança sorriu para Reva.

— Ele está bem alimentado — disse ela. — Você não.

— Não faz sentido deixá-lo passar fome — disse a jovem com um sotaque asraelino, o que explicava a falta de reverência a Reva.

— O pai dele?

— Foi para a muralha, mas não voltou. Disseram que ele foi corajoso, o que é alguma coisa, acho.

Reva retraiu-se com o impacto retumbante de outra pedra lançada na muralha. A brecha cada vez mais larga era visível dali, formando um triângulo invertido e irregular mais alto que os telhados. *Quando se abrir de vez, não será mais um cerco*, compreendeu ela. *Será uma batalha*.

— As rações serão dobradas amanhã — disse Reva à jovem. — Dou minha palavra. Enquanto isso, vá até a mansão e peça para falar com a Senhora Veliss. Diga-lhe que eu a enviei para ajudar na cozinha.

Lorde Antesh estava supervisionando a construção de outra robusta muralha a quase vinte metros atrás da brecha aberta. As casas em volta haviam desaparecido e suas pedras eram usadas para erguer a nova muralha. Pedreiros trabalhavam com afinco, usando argamassa e espátulas para erguer uma barreira de três metros de altura ao redor do local da brecha, em semicírculo e com um parapeito.

— Minha senhora — cumprimentou Antesh com uma mesura. — Mais dois dias e terminaremos aqui. Obviamente precisaremos de mais muralhas quando eles começarem a trabalhar na segunda brecha, como certamente farão.

— Eu estava esperando que eles arriscassem tudo em uma única brecha — disse Reva, ciente de que a noite anterior fornecera amplas evidências de que o comandante inimigo parara de cometer erros.

— Tenho uma surpresa para a senhora — disse Antesh, andando até uma carroça ali perto. — Um de meus homens o encontrou quando vasculhávamos a margem. — A corda do arco de olmo se perdera, mas fora isso a arma parecia intacta; a madeira ainda reluzia, sem marcas que danificassem os entalhes. — Parece que o Pai não quer que a senhora se separe dele — observou Antesh.

Reva conteve um suspiro. Em poucas horas aquilo se espalharia pela cidade. *O Pai devolveu o arco encantado para a Senhora Abençoada*. Mais evidências de Seu olhar benevolente.

Reva ficou chocada ao ver um eco da reverência do povo no olhar do Lorde

Arqueiro quando ele lhe entregou o arco. *Até mesmo ele*, pensou. *É aí onde realmente reside a atenção do Pai? No olhar daqueles que se agarram a Ele por esperança e libertação?*

— Obrigada, meu senhor — disse Reva. — Estarei na muralha se precisar de mim.

Passaram mais dez dias ouvindo o estrondo incessante das pedras na muralha, um lembrete constante de que a areia na ampulheta estava chegando ao fim. Reva passou a sentar-se de pernas cruzadas nas ameias, a uns quarenta metros da brecha, assistindo as grandes esferas despencarem. Era estranhamente atraente vê-las voar em um borrão de poeira e pedra explodindo ao atingirem o alvo. Ela alimentava a leve esperança de que seria avistada pelo comandante volariano e de que ele desperdiçaria algumas pedras tentando esmagá-la, porém, se o homem a vira, parecia não estar disposto a perder tempo com distrações.

As tardes eram passadas na casa de cura, ajudando o Irmão Harin ou visitando Arken, que ainda se recuperava do ferimento de flecha. Apesar dos esforços do irmão, o ferimento supurara, obrigando-o a realizar uma habilidosa intervenção com o bisturi e uma aplicação generosa de óleo de corr.

— Você está fedendo — disse-lhe Reva no dia seguinte, franzindo o nariz diante do odor pungente.

— O cheiro não é tão ruim — disse o garoto. — A dor é pior.

— De Veliss. — Reva colocou um saco de nozes açucaradas ao lado da cama. — Aproveite aos poucos, pois não haverá mais.

— Prometa — disse Arken, agarrando a mão dela e encarando-a com olhos escuros e determinados. — Prometa que você me chamará quando eles vierem. Não me deixe morrer nessa cama.

Você tem muitos anos pela frente, Reva quis dizer, mas se conteve. *Ele pode ser jovem, mas não é burro.*

— Eu prometo — disse ela.

Apesar de toda a aparente devoção e do aumento das rações, o estado de espírito da população ficava cada vez mais sombrio à medida que a brecha se alargava. Havia menos gritos de adulação quando Reva andava pelas ruas, onde frequentemente ela via pessoas chorando abertamente; um velho entregou-se ao desespero e desabou na rua, cobrindo os ouvidos com as mãos para abafar os lentos sons do trabalho das máquinas. E o Leitor continuava fazendo suas pregações.

Os informantes de Veliss falavam sobre os sermões cada vez mais dementes do velho. Ele costumava falar durante horas, sem fazer qualquer referência aos Dez Livros, usando mais e mais as palavras “hereges” e “julgamento”.

— Um velho louco gritando em um salão — disse Reva em resposta ao semblante preocupado de Veliss.

— É verdade — disse a mulher. — Mas o salão não está vazio. Na verdade, está mais cheio do que nunca.

Uma pedra atingiu a brecha, levantando outra nuvem de poeira e alvenaria destruída. Reva voltou o olhar para os navios e viu-os mais ocupados do que nunca, com os engenheiros correndo de um lado para o outro, puxando cordas e acionando alavancas, fazendo as máquinas girarem em seus suportes com lenta determinação.

Ela caminhou até a beirada da brecha e olhou para os destroços envoltos em poeira. Pedras que haviam durado séculos reduzidas a escombros em poucas semanas. Ouviu-se o zunido familiar das máquinas disparando em uníssono e das pedras descrevendo seus arcos lentos contra o céu límpido e atingindo a muralha a cerca de cento e cinquenta metros de onde Reva se encontrava.

Ela ergueu o olhar para a belonave volariana. O toldo fazia uma sombra escura, mas ela conseguiu ter um vislumbre de uma figura alta que também a olhava. Pode ser sido sua imaginação ou uma ilusão causada pela luz, mas Reva pensou ter visto o homem fazer uma mesura.

— Minha senhora... — Reva ouviu um chamado fraco às suas costas. Virou-se e viu uma mulher que subia correndo os degraus em direção às ameias com um bebê chorando nos braços. Era a jovem mãe asraelina com quem Reva falara alguns dias antes, com o rosto pálido e tomado pelo medo. Reva adiantou-se e a seguiu quando ela cambaleou, respirando com dificuldade e falando em meio ao choro da criança.

— Eles a levaram — ofegou ela. — A Senhora Veliss nos escondeu, mas eles a levaram. E levaram todos os outros Fiéis.

— Quem levou? Para onde?

— Uma multidão gritando sobre o julgamento do Pai. — Ela fez uma pausa e apertou a criança contra o peito. — Disseram que estavam levando todos eles para o Leitor.

CAPÍTULO CINCO

Vaelin

— Mais duzentos hoje — disse Nortah, deixando o arco de lado e atirando-se em uma cadeira. — A maioria homens. Todos ávidos por vingança, o que é bom. Suas mulheres e filhas foram levadas por outra caravana. Poltar partiu e está procurando por elas.

— Com eles chegamos a quantos? — perguntou Vaelin ao Irmão Hollun.

— Libertamos mil quinhentas e setenta e duas pessoas desde que entramos em Nilsael, meu senhor — respondeu o irmão sem hesitar. — Pouco mais da metade em idade para lutar. A maioria optou por juntar-se ao nosso exército, embora seja necessário mencionar nossa constante falta de armas.

— Pegaremos as espadas dos traficantes de escravos — observou Nortah. — Além de quaisquer machados e foices que encontrarmos nas aldeias repletas de cadáveres que encontraremos.

Vaelin olhou para as tendas aglomeradas em torno de uma curva do rio que mudava seu nome de Salgado para Vellen quando cruzava a fronteira nilsaelina. O acampamento crescia a cada dia, lar de mais de quarenta e cinco mil homens, agora que tinham os nilsaelinos de Marven para aumentar as fileiras. Logo após o Irmão Harlick ter composto o acordo, o Senhor Feudal levantara-se para partir para sua capital, pressionando seu selo na cera com uma risada costumeira e fazendo sinal para que os carregadores de sua liteira se mexessem.

— Pode ficar com os gêmeos idiotas — dissera ele a Vaelin, balançando na cadeira enquanto o levavam embora. — Sempre ansiaram por uma guerra, mas não fique surpreso se mijarem nas calças ao sentirem o cheiro de sangue. Vou chamar todos os homens que puder e enviá-los em seguida. Tente não perder muitos. Feudos não se aram sozinhos, entende?

Alornis estivera ocupada fazendo esboços durante a cerimônia de selagem, iniciando um novo quadro pouco depois. Ao contrário de Mestre Benril, ela não via necessidade de drama ou embelezamento adicionais. Embora ainda estivesse inacabada, a pintura mostrava o dom de Alornis para o realismo extraordinário na representação de um velho sorridente e curvado sobre um pergaminho sob o olhar dos capitães, com variados graus de inquietação ou desconfiança em cada rosto.

— Eu realmente estava tão bravo assim? — perguntou Vaelin.

— Não faço lisonjas, meu irmão — respondeu ela, respingando corante nele com o pincel. — Vejo e pinto. Nada mais.

Vaelin examinou a fileira de rostos fechados ou franzidos e encontrou uma exceção. Nortah estava mais atrás, com um leve sorriso enviesado nos lábios.

— Eles precisarão de treinamento — disse ele ao seu irmão, indo até a mesa e pegando uma folha de pergaminho. Molhou a pena e começou a escrever, formando as letras com lenta precisão. — Nortah Al Sendahl é designado, por meio desta, Capitão da Companhia Livre do Exército do Norte. — Ele assinou o pergaminho e o entregou a Nortah. — Você pode ficar com o Sargento Davern como segundo em comando.

— Aquele fanfarrão? — escarneceu Nortah. — Não posso ter alguém da Guarda do Norte?

— Ele é bom no manejo da espada e sabe ensiná-la. E não posso reduzir a Guarda do Norte ainda mais. Só poderemos ficar aqui mais dois dias, então os treine intensamente.

— Como queira, poderoso Senhor da Torre. — Nortah foi até a entrada da tenda e parou. — Vamos mesmo marchar até Alltor?

A insistência da canção aumentava à medida que marchavam para o sul, com um tom cada vez mais urgente. *Ela está lutando. Eles vieram para derrubar as muralhas, mas ela está lutando.*

— Sim, irmão — respondeu Vaelin. — Nós vamos.

Retomaram a marcha dois dias depois, mantendo um ritmo duro de cinquenta quilômetros por dia e pouca clemência com os desgarrados. Entretanto, como em qualquer exército, havia preguiçosos e desertores. Vaelin deixava os preguiçosos aos cuidados dos sargentos, mas os desertores eram perseguidos pela Guarda do Norte e trazidos para terem armas, dinheiro e sapatos confiscados antes de serem chicoteados e dispensados. Eram apenas poucos homens, e ele odiava a necessidade de tal ato, mas aquele estava longe de ser um exército profissional e a tolerância que demonstrara com os Lobos Corredores seria uma indulgência perigosa naquelas circunstâncias.

Eles vadearam o Vellen no quinto dia, seguindo para o sul até avistarem as silhuetas escarpadas dos Picos Cinzentos, quando Vaelin ordenou que parassem para um dia de descanso e reconhecimento de terreno. Como esperado, Sanesh Poltar trouxe notícias sombrias ao anoitecer.

— Muitos cavaleiros — disse ele ao conselho de capitães. — A sudeste. Cavalgam depressa atrás de soldados marelim sil, que estão a pé e têm apenas um terço do número de cavaleiros. Eles seguem para as montanhas, onde buscam abrigo. — A expressão dele estava grave ao sacudir a cabeça. — Não chegarão lá.

— Há tempo suficiente para nossos cavaleiros chegarem lá? — perguntou Vaelin.

O chefe eorhil encolheu os ombros.

— Nós chegaremos. Não posso falar pelos outros.

Vaelin pegou o manto.

— Capitão Adal, Capitão Orven, reúnam seus homens. Partimos imediatamente. Conde Marven, envie a cavalaria nilsaelina para bloquear a passagem ao sul e a oeste. O Exército do Norte está em suas mãos até meu retorno.

Chama o lembrava um pouco Cuspe em seu amor pela corrida, balançando a cabeça e bufando satisfeito ao galoparem para o sul enquanto a massa de cavalos ao redor fazia a terra retumbar. Dahrena cavalgava ao seu lado, tendo repreendido secamente Adal quando o capitão sugeriu que ela ficasse com o exército. Conseguiram acompanhar o ritmo dos eorhil, embora a Guarda do Norte e os homens de Orven fossem obrigados a seguir em seu encaço a uns oitocentos metros atrás. O cair da escuridão forçou uma parada após terem percorrido cerca de trinta quilômetros.

Nenhuma fogueira foi acesa, e os cavaleiros simplesmente permaneceram sentados ou junto às suas montarias, esperando pela luz do dia. Dahrena descera da sela e enrolara-se em um manto ao sentar-se na relva.

— Não devo demorar — disse ela a Vaelin, com um leve sorriso, antes de fechar os olhos.

— Isso é realmente necessário, meu senhor? — perguntou Adal, com a preocupação estampada no rosto ao observar a forma imóvel de Dahrena.

— Eu não mando nela, Capitão. — A canção do sangue emitiu um murmúrio baixo, uma nota de raiva e ressentimento, mas também algo mais, algo que agora parecia óbvio e que transparecia na intensidade do olhar do capitão. *Todos esses anos ao lado dela, e ele nunca lhe contou*, ponderou Vaelin.

Dahrena abafou um grito e abriu os olhos, piscando rapidamente.

— Eles pararam — sussurrou ela, inclinando-se um pouco para frente. Adal aproximou-se para ampará-la, mas Dahrena o afastou com um aceno, levantando-se e soltando um gemido.

— Os volarianos? — perguntou Vaelin.

— A Guarda do Reino. Eles pararam em uma colina uns cem quilômetros ao sul daqui.

Meu irmão resiste, pensou Vaelin. A canção era bastante clara, indicando que Caenis comandava o que restava da Guarda do Reino e que estavam cansados de fugir.

— Remontar! — gritou Vaelin, andando depressa até Chama e pulando para a sela. — Cavalgaremos noite adentro!

Eles se mantiveram a trote até o sol nascer, quando saíram a todo galope. Vaelin exigia bastante de Chama, embora os músculos do cavalo parecessem cantar de alegria enquanto o animal disparava na frente dos eorhil. Chegaram às planícies

após uma hora de cavalgada, onde era possível ver uma colina baixa no horizonte e uma grande nuvem de poeira erguendo-se a leste. Sanesh Poltar conseguiu fazer sua montaria cavalgar ainda mais rápido, passando por Vaelin, erguendo o arco sobre a cabeça e sacudindo-o para leste. Um terço dos eorhil deixou o destacamento principal, disparando em um curso paralelo à nuvem de poeira que aproximava-se.

Vaelin podia ver a Guarda do Reino na colina, disposta em três fileiras, com alguns estandartes tremulando ao vento. Estavam longe demais para que os emblemas fossem discernidos, mas ele sabia que a bandeira central exibia um lobo sobre uma torre.

A cavalaria volariana apareceu logo depois, com homens em armaduras escuras sobre cavalos de guerra altos, investindo com as lanças apontadas. Sanesh Poltar agitou novamente o arco e outro contingente eorhil separou-se da hoste para atacar o flanco volariano. Vaelin seguiu o chefe de guerra até o terreno entre a Guarda do Reino e os volarianos que aproximavam-se. De ambos os lados, todos os guerreiros eorhil colocaram uma flecha em seus arcos, com uma precisão inconsciente, ainda a todo galope. Cavalgaram até uns oitenta metros dos volarianos e dispararam ao mesmo tempo, sem que qualquer ordem fosse dada. As flechas caíram sobre as companhias dianteiras em uma nuvem densa, fazendo cavalos gritarem e tombarem ao serem atingidos e homens rolarem das selas para serem pisoteados pelos companheiros que avançavam. A investida volariana vacilava à medida que os eorhil continuavam a disparar, flanqueando as fileiras e enviando flecha após flecha no aglomerado de homens e cavalos.

Vaelin puxou as rédeas do cavalo e parou para assistir ao desenrolar do espetáculo. Quem quer que estivesse no comando da cavalaria volariana evidentemente não tardou a reconhecer uma causa perdida, atacado por três lados por arqueiros montados e ainda em desvantagem numérica. Trombetas soaram em meio às companhias pressionadas, que recuaram, disparando em direção ao único terreno aberto ao sul. Contudo, os eorhil não haviam acabado seu trabalho.

Sanesh Poltar manteve seu contingente junto ao flanco direito volariano enquanto as duas outras alas continuaram a atacar a retaguarda e a esquerda, lançando flechas em uma chuva contínua e matando cada vez mais cavaleiros e cavalos. Vaelin observou a batalha desaparecer ao sul no mesmo instante em que a Guarda do Norte e os homens de Orven passaram a galope para juntarem-se no golpe final.

Ele virou Chama e trotou em direção à colina onde a Guarda do Reino ainda estava disposta em fileiras. Todos mantiveram a disciplina até avistarem seu rosto, quando então as fileiras se desfizeram e os homens correram até Vaelin com um brado de comemoração, aglomerando-se ao redor do cavalo, com alegria e alívio em cada rosto. Vaelin acenou com a cabeça para eles, sorrindo brevemente diante dos gritos de aclamação, e conduziu Chama adiante até chegarem à colina, onde uma figura solitária encontrava-se sob um estandarte alto. Ele escapou dos soldados que o cercavam e levou Chama pela colina.

— Desculpe-me, irmão — disse ele, desmontando ao lado de Caenis. — Eu

esperava chegar aqui mais cedo...

Vaelin calou-se ao ver o olhar no rosto do irmão, com os olhos penetrantes e o semblante coberto de poeira de um homem que vivenciava apenas batalhas e tormentos havia semanas.

— Tudo isso aconteceu porque você nos deixou — disse ele, em um eco rouco da voz que Vaelin conhecia desde a infância.

Os batedores de Adal trouxeram notícias sobre três batalhões da infantaria volariana a oeste. Parecia que o comandante volariano havia dividido sua força na ânsia de liquidar a Guarda do Reino. Vaelin ordenou aos eorhil que atacassem a linha de retirada e mandou uma mensagem ao Conde Marven, ordenando-o a esmagar a força inimiga o mais depressa possível. *Já era hora de entrarem em ação.*

— Cinco regimentos — relatou Caenis em uma voz seca, com o tom usado por um subordinado dirigindo-se a um superior, sem familiaridade ou afeição. — Ou o que restou deles. O Trigésimo Quinto é o mais numeroso, com um terço de seus homens ainda de pé.

— É verdade? — perguntou Vaelin. — Sobre Darnel?

Caenis assentiu lentamente.

— Nós estávamos em formação de batalha e os volarianos atacavam com força. Quando os cavaleiros de Darnel apareceram, pensamos que haviam vindo em nosso socorro. Não houve aviso; eles simplesmente avançaram a trote até algumas centenas de metros do flanco esquerdo e atacaram, fazendo-o em pedaços. A partir daquele momento, estávamos acabados, mas os homens resistiram. Cada regimento resistiu e lutou, a maioria até a morte. Não tenho palavras para lhes fazer justiça. Lorde Verniers pode ter, caso ainda esteja vivo.

— Verniers? — perguntou Vaelin. — O cronista do Imperador alpirano. Ele estava lá?

— Por ordem do Rei. Material para sua história do Reino. — Caenis o olhou nos olhos pela primeira vez desde o encontro na colina. — Ele tinha uma história interessante para contar e muitas perguntas, especialmente sobre nossos anos na Ordem.

— O que você disse a ele?

— Não mais do que você, imagino.

— Como vocês conseguiram escapar?

— Nós nos reagrupamos e contra-atacamos o centro volariano. Apostei que o general era cauteloso o suficiente com sua própria pessoa para deter o avanço e reunir forças em sua defesa. Por sorte, eu estava certo.

— Seus homens estão vivos graças a você, irmão.

— Nem todos. Perdemos muitos durante a marcha.

— Gallis? Krelnik?

— Krelnik durante o contra-ataque. Gallis na retirada.

Vaelin quis oferecer algumas palavras de consolo e compartilhar lembranças do veterano grisalho e do ex-fora da lei escalador, mas Caenis

desviou o olhar e mais uma vez olhava rigidamente para a frente.

— Lamento ter de pedir que vocês marchem de novo tão cedo, mas temos assuntos a tratar em Alltor — disse Vaelin.

A expressão de seu irmão não se alterou.

— Como meu senhor ordenar.

Será assim daqui para frente?, Vaelin pensou. *Camaradagem transformada em ódio pela perda da Fé?*

Seu olhar foi atraído pelo som de batidas de cascos no solo quando Nortah entrou a galope no acampamento improvisado, seguido aos saltos por Dança da Neve. *Talvez isso melhore o humor de Caenis*, pensou Vaelin quando Nortah pulou da sela, andando a passos largos até Caenis com um sorriso largo no rosto.

— *Você* está morto — cumprimentou-o Caenis com um sorriso, confirmando a suspeita de Vaelin de que seus irmãos jamais acreditaram em sua história sobre a suposta morte de Nortah.

Nortah apenas riu e deu um abraço caloroso em Caenis.

— É muito bom lhe ver, irmão. Faz tempo que seus sobrinhos querem lhe conhecer.

Caenis recuou um pouco quando Dança da Neve aproximou-se, cheirando-o com curiosidade.

— Não dê atenção a ela — disse Nortah. — Encontramos alguns traficantes de escravos hoje, então ela está alimentada.

— Resolvemos seu problema sobre o suprimento de armas — disse-lhe Vaelin, apontando para um monte escuro de corpos ao sul. Os eorhil não compreendiam o conceito de prisioneiros; a guerra era uma questão de absolutos para eles, sem restrições ou compaixões inapropriadas, embora tivessem o cuidado de poupar a maior quantidade possível de cavalos.

— Talvez seja bom deixarem alguns vivos no futuro — comentou Nortah. — Mortos não têm histórias a contar.

— Eu arriscaria dizer que teremos alguns contadores de histórias amanhã.

O Conde Marven não correria riscos com a infantaria volariana, selando os flancos com sua cavalaria enquanto os arqueiros enfraqueciam os inimigos com saraivadas sucessivas. O exército inteiro foi posto em ação quando ele julgou que o inimigo havia sido suficientemente dizimado. A hoste volariana consistia de um batalhão de Espadas Livres e dois batalhões de Varitai. Como se esperava, os Espadas Livres quiseram se render enquanto os Varitai tiveram de ser mortos. Mesmo assim, restaram poucos prisioneiros, e a maioria estava ferida.

— Nenhum oficial — relatou o conde a Vaelin. — O posto mais alto entre eles parece ser de sargento, ou o que quer que eles chamem de sargento.

Ele lançou um olhar irritado aos netos do Senhor Feudal Darvus quando um dos gêmeos gritou de dor enquanto seu irmão tentava dar pontos em um corte que ele tinha no antebraço.

— Então eles não mijaram nas calças? — perguntou Vaelin em voz baixa.

— Pelo contrário. Não houve como segurar aqueles dois, meu senhor.

Coragem eles têm em abundância... — Ele abaixou a voz. — Inteligência, no entanto...

— Meus senhores — gritou Vaelin aos gêmeos. — É melhor irem até a tenda do Irmão Kehlan.

Os dois lordes levantaram-se e curvaram-se com a uniformidade costumeira.

— Homens com ferimentos mais graves necessitam das atenções do curandeiro, meu senhor — respondeu o gêmeo à esquerda. — Um verdadeiro cavaleiro não o incomodaria com uma trivialidade.

Vaelin notara que ele era o único que falava, possivelmente para evitar que falassem em uníssono.

— A experiência dos senhores com verdadeiros cavaleiros é evidentemente limitada. Seu avô não me agradecerá se os senhores retornarem com membros perdidos por conta de pontos supurados. — Ele acenou com a cabeça para a aba da tenda. — Andem.

— Recolhemos armas mais do que suficientes para a Companhia Livre, meu senhor — relatou o Irmão Hollun quando os gêmeos partiram. — Na verdade, devemos ter o bastante para seis companhias similares.

— Nossas baixas? — perguntou Vaelin.

— Trinta e cinco mortos e sessenta feridos — respondeu o irmão com sua usual presteza.

— Teriam sido menos se os libertos não tivessem se juntado a nós — disse o Conde Marven. — Parece que o ódio torna as pessoas descuidadas com as próprias vidas.

— Ainda assim, foi uma boa batalha, meu senhor — disse-lhe Vaelin. — O Irmão Harlick tem elaborado mapas de Alltor e das terras ao redor. Eu gostaria que o senhor desse uma olhada para determinar nossa melhor rota de aproximação.

O nilsaelino assentiu hesitante. Vaelin sabia que o tempo que haviam passado em Linesh deixara o homem com receio dele, e ele, por sua vez, desconfiava do desejo óbvio do conde por distinção marcial. Agora, porém, as circunstâncias faziam tais preocupações parecerem triviais.

— Eu... fico feliz por desfrutar de sua confiança, meu senhor — disse Marven.

Os prisioneiros não eram diferentes de qualquer outro grupo de homens derrotados que Vaelin vira ao longo dos anos. Olhos repletos de medo e cabeça abaixada, temendo atrair atenção ao arrastarem os pés sob seu escrutínio.

— Eles são bastante ignorantes e semianalfabetos — relatou Harlick — A educação volariana é muito ruim. Espera-se que as pessoas aprendam sozinhas tudo o que precisarem saber. Esse bando sabe lutar e seguir ordens. E sabe estuprar e assassinar também, sem dúvida. Contudo, como era de se esperar, não

falam sobre seus feitos anteriores no Reino.

— Eles sabem quem comanda o exército deles? — perguntou Vaelin.

Tal como o Irmão Hollun, Harlick não precisava consultar notas ou fazer uma pausa antes de dar uma resposta.

— General Reklar Tokrev. Um dos volarianos que usam vermelho, como costumam ser os altos oficiais. É um ilustre veterano de diversos confrontos fronteiriços com os alpiranos e comandante renomado de numerosas expedições contra as tribos do norte. Devo dizer que acho a lista de suas proezas um pouco improvável, visto que uma das campanhas que ele supostamente liderou ocorreu há mais de setenta anos.

— Alguma notícia de Alltor?

— Eles nunca ouviram falar sobre o lugar. Parece que foram enviados atrás da Guarda do Reino antes de o general marchar para Cumbrael. Eu... duvido que eles tenham algo mais a oferecer, meu senhor.

Vaelin observou os miseráveis remexerem-se, alguns incapazes de evitar que as pernas e braços tremessem de pavor. A canção ressoou ao ver o medo dos homens, uma nota complexa e familiar que indicava o surgimento de um estratagema. Virou-se para Orven, capitão da única companhia à qual podia confiar aquela tarefa.

— Eles virão conosco — disse Vaelin. — Certifique-se de que sejam adequadamente alimentados e que recebam água. E mantenha-os bem longe dos homens do Capitão Nortah.

Ao atravessarem a fronteira de Cumbrael, eles se depararam com cenas de destruição e morte ainda piores do que as já testemunhadas. A sucessão de aldeias em ruínas ao longo do percurso parecia interminável, apinhadas com tantos cadáveres putrescentes que Vaelin foi forçado a ordenar que fossem deixados onde jaziam, pois não dispunham do tempo necessário para entregar todos ao fogo. Diferente das aldeias nilsaelinas vistas antes, aquelas haviam sido extensivamente vandalizadas, moinhos e capelas incendiados, muitos corpos mutilados e exibindo sinais de tortura. Os campos em volta das aldeias também estavam negros e queimados, com plantações transformadas em cinzas e cada poço contaminado por uma carcaça de ovelha ou cabra.

— Não faz nenhum sentido — disse Adal ao cavalgarem por um milharal arruinado. — Todos os exércitos precisam ser alimentados.

— Não foram os volarianos — disse Vaelin. — Desconfio de que o Senhor Feudal cumbraelino estava determinado a negar-lhes qualquer auxílio que pudesse ser obtido em suas próprias terras. Isso pode explicar a violência contra a população.

Ao anoitecer, depararam-se com uma cena macabra: dez homens enforcados em um teixo grande, com olhos e línguas arrancados e os dois primeiros dedos das mãos cortados e enfiados em suas bocas. Vaelin viu sua irmã empalidecer diante daquilo e balançar um pouco na sela.

— Cuidaremos dos corpos — disse ele, colocando a mão no ombro de

Alornis. — Você não precisa ficar aqui.

— Sim — retorquiu ela, desmontando e tirando pergaminho e carvão de seus alforjes. — Eu preciso. Deixe-os ali um momento, por favor.

Ela caminhou até o cepo de uma árvore próxima e sentou-se, fixando o olhar na cena e começando a desenhar.

— Devem ser arqueiros — comentou Nortah. — Para tirarem os dedos dessa forma. Vi nossos próprios homens fazerem algo similar na Martishe.

Vaelin notou que Alornis chorava enquanto desenhava, as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto enquanto os olhos voltavam constantemente aos enforcados. Dahrena parou ao lado dela quando Alornis terminou, curvando-se e chorando baixo.

— As pessoas precisarão saber — sussurrou Alornis quando Dahrena a puxou para perto. — Precisarão se lembrar.

A cidade havia sido chamada de Dois Braços devido aos riachos que a circundavam. Vaelin já havia passado uma vez por ali, com os Lobos Corredores, durante uma de suas expedições fanáticas de perseguição antes da guerra alpirana. Ele se lembrava de um lugar movimentado, com prensas de vinho e mercadores negociando pelo melhor preço pelos barris mais recentes. A população fora cautelosa, mas não tão hostil com ele quanto a maioria dos cumbraelinos, e o sacerdote local era um sujeito amigável, de cintura larga e faces rosadas, que ofereceu a Vaelin uma prece do perdão do Pai, segurando uma taça de vinho enquanto citava o Nono Livro.

Sua igreja estava em ruínas agora, e o único sinal do homem eram alguns ossos escombrosos e anônimos nos escombros carbonizados. Os seordah haviam encontrado o lugar e permaneceram parados nas ruas, olhando fixamente para os vários horrores, mais aturdidos do que enraivecidos. A cidade não fora tomada com facilidade; barricadas haviam sido construídas nas ruas e os canais circundantes haviam funcionado como barreiras defensivas eficazes. Pelos corpos encontrados na casa do feitor, todos deitados em uma fileira e com bandagens visíveis na carne putrefata, Vaelin julgou que o lugar levava vários dias para cair. *Lutaram por tempo suficiente para cuidarem dos feridos*, pensou ele.

— Crianças em um só lugar — disse Hera Drakil, com uma expressão fechada. — Nenhum sinal de fermento, mas cheirando a veneno.

— Mortas pelos pais para poupá-las dos tormentos de homens encolerizados — disse Vaelin. Parecia que os volarianos haviam sido obrigados a descontar suas frustrações nos poucos adultos sobreviventes. Uma pilha de cadáveres despedaçados erguia-se no centro da cidade; nenhum corpo havia sido deixado inteiro. Os membros foram dispostos em círculo, em volta do aglomerado central de cabeças decepadas, e inúmeras moscas, formando uma nuvem espessa, zumbiam em meio ao miasma de decomposição. Vaelin ficou feliz por Alornis não estar ali para se sentir compelida a desenhar a cena.

— Eu ficaria grato se vocês pudessem enterrá-los — disse Vaelin a Hera

Drakil, concluindo que aquilo valia o atraso.

— Faremos isso.

Ele assentiu e andou até onde Chama estava amarrado, parando quando o seordah o chamou.

— Fizemos bem.

Vaelin virou-se com uma pergunta no olhar.

— Ao atender ao chamado do lobo — disse Hera Drakil. — Um povo que faz algo assim merece morrer.

— Tive a oportunidade de conhecer o Imperador alpirano — disse Vaelin ao prisioneiro volariano. — Ele presidiu meu julgamento, é claro, mas foi até minha cela mais tarde para falar comigo sozinho. Apenas uma vez.

O prisioneiro olhava para ele com olhos brilhantes, mas sem compreender. Vaelin o escolhera por sua juventude e pela maior intensidade de seu terror. Seus companheiros pendiam dos galhos de um salgueiro na margem do rio ao sul de Dois Braços, presos por cordas que rangiam ao balançarem à brisa.

— Nem todos sabem — proseguiu Vaelin —, mas o Imperador é um homem muito frágil. Vítima de uma doença nos ossos desde a infância. Ele é muito pequeno e muito magro e precisa ser carregado de um lado para o outro em uma liteira, uma vez que suas pernas quebrar-se-ão se ele tentar andar. Mas há uma grande força nele. Pude senti-la ardendo quando olhou para mim. É uma lição de humildade olhar nos olhos de um homem e ter consciência de que se é inferior a ele.

“Eles o levaram à minha cela após o julgamento. Criados o colocaram diante de mim e partiram, embora eu não estivesse acorrentado e ele devesse saber que podia esmagá-lo em um instante. Curvei-me, mas ele me mandou levantar. Ensinaram-me alpirano por ordem dele, pois um homem deve compreender cada palavra dita em seu julgamento, segundo sua lei imperial. Ele perguntou se eu tinha algo a reclamar sobre meu tratamento, e eu disse que não. Ele perguntou se eu sentia alguma culpa pela morte do Esperança, e, mais uma vez, eu disse que não. Ele perguntou por quê. Eu lhe respondi que eu era um guerreiro a serviço da Fé e do Reino. Ele sacudiu a cabeça magra e ossuda e me chamou de mentiroso. ‘A canção lhe diz que você não fez nada de errado’, disse ele.

“Ele sabia, entende? De alguma forma, ele sabia, embora eu pudesse ouvir apenas o mais leve sussurro de um dom dentro dele. Ele disse que aqueles escolhidos para sentarem-se no trono do Imperador compartilham o mesmo dom, que é a habilidade de discernir potencial. Não grandeza, não compaixão, não sabedoria. Apenas potencial. E a natureza daquele potencial só era revelada com o passar do tempo, às vezes com consequências infelizes. Pouco antes da guerra, ele havia começado a discernir o grau do potencial do Esperança, e isso trouxe muitas preocupações. Além disso, havia outro em sua corte com perspectivas muito mais promissoras, embora escolhê-lo pudesse levar a acusações de favoritismo, algo grave em uma terra onde qualquer um pode

ascender ao trono com as graças dos deuses, uma força mística para a qual o Imperador é apenas um canal. Minhas ações haviam resolvido seu dilema, de modo que seria permitido que eu mantivesse minha vida sem sofrer tormentos. Porém, ele amava seu povo, e o sofrimento da população nas mãos do nosso exército tornava tal misericórdia seu próprio tormento. ‘Se existe alguma grandeza em mim’, disse ele, ‘ela está na vitória que obtive sobre o ódio que você tentou colocar em meu coração. Um Imperador não pode se dar a tal luxo’.

“Como eu disse, eu tinha consciência de que era inferior a ele. E essa consciência é ainda mais forte agora. Gostaria que você soubesse que tentei seguir o exemplo dele e agir sem ódio ao participar dessa guerra. Infelizmente, seu povo conseguiu me derrotar no que diz respeito a essa ambição.”

Vaelin pegou uma bolsa de couro que continha a mensagem que ditara ao Irmão Harlick e passou a tira por sobre a cabeça do prisioneiro, fazendo-o retrair-se e soltar uma lamúria, acalmando-se um pouco quando Vaelin sorriu.

— Para o general — disse ele, lembrando-se das palavras de Harlick — Tokrev — repetiu Vaelin, dando tapinhas na bolsa.

O prisioneiro apenas o encarou sem piscar e aterrorizado. Vaelin estudou o rosto do homem por um momento, sentindo a canção aumentar ao guardá-lo na memória.

— Coloque-o em um cavalo e deixe-o partir — disse Vaelin a Orven.

CAPÍTULO SEIS

Lyrna

Tantos navios. O porto estava repleto deles. De sua sacada, Lyrna via os mastros, que lembravam uma floresta balançando suavemente, e as tripulações pequenas como formigas nos conveses e cordames.

— Deve haver mais de mil agora — concluiu Iltis.

— Contei mil e duzentos navios — disse Orena. — Se os enfileirarem de ponta a ponta, talvez possamos voltar a pé para casa.

— Acho que prefiro nadar — murmurou Harvin, empertigando-se quando notou o olhar de Lyrna. — Não que eu vá fazer isso, Alteza.

Lyrna virou-se para o porto sem responder. Sua decisão de acompanhar a frota meldeneana não fora bem recebida; Iltis protestara, apontando os perigos óbvios, enquanto Harvin se preocupava também com Orena, que, junto com Murel, recusava-se a ser deixada para trás.

— Minha rainha precisa de suas damas — dissera a mulher. — Ela mesma disse.

Lyrna esperara alguma resistência por parte do Escudo, mas ele apenas franzira o cenho e dissera:

— É claro, Alteza. Se a escolha fosse minha, a senhora não ficaria em nenhum outro lugar que não ao meu lado. — Seu sorriso encantador foi quase suficiente para Lyrna ordenar que Iltis acabasse com ele naquele instante.

Ela podia vê-lo agora, caminhando ao longo do cais e trocando palavras com vários capitães e marinheiros. Enquanto era apenas charme com ela, o seu semblante ao lidar com seu próprio povo mudava, adquirindo uma tolerância sombria, apesar de todo o respeito e do alívio óbvios causados por sua presença. *Eles o desapontaram*, concluiu Lyrna. *Agora, ele se pergunta se eles eram realmente dignos do sacrifício que estava preparado para fazer.*

— Compreendo que possa ser cedo demais para pedir uma graça, Alteza — disse Harvin. — Mas peço formalmente para nunca mais ser enviado para o mar quando isso acabar. Já vi banheiras de água salgada infestadas de ratos suficientes para toda esta vida.

Lyrna permitiu-se sorrir.

— Seu pedido está concedido, meu senhor.

Ela observou o Escudo aproximar-se e erguer o rosto para vê-la na sacada, fazendo uma longa medida e estendendo um braço para o *Sabre do Mar*.

— Minhas senhoras e meus senhores, nosso navio nos aguarda — disse ela.

— O melhor modo de evitar uma armadilha é matar o desgraçado que a preparou antes que possa dispará-la — disse o Escudo.

— Desde que você o encontre primeiro — observou o Senhor Marinho Ell-Nurin.

Eles estavam em volta de uma mesa colocada no porão do *Sabre do Mar*, diante de um mapa detalhado das Ilhas e das águas circundantes. Havia outros oito capitães veteranos presentes além de Belorath, que estava feliz por retornar ao seu papel de imediato. Ell-Nurin era o único Senhor Marinho, aparentemente o único membro do conselho que Ell-Nestra conseguia suportar.

— Graças à Sua Alteza, sabemos que os volarianos pretendem simular um ataque — prosseguiu ele, apontando para as passagens meridionais. — Provavelmente aqui, na rota mais direta até a capital se houver ventos favoráveis. Porém, o mais provável é que enviem seus navios de tropas para essas praias aqui. — Ele bateu com um dedo em três baías nas costas setentrionais das ilhas maiores. — O vento estará contra eles, mas, uma vez que esperam que estejamos totalmente ocupados no sul, isso não terá importância.

— O que isso significa? — perguntou Lyrna.

— Que eles irão se separar aqui. — O Escudo colocou o dedo sobre um pequeno ponto cerca de 130 quilômetros a leste.

— Os Dentes de Moisés — disse Ell-Nurin. — Um lugar profético para uma batalha.

— Os deuses sem dúvida sorrirão para nós lá — acrescentou Belorath. — Se é que sorriem para nós em qualquer lugar.

— Pretende atacá-los quando se separarem? — perguntou Lyrna.

— Exato, Alteza — respondeu o Escudo. — Nós avançaremos de noroeste, com o vento a nosso favor, e afundaremos primeiro os navios com tropas. Afinal, sem eles a invasão será um esforço inútil.

— O que os impedirá de unirem forças novamente quando virem nossas velas no horizonte?

O dedo de Ell-Nestra bateu em um ponto ao sul dos Dentes de Moisés.

— A Cauda da Serpente. O deus deixou mais do que apenas os dentes para trás.

— Um grande recife de pedra, Alteza — explicou Ell-Nurin. — A divisão sul dos volarianos terá de navegar por ele para se juntar novamente aos navios. Não é uma tarefa fácil.

— Isso se eles seguirem o plano delineado no livro — disse Lyrna. — Um plano que podem nunca ter recebido.

— Havia mais de um livro — disse Ell-Nurin. — De acordo com nossas fontes, foi recebido em segurança em Varinshold. Também fomos informados de que o general volariano escreveu ao conselheiro expressando suas condolências

pela perda de seu filho, presumivelmente em uma tempestade, visto que não se encontrou nenhum traço do seu navio.

— Zarpamos com a maré — disse o Escudo, afastando-se da mesa.

— A frota ainda não está completa — disse Ell-Nurin. — Teremos mais cinquenta navios em dois dias.

— Em dois dias, as Ilhas estarão entregues aos volarianos. Já nos demoramos demais. Cada pedaço de vela será necessário para chegarmos aos Dentes a tempo. — Ele olhou para Lyrna com um de seus sorrisos odiosos. — Meu imediato disse que Vossa Alteza é uma grande jogadora de keschet. Talvez a senhora possa me dar a honra de uma partida assim que partirmos?

Ele era um jogador muito melhor do que Belorath, confiando em sua perspicácia tática em vez de apostar em estratégias memorizadas e improvisando com habilidade e imaginação consideráveis. Contudo, também era agressivo e inflexível demais em jogos longos. Pelo menos, Lyrna não teve de arrastar a partida.

— Cinquenta e oito movimentos — disse ela, tirando o imperador dele do tabuleiro. — Bastante impressionante.

— Deve ter sido difícil — disse o Escudo, reclinando-se em seu banco, com um sorriso genuíno.

— Difícil, meu senhor Escudo? Keschet é muito simples em essência...

— Não o jogo. Fingir todos aqueles anos. Não ser você mesma. Afinal, quem quer que a mente mais afiada da sala seja a princesa sentada no canto? A senhora bordava enquanto seu pai presidia os conselhos? Imagino que seja boa nisso também.

— Na verdade, nunca aprendi a bordar. Tampouco sentia necessidade de participar das reuniões de meu pai, uma vez que eu costumava antecipar cada palavra que seria dita. Mas, sim, foi difícil fingir estupidez diante dos estúpidos.

— Agora não há necessidade. O mundo inteiro pode ver seu... — Ele vacilou e calou-se, virando-se para o mar e para a grande hoste de navios que os cercavam.

— Minhas verdadeira face? — perguntou Lyrna, divertindo-se com o desconforto dele.

— Peço-lhe perdão pelo que eu disse.

Lyrna ocupou-se em remover suas peças do tabuleiro.

— Tenho certeza de que ouvirei coisas piores quando retornar ao Reino.

— Acha que eles a aceitarão? — perguntou ele. — Como a senhora é?

— O senhor fala como se eles tivessem escolha. Sou a rainha por direito de sangue. É tudo o que eles precisam saber.

— E a senhora espera obediência servil e instantânea?

— Eu estou voltando dos mortos, carregando as cicatrizes do meu sofrimento em serviço ao Reino nessa hora de perigo imensurável. Sem dúvida estou sendo protegida pelos Finados. — Ela sorriu e gesticulou para o tabuleiro. — Outra partida, meu senhor?

— Não há motivo, não acha? — Ele se inclinou para frente, sem nenhum traço de divertimento. — Por que veio conosco? A senhora podia ter ficado nas Ilhas e navegado em segurança para longe caso a batalha terminasse mal.

— Talvez eu queira vê-lo em ação.

O Escudo baixou os olhos para o tabuleiro de keshet.

— A senhora me conta mais do que pretende, Alteza. Com a senhora, movimentos aparentemente simples sempre escondem uma intenção complexa.

— Minha intenção não é tão complexa. Vença sua batalha e compartilharei de bom grado meus propósitos.

— É o que pretendo. — Ele se levantou e fez uma mesura antes de partir, pisando com firmeza na direção do leme.

Os Dentes foram avistados após uma noite e um dia, uma protuberância escura no horizonte ocasionalmente ocultada pelas ondas que se quebravam nela. O Escudo ordenou que a frota arriasse as velas e seguiu adiante com o *Sabre do Mar*, ancorando a menos de um quilômetro dos Dentes. Os grandes pedaços de rocha que se erguiam do mar eram impressionantes àquela distância, e as correntes que os cercavam faziam com que onda após onda açoitasse seus flancos.

— Os dentes de uma grande serpente? — perguntou Murel quando Benten contou a história da origem dos Dentes. A garota deu uma risada de escárnio. — Todos os deuses são uma mentira, mas essa lenda é realmente uma pérola. — Ela se calou diante do olhar intenso de Lyrna e da indignação dos tripulantes que a ouviram.

— Minhas desculpas — disse-lhes Lyrna. — Minha dama é jovem e conhece muito pouco.

— Perdão, Alteza — murmurou Murel, com o olhar baixo enquanto a tripulação retomava suas tarefas.

— Deuses são reais para aqueles que creem — disse-lhe Lyrna, dando-lhe tapinhas na mão e inclinando-se para sussurrar ao seu ouvido: — Mas uma mentira ainda é uma mentira, não importa quão grande seja.

O Escudo subiu no mastro principal com sua luneta e perscrutou o horizonte enquanto seu cabelo esvoaçava ao vento. Lyrna viu Murel fitá-lo com admiração e desviar o olhar, com um rubor no rosto, quando notou que era observada pela rainha. As horas arrastaram-se enquanto Ell-Nestra mantinha sua vigia, vendo o sol da tarde atravessar a neblina e o mar acalmar-se no ar mais quente.

Ele pode estar errado, pensou Lyrna, olhando para o mar vazio a leste. *A frota volariana pode ter passado durante a noite e jamais saberemos*. Ela nunca havia acreditado muito em intuições, preferindo a razão e as evidências ao instinto e às suposições. No entanto, havia algo na certeza do Escudo que a fazia crer que estavam no lugar certo; uma vida inteira no mar devia ter algum valor.

Lyrna procurou sinais do tubarão entre as ondas, mas não encontrou qualquer traço da barbatana. Talvez o eco do chamado de Fermin finalmente tivesse desaparecido ou o animal tivesse sentido a proximidade de uma batalha e

partido em busca de presas mais fáceis. Era estranho, mas Lyrna percebeu que sentia falta dele; a constante presença do tubarão havia se tornado um talismã para a sobrevivência de seu grupo. *Eu deveria ter lhe dado um nome*, pensou ela. *Sempre se deve dar um nome a um bicho de estimação.*

— Içar a bandeira negra! — A ordem do Escudo ressoou do alto enquanto ele descia para o convés, deslizando por uma corda e aterrissando junto ao leme. — Levantar âncora! Arqueiros ao cordame! — Ele agarrou e girou o timão quando a âncora foi recolhida do mar, abaixando a proa do navio ao virarem para o norte. Um grande estandarte retangular foi içado para o topo do mastro principal, completamente negro e sem qualquer adorno. O sinal para um inimigo à vista.

Lyrna observou Ell-Nestra no timão e achou que a expressão dele era mais grave do que esperava. O olhar que lançou em sua direção parecia indicar notícias sombrias. *Algo está muito errado.*

Navegaram para o norte por quase dois quilômetros, ajustando as velas à medida que a frota meldeneana apressava-se em resposta ao chamado da bandeira negra. O Escudo entregou o timão ao timoneiro e andou até a proa, apertando os olhos. Lyrna parou ao seu lado, permanecendo em silêncio enquanto ele continuava a fitar o horizonte, com o rosto rígido por uma fúria contida.

— Sou um tolo — disse ele após um momento.

— Eles não dividiram a frota?

— Ah, eles dividiram a frota, sim. Suas velas de subterfúgio navegam para o sul nesse momento. Quinhentos navios.

Quinhentos.

— Os espíões disseram que a frota deles não tinha mais do que mil e duzentos navios. Isso significa que navegamos na direção de pelo menos setecentos navios.

— A frota que desembarcou em Varinshold tinha mil e duzentos navios, mas a frota diante de nós tem quase dois mil. Eles receberam reforços enquanto estavam no mar. — Ele fechou os olhos, com as faces retesadas e os punhos cerrados sobre o ombro de madeira de Skerva. — Por que não vi isso?

— O que faremos? — perguntou Lyrna.

O Escudo empertigou-se, abriu os punhos e soltou lentamente a respiração ao virar-se para ela com um sorriso.

— Faremos o que viemos fazer, Alteza. O vento está a nosso favor e há muitos prêmios a reivindicar hoje. — Ele se voltou para o convés, parando para tocar suavemente na mão de Lyrna com os dedos, sussurrando-lhe ao ouvido: — E estou ansioso para ouvir sobre seu verdadeiro propósito.

A linha de batalha volariana não tardou a aparecer, formando um longo desfile de navios de cascos escuros seguindo o mesmo curso para o sul.

— Estão tentando conseguir um pouco de vento nas velas — explicou Belorath. — Provavelmente querem dar a volta e cair sobre nossos traseiros.

— Olhe essa língua na frente da rainha — rosnou Iltis, mas Belorath apenas riu e jogou-lhe um escudo largo envolto em couro.

— Vocês podem manter as flechas longe das mulheres. Melhor deixar a luta conosco, hein?

— Cão pirata — resmungou Iltis, prendendo a tira do escudo sobre o braço, imitado por Bente e Harvin, enquanto o imediato se afastava. Eles usavam o mesmo equipamento dos meldeneanos: um elmo largo com tiras amarradas sob o queixo e cotas de malha, embora Iltis tenha sido obrigado a unir duas cotas para cobrir por completo seu peito. Lyrna e suas damas vestiram cotas de malha especialmente adaptadas, com dimensões menores, mas que se mostraram consideravelmente desconfortáveis, com uma tendência a produzir grandes quantidades de suor que não condiziam com senhoras. Contudo, ela achou aquilo preferível a ser atingida no peito por uma flecha perdida. Lyrna também tinha uma pequena adaga amarrada ao antebraço, cuja lâmina era um pouco maior do que estava acostumada a manusear, mas ela praticara e percebera que ainda conseguia arremessar com precisão razoável. Ela duvidava de que a pequena arma teria grande utilidade na tempestade que se avizinhava, mas ficava um pouco mais tranquila ao sentir a lâmina contra sua pele. *Nunca se separe dela.*

A frota meldeneana posicionou-se em duas divisões quase idênticas, lideradas pelo *Sabre do Mar* e por uma embarcação de casco estreito comandada pelo Senhor Marinho Ell-Nurin.

— *O Falcão Vermelho* — dissera Belorath. — Alguns dizem que é o navio mais veloz sobre as águas.

A diferença que o navio de Ell-Nurin estava abrindo sobre o *Sabre do Mar* parecia validar as palavras do imediato, cortando as ondas como a lâmina de uma espada, com velas tão cheias que pareciam retesar-se nas cordas.

— O maldito quer todos só para ele! — gritou o Escudo do leme, provocando uma gargalhada entre a tripulação. — Apertem essas cordas! Ninguém vai tirar de mim o primeiro sangue a ser derramado!

Por insistência do Escudo, Lyrna estava perto da entrada do porão, pronta para recuar para baixo caso o convés ficasse perigoso demais.

— Para que serve aquilo? — perguntou Murel, vendo um marinheiro despejar areia no convés à medida que os volarianos aproximavam-se cada vez mais.

— Sangue — disse Bente. — Provavelmente o piso do convés ficará escorregadio quando a batalha começar. Faça a mesma coisa no barco do meu pai quando estripamos os peixes.

— Ah... — disse a garota em voz baixa.

— Pode ir lá para baixo, minha senhora — disse Lyrna.

— Obrigada, Alteza, mas prefiro ficar.

Sem lágrimas agora. Lyrna viu Murel empertigar-se e respirar fundo para se acalmar. *Não é mais uma garota.*

— Aprontar manganelas! — gritou o Escudo. Os tripulantes correram para tirar as lonas de cima de duas máquinas volumosas posicionadas no centro do convés enquanto outros surgiam com cestos cheios de projéteis e baldes de peixe.

As máquinas consistiam em um único braço de arremesso preso a uma viga, em volta da qual haviam sido passadas extensões grossas de corda. As cordas foram torcidas quando um tripulante acionou uma alavanca para puxar o braço para trás. As munições eram bolas do tamanho de melões, feitas de cordas de cânhamo firmemente enroladas em volta de um centro de ferro. Duas bolas foram colocadas na concha na extremidade do braço e embebidas em piche; ao lado, havia um homem a postos com uma tocha. Uma máquina dispararia seus projéteis a bombordo e a outra, a estibordo.

— Pensei que jogaríamos os navios contra eles — disse Harvin. — E então puláramos a bordo para matar a tripulação.

— A maioria das batalhas marinhas é vencida com fogo — disse Lyrna. *Embora eu ache que veremos toda espécie de mortes hoje.*

O Escudo conduziu-os na direção do centro da linha volariana enquanto o *Falcão Vermelho* rumava para a retaguarda do inimigo. Os arqueiros começaram a disparar antes que estivessem ao alcance, fazendo pequenos jatos d'água surgirem no mar entre os navios que se aproximavam ou acertando a madeira do navio com um baque seco.

Lyrna podia ver os volarianos agora, notando figuras escuras amontoadas na amurada a estibordo de uma embarcação larga, com espadas desembainhadas e arpéus a postos.

— Fogo! — berrou Belorath. O portador da tocha acendeu as bolas de cânhamo colocadas na concha da manganela, recuando quando seu companheiro chutou a alavanca de disparo e fez o braço saltar para frente, lançando o conteúdo flamejante contra o navio volariano. As duas bolas de fogo descreveram um arco lento, deixando um rastro de fumaça antes de cair em entre os soldados volarianos. Um brado de comemoração foi dado pelos meldeneanos quando a batalha fez suas primeiras vítimas, vendo alguns homens em chamas pularem para o mar.

O Escudo colocou-os paralelamente ao navio inimigo, a uma distância de menos de quarenta metros, e o espaço entre eles encheu-se de flechas.

— Abaixo-se, Alteza! — Ilits ergueu seu escudo enquanto Lyrna e as duas mulheres se abaixavam; Orena retraiu-se diante da chuva pesada. Ouvindo um grito do alto, Lyrna ergueu a cabeça para ver um tripulante cair no convés, com o som de ossos quebrando e uma flecha cravada no peito enquanto dava os últimos suspiros pela boca ensanguentada.

A manganela a estibordo disparou novamente, jogando as bolas de fogo no cordame volariano; a vela principal pegou fogo e os restos incendiários caíram sobre os homens abaixo, que vacilaram na chuva de flechas ao serem envolvidos pelas chamas. O navio jogou-se contra eles em uma última tentativa desesperada e arpéus voaram do convés para se prenderem na amurada do *Sabre do Mar*. O Escudo girou o leme, virando a proa para bombordo, e a tripulação cortou as cordas dos arpéus, mas não antes que um pequeno grupo de volarianos conseguisse atravessar o espaço entre os navios. Eram homens com armaduras leves e duas espadas curtas presas nas costas, movendo-se ao longo das cordas com velocidade e habilidade sobrenaturais. Alguns tombaram diante dos arqueiros meldeneanos posicionados no cordame, mas quatro conseguiriam

chegar ao convés, pulando por sobre a amurada e desembainhando as espadas para abater os tripulantes mais próximos. Eles investiram contra as manganelas, aparando os golpes da tripulação com facilidade e matando os homens que manuseavam as máquinas em segundos.

Então, o Escudo estava entre eles, movendo seu sabre em um borrão de movimentos rápidos, matando um para em seguida abaixar-se sob a estocada de outro e desferir um golpe que atravessou a perna do volariano. Os outros dois iniciaram um ataque coordenado, um golpeando contra o rosto de Ell-Nestra enquanto o outro tentava desferir um golpe mortal em seu peito. Ele recuou, aparando e girando enquanto os volarianos o forçavam contra a amurada a estibordo.

Itlis soltou um urro e investiu com a espada apontada, ladeado por Harvin e Benten. O volariano conseguiu desviar a estocada do homenzarrão, mas não teve como se defender do golpe descendente desferido por Harvin, cuja espada fendeu-lhe o ombro. Benten golpeava o volariano remanescente, que continuava lutando com o Escudo, recebendo um corte no braço quando desviou-se de um golpe e contra-atacou, apenas para cair morto um segundo depois ao ter o pescoço trespassado pelo sabre de Ell-Nestra.

Lyrna viu que o navio volariano estava agora à deriva, com o convés envolto em chamas e as velas em farrapos incandescentes. O mar estava repleto de embarcações em batalha por todos os lados, muitas já completamente em chamas. Através da fumaça, ela avistou um navio meldeneano preso entre duas embarcações inimigas, vendo em seu convés uma fervilhante massa de combate.

Lyrna gritou para o Escudo e apontou. Ele foi até a amurada, levando o sabre ensanguentado.

— Vamos precisar das manganelas funcionando — disse ele.

Lyrna assentiu e fez sinal para que seus lordes fossem até as máquinas, afastando os corpos e reunindo o que restava de munição.

— Não posso dizer que sei manusear uma coisa dessas — disse Harvin.

— É fácil — disse Benten, contraíndo um pouco o rosto enquanto Murel amarrava uma bandagem em volta da ferida em seu braço. — Essa alavanca puxa o braço para trás e aquela outra o solta.

Eles haviam conseguido preparar a máquina quando o Escudo colocou-os ao alcance de um dos navios volarianos. Lyrna encostou uma tocha no cânhamo coberto de piche e Benten chutou a alavanca, fazendo as bolas de fogo voarem para o centro do navio inimigo sem qualquer consequência. Repetiram o processo duas vezes enquanto o *Sabre do Mar* se aproximava da embarcação, e seus esforços foram recompensados por um incêndio de tamanho considerável que tomou conta do convés volariano, mas que também atraiu a ira dos arqueiros.

— Pela Fé! — grunhiu Itlis ao se encolher atrás de seu escudo, sentindo uma ponta de flecha atravessar a cobertura de couro logo acima de seu braço.

— Disparar arpéus! — gritou Belorath quando o *Sabre do Mar* raspou o casco dos volarianos. Tripulantes correram para arremessar seus ganchos de três pontas através do espaço entre as embarcações, mas um homem foi atingido por

uma flecha e caiu por sobre a amurada. Contudo, a fumaça que se adensava proporcionou alguma proteção à medida que o resto da tripulação aglomerava-se e puxava as cordas, aproximando os navios e colocando pranchas sobre o vão.

— Eles não vieram com misericórdia! — gritou o Escudo, de pé na amurada e com o sabre erguido no alto. — Não mostrem nenhuma pena a eles!

A tripulação respondeu com um rosnado de concordância e seguiu Ell-Nestra através das pranchas, com sabres e lanças erguidos, e a batalha que se seguiu perdeu-se na fumaça que subia do convés volariano.

— Hã... Alteza? — Lyrna virou-se e viu Murel parada na amurada a estibordo e, para além dela, um imenso navio volariano que avançava contra eles.

— Recarregar as máquinas! — Ela correu até a manganela a estibordo e empurrou a alavanca o mais rápido que podia, olhando para o monstro que se aproximava. *Esse não será detido por algumas bolas de fogo.*

— Murel! — gritou ela. — Pegue o piche!

A dama não respondeu, ainda olhando fixamente para o mar. Seu rosto não estava virado para o navio volariano, e sim para algo que se movia na direção da embarcação a grande velocidade, a barbatana deixando um rastro que era como uma faixa de fogo branco.

O tubarão saltou do mar, sacudindo a cauda, arreganhando a boca e caindo no convés volariano em uma explosão de madeira estilhaçada. O animal debateu-se, espalhando homens e cordame como se fossem capim; corpos e destroços foram lançados para o ar e alguns homens pularam para o mar aterrorizados. O navio volariano inclinou-se com o peso do tubarão e o convés superior desabou quando a embarcação soçobrou e o mar cobriu-lhe o casco. Dezenas de homens debatiam-se na água enquanto o mar rodopiava, levando o grande navio para as profundezas e ficando vermelho quando a cabeça do tubarão ergueu-se no meio dos sobreviventes, abrindo e fechando as mandíbulas. Em poucos segundos, eles haviam desaparecido, e o único sinal do navio eram algumas tábuas e barris despedaçados balançando nas ondas.

Muito bem, pensou Lyrna, avistando as listras vermelhas do tubarão sob as ondas. *Faça isso outra vez.*

Com a chegada do anoitecer, o que restava da frota volariana agrupou-se para se proteger, como um bisão enfrentando uma alcateia de lobos, enquanto os meldeneanos a cercava, disparando uma incessante chuva de bolas de fogo. Ocasionalmente, um capitão volariano tentava atacar seus atormentadores, mas a proximidade do tubarão era geralmente o bastante para fazê-los recuar. Por três vezes, o animal saltou do mar para destruir navios que haviam se aproximado do *Sabre do Mar*, espalhando terror entre a frota volariana e minando a coragem de suas tripulações a cada casco destruído e sangue derramado. Após a destruição do terceiro navio, um imenso carregador de tropas que afundara levando os gritos das centenas de homens presos abaixo do convés, muitas embarcações volarianas simplesmente partiram para leste com todas as

velas içadas. Quando o sol enfim começou a desaparecer, Lyrna contou apenas cerca de duzentos navios aglomerados conforme as bolas de fogo caíam. A perícia dos piratas e a presença do tubarão haviam sido decisivas, mas houvera um preço. Ela estimava que pelo menos metade da frota meldeneana fora destruída; numerosas embarcações estavam à deriva pelo mar, com conveses repletos de cadáveres.

Os últimos navios volarianos tentaram escapar quando a noite caiu, mas os cascos flamejantes de seus irmãos impediram que pudessem se esconder quando os meldeneanos se aproximaram para liquidá-los. Lyrna viu um navio de tropas sendo atacado por três embarcações piratas ao mesmo tempo, cujas tripulações abordaram os inimigos com lanças e sabres, os sons de batalha logo substituídos por gritos de morte e tormento. À meia-noite, estava acabado, e o Escudo ordenou que as velas fossem ajustadas e que rumassem para sudeste.

— Ainda temos mais quinhentos navios para afundar — disse ele. — É melhor descansar, Alteza.

Ele havia dado a Lyrna seu camarote, que ela dividia com suas damas. As duas já estavam deitadas, completamente vestidas e lado a lado, com as mãos escurecidas pelo sangue seco após passarem horas cuidando dos feridos. Lyrna sentou-se perto de Orena, provocando uma lamúria temerosa. A mulher começou a se mexer, mas relaxou quando Lyrna passou uma das mãos pelos seus cabelos.

— Shhh, já acabou.

Lyrna relaxou na cama, cansada até os ossos, esperando que o sono chegasse logo, mas sabendo que ele provavelmente demoraria algumas horas. Ela havia visto muito naquele dia, o fantástico e o terrível, e tudo se acumulara em sua mente, fazendo-a desejar ter a capacidade de esquecer. Porém, quando sua memória trouxe à tona uma visão, não foi uma batalha nem homens gritando ao serem cortados ao meio pelas mandíbulas do tubarão, e sim um velho deitado em uma cama... *Tão idoso, tão afundado na idade e no remorso, quase irreconhecível como seu pai, quase inacreditável como um rei.*

Ela olhou para as próprias mãos e viu que não tinha um pergaminho... É diferente. Ela levou as mãos ao rosto, encontrando as queimaduras e passando os dedos pelo couro cabeludo com poucos fios e com a pele arruinada.

— *Você não é minha filha — disse o velho deitado na cama. — Ela era bela.*

— *Sim — disse Lyrna. — Ela era.*

O velho tossiu e um filete de sangue apareceu no canto de sua boca. Sua voz era fraca e suplicante.

— *Para onde ela foi? Tenho coisas a dizer a ela.*

— *Ela foi falar com o embaixador alpirano. — Lyrna aproximou-se e sentou-se na beira da cama, pegando a mão do velho. — Mas ela me deixou uma mensagem.*

Os olhos cansados, mas ainda astutos do velho estreitaram-se.

— *Imagino que seja um pedido de desculpas. Não deixarei que um plano de uma vida inteira seja arruinado pela fraqueza dela.*

Lyrna riu, percebendo que ainda sentia falta daquele velho terrível e maquinador.

— *Sim, é um pedido de desculpas. Ela disse que sente muito por derrotá-lo no keschet tantos anos atrás, mas ela era nova demais para perceber quão irritante aquilo seria.*

— *Há! — Ele grunhiu, puxando as mãos. — Uma zombaria a cada oportunidade. A mãe dela também era assim. Tirei-lhe o tabuleiro para protegê-la. Não podia deixar que soubessem que ela era tão... especial, mas naquele dia eu soube que tinha uma herdeira.*

Lyrna sentiu uma lágrima escorrer pelo rosto, sorrindo diante da expressão franzida do velho.

— *Ela não fez o que você ordenou. Você precisa saber. Ela concordou com os termos do Imperador, e Malcius retornou para assumir o trono. Seu grande plano foi elaborado à toa.*

— *E ele é um bom rei?*

Lyrna abafou um soluço.

— *Ele está morto, pai. Foi morto diante dos meus olhos, com sua rainha e seus filhos. Seu desejo finalmente se concretizou. Sou rainha agora, e governo uma terra de destruição e morte.*

O rosto do velho transformou-se em uma careta enviesada, e ele levantou uma das mãos ossudas para erguer o queixo da filha.

— *Após a Mão Vermelha, tudo foi destruição e morte, mas a terra se ergueu novamente, porque eu a fiz se erguer. Agarrei-a e levantei-a no decorrer de uma geração.*

— *As pessoas podem não me aceitar como sou...*

— *Então as faça aceitar.*

— *São muitos os nossos inimigos...*

— *Então os mate.*

Lyrna sentiu um frio repentino no couro cabeludo, virou-se e viu as janelas abertas, com as cortinas esvoaçando com o vento e a chuva. Virou-se novamente para o velho e beijou-lhe o rosto.

— *Queria que você tivesse sido um homem melhor, pai.*

— *Um homem melhor não teria deixado um reino para você herdar, arruinado ou não. — O velho sorriu para ela, e o vento aumentou, tomando conta do quarto. O ar estava frio o suficiente para fazê-la arfar...*

Ela despertou e viu Orena e Murel lutando para fechar as janelas diante da chuva impelida por um vendaval; a lamparina de luz fraca balançava no teto.

— *Perdão, Alteza — disse Orena, forçando as janelas para seu lugar. — Esperávamos não a acordar.*

Lyrna levantou-se e foi jogada contra o anteparo quando o barco oscilou.

— *Uma tempestade?*

— *Começou há uma hora — disse Murel, curvando os ombros quando um trovão reverberou pelo navio, retraindo-se e temerosa. — Depois do que vimos, achei que nunca mais sentiria medo. Agora isso.*

Lyrna passou um braço em volta dos ombros da garota para confortá-la, e elas sentaram-se na cama; o uivo e os estrondos da tempestade afastavam qualquer possibilidade de sono.

— *A tripulação acha que a senhora foi tocada pelos deuses, Alteza —*

susurrrou Murel. — Por chamar o tubarão das profundezas. Eles a chamam de Mão de Odonor.

— Udonor — corrigiu Lyrna. *Deus dos ventos, o maior dos deuses. Sendo assim, eu gostaria que ele acabasse com essa tempestade maldita.*

A tempestade durou toda a noite e boa parte do dia seguinte. Lyrna arriscou-se a sair do camarote apenas uma vez e deparou-se com um convés constantemente varrido por ondas altas e com o Escudo sozinho no leme, gesticulando para ela voltar para dentro, embora seu sorriso reluzisse mais branco do que nunca em meio à chuva. Ela distraiu suas damas com uma aula sobre a etiqueta da corte, na maior parte rebuscamentos sem sentido, mas que poderiam ter alguma utilidade quando retornassem ao Reino; as pessoas gostavam de seus rituais triviais. Orena mostrou-se a melhor aluna, dominando as reverências e os mistérios da mesura com uma graça que fez Lyrna suspeitar de que a mulher havia sido dançarina nos anos anteriores a fisgar o esposo gordo e rico. Murel, por sua vez, ficou rapidamente embaraçada com a própria falta de jeito, que não era ajudada pelas incessantes inclinações bruscas do navio.

— Minha mãe sempre disse que havia uma corda invisível em volta dos meus pés — resmungou ela após tropeçar no meio de um cumprimento correto a um embaixador estrangeiro.

A tempestade acabou com a chegada da noite, e elas saíram do camarote para encontrar o *Sabre do Mar* sozinho no oceano, a não ser pela companhia do tubarão, cuja barbatana traçava um curso sinuoso nas ondas. Belorath estava na cana do leme e o Escudo, na proa.

— Onde está a frota? — perguntou Lyrna, andando até ele.

— Rumando para os Dentes como o nós, espero eu. Isto é, os navios que ainda não afundaram. — O olhar dele permanecia fixo no tubarão. — A senhora realmente não tem ideia de por que essa coisa lhe obedece?

— Nenhuma. E não estou certa de que são ordens minhas. O que ele fez... Animais não odeiam, apenas se alimentam. Esse tubarão sente ódio.

— Ou carrega o ódio de seu encantador de feras.

— E ele parecia um jovem tão afável.

O primeiro navio meldeneano apareceu uma hora mais tarde, logo seguido por mais quatro; as tripulações os saudavam com vivas e brandiam sabres, intensificando suas comemorações quando Lyrna foi até a proa. *Mão de Udonor*, pensou ela, e achou que a expressão não deixava de soar bem. Apesar de duvidar de que os Aspectos apreciariam o novo título em sua lista real, caso algum ainda estivesse vivo para protestar.

Quando os Dentes foram avistados, havia mais de cem navios acompanhando o *Sabre do Mar* e talvez outros trezentos ancorados nas partes mais rasas a oeste das rochas. O *Falcão Vermelho* estava lá, embora exibisse as cicatrizes da batalha, com as linhas límpidas de seu casco marcadas por queimaduras e a figura de proa esmagada e irreconhecível.

O Escudo colocou o *Sabre do Mar* ao lado da outra embarcação, e Ell-Nurin

atravessou o espaço que os separava em um barco para que pudessem conferenciar.

— Não. — Ell-Nestra sacudiu a cabeça, com a voz firme. — Chega de atrasos.

— Chegam mais navios a cada hora — protestou Ell-Nurin. — Precisaremos de força para enfrentar a divisão meridional dos volarianos.

— Udonor nos deu força na noite passada — insistiu o Escudo. — Lembra-se de ter visto uma tempestade tão poderosa varrer o Erineano nessa época do ano? Ele nos mandou um presente e não o desperdiçarei. Mais uma virada da ampulheta, meu senhor, e então zarpamos para dar um fim a isso.

A Cauda da Serpente fazia jus a seu nome, formada por rochas retorcidas e submersas que se estendiam por mais de trinta quilômetros ao sul dos Dentes, cujo curso era revelado pela sucessão de embarcações volarianas naufragadas e jogadas de encontro às rochas pela tempestade.

A tripulação ficou estranhamente calada diante daquela cena, onde navios e mais navios eram açoiados pelas ondas, com velas esfarrapadas tremulando ao vento. Lyrna notou os olhares cautelosos que os homens lançavam em sua direção, com reverência e um medo considerável em cada rosto. *A Mão de Udonor não é misericordiosa*, concluiu Lyrna ao passar os olhos pelos navios naufragados. *E sou grata por isso*.

— Contei mais de duzentos, meu senhor — relatou Belorath a Ell-Nestra. — Deve haver mais afundados ou feitos em pedaços.

— Uma batalha vencida sem um único sabre ser desembainhado ou uma única flecha ser disparada — ponderou o Escudo. — Parece que seu tubarão terá de esperar um pouco para alimentar seu ódio, Alteza.

Ouviu-se um grito vindo de cima, e o vigia apontou para o sul. O Escudo levou a luneta para a proa, percorrendo as águas por um momento antes de ordenar que as velas fossem içadas ao máximo e que o trajeto fosse alterado.

— Ou talvez não.

Havia cerca de vinte navios movendo-se lentamente para o sul, próximos uns dos outros e com poucas velas para desfrutarem do vento. Ao avistarem o perigo, aglomeraram-se ainda mais e ajustaram as velas. As tripulações cansadas apinharam os conveses com armas a postos.

— Esses desgraçados nunca desistem? — gemeu Harvin.

O *Sabre do Mar* alcançou os volarianos em pouco tempo, cercando-os com o resto da frota e aproximando-se conforme as manganelas eram preparadas e os arqueiros subiam nos cordames.

— Acho que podemos acertá-los daqui — concluiu Harvin, parado junto à amurada. — Peço a honra do primeiro arremesso, Alteza.

— Concedida, meu senhor.

Ele sorriu, bateu palmas e deu um passo adiante. O dardo da balista o atingiu em cheio nas costas, atravessando a cota de malha como se fosse papel. Harvin cambaleou por um momento, olhou para a ponta de aço do dardo que saía do seu

peito, com as sobranceiras erguidas e um sorriso estranho, e então tombou no convés.

— Harvin! — Orena correu até corpo e virou-o para cima. Suas mãos tremiam sobre o rosto do homem e súplicas desesperadas saíam aos borbotões de seus lábios. — Amor, volte para mim, amor, volte para mim...

— Desgraçados! — Iltis acendeu uma bola de cânhamo e enfiou a bota na alavanca, correndo até a amurada e gritando no rastro da bola de fogo: — Não sabem quando morrer, seus merdas!?

Lyrna agachou-se ao lado de Orena enquanto a mulher aninhava a cabeça de Harvin em seu colo, apenas sussurrando:

— Volte para mim...

Lyrna olhou para os olhos vazios do ex-fora da lei e para seus dentes arreganhados no mesmo sorriso estranho. *Ele era o que tinha mais chance de morrer sorrindo.*

Ela se juntou a Iltis na amurada, assistindo uma centena de bolas de fogo caírem sobre os navios volarianos em uma fonte de lágrimas flamejantes invertidas.

— Peça perdão pela minha linguagem, Alteza — disse seu Lorde Protetor em voz baixa.

Lyrna abraçou o braço grosso do homem e apertou com força os músculos rígidos, encostando a cabeça em seu ombro. As chamas espalharam-se depressa no meio da aglomeração. Uma coluna de fumaça subia e gritos eram levados através da água. Logo homens surgiram a nado em meio à fumaça, uma centena ou mais desesperados o bastante para esperar serem resgatados pelo inimigo e destinados a perecer assim que ficassem ao alcance das flechas.

Sei que você está aqui, pensou Lyrna, percorrendo as ondas com os olhos. *Quem você encontrará para odiar agora?*

Ouviu-se um grande estrondo vindo dos navios incendiados e estilhaços flamejantes foram arremessados para o ar quando o tubarão emergiu do inferno em chamas. O animal passou por cima dos destroços, girando no ar, movendo a cauda para cima antes de tornar a mergulhar na carnificina, com a boca arreganhada e faminta.

De alguma forma, Lyrna soube que nunca mais o veria.

Eles entregaram os mortos ao mar durante o crepúsculo. Os meldeneanos mantinham um silêncio respeitoso pelos companheiros que haviam tombado, lançando às ondas mais de vinte corpos enrolados em lonas com pesos amarrados. Conforme cada corpo era preparado para ser carregado até a amurada, tripulantes adiantavam-se para escolher um item dentre os pertences dispostos sobre um tecido no convés. Qualquer dinheiro ou bem de valor já havia sido recolhido por Belorath, que certificar-se-ia de que fossem entregues em segurança às famílias enlutadas; os itens deixados para trás eram apenas recordações, como um dado, uma peça de *keschet* guardada como um amuleto de sorte, uma faca preferida. As únicas palavras ditas foram os nomes dos

mortos, pronunciados com clareza pelo Escudo para serem riscados da lista da tripulação pelo imediato.

O carpinteiro do navio construíra uma balsa simples para Harvin, onde seu corpo foi colocado sobre um leito de cordas e tapos embebidos em piche, com a espada que Lyrna lhe dera deitada sob os braços cruzados do ex-fora da lei. Bente e Iltis o passaram por sobre a amurada e o abaixaram até a água, e o antigo irmão disse as palavras a pedido de sua rainha. Orena permaneceu entre Lyrna e Murel, com as mãos trêmulas entrelaçadas e o rosto agora seco, uma vez que ela parecia ter exaurido suas lágrimas.

— Testemunhamos o fim do receptáculo que carregou esse homem durante sua vida — disse Iltis. — Sabemos que alguns poderão se lembrar dele sem ternura ou muita estima, mas nós o conhecemos como um amigo e um companheiro em um período de grande privação, e ele nunca nos faltou. Ele pode ter sido um fora da lei, mas morreu como uma Espada do Reino, amado por sua mulher, seus amigos e sua rainha. Agradecemos por seus feitos de bondade e de coragem e perdoamos seus momentos de fraqueza. Ele agora está com os Finados, e seu espírito unir-se-á a eles para nos guiar em nosso serviço para com a Fé.

Ele soltou a corda que segurava a balsa, que foi levada pelas ondas. Bente ergueu um arco com uma flecha incendiária e disparou-a; logo a balsa era um quadrado flamejante no vasto oceano, levada em direção ao horizonte e perdida de vista antes que aquela hora chegasse ao fim.

O Escudo a encontrou ao cair da noite, mais uma vez fazendo companhia a Skerva. O céu estava límpido; todos os vestígios de tempestade haviam sumido do firmamento iluminado por incontáveis estrelas e o ar estava frio e agradável na pele de Lyrna.

— Vossa Alteza me deve uma resposta — disse Ell-Nestra, encostando-se no braço da figura de proa. — Seu verdadeiro propósito.

Ela assentiu, com os olhos ainda voltados para o céu.

— Quando eu era pequena, tentei contar todas elas. Era muito difícil, então elaborei um plano. Eu estudei apenas uma seção do céu, vista por uma janela no telhado do palácio, contei todas as estrelas visíveis e multipliquei o resultado pela área geral do céu.

— Funcionou?

Lyrna soltou uma risada baixa.

— O número era tão grande que não há um nome para ele, mas isso não é o interessante. Veja, quando fui conferir meus números, pois um bom estudioso sempre confere seus números, a quantidade de estrelas na janela havia mudado. Fiz a contagem na mesma data, um ano depois, mas havia mais duas estrelas. Dois sóis distantes que simplesmente não estavam lá um ano antes.

— E o que isso significa?

— Que se as estrelas no céu não são constantes, nada é. Nada é eterno. Tudo é temporário e está em constante mudança. — Lyrna deu as costas para as

estrelas e olhou-o. — Nada é constante, meu senhor. Nenhum curso é tão determinado que não possa ser mudado.

O Escudo deu um sorriso enviesado.

— A senhora gostaria que mudássemos de curso.

— Sim.

— Posso perguntar para onde quer ir?

— Fui informada que é possível navegar pelo Rio Ferrofrio nessa época do ano e chegar até Alltor.

— Que continua sitiada e necessitando ser socorrida urgentemente.

— Exato.

— E a senhora ordena isso em troca da dívida que temos com Vossa Alteza?

— Vocês não têm dívida alguma. Meu pai virou a balança para um lado, e eu a coloquei no lugar. Falo apenas de uma estratégia sensata. O senhor deve saber que os volarianos não vão simplesmente engolir essa derrota e deixá-los em paz. Essa foi apenas uma batalha em uma guerra que só terá fim com a ruína total daquele povo. E essa ruína terá início em Alltor.

Ele chegou mais perto, sem um sorriso nos lábios e com apenas um apelo sincero no olhar.

— Ofereço uma contraproposta, Alteza. — Ele indicou o oeste com a cabeça. — Temos um belo navio, uma tripulação leal e todos os oceanos do mundo para singrar. Os Reis Mercadores possuem grandes frotas, pelo que ouvi.

Lyrna riu e sacudiu a cabeça.

— O senhor quer que eu seja uma rainha pirata?

— Eu quero preservar sua vida, pois sinto que ela tem um grande valor para mim.

— Uma rainha não vive, ela reina, e meu reinado começou. O senhor me levará para Alltor?

Ell-Nestra aproximou-se ainda mais, assomando-se sobre ela, com o rosto franzido e os olhos perdidos nela.

— Que os deuses me salvem, mas a senhora sabe que eu a levaria a qualquer lugar.

CAPÍTULO SETE

Frentis

Ao despertar, ele encontrou Illian e Arendil dividindo o café da manhã, um mingau aguado com aveia feito com seus suprimentos cada vez menores. O constante deslocamento não deixava tempo para caçar e a fome estava tornando-se uma companheira. Contudo, nenhum dos dois fizera uma reclamação sequer e até mesmo suas discussões incansáveis pareciam ter desaparecido após a batalha com os Kuritai.

Eles haviam mudado de acampamento duas vezes em uma semana. O Senhor Feudal Darnel mostrara-se tenaz em sua perseguição, enviando mais caçadores com cães de escravos e Varitai, aparentemente tendo esgotado seu suprimento de elites escravas. Frentis ordenou que rastros falsos fossem feitos e armadilhas preparadas. À noite, ele saía com bandos pequenos formados pelos combatentes mais sorrateiros para cortar gargantas e semear confusão nas fileiras de seus perseguidores. Era mais fácil matar Varitai do que Kuritai, mas eles ainda podiam ser formidáveis, especialmente se conseguissem entrar em formação. Ele atacava durante a madrugada, procurando matar o maior número possível de cães e de caçadores, batendo rapidamente em retirada para uma emboscada já preparada. Funcionou nas primeiras vezes, quando os Varitai marcharam às cegas para o meio de chuvas de flechas e para dentro de fossos com estacas. Porém, quem quer que estivesse no comando da perseguição notou a tática e manteve seus homens reunidos em quatro grupos sólidos, cada um com mais de trezentos homens, enquanto Frentis perdia gente cada vez que lançavam outro ataque, sabendo que não havia mais caravanas que pudessem interceptar em busca de recrutas.

Os perseguidores também haviam desenvolvido uma tática desagradável, soltando matilhas de cães de escravos ao menor sinal de um rastro e deixando que trinta ou mais feras corresse soltas pela floresta, matando tudo o que conseguiam pegar. No dia anterior, os animais haviam chegado perto o bastante do acampamento para forçar uma batalha, e os cães da Fé bateram-se de frente com seus parentes em uma dança caótica de garras retalhadoras e dentes à mostra. Frentis liderou metade dos combatentes contra a retaguarda dos cães enquanto Davoka avançou com os outros contra o flanco. A lonak parecia ter um

ódio especial pelos cães de escravos, matando sem restrição ou cansaço à medida que abria uma trilha sangrenta pelas fileiras das criaturas. Frentis a encontrou matando o líder da matilha com uma estocada através da caixa torácica e viu a aversão estampada em seu rosto ao virar a lança para atingir o coração.

— Corrompidos — disse Davoka em resposta ao rosto franzido dele. — Foram feitos errados e cheiram errado.

— Guardamos um pouco para você, irmão — disse Illian, oferecendo-lhe uma tigela de mingau.

Frentis resistiu à tentação de perguntar se ela havia preparado a comida e aceitou a tigela.

— Obrigado, minha senhora. — Ele comeu a papa enquanto observava o acampamento. O Aspecto Grealin estava sentado sozinho, como se acostumara a fazer nos últimos dias, aparentemente perdido em pensamentos. Davoka e Ermund estavam praticando, desta vez treinando o combate desarmado. Frentis notou os sorrisos ocasionais da lonak quando rolavam juntos e pensou se era preciso dar algum aviso a Ermund, mas então percebeu o sorriso do cavaleiro e concluiu que o aviso provavelmente seria redundante. *Onde eles encontram tempo?*

Trinta e Quatro, ainda indeciso quanto ao nome que adotaria, estava sentado, praticando a língua do Reino com Draker, apesar de boa parte da lição consistir no uso correto de xingamentos.

— Não — disse o homenzarrão, sacudindo a cabeça desgrenhada. — Fodedor de porco, não porco fodedor.

Janril Norin afiava sua espada, com o rosto impassível e os olhos vazios enquanto passava a pedra ao longo do gume. Mais além, Mestre Rensial cuidava dos dois cavalos restantes, o garanhão veterano e a égua. Recentemente, ele havia expressado seu desejo de cruzá-los, para fornecer uma nova linhagem aos estábulos da Ordem, cujo estado era alvo constante de suas críticas.

— Há palha demais no chão! — disse ele, impaciente. — As paredes não são caiadas há meses.

— Nós estávamos pensando, irmão... — disse Arendil, interrompendo seu devaneio. — Sobre os volarianos.

— O que têm eles?

— De onde eles vêm? Davoka disse que você esteve lá. Ela acredita que todos venham da mesma cidade imensa, enquanto meu avô dizia que o Império Volariano abrangia metade do mundo.

— É um lugar grande — disse Frentis. — E dizem que Volar é a maior cidade do mundo, embora eu nunca a tenha visto.

— Mas você viu o império deles? — perguntou Illian. — Viu o que faz deles esses animais?

— Vi cidades e estradas maravilhosas. Vi crueldade e cobiça, mas também vi isso aqui. Vi um povo com uma vida que era estranha de muitos modos, mas também muito parecida com a vida em qualquer outro lugar.

— Então por que eles são tão cruéis? — Havia uma seriedade no rosto da garota, um desejo sincero de entender.

— A crueldade está em todos nós — respondeu Frentis. — Mas eles fizeram dela uma virtude.

Ele voltou o olhar para o acampamento, forçando-se a contar cada pessoa à vista. *Quarenta e três e oito cães. Isso não é um exército, e eu não sou um Senhor da Batalha.*

Levantou-se e pegou a espada e o arco.

— Vamos partir — disse ele, alto o suficiente para atrair a atenção de Davoka.

— Mudaremos o acampamento de lugar, irmão? — perguntou Arendil em um tom de relutância cansada.

— Não. Vamos sair da floresta. Não há como conseguir uma vitória aqui. Está na hora de fugir.

Janril tinha a velha espada renfaelina apoiada no ombro. Não levava mochila ou cantil, nada que pudesse ajudá-lo a sobreviver.

— Você não precisa fazer isso — disse-lhe Frentis. — Gostaria de ouvi-lo cantar novamente, meu amigo. Essa terra sempre foi mais rica assim.

O antigo menestrel apenas olhou para o seu rosto, impassível, e virou-se para ir embora. Andou alguns metros antes de parar e virar-se novamente para Frentis.

— O nome dela era Ellora — disse ele. — Ela morreu carregando meu filho no ventre.

Ele retomou a caminhada e logo desapareceu entre as árvores.

Não foi fácil. Os olhos do mestre pareciam prestes a se encher de lágrimas à medida que Frentis explicava o que aconteceria, mas, por fim, conseguiu persuadi-lo a soltar os cavalos, mandando-os para o norte na esperança de que os caçadores seguissem o rastro.

— São facilmente rastreados, Mestre — disse ele. — Sei que eles têm cavalos no Passo, e tenho certeza de que Mestre Sollis precisará do melhor mestre dos estábulos em todo o Reino.

Ele ordenou que rumassem para oeste, pretendendo virar para norte após deixar mais rastros falsos para os perseguidores. Frentis e Davoka seguiram na retaguarda enquanto Ermund ia na frente para fazer reconhecimento do terreno, acompanhado por Arendil e Illian; a garota já estava tão acostumada à canção da floresta quanto qualquer irmão ou caçador. O grupo percorreu pelo menos trinta quilômetros até o anoitecer, o que significava um bom dia de marcha na Urlish.

Acamparam em silêncio e sem fogueiras, aconchegando-se um no outro para se esquentarem.

— Pare de se mexer! — sibilou Illian para Arendil ao se deitarem lado a lado junto a um tronco caído de bétula.

— Sua cadela maldita não para de lamber meu rosto — retorquiu o garoto em um sussurro mal-humorado.

Frentis ficou sentado ao lado de Grealin, com olhos e ouvidos atentos à canção da floresta. *A floresta parece negra à noite*, dissera Mestre Hutral muitos anos antes. *Um vazio infinito. Mas é mais viva no escuro do que à luz do dia. Controle seus medos e veja-a como uma amiga, pois ela é o melhor vigia que você poderá encontrar.*

Uma coruja piava com regularidade nas copas das árvores. O vento trouxe apenas os cheiros da floresta, livres do suor humano ou do cheiro mais pungente de cães. Não havia qualquer brilho de metal sob o luar no vazio.

— Terreno aberto ao norte, irmão — disse Grealin com o mais baixo dos sussurros. — E quase duzentos e quarenta quilômetros por Renfael antes de chegarmos ao Passo. O risco é grande.

— Eu sei, Aspecto. Mas o risco é maior aqui.

Continuaram para oeste no dia seguinte, mas Frentis ordenou que virassem para o norte ao entardecer. Ele passou uma hora seguindo sozinho para oeste, na companhia apenas de Retalhador e Ermund, criando um rastro de galhos quebrados e marcas visíveis de botas e patas. Seguiram até o cair da noite, quando então rumaram para o norte para encontrar o rio, seguindo a margem até um vau raso. Os outros aguardavam na margem oposta; Davoka surgiu entre as sombras com a lança a postos e Illian levantou-se de um arbusto com a besta nas mãos.

— Retomamos a marcha ao amanhecer — disse Frentis, escorregando para o pé do tronco de um pinheiro e deixando-se ser levado pelo sono por algumas horas até o nascer do sol.

A manhã trouxe um novo cheiro no vento, pungente e acre. Frentis chamou Illian, indicando o pinheiro com a cabeça. A garota entregou a besta a Arendil e começou a subir na árvore, pulando de galho em galho até alcançar o ponto mais alto.

— Fogo — disse ela ao voltar para o solo. — Muito fogo.

— Onde? — perguntou Davoka.

— Em todo lugar. Por todos os lados. O incêndio maior está ao sul de nós e não muito longe da cidade.

Frentis trocou um olhar com Grealin. *Darnel está queimando a Urlish apenas por nossa causa?*

— O que faremos? — perguntou Draker, incapaz de livrar-se da velha lamúria na voz.

— O que todos os seres vivos nessa floresta estão fazendo. — Frentis pendurou o arco nas costas e começou a jogar fora tudo o que pudesse atrasá-lo. — Correr.

Ele fez todo o grupo correr por uma hora por vez, assumindo a dianteira e mantendo um ritmo castigador. Alguns combatentes ficaram exaustos e caíram pelo esforço, mas Frentis não permitiu que se demorassem, deixando que Davoka

os arrastasse ao longo do caminho e prometendo as punições mais severas se caíssem novamente. O cheiro de fumaça ficava cada vez mais intenso e as primeiras colunas subiam para manchar o céu ao atravessarem as copas das árvores. Como já esperavam, Grealin achou o ritmo quase insuportável, ofegando pelo caminho com o suor escorrendo pelo rosto gordo. Contudo, ele não reclamou e manteve-se de pé até o anoitecer.

Illian subiu em outra árvore ao pôr do sol; sua forma esguia parecia negra contra o céu alaranjado enquanto perscrutava a floresta.

— Agora é só um grande incêndio ao sul — disse ela. — Não é possível ver a cidade, pois as chamas estão muito altas. Há outro quase tão grande a oeste.

— Na nossa frente? — perguntou Frentis.

Ela assentiu sombriamente.

— Ainda espalhado, mas está aumentando.

— Então não podemos demorar aqui. Andem em fila e permaneçam juntos. Quando a fumaça se tornar densa, deem as mãos.

Eles sentiram o calor aumentar após o primeiro quilômetro, e uma cortina de fumaça repleta de cinzas desceu logo depois, causando tosses e ânsias de vômito enquanto seguiam tropeçando adiante com as mãos dadas. Frentis segurava a mão de Illian, que segurava a mão de Arendil. Ele era forçado a parar com frequência e olhar adiante, procurando um caminho livre do brilho alaranjado das chamas. De vez em quando, um veado ou um porco selvagem saía correndo da fumaça e desaparecia antes que Frentis pudesse discernir alguma rota de fuga que os sentidos do animal pudessem ter revelado.

Estavam seguindo por uma trilha estreita quando um grande estrépito anunciou a queda de uma árvore, um pinheiro alto e envolto em chamas caindo para bloquear o caminho. Frentis olhou ao redor, procurando outro caminho, e viu apenas o brilho do fogo por todos os lados. Puxou Illian para perto e foi obrigado a gritar no ouvido dela devido ao barulho do fogo.

— Diga ao Aspecto para vir para o início da fila!

Grealin apareceu logo depois, com o rosto coberto de suor. Frentis apontou para o pinheiro flamejante com uma pergunta no olhar. O Aspecto olhou para a árvore por um momento e deu um passo adiante com uma careta de resignação. Ele ergueu as mãos e estendeu os dedos, curvando os ombros como se fizesse força contra uma parede invisível.

Por um segundo, nada aconteceu. Então, o pinheiro se moveu, estremeceu e explodiu, espalhando pedaços incandescentes em todas as direções. Grealin caiu de joelhos, ofegando e quase vomitando em meio à fumaça, com sangue escorrendo-lhe do nariz. Ele dispensou a mão que Frentis estendera para ajudá-lo e gesticulou, impaciente, para que seguisse em frente.

— Eu não vou lhe deixar aqui, seu velho tolo e gordo! — berrou Frentis, prendendo seu braço debaixo de um braço flácido do Aspecto e levantando-o. — Agora, ande! Ande!

A fumaça logo ficou tão densa que era impossível enxergar qualquer coisa, e eles foram forçados a se arrastarem, buscando ar mais puro junto ao solo. Por todos os lados, árvores estalavam e caíam em chamas, e carvalhos e teixos desabavam com gemidos poderosos. *Ela está morrendo*, pensou Frentis. *Nós*

matamos a Urlish.

Uma brisa repentina dissipou a fumaça o suficiente para que ele tivesse uma noção dos arredores, encontrando uma clareira larga com árvores bastante espaçadas e intoxicadas pelas chamas.

— De pé! — gritou ele, forçando Grealin a levantar-se. — Estamos quase salvos! Corram!

A fila se desfez quando todos correram, tropeçando, tossindo e sentindo o calor crescente às suas costas. Frentis parou e atirou-se no chão quando percebeu que corria através de capim longo, com um céu límpido acima. Ele ficou deitado de costas, respirando fundo e imaginando se já provara algo tão doce.

— Jamais visto — murmurou Grealin. Ao ouvi-lo, Frentis sentou-se para encontrar o Aspecto olhando para a floresta em chamas. Ela parecia estar ardendo de ponta a ponta, e o céu acima das árvores era tomado pela fumaça negra que subia, ocultando o sol e deixando-os em uma sombra fria.

— Aspecto? — perguntou Frentis.

— Isso jamais foi visto. — Grealin sacudiu a cabeça, com a perplexidade estampada no rosto enquanto continuava a olhar para a floresta moribunda. — Em nenhuma predição. Estamos além das profecias.

Haviam perdido cinco pessoas para o fogo, que desapareceram em algum lugar na fumaça. Frentis pensara que os cães da Fé também haviam sido perdidos, mas Retalhador apareceu ao marcharem para o norte, saltando do capim longo com Dente Negro e seis outros cães de sua matilha. Ele derrubou Frentis e cobriu-lhe o rosto com lambidas, dando um de seus latidos roucos.

— Você é um bom garoto — disse Frentis, passando uma das mãos cansadas no pelo do cão.

Mantiveram-se alertas para o surgimento da cavalaria volariana, mas o vento mostrou-se amigo, empurrando a fumaça da Urlish para baixo e ocultando o grupo em uma neblina. Frentis ouviu toques distantes de cornetas e som de cascos, mas nenhum se aproximou o suficiente para ser uma ameaça. Após cerca de trinta quilômetros, a paisagem ao norte da Urlish passou de colinas ondulantes a ravinas e penhascos, os quais ele se recordava de ter encontrado em seu Teste da Natureza, sabendo que forneceria um abrigo bem-vindo. Frentis procurou o desfiladeiro escarpado de que se lembrava, pois passara ali três dias antes que os homens de Caolho fossem atrás dele; era uma formação alta de arenito com uma reentrância na base causada por erosão e grande o suficiente para acomodar o grupo inteiro. O riacho de correnteza veloz também ajudaria a ocultar qualquer som que fizessem, embora não ousassem arriscar acender uma fogueira.

— Vi fogo suficiente por um dia — disse Illian, forçando uma risada, mas Frentis notou o quanto ela tremia e a magreza de seu rosto. Eles não tinham comida nem proteção contra o frio noturno. *Eu deveria tê-los poupado*, pensou. *Embragados de sangue por muitas semanas.*

A voz dela tornou a aparecer em sua mente, como era frequente em

momentos de dúvida. *Mas não tinha um gosto tão bom, amado?*

Ela apareceu em seus sonhos naquela noite, mais uma vez na praia, com as ondas quebrando-se sob um céu vermelho. Dessa vez, não havia uma criança. A mulher estava parada como antes, não se virou quando ele se aproximou, assistindo ao espetáculo à sua frente feito uma estátua e com cabelos emaranhados pelo vento. Frentis parou ao seu lado, observando o perfil sombrio.

— Tantos — disse ela, sem se virar. — Mais do que já conseguimos, amado.

Ele olhou para o litoral e viu cadáveres sendo trazidos pelas ondas. A praia estendia-se de ambos os lados até onde a vista alcançava, repleta de mortos.

— Nós fizemos isso? — ele perguntou.

— Nós? — Um leve sorriso surgiu nos lábios da mulher, com um lampejo da antiga crueldade em seus olhos ao inclinar a cabeça para encará-lo, estendendo a mão para tocá-lo. — Não. Você fez isso quando me matou.

Frentis podia ver que não era apenas o litoral. O mar estava apinhado de cadáveres até o horizonte. Todos os mortos do mundo à sua vista.

— Como?

— Eu teria sido terrível — respondeu a mulher. — Meu reinado seria de cobiça e luxúria desmedidas, uma rainha amargurada infligindo seu rancor solitário por todo o mundo, pois você teria me deixado, morta na última batalha desesperada contra minha Horda. Porém, por mais terrível que o destino me fizesse, eu não sou *ele*. Isso não teria sido obra minha. Eu era a única chance de salvação para esse mundo.

Frentis deixou que ela tomasse sua mão e sentiu o calor da carne dela, não o frio que havia antes. Ele soube então, com uma súbita sensação arrepiante de certeza, que se a mulher tivesse concordado com seu acordo, eles teriam ficado juntos pelo resto dos seus dias. Todos os ódios e crimes teriam sido esquecidos nesse lugar distante, onde teriam criado seu filho enquanto o mundo era destruído. A culpa o sufocou e fez com que quisesse envolvê-la outra vez em seus braços, quebrar seus ossos e senti-la estremecer enquanto morria.

A mulher sorriu e a crueldade desapareceu quando apertou com mais força sua mão, a voz embargada ao dizer as últimas palavras:

— Sinto muito, meu amado, mas nós dois precisamos acordar agora.

— Irmão! — A voz de Arendil era baixa e urgente ao despertá-lo com puxões no braço. — Cavaleiros aproximam-se.

Frentis levou-os para o alto por uma trilha estreita, deitou-se em cima do despenhadeiro e viu os cavaleiros surgirem no horizonte. Um batalhão da Cavalaria Livre era liderado por uma tropa de cavaleiros renfaelinos, com uma figura alta de armadura azul laqueada cavalgando à frente. Frentis sentiu Arendil retesar-se ao seu lado à medida que a figura aproximava-se.

— Seu pai?

O rosto do garoto foi dominado pelo ódio, e os nós dos dedos estavam brancos ao apertarem o punho da espada longa.

— Ele sempre usa uma armadura azul. Dizem que gasta metade do tesouro do feudo nela.

Os cavaleiros pararam a uns duzentos metros de distância e caçadores e cães posicionaram-se na frente da coluna. Não demoraram a apontar diretamente para a ravina.

— Podemos correr enquanto eles procuram por nós aqui — disse Davoka. — Conseguiremos percorrer quilômetros antes que encontrem nosso rastro.

Grealin deu voz às palavras que já se formavam na mente de Frentis.

— E, quando encontrarem, cairão sobre nós antes do anoitecer. — Ele encarou Frentis. — Estou cansado demais de correr, irmão.

O homem gordo ficou parado do lado de fora do despenhadeiro, com as mãos entrelaçadas sobre a ampla barriga enquanto os cavaleiros entravam na ravina. O cavaleiro alto, de armadura azul, ergueu uma das mãos, parando o batalhão e trotando na frente com um arco para saudar o homem gordo, embora sem desmontar. A conversa era apenas parcialmente ouvida por Frentis, que estava escondido na ponta da ravina, agachado atrás de uma rocha, com Arendil ao seu lado, mas foram discernidas as palavras “Irmão Vermelho” e “filho”. Grealin deu suas respostas com um sorriso franco e um aceno cortês com a cabeça, mas sem impressionar muito o cavaleiro, que logo desembainhou a espada e levou o cavalo adiante até que a ponta da arma ficasse a poucos centímetros do peito do Aspecto.

— Basta, irmão — disse ele. — Onde eles estão? Chega de jogos.

Frentis ergueu as sobrancelhas para Arendil. O rosto do garoto estava lívido, porém determinado quando assentiu em resposta.

— Darnel! — gritou Frentis, saindo de seu esconderijo atrás da rocha com o arco nas mãos e uma flecha preparada e Arendil ao seu lado, com a espada longa desembainhada.

O cavaleiro virou o cavalo para eles, com os olhos ocultos por trás da viseira, mas o triunfo do momento ficou evidente nas ordens gritadas aos seus servidores. Eles dispararam em frente em um galope instantâneo, esquecendo-se de Grealin, o que se provou um erro singular.

O Aspecto permitiu que os cavaleiros e mais uma dúzia de Espadas Livres passassem a galope antes de afastar-se do despenhadeiro, virar-se e erguer os braços enquanto recuava, com os dedos estendidos apontados para a reentrância desgastada na formação. Um som semelhante a um trovão ecoou pela ravina e uma explosão de poeira vermelha envolveu a cavalaria volariana, fazendo com que os cavalos empinassem em meio à nuvem que se levantava.

Grealin continuou a recuar quando outro trovão ribombou; a investida dos cavaleiros vacilou diante da força do choque que abalou a terra, fazendo suas montarias pararem, parecendo alarmadas. O homem que usava a armadura azul

bateu com as rédeas no flanco do cavalo para que parasse de empinar, virando-se a tempo de ver uma teia de rachaduras se espalhar pelo despenhadeiro de arenito no decorrer de uma batida de coração. Frentis acertou uma flecha em seu joelho enquanto o homem estava olhando para o despenhadeiro, a farpa de aço atingindo a articulação do joelho mal protegida. O cavaleiro girou na sela, agarrou a haste e tombou no chão quando outra flecha o atingiu no vão entre o peitoral e o ombro.

Ele ficou caído no solo, com gritos perdidos à medida que o desfiladeiro continuava a se fragmentar às suas costas, despedaçando-se em uma explosão sonora que derrubou Frentis e Arendil. Os pedaços de arenito caíram na ravina abaixo, onde gritos de homens e relinchos de cavalos foram abafados pelo crescendo de pedras desmoronando.

Mais poeira foi levantada em uma nuvem alta, engolindo a forma curvada de Grealin enquanto os cavaleiros sobreviventes giravam de um lado para o outro, aturdidos. Frentis levantou-se e abateu um cavaleiro com uma flecha nas costas no momento em que os combatentes surgiram em ambos os lados da extremidade da ravina, disparando flechas e virotes de besta em uma saraivada que fez jus às suas semanas de experiência conseguida a duras penas. Frentis viu cerca de metade dos cavaleiros tombarem antes de deixar o arco e investir com a espada desembainhada, seguido pelos combatentes que corriam por ambos os lados.

Os cavaleiros foram trespassados por lanças ou feitos em pedaços sem demora. Ele viu Arendil saltar e desferir um golpe descendente com a espada longa que cortou o braço de um cavaleiro quando o homem tentou atingir Davoka. Ermund parou diante de um cavaleiro que investia, erguendo a espada na altura da cabeça e desviando no último instante para desferir com destreza um golpe cortante para cima, encontrando a garganta desprotegida do cavaleiro e arrancando-o da sela em uma espiral de sangue.

Frentis encontrou Grealin caído, com os olhos semicerrados e sangue jorrando em profusão por cada orifício. Agachou-se ao lado do mestre, colocando uma das mãos no braço largo. O Aspecto abriu os olhos, ainda chorando lágrimas vermelhas. Eles encararam Frentis por um momento silencioso, brilhantes e desanuviados; a carne em volta dos olhos franziu quando Grealin sorriu. O sangue jorrou de sua boca ao tentar falar. Frentis inclinou-se para perto para ouvi-lo dizer com uma voz rouca:

— Eu acho... que prefiro a vida... sem profecias.

— Aspecto?

Não se ouviu nenhuma outra palavra do Aspecto da Sétima Ordem. Nunca mais se ouviria.

Frentis caminhou na direção do homem de armadura azul. Ele estava lutando para levantar-se e uma torrente de obscenidades doloridas saía de seus lábios encobertos. Frentis colocou a ponta de sua espada sob a viseira do homem, e o cavaleiro ficou imóvel quando os outros combatentes se aproximaram.

— Não temos de julgá-lo antes? — perguntou Draker. — Já que ele é um Senhor Feudal e tudo mais?

— Apenas mate o desgraçado, irmão — disse Ermund. — Ou deixe-me ter a honra.

Frentis ergueu a viseira com a espada, revelando um rosto magro com lábios ensanguentados e olhos aterrorizados.

— Wenders! — exclamou Ermund com desprezo, avançando e chutando o joelho trespassado do homem, provocando um uivo de agonia. — Queremos o mestre, não o cão. Ele deixou você sair com a armadura dele, é? Onde ele está? — Ele chutou outra vez. — Onde?

— Basta — disse Frentis. — Você conhece esse homem?

— Rekus Wenders, principal servidor e puxa-saco de Darnel. Liderou os cavaleiros que foram atrás do barão e entregaram a mim e aos meus homens aos volarianos. Aqueles que ele não matou.

— E-eu sigo meu Senhor Feudal — gaguejou Wenders. — Sou obrigado por um juramento...

— Foda-se seu juramento. — Ermund pisou no pescoço de Wenders e começou a pressionar com força. — Meus primos morreram naquele dia, seu verme!

Davoka adiantou-se e colocou uma das mãos no peito de Ermund, com o semblante carregado de desaprovação. O cavaleiro olhou para a lonak, furioso, e virou-se, soltando um grito de frustração e deixando Wenders arfando no chão.

Frentis fez um sinal para Trinta e Quatro. O ex-escravo interrompeu a limpeza de sua espada curta e aproximou-se, parando ao lado dele e encarando Wenders com seu olhar indiferente.

— Este homem era um escravo numerado com um conjunto peculiar de habilidades — disse Frentis a Wenders. — Suponho que você tenha visto o suficiente dos volarianos para saber o que isso significa.

O rosto do cavaleiro ficou rígido e petrificado e um cheiro forte saiu de sua armadura.

— Pela Fé! — disse Draker, virando-se para o outro lado, enojado. — Teria sido mais fácil ver o cavaleiro matá-lo. — Ele se afastou para vasculhar os corpos em busca de itens de valor; era difícil deixar os hábitos de um fora da lei.

— Ótimo — disse Frentis a Wenders, agachando-se diante do homem. — Temos pouco tempo para a sutileza de meu amigo, e vejo que você compreende a importância de respostas breves e sinceras.

O cavaleiro começou a balançar vigorosamente a cabeça.

— Você vai contar tudo o que sabe sobre o modo como Lorde Darnel está organizado em Varinshold — disse-lhe Frentis. — Quantos homens ele tem, onde dorme, o que come. E você também me dirá onde ele está mantendo o Aspecto da minha Ordem.

Eles ergueram uma pira para Grealin e tiveram tempo apenas para as palavras mais breves, nas quais Frentis tropeçou, tentando dizê-las da melhor forma que podia. *Como fazer justiça a um homem como esse em algumas palavras?*, perguntou-se. Ele se calou após tentar recitar o Catecismo da Fé, e Davoka adiantou-se enquanto os outros trocavam olhares incertos.

— Meu povo teme pessoas como ele — disse a lonak, cuja voz ecoou nos confins da ravina. — Pensamos que elas roubam o que pertence a Mahlessa e aos deuses e que se tornam corrompidas com o roubo, indignas de confiança ou de pertencer ao clã. Esse homem me mostrou que estamos errados.

Arendil adiantou-se, sorrindo com tristeza para o corpo amortalhado de Grealin.

— Ele me contava histórias sobre a Ordem, à noite, quando os outros já estavam dormindo. Cada história era diferente, com uma nova lição. Espero tê-las escutado tão bem quanto deveria.

Illian parou ao seu lado quando seu rosto se contorceu em antecipação às lágrimas, segurando a mão de Arendil antes de falar.

— Ele disse que meu sangue fazia de mim uma senhora, mas que a vida fizera de mim uma caçadora. Ele achava que esse papel era mais adequado para mim.

Frentis adiantou-se com a tocha, encostou-a na lenha e recuou.

— Adeus, Mestre — sussurrou ele quando as chamas subiram.

Davoka tirou a armadura de Wenders e removeu as flechas antes de enfaixar os seus ferimentos. Ela não foi gentil, e os gritos do cavaleiro foram suficientes para fazer com que Ermund cobrisse sua boca com uma das mãos e segurasse uma adaga contra sua garganta enquanto a lonak terminava o trabalho. Eles o encostaram em uma parte desmornada do penhasco com um cantil à mão.

— Quando seu senhor perguntar, diga-lhe que o Irmão Vermelho oferece seus cumprimentos e que voltará em breve para resolver nossos assuntos — disse Frentis. — Se for esperto, você se esquecerá de dizer a ele quão prestativo foi.

— Vocês são tolos — retorquiu o cavaleiro, encontrando algum vestígio de coragem agora que estava claro que não pretendiam matá-lo. — Essa terra pertence aos volarianos agora. Se quiserem viver, precisam se juntar a eles. Podem achar que sou um covarde se quiserem, mas ainda estarei respirando daqui a vinte anos, enquanto vocês todos estarão a mui...

O virote da besta de Illian emitiu um tinido metálico ao atravessar o olho e o crânio de Wenders e chocar-se com a rocha atrás da cabeça do homem. Surpreendentemente, ele ainda conseguiu arquejar algumas palavras finais, mas qualquer sabedoria contida nelas foi perdida em um balbúcio cheio de saliva antes que ele caísse para frente, calado e sem vida.

— Desculpe-me, irmão — disse Illian a Frentis com uma expressão de sincero arrependimento. — Meu dedo escorregou.

Eles seguiram para o norte durante três dias. Apenas dois cavalos haviam sobrevivido à carnificina na ravina, garanhões renfaelinos altos que agora serviam como animais de carga aos cuidados de Mestre Rensial. Os volarianos renderam um suprimento decente de comida, pois tinham tiras de carne seca e biscoitos duros de trigo e cevada que se transformavam em um mingau apetitoso quando colocados em água fervente.

No terceiro dia, os desfiladeiros e os vales ao norte de Asrael deram lugar às colinas altas da fronteira renfaelina, com morros relvados erguendo-se em pastos desprovidos de florestas ou rochas que pudessem servir como abrigo.

— Podíamos virar para leste — sugeriu Draker. — Ir para o litoral. O terreno é mais acidentado lá. Lembro-me bem da minha época de contrabandista.

— Não temos tempo — retorquiu Frentis, embora compartilhasse da relutância do homem. *Lugar perfeito para uma cavalaria, mas não para qualquer outra coisa.*

Eles se mantiveram nas terras baixas pelo máximo de tempo possível, evitando estradas ou aldeias e subindo as colinas apenas para acampar quando anoitecia. Passados mais dois dias de marcha, avistaram o Rio Andur, e Arendil assegurou Frentis de que havia florestas em abundância do outro lado da água.

— Graças aos Finados — disse Illian. — Sinto-me nua aqui.

Percorreram oito quilômetros na manhã seguinte antes que ouvissem um trovão distante acompanhado por um leve tremor de terra. A essa altura, não havia ninguém ingênuo o bastante para confundir aquilo com uma tempestade que se aproximava.

— Indo para o sul — relatou Davoka, deitando-se com o ouvido no solo. — Na nossa frente. — Levantou-se com uma expressão séria no rosto. — Logo chegam aqui.

— Illian! Arendil! — Frentis fez sinal para que fosse até os dois cavalos, e Mestre Rensial removeu os fardos e entregou-lhes as rédeas. — Cavalguem para oeste — disse-lhes Frentis. — Mantenham um ritmo forte. Uma semana de viagem os levará até Nilsael... — Ele se calou ao ver Illian soltar as rédeas e recuar com os braços cruzados. Arendil ficou ao lado dela, com as mãos vazias.

— Isso não é um jogo... — começou ele.

— Eu sei que não é um jogo, irmão — interrompeu Illian. — E não somos crianças. Não é possível fazer o que fizemos e permanecermos crianças. Vamos ficar.

Frentis olhou para eles, impotente, enquanto a culpa ameaçava arrancar um grito de seu peito. *Se vocês morrerem aqui será minha culpa!*

— Nossas chances nunca foram muito boas, irmão — disse Arendil com um sorriso sombrio.

Frentis respirou fundo e deixou o grito morrer, passando os olhos pela sua companhia esfarrapada e não vendo medo em rosto algum. Todos o olhavam

com um silêncio respeitoso, aguardando ordens. *Eu fui transformado em um monstro, mas eles me transformaram em algo melhor. Eles me trouxeram de volta. Eu voltei para casa.*

Ele podia sentir o tremor do solo sob seus pés aumentar cada vez mais. *Devem ser mil ou mais.*

— Formem um círculo — disse ele, apontando para uma pequena elevação no terreno a uns quinze metros dali. — Mestre Rensial, por favor, monte e fique comigo.

Frentis montou em um dos cavalos de guerra, trotando até a elevação e parando com Rensial no centro do círculo enquanto os outros se posicionavam ao redor, formando uma cerca pontiaguda de espadas desembainhadas e arcos erguidos.

Avistaram os primeiros cavaleiros poucos minutos depois, figuras indistintas na névoa matutina; eram apenas vinte homens cavalgando rápido. *Sem armaduras*, percebeu Frentis. *Batedores volarianos...* Seus pensamentos desapareceram quando avistou o rosto do cavaleiro que liderava o grupo. Era um homem esguio de meia-idade, com cabelos curtos, olhos claros e um manto azul-escuro que esvoaçava às suas costas.

— Abaixar armas — ordenou Frentis, desmontando e avançando com as pernas bambas quando o homem de manto azul parou o cavalo a pouca distância.

— Irmão — cumprimentou-o Mestre Sollis, com a voz ainda mais rouca do que Frentis se lembrava. — Parece que vocês estão marchando na direção errada.

CAPÍTULO OITO

Reva

Reva podia ouvir a voz do Leitor antes mesmo de chegar à praça, perguntando-se como um homem tão velho podia gritar tão alto.

— O Olhar do Pai foi tirado de nós, roubado por esses hereges malditos...

Ela encontrou a praça cheia de gente; todas as pessoas tinham os olhos fixos no centro da praça e pareciam arrebatadas pelas palavras do Leitor.

— Essa cidade é a dádiva do Pai! A joia entregue aos amados, que recebeu o nome de Seu maior servo! Contudo, permitimos que a corrupção da descrença envenenasse esse lugar...

— Saiam da frente! — Reva começou a abrir caminho por entre a multidão aos empurrões; a maioria dos espectadores deu passagem ao ver seu rosto, mas outros mostraram-se mais relutantes, e ela não estava com disposição para ser gentil. — Eu disse para saírem da frente! — rosou ela. Um homem que tentara segurar seu braço cambaleou para trás com um golpe no nariz que fez escorrer sangue. Sua passagem ficou mais fácil depois.

— E purificar essa cidade! Essas são as palavras do Pai para mim, reveladas nos Dez Livros, embora eu tenha lutado por muito tempo para encontrar outro modo. “Tornem minha cidade pura novamente e meu olhar recairá sobre vocês mais uma vez...”

Reva livrou-se da multidão e chegou ao centro da praça, onde havia muitas pessoas ajoelhadas, amarradas e cercadas por homens com espadas. Ela notou que alguns dos homens armados eram sacerdotes enquanto outros eram homens de meia-idade, alguns velhos demais para serem vistos em serviço nas muralhas. Alguns ficaram visivelmente preocupados ao vê-la, mas vários a encaravam com rostos desafiadores, e um deles deu um passo adiante para bloquear seu caminho quando ela se moveu na direção do Leitor.

Ela tirou a espada da bainha rapidamente e o homem parou. Reva ficou chocada ao reconhecê-lo como o vendedor de frutas que lhe vendera a maçã naquele primeiro dia nos degraus da catedral.

— Saia da minha frente — disse ela, com a voz baixa e repleta de ameaças terríveis. O vendedor de frutas empalideceu e recuou.

— Lá vem ela! — exclamou o Leitor nos degraus da catedral. — Como

previ. A pupila bastarda da rameira, a falsamente abençoada.

Reva avistou o Irmão Harin, ajoelhado com o rosto ensanguentado na fileira da frente dos cativos. Veliss estava ajoelhada ao lado do curandeiro, com os braços amarrados atrás das costas e uma mordança de madeira presa à boca. Arken estava ajoelhado ao lado dela, mal conseguindo manter-se ereto; sua pele estava pálida e sua cabeça balançava.

— Tenho uma bênção para você — disse Reva ao Leitor, correndo em direção a ele com um ódio vermelho turvando-lhe a visão. — É feita de aço, não de palavras.

O estimado sacerdote do Leitor tentou impedi-la, desferindo uma estocada inexperiente contra o peito dela com uma rapieira. A lâmina caiu com estrépito junto com dois dedos do homem. O Leitor foi flanqueado por seus bispos, mas Reva achou significativo que nenhum se adiantasse para protegê-lo de sua investida, observando em choque ou preferindo desviar o olhar, embora ela tivesse certeza de ver um ou dois sorrisos. O velho caiu feito um amontoado de trapos quando ela agarrou seu manto, forçando-o a encostar nos degraus, com a espada puxada para trás.

— O sacerdote! — gritou Reva. — Quem é ele? Sei que ele presta contas a você.

— Tamanho pecado! — O velho sacudiu a cabeça, com loucura e espanto nos olhos. — Tamaña corrupção de carne sagrada. Você, a prometida como nossa salvação, depravada por um desejo anormal...

— Apenas diga! — Ela o forçou a se abaixar ainda mais, pressionando a ponta da espada através do manto.

— A luz ardente de seu sacrifício garantiria nossa união. Foi prometido a ele pelo Mensageiro do Pai...

— REVA!

Era a única voz que poderia detê-la. Ela se virou e viu que o tio aproximava-se, mancando e cortando a multidão, enquanto as pessoas recuavam com as cabeças abaixadas. Era uma cena patética, um homem esgotado e moribundo arrastando os pés, usando uma velha espada como bengala. Contudo, também havia dignidade ali, uma imponência no olhar firme que Sentes lançou ao redor, e alguns homens com espadas abaixaram as armas quando ele avançou lentamente até os degraus.

Reva soltou o Leitor e recuou quando o tio parou alguns degraus abaixo.

— Creio — disse ele ofegante e em um arquejo baixo — que nosso povo gostaria de ouvir suas novas.

— Novas, tio? — perguntou Reva, com o peito arfando com a fúria contida.

— Sim. A revelação do Pai. Está na hora de partilhá-la.

Revelação? O olhar de Reva esquadrinhou a multidão, notando as expressões confusas nos rostos reunidos, medo e esperança, mas principalmente apenas uma grande incerteza. *É isso o que ele oferece ao povo*, compreendeu ela, olhando para o Leitor aos seus pés. *Certeza. A mentira de uma grande verdade. Matá-lo não irá refutá-la.*

— Lorde Vaelin Al Sorna vem em nosso auxílio! — gritou Reva ao povo, o mais alto que pôde. — Ele cavalga nesse exato momento até nós com um grande

e poderoso exército!

— Mentiras! — sibilou o Leitor, levantando-se lentamente. — Ela pretende usurpar as palavras do Pai com mentiras! Invocando o nome do Lâmina Negra, ainda por cima!

— Al Sorna não é o Lâmina Negra! — gritou ela quando a multidão começou a murmurar. — Ele vem para nos salvar. Eu sou a Senhora Reva Mustor, herdeira da Cadeira desse feudo e filha do Lâmina Fiel. Vocês me chamam de abençoada e acreditam que o olhar do Pai está sobre mim. Eu digo que está sobre todos nós. E o Pai não recompensa assassinatos.

— Eles negam o amor do Pai! — O Leitor apontou uma das mãos ossudas para os cativos ajoelhados. — A presença deles dentro das muralhas nos enfraquece!

— Enfraquece? — Reva avistou o vendedor de frutas que a confrontara pouco antes. — Você! Você tem uma espada. Por que não o vi na muralha?

O homem arrastou os pés e olhou receoso ao redor.

— Tenho uma filha e três netos, minha senhora...

— E eles morrerão se não defendermos essa cidade. — Ela se voltou para um sacerdote parado perto dos degraus, um homem corpulento com uma espada de lâmina fina que pendia de sua mão como um graveto úmido. — Você, servo do Pai, também não o vi lá. Mas vi esse homem... — Ela apontou para Arken — Eu o vi lutando e sangrando para defendê-lo. E esse homem — continuou Reva, apontando para o Irmão Harin — trabalha incessantemente para cuidar dos nossos feridos. Essa mulher... — Os olhos de Veliss estavam arregalados sobre a mordança, brilhando com intensidade. — Essa mulher tem servido esse feudo bem e fielmente há anos e trabalhado sem pausa ou descanso para manter essa cidade a salvo e garantir que todos sejam alimentados.

Reva fulminou a multidão com o olhar.

— Eles não nos enfraquecem. Vocês, sim! Vocês são a fraqueza desse lugar! Vocês agem como os escravos que nosso inimigo faria de nós, curvando-se a esse velho mentiroso, enchendo seus corações com um ódio conveniente quando sabem que o Pai sempre falou apenas de amor!

Ela tornou a olhar para o sacerdote corpulento.

— Abaixei isso antes que você se machuque. — O homem olhou para Reva, e a espada caiu de sua mão, batendo e ressoando nas pedras. Reva olhou para os outros homens com espadas, e cada um largou sua arma conforme os olhos dela encontravam seus rostos, desviando o olhar envergonhados ou encarando-a espantados.

Ouviu-se uma comoção à direita, causada por Antesh e Arentes, que abriam caminho à força por entre a multidão, seguidos pela Guarda da Casa e por uma dúzia de arqueiros e Guardas do Reino. Reva ergueu uma das mãos quando eles avançaram na direção dos homens desarmados e apontou para os cativos.

— Libertem essas pessoas, meus senhores, por favor.

Ela olhou por sobre o ombro para o Leitor, vendo o rosto do homem lívido de fúria ou descrença.

— A catedral ficará fechada até segunda ordem. Não torne a mostrar seu

rosto fora dela. — Reva embainhou a empada e desceu os degraus até o Senhor Feudal, estendendo-lhe uma das mãos. — Acho que o senhor precisa de um cochilo, tio.

Ele assentiu, cansado, sorrindo e então piscando em choque, arregalando os olhos para algo atrás da sobrinha. Reva virou-se e viu o Leitor jogando-se em sua direção, com a adaga erguida no alto na mão ossuda e os dentes amarelos arreganhados em uma careta de ódio, rápido e perto demais para ser desviado ou bloqueado. Algo passou pelo canto de seu olho em um borrão, e o Leitor dobrou-se diante dela, a adaga deixando um corte superficial em seu braço quando o homem tombou nos degraus da catedral com a espada de seu avô cravada na barriga. Ele tossiu, estrebuchou e morreu.

Reva segurou o tio quando ele caiu, aninhando sua cabeça no colo e colocando uma das mãos sobre seu peito, sentindo as batidas de seu coração diminuírem.

— Nunca... matei alguém... antes — disse ele. — Fico feliz... que tenha sido... ele. — Ele levou uma das mãos trêmulas até o rosto de Reva, e ela a segurou ali. — Não... duvide do amor do Pai... minha maravilhosa sobrinha. Prometa-me.

— Não duvidarei, tio. Jamais.

Ele sorriu, com os olhos vermelhos e turvos.

— Brahdor — sussurrou ele.

— Tio?

— O homem que o sacerdote chamava de senhor... O nome dele... Brahdor... — A mão dele perdeu as forças. Os olhos ainda a encaravam, mas ela soube que nada viam.

O Senhor Feudal Sentes Mustor foi sepultado na cripta da família, que ficava dentro das muralhas da mansão. Por ordem de Reva, apenas ela e os carregadores do caixão estiveram presentes. Ela quisera Veliss ao seu lado, mas a mulher estava abalada demais pelos eventos do dia para comparecer, retornando cambaleante para a mansão, com o rosto lívido, e trancando-se em seu quarto. Reva dispensou os carregadores e sentou-se junto ao caixão até o anoitecer. Era uma caixa simples de pinho, incongruente ao lado do mármore ornamentado de seus antepassados, algo que ela teria de remediar em seu devido tempo. Lá fora, as batidas baixas das pedras lançadas pelas máquinas podiam ser ouvidas ao abrir-se outra brecha na muralha. Antesh relatou que a brecha estava a apenas duas semanas de ser completada.

Reva esperara que estar ali com os ossos de seus antepassados pudesse provocar alguma visão ou iluminação, um estratagema astuto para levá-los à vitória quando a última pedra caísse. Porém, tudo o que conseguiu foi um traseiro gelado e uma sensação de perda tão grande que parecia que alguma mão invisível arrancava suas entranhas.

Ela levantou-se e foi até o caixão, tocando a madeira simples com os dedos.

— Adeus, tio.

Veliss abriu a porta depois da sétima batida, ela estava pálida e com os olhos vermelhos. A sombra de um sorriso passou pelos seus lábios antes de se virar, deixando a porta aberta. Reva a fechou às suas costas, observando Veliss sentar-se à mesa, onde um pedaço de pergaminho a aguardava, já parcialmente preenchido por sua bela caligrafia.

— Minha carta de demissão — disse ela, pegando a pena. — Acho que aceitarei aquele cavalo e o ouro. Quando tudo isso tiver acabado, naturalmente. Ouvi dizer que o Extremo Ocidente oferece muitas oportunidades...

Ela se calou quando Reva colocou as mãos em seus ombros, erguendo os olhos para encontrar os dela no reflexo do espelho.

— Eu achava que era uma mancha.

Reva curvou-se e deu-lhe um beijo no pescoço, exultando de alegria com o espanto provocado.

— Ela foi lavada. — Reva pegou as mãos de Veliss e levou-a na direção da cama. — Agora é uma dádiva.

É errado?, perguntou-se na manhã seguinte. *Sentir-me tão bem em uma hora como essa?* Reva vinha lutando para não sorrir durante todo o conselho com seus capitães, tendo o cuidado de evitar olhar para Veliss, por temer um sorriso ou um rubor revelador. Seu tio fora sepultado, o Leitor havia sido morto nos degraus de sua própria catedral e a cidade estava à beira da destruição, mas ela só conseguia pensar na maravilhosa noite anterior.

— Simplesmente não é o suficiente — dizia Antesh para Arentes, insistindo e batendo com os nós dos dedos no mapa sobre a mesa da biblioteca. — Nós não os seguraremos nas brechas por mais do que algumas horas, e pode apostar que eles farão um novo ataque às muralhas para dividir nossas forças.

— O que mais podemos fazer? — perguntou o velho comandante da guarda. — A defesa da cidade depende de suas muralhas. Não há provisões nem planos para qualquer outra defesa. Minha senhora — continuou ele, virando-se para Reva —, poderia ajudar se tivéssemos alguma noção de quanto tempo o Lâm... Lorde Al Sorna levará para chegar com seu exército.

Reva controlou-se antes que uma expressão jocosa chegasse ao seu rosto. *Ele acreditou em mim.* Ao ver o olhar intenso de Lorde Antesh, ela percebeu que o velho guarda não estava sozinho. *Eles realmente pensam que o Pai me enviou uma visão sagrada.*

— Tais... detalhes não me foram revelados, meu senhor — respondeu Reva. — Devemos fazer planos para defender essa cidade pelo maior tempo possível.

Antesh suspirou, voltando os olhos para o mapa.

— Talvez se construirmos torres aqui e aqui, atrás das novas muralhas.

Podemos enchê-las de arqueiros para disparar contra eles quando investirem...

Reva examinou o mapa enquanto o Lorde Arqueiro prosseguia, notando como era circular e como o espaço vazio da praça era como o centro do alvo de um arqueiro, com ruas ao redor ordenadas em um padrão circular. Ela pegou um lápis de carvão e começou a desenhar no mapa.

— Temos pensado em uma escala muito pequena — disse ela aos dois lordes, fazendo uma série de círculos pretos através das ruas, cada um menor do que o anterior. — Não duas muralhas internas, mas seis. Cada uma deve ser defendida pelo maior tempo possível. Arqueiros em cada telhado. As ruas são estreitas, de modo que o número de invasores não importará muito. Quando uma muralha for atravessada, nós recuamos para a próxima.

Arentes olhou para o plano durante um bom tempo antes de comentar:

— Isso significa demolir um quarto da cidade.

— A cidade pode ser reconstruída, mas seu povo, não. — Ela olhou para Antesh. — Meu senhor?

O Lorde Arqueiro assentiu lentamente.

— Parece que a bênção do Pai não foi equivocada. Será necessário um esforço tremendo para terminar tudo até a brecha estar completa.

— Então não devemos perder tempo. Além do mais, creio que as pessoas ficarão felizes com qualquer distração do som daquelas malditas pedras.

Veliss organizou grupos de trabalho, criando alianças de vizinhos e colocando um construtor habilidoso no comando de cada divisão. Eles trabalhavam em turnos de sete horas; ninguém tinha fome, visto que o racionamento havia sido abandonado diante de uma necessidade mais premente. Trabalhavam noite adentro, demolindo casas construídas séculos antes e usando seus tijolos nas novas barricadas, que logo ganharam o nome de Anéis da Senhora Abençoada. As casas mais altas eram transformadas em fortalezas em miniatura, com plataformas de madeira anexadas aos telhados para acomodar arqueiros adicionais, cada um munido de flechas e armas. Uma série de passadiços também foi construída através dos telhados, permitindo que reforços corresse de um ponto a outro.

Reva passava o tempo ensaiando e treinando as Guardas da Casa e da Cidade sobre como responder ao ataque volariano vindouro.

— Isso é realmente necessário? — perguntou Veliss, observando os soldados correrem da muralha pela décima vez enquanto Reva contava os segundos.

— Cada um que matarmos na muralha ou nas brechas é um que não teremos de matar nas ruas — respondeu Reva. Ela andou até o sargento da Guarda da Casa, que estava ofegando com seus homens. — Melhor do que a última vez, mas ainda lento demais. Mais uma vez.

— Você tem sorte por eles lhe amarem — observou Veliss enquanto os guardas voltavam às escadas.

— Estou descobrindo que a Bênção do Pai pode fazer milagres, seja real ou imaginária.

Veliss assentiu, apertando os lábios.

— Eu, hã, pensei em dar mais uma olhada nos estoques guardados na adega. Devo levar uma hora, talvez mais.

Ela fez uma mesura formal e partiu, e Reva esperou que os guardas atribuissem o rubor em seu rosto aos exercícios recentes. Era assim desde aquela primeira noite gloriosa, com carícias apressadas e encantadoras em cantos escuros, a sensação dos prazeres privados acrescentando um charme malicioso a cada encontro.

— Trabalhando duro?

Reva virou-se e viu Arken andando em sua direção, com passos rígidos e o rosto tenso pela dor reprimida.

— Volte para a cama — ordenou Reva, rispida.

— Vou ficar louco se passar mais um minuto na casa de cura — retorquiu ele. — O Irmão Harin é um homem bom, mas suas histórias não têm fim. Essa é a quinta guerra dele, sabia? Ele lhe contará tudo sobre as outras, detalhe por detalhe, se deixar.

Ela viu a determinação no olhar dele e não discutiu.

— Lorde Antesh precisa de ajuda no quadrante leste — disse Reva. — Há uma antiga loja de vinhos com fundações surpreendentemente profundas.

Arken assentiu, hesitando.

— Nós nunca iremos para os Confins, não é? Mesmo se ganharmos essa guerra?

Olhando para seu rosto largo e franco, Reva viu o garoto que conhecera substituído pelo homem bom e corajoso que se tornara. Aquilo doía, pois sabia que ele não poderia ficar com ela. Reva podia querer um irmão, mas ele já tinha uma irmã.

— Escolhi Senhora Governadora de Cumbrael — disse ela. — Como meu título formal. Como você disse, Senhora Feudal não soa bem.

— Senhora Governadora — repetiu ele com um sorriso. — Esse título lhe cai bem. — Ele fez uma mesura exageradamente floreada, retraindo-se e esfregando as costas ao se endireitar, e partiu para o quadrante leste.

Ela estava com Veliss quando as pedras pararam de bater na muralha. Estavam deitadas e abraçadas em uma pilha de peles em um canto escuro da adega, cobertas de suor e ofegantes.

— Eu adoro suas mãos — disse Veliss, entrelaçando seus dedos com os dedos de Reva e encostando o nariz em seu pescoço.

— Elas são ásperas e calejadas e as unhas são horríveis — retorquiu Reva. — Mas meus pés são piores.

— Você está louca. — Veliss levantou-se para beijá-la, demorando-se e movendo a língua. — Não há um centímetro de você que não seja maravilhoso.

Reva soltou um risinho quando os lábios dela desceram, enfiando as mãos

nos cabelos volumosos e com sabor de morango de Veliss...

— Espere! — disse ela.

— O quê? — Veliss ergueu a cabeça, fazendo uma careta de desagrado.

— Elas pararam. — Após tanto tempo, a ausência das batidas das pedras na muralha era como um grito de silêncio interminável. Reva soltou-se e pegou suas roupas.

— Pensei em ajudar o Irmão Harin com os feridos — disse Veliss enquanto se vestiam. — Não há muito mais que eu possa fazer agora, não é?

Ela olhou para Reva com os olhos arregalados e o rosto franzido, em uma esperança desesperada. Reva prendeu a espada nas costas e parou para beijar-lhe nos lábios.

— Cuide-se. — Ela afastou o cabelo desgrenhado que cobria a testa de Veliss. — Eu amo você.

O Kuritai soltou um gemido baixo quando a espada cortou seus olhos, mas foi a única vez que ela viu um Kuritai expressar alguma dor. Reva pulou e atingiu-lhe o peito com os dois pés enquanto ele golpeava o ar, cego, mas ainda disposto a matar. O chute o derrubou da muralha, fazendo-o cair sobre a cabeça dos seus companheiros. Reva rolou e levantou-se, esquivando-se de golpes de espadas vindos de três direções. Os Guardas da Casa aglomeraram-se ao seu redor, dando estocadas e cortando com as alabardas.

Ela fez uma conta rápida e percebeu que já havia perdido metade de seus homens. Olhou para a muralha interna ao redor da primeira brecha, notando as pilhas de mortos volarianos e a constante chuva de flechas disparadas pelos arqueiros nos telhados. Contudo, havia agora uma coesão entre os atacantes, um aglomerado compacto e crescente de homens com escudos avançando pouco a pouco. *Está na hora.*

— Recuar! — gritou Reva, que avançou para trespassar com uma lança o pescoço exposto de um Kuritai antes de se virar e correr com os guardas. Eles foram mais rápidos do que em qualquer treinamento, descendo os degraus em disparada e pulando sobre os primeiros anéis sem perder nenhum homem para o inimigo. Os Kuritai não diminuíram a investida e avançaram para escalar a nova muralha, mas caíram às dezenas alvejados pelos arqueiros nos telhados. Aqueles que conseguiram pular estavam em total desvantagem numérica e foram abatidos com facilidade.

— Lembre-se do sinal — disse Reva ao Sargento Lakin. — Três toques de corneta e vocês recuam para o próximo anel.

— Eu me lembro, minha senhora. — Lakin enxugou a fronte suada e sorriu. — Fizemos eles pagarem pela brecha que abriram, não?

— Com certeza fizemos. Vamos ver se conseguimos cobrar o preço inteiro.

Reva correu para a seção oeste, onde Antesh estava reunindo suas companhias após recuar das defesas na brecha. Ela foi forçada a se abaixar quando uma bola de fogo volariana caiu poucos metros adiante, espalhando tijolos e brasas em uma explosão de calor e fumaça. Antesh antecipara essa

tática e formara companhias de combate ao fogo para proteger as ruas entre os anéis. Elas desciam correndo com baldes nas mãos, em sua maioria pessoas mais velhas, mas também algumas mais novas. Atacaram o incêndio com toda a ferocidade de uma companhia de guardas, apagando as chamas com areia e água em poucos minutos. O incêndio fora surpreendentemente pequeno, considerando-se o tamanho da bola de fogo.

— É a vantagem de viver em uma cidade de pedra, minha senhora — disse a líder da companhia do fogo, uma mulher musculosa, de meia-idade, que Reva se lembrou de ter visto na fila de requerentes no dia em que entrou na mansão pela primeira vez. Apesar de suas palavras, Reva podia ver meia dúzia de colunas de fumaça erguendo-se das ruas ao redor, evidenciando que algumas partes da cidade não eram tão imunes ao fogo.

— Sem relaxar, rapazes! — Antesh estava no telhado que dava para a seção oeste. Ele estabelecera seu posto de comando no alto da casa da guilda dos pedreiros, a estrutura mais resistente da cidade, com paredes grossas e janelas estreitas, perfeitas para arqueiros. Abaixo, os volarianos aglomeravam-se em volta da muralha com escudos erguidos enquanto outros atravessavam a brecha atrás. Os volarianos pareciam atacar a própria muralha em vez de tentarem escalá-la, e o brilho ocasional de espadas curtas em meio aos escudos indicava um esforço concentrado para abrir caminho à força através da construção recentemente concluída.

Reva arremessou contra o mar de escudos um pote de óleo de lamparina, que explodiu sobre eles ao ser estilhaçado. Em seguida, disparou uma flecha incendiária, forçando os volarianos a abandonar os escudos em chamas e fazendo a maioria perecer sob a saraivada instantânea dos arqueiros. No entanto, mais homens marchavam através das brechas, sempre mais.

Da direita, veio o som de dois toques de corneta, que sinalizavam uma brecha iminente.

— Continuem resistindo aqui! — disse Reva a Antesh, correndo para o passadiço mais próximo.

Dois batalhões de Espadas Livres estavam atacando pontos diferentes ao longo do anel voltado para o norte; um havia sido contido, mas o outro conseguira forçar uma passagem para o outro lado, um crescente de escudos constantemente açotados por uma chuva de flechas e outros projéteis. Os defensores ali eram em sua maioria moradores, reforçados por alguns arqueiros e guardas, mas sua falta de experiência era em parte remediada pela sua ferocidade. Reva viu um idoso grande, com um avental de couro geralmente usado por carpinteiros, investir contra o aglomerado volariano com um machado na mão, seguido por vários aprendizes jovens. Posicionadas nos telhados ao redor, as pessoas jogavam pedras e garrafas no inimigo, acompanhadas por uma torrente de xingamentos.

— Morram, seus hereges malditos! — berrou uma mulher, erguendo um grande pedaço de pedra sobre a cabeça e arremessando-o contra os volarianos.

O bloco aterrissou no meio dos escudos, deixando um buraco. Reva percebeu sua oportunidade, correu até a beira do telhado e saltou. Ela caiu em cima de um Espada Livre que tentava erguer o escudo para fechar a lacuna, forçando-o para o chão. A espada atravessou a boca do homem e cravou-se em seu cérebro. Reva saltou quando as espadas curtas a atacaram, girando e contorcendo-se, movendo a espada em um lampejo prateado e atingindo olhos e gargantas com uma terrível precisão. Ao ver a intervenção dela, a população redobrou os esforços. O velho carpinteiro brandia o machado a esmo e soltou um urro enquanto seus aprendizes golpeavam com machadinhas e martelos. Outros vieram correndo das casas ao redor, armados com facas e cutelos. Alguns não tinham arma alguma, correndo e saltando sobre os Espadas Livres, dando-lhes socos e furando seus olhos.

O aglomerado volariano desfez-se sob o ataque; alguns tentaram pular de volta por sobre a muralha e conseguiram apenas tombar com flechas nas costas. Outros lutaram até o fim; um homem conseguia manter a população afastada, de pé sobre um companheiro caído, movendo a espada com a economia e a habilidade de um veterano. Rosnava para elas, praguendo aos gritos em sua própria língua enquanto os moradores se preparavam para uma investida final. Eles se retesaram ao avistarem Reva.

— Você é muito corajoso — observou ela, atacando-o sem parar.

O combate acabou depressa, e o bravo veterano tossiu uma última vez quando a espada dela encontrou a fenda de menos de três centímetros de largura abaixo do peitoral do volariano.

— Posso? — perguntou Reva ao carpinteiro, apontando para o machado do homem. Ele entregou a arma com uma reverência muda.

— É provável que esse homem seja um herói para nossos inimigos — disse ela à população, sobre o cadáver do veterano, abaixando-se para remover o elmo do homem. — Eles precisam saber o que acontece com heróis nessa cidade.

Reva podia ouvir as vozes gritadas do outro lado da muralha, onde sargentos e oficiais reuniam seus homens para outra tentativa. As vozes calaram-se depois que ela jogou a cabeça do veterano por sobre a muralha.

— Vocês lutaram bem — disse ela à população com um sorriso, mantendo o incômodo longe da voz quando todos se ajoelharam diante dela. — Peguem essas armas e preparem-se. Isso está longe de terminar.

Eles defenderam o anel externo até o anoitecer. A ruptura ocorreu na muralha voltada para leste, onde um batalhão de soldados-escravos sofreu terríveis baixas para demolir uma parte da muralha com um ariete, abrindo caminho para os Kuritai, que a atravessaram correndo para consolidar o sucesso. Lorde Arentes havia ordenado três toques de corneta e teve início a retirada pré-ensaiada. Arqueiros posicionados nos telhados deram cobertura aos que batiam em retirada, disparando cinco flechas cada um e recuando vinte passos para parar e disparar mais cinco vezes. Nas ruas abaixo, as pessoas empurravam carroças e

móveis para bloquear o caminho dos volarianos durante alguns preciosos segundos antes de correrem para o próximo anel.

Reva estava no telhado mais alto atrás do segundo anel, observando os últimos defensores correrem através dos quase cinquenta metros de cidade demolida que formavam a área de abate. Felizmente, o sangue dos volarianos estava fervendo com a expectativa de finalmente obterem o fruto de seus esforços, sabendo que matança e estupros seriam as recompensas inevitáveis para aqueles que tomassem a cidade. Assim, entraram correndo na área de abate, com as espadas erguidas, sedentos de sangue e sem escudos.

Posteriormente, Antesh diria que aquele foi o melhor momento dos arqueiros cumbraelinos em toda a sua história, e certamente foi uma cena espetacular. Tantas flechas tomaram conta do céu que foi difícil ver seu efeito, como espiar por entre fumaça e ter um vislumbre do fogo mais além. Reva disparou seis flechas em poucos segundos, e Arken esforçou-se para acompanhá-la, de pé ao seu lado, fazendo uma careta de dor cada vez que puxava a corda de seu arco longo. A tempestade continuou por um minuto inteiro, e sequer um soldado volariano chegou ao segundo anel. Antesh mandou que parassem de atirar, e o ar clareou imediatamente, revelando um tapete de corpos que cobria a área de abate, nenhum a menos de dez metros da muralha. Os poucos sobreviventes podiam ser vistos andando a esmo no abrigo das ruas mais além, alguns homens cambaleando, com flechas cravadas nos braços e nas pernas. A julgar pela estranha calma de suas expressões, eram Varitai.

Reva matou cada sobrevivente, uma flecha para cada, e um rosnado terrível ergueu-se dos defensores quando o último homem tombou, transformando-se logo em um rugido prolongado e desafiador repleto de ódio.

Não houve descanso naquela noite; os volarianos tentaram usar fogo no lugar de ataques em massa, arremessando potes de óleo e flechas incendiárias por sobre o anel. Mais uma vez, as pedras da cidade ajudaram os defensores, e a maioria dos incêndios foi apagada rapidamente. Porém, embora pedras não pudessem queimar, pessoas podiam, e o Irmão Harin viu dezenas de almas queimadas apinharem a catedral. Reva a entregara a ele como uma casa de cura, e os bancos foram transformados em camas, enchendo-se a cada hora. Apenas um dos bispos tivera a temeridade de protestar, um velho clérigo mirrado que agarrava-se ao seu cajado com mãos nodosas e trêmulas, fechando o rosto para Reva ao citar o Nono Livro:

— “Apenas paz e amor podem residir em uma casa abençoada pelo olhar do Pai.”

— “Não desvie o olhar daqueles em necessidade” — disse Reva, citando o Segundo Livro. — “Pois o Pai jamais desviará.” Saia do caminho, velho.

Os queimados formavam uma cena lastimável, com os cabelos levados pelo fogo, a carne enegrecida ou avermelhada, acometidos por gritos terríveis que só cessavam com grandes doses de flor rubra.

— Nosso estoque acabará em um dia — advertiu Veliss. Ela trajava um

vestido simples, coberto de manchas de sangue e poeira, com as mangas enroladas e o cabelo preso para trás, e havia fuligem e suor misturados em seu rosto. Reva queria muito beijá-la, ali mesmo, diante do velho bispo carrancudo e do Pai, se Ele tivesse se dado ao trabalho de virar os olhos para aquele lugar, coisa de que ela duvidava.

— Cuidado, querida — disse Veliss em voz baixa, compreendendo o olhar de Reva. — Parece que eles toleram muita coisa, mais do que pensei que tolerariam, mas não nós.

— Não me importo — disse Reva, pegando a mão dela.

— Apenas vença a batalha, Reva. — Veliss passou o polegar sobre a mão dela por um momento e soltou-a. — Então decidiremos com o que nos importamos mais.

O segundo anel resistiu durante a noite toda, mas, pela manhã, um incêndio tomou conta de uma construção próxima à muralha voltada para o sul. Era um armazém da guilda dos tecelões, abarrotado de tecidos. O fogo foi intenso demais para ser contido, o calor provou-se insuportável aos defensores, então Reva ordenou uma retirada para o próximo anel. Foi mais custoso dessa vez, pois os volarianos foram rápidos em tirar proveito da confusão, passando por cima da muralha enquanto seus próprios arqueiros enfrentavam os homens nos telhados, muitos caindo em meio aos combates que apinhavam as ruas abaixo. Grupos de defensores foram separados, resistindo em casas fortificadas e fazendo aqueles enviados para liquidá-los pagarem um preço terrível.

Em um telhado, Reva viu os Varitai tentarem repetidas vezes invadir uma capela a algumas ruas de distância, com esquadrões que tentavam pular os muros ou entrar à força pelas janelas, apenas para serem arremessados para fora. Finalmente, eles cercaram a construção e a atacaram com uma centena ou mais de potes de óleo e uma tocha. As chamas subiram rapidamente, e os defensores saíram correndo da capela, não em pânico, mas furiosos, lançando-se sobre os Varitai sem qualquer traço de medo. Reva empertigou-se, surpresa, ao ver quem liderava os defensores, um homem corpulento e vestindo um manto de sacerdote, golpeando os volarianos com uma espada de lâmina fina. *O sacerdote da praça*. Ele morreu, é claro, junto com os outros, que caíram sob os golpes e foram feitos em pedaços na rua, mas não sem antes terem matado o dobro de volarianos.

Reva estava se virando quando algo bateu nas telhas com um baque úmido. A coisa rolou ao longo do telhado e parou aos seus pés, com feições flácidas e curtidas e olhos vazios em sua direção. Reva olhou em volta ao ouvir mais impactos, vendo cabeças chovendo ao seu redor. Ela ouviu uma mulher gritar nas ruas abaixo, talvez por reconhecer um dos projéteis sem corpo.

Reva foi até a mansão, onde Arentes e Antesh conversavam apoiados em um mapa.

— Temos prisioneiros?

Pouco mais de duas dúzias de homens foram levados para um canto do terreno da mansão sob vigilância cerrada; a maioria estava ferida e todos se mantiveram calados diante da expectativa da morte. Eram todos Espadas Livres; Kuritai e Varitai simplesmente não se rendiam e nenhum dos defensores sentia-se inclinado a cuidar de qualquer ferido para vê-lo continuar lutando.

— Todos oficiais ou sargentos — explicou Antesh. — Pensei que podiam ter algo para nos contar.

— Nós estamos aqui, e eles estão lá fora — retorquiu Reva. — É tudo o que precisamos saber. — Ela se virou para o sargento da Guarda da Casa encarregado dos prisioneiros. — Algum problema? Se houver, eu mesma farei isso.

O sargento sacudiu a cabeça com severidade e ergueu sua alabarda.

— Espalhem um pouco — disse Reva a ele. — Joguem onde os Espadas Livres estão mais concentrados.

Ela se forçou a ficar ali e assistir, achando curioso que tão poucos implorassem ou tentassem fugir. Certamente sabiam que não havia refúgio para eles ali e que se render apenas adia o inevitável. A maioria estava intimidada e assustada demais para fazer mais do que cambalear chorando até o bloco, com os olhos fechados ou vomitando de terror à medida que o machado descia, porém um homem estava empertigado e desafiante, encarando Reva com olhos firmes ao ser forçado a se ajoelhar.

— *Elverah* — disse ele.

Reva assentiu lentamente em resposta.

— Não é melhor — disse ele na língua do Reino, com um sotaque carregado. — Não é melhor do que nós.

— Não — retorquiu ela. — Sou muito pior.

De alguma forma, ela conseguiu dormir em um telhado perto da praça, vendo Arken sentado na beira ao despertar. Ele encontrara um cobertor para cobri-la, embora o ar gelado ainda a fizesse estremecer.

— Talvez tenhamos algum descanso — disse Arken. — Aquilo que fez com os prisioneiros. Não ocorre um ataque há quase duas horas. — Não havia repreensão ou julgamento em sua voz, apenas aceitação cansada.

— Eles voltarão — disse Reva, levantando-se e afastando a rigidez de seu corpo. — Lorde Arentes me falou sobre a ajuda que você deu à Guarda do Reino ontem. Parece que eles querem adotá-lo.

— Não há um arqueiro decente entre eles — disse Arken, encolhendo os ombros. — É fácil se destacar.

Reva enrolou o cobertor nos ombros e passou os olhos pela cidade parcialmente arruinada, vendo o fogo arder nas ruas tomadas pelos volarianos e observando-os correr de porta em porta, uma vez que já tinham aprendido a não se demorarem à vista dos arqueiros. As pessoas aconchegavam-se umas nas

outras nas ruas apertadas atrás do terceiro anel, sentadas em volta de fogueiras onde se cozinhava algo ou apenas curvadas e exaustas. Pouco se falava, e se ouvia apenas o choro ocasional de um bebê ou um grito de repreensão de um sargento a um guarda cansado.

— Eu menti, Arken — disse Reva.

— Sobre o quê?

— Al Sorna. Não houve visão, não houve dádiva do olhar do Pai. Pelo que sei, ele ainda está nos Confins. Talvez ele nunca tenha tido qualquer intenção de vir em nosso auxílio. Por que ele viria? Essa terra está cheia de pessoas que amaldiçoam seu nome.

Reva o ouviu levantar-se e sentiu seus braços se fecharem ao seu redor, fortes e quentes.

— É isso o que você acha?

Eu voltei a essa terra para encontrar uma irmã, mas acabei encontrando duas.

— Não — sussurrou ela, abafando um gemido ao ver uma coluna de Varitai reunindo-se nas ruas do outro lado da muralha voltada para o sul. — Não. Ele está vindo.

Começou novamente nas primeiras horas da manhã e continuou durante todo o dia, com ataques intensos em quatro pontos distintos, cada um precedido por uma chuva de presentes lançados pelas máquinas. Agora não eram apenas prisioneiros: havia mulheres e crianças entre as cabeças decepadas que caíam nas ruas enquanto os defensores se preparavam para a próxima investida. Alguns inevitavelmente cederam diante da cena; uma mulher correu de sua companhia e pulou por sobre a muralha quando a cabeça de uma garota caiu em meio às fileiras, gritando com um cutelo de carne na mão e atacando os Espadas Livres que se aproximavam da muralha, logo desaparecendo sob uma massa de estocadas de espadas curtas.

Reva corria para onde a necessidade fosse maior, matando com arco ou espada para restaurar a posição. Às vezes, apenas a presença dela era suficiente, e as pessoas reuniam coragem e voltavam à luta quando Reva aparecia nos telhados ou saltava entre eles. Entretanto, com o sol do meio-dia, ela soube que havia chegado a hora e ordenou que soassem os três toques de corneta.

Ela estava correndo com Arken por um passadiço em direção ao quarto anel quando avistou Lorde Arentes na rua abaixo, lutando com um pequeno grupo de guardas cercados, atacados por Varitai por todos os lados.

— Mantenham-se firmes! — exclamou o velho comandante à medida que recuavam lentamente na direção da segurança do quarto anel. — Um passo para trás.

Reva tirou o arco do ombro e abateu rapidamente três Varitai, mas não foi suficiente. Uma formação compacta de Espadas Livres investiu, chocando-se

contra os guardas e desfazendo suas fileiras. Ela viu Arentes aparar uma estocada de espada e desferir um golpe por cima contra seu oponente, matando-o, mas deixando sua espada cravada no ombro do volariano. Reva colocou o arco de novo no ombro e saltou do passadiço, aterrissando no turbilhão da batalha com a espada desembainhada, matando o volariano que atacava Arentes. Outro a atacou, mas foi esmagado sob as botas de Arken quando ele saltou do passadiço, desferindo golpes frenéticos com o machado.

— A muralha, meu senhor! — gritou ela a Arentes, pulando por cima com a ajuda de muitos defensores enquanto os arqueiros repeliam os volarianos.

Ela ergueu a cabeça e viu a grande silhueta de Arken no alto da muralha, contra o céu azul e límpido, desabando na rua diante dela.

— Arken?

O rosto do garoto bateu nas pedras, amassando seus músculos, e os olhos baços nada viam. Uma espada curta volariana estava cravada em suas costas.

O quarto anel resistiu por não mais do que uma hora, apesar de todos os volarianos que Reva matou ao redor do corpo de Arken à medida que os Espadas Livres pulavam a muralha. Toda a percepção de tempo havia se perdido em sua fúria e nenhum cansaço podia tocá-la. Eles atacaram, e ela os matara até que mãos a agarraram e a puxaram para longe. Então, ela recuperou a razão, vendo uma camada vermelha cobrir-lhe o braço que segurava a espada, da lâmina até o ombro, com os olhos fixos no corpo de Arken caído em meio aos mortos volarianos, perdido de vista quando dobraram uma esquina e ela foi erguida por sobre o quinto anel.

— Minha senhora? — Antesh olhou no rosto dela e passou a mão áspera em seu ombro. — Minha senhora, por favor.

Reva piscou para ele e levantou-se lentamente.

— Quantos somos?

— Metade, no máximo. Perdemos gente demais quando o último anel caiu.

Arken...

— Sim, perdemos gente demais.

Ela olhou para a espada que tinha na mão, percebendo que metade da lâmina havia desaparecido. Não se lembrava de tê-la quebrado. Reva jogou a espada no chão, encontrou uma gamela e enfiou a cabeça na água para tirar o sangue grudado no cabelo.

— Não podemos resistir aqui — disse ela a Antesh, erguendo a cabeça da água. — Recuem para o último anel. A área de abate é maior lá.

Reva foi para a mansão enquanto Antesh e Arentes organizavam a defesa final. A espada estava onde ela a deixara, encostada ao lado da lareira em memória ao seu tio. Ela a ergueu, achando-a mais leve do que se lembrava. O gume estava afiado e brilhante, limpo de qualquer traço do sangue do Leitor.

— Não foi por você que vim — disse ela à espada. — Mas servirá.

O sexto e último anel foi construído ao redor da praça da catedral, cada trinta centímetros protegido por pelo menos um defensor. Os velhos, os feridos e aqueles jovens demais foram amontoados na catedral. Os guardas remanescentes estavam posicionados na praça, prontos para revidar no caso de qualquer ruptura. Reva podia ver que estavam cansados, mas todos se empertigaram quando ela se aproximou, com a espada de seu avô apoiada no ombro.

— Acho que é hora de agradecer pelo seu serviço — disse ela. — Vocês estão dispensados com todas as honras e podem partir quando quiserem.

A risada foi surpreendentemente alta, ainda que curta, graças ao intenso olhar de desaprovação de Lorde Arentes.

— Pode-se dizer que minha família nem sempre foi merecedora de tamanha lealdade — prosseguiu Reva. — Na verdade, eu também não fui, pois não sou abençoada. Eu... sou uma mentirosa... — Ela parou quando uma gota de chuva caiu em sua mão, o que era estranho, pois o céu estava límpido havia muito tempo. Reva ergueu a cabeça e viu o céu escurecendo e as nuvens formando-se com uma velocidade extraordinária. Logo a chuva estava caindo, impelida por um vento forte, apagando os incêndios do outro lado do anel.

— Minha senhora! — chamou Antesh, que estava no passadiço acima, apontando para o sul. — Alguma coisa está acontecendo!

CAPÍTULO NOVE

Vaelin

O corpo de Cara balançou um pouco quando as nuvens começaram a se mover no céu, filetes de algodão juntando-se em braços finos e escuros e formando uma espiral de mais de um quilômetro e meio de extensão.

— Você está bem? — perguntou Vaelin, estendendo a mão para ampará-la quando ela cambaleou.

— Apenas um pouco tonta, meu senhor — respondeu Cara com um sorriso forçado. — Há muito tempo não faço isso. — Ela respirou fundo e ergueu mais uma vez o olhar para o céu; uma leve brisa agitava a relva no topo da colina. A espiral girava lentamente no céu, escurecendo a cada segundo que passava; os braços engrossavam e se tornavam montanhas ondulantes de cinza e preto. Cara rangeu os dentes e soltou um gemido de dor, fazendo a massa de nuvens começar a flutuar na direção da cidade envolta em fumaça, a uns dez quilômetros de distância, anunciando seu curso pelo ribombar de um trovão e pela luz de relâmpagos ocasionais.

Cara caiu sobre os joelhos, com o rosto pálido e os olhos turvos e exaustos. Lorkan e Marken correram até ela; o jovem dotado lançou um olhar ressentido para Vaelin, que ele preferiu ignorar. Artesão encontrava-se um pouco afastado; suas feições geralmente plácidas estavam confusas, e ele caminhava de um lado para o outro, segurando firme sua corda cada vez maior com ambas as mãos. Até onde Vaelin sabia, ele não usara seu dom durante toda a marcha, embora frequentemente fosse visto carregando feridos dos campos após as batalhas. A canção emitiu uma nota nítida de frustração enquanto Vaelin observava Artesão voltar o olhar para Cara diversas vezes, contraindo-se em desconforto antes de finalmente empertigar-se em uma pose determinada. *Ele espera alguma coisa*, compreendeu Vaelin. *Ou alguém*.

Vaelin virou-se para ver a massa de nuvens avançar na direção de Alltor, prenhe de ameaças e, esperava-se, com chuva suficiente para apagar os incêndios dentro das muralhas. Batedores da Guarda do Norte haviam aparecido no dia anterior, trazendo notícias das extremas dificuldades no interior da cidade, e ele ordenou que o exército acelerasse o passo. Ele manteve o grupo em um ritmo constante, cavalcando ao longo das colunas de homens com o semblante

carregado e ameaças sinceras para qualquer um que parecesse prestes a sair de formação. Continuaram noite adentro, percorrendo oitenta quilômetros antes de Vaelin mandar que parassem. Pela manhã, Nortah levava Cara até sua tenda com uma sugestão.

— Devo dizer, meu senhor, que não posso prever as consequências — disse a garota. — Posso levar chuva até a cidade, mas o que acontecerá depois... — Ela encolheu os ombros, indicando que não podia fazer nada. — Quando eu era menina, uma seca assolou nossa aldeia. As plantações secaram, e minha mãe disse que era provável que morrêssemos de fome com a chegada do inverno. Naquela época, eu já tinha algum conhecimento sobre meu dom, podia fazer alguns redemoinhos e coisas assim, às vezes moldando as nuvens em formas bonitas. Então, eu fiz uma nuvem grande, chamei todas as outras nuvens para se juntarem a ela, e choveu. Durante três dias, choveu, e as pessoas celebraram. Por fim, a chuva parou, e o lago dos patos congelou. Estávamos no meio do verão. Erlin me encontrou pouco depois e contou aos meus pais sobre um lugar no norte onde eu estaria segura.

— Você não precisa fazer isso — advertiu Vaelin. — Sei bem o preço que nossos dons cobram.

— Não percorri todo esse caminho só para assistir a batalha, meu senhor.

Vaelin aguardou até as nuvens ficarem sobre Alltor, vislumbrando a cortina cinzenta, sinal de uma chuva intensa. A canção soava forte agora, entoando a melodia de Reva com uma nota de orgulho, mas também de presságio. O tempo era curto.

— A vantagem é de dois para um — disse o Conde Marven ao conselho de capitães. — E aumentará a cada hora à medida que eles tirarem mais tropas de Alltor para nos enfrentarem. Meu senhor, dada a força do inimigo, tenho de sugerir uma estratégia de subterfúgio. — Ele apontou para o centro do mapa que Harlick desenhara, indicando o acampamento volariano, que agora não estava a mais do que algumas centenas de metros de distância, formado por fileiras de Espadas Livres e Varitai dispostas para bloquear a rota até Alltor, com cavalaria em grande número em ambos os flancos. — Sugiro manter nossa cavalaria onde está e enviar os eorhil para a margem oeste para atrair a atenção dos volarianos. Ao mesmo tempo, a cavalaria nilsaelina e a Guarda do Norte vão para oeste. O inimigo será forçado a reorganizar as fileiras, permitindo um ataque por aqui. — Ele moveu o dedo até uma seção à direita da linha volariana. — Nós os atingiremos em peso e poderemos rumar para oeste para nos juntarmos à cavalaria enquanto os eorhil ameaçam o flanco leste. Isso deve atrair tropas suficientes para fornecer mais algum tempo à cidade. Podemos então recuar para a floresta, onde tenho certeza de que nossos amigos seordah podem fazer maravilhas com sua infantaria. Nós os manteremos ocupados em pequenas batalhas, emboscadas e distrações similares. Não será rápido. Talvez uma questão de semanas, em vez de dias, mas creio que é uma batalha que podemos vencer.

— Alltor não tem semanas — disse Nortah. — Ou mesmo dias.

— E nós não temos soldados suficientes, meu bom Capitão — retorquiu Marven, com a tensão das últimas semanas na voz. — Precisamos de um exército duas vezes maior para romper a linha inimiga.

— Então percorremos todo esse caminho para correremos na mata enquanto a cidade perece? — Nortah bufou em desagrado.

— E quanto ao rio? — interrompeu Adal. — Podemos construir barcos. Há muitos em nossas fileiras que sabem como fazer. E mandar reforços para a cidade.

— Quando chegarmos do outro lado, não haverá ninguém para reforçar — disse Nortah. — Isto é, se conseguirmos passar por aquele monstro que eles ancoraram no rio.

Vaelin olhou para o teto da tenda quando um trovão ribombou no alto. A tempestade de Cara estava ganhando força, e logo o solo estaria encharcado demais para a cavalaria. Ele foi até o fundo da tenda, onde o embrulho de lona estava apoiado em seu catre; os capitães ainda discutiam enquanto ele desfazia os nós, puxando o invólucro para revelar a espada. A canção do sangue aumentou e ressoou em acolhimento quando Vaelin seguiu a bainha, sentindo-a tão confortável em sua mão. Ele percebeu que as vozes haviam parado quando prendeu a espada às costas, sentindo o peso familiar.

— Meu senhor? — perguntou Dahrena quando ele saiu da tenda. Vaelin foi até onde Chama estava amarrado, colocou a sela no dorso do cavalo, afivelou-a no lugar e levou-o até as fileiras da infantaria.

— O que o senhor vai fazer? — perguntou Dahrena, colocando-se em seu caminho, um pouco sem fôlego e com uma suspeita temerosa nos olhos brilhantes. Atrás dela, todos os capitães se levantaram, a maioria perplexa, mas havia expressões de grave compreensão nos rostos de Nortah e Caenis. Eles trocaram um olhar e partiram em direções opostas; Caenis chamou seu sargento e Nortah correu até sua companhia, com Dança da Neve seguindo em seu encalço.

— Meu senhor? — perguntou Dahrena.

— A senhora vê as almas dos outros quando voa — disse Vaelin. — Mas consegue ver sua própria alma?

Ela sacudiu a cabeça em silêncio.

— É uma grande pena. — Vaelin levou a mão ao rosto de Dahrena, passando um polegar pela sua face. — Porque eu posso vê-la, e ela brilha com muita intensidade. Eu ficaria grato se a senhora pudesse cuidar de minha irmã. Ela não compreenderá o que vou fazer.

Vaelin virou-se e montou, trotando para a fileira dianteira do exército, onde encontrou o estandarte dos mineiros e puxou as rédeas do cavalo.

— Sair de formação! — gritou ele para todos os regimentos ao redor. — Aproximem-se.

Houve certa hesitação entre os oficiais antes de repetirem a ordem aos seus regimentos e alguns minutos de demora até o cercarem em um círculo vago, com o grosso da infantaria e os seordah aglomerados atrás.

— Chegamos a um ponto em que não posso mais exigir sua obediência

apenas pelo dever — disse Vaelin a eles. — Agora, cada homem e mulher desse exército deve escolher seu próprio caminho. Quanto a mim, pretendo cavalgar até o centro daquela cidade — ele virou-se na sela e apontou para a cidade açoitada pela chuva para além da linha volariana. — Pois minha amiga está lá, e quero muito vê-la de novo.

Ele levou a mão às costas e sacou a espada, erguendo-a no alto. Havia pouca luz sob o céu cada vez mais escuro, mas ainda assim raios de sol suficientes bateram na lâmina para fazê-la reluzir. Vaelin passou os olhos pelos rostos deles, pálidos e arrebatados na chuva, e tornou a falar:

— Matarei qualquer homem que erguer a mão para me impedir. Aqueles que desejarem vir comigo serão bem-vindos.

Ele virou Chama e avançou lentamente, ouvindo a comoção aumentar às suas costas e as vozes de Marven e Adal sobre as inúmeras ordens gritadas. Ele se concentrou na canção e deixou as vozes sumirem, percorrendo as fileiras volarianas e aguardando a nota de reconhecimento. *Talvez eles o tenham executado por covardia.* Então, ela se ergueu, uma nota nítida de puro medo quando seu olhar recaiu sobre um batalhão posicionado à esquerda do centro volariano.

Bem, pensou ele. Pelo menos pude conhecer Alornis.

Vaelin bateu os calcanhares nos flancos de Chama, que empinou antes de sair a galope.

O tempo pareceu ficar mais lento conforme avançavam contra a linha volariana e a paisagem preenchia seu olhar. Bolas de fogo caíam em arcos lentos, lançadas pelas balistas no rio, e os incêndios na cidade extinguíam-se sob a chuva das nuvens carregadas e negras, exceto pelo lampejo ocasional de um raio.

Flechas voaram em sua direção ao investir, facilmente evitadas graças à canção, que soava mais alta do que jamais a ouvira. Ele aguardou até que ela encontrasse o ex-prisioneiro, cujo medo era como um grito agudo na segunda fileira de seu batalhão, e começou a cantar, forçando cada vestígio de fúria e sede de sangue para a canção. Ele a sentiu atingir o alvo, e o último resquício de sanidade do Espada Livre estilhou-se feito vidro ao ver a figura que investia contra eles a cavalo, vindo em sua direção com a espada apontada. As fileiras do batalhão volariano agitaram-se quando o jovem começou a abrir caminho para a retaguarda, golpeando com sua espada curta as mãos que o tentavam segurar e gritando aterrorizado. Alguns soldados na fileira dianteira viraram-se para ver o motivo da comoção.

Não fizera muita diferença, na verdade; era apenas uma pequena falha em uma fileira incrivelmente disciplinada, mas naquele dia seria suficiente.

Chama atingiu o alvo com a força destemida de um cavalo de guerra nato, esparramando homens para os lados e atropelando os mais lentos enquanto a espada de Vaelin começava a cantar sua própria canção. Ele abriu ao meio o

rosto de um homem com um golpe ascendente, do queixo ao topo da cabeça, partindo o elmo do volariano com a força do corte, e esporeou Chama adiante, cortando homens em um borrão incessante e impossível de ser detido. Homens rolavam sem braços ou pernas por onde ele passava, juntando seus urros aos gritos do ex-prisioneiro, que ainda lutava de forma tresloucada para sair do caminho.

Um veterano de rosto sério assomou-se em meio à turba, erguendo a espada curta em uma estocada rápida, mas a canção a tudo via naquele dia e bradou um aviso. O veterano caiu de joelhos um segundo depois, com boca e olhos arregalados para o toco esguichando sangue em seu pulso. Outro Espada Livre tentou cortar as pernas de Chama, recebendo um golpe circular que o deixou sem cabeça.

Eles irromperam pela retaguarda da fileira volariana, onde Vaelin puxou as rédeas de Chama e fez o cavalo parar com um chafariz de terra pisoteada. O Espada Livre aterrorizado estava ajoelhado no campo aberto mais além, com os olhos arregalados e sem piscar, já sem nenhum traço de sanidade. Vaelin virou o cavalo e viu os volarianos movendo-se para cercá-lo, com lâminas apontadas conforme se aproximavam e medo estampado em cada rosto.

Vaelin ouviu uma gargalhada em algum lugar e percebeu que era sua. Também sentiu o sangue pingar de seu nariz, o que lhe dizia que já havia cantado por tempo suficiente. Ele ignorou o sinal e atacou, atropelando o Espada Livre mais próximo, matando os homens ao lado dele, girando para a direita e abatendo um homem que gritava ordens, seguido por outro paralisado de medo.

Contudo, nem todos os volarianos estavam tão apavorados, e uma dúzia ou mais de homens saltou e golpeou em uma tentativa de derrubá-lo, mas a canção o avisava sobre cada ataque. Ele apareceu, abaixou-se e matou em meio a um turbilhão de canção e sangue até Chama soltar um relincho alto e repleto de dor, com uma flecha cravada em seu flanco. O cavalo ainda ficou de pé por mais alguns segundos, empinando e escoiceando, mas um espasmo de dor o fez cair de joelhos. Vaelin rolou para longe da sela, levantando-se a tempo de bloquear uma estocada e enfiar a ponta de sua espada através do peitoral do homem que a desferira, onde a lâmina de prata estelar penetrou com facilidade.

Ele arrancou a espada do cadáver e ficou ao lado de seu cavalo moribundo, com Espadas Livres por todos os lados, chegando cada vez mais perto à medida que oficiais os incitavam com xingamentos. A canção emitiu uma nova nota, algo discordante, com selvageria, mas também com uma lealdade ardente e ilimitada. Ele riu novamente, e os Espadas Livres pararam.

— Lamento que seu general não tenha aceitado minha oferta — disse Vaelin a eles.

Dança da Neve aterrissou no meio dos homens em uma explosão de dentes e garras, prendendo dois homens no solo, fechando as mandíbulas sobre uma cabeça de cada vez e arrancando-as. A gata olhou para Vaelin por um momento, quando a canção aumentou com um respeito caloroso, e então ela partiu, avançando sobre o grupo mais compacto de volarianos e deixando um rastro de sangue e corpos.

A linha volariana estava despedaçada, e uma brecha de vinte metros de

largura fornecia um alvo irresistível para a Guarda do Norte e os homens do Capitão Orven. Eles adentraram com as espadas reluzentes, aumentando a brecha ainda mais até que o batalhão inteiro de Espadas Livres se desfez. O Capitão Adal abateu um volariano que fugia e parou ao avistar Vaelin ao lado do corpo de Chama.

— Está ferido, meu senhor.

Vaelin levou uma das mãos ao sangue que lhe escorria do nariz e sacudiu a cabeça.

— Não foi nada. Reúna seus homens, rume para a direita e ataque a cavalaria pelo flanco.

— O senhor está desmontado... — disse o capitão quando Vaelin caminhou na direção do batalhão volariano mais próximo.

— Vou ficar bem — retorquiu ele com um aceno, sem se virar.

A canção transformara-se em um fogo inextinguível, impelindo seu ataque por entre as fileiras enquanto matava e tornava a matar, aparando ou esquivando-se de golpes que deveriam tê-lo matado. Vaelin atacou o batalhão seguinte pela retaguarda, encontrando Varitai imunes a qualquer terror que ele pudesse disseminar, mas sem o instinto necessário para se opor à sua destreza nascida da canção. Ele abriu um caminho sangrento por entre os Varitai para matar o comandante que, ao contrário de seus homens, era completamente capaz de sentir medo, arrancando sangue de seu cavalo de tanto açoitá-lo e golpeando a esmo com o chicote enquanto tentava se livrar de suas fileiras. Não adiantou.

O batalhão desintegrou-se ao redor dele quando o Capataz Ultin liderou seus mineiros em uma investida abrupta contra a vanguarda dos volarianos, dando plena vazão à fúria criada pelas cenas terríveis que testemunharam durante a marcha. Os Varitai responderam com precisão automática, formando grupos defensivos compactos conforme lutavam até o fim.

— Entrar em forma! — gritou o Capataz Ultin, após cravar seu estandarte na retaguarda da linha volariana. — Comigo!

— Leve-os para a esquerda — disse-lhe Vaelin, franzindo o rosto diante da expressão horrorizada do homem.

— O senhor... — Ultin engoliu em seco, encarando Vaelin por um momento, então piscou e desviou o olhar. — Sim, meu senhor!

Vaelin sentiu uma umidade na face e levou uma das mãos às pálpebras, notando que estavam ensanguentadas. Ele parou e tentou silenciar a canção, mas uma nova nota de aviso a fez ressoar. Virou-se para a direita, onde a infantaria do Conde Marven enfrentava um grupo menor de homens de armadura leve em um combate furioso. Vaelin notou como eles se moviam com habilidade extraordinária ao correr para a luta, a maioria com uma espada em cada mão, movendo-as em sua terrível dança; os nilsaelinos tombavam às dezenas ao pressioná-los. Os *famosos Kuritai*, percebeu, abaixando-se sob uma espada, rolando e parando com um joelho no chão e golpeando para trás para cortar o tendão do espadachim. Os nilsaelinos bradaram e caíram em grande número

sobre o Kuritai ferido, com espadas e adagas.

A canção ressoou novamente, e Vaelin ergueu a cabeça para ver três Kuritai avançando em sua direção, um na frente e outros dois ao seu lado. Ele removeu todas as inibições da canção e, de repente, os Kuritai estavam se movendo pesadamente, por um ar feito de barro, em um ataque desajeitado e lento, deixando muitas aberturas. A canção diminuiu um pouco quando os três Kuritai foram ao chão ao seu redor, espalhando lama na chuva incessante, com sangue jorrando de ferimentos quase idênticos nas gargantas.

Vaelin endireitou-se e viu um Kuritai encarando-o com a cabeça inclinada. Tinha um rosto impassível, como uma criança assistindo a um truque intrigante pela primeira vez, e a mesma expressão também estava estampada nos rostos de muitos dos nilsaelinos que o observavam. Com um estalo de corda, o Kuritai curioso caiu com uma flecha fincada no peito. Seus irmãos viraram-se para encarar uma nova ameaça quando Hera Drakil conduziu seus seordah para o combate. Os nilsaelinos eram bravos, mas só podiam prevalecer devido à sua superioridade numérica, enquanto os seordah não precisavam de tal vantagem.

Vaelin viu o chefe seordah escorregar por baixo de um golpe e girar o porrete de guerra ao levantar-se com um pulo, explodindo a parte de trás da cabeça do Kuritai com o impacto. Os outros seordah lidaram com os inimigos restantes, rodopiando porretes e facas e vendo os Kuritai tombarem em questão de segundos.

— Agora entendo por que a floresta permanece intocada — comentou Vaelin quando o chefe de guerra agachou-se ao seu lado.

— Você precisa do homem que cura, Beral Shak Ur — disse ele, levantando-o.

Vaelin cambaleou um pouco quando a canção tornou a ressoar, segurando um grito de dor quando um pouco de sangue subiu-lhe à boca. *Reva!* Ele se virou para a cidade, passando os olhos pelo passadiço e encontrando os portões arrombados.

— Preciso de um cavalo — disse ele.

O seordah estava relutante, mas Conde Marven parou ao lado deles, desmontou e ofereceu as rédeas a Vaelin.

— Luto melhor a pé do que a cavalo, de qualquer modo — disse ele, com sangue escorrendo em abundância por um corte no rosto.

— Coloque seus homens em formação — disse-lhe Vaelin, subindo na sela. A nova posição deu-lhe uma visão mais clara da batalha. Ele podia ver cada seção da linha volariana em combate, rompida à direita, onde a companhia de Nortah dava plena vazão à sua fúria ao fazer em pedaços um batalhão de Espadas Livres duas vezes maior para se unir aos mineiros de Ultin. À esquerda, os volarianos ainda resistiam, apesar do ataque furioso da Guarda do Reino de Caenis. Para além deles, a massa de cavalos que mal podia ser vista através da chuva indicava que os eorhil estavam prestes a dominar a cavalaria volariana.

— Avance pela retaguarda, no lado oposto à Guarda do Reino — disse a Marven, segurando o cepilho da sela para não cair. — Hera Drakil — dirigiu-se ele ao seordah —, eu gostaria que você encontrasse uma amiga minha na cidade.

Vaelin virou o cavalo em direção à cidade e partiu a galope. Algo próximo ao passadiço o fez parar por um momento. O prisioneiro Espada Livre estava morto no chão, com a garganta cortada e uma faca ensanguentada em uma das mãos, com o rosto congelado no mesmo sorriso insano causado pela canção.

Pelos relatos de Harlick, Vaelin sabia que o passadiço tinha quase trezentos metros de comprimento, de modo que foi estranho sentir que cavalgava por vários quilômetros. Ele respirava com dificuldade e podia sentir o sangue encharcando sua camisa sob a cota de malha leve ao escorrer do nariz, da boca e dos olhos. Ele cuspiu o sangue frequentemente e forçava a montaria de Marven a aumentar o passo.

Vaelin saltou com o cavalo por cima dos restos do portão e avançou pelas ruas de paralelepípedos, encontrando corpos e destruição por toda parte. Rios de sangue corriam pelas sarjetas banhadas pela chuva, escorrendo em veios vermelhos dos cadáveres que encontrava a cada esquina. Alguns volarianos cambaleavam a esmo, mas sem oferecer qualquer ameaça, com evidente loucura em seus rostos. Os defensores haviam construído muralhas dentro da cidade, forçando-o a encontrar as brechas abertas pelos volarianos; o atraso o fazia bufar de frustração à medida que canção ficava cada vez mais alta.

Ele foi obrigado a desmontar não muito longe da catedral, onde as ruas estavam tão apinhadas de corpos que mesmo o veterano cavalo de guerra de Marven recusou-se a prosseguir. Vaelin seguiu em frente, sentindo sua visão se anuviar enquanto tropeçava em corpos, caindo de joelhos ao lado de um jovem com uma espada curta cravada em suas costas e um machado sob a mão pálida. *Pouco mais do que um garoto.*

Forçou-se a ficar em pé e continuou com passos vacilantes, ouvindo os sons da batalha. Ele chegou a uma avenida de construções demolidas e deparou-se com cinco mil volarianos ou mais atacando outra muralha. Haviam conseguido abrir uma brecha, e corpos eram empilhados enquanto uma luta furiosa ocorria do outro lado da muralha. Outro grito da canção serviu de confirmação: ela estava lá, no meio da luta. *Onde mais estaria?*

— Nós cuidaremos disso — disse Hera Drakil, aparecendo ao seu lado, com seus inúmeros guerreiros surgindo pelas ruas ao redor.

— Eu agradeceria muito — disse Vaelin.

A hoste volariana emitiu um som curioso quando a investida seordah atingiu o alvo, como um grande gemido de desespero absoluto. Dias de tormento sofridos dentro daquelas muralhas apenas para serem contemplados com uma morte rápida nas mãos de guerreiros com os quais não tinham esperança de medir forças.

Vaelin fechou os olhos à medida que os sons da batalha desapareciam. *Pare*, disse à canção, mas ele estava tão cansado e com tanto frio.

— Você não precisa se ajoelhar para mim.

Ela estava parada diante dele, olhando para baixo com um sorriso caloroso e com uma espada de padrão renfaelino apoiada no ombro, ensanguentada de

ponta a ponta.

— É essa? — perguntou Vaelin.

Ela sacudiu a cabeça.

— Nunca a encontrei.

A visão dele ficou embaçada, tomada pela escuridão por um momento. Quando voltou a ver, Vaelin estava deitado de costas, com o rosto dela a poucos centímetros do seu, e lágrimas caindo em seu rosto ensanguentado.

— Eu sempre soube que você viria.

Ele conseguiu erguer uma das mãos e passar os dedos pelo cabelo dela. *Vejo que o manteve longo.*

— Que tipo de irmão eu seria se não viesse? — Um filete de sangue brotou de sua boca quando ele tossiu, manchando o rosto dela.

— NÃO! — gritou ela quando os olhos dele voltaram a embaçar. — NÃO! Por favor, não...

Frio. Frio absoluto e inescapável. Atravessando pele e osso para envolver seu coração. Porém, não havia tremor em seu corpo, nenhum vapor condensado ao respirar. Ele piscou e sua visão clareou, vendo uma parede. Virou-se e suas botas causaram um eco muito alto e muito longo. Nenhum eco podia ser tão longo.

A sala era um cubo simples feito de pedras rústicas, com uma única janela na parede à sua direita. No centro, havia uma mesa sem adornos, feita de alguma madeira escura; a superfície reluzia, embora ele não pudesse ver lamparina alguma ou luz que entrasse pela janela. Uma mulher estava sentada do outro lado da mesa, encarando-o com uma expressão de fúria e escrutínio. Uma cadeira vazia aguardava à sua frente.

— Eu sei quem você é — disse a mulher, cuja voz deu origem a outro eco sobrenatural.

Vaelin foi até a cadeira, parando quando ouviu um som ténue, um chamado baixo e triste. *Alguém chamou meu nome?*

— Terá sido Tokrev? — A mulher inclinou a cabeça, apertando os olhos. — Não, acho que não.

Ela tinha cabelos escuros e era jovem e bela, com olhos brilhantes e inteligentes e com a malícia mais profunda que ele já vira. Lembrou-lhe da coisa que vivera em Barkus, mas percebeu que aquilo era como uma criança rancorosa se comparado a mulher.

— Você sabe quem sou — disse ele. — Quem é você?

Ela deu um sorriso melancólico.

— Sou um pássaro canoro em uma gaiola. E agora você também é.

Ele tentou invocar a canção do sangue, buscando alguma nota que o guiasse, mas não encontrou nada.

— Nada de canções aqui, meu senhor — disse a mulher. — Nada de dons. Apenas aqueles que ele mesmo traz, e esses raramente são bem-vindos.

— Ele?

Um espasmo de fúria passou pelo rosto da mulher, que bateu uma das mãos

na mesa.

— Não brinque comigo! Não se finja de tolo! Você sabe muito bem onde está e quem o mantém aqui.

— Assim como ele a mantém.

A mulher reclinou-se, relaxando e soltando uma risada baixa.

— Os castigos dele são cruéis, mas sem imaginação. Essa sala, o frio, nenhuma outra distração além de lembranças, e tenho muitas lembranças. — Ela levou uma das mãos ao peito e massageou a carne entre os seios, com olhos distantes. — Já amou alguém, meu senhor?

Ele ouviu o som outra vez, mais alto dessa vez e teve certeza de que era uma voz dizendo seu nome, distante, mas familiar.

Vaelin ignorou a pergunta da mulher e foi até a janela, olhando para fora e vendo uma paisagem inconstante, formada por uma tela de nuvens que giravam rapidamente acima de montanhas altas. Elas diminuía lentamente, e as encostas tornavam-se menos íngremes e mais ricas em capim, até que por fim ele estava olhando para uma terra de colinas ondulantes.

— Muda a cada hora — disse-lhe a mulher. — Montanhas, oceanos, selvas. Lugares que ele conheceu, imagino.

— Por que ele a colocou aqui? — perguntou Vaelin. — Qual foi o seu crime?

A mão parou de massagear o peito e voltou à mesa.

— Amar e não ser correspondida. Foi esse o meu crime.

— Já encontrei seu tipo antes. Não há amor em você.

— Acredite, meu senhor. Você jamais encontrou meu tipo. — Ela indicou a mesa com um aceno de cabeça.

A flauta não estivera lá antes, mas agora repousava sobre a superfície de madeira brilhante. Era um instrumento simples, feito de osso, com a superfície manchada pela idade e pelo uso, mas, de algum modo, ele soube que se a levasse aos lábios, a melodia que sairia dela seria muito forte.

— *VAELIN!*

Não restavam dúvidas agora: a voz além daquela sala estava chamando seu nome com poder suficiente para sacudir as pedras.

— Ele a devolverá a você — disse a mulher, inclinando a cabeça para a flauta. — Não é fácil para nós viver sem uma canção.

A sala estremeceu e os tijolos começaram a rachar quando algo os atingiu pelo lado de fora. Argamassa e pedra fragmentaram-se e uma luz branca e quente atravessou as fendas.

— Apenas pegue a flauta — disse a mulher. — Cantaremos juntos quando ele nos enviar. E que canção criaremos!

Ele olhou para a flauta, odiando-se pelo tanto que a desejava.

— Você tem um nome? — perguntou à mulher.

— Uma centena ou mais, mas meu nome favorito foi o que ganhei antes de aceitar o gentil acordo do Aliado. Por ordem de meu pai, devastei uma terra no sul onde os selvagens se mostravam incômodos. Um povo supersticioso que pensou que eu era uma bruxa. *Elverah* foi como me chamaram.

— *Elverah*. — Vaelin olhou novamente para a flauta quando ouviu um

estrondo de pedras despedaçadas na parede atrás dele. Ele a olhou nos olhos e sorriu antes de dar as costas a ela e à flauta. — Eu me lembrarei.

Ele a ouviu gritar quando a parede explodiu completamente e a luz invadiu a sala, afastando o frio.

— Diga ao seu irmão! — gritou ela. — Diga que ele poderia me matar mil vezes sem que isso mudasse nada!

A luz veio na direção dele, envolveu-o com seu calor abençoado e tirou-o da sala. Ela pareceu entrar em seu corpo ao ser puxado para longe, trazendo visões de um rosto conhecido.

— O senhor também brilha com muita intensidade — disse-lhe Dahrena. — Tão fácil de encontrar.

A luz preencheu seu olhar, levando os últimos vestígios de frio, mas então ele estremeceu uma última vez quando outra voz o alcançou. Não era a mulher, e sim algo mais antigo, uma voz sem qualquer expressão a não ser certeza.

— Nós iremos compor um final, você e eu.

Ele despertou com um grito, convulsionando e tremendo, com tanto frio e cansaço que era estranho que ainda estivesse vivo. Sentiu um peso no peito e viu suas mãos envoltas em longas madeixas sedosas. Dahrena gemeu e levantou a cabeça, com o rosto pálido e os olhos turvos e exaustos.

— Tão fácil de encontrar — disse ela em voz baixa.

— Vaelin! — Reva estava ajoelhada ao seu lado, sorrindo e chorando. Atrás dela, ele pôde ver Hera Drakil com seus guerreiros, percebendo uma profunda inquietação em seu rosto aquilino.

— Pensei que o nome era Lâmina Negra — retorquiu ele.

Ela riu e beijou-lhe a testa, com lágrimas escorrendo livremente.

— Não há Lâmina Negra. É uma história para crianças.

Vaelin passou um braço pelos ombros dela enquanto ela chorava, procurando dentro de si e sabendo o que encontraria. *Sumiu. A canção sumiu.*

PARTE V

Meu pai nunca foi um homem dado a grandes reflexões ou a declarações sábias. Suas poucas obras e correspondências tipicamente sucintas são de fato uma leitura enfadonha, repletas das inanidades da vida militar. Contudo, houve uma ocasião que ficou em primeiro plano em minhas lembranças, algo que ele me disse na noite em que Marbellis caiu. Estávamos no alto de uma colina observando as chamas erguerem-se acima das muralhas e ouvindo os gritos da população enquanto a Guarda do Reino dava vazão a uma vingança bestial, e senti a necessidade de perguntar por que ele estava tão taciturno. Ele não havia acabado de assegurar uma vitória digna de gloriosa celebração por toda a eternidade? Como podem compreender, eu estava bastante embriagado.

Meu pai não desviou o olhar da cidade atormentada, e eu o ouvi dizer: “Toda vitória é uma ilusão.”

— Alucius Al Hestian, *Obras Reunidas*,
Grande Biblioteca do Reino Unificado

RELATO DE VERNIERS

— *Içar velas!* — gritou o general ao capitão do navio, com a voz aguda e quase esganiçada. — *Eu mandei içar velas! Ponha esse casco em movimento!*

Fui até a amurada enquanto os marinheiros-escravos corriam em resposta às ordens do capitão. Os homens remanescentes do exército estavam sendo empurrados na direção do rio; Varitai lutavam até o fim em sua obediência tola, Espadas Livres atiravam-se em pânico no rio. Oitocentos metros ao sul, a Cavalaria Livre parecia resistir aos homens de mantos verdes; quem quer que estivesse no comando, reunia seus homens com uma frieza admirável enquanto tentavam escapar. Entretanto, isso se mostrou uma ambição vã, pois uma grande hoste de cavaleiros surgiu na retaguarda, disparando uma nuvem de flechas antes de investirem com toda força. Qualquer vestígio de resistência organizada desapareceu do exército volariano em questão de segundos, deixando apenas uma turba aterrorizada e sem chance de fuga.

Desviei meu olhar do terrível espetáculo e vi um cavaleiro solitário galopando ao longo do passadiço, seguido por milhares de homens e mulheres com porretes e arcos e que não usavam nenhum pedaço de armadura. A distância era grande demais para que eu pudesse discernir o rosto do cavaleiro, mas eu não tinha dúvidas quanto à sua identidade.

— *Mais rápido!* — gritou o general em meio ao clangor da corrente da âncora. — *Se esse navio não estiver no mar até o fim do dia, vou esfolar cada escravo a bordo!*

— *Tem certeza?* — perguntou Fornella, parada junto à mesa do mapa com uma taça de vinho na mão. — *Voltar para casa com notícias tão ruins não é algo que eu recomendaria.*

— *Não vamos para casa* — retorquiu ele, com rispidez. — *Vamos retornar a Varinshold para aguardar a próxima leva. Quando chegarem aqui, criarei um exército que deixará esta terra seca. Anote isso, escravo!* — rosnou ele para mim. — *Eu, General Reklar Tokrev, decreto o extermínio de todos os cidadãos desta província...*

Eu estava pegando um pergaminho quando algo atraiu minha atenção. O

navio finalmente começara a se afastar, com velas desfraldadas e levado rio abaixo pelo vento, enquanto a tripulação ignorava as súplicas dos Espadas Livres debatendo-se na água. Apertei os olhos ao avistar uma nova vela surgir logo acima de uma curva no rio pouco mais de um quilômetro adiante. Aquela altura, eu já vira navios suficientes para reconhecer a flâmula meldeneana tremulando no mastro principal, uma grande bandeira negra que indicava que um inimigo fora avistado. Um grito vindo do cordame confirmou que não era uma ilusão causada pelo medo.

— Arqueiros, de pé! — ordenou o capitão. — Preparar as balistas! Kuritai para a proa!

Vi outra vela aparecer atrás da embarcação meldeneana, seguida por mais duas. Olhei para o general e fiquei surpreso ao me deparar com o semblante de um covarde. Todos os traços de bravata e pose haviam desaparecido, substituídos por feições banhadas de suor e pernas que estremeciam com um medo descontrolado. Foi quando eu soube que aquele homem nunca havia estado em uma batalha. Ele havia visto batalhas e mandado homens para morrerem nelas, mas jamais lutara. O pensamento encheu meu peito com uma gargalhada que consegui conter. Covarde ou não, ele tinha minha vida em suas mãos enquanto aquele navio ainda flutuasse.

Porém, embora eu tenha sido capaz de conter meu júbilo, sua esposa não foi. O general voltou o olhar febril para ela, que ainda estava junto à mesa do mapa, onde segurava o pergaminho que eu entregara a ele mais cedo, rindo do conteúdo.

— O que foi? — perguntou ele. — O que lhe causa tamanho divertimento, honorável esposa?

Ela acenou para mim com uma das mãos, ainda rindo.

— Ah, apenas o prazer de um dinheiro bem gasto.

Os olhos do general se voltaram para mim e a raiva trouxe um pouco de cor às suas feições pálidas.

— É mesmo? Por quê?

— Permita-me recitar o que possivelmente será a última obra do renomado erudito e poeta Lordé Verniers Alishe Someren, intitulada Uma Ode ao General Reklar Tokrev, segundo Draken. — Ela parou, tossiu de forma teatral e soltou um risinho. — Um homem de vícios e orgulho inapropriado, Pela sua esposa justamente detestado, Bebia e regozijava-se seguro a boiar, Criando mentiras para seu escriba recitar...

— Cale-se — disse-lhe o general em voz baixa, mas ela o ignorou.

— Mandou seus homens para morrerem na chama, Enquanto sonhava com merecida fama...

— Cale a boca, sua cadela venenosa! — Ele correu até a esposa, derrubando-a com um soco forte e desferindo um chute em seu estômago quando ela tentou levantar-se. — Anos e anos do seu veneno! — Ele tornou a chutar, fazendo com que a esposa se contorcesse e quase vomitasse no convés. — Um século em sua companhia, minha amada! — Outro chute fez o sangue aparecer na boca de Fornella. — Após a primeira semana, eu soube que a mataria...

A faca que minha senhora jogara de lado em seu camarote tinha uma lâmina

curta, mas era muito afiada, e afundou com facilidade na base do crânio do general. Ele soltou um gemido estranho e agudo, um pouco como uma criança chorosa respirando fundo entre soluços, e tombou para frente; seu nariz estalou alto ao se chocar com as tábuas. Sempre foi uma questão de grande arrependimento para mim que sua morte tenha sido tão breve e que ele jamais tenha sabido quem desferira o golpe mortal. Entretanto, durante muito tempo pude ponderar sobre o fato desagradável de que poucos recebem o fim que merecem.

Fornella cuspiu sangue no convés, lançando-me um olhar cansado de aceitação.

— Creio... que um último beijo... esteja fora de cogitação?

Virei-me ao ouvir o som de pés correndo pelo convés e vi dois Kuritai investindo contra mim com espadas gêmeas. Eu estava prestes a correr para a amurada e arriscar-me no rio, mas parei quando uma flecha cravou-se na madeira ao meu lado, rapidamente seguida por muitas mais. Mergulhei na direção da mesa, rolando para debaixo dela ao mesmo tempo em que as flechas faziam os Kuritai tombarem sem vida. Olhei para Fornella quando ela soltou uma lamúria assustada, vendo que uma flecha prendia seu vestido ao convés. Eu gostaria de dizer que houve alguma motivação cavalheiresca por trás da minha ação, que agi apenas por um impulso corajoso ao agarrar seus braços e puxá-la para baixo da mesa enquanto as flechas continuavam a cair; porém, seria uma mentira. Eu sabia que ela seria valiosa para os meldeneanos e pensei que eles poderiam me ajudar se eu lhes entregasse a volariana ileasa.

Nós nos encolhemos juntos enquanto as flechas caíam, seguidas pelo barulho de algo grande e pesado que trouxe uma lufada de calor e uma cortina instantânea de fumaça. Mais flechas e mais lufadas, e Fornella encostava-se em mim, embora eu não saiba que segurança ela pensava que eu poderia oferecer. Logo, o convés inclinou-se em um ângulo alarmante, e as batidas das flechas feito granizo foram substituídas pelos gritos e pelos choques metálicos de homens em combate. Um marinheiro-escravo caiu morto a trinta centímetros da mesa, com sangue ainda jorrando de um ferimento no pescoço enquanto brados de fúria e de desafio davam lugar a gritos e súplicas por misericórdia.

O silêncio reinou pelo que pareceu ser uma eternidade, por fim quebrado por uma voz falando o dialeto meldeneano da língua do Reino.

— Apaguem esse fogo! — gritou a voz com autoridade inigualável. — Belorath, desça e dê cabo de qualquer homem ainda armado. E veja se há fendas no casco. Seria uma pena não reivindicar esse navio como prêmio.

Um par de botas atravessou o convés e parou diante da mesa; eram engraxadas e lustrosas apesar do sangue que as manchava. Fornella tossiu, agarrando a barriga, e as botas mexeram-se. Um rosto familiar apareceu debaixo da mesa, barbado e belo, com cabelos dourados caídos sobre os olhos azuis.

— Bem, meu senhor — disse o Escudo. — Imagino que tenha uma história para contar.

O fogo foi rapidamente extinguido, de acordo com as ordens do Escudo, e seu

imediatamente retornou para o convés para informar que o casco estava intacto.

— *Excelente!* — exclamou o Escudo, entusiasmado, passando uma das mãos pelos belos entalhes na madeira da amurada a estibordo. — *Já viu algum navio como esse, Belorath? Dá para navegar pelo mundo inteiro.*

— *Ele se chama Despeito da Tempestade* — disse Fornella na língua do Reino, com seu sotaque carregado.

O Escudo virou-se para ela com uma expressão de promessas sombrias.

— *Ele se chama o que eu quiser que chame. E você não fala até que lhe mandem falar.* — *Ele se animou ao ver algo atrás de nós.* — *Na verdade, a dona do navio chegou para abençoá-lo.* — *Ele avançou a passos largos para saudar um grupo estranho que subia a bordo, vindo de uma embarcação meldeneana amarrada ao lado do navio volariano.*

Dois homens chegaram primeiro ao convés, um grande e de aspecto bruto e outro muito mais jovem, mas que claramente já vira muitas cenas de batalha. Eles passaram os olhos pela carnificina de espadas sem sinal de alarme. O homem grande virou-se e fez uma mesura para as três mulheres que os seguiram a bordo do navio, uma das quais atraiu instantaneamente a atenção de todos. Ela era alta e esbelta e usava um vestido simples e uma cota de malha leve, com um lenço de seda amarrado em volta da cabeça. A mulher atravessou o convés com passos firmes e com uma confiança nata que desmentiam as pretensões de grandeza do falecido general.

— *Bem-vinda, Alteza* — saudou-a o Escudo, fazendo uma longa mesura. — *O Rainha Lyrna é meu presente para a senhora.*

A mulher assentiu lentamente, olhando em volta com olhos perspicazes.

— *Havia um navio chamado Lyrna na frota de meu irmão. Pergunto-me que destino teve.* — *Ela parou quando seu olhar recaiu sobre mim e vi suas cicatrizes com clareza pela primeira vez, notando a carne pálida e sarapintada que cobria a parte superior de seu rosto e a orelha mutilada apenas parcialmente oculta pelo lenço.*

Abaixei meu olhar quando ela se aproximou e coloquei um joelho no convés, com a cabeça baixa, como fizera na sala do trono de seu irmão poucos meses antes.

— *Alteza* — falei.

— *Levante-se, meu senhor* — disse ela. *Ao erguer minha cabeça, vi que ela sorria.* — *Creio que temos um encontro marcado.*

CAPÍTULO UM

Lyrna

Havia talvez cinquenta pessoas esperando na margem do rio quando o barco a levou para terra. Não havia qualquer sinal de cerimônia; era apenas um aglomerado de pessoas de olhar firme e um tanto esfarrapadas que observavam o barco aproximar-se com desconfiança ou perplexidade, demorando-se com curiosidade no rosto queimado da mulher de lenço na cabeça. O Escudo estava na proa, com os olhos fixos em uma figura alta no centro do grupo. *Ele parece tão pálido*, pensou Lyrna, incapaz de acalmar a palpitação súbita em seu coração. Ao lado de Vaelin, estava uma jovem atlética com uma espada atravessada às costas e longos cabelos ruivos presos para trás, revelando um rosto de porcelana quase impecável, que provocou uma pontada indesejada de arrependimento no peito de Lyrna.

Pare com isso!, ordenou a si mesma. *Uma rainha está acima da inveja.*

Era difícil ver o modo como a jovem mantinha-se perto dele, olhando-o constantemente, com o rosto franzido de preocupação. Ela reconheceu alguns rostos entre eles: o Irmão Caenis, com uma expressão grave e um pouco afastado dos outros, e Al Melna, o jovem capitão da Guarda Montada, segurando a mão de uma mulher com longas tranças escuras e uma cicatriz recente sobre o olho. Além da filha adotiva do antigo Senhor da Torre, outra que parecia ansiosa para ficar perto de Vaelin.

Quando a quilha raspou nos juncos na margem, Ell-Nestra desembarcou, oferecendo uma mesura tipicamente esmerada ao grupo.

— Atheran Ell-Nestra, Escudo das Ilhas — disse ele, endireitando-se para dar um sorriso seco ao homem alto. — Embora eu creia já conhecer um de vocês...

Vaelin mal olhou para ele, adiantando-se com uma expressão de estupefação quando Lyrna desceu do barco com Iltis e Benten ao seu lado. Ele parou a alguns metros de distância, olhando com franco espanto enquanto Lyrna tentava não recuar diante de seu olhar.

Após um momento, ele piscou e ajoelhou-se.

— Alteza — disse ele em uma voz tão baixa e cansada que Lyrna perguntou-se se era realmente ele, vendo a expressão de alívio arrebatador em

seu rosto. — Seja bem-vinda de volta ao lar.

A mansão do Senhor Feudal parecia ser a única construção que escapara ileso do cerco. A passagem de Lyrna pela cidade fora marcada pela destruição vista em cada esquina. A maioria dos corpos havia sido removida e numerosas fogueiras ardiam do lado de fora das muralhas ao lado de muitos túmulos cavados pelos cumbraelinos. Os volarianos mortos estavam sendo levados de carroça para o sul e amontoados em uma pedreira a alguns quilômetros da cidade para então serem cobertos por terra, sem que palavras fossem ditas para marcar sua morte. Ao que tudo indicava, a esposa do general volariano era uma dos apenas quinhentos sobreviventes de todo o seu exército.

Ela estava diante de Lyrna, com o rosto tenso pela dor reprimida e as mãos entrelaçadas sobre a barriga que seu esposo não pranteado chutara. Os capitães do exército encontravam-se atrás dela junto com a corte da Senhora Reva. Formavam um grupo discrepante: um velho guarda com costeletas que conseguira sobreviver ao cerco, um arqueiro veterano aparentemente já conhecido de Vaelin e uma mulher asraelina com um sotaque falsamente refinado que não parecia disposta a olhar para Lyrna por mais tempo do que o necessário. Quaisquer que fossem suas diferenças, a lealdade fervorosa para com sua nova Senhora Governadora igualava-se ao sentimento experimentado por toda a cidade. *Terei de ficar de olho nela*, concluiu Lyrna com uma pontada de pesar, sorrindo para a jovem à sua esquerda. *Um reino não pode ter duas rainhas*.

Ela estava sentada em uma cadeira ornamentada na plataforma da Câmara do Senhor. A Senhora Reva lhe oferecera a Cadeira do Senhor, mas Lyrna recusou.

— Ela lhe pertence, minha Senhora Governadora.

À sua direita, estava Vaelin, com os braços cruzados e o rosto pálido demais, tomado por um cansaço que a fazia temer que ele desmaiasse a qualquer momento. Porém, ele permanecera empertigado e imóvel no decorrer das petições e julgamentos que ocuparam as horas seguintes, sem uma reclamação e sem pedir uma cadeira.

— Falaremos na língua do Reino — disse Lyrna à esposa do general. — Em benefício de todos aqui presentes.

A mulher volariana inclinou a cabeça.

— Como queira.

Iltis adiantou-se com um olhar furioso.

— A prisioneira dirigir-se-á à rainha como Alteza — disse ele.

A mulher retraiu-se em desconforto, estremecendo as mãos sobre a barriga.

— Como queira, Alteza.

— Diga seu nome — disse-lhe Lyrna.

— Fornella Av Entril Av Tokrev... Alteza.

— Você foi julgada e considerada uma agressora desse Reino, tendo

guerreado conosco sem justa causa, empregando meios capazes de sujar o nome da própria humanidade. A pena é a morte. — Ela observou o rosto da mulher com atenção, vendo nele algum medo, mas menos do que esperara. *Seria possível?*, perguntou-se, lembrando-se da história contada por Verniers. *Ela realmente viveu por tanto tempo que a morte pouco a assusta?*

— Contudo, Lorde Verniers falou em seu favor — proseguiu Lyrna. — Ele me disse que você é uma mulher consideravelmente prática e que, embora feliz em lucrar com os muitos horrores infligidos sobre esse Reino, não teve parte direta neles. Por esse motivo, estou disposta a ser misericordiosa, mas apenas com a condição de que responda todas as perguntas que lhe sejam feitas sem hesitação ou logro. — Ela se inclinou para frente, olhando fixamente nos olhos da mulher ao acrescentar em volariano: — E acredite, minha honorável senhora, que alguns entre nós podem ouvir uma mentira como se fosse um grito e arrancar os segredos de sua cabeça depois que a separarmos dos seus ombros.

O medo da mulher aumentou levemente, e ela assentiu, fazendo Iltis bater o pé.

— Concordo com vossos termos, Alteza — disse ela, corrigindo-se rapidamente.

— Muito bem. — Lyrna reclinou-se na cadeira, agarrando os braços com os dedos por um momento. — Haverá um interrogatório mais detalhado e em particular mais tarde. No entanto, Lorde Verniers disse que seu esposo falou sobre retornar a Varinshold para aguardar a próxima leva. O que ele quis dizer com isso?

— A próxima leva de reforços, Alteza — respondeu Fornella com uma gratificante falta de hesitação. — As forças que ocupariam essa terra e se preparariam para o próximo estágio.

— Estágio? — Lyrna franziu o rosto. — Que próximo estágio poderia haver?

A volariana remexeu-se, contendo um tremor de dor.

— A captura desse reino era apenas o primeiro passo em um plano maior, Alteza. Essa terra oferece certas vantagens geográficas para a conclusão do objetivo final.

Lyrna sentiu Vaelin endireitar-se ao seu lado, virando-se e vendo-o franzir o rosto para a mulher em intensa concentração antes de soltar um suspiro frustrado.

— Meu senhor? — perguntou Lyrna, preocupada.

— Perdoe-me, Alteza. — Ele deu um breve sorriso. — Eu estou... muito cansado.

Lyrna olhou para seu rosto e viu os olhos vermelhos, as faces encovadas e a grande tristeza que anuviava seu olhar. Ela sabia o que ele fizera no dia anterior, e no devido tempo esperava que o mundo inteiro soubesse, e imaginava se a matança ocasionara aquele mal-estar. Sempre pensara que ele era imune a trivialidades como culpa ou desespero, com suas ações sempre tão acima de qualquer repreensão. Mas agora... *Ele pode mesmo ser apenas um homem, afinal?*

— Fale com clareza — disse Lyrna, virando-se para a prisioneira. — O que

é exatamente esse objetivo final?

— O Império Alpirano, Alteza. — Fornella parecia intrigada por ela não ter adivinhado uma resposta tão óbvia. — A invasão desse reino era o início da captura do Império Alpirano. No verão do ano que vem, um exército será despachado dos portos desse reino para desembarcar na costa setentrional do império. Uma segunda força de tamanho similar lançará um ataque simultâneo pela fronteira meridional. E assim o antigo sonho do povo volariano será realizado. — O sorriso da mulher era quase imperceptível. — Perdoe-me, Alteza, mas preciso dizer que essa invasão nunca foi mais do que um movimento de abertura em um jogo muito maior.

— Sim — retorquiu Lyrna após um momento de consideração. — Um jogo que extinguirei quando assistir Volar queimar.

Naquela noite, houve uma espécie de banquete. Apesar do cerco, a capital cumbraelina parecia ter uma boa quantidade de suprimentos e havia pilhas altas de comida na longa mesa de jantar da mansão, assim como várias garrafas de vinho de safras notáveis.

— A coleção de meu tio — explicou a Senhora Reva. — Já dei a maior parte dela para a população.

Elas estavam no terreno da mansão, a pouca distância das janelas abertas da sala de jantar, e Iltis e Benten estavam parados a não mais do que dez metros de cada lado. A asraelina, aparentemente Conselheira Honorável do antigo e da atual ocupante da Cadeira do Senhor, estava junto às janelas, com postura e expressão rigidamente neutras, mas tinha um brilho nos olhos determinados enquanto observava o encontro.

— Minha senhora não gosta de vinho? — perguntou Lyrna à Senhora Governadora, dando as costas para o escrutínio da conselheira.

— Não suporto. — Reva sorriu, desconfortável, com as mãos entrelaçadas e a cabeça levemente abaixada. Era óbvio que ela conhecia pouco sobre etiqueta e continuava esquecendo os honoríficos necessários, algo que Lyrna percebeu não a incomodar nem um pouco.

— Seu tio era um especialista, pelo que me recordo. Lembro-me de que ele podia cheirar uma única vez uma taça e dizer o ano de engarrafamento, o vinhedo e até mesmo a direção da encosta onde as uvas haviam sido cultivadas.

— Ele era um bêbado. Mas era meu tio e sinto muita falta dele.

— Especialmente essa noite, imagino.

Reva deu uma risada curta.

— Não é... o que estou acostumada. — Ela franziu rosto, aborrecida, antes de acrescentar: — Hã... Alteza. Desculpe-me.

Lyrna apenas sorriu e olhou novamente para o banquete. Era um evento moderado, de conversas baixas, com convidados inquietados pelos horrores que testemunharam ou pelos amigos que perderam. Contudo, o vinho era apreciado, especialmente por Nortah Al Sendahl, que estava sentado nos degraus da mansão com um braço sobre os ombros do Irmão Caenis enquanto falava, derramando

vinho a cada gesto expansivo.

— É bonito, irmão. Grandes espaços abertos, uma bela vista do mar e... — Ele cutucou o Lorde Comandante com o cotovelo e deu uma piscada — Vou para a cama com uma bela mulher todas as noites. Todas as noites, irmão! E você ainda prefere ficar na Ordem.

— Esse homem é muito irritante — disse a Senhora Reva. — Mesmo sóbrio.

— Para um cadáver, ele certamente fala bastante — retorquiu Lyrna. Ela olhou para os outros convidados, notando uma ausência significativa. Ele se retirara para o acampamento de seu exército após a primeira hora do banquete, alegando cansaço, o que sem dúvida não podia ser questionado. A Senhora Dahrena partira com ele, fazendo com que Lyrna percebesse que sua indesejada pontada de ciúmes com relação à Senhora Governadora podia ter sido mal direcionada.

— O que aconteceu com Lorde Vaelin? — perguntou Lyrna a ela.

Havia uma relutância evidente na expressão da Senhora Reva, uma tensão na máscara de porcelana que formava seu rosto.

— Ele nos salvou.

— Eu sei, mas não posso deixar de perceber que isso deixou uma grande marca. Minha senhora, diga-me o que aconteceu com ele, por favor.

Um leve suspiro deixou os lábios de Reva, cuja boca crispou-se com a lembrança indesejada.

— Ele conduziu o povo da floresta para dentro da cidade, e eles mataram os volarianos. Mataram todos em poucos minutos. Pelo Pai, eu queria que eles estivessem conosco durante o cerco. Eu o encontrei quando acabou. Ele... estava sangrando muito. Trocamos algumas palavras e ele caiu. Parecia... — Ela se calou, erguendo a cabeça para olhar nos olhos de Lyrna. — Parecia que ele havia morrido. Então, a Senhora Dahrena apareceu. O modo como ela se movia era muito estranho, e seus olhos estavam fechados, mas ela caminhou diretamente até ele sem tropeçar. A pele dela estava tão pálida... Ela caiu sobre Vaelin e pensei que ambos haviam morrido. Eu rezei, Alteza. Rezei para o Pai com um grito, pois aquilo era tão injusto. E então... — Reva estremeceu, abraçando-se com força. — Então eles estavam vivos de novo.

— Mais alguém viu isso?

— Apenas o povo da floresta. Pude ver que eles não gostaram nem um pouco.

— Seria melhor se isso ficasse entre nós, pelo menos por ora.

— Como queira, Alteza.

Lyrna a tocou no braço e começaram a caminhar para a mansão.

— É verdade? — perguntou Reva. — Sobre queimar a cidade deles?

Lyrna parou e assentiu.

— Cada palavra.

— Antes de tudo isso acontecer, eu tinha tanta certeza, estava tão convencida da retidão do meu caminho. Eu tinha uma missão, uma busca sagrada abençoada pelo Pai do Mundo. Agora... — A jovem Senhora Governadora franziu o rosto, consternada, parecendo subitamente muito mais

velha do que era. — Eu... fiz coisas aqui. Ao defender essa cidade, eu fiz coisas... Pensei que eram certas e justas quando as fiz, mas agora não sei. Pergunto-me se confundi raiva com verdade e assassinato com justiça.

— Na guerra, são a mesma coisa, minha senhora. — Ela voltou e segurou as mãos de Reva. — Também fiz coisas, e eu faria cada uma delas outra vez.

— Eu gostaria de dar uma caminhada, meus senhores — disse Lyrna a Benten e Iltis pouco tempo depois. — Para ver meu novo exército.

Iltis fez uma mesura imediatamente enquanto Benten estava ocupado abafando um bocejo.

— Sentindo a hora avançada, meu senhor? — perguntou-lhe Lyrna.

— Perdão, Alteza — gaguejou ele, empertigando-se. — Estou ao vosso...

Lyrna fez um sinal para que ele se calasse.

— Vá dormir, Benten.

Como muitos entre os outros convidados, Orena parecia apreciar o gosto para vinho do finado Senhor Feudal.

— Nós também iremos, Alteza — ela disse arrastando um pouco as palavras e com a visão um pouco desfocada. — Gosto de soldados.

— Eu a colocarei na cama, Alteza — disse Murel, tomando a mão da dama e puxando-a na direção da mansão apesar de sua lamúria.

— Quero ver os soldados... — insistiu Orena.

— O período de luto não durou muito — comentou Iltis, observando-as partir.

— Todos sofremos de modos diferentes, meu senhor. Vamos?

— Creio que há algo que preciso lhe contar, Alteza — disse o homenzarrão após terem atravessado o passadiço. — A respeito de Lorde Al Sorna.

— É mesmo? E o que seria?

— Eu já o conhecia. Encontrei-o duas vezes, na verdade. Uma em Linesh, onde ele me deu esse nariz quebrado, e outra alguns meses atrás quando eu...

Lyrna parou, encarando-o com uma sobrancelha erguida.

— Eu tentei matá-lo — terminou o Lorde Protetor. — Com uma besta.

A risada dela ecoou pelo rio enquanto Iltis permanecia em um silêncio estoico.

— Era por isso que você estava nas galerias com Fermin — disse Lyrna.

— Foi um erro. Um erro que asseguro à senhora que não cometerei novamente. Minha ligação com a Fé era intensa, inquestionável. Eu... tenho lealdades diferentes agora.

— Como eu esperaria que tivesse. — Eles retomaram a caminhada, seguindo a margem do rio, onde alguns cadáveres ainda boiavam em meio aos juncos, inchados e tomados pelo odor de carne em putrefação. Após as chuvas, o ar adquirira um frio estranho, fazendo com que o vapor da respiração de Lyrna se condensasse ao caminhar e até mesmo formando uma fina camada de gelo

em volta dos corpos no rio.

— Gelo no verão — disse ela, parando para olhar mais perto. — Fim do verão, é verdade, mas ainda assim é muito estranho.

— Nunca vi algo similar, Alteza — concordou Itlis, abaixando-se para observar melhor. — Não em todos os meus di...

A flecha o atingiu no ombro, fazendo-o girar para o chão com um grito. Lyrna deitou-se, tomada pelo instinto conseguido em batalhas, e a segunda flecha passou por cima de sua cabeça e atravessou a fina camada de gelo no rio. *Eles estão perto*, deduziu ela, a julgar pelo ângulo de voo da flecha. Itlis estava caído a poucos metros, rangendo os dentes enquanto tentava sacar a espada. Lyrna sacudiu a cabeça e ergueu uma das mãos, passando os olhos pelo capim. Itlis parou de se mexer e mordeu o manto para não dar voz à dor que sentia.

Nunca se separe dela. Ela havia prendido a adaga na perna antes do banquete, já que não era apropriado que uma rainha carregasse uma arma. Sacou-a e inverteu a lâmina, ocultando o brilho sob o antebraço. E esperou.

Duas figuras levantaram-se do capim a pouco mais de quinze metros dali, uma alta e outra corpulenta. O homem alto carregava um arco longo, com uma flecha preparada e a corda parcialmente puxada; o homem corpulento tinha um machado. Eles avançaram lentamente, e o homem corpulento deu uma risada.

— Você deveria confiar mais na minha palavra, meu santo amigo. Eu lhe disse que o Pai nos guiaria até ela. — Lyrna podia vê-lo agora, com suas feições largas e barbadadas e sua cabeça calva. Os dentes arreganharam-se ao erguer a voz, com um tom repleto de júbilo: — Apareça, Alteza. Só queremos lhe oferecer nossos cumprimentos.

Um pouco mais perto. Ela abaixou o braço, deixando a lâmina descer até a palma de sua mão.

— Ah, não seja difícil — gemeu o homem barbado. — Estamos fazendo um favor... Quer mesmo passar a vida inteira com um rosto como esse?

Itlis levantou-se em um pulo, soltando um urro e arrancando a espada da bainha. O homem alto girou na direção dele com o arco totalmente retesado. Lyrna vislumbrou um rosto estreito e belo, carregado de ódio.

Foi seu melhor arremesso, fazendo a faca rodopiar em um arco perfeito e atingi-lo na garganta. A corda estalou quando ele caiu e a flecha se perdeu no capim. Itlis investiu contra o homem corpulento, mas só conseguiu dar alguns passos antes de desabar no chão com um grito frustrado e agonizante. Lyrna correu até ele enquanto o homem corpulento se aproximava, tirando a espada dele e brandindo-a com as duas mãos. O aço retiniu contra a lâmina do machado, mas algo a atingiu no rosto, derrubando-a.

— Que cabeça dura você tem, Alteza — disse o homem corpulento, dobrando os dedos e chegando mais perto. — Talvez eu a pendure em uma parede.

Ele sorriu ao erguer o machado e empalideceu quando algo passou por sua cabeça e envolveu seu pescoço com força. O grito morreu em sua garganta quando ele foi derrubado, com os olhos esbugalhados, deixando o machado cair para agarrar a corda. Lyrna levantou-se, cuspidando sangue, e viu um jovem musculoso e de cabelos cacheados arrastar o homem corpulento para longe. O

jovem retesou a corda rapidamente, com movimentos habilidosos dos braços fortes; os pés do homem corpulento batiam sem cessar na terra enquanto ele era arrastado. Com o assassino aos seus pés, o jovem pisou com a bota no pescoço do homem e apertou ainda mais a corda, sem qualquer expressão em seu rosto. Os gritos sufocados do homem corpulento desapareceram após alguns segundos.

Lyrna foi até Iltis, que estava pálido pela perda de sangue e quase inconsciente.

— Obrigada, soldado — ela disse ao jovem musculoso que aproximava-se.
— Por favor, meu senhor precisa de um curandeiro...

Lyrna franziu o rosto quando ele não respondeu, movendo-se resolutamente em sua direção ainda sem qualquer expressão.

— O quê...?

Ele se moveu rápido demais para que ela pudesse se esquivar, e suas mãos grandes e poderosas agarraram seus ombros e puxaram-na para perto. Lyrna olhou dentro dos olhos do jovem enquanto eles percorriam suas cicatrizes, vendo apenas determinação.

— Machucada — disse ele, envolvendo-a em seus braços e apertando-a contra os músculos rígidos de seu peito.

E ela ardeu.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Dramatis Personae

O REINO UNIFICADO

A Casa Real de Al Nieren

Malcius Al Nieren — Rei do Reino Unificado

Lyrna Al Nieren — irmã de Malcius, Princesa do Reino

Ordella Al Nieren — esposa de Malcius, Rainha do Reino

Janus Al Nieren — filho de Malcius, herdeiro do trono

Dirna Al Nieren — filha de Malcius, Princesa do Reino

A Casa Nobre de Al Sorna

Vaelin Al Sorna — ex-irmão da Sexta Ordem, Espada do Reino e Senhor da Torre dos Confins do Norte

Alornis Al Sorna — artista e irmã de Vaelin

Os Confins do Norte

Dahrena Al Myrna — Primeira Conselheira da Torre Norte

Adal Zenu — capitão da Guarda do Norte

Kehlan — curandeiro e irmão da Quinta Ordem

Hollun — guardião de registros e irmão da Quarta Ordem

Orven Al Melna — capitão da Terceira Companhia da Guarda Montada do Rei

Harlick — bibliotecário e irmão da Sétima Ordem, Arquivista da Torre Norte

Nortah Al Sendahl — professor e ex-irmão da Sexta Ordem, amigo de Vaelin

Sella Al Sendahl — esposa de Nortah

Artis Al Sendahl — filho de Sella e Nortah

Lohren Al Sendahl — filha de Sella e Nortah

Dança da Neve — gata guerreira

Urso Sábio — xamã do Povo Urso

Sanesh Poltar — chefe de guerra dos eorhil sil

Sabedoria — sábia anciã dos eorhil sil

Insha la Forna (Aço ao Luar) — guerreira eorhil

Ultin — capataz dos mineiros de Fenda do Saqueador, posteriormente capitão do Primeiro Batalhão do Exército do Norte

Davern — construtor de barcos, posteriormente sargento do Exército do Norte

Cara — residente de Ponta de Nehrin

Lorlan — residente de Ponta de Nehrin

Marken — residente de Ponta de Nehrin

Artesão — residente de Ponta de Nehrin

A Sexta Ordem da Fé

Sollis — mestre espadachim e Irmão Comandante do Passo Skellan

Caenis Al Nysa — irmão da Sexta Ordem, Espada do Reino e Lorde Comandante do Trigésimo Quinto Regimento de Infantaria

Frentis — irmão da Sexta Ordem, amigo de Vaelin

Grealin — Mestre dos Suprimentos da Sexta Ordem

Renzial — Mestre dos Cavalos da Sexta Ordem

Ivern — irmão da Sexta Ordem, posicionado no Passo Skellan

Hervil — irmão da Sexta Ordem, posicionado no Passo Skellan

Alltor

Sentes Mustor — Senhor Feudal de Cumbrael

Reva Mustor — sobrinha de Sentes

Veliss — Conselheira Honorável do Senhor Feudal de Cumbrael

Arentes Varnor — Lorde Comandante da Guarda da Cidade

Bren Antesh — Lorde Comandante dos Arqueiros

Harin — curandeiro e irmão da Quinta Ordem, Mestre do Conhecimento dos Ossos

Arken — jovem asraelino, amigo de Reva

O Leitor — líder da Igreja do Pai do Mundo

Renfael

Darnel Linel — Senhor Feudal de Renfael

Hughlin Banders — cavaleiro e Barão de Renfael

Ulice — filha ilegítima de Banders

Arendil — filho de Ulice

Ermund Lewen — cavaleiro e principal servidor de Banders

Relas Wenders — cavaleiro e principal servidor de Darnel

A Floresta Urlish

Rateiro — fora da lei

Draker — fora da lei, companheiro de Rateiro
Illian Al Jervin — escrava fugida, amiga de Davoka
Trinta e Quatro — ex-escravo numerado e torturador
Retalhador — cão da Fé e amigo de Frentis
Dente Negro — cadela da Fé e amiga de Illian

Outros

Alucius Al Hestian — poeta, amigo de Alornis e Vaelin
Nirka Al Smolen — Lorde Comandante da Guarda Montada do Rei
Tendris Al Forne — Aspecto da Quarta Ordem
Benril Lenial — artista renomado e irmão da Terceira Ordem
Janril Norin — menestrel e ex-porta-estandarte no Trigésimo Quinto Regimento de Infantaria
Ellora — dançarina e esposa de Janril
Conde Marven — comandante do contingente nilsaelino do Exército do Norte
Jehrid Al Bera — Senhor da Torre da Costa Sul

Domínio Lonak

A Mahlessa — Suma Sacerdotisa e líder dos lonakhim
Davola — guerreira do Clã do Rio Negro, Serva da Montanha, amiga de Lyrna
Kiral — caçadora do Clã do Rio Negro e irmã de Davoka
Alturk — Tahlessa do Clã dos Falcões Cinzentos
Mastek — guerreiro do Clã dos Falcões Cinzentos

O Império Alpirano

Aluran Maxtor Selsus — Imperador
Emeren Nasur Ailers — ex-protégida do Imperador
Verniers Alishe Someren — Cronista Imperial
Neliesen Nester Hevren — capitão na Guarda Imperial

O Império Volariano

Arklev Entril — membro do Conselho Governante volariano
Reklar Tokrev — general da Vigésima Unidade do Exército Imperial Volariano
Fornella Av Entril Av Tokrev — irmã de Arklev, esposa de Reklar
Vastir — capataz dos fossos a serviço de Arklev

Ilhas Meldeneanas

Atheran Ell-Nestra — capitão marinho meldeneano e Escudo das Ilhas
Carval Ell-Nurin — Senhor Marinho e capitão do *Falcão Vermelho*
Belorath — capitão do *Sabre do Mar*

Seordah Sil

Nersus Sil Nin (Canção do Vento) — vidente de lendas antigas

Hera Drakl (Gavião Vermelho) — ancião e chefe de guerra

APÊNDICE II

As Regras do Blefe do Guerreiro

Um baralho asraelino possui as seguintes cartas, listadas em ordem de graduação:

Rei dos Lobos (valor: 12)
Rainha das Rosas (valor: 11)
Príncipe das Cobras (valor: 10)
Senhor das Lâminas (valor: 9)
Senhora dos Corvos (valor: 8)
Capitão Vermelho (valor: 7)
Sargento Negro (valor: 7)
Guarda Dourado (valor: 7)
Arqueiro Verde (valor: 7)
Espadachim Branco (valor: 7)
Ferreiro Cego (valor: 6)
Pedreiro Sorridente (valor: 6)
Moleiro Apaixonado (valor: 6)
Tecelão Feliz (valor: 6)
Donzela Chorosa (valor: 6)
Lobo Uivador (valor: 5)
Falcão Planador (valor: 5)
Corvo Banqueteador (valor: 5)
Cavalo Empinado (valor: 5)
Cobra Enrolada (valor: 5)
Palácio (valor: 4)
Trono (valor: 4)
Castelo (valor: 4)
Coroa (valor: 4)
Pergaminho (valor: 4)
Espadas Cruzadas (valor: 3)

Taça Envenenada (valor: 3)
Adaga Ensanguentada (valor: 3)
Arco Retesado (valor: 3)
Machado Brillhante (valor: 3)
Vela (valor: 2)
Livro (valor: 2)
Luneta (valor: 2)
Almofariz (valor: 2)
Pena (valor: 2)
Navio Cinzento (valor: 1)
Marinheiro Feliz (valor: 1)
Tempestade Crescente (valor: 1)
Mar Escurecido (valor: 1)
Afogado (valor: 1)

O Befe do Guerreiro pode ser jogado por até cinco jogadores. No começo do jogo, um jogador embaralha e dá seis cartas para cada jogador. Cada jogador pode escolher duas cartas de sua mão para serem substituídas por duas cartas do baralho.

O jogador à esquerda daquele que deu as cartas fará a primeira aposta ou passará a vez, e assim por diante, até que todos os jogadores tenham feito uma aposta ou passado a vez. Durante a rodada seguinte, os jogadores têm a opção de aumentar ou manter suas apostas anteriores. Se todos os jogadores optarem por manter suas apostas, as cartas serão mostradas, e o jogador com a mão de maior valor vence a partida e leva as apostas. Se um ou mais jogadores optarem por aumentar as apostas, será preciso igualar a maior aposta para continuar no jogo. As apostas continuam até que todos os jogadores permaneçam com as mesmas apostas na mesma rodada, quando então todas as cartas são mostradas, e o jogador com a mão de maior valor vence.

Se um jogador tirar o Senhor das Lâminas e as outras cinco cartas do Baralho Marcial (Capitão Vermelho, Sargento Negro, Guarda Dourado, Arqueiro Verde e Espadachim Branco), terá o Befe do Guerreiro e vencerá a partida. Todas as outras mãos são vencidas de acordo com o valor total das cartas nas mãos de cada jogador. Quando o valor de duas ou mais mãos for o mesmo, o jogador com a carta de maior graduação vence; por exemplo, um jogador com o Rei dos Lobos e cinco outras cartas com um valor total de trinta ganhará de um jogador com uma Rainha das Rosas e cinco outras cartas também com o valor de trinta.

Índice

CAPA

Ficha Técnica

PARTE I

RELATO DE VERNIERS

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

PARTE II

RELATO DE VERNIERS

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

PARTE III

RELATO DE VERNIERS

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

PARTE IV

RELATO DE VERNIERS

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE

PARTE V

RELATO DE VERNIERS

CAPÍTULO UM

APÊNDICES

APÊNDICE I

APÊNDICE II